



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA
DOUTORADO

LARISSA PENELU BITENCOURT PACHECO

**REDES DE INTELLECTUAIS E INTERCÂMBIO BRASILIANISTA:
A TRAJETÓRIA DE ROLLIE EDWARD POPPINO COMO HISTORIADOR
(1949-1973)**

Salvador-Bahia
2021

LARISSA PENELU BITENCOURT PACHECO

**REDES DE INTELLECTUAIS E INTERCÂMBIO BRASILIANISTA:
A TRAJETÓRIA DE ROLLIE EDWARD POPPINO COMO HISTORIADOR
(1949-1973)**

Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em História, da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, da Universidade Federal da Bahia, como requisito parcial para a obtenção do grau de Doutora.

Orientadora: Prof^a. Dra. Laura de Oliveira

Co-orientador: Prof. Dr. Antônio Maurício Brito

Salvador-Bahia

2021

Pacheco, Larissa Penelu Bitencourt

P116 Redes de intelectuais e intercâmbio brasilianista: a trajetória de Rollie Edward Poppino como historiador (1949-1973). / Larissa Penelu Bitencourt Pacheco. – 2021.

347 f.

Orientadora: Prof^a. Dra. Laura de Oliveira

Co-orientador: Prof. Dr. Antônio Maurício Brito

Tese (doutorado) - Universidade Federal da Bahia. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Salvador, 2021.

1. Poppino, Rollie E. 2. Brasilianistas. 3. Guerra fria. 4. Intelectuais. I. Oliveira, Laura de. II. Brito, Antônio Maurício. III. Universidade Federal da Bahia. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. IV. Título.

CDD: 981



ATA E PARECER SOBRE TRABALHO FINAL DE PÓS-GRADUAÇÃO

NOME DA ALUNA	MATRÍCULA	NÍVEL DO CURSO
Larissa Penelu Bitencourt Pacheco	216121219	Doutorado
TÍTULO DO TRABALHO		
Redes de intelectuais e intercâmbio brasilianista: a trajetória de Rollie Edward Poppino como historiador (1949-1973)		
EXAMINADORES	ASSINATURA	CPF
Laura de Oliveira (Orientadora- UFBA)		01175581178
Antonio Mauricio F. Brito (Coorientador - UFBA)		54826047568 094173968-62
Ana Paula Palamartchuk (UFAL)		
Carlos Zacarias da Sena Júnior (UFBA)		457.687.065-34
Paulo Santos Silva (UNEB)		21920141553
Rinaldo César Nascimento Leite (UEFS)		414359745-49

ATA

Aos quinze dias do mês de abril do ano de dois mil e vinte hum, de forma remota, foi instalada a sessão pública para julgamento do trabalho final elaborado por Larissa Penelu Bitencourt Pacheco, do curso de doutorado do Programa de Pós-graduação em História Social do Brasil. Após a abertura da sessão, a professora Laura de Oliveira, orientadora e presidente da banca julgadora, deu seguimento aos trabalhos, apresentando os demais examinadores. Foi dada a palavra à autora, que fez sua exposição e, em seguida, ouviu a leitura dos respectivos pareceres dos integrantes da banca. Terminada a leitura, procedeu-se à arguição e respostas da examinanda. Ao final, a banca, reunida em separado, resolveu pela APROVAÇÃO da aluna. Nada mais havendo a tratar, foi encerrada a sessão e lavrada a presente ata que será assinada por quem de direito.

PARECER GERAL

A banca arguiu a candidata e considerou a tese apta a aprovação e publicação. Considerou importante ressaltar a densidade da pesquisa, em virtude do acervo documental mobilizado. A banca enfatiza a importante contribuição dada à compreensão das relações entre a comunidade intelectual baiana e os brasilianistas, bem como o relevante debate com a historiografia sobre o tema, que pode inspirar pesquisas vindouras circunscritas ao campo de estudos sobre o Brasil e os Estados Unidos.

SSA, 15/04/2021: Assinatura da aluna:

SSA, 15/04/2021: Assinatura da orientadora:

LARISSA PENELU BITENCOURT PACHECO

**REDES DE INTELLECTUAIS E INTERCÂMBIO BRASILIANISTA:
A TRAJETÓRIA DE ROLLIE EDWARD POPPINO COMO HISTORIADOR
(1949-1973)**

Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em História, da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, da Universidade Federal da Bahia, como requisito parcial para a obtenção do grau de Doutora.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Laura de Oliveira – Orientadora
Doutora (2013) em História pela Universidade Federal de Goiás (UFG)
Universidade Federal da Bahia.

Prof. Dr. Antonio Maurício Brito – Co-orientador
Doutor (2008) em História pela Universidade Federal da Bahia (UFBA)
Universidade Federal da Bahia.

Prof. Dr. Rinaldo Cesar Nascimento Leite
Doutor (2005) em História pela Pontífca Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP)
Universidade Estadual de Feira de Santana.

Profa. Dra. Ana Paula Palamarchuk
Doutora (2003) em História pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp)
Instituto de Ciências Humanas Comunicação e Artes da Universidade Federal de Alagoas (UFAL)

Prof. Dr. Paulo Santos Silva
Doutor (1997) em História pela Universidade de São Paulo (USP)
Universidade do Estado da Bahia.

Prof. Dr. Carlos Zacarias F. de Sena Júnior.
Doutor (2007) em História pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)
Universidade Federal da Bahia (membro interno)

AGRADECIMENTOS

A Telma, do Sistema de Arquivos da Unicamp. A Ricardo Sangiovananni e a Laura de Oliveira, que gentilmente cederam o acesso a documentos coletados no Instituto Smithsonian, no fundo Marvin Harris. A Alberto, que também me enviou arquivos da Universidade da Califórnia, em Davis, ainda no início de 2018.

A Walter Silva, na coordenação dos acervos do Centro de Memória da Bahia, muito generoso e curioso. A Tiago, no Centro de Estudos Baianos, na Biblioteca Macedo Costa. A Marie, nos arquivos da Faculdade de Filosofia, UFBA, e de todos os outros servidores públicos que me atenderam com tanta solicitude.

Ao colega Anselmo, em nome dos colegas de turma na UFBA. Aos professores, sou grata a todos e todas! Ao apoio e incentivo da professora Lina Aras, aos professores Lucileide, Vladimir Zamparoni, Paulo Fábio Dantas, nossas divergências tornaram as aulas gratificantes e fundamentais na definição de meus próprios passos. A Gilvan, sempre disposto a resolver demandas e a esclarecer dúvidas.

À equipe do Laboratório de História e Memória da Esquerda e das Lutas Sociais, da Universidade Estadual de Feira de Santana, pelas contribuições ao projeto, pela solidariedade e pelos acessos às coleções de Aristeu Nogueira e do professor Rogério Fátima.

A Rafael Fontes, pela acolhida carinhosa em seu apartamento, os cafés e cervejas e a companhia para meus pensamentos nas manhãs antes das aulas.

À amiga Manuela Muniz e a Igor Gomes, estes que me fazem crer que vale mais à pena estar do lado certo da abordagem da História: aquele que percebe a luta de classes como seu motor, mas que abre os caminhos para a compreensão de tudo que é humano.

Agradecimentos também devem ser dirigidos à professora Ana Camila, no suporte com os estudos de inglês e a Luciano Penelu, pelas inúmeras vezes que me auxiliou com importantes passagens de tradução.

À minha orientadora, Laura de Oliveira, pela disposição em acompanhar o projeto, críticas, sugestões e debates.

Agradeço ainda ao professor Carlos Brito e ao projeto Memorial da Feira, pela disponibilização da tese de Rollie Poppino em versão original.

À equipe do Museu Pedagógico Padre Palmeira e à coordenação do acervo do Projeto Columbia University na Bahia – UESB.

São quatro anos e muita coisa aconteceu. O país passou de um golpe, e 2016, até uma eleição vencida por um presidente conservador e apoiado pela extrema direita, unido à catástrofe gerada por uma pandemia que não sabemos quando se findará. Os movimentos sociais cambalearam e perdemos muito e eu só pude observar, comodamente, dividida entre a labuta com o texto da tese e a rotina com as minhas meninas em casa. Espero que o trabalho ora defendido possa fazer jus à Licença que me foi concedida na Universidade e contribua de alguma forma para entender o país em que vivemos.

Agradeço a Clóvis Oliveira, Elizete da Silva, Rodrigo Osório, Eurelino Coelho pela sua solidariedade acadêmica, suas cobranças e conselhos valiosos.

Meus agradecimentos especiais, portanto, à Universidade Estadual de Feira de Santana, minha universidade, minha escola de formação, onde floresço todos os dias em meu cotidiano de estudos e trabalho. Seguiremos lutando pela sua existência e excelência.

A Izabel e Nadine, minhas lindas, desabrochando enquanto eu escrevo...

A Andrei, meu parceiro que é também um historiador crítico, de um humor e inteligência que às vezes me faltam. Sua presença leve de geminiano é o que torna tudo possível.

A Antônio Maurício Brito, não tenho palavras para agradecer o seu esforço de leitura crítica e as contribuições tão detalhadas para a fase final da escrita do texto. Luz para você!

A Gilvan e aos coordenadores e coordenadoras do PPGH da UFBA.

Ao professor Milton Moura, certa vez me escreveu um bilhete, onde dizia que nós “bairanos”, ou eu, a “feirense”, não precisamos pedir licença para falar, não precisamos explicar com tantos detalhes nossos sujeitos e objetos de pesquisa. Os sulistas que se esforcem para compreender...

À minha mãe, Consuelo, meus irmãos e a Paulo.

Às matriarcas da roça, aos pais, mães, ekedis, ogãs, que trabalharam para interceder com as forças do sagrado que atuam em nosso favor. Axé e gratidão aos Santos, Orixás, Erês e Exus e todas as forças do bem que estão conosco. Faço muito pouco e recebo em dobro. Obrigada, meu Deus! Obrigada aos anjos em nossa volta!

RESUMO

Esta pesquisa problematiza a função do brasilianista clássico como intelectual decisivo na escrita da concepção da democracia brasileira no bojo do pós-Guerra e da Guerra Fria. O estudo da trajetória de Rollie Edward Poppino se revelou um percurso frutífero de discussão sobre concepções a respeito das lutas sociais e da história política no Brasil nesse contexto. Percebemos a partir dessa abordagem de caso a ação dos intelectuais através de solidariedades acadêmicas e acordos interinstitucionais, montados pela via do aproveitamento das ações culturais na política externa norte-americana e brasileira entre os anos 1949 e 1973. O ponto de partida metodológico é a consideração da atuação do pesquisador no interior de agências de saber na Bahia e de acordos bilaterais. A noção de Antonio Gramsci sobre o americanismo, o pano de fundo da discussão, que se complementa com novas abordagens sobre a Guerra Fria e a cultura. Outros autores, como Perry Anderson, Francis Saunders são levados em consideração para reafirmar a hegemonia norte-americana no campo da cultura e da ação intelectual. A ação do sujeito é entendida além de sua biografia, pela via da remontagem de redes acadêmicas, vistas a partir de fontes bibliográficas, periódicos e discussões em paratextos que apontam parcerias fundamentais para aqueles que buscaram conduzir o debate sobre o Brasil recente com o suporte de intelectuais norte-americanos. Na escrita de Poppino, verificamos um conteúdo narrativo contrário às lutas de classes, calcada em concepções de história e de abordagem da sociedade que se protegiam no escopo pró “mundo livre”, mas que muitas vezes se demonstraram partidárias do autoritarismo.

Palavras-chave: Rollie Poppino. Brazilianistas. Guerra fria. Intelectuais.

ABSTRACT

This research questions the role of the classical Brazilianist as a decisive intellectual in the writing of the concept of Brazilian democracy in the midst of the post-war and cold war. The study of Rollie Edward Poppino's trajectory proved to be a fruitful path of discussion about conceptions about social struggles and political history in Brazil in this context. We perceive from this case approach the action of intellectuals through academic solidarity and interinstitutional agreements, assembled through the use of cultural actions in American and Brazilian foreign policy between the years 1949 and 1973. The methodological starting point is the consideration the researcher's work within knowledge agencies in Bahia and bilateral agreements. Antonio Gramsci's notion of Americanism, the backdrop to the discussion, which is complemented by new approaches to the Cold War and culture. Other authors, such as Perry Anderson, Francis Saunders are taken into consideration to reaffirm the American hegemony in the field of culture and intellectual action. The subject's action is understood in addition to his biography, through the reassembly of academic networks, seen from bibliographical sources, journals and discussions in paratexts that point out fundamental partnerships for those who sought to conduct the debate on recent Brazil with the support of American intellectual supports. In Poppino's writing, we verified a narrative content contrary to the class struggles, based on conceptions of history and approach to society that were protected in the scope of the "free world", but which often proved to be in favor of authoritarianism.

Keywords: Rollie Poppino. Brazilianistas. Cold War. Intellectuals.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 01	Capas das edições do livro Brazil: The Land and People	21
Figura 02	Capa do livro International Communism in Latin America: a history of the Movement 1917-1963.....	32
Figura 03	Uma pesquisa sobre a Vida Social no Estado da Bahia, Museu do Estado, Salvador, Ba -1950	147
Figura 04	Capa do livro Feira de Santana	152
Figura 05	Capa da edição 17 da Revista Brasileira de Estudos Políticos. Poppino escreveu texto som sobre “Processos políticos no Brasil”. 1963	285
Figura 06	Dedicatória feita por Rollie Poppino a F. Edelweiss no livro POPPINO, Rollie. Brazil: The Land and People. New York, Oxford University Press, 1968.	298
Figura 07	Dedicatória feita por Rollie Poppino a F. Edelweiss no livro POPPINO, Rollie. Brazil: The Land and People. New York, Oxford University Press, 2 edição, 1973.	298
Figura 08	Dedicatória de Poppino de a Luiz Navarro de Brito no livro International Communism in Latin America..., datada de 1968	299
Figura 09	Ilustração de Caribé para o livro Brazil: The Land and People com referência ao vaqueiro no século XVII.	310
Figura 10	Ilustração de Poty sobre o trabalho na zona açucareira e suas tecnologias, para no livro Brazil: The Land and People	310
Figura 11	Ilustração de Poty sobre o trabalho na zona açucareira e suas tecnologias, para no livro Brazil: The Land and People.	311
Figura 12	Ilustração de Poty sobre o trabalho seringueiro.	311
Figura 13	Ilustração de Poty sobre trabalho com a produção de café no século XIX para o livro Brazil: The Land and People.	311
Figura 14	Ilustração de Caribé que retrata a imigração na formação do povo brasileiro.	312

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

ACLS	American Council for Learned Societs
AHA	American Historical Association
ASTP	Army Special Training
CCF	Congress for Culture Freedom
CCF	Congress for Culture Freedom
CEPAL	Comissão de Estudos para o Desenvolvimento da América Latina
ESG	Escola Superior de Guerra
FDC-BA	Fundação para o Desenvolvimento da Ciencia da Bahia
HAHR	Hispanic American Historical Review
IGHB	Instituto Geográfico e Histórico da Bahia
IIAA	Institute Of Inter American Affairs
ISEB	Instituto Superior de Estudos Brasileiros
LASA	Latin American Studies Association
NDEA	National Defense Act
OCCIA	Office of Coordination of Commercial and Cultural Relations between The Americas
OEA	Organização dos Estados Americanos
PPSEBa	Programa de Pesquisas Sociais Estado da Bahia
SSRC	Social Science Research Comite
SUDENE	Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste
TCA	Technical Cooperation Administration
UNESCO	Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura
USAID	United States Agency for International Development
USIS	United States Informed Agency

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	14
2	UM HISTORIADOR DIPLOMATA	27
2.1	A CARREIRA DE ROLLIE EDWARD POPPINO NAS RELAÇÕES ENTRE BRASIL E ESTADOS UNIDOS	24
2.2	O BRASILIANISTA COMO INTELLECTUAL: NARRATIVA E ATUAÇÃO POLÍTICA	48
2.3	OS INTELLECTUAIS E A ESCRITA DA HISTÓRIA	72
3	A PROJEÇÃO DA BAHIA NOS ACORDOS BILATERAIS ENTRE BRASIL E ESTADOS UNIDOS NA ÁREA DA CULTURA	80
3.1	POLÍTICAS CULTURAIS ENTRE BRASIL E ESTADOS UNIDOS	80
3.2	OS INTELLECTUAIS BAIANOS E OS ACORDOS BILATERAIS	100
4	EQUIPAMENTOS DE SABER E CIÊNCIA NA BAHIA	117
4.1	A FDC-BA, A FACULDADE DE FILOSOFIA E A SECRETARIA DE EDUCAÇÃO E SAÚDE	117
4.2	O PROGRAMA DE ESTUDOS SOCIAIS ESTADO DA BAHIA - <i>COLUMBIA UNIVERSITY</i> E O AMERICANISMO	133
4.3	O GOVERNO OTÁVIO MANGABEIRA E CARLOS VALADARES NA BAHIA COMO UM GOVERNO AMERICANISTA: UM CONVITE AO BRASILIANISMO.	153
5	“PRINCESS OF THE SERTAO”: UMA LEITURA SOBRE A ECONOMIA BAIANA DAS FRONTEIRAS DO SERTÃO	164
5.1	A INFLUÊNCIA DE RUI BARBOSA NA AMBIÊNCIA POLÍTICO-IDEOLÓGICA DA ESCRITA DE POPPINO	164
5.2	FORÇAS POLÍTICAS DE UM MUNICÍPIO CATALIZADOR DO PROGRESSO – “PRINCESS OF THE SERTAO”	169
5.3	O INÍCIO DAS PESQUISAS E O TRABALHO DE CAMPO	177
5.4	CARLOS VALADARES: UM VÍNCULO DA POLÍTICA DA UDN COM O PSD EM FEIRA DE SANTANA	183
5.5	POR DENTRO DA TESE: HISTÓRIA E MEMÓRIA DAS LUTAS SOCIAIS EM FEIRA DE SANTANA	188

5.6	DEMANDAS DO CAPITAL: A MISSÃO ABBINK NA BAHIA E O DEBATE SOBRE SEUS RESULTADOS	219
.....		
6	A ATUAÇÃO DE R. E. POPPINO COMO ESPECIALISTA DO BRASIL NOS ESTADOS UNIDOS	228
.....		
6.1	A ESCRITA DOS INTELECTUAIS DO DEPARTAMENTO DE ESTADO NO PÓS-GUERRA E GUERRA FRIA	228
6.2	PARTICIPAÇÃO NA HAHR, CURRENT HISTORY E OUTROS PERIÓDICOS – INTERLOCUÇÕES DOS ESTUDOS DE HISTÓRIA DA AMÉRICA LATINA COM O DEBATE DA DIPLOMACIA EXTERNA	235
6.3	A ANÁLISE DAS RELAÇÕES INTERNACIONAIS E O DEBATE SOBRE O BRASIL NA REVISTA CURRENT	258
.....		
6.4	A CARREIRA BRASILIANISTA APÓS A ALIANÇA PARA O PROGRESSO: POPPINO ANALISTA DO COMUNISMO	286
6.5	A PUBLICAÇÃO DE BRAZIL: THE LAND AND PEOPLE: DO PROJETO À CIRCULAÇÃO NO BRASIL	296
6.6	DIVULGAÇÕES DAS IDEIAS DO AUTOR NO BRASIL: DEMOCRACIA E MILAGRE	314
.....		
7	CONSIDERAÇÕES FINAIS	320
.....		
	REFERÊNCIAS	326
.....		
	LISTA DE ARQUIVOS CONSULTADOS	341
.....		
	ARTIGOS ACESSADOS NO PORTAL JSTOR	342
	OUTROS ARTIGOS E RESENHAS	346
.....		
	REVISTAS BRASILEIRAS	347
.....		

1 INTRODUÇÃO

O objetivo da presente tese é o estudo da trajetória de Rollie Edward Poppino (1922-2010), um historiador/diplomata “brasilianista”¹. A partir da análise de seus trabalhos acadêmicos e do levantamento de uma rede de contatos, abordamos relações intelectuais entre pesquisadores brasileiros e norte-americanos entre 1949 e 1973, recorte aqui considerado pela importância das relações internacionais em sua carreira.

As narrativas dos brasilianistas deixaram marcas na escrita da História do Brasil e, apesar de diversas polêmicas sobre o seu papel na historiografia brasileira e sobre as versões caricatas que lhes foram atribuídas, retomamos o debate com um estudo de caso. Segundo Paulo Roberto de Almeida (2002),

O estudioso estrangeiro de temas brasileiros, usualmente identificado como brasilianista, é parte integrante do processo de emergência e afirmação das ciências sociais no Brasil na segunda metade do século XX. Muito embora essa personagem contemporânea possa, ao abrigo dessa noção, ser considerada como parte inseparável dos progressos metodológicos e da evolução recente dos trabalhos acadêmicos no Brasil, ela é, para todos os efeitos práticos, uma presença bem mais antiga e constante ao longo de toda a sua história. (ALMEIDA, 2002, p. 31).

O contexto escolhido envolveu transformações nas políticas externas do Brasil e Estados Unidos visualizados em atos da diplomacia e da cultura ligados à Guerra Fria. Poppino fez viagens ao Brasil, sendo apoiado por agências de Estado que atuaram em prol da organização institucional da produção de saber e da ciência, através de contatos bilaterais e redes de solidariedades acadêmicas que o acolheram².

¹Empregamos a noção de *trajetória* utilizada nas Ciências Sociais a partir de metodologias aplicadas com base nos estudos da sociabilidade dos intelectuais, na obra de Pierre Bourdieu. Um dos textos muito utilizados no Brasil, nesse sentido, é BOURDIEU, Pierre. *A Ilusão Biográfica*. In: FERREIRA, Marieta Moraes; AMADO, Janaína (org). **Usos e Abusos da História Oral**. Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas, 1998. Levando em consideração os aspectos biográficos, o principal ponto de partida são suas conexões com grupos ou as “matrizes objetivas” encontradas ao longo do percurso de vida que o identificaram como historiador brasilianista. Brasilianista é um termo consolidado para referência aos estudos realizados sobre o Brasil por pesquisadores de outras nacionalidades, mais fortalecido como referência aos intelectuais norte-americanos que tiveram o Brasil como objeto de pesquisa. ²Entendemos como “agências de saber” os coletivos organizados para a produção de conhecimento e das instituições científicas que estiveram presentes da trajetória da Rollie Poppino como pesquisador. Na tese, as agências estão localizadas na ampliação da ação do Estado na sociedade civil, em mecanismos de estudos que envolveram um misto de motivação pública (patrocinada pelo governo do estado da Bahia, por exemplo) ou que colocaram fundações privadas a favor da organização de visões de mundo que os beneficiavam de algum modo. Esses benefícios são entendidos dentro da própria rede de acadêmicos que buscavam consagrar o campo intelectual dentro do qual se inseriam, como também interesses empresariais. Assim, percebe-se mais uma vez a aproximação

Para tratar das agências dos intelectuais no âmbito do Estado, utilizamos a noção de Antonio Gramsci sobre a disputa de hegemonia no Estado Ampliado³. Gramsci observou a liderança norte-americana na expansão do capitalismo e na conformação de novos padrões de organização da vida social, mediando suas reflexões com uso do americanismo-fordismo como conceito, questionando os seus mecanismos de expansão na sociedade civil⁴. Com base na sua leitura de um modelo de Revolução Passiva, aplicado para a compreensão da história dos Estados Unidos nos anos 1930, Gramsci destaca que é preciso pensar em mecanismos de crescimento da ação de acumulação de capital e de interferência na vida humana, através de aparelhos da sociedade civil. Do conjunto de seus escritos, tomamos como inspiração, portanto, a discussão sobre o americanismo, as noções sobre a ampliação do Estado por sujeitos de classes hegemônicas ou conectados a elas (nos aparelhos privados de hegemonia, da organização da cultura e produção de conhecimento) e a discussão sobre o papel dos intelectuais.

O americanismo, na concepção de Antonio Gramsci, é entendido como a expansão do modo de vida americano em todas as áreas que envolvem a elaboração de um modelo de trabalhador para o capital. Na percepção de Gramsci, a hegemonia das classes dominantes se constrói em tempos de Guerra e de Paz e nos tempos de Paz a produção do consenso precisa ser disputada. Elaborado sob conflitos com as classes antagônicas, os trabalhadores, os valores que propagam uma suposta igualdade de interesses estariam imbricados da capacidade de se difundir nos mais variados espectros da vida humana, na cultura, nas artes, na psicologia e no comportamento dos trabalhadores. Os Estados Unidos difundiram esses valores especialmente durante o crescimento do modelo fordista e da formatação de um tipo de relacionamento mais expansivo entre operários e patrões, mas ocorre a permanência desses atos de fortalecimento do padrão fordista como um modelo a ser seguido para além do período pós-Guerra. Isso porque o “modo de vida americano” foi reforçado pelos Estados Unidos como parte de seu escopo de

com o pensamento da sociologia da ciência de Pierre Bourdieu e das noções de Antonio Gramsci sobre a ação dos intelectuais no Estado, como definiremos a seguir.

³Utilizamos como base o texto mais conhecido dos cadernos do Cárcere sobre o tema, reunido como “Maquiavel, a Política e o Estado Moderno”. GRAMSCI, Antonio. **Cadernos do Cárcere**, Volume 3. 3 Ed. Carlos Nelson Coutinho. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2007. “Ao mesmo tempo, é preciso expor o que se deve entender em política por estratégia e tática, por “plano” estratégico, por propaganda e agitação, por “orgânica” ou ciência da organização e da administração em política”, diz Gramsci ao começar a sua enunciação dos problemas encontrados por ele como limitações na análise do Estado e do exercício da política (GRAMSCI, 2007, p.19) e para buscar a discussão no terreno da hegemonia e não do economicismo. Há várias passagens conhecidas para mostrar o exercício da política na sociedade civil, para Gramsci, uma das suas grandes contribuições para o entendimento das vias de atuação prática dos sujeitos em conflito, na disputa dentro da sociedade civil por questões da hegemonia a serem resolvidas em “tempos de paz”. O pensamento aponta para uma compreensão dos atos políticos na sociedade civil de forma ampla, o que leva também, nas teses gramscianas, ao entendimento de que os espaços de atuação intelectual são espaços políticos.

⁴ GRAMSCI, Antonio. **Cadernos do Cárcere**, Volume 4. Rio de Janeiro Civilização Brasileira, 2001.

atuação na política externa. Por isso, consideramos que o americanismo é um valor útil para o entendimento da política externa e das ações culturais, especialmente as relações bilaterais entre Brasil e Estados Unidos.

O conceito de americanismo operacionalizou o entendimento dos estratégias de difusão de visões de mundo e modos de vida hegemônicos norte-americanos, durante o século XX. Antonio Gramsci considerou, tanto nos ensaios sobre o americanismo e o fordismo presentes na sua obra produzida em cárcere, como nas interpretações subsequentes que os conceitos de Estado e hegemonia seriam fundamentais para o entendimento do americanismo.

No âmbito do debate sobre o imperialismo norte-americano, partimos de reflexões sobre as ideologias que constituíram os emblemas dos Estados Unidos como nação, como o debate de Sidney Lens sobre a ideologia do “mito da moralidade” (LENS, 2006). Para Lens, o mito fundamentou as estratégias de expansão e enquadramento dos países vizinhos como subalternos. De acordo com Lens, um “mito da moralidade” sustentou uma proposta ideológica de “não intervenção” militar dos Estados Unidos em governos latino-americanos, mas na prática, ocorreu nos momentos em que a justificativa para intervenção se associou a ideia de “inevitabilidade” e de salvaguarda da ordem. Além disso, o mito sustentou um modelo de democracia a ser seguido, as concepções de segurança e paz, a necessidade de atuação na Guerra, o que corresponde ao que Perry Anderson (2015) defendeu: o pano de fundo das ideologias expansionistas norte-americanas foi a manutenção da segurança para a realização de seus negócios, especialmente os comerciais.

No conjunto do escopo de atuação cultural do imperialismo norte-americano, tanto no Brasil, como nos Estados Unidos, encontramos a agência de fundações privadas e de investimentos públicos para o engajamento de pesquisadores no trabalho de campo. Tais fundações sustentaram investimentos em carreiras como as de de Rollie Poppino. Viking Fund, Henry Doherty Foundation, Carnegie foram grupos que tiveram grande destaque após a Segunda Guerra como agentes patrocinadores de pesquisas na América Latina e foram parceiros em sua trajetória.

Os intelectuais brasileiros se aliaram a oportunidades de pesquisa durante a Guerra Fria e também montaram redes novas de contatos que “ampliaram”, no sentido gramsciano, através da produção intelectual, as ações americanistas na cultura. No texto, trabalharemos com o americanismo em duas vertentes: a partir do conceito de Antonio Gramsci e dialogando com outros autores, que buscaram compreender a ligação entre o imperialismo e a cultura. Nesse

terreno, alguns explicitaram suas próprias leituras do americanismo, como Antonio Pedro Tota (2000), que refletiu usos da noção de “americanismo” em falas de personagens do contexto, como Sérgio Buarque de Holanda, ou nas ações de cultura.

Em geral, na tese, o americanismo é pano de fundo para os atos de acordos bilaterais na cultura e na negociação da pesquisa, mas também aparece como sendo fruto da percepção de intelectuais brasileiros sobre seu posicionamento frente aos atos norte-americanos⁵.

Pisamos nos terrenos da História Intelectual, da sociologia das ciências e da produção da História da Historiografia, saberes que se cruzam e nos permitem detectar as formas de sociabilidade e a locução social dos intelectuais produtores de História, pois estamos diante de um problema de interpretação da escrita da História durante a Guerra Fria, por um autor envolvido com políticas de Estado. Os intelectuais, enquanto grupo, são analisados dentro de um “quadro institucional” ou um “quadro cultural”, no qual sua obra faz sentido enquanto um elemento de debate público, movido por acontecimentos, a partir dos quais nós, os historiadores, analisamos e elaboramos uma história intelectual. (LECLERC, 2004 p. 52). Enquanto agrupamento, precisamos considerar que “O intelectual isolado não existe. Ser um intelectual é pertencer conscientemente e de alguma forma à coletividade dos pares: é ler jornais, é estar a par dos debates, é fazer ouvir sua voz no ‘pequeno mundo’ dos intelectuais”. (LECLERC, 2004, p. 73).

Consideramos o brasilianismo como objeto, e diferimos das revisões mais recentes sobre o papel dos brasilianistas na historiografia brasileira (MEYHI, 2017; WESTEIN, 2016). Para a maioria dos revisores do tema, a atuação dos brasilianistas ficou muito marcada pela presença, entre os escritores sobre o Brasil nos Estados Unidos, de cientistas políticos que discutiram os atos do golpe civil-militar de 1964 no Brasil. Os brasilianistas que escreveram imediatamente após o golpe, em geral, ficaram conhecidos por relativizar os atos do executivo e da ditadura, a princípio, e foram de encontro aos atos do governo deposto de João Goulart, demonstrando oposição às reformas de base e entendendo as ações da esquerda como radicais. Nesse sentido, essa marca passou a incomodar as novas gerações de pesquisadores que persistiram na carreira como acadêmicos interessados na História do Brasil, na medida em que procuraram se afastar dos rótulos e buscar novas compreensões da ação do pesquisadores norte-americanos no Brasil.

⁵ O leitor entenderá essa versão no capítulo “A Projeção da Bahia nos acordos bilaterais entre Brasil e Estados Unidos na Área da Cultura”, quando apresentamos as movimentações de sujeitos como, Thales de Azevedo, Anísio Teixeira e Otávio Mangabeira, para a definição de suas estratégias de atuação frente aos projetos norte-americanos para a cultura.

Procuraram revisitar essa questão e repensar que os norte-americanos também denunciaram atos autoritários e atuaram contra a ditadura, principalmente quando os autores norte-americanos defenderam colegas brasileiros exilados (GREEN, 2009) e demonstraram que estavam igualmente descontentes com o desfecho dos atos autoritários da ditadura no Brasil.

Um dos primeiros livros a anunciar o caráter dos atos do parlamento e do executivo brasileiro em 1964 como um golpe veio da autora Phyllis Parker (1977), que se preocupou em demonstrar a clara atuação dos Estados Unidos no processo. A autora apontou a importância da Aliança para o Progresso (1961) na relação entre os dois países e nos desdobramentos do golpe. A própria Parker foi influenciada pela Aliança, assim como os teóricos que aprofundaram os estudos sobre o papel do anticomunismo na definição da concepção sobre a democracia para o continente, após a revolução Cubana. Mesmo que houvesse a acusação da interferência norte-americana para o processo, havia nesses textos, como os de Parker, uma discussão sobre a “inevitabilidade” de uma ação mais radical da parte das oposições ao presidente João Goulart, vinda do governo dos Estados Unidos, devido aos protocolos de negociação com a propriedade privada e para a solução dos conflitos de classe que se aprofundavam no continente. Ou seja, a autora leva em consideração as questões da Guerra Fria, tomando partido de um lado, pela corrente do Departamento de Estado que condena ações mais radicais por parte das esquerdas, mas, por outro lado, assume uma forte oposição (pelo menos retórica) ao que considera como sendo práticas típicas do autoritarismo. Podemos encontrar nessa vertente nomes como os de John Foster Dulles (1913-2008), Donald Emmet Worcester (1915-2003), Robert J. Alexander (1918-2012), J. John Johnson (1912-2004), Rollie Poppino, para apontar aqueles que ficaram mais conhecidos, como brasilianistas e latino-americanistas que trataram do Brasil como “clássicos” ou veteranos. Assim, é necessário aprofundar o debate sobre a atuação dos brasilianistas e o papel das suas conclusões para a interpretação da história das lutas sociais no Brasil.

No contexto de exílio e controle das atividades acadêmicas, os norte-americanos também foram investigados e censurados (GREEN, 2009; MEIHY, 1990). Suas interpretações repercutiram em polêmicas e os estudos sobre os brasilianistas envolveram as interpretações sobre a democracia brasileira na conjuntura da Guerra Fria. A expansão das ideologias do “mundo livre” levou o imperialismo norte-americano ao julgamento das democracias na América Latina e fizeram toda a diferença na demarcação das condições objetivas de suas escritas. Os brasilianistas partiram de um escopo ideológico democrático liberal situado no contexto da Guerra Fria para avaliar as ações da ditadura no Brasil e é preciso compreender a

formatação de seus argumentos. Há uma seletividade da concepção de democracia exposta em seus textos. No texto de Philys Parker (1977), por exemplo, a autora afirma explicitamente seu ponto de partida. Para ela,

Há valores, expressados na formação dos Estados Unidos e sustentados nos grandes momentos de sua história, que afirmam o necessário respeito pelo mérito e dignidade do homem como um meio de reger a sociedade. Esses valores compreendem ideias de justiça, igualdade e livre arbítrio, cada uma delas defendida como um direito humano inviolável. (PARKER, 1977, p.11).

Baseada nesse mesmo elemento fundacional, julgou os atos do executivo brasileiro perante a Guerra Fria, quando disse que

A meu ver, a política dos EUA para com o Brasil no início da década de sessenta deixou de levar na devida conta esses valores e, por conseguinte, contribuiu para outro fracasso dessas instituições cuja tarefa é salvaguardar a liberdade e os direitos individuais. (PARKER, 1977, p.12).

Para ela, os Estados Unidos agiram a partir de uma locução equivocada com o governo brasileiro, o que levou a atos de exacerbação do radicalismo da parte de Goulart contra setores nacionais apoiados pelos Estados Unidos. Vale ressaltar que Parker escreveu em 1964 e só veio a ser traduzida em 1977, pela editora Civilização Brasileira. No mesmo ano em que o livro de Parker passou a circular em português, foi publicado também o livro *Anarquistas e Comunistas no Brasil*, de John Foster Dulles (1977), pela editora Nova Fronteira, ele também já havia escrito *Vargas of Brazil* (1967) e *Unrest in Brazil* (1970), ambos pela Universidade do Texas. Esses livros mostram que a atuação dos pesquisadores já se firmava há algum tempo e as traduções vieram a apresentar interesses internos da intelectualidade brasileira na divulgação da leitura dos norte-americanos sobre sua história. Como colocou Thomas Skidmore:

A questão é clara: as sucessivas gerações dos principais intelectuais brasileiros viam os Estados Unidos como uma força crucial no futuro de seu país. Qualquer que fosse a sua tendência ideológica, restava a esses brasileiros uma pergunta vital: quanta margem havia para o Brasil criar a sua própria sociedade e qual é o papel que desempenhariam os Estados Unidos nessa criação. (SKIDMORE, 1994, p.48).

Escolhemos discutir, no caso de Rollie Poppino, a crítica que fez à abordagem dos conflitos sociais, o anticomunismo e o antimarxismo associado aos valores norte-americanos presentes na escrita dos brasilianistas. Investimos na leitura de um trabalho brasilianista específico e encontramos uma forma de revisitar as interpretações da História que indicaram uma ação americanista mais pontual entre os intelectuais no contexto da Guerra Fria.

O recorte privilegia também momentos em que o pensamento social brasileiro fez uma forte interlocução com a escrita dos norte-americanos sobre o Brasil. Em especial, entre os anos 1950 e 1970, auge da Guerra Fria, foi muito comum a tônica do debate sobre o “amadurecimento” político de países “em desenvolvimento”, de acordo com as teorias de modernização e dos interesses de defesa do investimento privado, que ampliaram a discussão dos observadores norte-americanos do Brasil.

O debate envolve inúmeras centelhas. O intelectual que escreve sobre “democracia” circunscreve suas análises em um campo minado de embates teóricos e políticos. Por mais que consideremos as definições formalistas do que sejam práticas democráticas, regimes democráticos e seus opostos (antidemocráticos) (LAMOUNIER, 2011), como o exercício do voto, a liberdade de imprensa, os pressupostos para o exercício da democracia se amparam em elementos conjunturalmente disputados no campo ideológico. (WOOD, 2003).

Outros conceitos como “povo”, “raça”, “progresso” e “desenvolvimento” ganharam aprofundamento entre os brasilianistas. Suas repercussões fundamentaram boa parte do pensamento social que se declarava como liberal e democrático no Brasil - antes e depois de 1964. As concepções americanistas sobre o conceito de democracia também sustentaram disputas entre os que atribuíram legalidade aos atos de março e abril de 1964 e ao regime que se sucedeu. Os estudos norte-americanos cresceram após aquele ano, mas a sua história é bem anterior.

Podemos dizer também, como afirmou Carlos Fico, que coube ao analista externo elaborar as primeiras conclusões sobre o Brasil pós golpe de 1964, ainda nos idos dos anos 1960 (FICO, 2008), e suas conclusões nem sempre foram amistosas ao avanço das liberdades e dos direitos sociais, o que gerou bastante oposição da intelectualidade brasileira, principalmente de esquerda, com as interpretações norte-americanas sobre o Brasil. Essas relações foram desdobramentos de redes de intelectuais formadas na década anterior. Acreditamos que os brasilianistas atuaram em acordos bilaterais, somando esforços para o entendimento da democracia brasileira, o que reverberou nas leituras sobre as lutas sociais nos anos 1960. Dada a força da parceria cultural entre Brasil e Estados Unidos, essa atuação se aprofunda com a Aliança para o Progresso.

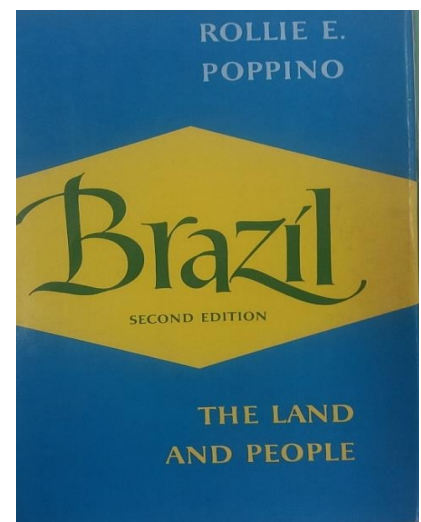
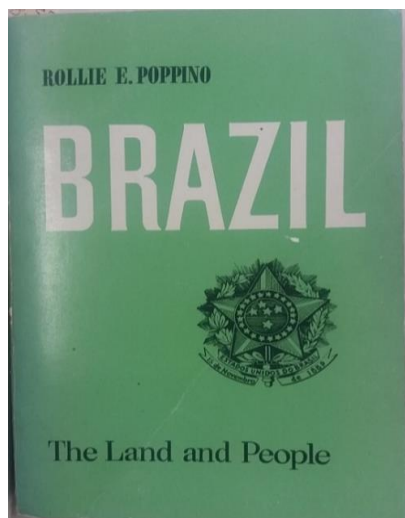
Essa percepção se desenvolveu à medida que a pesquisa aqui realizada se propôs a fazer a abordagem de um historiador que começou seus trabalhos no Brasil nos anos 1950, quando muitos foram os pesquisadores que realizaram estudos de comunidades em áreas do interior do

país. Tais pesquisadores estavam envolvidos em comparações e investigações de temas caros, como o debate do preconceito racial, encontrando nas pesquisas locais alguns parâmetros para a “democracia racial”. (CHAVES, 2011; SANGIOVANNI, 2018). São pesquisas que enraizaram campos de estudos e mantiveram-se firmes, abrindo espaço para outras interpretações e novidades temáticas.

Trabalhos recentes já demonstraram o quão foram importantes as correspondências intelectuais no campo da esquerda entre brasileiros e norte-americanos. (LIMA, 2015). Assim como estas aproximações frutificaram resistências ao autoritarismo e fundamentaram campos de trabalho da historiografia (como a História da Escravidão nos anos 1980), aprofundaram versões mais conservadoras da história.

Rollie Poppino, por exemplo, iniciou sua carreira como brasilianista depois de escrever sobre os sertões da Bahia, em sua dissertação e em sua tese, e ficou mais conhecido quando produziu o livro *Brazil: The Land and People* (1968 e 1973) e seus artigos a respeito da política brasileira, na década de 1960 e 1970, da revista norte-americana *Current History*.

Figura 01 - Capas das edições do livro – *Brazil: The Land and People*.



Fonte: Fundo Manoel Pinto de Aguiar, Centro de Estudos Baianos, Lugares da Memória, Biblioteca Macedo Costa, Universidade Federal da Bahia.

Poppino alavancou sua experiência profissional como historiador a partir de demandas político-intelectuais que lhes foram colocadas. O primeiro marco foi a realização de seu trabalho de doutorado, na Bahia, com pesquisas de campo em 1951, a partir do financiamento público da Fundação para o Desenvolvimento da Ciência na Bahia (FDC-BA) e do apoio das políticas educacionais bilaterais que cresceram na conjuntura do pós-Guerra. A referida

fundação baiana foi montada no governo de Otávio Mangabeira e Carlos Valadares (1947-1951) e deu andamento a subsídios para que Poppino e outros pesquisadores norte-americanos, como também franceses viessem ao Brasil realizar seus trabalhos acadêmicos, através de uma espécie de iniciativa pioneira na área. Não fosse esse empreendimento, a maioria desses estudantes chegava antes ao país através de investimentos particulares e de fundações privadas.

São conhecidas as relações entre fundações privadas e pesquisas no Brasil, no período entre Guerras⁶. Já quando Poppino encerrou sua estadia para pesquisa local na Bahia, o Brasil e os Estados Unidos iniciaram nova fase de acordos e investimentos em cultura e investigação bilateral, influenciando as escolhas de graduandos e pós-graduandos nas suas carreiras internacionais⁷.

Houve uma constante preocupação do autor em abordar as relações entre os dois países, pois Poppino se tornou um assessor do Departamento de Estado em 1954. A experiência iniciada na Bahia o acompanhou, na sua experiência de trabalho e na forma como discutiu o seu objeto de pesquisa. Na Bahia, o sertão, o vaqueiro e as relações sociais, numa comunidade considerada promissora no interior do estado – Feira de Santana – e sua história política, consagraram modelos de explicação histórica que estiveram presentes mais tarde em outros dos seus trabalhos.

Observamos em seus textos a influência das ideias de intelectuais com os quais se aproximou nas academias brasileiras. Geralmente, foram personagens da história intelectual brasileira que se projetaram a partir de uma ideologia liberal, como Otávio Mangabeira e grupo ligado a ele em 1950. Na prática, esses intelectuais baianos formavam um grupo heterogêneo e eram sujeitos que estavam associados a políticos e intelectuais bastante tradicionais, a exemplo de Thales de Azevedo (1904-1995). Discutiremos essas posturas internas, o arcabouço de ideias desses intelectuais públicos, que influenciaram e trouxeram Poppino como interlocutor para a realização de pesquisa no Brasil.

⁶ "Sem o apoio do governo e do Congresso, 40 foram, principalmente, as fundações privadas norte-americanas que retomaram o intercâmbio e as políticas artística, cultural e educacional no exterior no entre guerras. Se destacaram principalmente as fundações nova-iorquinas Carnegie Endowment, Guggenheim e Rockefeller." (SANTOMAURO, 2015, p.41)

⁷ "Em janeiro de 1952, foi criada a International Information Administration (IIA), a super agência de informação que fortaleceria, unificaria e aperfeiçoaria a implementação da política de propaganda americana. O IIA pode ser considerado o antecessor imediato da USIA em sua estrutura interna e objetivos. Seguindo a concepção inicial da política externa de Truman e de seu Ponto IV, o IIA, braço de informação do Departamento de Estado (ainda como uma agência 'semiautônoma', trabalhava em coordenação com as atividades de cooperação técnica do TCA (Technical Cooperation Administration) e com os outros Departamentos do governo (participantes do "Psy Board")." (SANTOMAURO, 2015, p.76).

O autor dialogou com personagens vindos das elites intelectuais da Bahia que se apresentavam como democráticos e adeptos de um liberalismo moderado, além de um grupo interessado, pelo menos teoricamente, em fazer a discussão sobre a inserção dos sujeitos subalternos na vida social brasileira, como Thales de Azevedo, Anísio Teixeira (1900-1971) e Luiz A. Costa Pinto (1920-2002). O modo através do qual esses autores fizeram essas discussões ainda é alvo de polêmicas e pesquisas específicas no âmbito das ciências sociais no Brasil⁸.

Além disso, queremos contribuir para as reflexões sobre as memórias construídas em Feira de Santana a respeito do trabalho de Poppino no município. Em Feira de Santana, Poppino tem sido celebrado recentemente através de ações da imprensa e da Câmara Municipal. Refiro-me ao texto “Dia Mundial do Livro e ‘Feira de Santana’ de Rollie Poppino”, publicado em Feira de Santana no ano de 2020. Na verdade, a nota do jornalista Janio Rego, em um blog local, reproduziu a narrativa feita em 2018, sobre o cinquentenário da publicação “Feira de Santana”, em 1968. O autor retomou o fato de que o livro tem sido recuperado por muitos como principal referência para o estudo da história do município. O registro do jornalista tencionou para que algo fosse feito em prol da memória a respeito do próprio autor e do livro. A reclamação surtiu resultado. Uma rua recebeu o nome de Rollie Poppino, em homenagem ao historiador⁹. O ato, como a maioria das denominações das vias públicas, passou despercebido pela maioria da população, mas indagamos o seu propósito. Além disso, em 2018, André Pomponet escreveu sobre o livro Feira de Santana (1968), na Tribuna Feirense, dois meses antes da mudança do nome da rua e propôs algo rico: uma reedição do texto do norte-americano¹⁰.

A retomada da discussão sobre o papel de Poppino ao visitar Feira de Santana, uma possível reedição do texto e as evocações sobre seu nome nos levam a algumas inquietações. A trajetória de Rollie E. Poppino e o papel do livro que escreveu devem ser assuntos retomados

⁸ São muitos os textos que envolvem as discussões fundacionais das ciências sociais no Brasil e, a partir daí, o papel de Luiz de Aguiar Costa Pinto. Por outro lado, o pensamento de Anísio Teixeira aparece como tema não apenas nas questões que envolvem a história da educação e a pedagogia, mas também as sociabilidades dos quais participou ativamente e que definiram conduções políticas em sua geração. Vamos citar principalmente a coletânea SANSONE, Lívio; PEREIRA, Claudio Luiz (orgs). **Projeto Unesco no Brasil: textos críticos**. Salvador, EDUFBA, 2007. CASIMIRO, Ana Palmira dos Santos; MAGALHÃES, Livia Diana Rocha; LOMBARDI, José Claudinei (orgs). **Projeto Colúmbia: Anísio Teixeira e o Desenvolvimento Nacional**. Alínea, 2013. Esses livros comungam da abordagem sobre o papel da Bahia e de suas relações sociais nos estudos escolhidos em programas internacionais, como os da UNESCO.

⁹ A Lei de número 3838, de 4 de maio de 2018, nomeia a antiga rua de nome “Alegria” por Rollie Poppino.

¹⁰<http://www.tribunafeirense.com.br/noticias/28568/cinquentenario-de-%C2%93feira-de-santana%C2%94-de-rollie-poppino.html>.

como objeto de estudo, tanto a obra, como o autor, as memórias que fundou, a conjuntura de sua escrita, para além das celebrações e memorialismos.

Outros e outras, historiadores e historiadoras, preocupados com o passado de Feira de Santana, levantaram questionamentos sobre os estudos feitos por Poppino¹¹. Seu texto vem sendo discutido como referência para dados que coletou sobre a população local, mas também é questionado, com relação a seus métodos e abordagens. Mesmo assim, ainda não dispomos de uma pesquisa que o aborde especificamente, como objeto de estudo.

Apesar de pouco conhecido, Rollie Edward Poppino foi um divulgador da História do Brasil na Associação Americana de História, com publicações sobre o Brasil Republicano, seu desenvolvimento, suas relações com os Estados Unidos, a partir dos elementos que dispôs da bibliografia sobre o Brasil nos Estados Unidos e em visitas aos arquivos nacionais. Muito do que fez foi a partir do material bibliográfico que dispunha. Pode ser visto como pioneiro nas viagens de campo ao interior da Bahia – enquanto historiador. Também, seus serviços no Bureau especial para assuntos sobre a América Latina no Departamento de Estado (1954-1961), pesquisando o Brasil e o comunismo, o colocou em uma função muito específica. Cada passo da jornada de Rollie Poppino demonstrara para nós a importância do apoio das agências de saber e de ciência bilaterais. Como sujeito, ele não agiu só e, ao participar de redes de abertura das relações culturais e das políticas de incentivo de aproximação acadêmica que uniram os Estados Unidos com o Brasil, atuou dentro de mecanismos altamente influenciados pelo americanismo.

No capítulo “Um historiador diplomata”, fizemos um debate mais verticalizado sobre o papel do historiador como intelectual, especialmente quando falamos de um intelectual que atuou no âmbito da Guerra Fria, diretamente conectado a ela. Já em “A projeção da Bahia nos acordos bilaterais entre Brasil e Estados Unidos na área da cultura”, tratamos de alguns acordos intelectuais abertos no contexto do pós-Guerra. Os acadêmicos baianos que participaram do convite a Poppino para que viesse à Bahia estavam fortemente conectados com os movimentos de publicação e de estudos de ciências sociais daquele contexto inicial dos anos 1950. Essas aberturas de possibilidades para as ações intelectuais fizeram com que os baianos envolvidos

¹¹ ALVES, Chintamani Santana. **Tramas da Terra**: Conflitos no Campo na Terra de Lucas, 1900-1920. Dissertação de Mestrado, Feira de Santana, Universidade Estadual de Feira de Santana, 2015; SILVA, Elizete. **Protestantismo Ecumenico e Realidade Brasileira**: Evangélicos Progressistas em Feira de Santana, Feira de Santana, Bahia, UEFS Editora, 2010. OLIVEIRA, Josivaldo Pires de. **Adeptos da Mandinga**: Candomblés, curandeiros e repressão policial na Princesa do Sertão. Feira de Santana BA (1938-1970). Tese de Doutorado, CEAO – UFBA, Salvador, 2010.

reforçassem ainda mais a projeção da Bahia no cenário intelectual nacional e internacional. Salientando que a Bahia e o Brasil vivenciavam uma fase de transformação das relações bilaterais da diplomacia, nas quais a cultura passou a vigorar como estratégia fundamental e selecionado pelo Ministério do Exterior para lidar com a projeção do Brasil, abordaremos alguns pontos que consideramos fundamentais nessa correspondência entre os dois países.

Em seguida, no capítulo “Equipamentos de saber e ciência na Bahia”, trataremos da conjuntura de integração de estudos das ciências sociais na Bahia com as demandas por internacionalização de parcerias de pesquisa, no cenário de montagem do Programa de Pesquisas Sociais Estado da Bahia (PPSEBa). Por essa via, encontramos substância para visualizar que os conteúdos do trabalho sobre Feira de Santana, realizado por Poppino, estavam diretamente atrelados com o projeto em questão, o que fez com que o autor formulasse uma narrativa ambientada com o americanismo do contexto. As redes de intelectuais com os quais ele se aproximou, as instituições e os grupos são nosso ponto de partida. Aparecem aqui a Faculdade da Bahia, a Secretaria de Educação e Saúde do Estado da Bahia, a Fundação para o Desenvolvimento da Ciência na Bahia e o conjunto de aproximações dessas instituições com governos e suas demandas.

O quarto capítulo é uma discussão específica sobre a tese *Princess of the Sertao: a history of Feira de Santana* e a publicação do livro como Feira de Santana, por dentro dos argumentos do autor, em diálogo sobre suas experiências como intérprete, influências do pensamento social brasileiro e das demandas geradas pelo PPSEBa para o estudo específico naquele município e região. Destacamos dessa abordagem polêmicas que já foram ou que podem ser levantadas sobre as leituras que o autor fez a respeito da discriminação racial e dos arquétipos que construiu para entender a história do sertão a partir de Feira de Santana.

Seguindo as demais influências em sua trajetória de vida, o quinto capítulo traz o trabalho no Departamento de Estado, um ponto fundamental em sua carreira, e os estudos que fez sobre o Brasil após concluir o doutorado. Considerando a trajetória de Poppino como brasilianista, argumentamos que sua carreira revela muito sobre a história da visão norte-americana sobre o continente, o que nos abre perspectivas para entender visões do passado que tiveram peso nas memórias políticas da ditadura civil-militar.

O pensamento do autor nos remeteu ao debate sobre outros temas não menos importantes como as questões raciais no Brasil, as questões sobre o crescimento da economia baiana frente ao cenário nacional (em geral colocadas pelos próprios baianos à frente dos estudos). Esse ponto

de partida se desdobra para a compreensão do papel do Brasil no continente, suas expectativas de crescimento como parceiro de negócios e os “empecilhos” que poderiam ser apresentados para um aprofundamento das relações comerciais entre Brasil e Estados Unidos nos anos 1960 e 1970.

2 UM HISTORIADOR DIPLOMATA

Podemos dizer que os textos de Poppino tiveram uma maior repercussão através de duas vias: 1) pelo contato com os intelectuais que ofereceram apoio para a realização de sua pesquisa dentro do Brasil, que se tornou uma forma de parceria que interessava aos objetivos práticos desses mesmos intelectuais; 2) quando lido por comentaristas, associados ao Departamento de Estado, que demandavam trabalhos intelectuais de natureza latino-americanista, um público interessado em compreender a política e a economia brasileiras e, de certa forma, recorrer as pesquisas dos brasilianistas para assumir posturas diplomáticas.

Em contextos diferenciados, seu papel como brasilianista foi construído através desses diálogos. As escolhas que fez, no início de sua passagem pelo Brasil e em seu processo de profissionalização como pesquisador sobre a América Latina, não são desconectadas e alheias. O trabalho realizado durante o intercâmbio na Bahia, em 1950, atendeu a uma parte dos planos de acadêmicos baianos e, por outro lado, anunciou o seu nome como figura de confiança nesses meios, tanto para atuação em assuntos de pesquisa sobre o Brasil como no campo da diplomacia. Fazendo essa breve incursão em pontos que consideramos fundamentais em sua carreira, passamos a definir como entendemos a sua inserção como intelectual no Brasil.

2.1 A CARREIRA DE ROLLIE EDWARD POPPINO NAS RELAÇÕES ENTRE BRASIL E ESTADOS UNIDOS

Rollie Edward Poppino nasceu em 4 de outubro de 1922, em Portland, Oregon e iniciou seus estudos em História na universidade de Stanford, depois de servir na Segunda Guerra e de atuar como um grande interessado nas culturas latinas. Faleceu em 2010, reconhecido como um experiente professor de História América Latina, profissão adquirida após investimentos em estudos sobre o Brasil em seu mestrado e doutoramento, feitos em Stanford e em parceria com a Columbia University em Nova York, seguidos de atuações diretas em trabalhos de campo fora dos Estados Unidos. Ao deixar suas origens em Oregon, viajou constantemente a Nova York em busca de fazer cursos de especialização e de novidades sobre a carreira que lhe atraía: a de historiador.

Na sua formação, Rollie Poppino, segundo contou em uma entrevista realizada pelo colega Wilson Smith, em Davis, desde suas primeiras investidas em estudos latino-americanistas, pensou em ser um especialista na História do Brasil. Esse assunto foi destacado

com ênfase em suas memórias, ao ser entrevistado, quando Poppino valorizou muito mais sua carreira acadêmica e sua atuação no Departamento de História da Universidade da Califórnia em Davis, do que sua atuação do Departamento de Estado.

Na entrevista, afirmou que, após atuar em campo na Segunda Guerra, aprendeu línguas latinas e decidiu que queria ser historiador, focando suas pesquisas no território brasileiro¹². Ainda jovem, estudou espanhol em Oregon, onde eram promovidos cursos pelo *American Council For Learned Societies (ACLS)*¹³. Na época, a ASTP – *Army Specialized Training Program* – ofereceu essa formação, abarcando um grandioso programa do *Army Method*¹⁴, após ser avaliado que, ao invés do desprezo pelas culturas dos territórios de guerra, seria mais interessante dominá-las. Tal iniciativa levou a uma promoção de projetos para o conhecimento mais aprofundado das línguas e culturas latinas.

Através de estudos financiados pela guerra, aquele foi um período de formação inicial para atuação diplomática que o levaria para outras direções. A possibilidade de trabalhar com a diplomacia e com estudos de campo, fora dos Estados Unidos, cresceu devido a essa sua experiência. Envolvido com o percurso profissional que lhe foi surgindo, a princípio, buscou aproveitar as ações da diplomacia para sua inserção no meio acadêmico. Em 1954, Poppino foi contratado como um especialista em América Latina no Departamento de Estado, apesar de querer mesmo se tornar um historiador do Brasil¹⁵.

Poppino era graduado em História pela Universidade de Stanford, Califórnia, e tentou estabelecer-se nesse ambiente. Após o crescimento das reuniões científicas entre brasileiros e norte-americanos, começaram a se tornar mais constantes seus contatos com personagens da diplomacia brasileira e historiadores que complementavam seus estudos em seminários nos Estados Unidos. Era comum que essas pessoas visitassem o consulado, por exemplo, em Nova York¹⁶.

¹² https://video.ucdavis.edu/media/Rollie+Poppino/0_rxamduyu/25823842. Acessado em 07 de junho de 2018.

¹³ Em 1979, Robert Oppenheimer escreveu que “O Conselho Americano de grupos de estudos é uma organização cujos membros constituintes não são indivíduos, mas várias sociedades compostas de estudiosos devotados aos estudos de diferentes ramos de conhecimento das humanidades”; Do original: “The American Council of Learned Societies is an organization the constituent members of which are not individuals but various societies in turn composed of scholars devoted to the study of particular branches of learning in the humanities.” Howard Munford Jones (an autobiography). The University of Wisconsin Press, 1979, p.2.

¹⁴ LUNA, José Marcelo. **O Army Method e o desenvolvimento da Linguística Aplicada nos Estados Unidos**. Universidade do Vale do Itajaí - UNIVALI - Florianópolis - Santa Catarina / Brasil - mluna@univali.br, 2012.

¹⁵ Disponível em: https://video.ucdavis.edu/media/Rollie+Poppino/0_rxamduyu/25823842. Acesso em: 07 de junho de 2018. A entrevista foi realizada em 1999 por Wilson Smith como parte de um projeto de memória da Universidade da Califórnia, uma vez que Poppino atuou longamente como diretor de departamento.

¹⁶ Tradução nossa: “Smith: mas você conheceu historiadores nas convenções, quando eles se reuniram em Washington e em Nova York, não é? – Poppino: Sim, eu acompanhei o melhor do que estava acontecendo no meu

Foi influenciado por pesquisas sobre a América Latina que chegaram no ambiente acadêmico da Universidade de Stanford, já que a instituição começava a se destacar nesse cenário, e em grupos de pesquisa em Nova York. A maior parte dos estudos ainda se concentrava em outras áreas. Na Universidade de Columbia, por exemplo, a antropologia e os estudos de área dominavam o cenário de pesquisadores em intercâmbio e as cadeiras específicas começaram a surgir nesse contexto. Na aludida entrevista e em outras fontes, percebemos que o encontro com brasileiros em reuniões acadêmicas era uma fonte de intercâmbios e de facilitação de seu trabalho no Brasil.

Poppino produziu seu primeiro trabalho, intitulado *The Cattle Industry in San Francisco Valley – A Pecuária no Vale do São Francisco* – divulgado em revistas especializadas, como a *Mid-América*, ao lado de *The Cattle Industry in Colonial Brazil – A Pecuária no Brasil Colonial*¹⁷. A divulgação desse texto inseriu o autor entre intérpretes dos “sertões” do Brasil, em meio a colegas norte-americanos. O terreno ficou conhecido por ser trilhado pelos chamados “sertanistas”, influência que podemos ver nas citações feitas em seus textos sobre os trabalhos de Pedro Calmon e Capistrano de Abreu.

Caminhando pelas estantes da Biblioteca Reitor Macedo Costa, na Universidade Federal da Bahia, que hoje guardam parte dos materiais dos fundadores da Faculdade de Filosofia da Bahia, é possível verificar as coleções completas do que se dispunha para o leitor da época. Por ali passou Rollie Poppino na sua juventude, como professor convidado do Programa de Pesquisas Sociais do Estado da Bahia – Columbia University, principalmente no ano de 1951. Sem dúvida, o tema dos estudos sobre o interior, os sertões, a economia do gado, o comércio e as questões sobre o Brasil a ser desvendado em suas relações sociais em áreas rurais adentraram o universo de pesquisa de Poppino.

campo acadêmico e participei praticamente todo Natal, Ano Novo, indo às reuniões da Associação Americana de História, onde encontrei muitos presidentes de departamentos e (inaudível) muito bons, e conheci alguns que eram como se fossem colegas, que estavam ensinando e [ao mesmo tempo] apresentando trabalhos sobre história latino-americana e os brasileiros que eu realmente queria ouvir.”; texto original: “Smith: But you got to see historians at the conventions when they met at Washington and in New York did you? /Poppino: Yes, I kept up as well as I could with what was going on in my field in the University world and attended practically every Christmas/New Years time, going to the American historical Association conventions where I saw lots of deparment chairmen and very good (levail) (inaudible), and met sort of my counterparts who were teaching and presenting papers on Latin American history and the Brazilians who were the ones I really wanted to hear.”. Disponível em: https://video.ucdavis.edu/media/Rollie+Poppino/0_rxamduyu/25823842. Acesso em: 07 de junho de 2018.

¹⁷ POPPINO, Rollie. “The Cattle Industry in Colonial Brazil”, *Mid-America*, v. 31, n. 4, pp. 219-47, out. 1949. POPPINO, Rollie. **The cattle industry of the São Francisco Valley during the Colonial period**. Monografia, Stanford, 1949.

Segundo Richard Graham (2013), a dissertação de Poppino foi um dos textos referenciais para trabalhos de pesquisa sobre a economia de gado do período, na Bahia, e sobre o comércio, hoje estando ao lado das pesquisas de Francisco Carlos Teixeira da Silva e Kátia Mattoso. Juliana Henrique (2014) ressaltou que Poppino foi um dos primeiros a fazer estudos sobre a abrangência do comércio de alimentos e o abastecimento de carne na região. Apesar de não pretendermos apontar nenhum pioneirismo no autor, é importante salientar que a sua imersão no Brasil para pesquisa ocorreu quando ainda eram poucas os norte-americanos que vinham ao país para entender os sertões¹⁸.

A década de 1950 foi um momento de intenso intercâmbio entre intelectuais do Brasil e dos Estados Unidos. Para se fortalecer nos grupos de estudos acadêmicos, os pesquisadores procuravam montar reuniões e se agrupar nas associações, como a AHA. Esses espaços ajudavam na divulgação de seus trabalhos. Assim também, as revistas organizavam listas temáticas, atualizando os leitores e inserindo novos nomes no rol da publicidade dos títulos e garantindo prestígio para os assuntos estudados.

No Brasil, havia um aprofundamento dos estudos sobre as heranças ibéricas e a história colonial aliava as explicações sobre o passado com debates a respeito do lugar do país no desenvolvimento pós-Guerra e as expectativas sobre seu papel econômico no mundo. Essa influência mais geral do pensamento social brasileiro foi marcante nos textos de Poppino, que fez a junção entre a abordagem da economia no interior do país e a discussão sobre o Brasil “moderno”. Havia um padrão que circundava as explicações mais gerais sobre o país na época, sua formação específica, suas conexões com sua antiga colônia portuguesa, heranças, modos de produção. Por isso podemos dizer que Poppino seguiu alguns roteiros mais tradicionais e conhecidos na época sobre a história do Brasil. Tal estilo de narrativa está presente em *Brazil: The Land and People*¹⁹, já na década de 1960, livro que, inspirando-se no debate já existente sobre a superação das dificuldades da economia dita dependente, apontou características gerais da população brasileira e da sua política contemporânea. Em sua escrita, há sempre uma avaliação da situação das regiões do país no período colonial e na República. Poppino via nas narrativas sobre o desbravamento do interior do território os exemplos para mostrar um

¹⁸ Desde as expedições Rondon, organizadas com a chefia de Cândido Mariano da Silva Rondon, associado com o apoio do então presidente do Estados Unidos, Roosevelt, o sertanismo associado ao “desbravamento” do interior e ao conhecimento sobre povos e realidades, ganhou também o imaginário americano sobre o Brasil. A ideia das pesquisas no “hinterland” atraía a atenção de viajantes, antropólogos, para turismo e interesses acadêmicos.

¹⁹ POPPINO, Rollie. **Brazil: The Land and People**. Coleção Latin American Histories, Nova York, Oxford University Press, 1968; 1973.

potencial comercial do país, ou uma espécie de tendência, fosse através de setores que mobilizaram capital próprio, fosse através de investimentos externos.

Na entrevista concedida a Wilson Smith, Poppino não fez muitas referências aos processos de elaboração de suas teses, suas escolhas temáticas e diálogos com autores brasileiros; a narrativa focou nos momentos da carreira que o levaram para a Universidade de Davis, quando começou a atuar como professor de História em 1961, após conhecer alguns profissionais que buscavam um profissional na área de América Latina para os *campi* de Davis e Santa Bárbara²⁰.

A leitura de seus textos nos levou um autor próximo às ideias de autores brasileiros do período, muitos deles circunscritos ao campo conservador, mas, ao mesmo tempo, entre os que buscavam oferecer uma resposta crítica ao contexto social do período. Nos anos 1950, suas influências vieram de dentro do pensamento político brasileiro identificadas com o debate do Instituto Superior de Estudos Brasileiros (ISEB) e marcadas por posições mais ao centro²¹. Ao mesmo tempo, notam-se em seus textos, nesse caso, os artigos que serão mencionados mais adiante, as avaliações sobre a conduta dos governos brasileiros, especialmente após a Aliança Para o Progresso (1961), e as acusações de quebra de protocolos e acordos feitos com os Estados Unidos, o que o leva a dirigir críticas aos governos de Jânio Quadros e João Goulart.

Brazil: The Land and People figurou na lista de livros recebidos pelo *The Modern Language Journal*, em nome da Federação Nacional de Associações de Professores de Línguas Modernas (National Federation of Modern Language Teachers Associations), como única publicação, em 1968, com referência direta ao Brasil²². Ficou conhecido por oferecer um manual sobre os partidos e sindicatos de esquerda do período, em geral vistos como comunistas, em *International Communism in Latin America: a History of the movement 1917-1963*, de 1964. O livro foi uma das referências bibliográficas gerais da época sobre a América Latina,

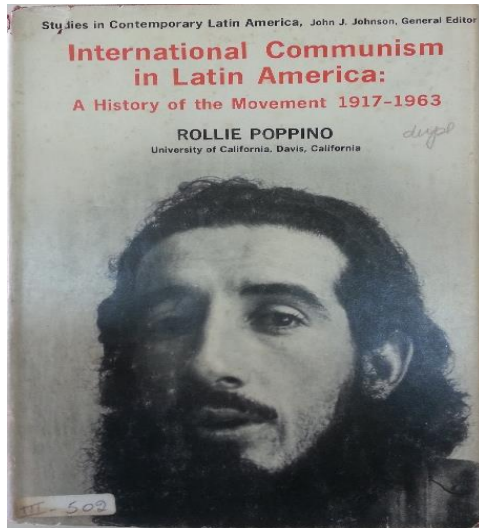
²⁰ https://video.ucdavis.edu/media/Rollie+Poppino/0_rxamduyu/25823842. Acesso em 07 de junho de 2018.

²¹ A principal referência de estudos sobre o ISEB é TOLEDO, Caio Navarro de. **Iseb: Fábrica de Ideologias**. Campinas, Editora da Unicamp, 2 ed. 1998. Sua primeira edição é de 1977 e revelou que o ISEB teria uma ampla fundamentação ideológica que se sobrepunha a sua produção científica. O debate envolve diversas pesquisas sobre autores e sobre o ISEB, tema que não aprofundaremos.

²² A revista é uma referência antiga no campo dos estudos de línguas, fundada em 1916 e expandida entre associações nos Estados Unidos. O aprendizado das línguas latinas era um caminho de inserção acadêmica, como aconteceu para Poppino. Ver noticiário bibliográfico da **The Modern Language Journal**, Vol. 52, No. 6 (Oct., 1968), pp. 396-398.

junto a autores como Robert Alexander, John Johnson, Edwin Lieuwen, Philippe Schmitter e outros, de acordo com o anuário da Universidade de Davis²³.

Figura 02 - Capa do livro *International Communism in Latin America: a history of the Movement 1917-1963*.



Fonte: Acervo do Centro de Estudos Baianos – Biblioteca Macedo Costa, UFBA.

Também produziu um trecho especialmente montado para publicação de um livro brasileiro nos Estados Unidos, onde fez avaliações da conjuntura política após o golpe de 1964 (em capítulos dedicados à tradução de *History of Modern Brazil*, de José Maria Bello (1966)).

Rollie Poppino havia sido orientado por J. J. Johnson. Na época, o professor já visitava algumas capitais brasileiras, em busca de realização de seus estudos. J. J. Johnson veio ao país em 1949.

O Dr. John Johnson, professor assistente de História da América Latina na Universidade de Stanford na Califórnia se encontra agora no Rio de Janeiro estudando a história do sistema de transportes, concentrando-se na época do império. Espera ele permanecer no Brasil até setembro, passando parte deste tempo viajando pelo país de modo a fazer investigação pessoalmente²⁴.

Em sua segunda visita ao país, Johnson declarou que sua tarefa no Brasil não era ensinar, mas aprender e colher materiais para suas pesquisas nos Estados Unidos, o que parecia ser um

²³ DAVIS, Robert H; RAYFIELD, Jo Ann. *Anuário de Estudos Americanos*. Jan 1, 1967; 24, ProQuest p. 1933. Universidade da Califórnia, Campus de Davis, Acervo da Biblioteca. O arquivo foi gentilmente consultado e disponibilizado pelo estudante de doutorado Alberto Silva, a quem faço agradecimentos no início da tese.

²⁴ Professor norte-americano estuda uma época da história do Brasil. *Dyario de Pernambuco*, p. 6. Recife, Pernambuco, Brasil, N113, Ano 124. Acervo da Hemeroteca da Biblioteca Nacional.

objetivo comum entre esses pesquisadores. As pesquisas ofereciam contrapartida para as políticas de Estado ou financiadores particulares²⁵. Pesquisadores como Johnson são considerados pioneiros, uma vez que o crescimento dos acordos bilaterais para o trabalho acadêmico só se tornou concreto a partir da segunda metade dos anos 1950 (ALMEIDA, 2002, 52-53). Geralmente vinham ao país por conta própria ou por bolsas oferecidas por agências privadas. Mas não só por esse motivo, essas pessoas coletavam dados e instigavam metodologias que influenciaram toda uma geração de pesquisadores.

A Universidade de Stanford ganhava destaque nos estudos latino-americanistas. Entre 29 e 30 de maio de 1950, a Universidade sinalizou com um pedido de cadeiras a serem reservadas para uma reunião feita pelo Social Science Research Committee e o American Council for Learned Societies, sendo que ambos indicaram as demandas temáticas para discussão sobre o Brasil²⁶.

O movimento de latino-americanistas no Brasil não era necessariamente intenso, mas aqueles que se dedicavam a tal trabalho eram reconhecidos nacionalmente. Outros nomes podem ser lembrados. Registramos diversas passagens de pesquisadores no Brasil, como as de Percy Alvin Martin (1879-1942), da Universidade da Califórnia, noticiadas em jornais, como *A Tarde*.

Em 1937, quando o federalismo, tema de estudos de Martin, interessava aos baianos autonomistas, ele foi apresentado como “grande e modesto apaixonado das nossas coisas, conhecedor de dezenas de autores de centenas de livros brasileiros, o professor P. A. Martin, chefe do Departamento de Stanford, tem feito longos e interessantes estudos sobre assuntos sul-americanos, em especial do Brasil”²⁷. Martin escreveu “A consolidação da independência do Brasil” e era associado aos trabalhos de Vitor Nunes Leal (1914-198) para os estudos do coronelismo. Martin e Pedro Calmon (1902-198), no Brasil, eram próximos em estudos de referência sobre o Brasil na Califórnia²⁸.

²⁵ “Minha tarefa no Brasil não é a de ensinar. Aqui estou para aprender e colher ensinamentos que me possam ser úteis, quando de minha volta aos Estados Unidos”. (id., ibid.). Essa notícia circulou em vários periódicos, como correspondentes da nota recebida pela USIS. Id, ibid.

²⁶ O Brasil na Universidade de Stanford. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, Edição 17427, Sábado, 7 de janeiro de 1950, p.14. Acervo da Hemeroteca da Biblioteca Nacional.

²⁷ *A Tarde*, Salvador, 2 de junho de 1937, p 3. Biblioteca Pública do Estado da Bahia.

²⁸ CALMON, Pedro. Uma livraria em Stanford. **A Tarde**, Salvador, 1 de julho de 1941, p3. Como também escreveu o texto “O professor Martin”. **A Tarde**, Salvador, 16 de abril de 1942, p 3. Biblioteca Pública do estado da Bahia. Ali se referiu a Martin como alguém a quem o Ministro Osvaldo Aranha “tinha o maior apreço”, quando doou os livros sobre o Brasil para a Biblioteca Nacional.

Na Bahia, as atividades de um pré-brasilianismo eram consideráveis. As pesquisas de campo, feitas por estudantes norte-americanos, já ocorriam, como quando chegaram em Salvador, em 1944, um grupo de investigadores, com Ronald Hilton (1911-2007), outra figura de proeminente debate sobre o Brasil, realizando um trabalho sobre “personalidades latino-americanas”. Ronald Hilton era sucessor de Martin na escrita dos volumes sobre personalidades latino-americanas, totalizando sete. A visita de Hilton finalmente trouxe a inserção do Brasil na coletânea²⁹.

Os investimentos da Universidade Stanford em trabalhos de campo na América do Sul também beneficiaram o pesquisador Rolland Rogers, que veio ao país para estudar rios brasileiros, durante dez meses, e a influência dos recursos naturais no “desenvolvimento” da região³⁰. Essas viagens dos estudantes de Stanford consolidavam parcerias e esforços para a manutenção do intercâmbio. Uma biblioteca especializada já havia sido instalada na instituição e John Johnson também realizou, no mesmo ano de sua viagem, uma palestra intitulada *Some Factors in Dictatorship in South America*, na União Cultural Brasil-Estados Unidos³¹ e outra palestra *The Foreign Factor in dictatorship in Latin America*, no Clube de Relações Internacionais³².

A recepção dos norte-americanos, na Bahia, foi feita de modo a aproximá-los mais de objetivos práticos. Os acadêmicos baianos que se envolveram com o PPSEBa projetaram um diálogo direto com os métodos de trabalho vindos de Stanford, construindo pesquisas latino-americanistas engajadas, trazendo-os para seus próprios interesses acadêmicos. A produção de Poppino sobre Feira de Santana, em seu doutorado, foi uma pesquisa com objetivo claro: seu texto recebeu tarefas na Secretaria de Educação e Saúde do governo da Bahia, ao escrever sobre

²⁹ WALSH, Donald. Who's Who in Latin America by Ronald Hilton, **Hispania**, Vol. 34, No. 2 (May, 1951), p. 224. <http://www.jstor.org/stable/333593>. Acesso em 07 de maio de 2018. Importante salientar que Hilton era britânico.

³⁰ “Agrada a nós outros e de certo modo acaricia nossa vaidade o saber que uma Universidade norte-americana se interesse pelas cousas do Brasil, seus monumentos históricos, suas igrejas e seus rios. Que mantenha uma biblioteca de livros brasileiros, um curso extensivo de língua portuguesa e procure desenvolver entre professores e alunos cambio de opiniões e impressões do Brasil - da geografia, do homem e do clima do Brasil.”. O Bolsista Rolland Rogers. **Diário de Pernambuco**, Recife, Edição 292, p.6. 20 de Dezembro de 1949. Acervo da hemeroteca da Biblioteca Nacional. No mesmo texto, Percy Martin e John J. Johnson, em visita de simpatia e boa vizinhança, figuraram como vínculos acadêmicos importantes entre Brasil e Estados Unidos, através da Universidade de Stanford.

³¹ CONFERÊNCIAS. **Correio Paulistano**, São Paulo, 6 de Agosto de 1949, Edição 28630, p. 10, ano XCVI. Acervo da Hemeroteca da Biblioteca Nacional. O latino-americanista, inclusive, recebeu um coquetel em sua homenagem. Acervo da Hemeroteca da Biblioteca Nacional.

³² Vida cultural. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, 7 de julho de 1949, edição 17271, p.16, no XLIX. Acervo da Hemeroteca da Biblioteca Nacional.

um município escolhido dentro do projeto para representar a realidade sertaneja no conjunto dos estudos ali realizados, Feira de Santana. Esse grupo com o qual se envolveu, em 1950, deu continuidade aos propósitos de pesquisa, com a publicação da tradução da tese original, em 1968, com o título *Feira de Santana*.

O restante de seus trabalhos pode ser encontrado em artigos publicados principalmente na revista *Current History* – um periódico voltado para a História Contemporânea e as Relações Internacionais – e na *Hispanic American Historical Review*, tradicional instrumento divulgador das pesquisas na área de América Latina nos Estados Unidos.

Rollie Poppino sucedeu a Joseph R. Barager (1914-2010), engajado com pesquisas sobre a Argentina e o peronismo, na coordenação da revista da AHA (American Historical Association), e foi responsável pelo levantamento de uma lista bibliográfica sobre a América Latina nas indicações sobre recentes publicações. Como portador de notícias dessa natureza, Poppino difundiu, juntamente com seus colegas, os conhecimentos sobre o Brasil e a América Latina. Na *Current*, os artigos foram escritos especificamente para tratar da ditadura no Brasil, entendida por Poppino como um regime de transição, como abordaremos mais adiante³³.

As tarefas de carreira o colocaram em duas balizas importantes. Ao mesmo tempo em que escreveu sobre o passado colonial português e seu empreendimento comercial, de modo comparativo com a história norte-americana e a hispano-América, foi ensaísta a respeito da economia brasileira no pós-guerra. Atuou como divulgador de publicações sobre o Brasil nos Estados Unidos e ajudou com reflexões a respeito do tema do desenvolvimento do território de antigas colônias no continente, que se tornaram importantes economias independentes no pós-guerra e mercados de grande influência para os Estados Unidos.

Sustentado pelo ambiente ideológico da Guerra Fria e pelas facilidades de fornecimento de bolsas para estudo no exterior³⁴, Poppino foi um dos estudantes de doutorado que encontrou,

³³ **The American Historical Review**, Vol. 60, No. 4 (Jul., 1955), pp. 1024-1036; POPPINO, Rollie E. *Imbalance in Brazil*. **Current History**. February, 1963.; POPPINO, Rollie. The Early Cold War Period. **Current History**, 56(334), 340.; 1969; POPPINO, R. Brazil's Third Government of the Revolution. **Current History**, 60(354), 102., 1971.; POPPINO, R. Brazil: Second Phase of the Revolution. **Current History**, 56(329), 1969; POPPINO, R. Brazil: New Model for National Development? **Current History**, 62(366), 65., 1972 POPPINO, R. Brazil after a decade of revolution. **Current History**, 66(389), 1., 1974, POPPINO, R. Imbalance in Brazil. **Current History**, 44(258), 100.1963; disponíveis para acesso na biblioteca da Universidade da Califórnia, em Davis.

³⁴ Recebeu bolsa da SSRC – “Os comitês conjuntos da ACLS e da SSRC concederam as seguintes bolsas de especialização a historiadores: Bolsa para Estudos Asiáticos – Ainslie T. Embree, Walter Hauser e David R. Sturtevant. Bolsas para Estudos Latino-americanos para Louis E. Bumgartner, Benjamin Keen, Frederik B. Pike, Rollie Poppino e Alfred J. Tapson. Subsídios para pesquisas no Oriente próximo e no Médio Oriente para John B. Kelly, Helen Anne B. Rivlin, Hisham B. Sharabi e John L. Teall. Subsídios para estudos eslavos e do Oeste europeu

no início dos anos 1950, recepção no Brasil para tratar dos seus interesses de pesquisa, à medida que também respondeu a questões daqueles que o convocavam. Isso se deu, por exemplo, com intelectuais da Faculdade da Bahia, interessados em reafirmar sua posição política e econômica na federação, bem como em criar facilidades para o crescimento acadêmico no estado, além de oferecer argumentos interpretativos para o “desenvolvimento” econômico que pautavam³⁵.

É sabido que “O Brasil conheceu em 1945 os produtos mais típicos da guerra contra o nazi-fascismo nas sociedades ocidentais: a luta pela democratização dos regimes autoritários e a luta pela reforma social nos países liberais”. (MOURA, 1990, p.16). Durante o governo Eurico Gaspar Dutra (1946-1951), o alinhamento à política externa norte-americana tornou-se o próprio objetivo do governo, ao invés de uma estratégia, como no caso anterior da política externa de Getúlio Vargas, já que Dutra colocou o Ministério das Relações Exteriores no centro das ações estratégicas. Através de colaborações militares e econômicas, a exemplo da Missão Abbink³⁶, no contexto do governo Harry Truman (1945-1951), instituiu-se uma cooperação entre o Brasil e os Estados Unidos, que se afirmou, mais do que como estratégia política, acima de tudo, como ação moral. Apesar de uma queda nos recursos da Divisão de Cultura do Ministério das Relações Exteriores, as locuções políticas e a linguagem do americanismo ganharam a cena brasileira. Isso ocorreu porque as atenções dos Estados Unidos voltaram-se para a recuperação da economia europeia após o final da Segunda Guerra, e as ações com a América Latina foram bastante pontuais.

Muitos intelectuais brasileiros, que já possuíam um diálogo forte com universidades norte-americanas, reforçaram as mobilizações para se aproximarem das academias e fortalecer

para Oswald P. Backus, George Barany, Samuel H. Baron, John S. Curtiss, Leopold Haimson, Albert J. Schmidt e Edward C. Thaden” (tradução do google). Do original: “Joint Committees of the ACLS and the SSRC have awarded the following specialized grants to historians: Grants for Asian Studies-Ainslie T. Embree, Walter Hauser, and David R. Sturtevant. Grants for Latin American Studies- Louis E. Bumgartner, Benjamin Keen, Fredrick B. Pike, Rollie E. Poppino, and Alfred J. Tapson. Grants for Research on the Near and Middle East-John B. Kelly, Helen Anne B. Rivlin, Hisham B. Sharabi, and John L. Teall. Grants for Slavic and East European Studies-Oswald P. Backus, George Barany, Samuel H. Baron, John S. Curtiss, Leopold Haimson, Albert J. Schmidt, and Edward C. Thaden.” **The American Historical Review**, Vol. 68, No. 4 (Jul., 1963), pp. 1204-1216, p.1208. disponível em <https://www.jstor.org/stable/i304992> acesso em 24 de maio de 2018. Nesse grupo, foi o único especialista em estudos sobre o Brasil.

³⁵ Ver Paulo Santos Silva (2000). Alguns elementos institucionais marcaram esse lugar, como a Faculdade de Direito, a Academia de Letras e o Instituto Geográfico e Histórico da Bahia (SILVA, 2000). Discutiremos no capítulo II.

³⁶ Foi o modo como ficou conhecida a missão organizada pela Comissão Brasileiro-Americana de Estudos Econômicos, em 1948. Seu trabalho resultou em relatórios e encaminhou debates internos sobre os setores dinâmicos da economia brasileira, envolvendo, em Salvador, o médico Thales de Azevedo, Luis Vianna (1908-1990) que se envolviam com decisões do governo da Bahia e se mantinham em contato com os grupos de empresários da região. Em trecho específico, discutiremos como esses sujeitos envolveram-se com o tema, discordando de versões sobre a industrialização do estado e buscando empreender a associação da economia considerada tradicional com as suas potencialidades para a produção associada com o capital estrangeiro.

os estudos sobre o Brasil nos Estados Unidos. Essas pessoas estavam em importantes instituições, como o Ministério da Educação e da Cultura e em fundações voltadas para pesquisa e articuladas com as experiências de trocas culturais, promovidas tanto pelos Estados Unidos, como pelo Brasil. Aquele foi um momento de investimento da política externa norte-americana no trato *people-to-people*, em prol da conquista de corações e mentes (“winning hearts and minds”), como afirmaram os seus próprios agentes nas relações diplomáticas³⁷.

Ao longo dos contatos que Rollie Poppino estabeleceu com o Brasil, ocorreram altos e baixos dos investimentos nessas políticas, mas Poppino soube aproveitar os momentos certos e se construir como pesquisador do Brasil, legitimado intelectual e politicamente dentro da função que ocupou, nos dois países.

Poppino chegou a escrever diretamente a Sérgio Buarque de Holanda para convidá-lo a ocupar uma das cadeiras reservadas para os estudos sobre o Brasil na Califórnia, quando Buarque de Holanda esteve no estado para realização de seus estudos. Já programado para gozo de licença sabática, Poppino visualizava estar novamente no Brasil entre 1967 e 1968 e pretendia fazer uma troca com o brasileiro: Sérgio Buarque de Holanda ocuparia sua cadeira no ensino em Davis, enquanto Poppino atuaria em arquivos no Brasil. Na carta, transparece muito mais uma admiração de Poppino pelos trabalhos de Sérgio Buarque de Holanda, que, na verdade, retornou ao Brasil logo após a reunião da Associação Americana de História, em Nova York, onde provavelmente os dois se encontraram³⁸.

³⁷ Sobre a política de conquista de “corações e mentes” ver HUGHES, John. The Message is liberty. In: KIEHL, William. **America’s Dialogue with the world**. Washington DC, Public Diplomacy Council, George Washington, 2006, p. 10. Para o autor, o projeto teria ido além do término da *United States Information Agency* (USIA), em 1999, com uma guerra ideológica empreendida pelo governo Bush contra o islamismo, quando dos grandes debates sobre o papel da mulher na sociedade islâmica. Os autores dessa coletânea escreveram depois do atentado do 11 de setembro. Tais políticas obtiveram sucesso, segundo Michael Mandebaum, devido ao impacto das ações para o povo norte-americano em suas observações consensuais sobre os Estados Unidos como governo de liderança mundial. MANDEBAUM, Michael. The indispensable and unappreciated global role of the United States. In: KIEHL, William. **America’s Dialogue with the world**. Washington DC, Public Diplomacy Council, George Washington, 2006.

³⁸ “Já faz tempo que eu desejo agradecer-lhe e enviar-lhe boas-vindas no seu retorno aos Estados Unidos. Lamento que você não esteja na Costa Oeste, mas essa situação talvez possa ser reparada. Embora não esteja autorizado a lhe fazer um convite formal para visitar a Universidade da Califórnia, tenho certeza de que ele possa ser providenciado caso sua programação permita. Matenha-me informado caso esta ideia lhe seja atrativa. A despeito deste assunto, estou procurando alguém que me substitua neste campus durante o ano acadêmico de 1967-1968. Durante este período, eu estarei de licença sabática, espero que no Brasil, trabalhando sobre a Era Vargas. Se for possível para você permanecer por todo este tempo neste país, ficarei satisfeito em solicitar o seu convite ao departamento de história para este ano no campus. O posto e o salário, naturalmente, seriam apropriados a sua reputação. A Universidade da Califórnia funciona atualmente com o sistema de trimestre, o que significa que as classes são ofertadas desde o final de setembro até 10 de junho. Imagino que a Universidade não poderá fornecer o transporte de ida e volta para o Brasil. Espero que você possa considerar ambas as possibilidades. Em todo caso, aguardarei por revê-lo na reunião da Associação Americana de História, no final de Dezembro, em Nova York.” (tradução nossa) Do original: “I have been intending for some time to send you greetings and my personal welcome

Poppino era um frequentador conhecido das reuniões da AHA. Seu nome ganhou destaque em 1957, ano em que participou do encontro ocorrido em Nova York, proferindo palestra na mesa “Depressão, Guerra e processos políticos, 1929-1945”, onde dividiu o espaço com Thomas McGann (1920-1982), pela Universidade de Harvard, que tratou sobre a Argentina. Poppino ficou responsável por falar sobre o Brasil, representando naquele ambiente não uma universidade, mas o próprio Departamento de Estado³⁹. Columbia foi a grande receptora da reunião, que ocorreu no Hotel Statler e contou com quase 2.450 pessoas. Naquele encontro,

Poppino analisou as rápidas mudanças ocorridas no Brasil, interpretando-as como um novo equilíbrio de poder econômico. O período foi marcado por emergência de novas forças sociais, crescimento da população e a expansão fenomenal das cidades, entendidas por Poppino como uma realidade cujo “velho sistema político não estava preparado para lidar”. (tradução nossa)⁴⁰.

Os pesquisadores que fizeram a exposição na mesa tiveram como tarefa estabelecer comparações entre os processos ocorridos no Brasil e na Argentina, no contexto entre guerras. O objetivo era pensar as possibilidades democráticas e de crescimento industrial para a América Latina, considerada reduto de regimes “personalistas”, ao sabor das discussões do pós-Guerra.

O autor seguiu uma tradição de análises e ensaios sobre a política na América Latina do pós-Guerra e da Guerra Fria. Ao defender os ideais contrários ao autoritarismo, essa muitas vezes era aceita como forma de embate com o comunismo, ou reconhecidos como via de

back to the United States. I regret only that you are on the wrong side of the continent, but perhaps that situation can be remedied. Although I am not authorized to extend you a formal invitation to visit the University of Califórnia, I feel certain that such an invitation could be arranged if your schedule permits. Please, let me know if the idea appeals to you. On a related matter I am now searsharing for someone to replace me on this campus during the academic year 1967-68. I shall be on sabbatical leave at the time, hopefully in Brazil working on the Vargas era. The rank and salary, would, of course, be appropriate to your well-earned reputation. The University of California now operates on the quarter system, which means that classes are offered from late September until about June 10. I suspect that the University would be unable to provide transportation to and from Brazil. I hope that you will be able to consider both of these possibilities” (continua) (Carta em inglês de Rollie E. Poppino, da Universidade da Califórnia a SBH convidando-o informalmente a visitar aquela Universidade e tratando de assuntos de caráter pessoal e profissional. Davis, 03 out.1966. Rollie. 1p. - Cp 279 P10. Biblioteca Central da Unicamp, Arquivo Sérgio Buarque de Holanda).

³⁹ **The American Historical Review**, Vol. 63, No. 3 (Apr., 1958), pp. 805-860, Oxford University Press on behalf of the American Historical Association. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/1848940>. Acesso em: 29 mar. 2016. Alguns relatórios e programas podem ser encontrados no site da associação e em outras podemos ver listas de associados e presença em mesas de debate. Neste caso, a revista da AHA é mais rica em detalhes. Ver: <https://www.historians.org/annual-meeting/past-meetings-archive>.

⁴⁰ Do original: “Poppino emphasized rapid shift in the economic balance of power, emergence of new social forces, growing population, and phenomenal expansion of cities as influences that the old political systems was not equipped to handle” The New York Meeting, 1957. *The American Historical Review*, Vol. 63, No. 3 (Apr., 1958), pp. 805-860, Oxford University Press. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/1848940>. Acesso em 24 de maio de 2018, p.814.

desenvolvimento, a fim de se superar o “atraso” político e econômico na América Latina. Os analistas confirmavam com entusiasmo o crescimento institucional dos partidos comunistas no campo eleitoral, o que esvaziava as lutas “revolucionárias”, buscando aceitar construir uma discussão sobre a atuação da esquerda na legalidade do enfrentamento político democrático, entendido como sendo um caminho muito melhor do que a ascensão de possíveis “ditadores”. A partir desse parâmetro, Argentina e Brasil foram considerados pelos Estados Unidos os dois mais importantes países latino-americanos. O crescimento da participação política, as eleições e as decisões do Estado sobre a economia interessavam ao debate sobre a “modernização” política da região e ambos eram tratados como objeto chave de debate sobre a democracia no pós-Guerra, ainda mais por conta do crescimento político de Juan Domingo Peron e Getúlio Vargas.

A escrita e a abordagem dos historiadores norte-americanos deixaram marcas nas historiografias nacionais do continente, por serem materiais de síntese e terminam por demarcar gerações da historiografia latino-americanista. Durante os anos iniciais da Guerra Fria, o intuito inicial parecia ser apenas o de promover estudos que contribuíssem com o leitor acadêmico norte-americano e com o conhecimento sobre as situações políticas que poderiam indicar possíveis tensões naqueles países. Porém, enquanto as produções internas de cada um desses países ainda amadureciam reflexões sobre seus próprios sistemas políticos, a visão da historiografia norte-americana firmou um espaço.

Houve, nessa conjuntura, uma abertura importante para a realização dos trabalhos de campo no Brasil. Aqui consideramos a grande influência de figuras como John J. Johnson para entender tais circuitos. Johnson escolheu a carreira de pesquisa em História da América Latina após detectar um “profundo desconhecimento da área, sua população e suas instituições”⁴¹. Para ele, no fundo, essas pesquisas encarnavam a política da “Boa Vizinhança” reforçada no período em que passou a trabalhar na Universidade de Stanford, em 1946⁴². Na sua carreira, foi editor dedicado às publicações sobre modernização política na América Latina, selando os livros

⁴¹ CHANG, Gordon H; CAMARILLO, Albert. Memorial resolution John J. Johnson (1912-2004). Johnson teria declarado: “A curiosidade nasceu de uma profunda ignorância na área, sobre sua gente e suas instituições, o que se tornou um fator decisivo. Ao mesmo tempo eu pensava saber algo e respeitava muito os índios por ter vivido entre eles... mas provavelmente, o fator mais importante foi a Política da Boa Vizinhança que parecia trazer novos ares para as relações no hemisfério e para os interesses acadêmicos na região. (tradução nossa). Do original: “Curiosity born of a profound ignorance of the area, its people, and its institutions was admittedly a factor in my decision. But I also thought that I Knew something about and had respect for Indians from having lived among them...But probably the most important factor... was the Good Neighbor Policy seemed to portend well for hemispheric relations and thus for increased academic and official interest in the region [...]”. Disponível em <https://news.stanford.edu/news/2007/july11/memljohn-071107.html>. Acesso em 24 de maio de 2018.

⁴² Id., Ibid.

Political Change in Latin America: The Emergence of The Middle Sectors, pela editora da Universidade de Stanford, em 1958; *The Role of The Military in Underdeveloped Countries*, pela editora da Universidade de Princeton, em 1962; *Continuity and Change in Latin America*, também pela Stanford, em 1964, para citar os textos do período. Posteriormente, continuou a produzir pesquisa sobre a Venezuela, o Equador e o Chile, bem como a orientar trabalhos sobre o Brasil e a América Latina. Johnson foi também diretor da American Historical Association e presidente da Latin American Studies Association⁴³.

Não é só por esse motivo que consideramos o orientador de Poppino como peça que une algumas relações importantes entre brasilianistas e brasileiros. Suas interpretações reverberaram na historiografia brasileira e repercutiram no próprio modo como passamos a enxergar a atuação dos norte-americanos entre os historiadores que escreveram sobre o Brasil no contexto da ditadura. No Brasil, a sua análise foi apontada dentre as que teriam justificativas para decisões dos grupos de poder na ditadura brasileira pós 1964. (MEIHY, 1990, p. 39).

Então verificamos que seria de utilidade metodológica demarcar o papel de liderança acadêmica de Johnson, tendo em vista sua possível influência na carreira de Poppino considerando: 1) ser ele alguém que escolhia publicações e análises que circulavam entre especialistas no tema; 2) seu protagonismo na delimitação do campo temático sobre a política na América Latina.

Apesar disso, foi o próprio Rollie Poppino quem escolheu seus caminhos. Poppino veio ao Brasil com Louis Lamberson, sua esposa, também formada em Stanford, para reunir material para a sua tese⁴⁴, quando fortaleceu laços com intelectuais baianos vinculados com a Faculdade de Filosofia e com o PPSEBa, o que lhe garantiu apoio para voltar mais tarde ao Brasil. As instituições privadas que deram suporte para a sua vinda foram a Doherty Foundation (Henry L. and Grace Doherty Charitable Foundation) e o Viking Fund. Depois disso, foi recrutado para serviço no Departamento de Estado e mudou-se para Washington, D. C., até quando passou a

⁴³ Ainda sobre a HAHR, ver AVILA, Artur Lima de. Um lugar para a América Hispânica na historiografia norte-americana: a fundação da Hispanic American Historical Review e as políticas da História. **Revista História e Historiografia**. Ouro Preto n. 17, abril 2015, p. 50-68. O autor mostrou como a revista foi montada em um momento no qual o contexto político lhe ofereceu legitimidade e credibilidade por ser a primeira a tratar dos assuntos referentes a América Hispânica. Tal conclusão já é derivado do debate de Mark Berger, no livro *Under the Northern Eyes*, no qual as consolidações de profissões de análise sobre a América Latina acompanhavam as políticas dos governos norte-americanos.

⁴⁴ “Their union lasted until her death in 2009. Within weeks of the wedding, the couple left by freighter for the state of Bahia in Brazil, where Rollie gathered material for his doctoral dissertation”. Disponível em: <http://www.davisenterprise.com/Archived-Stories-0/rollie-e-poppino/>. Acesso em 29 de março de 2016.

atuar posteriormente em Davis, Califórnia, como professor do Departamento de História, passando 30 anos na Costa Oeste⁴⁵.

Como intérprete do Brasil, junto aos *think tanks*⁴⁶, sua trajetória foi construída na fronteira entre uma rede de solidariedades acadêmicas, tencionada, de um lado, pela expansão da atividade intelectual imperialista norte-americana no pós-guerra, e, de outro, pelo emergente campo das ciências sociais no Brasil.

Um dos poucos trabalhos conhecidos no Brasil foi o livro *Brazil: The Land and People*. No texto, o país foi representado como o país “do futuro”, expressão utilizada por Vianna Moog (1906-1988) em “Bandeirantes e pioneiros: paralelo entre duas culturas”, referência para Poppino. Ao escrever a segunda edição do livro, Poppino e os editores incluíram mais dois capítulos, intitulados *The Industrial Revolution* e *The New Society*, com atualizações de tabelas e bibliografias. Durante o intervalo entre as duas edições, entre 1968 e 1973, o autor foi exposto a cobranças sobre sua posição com relação à ditadura e suas conclusões o tornaram mais conhecido no país, por terem sido divulgadas na imprensa, na UNB e em cursos que ofereceu no país.

Poppino procurou descrever as situações que colocavam o Brasil longe de outros grandes países, pelas suas dívidas sociais e revelou uma crença em melhorias a serem feitas pela ditadura. Segundo ele,

Assim, enquanto o clamor por uma vida social melhor se tornou crescente, foi cada vez mais difícil para o indivíduo realizar esse desejo pessoal por uma ascensão, como também para o governo garantir as aspirações por “justiça social”. Essa dicotomia foi o coração da política da revolução de 1964 e tem sido mantida como preocupação fundamental dos governos no Brasil desde então. (POPPINO, 1973, p.16 – tradução nossa)⁴⁷.

⁴⁵ “The social, political and economic history of Brazil would remain his principal interest throughout his professional life. After he received his doctorate in Latin American history in 1953, Rollie and Louis moved their new family, now including two children, to Washington, D.C., where he took a job with the U.S. State Department as a Latin American intelligence analyst. Gradually, however, he realized that his heart was in teaching and research, so he set about looking for a university position. In 1961, UC Davis hired him to teach Latin American history. So he and Lois returned to the West Coast, now with three kids. Rollie remained at UCD for 30 years, serving as chairman of the history department for much of that time”. Disponível em: <http://www.davisenterprise.com/Archived-Stories-0/rollie-e-poppino/>. Acesso em 24 de março de 2019.

⁴⁶ Os “*think tanks*” – usina de ideias – apesar de exercer diversas funções, segundo Tatiana Teixeira (2007), são campos de atuação para intelectuais que participam de espaços de poder institucionais, tais quais o próprio Departamento de Estado e suas agências de consultoria para posicionamento internacional, promovendo análises e fundamentando visões ideológicas para promover as decisões governamentais. Seus posicionamentos foram disputados entre setores conservadores e setores mais progressistas, de acordo com Perry Anderson (2015).

⁴⁷ Do original: Thus, while the clamor for a better life was becoming more strident, it was increasingly difficult for the individual to satisfy his personal desire for a higher living standard and for the government to satisfy mounting popular aspirations for “social justice”. This dichotomy was at the heart of the political revolution of

Produzido pela Oxford Press, esse livro compôs uma coleção sobre História da América Latina coordenada por James R. Scobie, que escreveu *A City and a Nation*, e o livro foi seguido da publicação de *The Struggle for Modernity*, de Charles C. Cumberland. A principal influência de Poppino, do ponto de vista da leitura sobre a política externa do período, está no modo como ele recuperou a história colonial para diferenciar o Brasil de outras nações. O compromisso com a colonização das terras e de uma esfera produtiva na qual os colonizadores se estabilizaram nas regiões invadidas, em contraste com a conquista de ouro pela coroa castelhana, logo no século XVI, teriam mostrado uma capacidade de adaptação e desdobramentos inesperados e promissores para a colônia lusa. Isso, do seu ponto de vista, se desdobra em questões sociais, no engrandecimento da unificação do território após a independência e na formação de um país considerado próspero e grandioso. Mostrando os grandes contrastes regionais e as desigualdades sociais, Poppino esperava da parte dos governos as soluções para os problemas sociais por ele apresentados e avaliava o modo como cada gestão do executivo conseguiu ou não. A grandiosidade do país não se refletiria em seus problemas e carências. Em todo o texto, Poppino coloca em oposição a abundância de seus recursos frente aos atrasos de sua administração e ao sistema político. Somado a esse fator, o autor ofereceu uma grande credibilidade ao potencial do povo brasileiro em superar as dificuldades com otimismo, o que o leva para as reflexões no terreno da negação dos conflitos de raça. Segundo Poppino:

O povo brasileiro e sua tolerância com o outro talvez seja a grande marca do Brasil atual. Embora a fusão cultural e a miscigenação não seja uma exclusividade brasileira, a mistura peculiar entre linhagens africanas e portuguesas, unidas a misturas com o sangue e os costumes de outros europeus, indígenas, levantines e orientais produziu um espectro cultural sem igual no mundo. A escravidão negra, que jamais foi uma instituição generosa, sobreviveu no país até 1888, mas os descendentes de escravos já são aceitos atualmente pela sua experiência de sucesso da harmonia racial que lhes permite romper com abismos existentes no mundo dividido por raça e cor. (POPPINO, 1973, p.5 - tradução nossa)⁴⁸.

1964 and has remained a prime concern of the administrations in power in Brazil since that time. (POPPINO, 1973, p.16).

⁴⁸ Do original: “These people, and their tolerance for each other, are perhaps the chief distinction of Brazil today. Although cultural fusion and miscigenation are not unique to Brazil, the peculiar blend of African and Portuguese strains, with admixtures of other european, Indian, Levantine, and Oriental blood and custos, has produced an ethno-cultural spectrum unlike that of any other coutry. Negro slavery, never a gentle institution, survived in Brazil until 1888, yet the descendants of slaves are now accepted by their successful experience with racial harmony may permit them to bridge some of the chasms ins a world divided by race and color”. (POPPINO, 1973, p.5).

Todo o livro revelou um conjunto descritivo que aparenta certa neutralidade explicativa, no estilo dos ensaios interpretativos que influenciaram o autor, além da propaganda de um modelo de entendimento sobre o que seria o Brasil, nos Estados Unidos. Muito presente no terreno de uma opinião pública e de um desconhecimento geral sobre o Brasil, Poppino revelou uma série de fantasias sobre o país, uma imagem de prosperidade e, ao mesmo tempo, carregado emblemas de atraso e problemas.

Esse estilo está muito presente também na forma como Poppino escreveu sobre a Bahia. Porém, diferente de *Brazil: The Land and People*, sua tese, sobre Feira de Santana é muito mais objetiva. Vários elementos paradisíacos e otimistas sobre o Brasil só foram revelados pelo autor na segunda edição do livro *Brazil...* Ainda assim, podemos dizer que há uma grande influência da Bahia na sua escrita e nas suas escolhas. Além disso, são notáveis as ilustrações dos artistas Caribé e Poty, encopmendadas para o texto, em um universo representativo sobre “o povo” brasileiro e os ciclos econômicos a partir dos quais discutiu a economia⁴⁹. As coletas de materiais na Bahia também sustentaram empiricamente as argumentações de sua obra. Outra característica que pode facilmente ser observada é a falta de demonstração de debate de metodologia de pesquisa, comum nesse tipo de ensaio.

No prefácio à primeira edição de *Brazil: The Land and People*, Poppino encontrou no “crescente interesse nos estudos sobre o Brasil nos Estados Unidos” (POPPINO, 1968, prefácio) a justificativa para a necessidade de organização de um material mais coeso e em modelo ensaísta, próximo ao dos intelectuais brasileiros de seu tempo, como Sérgio Buarque de Holanda, porém, calcado em debate sobre a história política, segundo ele, e amparada em novos métodos. De todo modo, sua narrativa seguiu o estilo ensaístico brasileiro, valorizando sínteses e sem preocupação com citações da bibliografia de referência. Vale ressaltar que esse modo de escrita foi criticado por colegas norte-americanos.

Brazil: The Land and People foi, em grande medida, uma análise do tempo presente, com iniciativas de interpretação sobre o Brasil colonial, o império, suas instituições, fatores de crescimento econômico, enraizamento republicano e comportamentos políticos e sociais que teriam gerado perdas no seu “avanço” natural, no curso indicativo do possível progresso nacional brasileiro. Traçado desde os desbravamentos de “bandeirantes” ou nas entradas ao

⁴⁹ Caribé, Hector Júlio Páride de Barnabé (1911-1997), e Poty Lazarotto (1924-1998) fizeram parte de um movimento artístico na Bahia, nos anos 1950, quando também o Governo de Otávio Mangabeira investiu na confecção de painéis no Hotel da Bahia e em prédios de novas escolas. Ver CARYBÉ. **As sete portas da Bahia**. 4 ed. Rio de Janeiro, Record, 1976.

sertão por vaqueiros e investidores, o espírito aventureiro e heróico do português foi exaltado pelo autor e foi tratado como elemento que foi subsumido no Brasil contemporâneo, frente às “mazelas” legadas pela sociedade colonial. Era um modo poppiniano de apontar para a chamada “questão social”.

Até aquele momento, os ensaios gerais sobre o Brasil, em inglês, eram relativamente escassos e o campo foi demarcado pela antropologia, sociologia, ciência política (mais recentemente) e economia. Poppino arvorou-se por estar entre nomes de historiadores dedicados a essa finalidade, entre os latino-americanistas e foi, portanto, um dos primeiros a se engajar na tarefa de publicação de materiais praticamente didáticos sobre o Brasil nos Estados Unidos.

A segunda edição a qual nos referimos (1973) foi conduzida após pesquisas feitas em três períodos: 1950-1951; 1957-1958; 1963, com o apoio da Fundação de Desenvolvimento da Ciência na Bahia, além de outras agências privadas, do Departamento de Estado, do Social Science Research Committee e de programas de bolsas da Universidade da Califórnia, ao longo de vinte anos (POPPINO, 1973, p. VIII). Poppino também contou com a colaboração e assistência de instituições brasileiras, como a Biblioteca Nacional⁵⁰.

Como já mencionado, uma fonte instigante para compreender a trajetória de Poppino é a entrevista concedida em Davis. Wilson Smith, o entrevistador em Davis, direcionou a entrevista como um amigo e colega de trabalho⁵¹. Sobre a carreira de Poppino, o colega questionou sobre a burocracia do Departamento de Estado em comparação com as funções que Poppino exerceu como diretor no departamento de História na universidade. Smith queria saber se Poppino, depois de ter trabalhado para o Estado, passou a dominar mais algumas funções administrativas? Como ele via a carreira na universidade, após ter trabalhado no secretariado de governo? Suas funções na presidência eram cansativas, com papel burocrático em demasia,

⁵⁰ Segundo Balley W. Diffie, “Dos livros úteis que foram recentemente escritos no Brasil, o professor Poppino é provavelmente o melhor de seu tipo. O estilo é simples e claro, a verbosidade é mínima, e as informações são geralmente precisas e amplas. Algumas omissões serão observadas adiante. O conteúdo é previsível. As virtudes do livro residem mais na clareza da apresentação do que em qualquer inovação de organização.” (tradução nossa) **The Modern Language Journal**, Vol. 53, No. 2 (Feb., 1969), p. 118. Do original: “Of the useful books that have recently been written on Brazil, professor Poppino's is probably the best of its kind. The style is simple and clear, the *verbiage* is at a minimum and the information generally accurate and ample. Some omissions will be noted later. The contents are what one would naturally expect. The virtues of the book lie more in the clarity of the presentation than in any innovation of organization.”

⁵¹ <https://www.davisenterprise.com/obits/f-wilson-smith/>. Acesso em 24 de março de 2019. F. Wilson Smith foi professor de História em Davis entre 1964 e 1990. Serviu na Guerra, em 1942-1946, graduando-se em 1947, trabalhando em J. Hopkins em 1958. Seu perfil profissional demonstra que ele era um interessado em História Intelectual e na carreira dos colegas.

para alguém que almejava a carreira de historiador? Smith fez os questionamentos porque queria tocar em elementos que se dirigiam à realização pessoal de Poppino. Sua “estadia” no Departamento de Estado foi considerada, ao longo da entrevista, como um ponto de inflexão de uma trajetória, pois Poppino queria mesmo era ser historiador acadêmico. Ao mesmo tempo, Smith tentou fazer Poppino perceber que a experiência do Departamento lhe colocou em um lugar de direção na instituição acadêmica.

Poppino respondeu que, como alguém já acostumado com a estrutura do Departamento de Estado, aquele serviço prestado à Universidade não o cansava. Sua remuneração era boa como professor⁵², uma profissão mais atrativa para os intelectuais em formação, ainda que a faixa de pagamento do Departamento tivesse algum peso na carreira, segundo ele. Após esse trecho, o entrevistador retornou sutilmente ao debate sobre seu trabalho como assessor do Estado, adentrando os temas de sua pesquisa no Brasil. Ao ser questionado sobre suas pesquisas, o historiador revelou que a maior parte de seus trabalhos resultou em artigos, utilizando uma parcela de suas experiências de viagens e memórias como base para a escrita do livro sobre o comunismo na América Latina, que será discutido na tese⁵³. Com pouca repercussão internacional, suas viagens também resultaram em uma encomenda de capítulo para um livro brasileiro nos Estados Unidos, em 1965. Poppino foi escolhido na ocasião para exercer um “trabalho técnico”, como professor que esteve no Brasil e devido à sua aproximação com o Estado, o que o autorizava a cumprir essas tarefas, mesmo que elas não tivessem muito destaque teórico-metodológico na abordagem do tema⁵⁴.

⁵² “Poppino: Bem, penso que a burocracia no Departamento de Estado foi mais rígida que a daqui e para mim, uma pessoa que possuía um doutorado recente fora, ele teve um peso menor que o mundo acadêmico. Se comparado com a academia, por melhor que você fosse, sua remuneração poderia ser equiparada a faixa superior do professor associado ou talvez com as faixas inferiores, em fases anteriores da carreira acadêmica.” (tradução nossa). Do original: “Well I think the bureaucracy in the State Deparment was more rigidly structured *let's hope so* than here and for the, take a person like myself, a recent doctorate who arrived there, the ceiling was lower than in the academic world. Comparatively well paid for as high as you could go but probably as high as you could go would be comparable to upper range of associate professor or maybe the bottom ranges, bottom steps of professorship.” Entrevista de Rollie Poppino a Wilson Smith. Universidade de Davis- Califórnia. Realizada em 23 de abril de 1999, publicada em 27 de junho de 2017. Disponível em https://video.ucdavis.edu/media/Rollie+Poppino/0_rxamduyu (19:20). Acesso em 24 de março de 2019.

⁵³ Transcrição, do original: “(23:47) Smith: Well my publications turned out in the long run to be mostly articles, that is far more articles than books” *that's not unusual* Poppino: no, no, I began with the working on the history of Brazil, my first major writings were the masters thesis on colonial Brazil and the doctorate on nineteenth and early twentieth century Brazil. The book that I started first when I came to Davis was one that I could do fastest I suppose, seemed to take forever, but that was the one of international communism in Latin America *you've been well prepped for that with the State Department* I had, yes, so I got from the resources available here and from my own memory, a good deal of that.” Entrevista de Rollie Poppino a Wilson Smith. Universidade de Davis-Califórnia. Realizada em 23 de abril de 1999, publicada em 27 de junho de 2017. Disponível em https://video.ucdavis.edu/media/Rollie+Poppino/0_rxamduyu. Acesso em 24 de março de 2019.

⁵⁴ Transcrição, do original: “Smith: Was that well received in the Kremlin? Poppino: I never heard. I assume not, because, that is I assume it wasn't received as anything very significant because if it had been I probably would

Wilson Smith queria saber se, ao pesquisar no Brasil, Poppino não teve acesso a documentos que estavam sob controle do governo e da censura, quer dizer, que pudessem fornecer informações ricas e, ao mesmo tempo, contraditórias ao que esperavam os governantes que fosse dito sobre eles. Poppino afirmou que, ao fazer a pesquisa nos arquivos do Exército, por exemplo, ouviu as explicações dos próprios oficiais, enquanto fazia suas notas. Ao mesmo tempo, ressaltou que foi observado, mas não censurado⁵⁵.

Em 1979, a política e a economia brasileira foram analisadas em estudos de área coordenados por figuras como William Overholt e o texto *Brazil: The Land and People* foi lembrado por Jack Holmes, da Universidade do Alabama, como um clássico, que havia alçado o Brasil ao *status* de grande nação e potência americana, um lugar que ficara no passado diante da debacle econômica promovida durante os governos militares e seu desprestígio⁵⁶.

Já o trabalho para a publicação de *Internacional Communism in Latin America* (1964) foi organizado pelo grupo de Estudos de América Latina Contemporânea (*Studies in Contemporary Latin America*), coordenado por J. J. Johnson. Naquele ano emblemático, foram produzidos *The Arts in Latin America* de Gilbert Chase, do *Inter-American Institute for Musical Research*, da Universidade de Tulane; *Government and Politics in Latin America*, de Philip Taylor, da *School of Advanced International Studies*, da *The Johns Hopkins University*, *Organized Labor in Latin America*, de Robert Alexander, da Universidade de Rutgers, *Nationalism in Contemporary*

have heard a very great deal. And the Stanford Press asked me to write a new concluding chapter for the English language translation of a leading Brazilian book on the history of the Brazilian republic beginning in 1889 and that was about 1965. And I wrote technically only a chapter on that but it was the concluding chapter for the whole book that was a bit of work that I enjoyed doing and I was proud of that. My progress in a sense, chronological progress at least was to start on Brazil in the colonial period and work more and more towards the present. After my time in Washington, I was working almost exclusively on Brazil in the twentieth Century. But my most successful book was *Brazil: The Land and People*, *yes, yes* which was, is since a survey and (inaudible) so of the history of Brazil from discovery in 1500 up to what was the present then in 1968. It wasn't written as a textbook but it became for more than a decade *that's true* as the best text in its field, it came out in a second edition after five years (idem). Transcrição de Philip Vilanni.

⁵⁵ "Smith: When you did your research in Brazil, at the libraries, did you find enough, well I'm sure you found plenty of material, but did you find that kinds of material that could give you critical insights or contrasting insights into issues and historical problems in Brazil?; Poppino: The short answer is yes. The difficulty is one that we often face in just being so much documentary evidence there that you hardly have time to sample it effectively. But there, well one of the major questions in Brazil in the twentieth century has been who should run the government, that is, what part of society. And after 1930, the military, the army particularly, became increasingly prominent in influencing the government and after 1964 in just deposing the president and taking over for about 25 years. I was able to accompany a good deal of that because in the mid-60s, late 60s, during the sabbatical there I did about half of my research within the Brazilian army. I don't know what you call it *in their archives, they let you in?* the army's archives. Smith: Was this open, there were no restrictions?; Poppino: Well the only restriction was that there would always be a lieutenant coronel nearby, if I got to taking too many notes on a document they might come over and inquire about it, but they would also talk about the army's role in the stream of things in Brazil. Those I didn't take notes on until I got home, but that was very helpful too." (idem). Transcrição de Philip Villani.

⁵⁶OVERHOLT, William H. **The Future of Brazil (Westview Special Studies on Latin America)** Boulder, Colo. Westview Press 289 pp., 30 de janeiro, 1979, Western Hemisphere, Perspective, 8:6, 114-116.

Latin America, de Arthur Whitaker, da Universidade da Pensilvânia, e David Jordan. O livro, publicado em Nova York pelos autores, teve edição da Collier-Macmillan Limited, de Londres. A parceria com a editora The Free Press of Glencoe garantiu a primeira circulação dos exemplares, que obteve uma segunda edição em Toronto, no Canadá, também com a Collier-Macmillan, em 1966. J. J. Johnson, como editor geral da série, juntamente com a The Free Press, como editora, declarou satisfação em publicar um volume tão oportuno naquele contexto⁵⁷. Poppino, depois de atuar no Departamento de Estado (entre 1954-1961), segundo seus leitores: “perseguiu estratégias dos seguimentos comunistas e castristas em toda a América Latina, mas especialmente no conturbado Brasil”⁵⁸. O livro será trabalhado especificamente no capítulo 5 e aqui, mostramos como o título foi um importante registro da participação de Poppino em círculos acadêmicos de prestígio junto ao Departamento de Estado durante a Guerra Fria.

Após essa fase de atuação acadêmica com a política externa e às equipes de J. J. Johnson, seu conhecimento ganhou *status* de um “saber aplicado” (TRAGTENBERG, 2004, p.21), respondendo com pesquisas que facilitaram a compreensão da política brasileira. Segundo Maurício Tragtenberg, tanto a Associação Americana de Sociologia, a American Political Science Association e a American Historical Association – na qual Poppino foi assinante e colaborador – possuíam uma forma muito objetiva de organizar o conhecimento, sendo útil para empresários e para o Estado, apesar de essa não ser a política central de seus editores. Sua visão é a de que os intelectuais comporiam, nesse sentido, parte do complexo “militar-industrial-acadêmico”, sustentado por agências privadas e pela iniciativa própria dos órgãos de governo, interessados em seus resultados.

Assim, como historiador, seu modo de se inserir em redes de contatos e de aproximações acadêmicas precisa ser visto no terreno específico de ação da ciência histórica. Enraizado no meio dos intelectuais das ciências sociais no Brasil, em uma de suas principais correntes nos anos 1950 (com Thales de Azevedo, Luiz A. Costa Pinto e Charles Wagley), Poppino trouxe a narrativa e a experiência de pesquisa em história para o campo em consolidação. Além disso,

⁵⁷ “The Free Press, as publisher, and I, as general editor of the series, are proud that it is being launched by such a timely and searching study” (JOHNSON, J. J., VII. Prefácio. POPPINO, 1964). Vale destacar que esses prefácios em geral são bastante elogiosos.

⁵⁸ No original: “for the last four of those years (1954-1961) he has closely followed Communist and Castroist activities and strategies in all of Latin America, but especially in currently troubled Brasil.” (JOHNSON, J. J., VII. Prefácio. POPPINO, 1964).

como brasilianista, permaneceu a fazer narrativas que revelavam muito sobre como os Estados Unidos enraizaram visões sobre o Brasil nos anos 1960.

2.2 - O BRASILIANISTA COMO INTELLECTUAL: NARRATIVA E ATUAÇÃO POLÍTICA

Para a maioria dos estudos sobre o brasilianismo e a história, a definição do campo de atuação do historiador norte-americano como brasilianista foi marcado, em 1958, pelo National Defense Education Act (NDEA), com a oferta, cada vez maior, nos Estados Unidos, de custeio de viagens para universitários interessados em passar um período de sua formação na América Latina (ALMEIDA; EAKIN, BARBOSA, 2002). Até então, a região não era necessariamente considerada um objeto de pesquisa estratégico entre os trabalhos de investigação de campo voltados para as estratégias políticas norte-americanas.

Mas mesmo esses estudos mais sistemáticos sobre os brasilianistas mencionam que alguns temas são importantes na definição dos estudos latino-americanistas nos Estados Unidos sobre o Brasil e nos fazem perceber o quanto a virada da segunda metade do século XX foi fundamental nesse crescimento. Por um lado, encontramos explicações sobre as atenções imperialistas norte-americanas no terreno cultural (TOTA, 2000), construtoras de um novo ânimo para conhecer os países da América Latina. Por outro, foram fundamentais a aproximação e a elaboração de políticas no terreno da cultura e da diplomacia, de modo bilateral entre os dois países, conservando, obviamente, a hegemonia dos Estados Unidos no pós-guerra (SANTOMAURO, 2015)⁵⁹.

Segundo Feres Junior (2005), “o número de trabalhos acadêmicos sobre questões relativas aos países ao sul dos Estados Unidos publicados antes da virada do século XX é mínimo, e, nesses textos, o conceito de *Latin America* não é sequer empregado”. (FERES JÚNIOR, 2005, p. 81). Ao demonstrar os usos de *Latin America*, o autor se preocupou em definir a construção de uma “tipologia do desrespeito”, ao buscar os trabalhos que classificaram a América Latina como campo secundário e estereotipado em estudos acadêmicos nos Estados Unidos. Para ele,

⁵⁹ Segundo Santomauro, no que diz respeito às políticas externas culturais, “os Estados Unidos começaram a sistematizar sua política com certo atraso, a partir da 1ª Guerra, organizando uma política de ‘informação’ no plano internacional, que seria o embrião de sua forma de agir durante todo século XX”. (SANTOMAURO, 2015, p. 29).

essa tipologia se definiu como uma “forma linguística de negação do reconhecimento”, o que gerou “consequências ético-morais” nos “atos linguísticos de classificação”. (FERES JÚNIOR, 2005, p.29).

No início do século, “muitos dos que primeiro estudaram *Latin America* não eram especialistas acadêmicos, mas funcionários do governo e militares que se dedicaram à tarefa como diletantes”. (FERES JÚNIOR, 2005, p. 82). Essas pessoas e outros acadêmicos geralmente não estavam preocupados com áreas de estudos específicas, embora ocasionalmente tratassem de assuntos da história, da ciência política. Na segunda metade do século passado, a abordagem dos estudos sobre a região mudou e o aparecimento do Brasil como especialidade acadêmica entre os estudos começou a ganhar força, principalmente a partir das discussões sobre padrões de relações sociais, desenvolvimento, anticomunismo e modernização. O que parecia disperso começou a ganhar corpo e estrutura de linha de pesquisa dentro do conjunto dos latin american studies.

Junto a esse debate, Judy Bieber escreveu um texto específico, no qual salientou a consolidação dos estudos latino-americanistas e em história do Brasil se construiu quando as universidades passaram a criar programas específicos para o trabalho de pesquisa na América Latina e os departamentos de História passaram a agregar a disciplina de maneira mais específica (BIEBER, 2002). Assim, as pesquisas começaram a contar com redes de contatos em revistas especializadas e grupos próprios, onde o Brasil pouco a pouco passou a ganhar visibilidade.

A política de aproximação entre Estados Unidos e Brasil no campo da cultura foi amplamente discutida por Antonio Tota (2000) e Fernando Santomauro (2015). Antonio Pedro Tota se dirigiu à americanização como fenômeno cultural e preocupou-se em apontar caminhos de sua recepção no Brasil. Na verdade, Tota criticou as percepções internas da expansão da cultura norte-americana, mostrando que, em seu ponto de vista, os brasileiros também produziram um conjunto de mitificações sobre “o homem americano”. O objeto principal de sua discussão é a OCCIA, o Office of Coordination of Commercial and Cultural Relations between The Americas, que possuía divisões específicas para a difusão da propaganda e da cultura, envolvendo fortemente rádio, cinema e todo o campo da comunicação. Já Santomauro, mais recentemente, demonstrou toda a formatação das ações dos escritórios da USIS e da USAID em terreno institucional. Tais agências foram utilizadas para ações culturais do imperialismo para a América Latina.

Consideramos, como outros autores, que toda essa política passou a ser fortemente demarcada pelo anticomunismo no final dos anos 1940 e, que, nesse mesmo contexto, uma transição para uma política externa nova foi montada pelo governo Harry Truman (1945-1953), até o período que se encerra em 1965, com o governo de Lyndon Johnson (SANTOMAURO, 2015; ANDERSON, 2015). Durante essa fase, se destacaram principalmente a sagração do liberalismo ocidental e suas ideologias de Guerra, como o anticomunismo e valores associados ao “mundo livre” (CANCELLI, 2017; OLIVEIRA, 2015). Antonio Tota utilizou a expressão “amigo americano” para se referir à recepção calorosa de Nelson Rockefeller no Brasil. Maicon Carrijo dos Santos interferiu no debate, tratando como o brasilianista, nesse contexto, foi “inventado” pelos brasileiros, diante da recepção de Thomas Skidmore no Brasil (TOTA, 2014).

Também há pesquisas que discutem a motivação das iniciativas de pesquisa anteriores a esse marco diplomático. De acordo com Parmar (2012), é preciso desconfiar da ideia inicial de que a atuação de fundações como a Rockefeller e a Ford fossem meramente filantrópicas e caracterizar sua função crucial na política externa norte-americana, no campo intelectual e cultural. Juntamente com a Carnegie e a Ford, estas três grandes fundações ergueram grande parte das estruturas expansionistas da política norte-americana no continente. Depois de 1945, podemos dizer que, sistematicamente, as políticas de incentivo à pesquisa foram assumidas no terreno das instituições (como o Ministério da Cultura e o Itamaraty).

Ao mesmo tempo, é possível dizer ainda que, enquanto cresciam os financiamentos privados, o governo norte-americano e suas secretarias, ao longo da Segunda Guerra, já começaram a visualizar instrumentos de fomento dos estudos sobre a América Latina, com ajudas de custo para pesquisadores que resolveram ampliar sua carreira fora do país.

Após a difusão do American Way of Life, os Estados Unidos haviam consolidado internamente um novo momento de ascensão social para os intelectuais. Para Antonio Tota, havia uma postura cotidiana que a transformava numa “nação da classe média” (TOTA, 2009, p.188) e os interesses de ascensão social, através de um cargo universitário ou nas secretarias de Estado norte-americanos, eram crescentes. Por outro lado, Wright Mills escreveu que, neste período, nenhuma instituição teve tanta importância na “biografia externa” dos jovens norte-americanos quanto as organizações militares (MILLS, 1981, p 14). No Brasil, os acadêmicos norte-americanos que atuaram nesse marco, foram tidos como desbravadores de uma área de trabalho, com carreiras pré-existentes, portanto, ao título que ficou conhecido como o de “brasilianista histórico”. (ALMEIDA; EAKIN; BARBOSA, 2002).

Depois da Segunda Guerra, o trabalho profissionalizado de investigação acadêmica da história de países latino-americanos passou a ser assumido como parte dos estratagemas norte-americanos para a expansão cultural e política, consolidando-se realmente após a Revolução Cubana (1959) e, em 1961, com a definitiva posição cubana contrária aos Estados Unidos e a criação da Aliança para o Progresso, acirrando as questões políticas da Guerra Fria. Nesse sentido, os investimentos em pesquisa sobre a história política ganharam muito mais importância (BIEBER, 2002). Feres Júnior (2005, p. 88) também destacou que, depois de 1959,

[...] o *American Council for Learned Societies* e o *Social Science Research Council* criaram o *Committee on Latin American Studies*, que objetivava expressamente planejar futuros desenvolvimentos acadêmicos, oferecer bolsas para pesquisa sobre *Latin America* e melhorar a comunicação entre os interessados no assunto. (FERES JÚNIOR, 2005, p.88).

O termo “brasilianista” não era aplicado apenas aos pesquisadores norte-americanos, mas aos demais estudiosos do Brasil, que apresentavam conclusões sobre cultura, “folclore” e outros aspectos considerados peculiares do brasilianismo, entre os quais as narrativas referentes às lutas por independência e os movimentos sociais que evocaram a emancipação política no país⁶⁰. No entanto, sua consolidação ficou fortemente acentuada com a agência dos acadêmicos dos Estados Unidos. Essa postura tem muita ligação sobretudo com os estreitamentos de laços entre os dois países, nos campos cultural e intelectual.

O brasilianista histórico ficou conhecido pelas interpretações sobre o Brasil e sua história política no contexto da ditadura civil-militar. Essas pessoas se destacaram como referências de leitura, logo após o golpe de 1964, nos Estados Unidos, como intérpretes da situação política brasileira. Entretanto, desde os anos 1950 compuseram uma geração de jovens acadêmicos em visita a outros países, seduzidos sobretudo pelas facilidades logísticas e pecuniárias em voga. Nesse contexto anterior ao golpe, ainda era muito comum que tais pesquisadores estivessem à frente no trabalho fora dos Estados Unidos e abrissem campos de levantamento de dados e de análise ainda não desvendados pelas políticas de fomento oficiais.

Além do estímulo, o reconhecimento social também foi importante. Os brasilianistas pioneiros foram fortemente entusiasmados pela função pública do intelectual estrangeiro no

⁶⁰ Dois livros de Gastão de Bitencourt. *Jornal Pequeno Pernambuco*. Recife, Edição 159, p. 3, 22-7-1953. Hemeroteca do Arquivo Nacional. Tomamos como exemplo essa edição para mostrar que se usavam os termos para o “conhecido etnógrafo e brasilianista” luso, também intitulado como “apaixonado brasilianista”. Nos anos de 1953 e 1954, os Institutos desse gênero moveram várias ações de aproximação cultural com Portugal e de acesso aos arquivos ultramarinos e é possível encontrar o uso da palavra “brasilianista” entre esses.

Brasil, bem como pelo investimento direto em suas carreiras. Durante os anos 1950, foi comum que estivessem engajados em assuntos vigentes na política e apresentados ao leitor nacional como um sujeito mais autorizado a concluir sobre a história recente, porque se supunha estarem, pelo menos teoricamente, afastados das relações sociais que analisavam.

Os estudos norte-americanos sobre a história do Brasil, especialmente aqueles que foram fruto das relações culturais do pós-guerra, tiveram grande crescimento após a Revolução Cubana.

Depois de 1960, a compreensão política do Brasil esteve no centro das preocupações desses estudiosos, tornando-os uma referência interna no debate sobre as instituições políticas e sociais, seus problemas econômicos, os fenômenos autoritários, o papel dos militares e das elites, dos grupos religiosos, enfim, convertendo-os em co-participantes do processo de emergência e afirmação das ciências sociais brasileiras nas suas acepções contemporâneas. (ALMEIDA, 2002, p.52).

Para Meihy, isso acabou criando alguns estereótipos e preconceitos, devido ao conjecturado “privilégio” dos norte-americanos nas condições de pesquisa (MEIHY, 2017). Segundo ele, as polêmicas sobre a relação entre o brasilianismo e a ditadura já se fazem desnecessárias. Recentemente, inclusive, defendeu, em um texto sobre o papel da escrita de norte-americanos sobre o Brasil, que seria preciso pensar nas relações entre a produção acadêmica dos dois países sem um “partido” nacionalista do tema. Ou seja, a distinção do trabalho do brasilianista recairia em um tipo de nacionalismo infantil e caricato. Sua posição não é única e vem na esteira da defesa da ampliação das visões sobre a narrativa dos acadêmicos norte-americanos para novos horizontes. Meihy propõe que o termo brasilianista seja deixado de lado, já que a palavra está justamente associada aos escritos dos anos 1960 e 1970⁶¹.

Não concebemos esta problemática como estando diretamente associada com um nacionalismo ingênuo (MEIHY, 2017), como o autor supôs. As percepções de democracia e as análises sobre a esquerda, vindas dos analistas norte-americanos que narraram a história do Brasil nesse contexto, os métodos, ligações acadêmicas, publicações, vínculos com traduções e editoras e suas trajetórias, não podem ser encaradas como capítulo conclusivo da história. Talvez, essa questão ainda esteja aberta porque a relação entre os pesquisadores norte-americanos e os

⁶¹ “Há situada uma memória endurecida nas oposições ao brasilianismo em geral, e a constatação disso implica notar a dificuldade de mudanças em busca de aperfeiçoamento dos fatores discriminatórios. Assim, por exemplo, a fim de reciclar o andamento do assunto, vale debilitar alguns sintomas permanentes na constituição dessa disputa que, vista em seu caráter obsessivo e disfarçado, ganha ares de enfermidade. E, então, sob a mirada historiográfica, cabe compreender que a permanência do antibrasilianismo funciona como uma espécie de doença historiográfica, mazela infantil que se manifesta segundo alguns sinais”. (MEIHY, 2017, p. 134).

governos militares não ficou exatamente clara até agora, tanto no quesito das questões diplomáticas, como no debate sobre a democracia e o nacionalismo brasileiros do período.

A ligação não está posta no modo como se aproximaram da diplomacia, mas na repercussão de seus trabalhos no entendimento dos fatos no Brasil. Isso mostra a forte afinidade entre as teorias e o pensamento dos analistas norte-americanos com as elaborações ideológicas da Guerra Fria no início da década de 1960. Seguindo esse raciocínio, vimos que elas estiveram vinculadas com as tentativas dos governos militares em oferecer justificativas para mostrar que estavam defendendo uma ordem democrática, ainda que sob os auspícios do autoritarismo. É fundamental considerar os marcos no NDEA – National Defense Education Act (1958) e a Aliança Para o Progresso (1961), no contexto ideológico da Guerra Fria, que fortaleceram os valores americanistas para discussão da democracia brasileira, entre eles o antitotalitarismo⁶².

Notando a amplitude das correspondências entre a produção acadêmica brasileira e norte-americana após os anos 1980, outros autores reivindicaram novo local de classificação para seus trabalhos. São intelectuais como Barbara Weinstein (2016), Jeffrey Lesser (2015), Daniel Buarque (2017) ou James Green (2009; 2014).

Para esses últimos autores, assim como para Sebe Bom Meyhi, o termo brasilianista está vinculado a grupos de pesquisadores de uma “primeira geração”, como Thomas Skidmore, John Foster Dulles e J. J. Johnson, que publicaram no momento em que as facilidades de pesquisas lhes foram oferecidas, em prejuízo dos colegas brasileiros. Esses sim tiveram uma aproximação clara com a defesa da ditadura, quando argumentaram a favor de seu caráter legal e assumiram a postura do anticomunismo que marcou as relações diplomáticas entre os dois países. Para os autores, a questão crucial não era se houve ou se não houve uma ligação política da pesquisa de alguns com as decisões da diplomacia ou da defesa de posturas mais autoritárias, mas a necessidade de se desvincular a visita de pesquisadores norte-americanos ao Brasil do modelo mais conhecido e cristalizado até então, o que faz com que boas conclusões historiográficas tenham melhor recebimento no país.

Esses autores nos colocaram novas questões sobre os intercâmbios entre Brasil e Estados Unidos. Bárbara Weinstein (2016) asseverou, recentemente, que ela própria não se vê imersa

⁶² Aqui, o americanismo também é operado como um conceito importante para leitura das relações entre os intelectuais, visto que não supõe uma difusão de um modo de vida ou cultura da parte dos norte-americanos no imperialismo, mas a recepção, por parte de agentes das classes dominantes no Brasil, dessa relação, inserindo novos empreendimentos de cultura. (TOTA, 2000; GRAMSCI, 2007). Sobre o antitotalitarismo ver CANCELLI, 2017.

na classificação construída nos anos 1970, pelos brasileiros, a respeito dos historiadores norte-americanos, como *brazilianist*. Haveria algum sentido, ainda, em utilizar a noção de brasilianismo, tendo em vista sua localização remota e fortemente demarcada nos anos 1970 e 1980?

Resolvi aproveitar esse tema para retomar uma questão que parece incorporar quase todos os sentidos da palavra – isto é, o lugar dos historiadores conhecidos pela etiqueta *Brazilianists* – em português, “brasilianistas” –, e, assim, meu próprio lugar na comunidade de historiadores que se dedicam aos estudos brasileiros. (WESTEIN, 2016, p. 196).

A mesma autora afirma ainda que

Havia, também – e vinculado ao suposto empirismo –, um senso do brasilianista como alguém que gozava de certos privilégios quanto ao acesso aos arquivos e aos fartos recursos para pesquisa na academia norte-americana, algo que alimentava (talvez com razão) uma atitude às vezes rancorosa por parte de alguns pesquisadores brasileiros. (WESTEIN, 2016, p. 197).

Para ela, sobretudo, já não há mais propósito em pensar a produção do historiador de acordo com um lugar de origem. É nesse ponto que discordamos de Weinstein, porque ainda achamos válido manter reflexões sobre o engajamento político da narrativa histórica produzida naquele contexto.

Então, resumindo, a imagem do historiador do Brasil radicado nos Estados Unidos tinha uma série de elementos – o empirismo, a rejeição ao marxismo, um conhecimento superficial da sociedade e da cultura brasileiras, e uma falta de engajamento com a política (de esquerda) do país, qualidades que, supostamente (e, em certos casos, realmente) os distinguiram das suas contrapartidas brasileiras. (WESTEIN, 2016, p. 198).

A ligação entre o intelectual e o seu papel político foi exposta por Benito Schmidt (2012), ao propor uma revisão sobre a relação entre a história intelectual e a história política para a análise da trajetória de personagens no Brasil, destacando a relação “umbilical do intelectual com a política”⁶³. Já Daniel Buarque (2017) fez algumas reflexões nesse sentido ao dizer que “os brasileiros sempre foram fascinados pelo que os outros pensam deles” (BUARQUE, 2017, p. 12).

⁶³ O tema também foi discutido por Paulo Roberto de Almeida em “Tendências e perspectiva dos estudos brasileiros nos Estados Unidos”, onde há um cuidadoso levantamento das gerações e revisão das pesquisas produzidas. (ALMEIDA, 2002).

A amplitude da presença do brasilianista na análise sobre a política brasileira não pode ser aqui dimensionada. A atuação desses personagens marcou gerações da sociologia e da ciência política. Em geral, as suas principais marcas foram devidas às críticas que fizeram sobre divisões sociais com base nos critérios de raça, na localização dos agentes políticos do terreno democrático liberal, afastando-se da pauta dos conflitos de classes, e da negação da radicalização como saída possível para a resolução das questões sociais, caracterizando alguns atos e ações, até mesmo do Executivo (ao tratar de Goulart, por exemplo), como pontos fora da curva de uma tradição histórica nacional. Mas, qual corrente definiria essa tradição em debate? E porque os teóricos e cientistas políticos, além de historiadores norte-americanos, ocuparam um papel de destaque da formulação destes Brasis?

De acordo com IANNI (2002), o Brasil prosseguiu em busca de sua fisionomia própria ou seu conceito, como se fosse uma “nebulosa informe”, construindo, através da figuração de tipos e mitos, as representações dessa busca imaginária pelo que seja o país. Acreditamos que, além dos intérpretes do Brasil, os norte-americanos que produziram leituras da realidade nacional brasileira tenham fincado lugar de vantagem nessa construção.

Em uma conhecida entrevista à TV Brasil, no programa Roda Vida, em 2005, Thomas Skidmore reafirmou a máxima de que “o historiador é o profeta do passado”, ao ser questionado a respeito do papel do governo Lula na condução do crescimento econômico brasileiro⁶⁴. Com isso buscou se afastar da ideia de que era um analista da política brasileira naquele contexto. Mas, mesmo assim, apresentou críticas à estrutura da democracia do país, e considerou que havia pouco amadurecimento da condução do debate político pela via das eleições. Skidmore também exibiu pessimismo quanto ao desempenho das esquerdas para o aprofundamento democrático porque, para ele, um liberal moderado, não havia mais esquerdas no Brasil e, para desespero de alguns entrevistadores, mencionou inclusive que o presidente Lula não era de esquerda.

Assim como ocorreu na análise que Skidmore fez sobre João Goulart, ele apontou indícios de esquerdização dentro do governo Lula, mas não na personagem do presidente, afirmando contundentemente que a esquerda brasileira terminou com o falecimento de Leonel Brizola. Os jornalistas buscavam na fala de Skidmore, uma posição mais “distanciada” e mais favorável, mas o historiador negou essa função, salientando, por diversas vezes, ao longo de mais de uma

⁶⁴ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=HBR7DXT023Y>. Acesso em: 2 jun. 2017. Verificar em CARRIJO, 2007.

hora de programa, que era preciso que os próprios brasileiros encontrassem um percurso para o entendimento de sua democracia. Em livro que trouxe alguns de seus ensaios sobre importantes questões de pesquisa que uniram Brasil e Estados Unidos, Skidmore mostrou como há uma necessidade brasileira de justificar suas condutas a partir da expectativa norte-americana sobre o país. (SKIDMORE, 1994).

Como analistas da “cena brasileira”, os brasilianistas preferiram, como indicou José Sebe Bom Meihy (1990), fazer a história do tempo presente e escolheram preferencialmente marcos contemporâneos. Essa definição pareceu se aplicar perfeitamente à cena daquela entrevista feita a Skidmore. O brasilianista apareceu como personagem de português fluente e de bom humor, e riu das necessidades dos brasileiros, de se fazerem pensar pelo outro, de tomar os Estados Unidos como espelho, aproveitando para vestir completamente a sua carapuça de pesquisador estrangeiro, oferecendo conselhos aos jornalistas brasileiros. Para isso, teceu comparações entre os dois países, falando sobre situações como melhoria de condições de vida, movimentação do mercado interno, crescimento do eleitorado etc., o que seria alguma expectativa de atendimento do “desenvolvimento” político do Brasil.

Além da importância na definição temática da história política recente, os brasilianistas também interferiram na construção da especialização da pesquisa sobre o país. Bárbara Weinstein (2016), preocupou-se em salientar o fortalecimento das ciências sociais no Brasil nos anos 1950, pela via de alianças com colegas de grandes grupos de pesquisa sobre a América Latina nos Estados Unidos. Os “pioneiros” trouxeram caras novas e apoiaram a vinda de uma geração inteira de acadêmicos. Tal aliança não foi movida por questões estritamente acadêmicas. Na conjuntura imediata do final da Segunda Guerra, os autores pesquisaram e publicaram por meio da intersecção com grupos de pesquisa nos Estados Unidos, fortalecidos como porta-vozes de olhares autorizados sobre o Brasil e seu “futuro” e agregaram projetos políticos modernizadores e desenvolvimentistas, que tratavam da América Latina com uma cautela especial.

Dulce Helena Pessoa (1974) notou que as listas de produção sobre o Brasil nos Estados Unidos, quase sempre, preocupavam-se com as décadas subsequentes à Revolução Cubana⁶⁵.

⁶⁵ PESSOA, 1974. Esses primeiros levantamentos também foram feitos por Lewis Hanke, em 1967. A autora localiza a geração chamada de precedente ao fenômeno do brasilianismo, denominada por ela como geração da Segunda Guerra, na qual encontramos Alexander Marchant, Robert Smith, Manuel Cardozo, Frederick Garse, Preston James. Ver também MOURA, 1995.

Mas ela também ressalta a importância das parcerias anteriores, como o papel estipulado pelo convênio entre a Universidade da Bahia e a Universidade de Columbia, no final dos anos 1940:

Este plano inicialmente ligado a Ciências Sociais, desenvolveu-se posteriormente para além de suas pretensões originais, englobando a esse plano primitivo pesquisas de caráter histórico realizadas por Rollie E. Poppino sobre Feira de Santana. (PESSOA, 1974, p. 284).

Para a autora, a presença de profissionais no Brasil, em programas como esse, facilitou a abertura de novos interesses de estudantes norte-americanos⁶⁶.

Também, em consequência de um antigo plano de cooperação mútua encetado na década de 1950, entre a *Columbia University* e a Universidade da Bahia, outros trabalhos foram ainda realizados. Assim é que, em 1962, a *Columbia University* conjuntamente com as de *Havard* e de *Cornell* enviaram grupos de pesquisadores para a Bahia, o que levaria futuramente a vários doutoramentos pela própria universidade de Colúmbia, como *The Structure of Equality in a Brazilian Fishing Community* de C. Kottak e *jangadeiros: The Raft Fishermen of Northeast Brazil* de S. Forman. (PESSOA, 1974, p. 285).

Para Sebe Bom Meihy (1990), Pessoa faz parte de um contexto de engajamento de interesse dos próprios norte-americanos que estudavam o Brasil e estavam buscando refletir sobre a sua produção.

No limiar dos anos 1970, o tom que presidia os debates em torno do brasilianismo era de denúncia. No meio universitário, o assunto ganhou relevo com o trabalho pioneiro e único de Dulce Helena A. Pessoa, que trouxe dos Estados Unidos, onde havia sido orientada pelo brasilianista veterano Rollie Poppino, um texto que levou o título “Um exemplo de pesquisa bibliográfica como elemento da pesquisa pública: as teses americanas sobre o Brasil (1960-1970)”. (MEIHY, 1990, p. 40).

Esse estudo de Meihy é um dos mais conhecidos sobre o assunto: “A colônia Brasilianista”, aborda não apenas o tema das revisões de bibliografia, mas a experiência dos estudantes estrangeiros do Brasil. (MEIHY, 1990). A abordagem de Sebe Bom Meihy foi conectada aos métodos de pesquisa da história oral de vida e elegeu gerações de pesquisadores, divididos entre os “brasilianistas históricos” e grupos posteriores, do “brasilianismo político”. Dimensões sobre o emprego, as parcerias estabelecidas, a recepção brasileira, foram oferecidos

⁶⁶ Dulce Pessoa afastou-se para pesquisa nos Estados Unidos, em 1970, com bolsa de estudos, e foi orientada por Rollie E. Poppino, em Davis. O material foi divulgado em 1977. Militante do PCB e da comissão de Mães pela anistia, Dulce Pessoa costumava denunciar o processo de produção de títulos sobre o Brasil, mas, ao mesmo tempo, buscou indicar lacunas e necessidades de pesquisas em seus inventários, aportados em pesquisas anteriores dos próprios pesquisadores norte-americanos, como Lewis Hanke.

ao leitor pela narrativa da vida de cada um dos entrevistados. Meihy verificou as primeiras referências ao termo *brasilianista* dentro do Brasil e indicou algumas trilhas importantes para a compreensão de sua construção como sujeito da pesquisa sobre o Brasil⁶⁷.

Ao adotar uma divisão sistemática para o estudo, Meihy separou os primórdios da ação do acadêmico norte-americano especialista em estudos sobre o Brasil, como sendo um momento mais isolado, quando os estudos se voltaram para necessidades específicas de trabalho (MEIHY, 1990, p. 43), e o segundo grupo, devido ao retorno das políticas da intervenção norte-americana, como a *Camelot*⁶⁸, as ações da CIA, o acordo MEC-USAID, etc., que estariam conectados diretamente à prática política dos pesquisadores aliados com a política externa.

Nesse sentido, levantamos questões sobre esse sentido prático do trabalho do *brasilianista* e sua existência como sendo presente desde os momentos iniciais de aproximação diplomática cultural (bilateral) entre brasileiros e norte-americanos, ainda nos anos 1950. É crucial garantir a percepção do papel político do historiador, seja ele elaborado junto às agências e instituições do Estado, seja no movimento de amplificação das suas ações no terreno intelectual⁶⁹.

A articulação daquela geração de pesquisadores mostrou problemas de classificação para a historiografia brasileira, mas que são sobretudo metodológicos. O interesse acadêmico e intelectual trouxe vários pesquisadores norte-americanos para o Brasil e alguns deles ganharam projeção com suas pesquisas, mas esse movimento não ocorreria sem o empenho de brasileiros em chamá-los para o jogo interno da interpretação da política e das ciências sociais. Ao longo da segunda metade do século XX, os historiadores do Brasil nos Estados Unidos se reuniram em grupos de pesquisa latino-americanistas e em publicações coordenadas pelos assessores de secretarias norte-americanas, até a fundação da BRASA e da seleção, em grupo, de problemas específicos da História do Brasil para pesquisa. (BIEBER, 2002, p.195).

As marcas do “*pré-brasilianismo*” para Meihy seriam principalmente a iniciativa nascente de profissionalização dos estudos das ciências sociais e das tentativas de crescimento intelectual

⁶⁷ No texto de Meihy, por exemplo, ele indica que teria sido Hipólito da Costa, no *Correio Brasiliense*, que ao escolher o nome do jornal, selecionou dentre as outras opções, pois *brasilianista* ou *brasiliano* trataria de sujeito fora do Novo Mundo, um português olhando as questões internas. (MEIHY, 1990, p. 37).

⁶⁸ “Projeto Concebido em fins de 1963 por um grupo de oficiais do setor de pesquisas do Departamento de Defesa dos Estados Unidos que acreditam que os Estados Unidos teriam importante missão de promover o desenvolvimento de uma sociedade estável com paz e justiça para todos, procurando meios de evitar revoluções geradas por tensões sociais na América Latina” fonte: www.cpdoc.fgvacervodicionario. Acesso em: 15 ago. 2017. Pretendiam recrutar intelectuais, pela Organização para Operações Especiais de Pesquisa (OPEP), mas foi suspenso no seu início pelo presidente Lyndon Johnson.

⁶⁹ Um dos temas pesquisados no Brasil e na América Latina, nesse sentido, é o papel dos chamados *think tanks*. Sobre o assunto, ver TEIXEIRA, 2007. Outros textos como o de Paula Beigelman, BEIGUELMAN, 1987, também verificam essas ligações. O mais interessante deles é, contudo, o olhar de Skidmore, em SKIDMORE, 1994.

fora dos Estados Unidos (MEIHY, 1990). Essas motivações acadêmicas foram favorecidas pelos acordos de expansão do conhecimento sobre a América Latina e por políticas culturais brasileiras para a ampliação do conhecimento sobre o Brasil no exterior. Mas Meihy considera que esse reforço institucional só veio acontecer na segunda metade da década de 1950.

Max Paul Friedman (2015) indicou uma presença forte da chamada Guerra Fria Cultural na América Latina, antes da estratégia reverberar na Europa, quando os Estados Unidos já investiam em acordos culturais e encontravam apoio nesse sentido, no continente. As estratégias norte-americanas ocorreram por meio da propaganda e de suportes técnicos e científicos, bem como por meio de defesa da projeção social de grupos estratégicos das classes médias, como os intelectuais.

Para Feres Júnior, no capítulo “A consolidação dos *Latin American Studies* sob o imperativo da modernização” (2005), a princípio, os estudos sobre os países ao sul dos Estados Unidos, mesmo regionais, enquadraram-se nas editoras e nos estudos norte-americanos como *Latin American Studies*, sendo difícil identificar especificidades. Mesmo assim, esses estudos já podem ser considerados como um grupo temático em formação nos anos 1940. Para ele, tornou-se possível verificar a consolidação dos *Latin American Studies* no contexto histórico em que o objeto “América Latina” passou a se organizar como “outro”, nas versões de assimetria cultural, oriundas do olhar norte-americano sobre os vizinhos no pós-Segunda Guerra, destacando o papel de periódicos como a *Hispanic American Historical Review*. Os exemplos por ele citados são os de T. Lynn Smith (1903-1976) e J. J. Johnson, como tantos outros que, nos anos 1950, somaram o aspecto da fala diplomática, com os estudos especializados sobre “o outro americano da América”. Patrocinados por convites e bolsas, cumpriam as agendas dos consulados com roteiros de pesquisa próprios.

Apesar das contribuições, e diferente de Friedman (2015), Feres Jr. não achou possível aplicar o modelo da Guerra Fria Cultural na América Latina para o Brasil naquele contexto, pois houve, um relativo declínio do interesse intelectual norte-americano sobre o Brasil, no início da década de 1950, quando os grandes congressos intelectuais estavam sendo realizados na Europa. Para ele, em se tratando de Brasil, a marca da Guerra Fria seria 1959, com a Revolução Cubana.

Para entender o reforço do crescimento dos estudos especializados na América Latina após 1959, o autor se voltou para ações do final dos anos 1940, como a Doutrina Truman e o emprego de historiadores dentro da CIA, como parte de uma narrativa sobre os primórdios dessa

aproximação, que só veio a crescer com a mudança da postura dos Estados Unidos diante da Revolução em Cuba. Os latino-americanistas daquela geração da Guerra Fria passaram a utilizar a linguagem do pós-guerra, com teses sobre desenvolvimento e modernização, numa “congregação científica própria”. (FERES JUNIOR, 2005, p.79, 97). Fortemente influenciados pelo livro de W. W. Rostow, *Stages of Economic Growth*, citando o Center for International Studies, em Massachusetts, como um dos centros que foram financiados para oferecer suporte à política externa norte-americana, os latino-americanistas seguiram a tônica de que a modernização era o imperativo para promover o desenvolvimento de países considerados atrasados. Muitas vezes, essa teoria aceitava até mesmo que sua democracia fosse sacrificada para tanto⁷⁰. Tais analistas trocaram os valores democráticos pelos valores da estabilidade política com facilidade.

As noções de tradição e de subdesenvolvimento foram marcantes dentro do projeto dos autores norte-americanos da teoria da modernização. Para Feres Júnior, as ciências sociais, entre os adeptos da teoria da modernização, esperavam um protagonismo vindo do norte-americano – que julgava, por sua vez, o “atraso” em diversos aspectos da realidade social brasileira. Para nós é fundamental considerar que as interpretações não foram elaboradas apenas por parte da agência externa e contavam com um apoio interno, sendo esse último decisivo na expansão de versões hegemônicas norte-americanas sobre a realidade nacional brasileira.

Para considerar essa viabilização do lugar dos estudos norte-americanos na historiografia brasileira, o tema da participação dos Estados Unidos no golpe de 1964 é crucial. Carlos Fico (2008) em *O Grande Irmão* destacou duas tarefas de pesquisa a serem aprofundadas ainda no Brasil e que envolveram o tema do brasilianista. Primeiro, o estudo sistemático das obras dos próprios brasilianistas, pois, se estavam associados ao poder norte-americano ou não, também não haviam ainda sido suas obras discutidas a fundo, individualmente. Segundo, questionou as ligações de suas teses com o pensamento social e político brasileiro. Houve um diálogo importante entre intelectuais que publicavam em veículos acadêmicos norte-americanos, tais como a *Hispanic American Historical Review*, a *Current History* e outros periódicos, que se

⁷⁰ Por exemplo, um grupo foi responsável pelo conceito da Aliança Para o Progresso, no Latin American Task, onde Feres Junior encontrou os nomes de Lincoln Gordon, Adolf Berle, Robert Alexander, Arthur Whitaker (esse historiador), Teodoro Moscovo, Arturo Morales Carrion. (FERES JÚNIOR, 2005, p.96). A Carta colocou como fundamentais a defesa da ordem democrática e do alinhamento dos países envolvidos com os Estados Unidos, mediante o crescimento do comunismo no continente. Em troca, foram oferecidos investimentos que se constituíram na prática como parcerias de capital norte-americano com empresas brasileiras.

reuniram em associações com a Latin American Studies Association (LASA) em um ambiente de divulgação de ideologias e publicações brasileiras, como a Revista Civilização Brasileira, nomes ligados ao Instituto Superior de Estudos Brasileiros (ISEB) e a cursos de história nas universidades do país. O campo de estudos da história e das ciências sociais sobre o Brasil, nos Estados Unidos, foi construído através de um diálogo constante entre intelectuais brasileiros e norte-americanos. O conhecimento, por parte dos brasilianistas, sobre a produção do pensamento social brasileiro, como meta, fortaleceu esses contatos e trouxe cruzamentos explicativos.

De acordo com Feres Junior, a Carta da Aliança Para o Progresso (1961), assinada em Bogotá, dividia os trabalhos de ação norte-americana no continente a partir de duas ideias: apoiar reformas ou conter o avanço comunista, gerando escopos intelectuais e explicações ideológicas próprias para cada situação. (FERES JUNIOR, 2005, p. 137). Os latino-americanistas trabalharam na escrita da carta e as suas noções sobre desenvolvimento e modernização, segundo o Feres Jr., terminavam por influenciar as escolhas explicativas para a história recente dos países que estudavam. Para ele, os dilemas da própria política da Aliança para o Progresso são perceptíveis nas narrativas latino-americanistas. A ligação entre seus escritos e a política não é tão direta, mas está na rede das relações nas quais a conjuntura da Guerra Fria era decisiva. Os seus trabalhos acadêmicos sofriam a interferência das altas e baixas das relações externas e das políticas culturais entre os dois países.

No contexto em que J.J.Johnson escreveu, por exemplo, a discussão citada era considerado uma estratégia de investigação para a Guerra Fria no continente (FERES JUNIOR, 2005). A busca pela superação do comunismo e de construção de uma postura e desenvolvimento para o capitalismo encontrou a saída autoritária como vertente, pois o passado político de incompletude do amadurecimento das instituições democráticas, dispunha algumas ações como necessárias e foram tratadas como “intervalos” entre os governos democráticos.

Samuel Huntington, Alfred Stepan e J. J. Johnson formaram uma tríade fundamental na interpretação do tema. (FERES JUNIOR, 2005). Mesmo sendo um agente associado ao modo como os países latino-americanos estavam pouco adiantados na democracia, o militar, na política, era reconhecido como sujeito de uma possibilidade concreta de viabilização dos interesses norte-americanos em seus territórios, principalmente quando se tratava de questões que envolviam a escolha pelos Estados Unidos como parceiro de mercado. Além disso, uma questão proeminente, que é preciso não perder de vista, é o fato de que o anticomunismo vigente

depositava expectativas sobre o controle do avanço das esquerdas como imperativo para deixar o caminho aberto para as forças hegemônicas desses países.

As leituras desses intérpretes estavam ambientadas na política externa, e geralmente buscavam indicar percursos para a condução das instituições democráticas, mostrando argumentos para entender os fenômenos de uma cultura política considerada latina. Suas escolhas explicativas exerceram influência sobre trabalhos posteriores e reverberaram ao longo da ditadura brasileira.

Sobre as forças armadas, R. Dreifuss e Otávio Soares Dulci (2008) mostraram que a Doutrina de Segurança Nacional estava aportada nas teses de Samuel P. Huntington. Para os autores, o que ocorreu no Brasil em 1964 foi uma operação bonapartista, tese baseada em Antônio Gramsci e suas análises sobre as operações de organização de poder pelas classes hegemônicas, em período de paz. Segundo essa tese, os militares teriam efetivamente tomado o controle após o AI-5, o que ostenta um avanço do que foi a opção da própria classe dominante brasileira, na direita parlamentar, em contrariar as lutas pelo avanço dos direitos democráticos em prol de seus interesses de manutenção de investimentos e em favor de uma estabilidade política para seus negócios, gerando um verdadeiro monstro posterior.

Houve, portanto, o complexo industrial-militar e o acordo Brasil-Estados Unidos, em 1977, que representou o avanço do controle das forças dissidentes das forças armadas. Vale lembrar que, para Dreifuss e Dulci (2008), a oposição entre militares e civis foi criada, também, para antagonizar as atitudes dos “políticos” daqueles defensores da “ordem”, os militares, que imputavam discursivamente como necessária sua função de seguridade da ordem constitucional diante dos conflitos do terreno civil e político. As funções são separadas, embora articuladas. Por isso, pensamos que não era apenas sobre os militares que as teses dos chamados brasilianistas concluíram, mas trouxeram reflexões metodológicas a respeito das relações entre civis e militares, que visaram englobar os mecanismos anteriores da formação política brasileira de caráter mais geral, mais amplo⁷¹.

⁷¹ Uma comparação semelhante da preocupação de Dreifuss e Dulci com os autores norte-americanos aparece em uma comparação feita por Michel Lowy sobre Robert Alexander. A respeito da Quarta Internacional na América Latina (2005), onde o leitor dos movimentos intelectuais da esquerda faz referência aos estudos de Robert Alexander – *Trotskyism in Latin America* – pela Havard, quando atuou pelos estudos ligados ao *Federal Bureau Investigation* (FBI). Alexander foi considerado por Lowy como um “social-democrata convicto”, que tinha como objetivo enquadrar e silenciar as lutas analisadas em esquemas conceituais pró-democráticos liberais. (LOWY, 2005, p. 202).

Fica claro que as narrativas norte-americanas mais conhecidas ofereceram alertas e fizeram parte do anticomunismo pós Aliança para o Progresso (1961), pois situaram boa parte das lutas sociais no Brasil como sendo do campo radical ou ultranacionalista, movendo argumentos em favor do controle do avanço das pautas das classes subalternas, optando pela escolha da classe média como agente mais capaz de conduzir as mudanças políticas no país.

As escolas com as quais Poppino dialogou, no Departamento de Estado, envolveram, nesse sentido, duas influências. O antitotalitarismo x totalitarismo era a “grande antítese” para os direitos humanos e para os valores da democracia ocidental dominante, e de onde se fortaleciam os sentidos de interpretação do anticomunismo no pós-guerra (CANCELLI, 2017). Os aconselhamentos dos funcionários do Departamento de Estado, inclusive em 1961, após a escrita da Aliança para o Progresso, era o de encontrar uma terceira via, um caminho do meio, onde a modernização de países subdesenvolvidos ocorresse junto com o combate ao comunismo. Essas posições fomentaram ajudas externas a golpes na Guatemala e em Cuba, assim como podem ser associadas à engrenagem de grupos conservadores no Brasil, como o IPÊS e suas ideologias do pós-guerra, antigetulistas, antipopulistas e, sobretudo anticomunistas, apontando para um circuito contraditório, pois, se ao mesmo tempo essas ideias fomentaram reações ao totalitarismo, sustentaram abusos de poder na América Latina. (CANCELLI, 2017; OLIVEIRA, 2015).

O embate entre a noção de um “mundo livre” contra o totalitarismo, entre 1945 e 1964, é um dos temas discutidos por Cancelli. Para ela, o crescimento das ideias sobre uma democracia de centro, do desenvolvimentismo, da modernização, foram fruto de posturas intelectuais que definiram que seria mais viável escolher um “caminho do meio”, entre a esquerda e a direita do que escolher uma posição dual. A opção por um tipo de anticomunismo antitotalitário, segundo Cancelli, colocou os Estados Unidos na direção do processo em defesa das ideologias pró mundo livre, o que teoricamente os localizaria politicamente longe de oligarquias reacionárias, sem apostar na repressão (publicamente). Ao mesmo tempo, os Estados Unidos seriam a nação de liderança para o afastamento dos povos latino-americanos de iniciativas políticas consideradas radicais, como a Reforma Agrária, mas seguiriam investindo em políticas reformistas em áreas rurais, nos anos 1950. Essas ações somavam-se às medidas no campo da cultura, optando os Estados Unidos por difundir uma política de atração dos “corações e mentes” para o terreno de defesa de suas ideologias.

Segundo Cancelli, esse é um dos motivos pelos quais a ditadura brasileira durou tanto. Não foi à toa, já que os governos brasileiros, do período, para Cancelli, filiaram-se ao discurso

da democracia de centro, defendendo um tipo particular de atitude repressiva em defesa da ordem democrática. Alguns estudos já apontam para a engrenagem de um escopo ideológico particular na Escola Superior de Guerra, por exemplo, onde o emblema da democracia associou-se com justificativas de ação autoritária, em uma nova montagem de argumentos para o governo.

As análises da história situadas no terreno mais conservador não destoaram desse cenário. O pronunciamento de historiadores especialistas em pesquisas sobre o Brasil, nos Estados Unidos, exerceu uma função específica nesse sentido, pois atacava principalmente o getulismo e o populismo, combatendo o nacionalismo reformista e o das esquerdas, que foram considerados como radicais para o contexto. Por outro lado, quando acompanhamos os textos dos brasilianistas, esses parecem a todo tempo estar julgando as ações dos sujeitos da política republicana brasileira que surgiram como pontos fora da curva da condução democrática e constitucional, aceitando a ação dos militares como um ato conjuntural e pontual da história nacional. Com respeito a esse tema, a principal tese de Elisabeth Cancelli (2017) é a de que o golpe coube no cenário ideológico da democracia da Guerra Fria. Aqui consideramos o brasilianista como intérprete fundamental nesse processo.

Para Frances Saunders, no livro *Quem Pagou a Conta* (2008), durante a Segunda Guerra, foram formadas “pontes intelectuais” interatlânticas, com encontros entre delegados norte-americanos e intelectuais europeus, por meio de reuniões, montagem de comissões e edições de revistas. Por meio delas, formaram-se laços assimétricos entre os Estados Unidos e a comunidade científica europeia, em nome de políticas de expansão ideológica, que correspondiam, sobretudo, aos interesses norte-americanos. Um grande exemplo foi o Congresso pela Liberdade da Cultura - Congress Culture Freedom (CCF), onde a tolerância à esquerda britânica não comunista era uma amostra de como o pensamento de Marx e Lenin passou a ser considerado, no período, como uma “filosofia política”, no campo das defesas da liberdade.

O que Francis Saunders (2000) chamou de Guerra Fria Cultural foi uma grande arquitetura no campo da cultura, que envolveu agentes e espiões norte-americanos, na CIA, por mais de 30 anos, tornando-se uma arma poderosa, segundo a autora, pela via de ações como a divulgação de jornais, revistas, realização de conferências, seminários, edição de livros, exposições de arte, concertos, festivais. A autora abriu uma via nova de conversação sobre o tema, ao dizer que a atuação da CIA não pode ser simplesmente vista como reacionária ou sinistra.

Com as doutrinas Marshall e Truman, difundiu-se um apoio à cultura na Europa Ocidental, juntamente com auxílios para a recuperação econômica no pós-guerra. Em contrapartida, as nações europeias uniram-se em movimentos culturais conjuntos (SAUNDERS, 2000, p. 20-22). Para Saunders, no final do Plano Marshall, houve um grande impulso para que a opção de luta – para a Guerra Fria e para a União Soviética – fosse a aliança. Órgãos como o Escritório de Informação Comunista – Communist Information Bureau, visavam à aproximação com o modo político soviético, considerado como cruel, porém, visando soluções democráticas, uma forma também de observação e cooptação. (SAUNDERS, 2000).

O crescimento das ações do campo intelectual, no imperialismo, foi compreendido por Saunders como um desdobramento das alianças político-culturais europeias com a expansão norte-americana. A autora analisou que aquela Europa, após a guerra, era praticamente um cadáver, por conta de sua condição de ser alvo de disputa tanto pelos Estados Unidos, como pela União Soviética. As políticas culturais da Guerra Fria ampliavam uma guerra ideológica, sem que para isso ficasse explícita a sua realização concreta. Essas forças se destacaram após 1947, com a Doutrina Truman e outras agendas diplomáticas do pós-guerra. (SAUNDERS, 2000).

Suas teorias apontam para um conjunto de trabalhos que já se sustentam na ideia de que as relações bilaterais da cultura fomentaram novas ações estratégias da expansão norte-americana no pós-guerra e que envolviam os agentes nacionais desses países como grandes parceiros. Por outro lado, ao tratar especificamente da Europa, a autora ainda deixa lacunas para reflexões sobre em que medida essas ações podem ter atingido outras localidades e regiões.

De acordo com Raffaella Nocera (2012), para falar em Guerra Fria Cultural, na América Latina, é preciso, sobretudo, definir o uso que fazemos do conceito de cultura e tratar, a seguir, das relações entre culturas. Isso porque a noção de Guerra Fria Cultural, tal como aplicada por Frances Saunders, se aplicaria inicialmente para o entendimento das relações intelectuais entre Estados Unidos e Europa, no final da Segunda Guerra e durante a Guerra Fria, como uma ampliação das estruturas do imperialismo norte-americano. Isso não significa que não possamos tomar seus pensamentos como parâmetros, uma vez que tratou do imperialismo norte-americano como um fenômeno mais complexo e que, se não atingia igualmente a América Latina, possuiu diretrizes semelhantes.

Elisabeth Cancelli, em sua obra *O Brasil e os outros* (2012), demonstrou que, mesmo que a CCF e outros órgãos se movessem a partir “de uma política mais geral”, terminou por fortalecer as iniciativas de intelectuais em projetos político-ideológicos e de carreira acadêmica⁷². Assim, estruturas tais quais o Congresso pela Liberdade da Cultura foram compreendidas como estratégias “não-convencionais” da guerra, porque eram sutis e enraizadas nas próprias crenças dos seus participantes na defesa da liberdade intelectual, contra restrições à sua atuação ideológica e profissional, oriundas de políticas atribuídas ao comunismo na União Soviética e na Alemanha Oriental. Essas pesquisas reforçam a noção de que a versão do anti-autoritarismo, no campo ideológico, permaneceu vigorando entre intelectuais acadêmicos, assumindo uma postura anticomunista, o que valeu também para a América Latina.

A organização de saberes, de metodologias, os temas dos debates e as formas de conhecer são instrumentos que foram disputados nesse contexto e sofreram a interferência do campo ideológico do pós-guerra, entre versões anti-autoritárias americanistas, criando oposições, reunindo os mais diversos setores ideológicos em tarefas práticas para os intelectuais. Assim, os intelectuais, em suas reuniões, projetos, edições e associações próprias posicionaram-se na Guerra Fria, mas destacaram principalmente a sua função dentro dela, procurando discutir seus papéis políticos e suas liberdades.

É importante notar o papel da regulamentação estatal *strito sensu*, que também definiu as ações culturais, como o Departamento de Estado e suas agências de pesquisa, a exemplo do Bureau of Intelligence and Research, o Social Science Research Council, as Universidades e, dentro delas, seus grupos de pesquisa. De outro modo, as fundações privadas foram fundamentais na engrenagem da ciência, nos Estados Unidos, e na expansão dos estudos sobre o continente (WAGLEY, 1952).

Benedetta Calandra e Marina Franco (2012) pensaram em como a amplitude dos “estudos culturais”, aplicados ao caso das relações internacionais, gerou novas noções sobre a atuação do imperialismo norte-americano durante a Guerra Fria. As autoras mostraram como ações não convencionais diluíram, nas relações sociais entre os intelectuais, as intenções aliancistas dos

⁷² “Ao assumir todos os gastos do encontro do CCF, que reuniu 118 intelectuais, de 21 países, o governo norte-americano, através da CIA, estruturou secretamente um projeto incluído na estratégia do que ficou conhecido como Cultural War da Guerra Fria – de apoio a ações culturais e intelectuais dentro e fora dos Estados Unidos” (CANCELLI, 2012, p. 68). Ali se produziu o Manifesto dos Homens Livres. Buscando manter sua autonomia intelectual, o financiamento dos trabalhos foi um alvo de debates sobre suas controvérsias, ao ser denunciado pelo New York Times, em 1966, quando muitos cientistas, artistas e outros ficaram indignados com sua possível condição de atuar enquanto “inocentes” no processo.

Estados Unidos com os países que retomavam o seu crescimento econômico após a Segunda Guerra.

Segundo Perry Anderson (2015), a diplomacia norte-americana contou constantemente com seus teóricos para definir ações de política externa. Ainda segundo o autor, as teses sobre o imperialismo e o expansionismo norte-americanos precisam considerar uma linha de raciocínio contínua desde suas primeiras iniciativas no século XIX. No seu entendimento, durante toda sua história, a política externa levou principalmente em consideração as balizas de fortalecimento de mercados, mesmo ao custo de conflitos internos de opinião, fornecendo aberturas para os interesses de elites de antigas colônias em processo de independências políticas, transformadas em satélites de sua órbita comercial, encontrando agentes adequados para a defesa desses negócios. Seguindo esse raciocínio, no terreno ideológico, a Guerra Fria definiu a derrota do comunismo como prioridade para o “mundo livre”. Assim, a defesa de que seu exemplo seria o de uma democracia liberal que garantiria as liberdades era a base dos esquemas teóricos que concorriam com os inimigos econômicos de suas relações comerciais (ANDERSON, 2015, p. 134).

Para tanto, “na paisagem intelectual norte-americana, a literatura da grande estratégia constitui um domínio próprio, distinto da história diplomática ou da ciência política, embora possa ocasionalmente recorrer a elas” (ANDERSON, 2015, p. 140), o que demonstra a importância do pensamento social e dos debates da política externa, atualmente, feitos pelos *think tanks*, para o aparato jurídico e institucional do Departamento.

Podemos ver, a partir dessa função que, além de pensar nas estratégias de aproximação comercial e de defesa dos interesses econômicos dos Estados Unidos, os analistas aos quais Anderson se referiu também exerceram outra tarefa. Os intelectuais estiveram a todo o tempo avaliando as formações políticas nacionais na América Latina, suas condições de soberania e os artifícios internos de consolidação de identidades nacionais e democráticas não radicais. Esses caminhos mostravam as situações em que os países latino-americanos puderam ou não ser considerados como parceiros econômicos.

Vale lembrar que as estratégias de combate, por via de uma “camuflagem” de medidas culturais, não eram novas e foram inauguradas em um caso muito conhecido nos Estados Unidos, mas pouco discutido entre os brasileiros, com o PBSUCCESS, política ideológica direcionada para o combate ao comunismo na Guatemala, antes mesmo da deposição de Juan Jacobo Arbenz, em 1954 (GANDIN, 2005). A atuação do governo norte-americano, nessas

circunstâncias não resume a prática dos seus agentes de cultura, mas impõe condições objetivas para que ela seja realizada. Uma resposta real para os atos expansionistas norte-americanos e o enraizamento dos valores americanistas é o receio do imperialismo e o sentimento antiamericanista que movimentou muitos sujeitos e agentes na América Latina ao longo de todo o século XX.

Para Max Paul Friedman (2015), o antiamericanismo, dentro dos Estados Unidos, é questionado cotidianamente, pois creem, os norte-americanos, que seriam irracionais os outros, que não compreenderiam seu país. Friedman refletiu que “no nos hemos detenido a pensar hasta qué punto el próprio termo hunde sus raíces em el pasado estadounidense” (FRIEDMAN, 2005, p.20), atribuindo a hostilidade externa aos Estados Unidos às suas próprias ações no seu passado recente de expansão e reconsiderando diversas contribuições, antes tratadas como antiamericanas, como críticas importantes à política externa.

As medidas de expansão comercial voltadas para os países vizinhos, o americanismo e a presença dominante dos Estados Unidos foram reais e, assim também, o antiamericanismo não pode ser tratado como uma espécie de “mania de perseguição” ou “complexo de vira-lata”. Ao invés de pensá-las como “paranóia” ou obsessão, o autor alerta para o fato de que as ações anti-americanistas foram frutos do tipo de diálogo cultural ocorrido entre a nação hegemônica e “os outros”, especialmente no período da Guerra Fria. Além disso, segundo ele, “a denúncia da correlação entre o crescimento exponencial da economia norte-americana e o seu comportamento cada vez mais tirânico no exterior não é monopólio de teorias marginais elaboradas por latinos ressentidos e por ferozes socialistas [...]”. (FRIEDMAN, 2015, p. 118).

Friedman entendeu o americanismo e o antiamericanismo como fenômenos alimentados, ao longo do século XX, sobretudo pelos interesses comerciais. Observando o axioma teórico e ideológico desses movimentos, ele os encontrou em postulados de associação dos nacionalismos com o antiamericanismo, ou do comunismo internacional com uma oposição direta aos Estados Unidos (um anti-imperialismo), por exemplo. Assim, o autor repensou os conceitos em nome de argumentos mais sutis, onde muitas vezes apareceram projeções anticapitalistas vinculadas ao chamado antiamericanismo. Sendo assim, o próprio americanismo seria reflexo das políticas da expansão do capitalismo em si. Para Friedman, as contradições e os conflitos com os modelos de americanismo estão enraizados dentro e fora do país, demonstrando que as oposições não ocorreram apenas no campo das nacionalidades (EUA x países latinos), mas em correntes interpretativas mais amplas. (FRIEDMAN, 2015).

A perspectiva vem a agregar ao conjunto do debate sobre o imperialismo situações que pareceram esparsas na atuação cultural dos Estados Unidos no continente. Contudo, autores como Friedman ou Saunders não estavam preocupados com essa categoria analítica – a do imperialismo – e com a validade da discussão sobre o capitalismo em sua expansão para compreender a totalidade dessas práticas.

Nesse sentido, vale seguir os passos argumentativos de Antônio Gramsci (2007b), no que diz respeito a uma compreensão da ação americanista como uma ação de disciplina e difusão do modo de vida do capitalismo para amplas esferas da vida social e de organização de um modelo de cultura e trabalho, chegando ao cotidiano do trabalhador e ao terreno da psicologia.

Já autores como Antonio Pedro Tota (2000) e Elisabeth Cancelli (2012) viabilizaram o entendimento das afirmações, dentro do Brasil, dos valores democráticos que estavam em disputa na política dos norte-americanos e foram tomados como matrizes para o diálogo ideológico e cultural doméstico. Ou seja, as referências norte-americanas de democracia também passavam por disputas, dentro e fora do Brasil, e é preciso entender a diversidade conotativa da sua aplicação.

Por outro lado, no que concerne à ideologia base de sua política externa, parece crível que havia uma busca de consenso na aplicação da visão sobre os Estados Unidos fora do país, mas com uma forte política interna de afirmação de seus acordos em prol da expansão da nação. Segundo Sidney Lens, em *A fabricação do Império Americano* (2006), a postura ideológica pacifista norte-americana sustentou numerosas práticas de guerra.

Dizem-nos que os Estados Unidos sempre tentaram evitar a Guerra; quando forçados a seguir a via militar, raramente o fizeram movidos por desejos de ganho ou glória. Que, pelo contrário, suas guerras foram empreendidas apenas em nome de princípios elevados, como liberdade dos mares e direito à autodeterminação, e para conter agressões. (LENS, 2006, p. 21).

É nesse sentido que os agentes e agências como a CIA optavam por mover estratégias diversificadas e cada vez mais sofisticadas, ou, para usar a expressão cunhada por Joseph Nye (2004), ideólogo e intérprete da política externa norte-americana, do “soft power”, para atenuar suas versões de políticas de guerra, atuando no campo psicológico e cultural.

Em Lens (2006), que trabalhou com a categoria do imperialismo, o tema da expansão comercial é inescapável:

Portanto, o imperialismo moderno tem de recorrer, obrigatoriamente, a uma variedade de técnicas. É um complexo processo que combina meios econômicos, políticos e militares. A ajuda – doações e empréstimos – é dada a governos estrangeiros com a condição de que mantenham o chamado sistema de livre-iniciativa e removam as barreiras ao comércio e aos investimentos americanos. (LENS, 2006, p. 26)

Em relação aos autores que se preocuparam em diagnosticar a via cultural dessas ações, vemos que a articulação do imperialismo norte-americano a um “mito da moralidade” se deu pela via da negação de seu militarismo e pela condenação moral da guerra. Lens mostrou que essa ideia resultou na oposição ao militarismo, que fincou raízes profundas na ideologia do expansionismo, com o temor de uma ditadura militar, o que contraditoriamente se faz presente em suas ações externas, quando o país apoiou “preventivamente” diversas ditaduras. Apesar dessa versão, seu foco não tem sido moral, segundo o jornalista, mas imperialista e militar, como podem comprovar suas experiências em territórios vizinhos e no Oriente Médio, a título de um discurso pacifista pela via da guerra compreendida como necessária. (LENS, 2006).

Não podemos esquecer da criação da Central Intelligence Agency (CIA), pela National Security Act, em 16 de julho de 1947 (SAUNDERS, 2000, p. 27-28). A mobilização cultural da Doutrina Truman e da Lei de Segurança Nacional teria sido feita a partir da crença de diversos profissionais na missão de salvar a liberdade ocidental de uma ameaça comunista que, no imaginário, se fazia representar por um regime minoritário e operado sob a ditadura: em associação com os horrores do nazismo na Alemanha.

As ações da diplomacia decorreram, com maior facilidade, nas reuniões em congressos acadêmicos. No mesmo período, ampliaram-se os esforços da Divisão de Cultura, do Ministério das Relações Exteriores, no Brasil, por promover a divulgação da visão sobre o país no mundo ocidental, como trataremos à frente. Para Bieber (2002),

Historiadores brasileiros e norte-americanos começaram a ter mais oportunidades de se reunir regularmente após a chamada Segunda Guerra Mundial. Uma série de fóruns acadêmicos internacionais promoveu uma fecunda troca de ideia entre acadêmicos de diversas áreas e tradições historiográficas. Em 1950, a Biblioteca do Congresso e a *Vanderbilt University* patrocinaram o primeiro colóquio internacional luso-brasileiro. (BIEBER, 2002, p. 207).

Além do mais, o trabalho dos historiadores norte-americanos estava atento para a influência da política externa norte-americana no continente e para os jogos do americanismo e do antiamericanismo, dialogando com teses nacionais (nos locais onde pesquisaram),

buscando explicações a contento do expansionismo em que se envolviam do lado hegemônico. Por mais que muitos deles sejam apontados como opositores às ações de Guerra, como no Vietnã, ou na República Dominicana, já nos anos 1960, partiram do princípio da hegemonia internacional norte-americana e da manutenção de seus interesses como soberanos aos demais.

Esse não é um terreno novo e outras referências sobre o assunto podem ser apontadas, como a concepção de Imperialismo Informal, de Ricardo Salvatori, utilizada no Brasil por Tania Quintaneiro para pensar trocas culturais norte-americanas com o país (QUINTANEIRO, 2001), entendendo que as ações imperialistas se desdobraram em pesquisas científicas ou visitas a territórios em processo de descolonização, como forma de atrair alianças.

As relações acadêmicas entre Brasil e Estados Unidos, no livro de Sérgio Miceli sobre a Fundação Ford (1990) são revistas a partir de uma crítica da rejeição dos brasileiros ao pensamento norte-americano, presente em posturas anteriores, como as de Eduardo Prado (1893). Miceli, ao se preocupar com a circulação de recursos materiais e institucionais, apontou para uma “divisão internacional do trabalho intelectual”, na qual a agenda de pesquisa dos intelectuais brasileiros, apesar de assumir uma postura mais voltada para os temas da realidade nacional, seguiu, na maioria dos casos, um roteiro “metropolitano” de ditames científicos. Para ele, os mecanismos acadêmicos que tornaram possível uma maior aproximação das agendas brasileira e norte-americana de pesquisa sobre a realidade nacional teriam sido a *Hispanic American Review* (1918), conferências de *Latin American History*, o SSRC – Comitê de Estudos Latino-Americanos, sem falar no clássico *Handbook of Latin American Studies*.

A Fundação Rockefeller atuou, segundo Miceli (1990), em apoio financeiro e no fornecimento de subsídios técnicos de pesquisa para o Departamento de Estado, no SSRC, e no grupo de trabalho de estudos sobre a América Latina. Citando o *American Council of Learned Societies* e o *National Research Council* (que assumiu tarefas diretas para o Departamento de Estado), Miceli apresentou uma “armação institucional” de onde teria saído a maioria das iniciativas de pesquisa. O segundo momento da “armação” se verificou após 1959-1961, com a construção da Aliança para o Progresso e, no campo acadêmico, a formação de grupos de estudos sobre a América Latina nas grandes universidades dos Estados Unidos, como a LASA – Associação de Estudos Latino-Americanos, ganhando destaque as universidades de Wiconsin e Nova York. A Fundação Fulbright também se tornou proeminente naquele momento, assim como a Ford, que inseriu fôlego em políticas culturais com “alvos institucionais estratégicos” (MICELI, 1990, p. 23), após o acúmulo de iniciativas bilaterais dos anos 1950.

2.3 - SOBRE OS INTELLECTUAIS E A ESCRITA DA HISTÓRIA

Quando um escritor elabora uma reflexão, podemos dizer que ela foi decorrente de seu conjunto de leituras – o que nos encaminharia para a história das ideias e do pensamento – mas também da sua experiência de pesquisa e observação de mundo acumuladas. Nesse sentido, mesmo buscando discutir o conjunto de ideias que influenciou o autor, nos aproximamos mais da história dos intelectuais e consideramos que as relações sociais e o engajamento político, como também a sociabilidade são fundamentais para a compreensão da ação social do escritor. Essas aproximações são travadas com colegas nos ambientes em que atuam, com as parcerias e trocas de informações. Tais sociabilidades extrapolam o mundo da academia e atingem a vida fora das universidades e grupos de estudos.

Assim verificamos que esses percursos possuem um emaranhado de fases que parecem desconexas, mas são fundamentais na compreensão da trajetória intelectual.

Contudo, concordando com Claudia Wasserman (2015), acreditamos ser bem mais produtivo discutir o caráter do trabalho exercido pelos intelectuais na sociedade, a ação do sujeito em discussão, como forma de definir o modo como trataremos do tema. Segundo Wasserman (2015),

Os enfoques teóricos e as estratégias de investigação no âmbito da história intelectual são igualmente vastos e constituem objeto de contendas que remetem, sobretudo, às disputas por reconhecimento e consolidação de hierarquias acadêmicas, o que restringe e compromete as tentativas de classificar e tipificar as abordagens. É possível, entretanto, nesse variado mosaico de enfoques, compreender a contribuição específica de cada abordagem teórica ou das diferentes estratégias metodológicas para o desenvolvimento de um domínio propício aos estudos históricos. (WASSERMAN,2015, p.65).

O caminho da história intelectual hoje já encontra vias diversas da história das mentalidades e da história das ideias, e aqui partimos da contribuição da noção sobre o “ser social”, noção de veia marxista, para o entendimento da totalidade de ações de um sujeito no âmbito da cultura, como o historiador. Por isso mesmo, também é importante falar algo a respeito da cultura e a ação dos intelectuais acadêmicos. Como tratamos de um intelectual acadêmico e, ao mesmo tempo, de um agente que trabalhou como consultor do Estado, também entraremos brevemente nessa discussão.

Aqui, fugindo do risco de uma classificação do trabalho do intelectual em “escolas” ou “quadros” de pensamento estanques, trazemos reflexões da sociologia da cultura. Raymond Williams, ao escrever sobre a produção do romance inglês, mostrou como era difícil enquadrar os romancistas em gêneros literários estanques, como “romance burguês”, “romance histórico” ou “romance histórico proletário”, visto que eles se forjaram justamente no conflito da mudança entre essas matrizes (WILLIAMS, 2014, p. 206). Estamos tratando de intelectuais da antropologia, da sociologia e da história, mas não o deixamos de ver também entre os conflitos que emergem da “produção social da escrita”. (WILLIAMS, 2014).

A sociologia de Pierre Bourdieu apresentou preocupação particular nesse sentido, quando direcionou seus esforços para a compreensão da produção cultural. Sua intenção era tratar do exercício do poder simbólico e sua violência, imputada no processo de enraizamento das culturas dominantes. Então, como podemos unir as reflexões de um sociólogo como Bourdieu a uma preocupação aqui exposta, de retomar a trajetória da produção de história entre os intelectuais de sua época?

Segundo a leitura de Sergio Miceli, para Bourdieu há um esforço em condicionar a discussão sobre a cultura entre os paradigmas que dispõem os bens simbólicos no terreno do “significado do mundo” (MICELI, 1987, p.VIII) e a cultura “como instrumento de poder” (MICELI, 1987, p.VIII). Assim, o autor afirma que

Na verdade, o que Bourdieu pretende é retificar a teoria do consenso por uma concepção teórica capaz de revelar as condições materiais e institucionais que presidem à criação e à transformação de aparelhos de produção simbólica cujos bens deixam de ser vistos como meros instrumentos de comunicação e ou conhecimento. (MICELI, 1987, p.XII).

O mesmo autor, ainda reforça que

(...)Para além das representações que os agentes incorporam, capazes de propiciar justificativas simbólicas para a posição que ocupam, o observador deve reconstituir o sistema completo de relações simbólicas e não-simbólicas, ou seja, as condições de existência material e a hierarquia social daí resultante. (MICELI, 1987, p.XII).

Na interpretação Bourdieusiana, a ação de intelectuais perpassa a compreensão da sua mediação no “campo”. Definido em diversas passagens de sua obra, selecionamos alguns trechos que permitem perceber o quanto o campo é uma noção crucial para verificação das relações travadas entre os sujeitos analisados na presente pesquisa. Em uma de suas

conferências, esta proferida na Universidade de Princeton, em 1986, Pierre Bourdieu destacou que

Os campos de produção cultural propõem, aos que neles estão envolvidos, um espaço de possíveis que tende a orientar sua busca definindo o universo de problemas, de referências, de marcas intelectuais (frequentemente constituídas pelos nomes de personagens-guia), de conceitos em “ismo”, em resumo, todo um sistema de coordenadas que é preciso ter em mente – o que não quer dizer na consciência – para entrar no jogo.

(...) Esse espaço de possíveis é o que faz com que os produtores de uma época sejam ao mesmo tempo situados, datados, e relativamente autônomos em relação às determinações diretas do ambiente econômico e social (...). (BOURDIEU, 1996 b, p.53).

Portanto, tanto a sua noção de *campo*, como a de *trajetória*, além das questões levantadas pelo sociólogo sobre *habitus*, são inspiração para problemas aqui levantados. Ao buscar distinguir a ação do historiador brasileiro, buscamos seus modos de se encaixar e dialogar com os métodos da sociologia e da antropologia brasileira, além de discutir suas influências e supostos de leitura, o que nos leva ao debate das ideologias vigentes. Foi preciso para o interlocutor norte-americano, engajar-se em redes de contato já existentes, mas ao mesmo tempo, contribuir para a ampliação dela, fortalecendo o ambiente intelectual de recepção dos intérpretes norte-americanos da história do Brasil.

É no interior de um estado determinado do campo, definido por um certo estado do espaço de possíveis, em função da posição mais ou menos singular que ele ocupa, e que ele avalia diferenciadamente conforme as disposições que deve à sua origem social, que o escritor se orienta em direção a tais ou quais possibilidades oferecidas, e isso, com frequência, de maneira inconsciente (...). (BOURDIEU, 1996b, p.72).

Esse é um trecho no qual Bourdieu se preocupou especificamente com a condição da inserção do escritor no campo, devido ao seu perfil, social, ideológico. Suas contribuições podem ser levadas a um raciocínio de que a atuação prática do historiador, em contextos específicos, pode ser interpretada como sendo conduzida por uma inserção em campo notadamente movido, de um lado, por um engajamento do *habitus*, ou seja, do que Bourdieu entendeu por ser a conjunção de sentidos incorporados em um perfil profissional. Mas também, pode ser alimentado pelas exigências que fatores externos ao campo no qual ele passa a se inserir evocaram de seu trabalho como escritor e profissional.

É importante dizer que reconhecemos a ação do historiador como sendo fortemente demarcada pelas condições reais da existência e os conflitos sociais em que se encontra. A

reflexão de Michael Burawoy (2010) desafiou as dicotomias existentes dentro do pensamento de Pierre Bourdieu com relação ao marxismo. Aqui, traremos algumas notas de Burawoy, para mostrar o quanto é fundamental considerar essas premissas para a localização de um pensamento ou obra no interior de uma ciência.

Burawoy (2010) usou da própria metodologia de Bourdieu para pensar os acadêmicos e seus fazeres políticos. Para esse percurso ele usou a própria trajetória de Bourdieu. Sobre os intelectuais, entre noções de Gramsci e Bourdieu, seria possível concluir que o papel, nas fronteiras da dominação, os colocaria em um lugar de selecionar, escolher pontos de intersecção e estratégias, para sua própria sobrevivência na superestrutura e nos jogos de dominação, mas também na contestação de suas correntes. O surpreendente é que este caminho está no próprio Bourdieu, segundo Burawoy,

Porque, quando os intelectuais denunciam a violência física pelo mundo afora, eles não percebem que são, também eles próprios, os perpetradores de outra forma de violência: a violência simbólica que dissimula a dominação tomada como dada (dóxia) e incorporada aos corpos e à linguagem dos intelectuais. (BURAWOY, 2010, p. 26).

Há, tanto em Pierre Bourdieu como em Antonio Gramsci, um debate fértil sobre a questão da autonomia relativa dos intelectuais. Bourdieu, para Burawoy, ao defender o espaço da autonomia universitária, mostrou muito mais as prisões e as especificidades das condições acadêmicas contemporâneas da produção do conhecimento, para denunciar possíveis barreiras à atuação intelectual livre. Por esse motivo, Burawoy se interessou por pensar, junto com os problemas levantados por Bourdieu, sobre as conexões entre pensamento e prática intelectual.

Assim, a ação intelectual envolve sua localização num campo de prática política e cultural. Tais relações remetem à teoria dos campos, que pode ser assim resumida como

Focada nas relações sociais que precedem os indivíduos, na ação estratégica desses atores procurando maximizar seus lucros (material-simbólicos) – ações que são conformadas, primeiramente, pelo próprio campo com suas regras e, posteriormente, pela distribuição desigual do capital específico desse campo. (BURAWOY, 2010, p. 34).

A questão, para Burawoy, que viria do marxismo para Bourdieu, surgiria no sentido do enfrentamento do tema da autonomia relativa dos intelectuais no campo bourdiesiano, mostrando as limitações de suas condições de luta, já que eles próprios viveriam uma autonomia exercida aparentemente. Para que sua ação seja vista como desconectada das condições reais

de existência, esse modo aparente mostra justamente o seu poder simbólico. Segundo Buraway, o tema da exploração aparece de forma muito periférica em Bourdieu.

Aqui reproduzimos uma das principais comparações entre Bourdieu e Gramsci, feitas por Burawoy, a respeito do papel dos intelectuais.

A preocupação frequentemente manifestada por Bourdieu é que a autonomia dos campos cultural e intelectual se encontra permanentemente ameaçada, quer pelo Estado, quer pelos mercados. Tal ausência de autonomia é um fenômeno amplamente denunciado em *Homo academicus* e em *A aristocracia de Estado*. Já a crítica de Gramsci ao intelectual tradicional não é tanto feita contra a incapacidade deste em concretizar a autonomia, mas, antes, de uma dominação ideológica, ao apresentar os interesses dominantes como sendo os interesses universais. (BURAWOY, 2010, p. 63).

Mas, ainda, em Bourdieu, encontramos a preocupação sobre como os próprios intelectuais ampliam o poder simbólico do qual usufruem e, ao mesmo tempo, seus jogos de poder são alvo de disputa de suas posições na sociedade⁷³.

O historiador, como produtor de narrativa, não se constrói como indivíduo sem se tornar partícipe da ação da história, envolto em relações sociais que se cruzam no seu fazer-se, delineando sua trajetória em conflitos, muitas vezes políticos e assumindo posturas que trazem as transmutações dos interesses sociais para seu material escrito.

O tema da função do intelectual das ciências sociais como agente político, ou de sua prática de fazer ciência como engajada está mais presente no Brasil entre os sociólogos. Essa disputa, inclusive, fez parte da construção do campo das ciências sociais no Brasil. Enquanto os poucos historiadores brasileiros erigiam seu terreno de pesquisa, o alcance público das ciências sociais era muito forte (praticando uma sociologia pública engajada). A interação entre os campos da sociologia e da História foi fundamental na constituição da historiografia contemporânea⁷⁴.

⁷³ Há outras categorias exploradas por Burawoy, que transitam nos embates teóricos que ele mesmo formulou entre Bourdieu e Gramsci, a partir de conceitos utilizados pelo sociólogo e pelo filósofo, como hegemonia e dominação, violência simbólica, exploração. Essas noções seriam elemento base para que Burawoy edificasse um pensamento próprio, cujo assunto é o reconhecimento da dominação por parte dos dominados, para usar as palavras do autor.

⁷⁴ Peter Burke, em *História e Teoria Social*, verificou como a sociologia foi matriz para a história e vice-versa. O fenômeno de interação entre os historiadores e as matrizes sociológicas da teoria social não é novo, apesar de ser associado somente às novas gerações de estudos de cultura. (BURKE, 2002). Em “Escritos sobre a História”, Braudel se questionou: “...pra que a frágil arte de escrever a história escaparia à crise geral de nossa época?” (BRAUDEL, 200, p. 18). Braudel foi também diretor, nos *Annales*, de uma ruptura de fronteiras entre sociologia e história, que, para ele, foram pensadas muito mais como demarcadores territoriais de campo de atuação do que como uma referência de matriz científica explicativa.

Pensando na ação intelectual e no papel do historiador, verificamos algumas contribuições gramscianas. As polêmicas, nas anotações de Gramsci, sobre o desempenho político dos intelectuais, ainda são necessárias nesse sentido. Gramsci discutiu o papel do intelectual na sociedade capitalista, na qual esses atuam, segundo ele, principalmente, como organizadores das funções sociais subalternas de hegemonia, pensada, em última instância, como controle dos mecanismos de criação de consenso.

Os intelectuais são os prepostos do grupo dominante para o exercício das funções subalternas de hegemonia social e do governo político, isto é: 1) do consenso espontâneo, dado pelas grandes massas da população à orientação impressa pelo grupo fundamental dominante à vida social (...), 2) do aparelho de coerção estatal (...). (GRAMSCI, 2004, p.21).

Apesar disso, o lugar dos intelectuais está ampliado para a sociedade como um todo, ou seja, não é necessário que eles estejam presos a uma estrutura pré-determinada para suas tarefas. Vale à pena dizer algo que é mais ou menos consensual da parte dos estudos sobre a obra de Antonio Gramsci. Seu caráter de ensaio e notificado em escritos dispersos e sugestivos não determina que haja uma tese formulada a respeito do papel dos intelectuais, sendo essa noção obra das leituras posteriores a respeito de suas indicações. Podemos fazer, inclusive, críticas ao modo como Gramsci tratou a função pública de intelectuais, a definição da existência de intelectuais “tradicionais” apenas em sociedades ocidentais consideradas como civilizadas, enfim, aqui nos resumimos a dizer que há uma preocupação fundamental em compreender os atos dos intelectuais como sendo vinculados de forma indireta ou direta aos propósitos da condução da disputa da hegemonia pelas classes dominantes.

Na disputa de Estado, educação, família, Igreja, por parte da classe hegemônica, os artifícios de produção de saber e de cultura têm sido até hoje fundamentais, pois buscam revisar e controlar as formas de conduzir as superestruturas, instituições e agências. Nesse sentido, Gramsci, ao utilizar o arquétipo liberal de sociedade civil e sociedade política, quis pensar como as funções entre ambas as instâncias pareciam intercalar-se. Principalmente, quando a sociedade passa por transições, nas quais a burguesia não dispõe plenamente da sociedade política, ampliando e acrescentando funções políticas na sociedade civil e fundamentando sua disputa de hegemonia nos mais variados terrenos do conflito social, as diversas instâncias da sociedade civil ganham importância ampliada.

Lembramos que o Estado Ampliado é uma ideia sobre os mecanismos a partir dos quais as classes subalternas poderiam elaborar a disputa da hegemonia, enquanto almejavam agir na

sociedade civil e na sociedade política. Contudo, os estudos do marxismo mostraram que o próprio domínio da burguesia criou condições de apropriação desses meios e agiu disputando a hegemonia nos mais diversos âmbitos da realidade social.

Para Gramsci, o intelectual pode atuar em oposição à hegemonia enquanto consegue agregar em torno de si condições de reinserção ideológica não orgânica e disputar uma migração de classe. Por isso, o terreno do debate sobre a ideologia é conflituoso nos aparelhos do Estado, porque por meio dela se reorientam os mecanismos do consenso, vencendo principalmente a leitura do grupo da sociedade que é hegemônico.

Gramsci nos deu pistas mais gerais para estudos de escritores e intelectuais. Ao tentar definir roteiros para o estudo da própria filosofia da práxis, propôs a reconstrução da biografia de Marx, o registro de seus pensamentos por meio de obras, como pontos de partida para a avaliação do Leitmotiv, ou do “ritmo do pensamento”, “mais importantes do que as afirmações particulares e casuais e do que aforismos isolados”. (GRAMSCI, 2007a, p. 19).

O intelectual, para Gramsci, seja ele o intelectual tradicional, ou a figura do intelectual orgânico, atua dentro das relações sociais da cultura e, por essa razão, há sempre uma necessidade de apontar para ideologias e visões de mundo nas quais está envolto, agindo a favor delas ou não. É por isso que suas reflexões sobre a autonomia relativa interessam tanto à história dos intelectuais ou aos historiadores preocupados em traçar uma história intelectual atenta ao conjunto das relações sociais que cercam a produção da cultura.

Se, por um lado, essa sua preocupação mostra os aprisionamentos e as potencialidades da ação do intelectual, por outro, é Bourdieu quem auxilia o historiador desse tema a buscar entender os jogos de poder típicos do próprio campo de atuação no qual um autor ou pensador elabora a sua carreira.

Nesse sentido, algumas palavras precisam ser ditas a respeito das condições específicas sobre a atuação dos intelectuais norte-americanos durante a Guerra Fria. Essas seriam um ponto crucial das condições objetivas do trabalho do brasilianista. O cenário que colocou a cultura em evidência, na função da expansão norte-americana sobre seus mercados e na organização de alianças internacionais do pós-guerra (SANTOMAURO, 2015) diz muito sobre a ciência que foi produzida no período, ainda mais se tratando de pesquisadores envolvidos com as relações entre os Estados Unidos e outros países da América Latina.

O papel público de escritores e intelectuais foi reforçado durante a Guerra Fria, quando os intelectuais atuaram bem mais no sentido profissional e, ao mesmo tempo, reivindicaram

suas autonomias e liberdades⁷⁵. Said pensou de que maneira a ação do intelectual profissional se direcionou mais para ocupação de postos públicos nesse contexto, percebendo que o intelectual norte-americano que produziu circunscrito ao cenário de debate da Guerra Fria foi singular.

Ainda que os Estados Unidos estejam realmente repletos de intelectuais que trabalham duro, ocupando as ondas aéreas, a imprensa e o espaço cibernético com suas efusões, o domínio público está tão tomado pelas questões de política e de governo, assim como pelas considerações de poder e de autoridade. (SAID, 2003, p. 29).

Para Said, os escritores são intelectuais, no sentido de que sua ação extrapola o subjetivo e as artes e pressupõe escalas de aproximação com o conjunto das relações sociais. Said revisou a questão para discutir que a própria concepção sobre a atuação pública do intelectual precisa ser datada e pontua que, em geral, toda associação ao papel do agente intelectual na sua organicidade foi muitas vezes entendida de modo utilitarista, alertando para o diálogo posto, entre os próprios escritores e acadêmicos, sobre a sua função (o que muitas vezes o aproxima da preocupação de Bourdieu a respeito da defesa da autonomia do intelectual). Ou seja, a formulação de uma estrutura própria para a ação intelectual pública foi feita por um projeto hegemônico a ser disputado por esses mesmos intelectuais que ocupariam tais funções e cargos. Ao tratar da trajetória de um historiador que trabalhou em funções conectadas diretamente com projetos de Estado, não parece razoável que essas premissas sejam questionadas.

No terreno da história política, voltando a Antônio Gramsci, é preciso interagir com a compreensão das instituições sociais e com as organizações de cunho privado ou misto, do Estado Ampliado, que abrigaram diferentes projetos acadêmicos e intelectuais mais extensos. Por essa razão, seguimos explanando as redes de interlocução de ideias, as aproximações e solidariedades de grupo que foram montadas e os equipamentos de financiamento de pesquisas consolidados na Bahia da década de 1950 e 1960 e que corroboraram com a “invenção de um brasilianista”. (ALMEIDA, 2002)⁷⁶.

⁷⁵ “Considere que o mundo bipolar da Guerra Fria foi reconfigurado e dissolvido de várias maneiras diferentes, todas elas, em primeiro lugar, fornecendo o que parece ser um número infinito de variações sobre a localização, ou posição física e metafórica, do escritor e, em segundo lugar, criando a possibilidade de papéis divergentes para ele desempenhar, se é que se pode dizer que a noção em si de escritor ou intelectual tem qualquer significado distinto coerente e definível, ou mesmo se ela existe”. (SAID, 2003, p. 26).

⁷⁶ Essa expressão foi usada pelo autor para mostrar que a classificação do brasilianista como intelectual é muito mais um fruto de inquietações internas no Brasil.

3 A PROJEÇÃO DA BAHIA NOS ACORDOS BILATERAIS ENTRE BRASIL E ESTADOS UNIDOS NA ÁREA DA CULTURA

Neste capítulo, falaremos sobre a ação da diplomacia brasileira nos anos 1950, no campo da cultura, para mostrar que os intelectuais baianos trataram com condições objetivas específicas nas relações bilaterais entre Brasil e Estados Unidos e se projetaram como uma espécie de vanguarda. Ao fundar uma agência especial para os trabalhos de financiamento e incentivo à pesquisa (a FDC-Ba), responderam a um movimento internacional de expansão do americanismo via cultura, mas sobretudo, criaram uma agência própria para isso. Assim, conseguiram unificar pesquisa, publicação, produção de memória e respostas rápidas para as necessidades do governo da Bahia no âmbito da Secretaria de Educação e Saúde.

Começaremos pelo crescimento da oferta financeira e acadêmica entre os dois países no contexto do início da década de 1950, para entender as condições singulares que despontavam para a negociação de relações acadêmicas no pós-guerra. Em seguida, trataremos das articulações e dos mecanismos de produção de conhecimento que ofereceram suporte para o convite a pesquisadores como Rollie Poppino na Bahia.

3.1 – POLÍTICAS CULTURAIS ENTRE BRASIL E ESTADOS UNIDOS

A bibliografia disponível no Brasil a respeito da Política Externa Americana⁷⁷ pode ser considerada uma produção nova entre historiadores, e foi produzida entre campos diferentes de investigação. Costumava-se discutir não necessariamente a política externa em si, mas objetos de estudo diversificados e que tratavam do relacionamento entre os dois países, mas recentemente o tema vem ganhando destaque em especializações e novos debates no país (SALOMON; PINHEIRO, 2013). Dentro das relações internacionais, os estudos sobre a Política Externa estão cada vez mais sendo direcionados para o âmbito das ações de diferentes atores sociais, além da esfera estatal e das ações do Itamaraty. Os estudos têm interessado a diversas especialidades do saber e entre eles a História.

⁷⁷ O uso da expressão Política Externa Americana já demarca um conjunto de investigações e aqui preferimos seguir essa nomenclatura nesse tópico, mas autores como Perry Anderson, por exemplo, preferem a expressão Política Externa Norte-Americana. (ANDERSON, 2015).

A década de 1950 é emblemática na consolidação das ações culturais da política externa brasileira e da atuação do Itamaraty nesse sentido. Durante a mesma fase, a marca do anticomunismo definiu limites e críticas dentro das ações que foram postas pelo governo brasileiro nas relações internacionais e repercutiram entre os intelectuais ligados à divulgação da cultura brasileira no exterior. Fernando Santomauro mostrou que a atuação cultural dos Estados Unidos no pós-Guerra associou-se fortemente ao anticomunismo. (SANTOMAURO, 2015).

As agências também foram estudadas por Laura de Oliveira (2015). Ao explicar a participação da USIS na organização de publicações ao longo dos anos 1950, 60 e 70, Oliveira alertou para a necessidade de demonstração das relações entre a agência norte-americana e o anticomunismo durante todo o período em que construiu parcerias editoriais (OLIVEIRA, 2015, p.108). Seu objetivo, em última instância, era tratar das relações entre as ações diplomáticas norte-americanas e o golpe civil-militar de 1964 (OLIVEIRA, 2015, p.18). Mesmo considerando as demais abordagens desse tema e da relação explícita dos Estados Unidos com o golpe, seu livro recorreu a um debate de um estratagema da política externa e seu aspecto relacional. A intenção de Oliveira foi recuperar os episódios anteriores ao golpe e que conduziram ao debate sobre a democracia e o anticomunismo, a partir das edições da GRD – iniciais referentes a Gumerindo Rocha Dórea – e de suas aproximações com o IPÊS.

Assim, Oliveira recorreu ao debate sobre a ideologia anticomunista da Guerra Fria, o golpe de 1964 no Brasil e o papel que tiveram sujeitos que se portavam publicamente como defensores da democracia, mas que elegeram a ideologia anticomunista como percurso doutrinário. A contenção do comunismo e o antitotalitarismo ficaram explícitos também com projetos de edição que fundamentaram teratologias sobre o “inimigo” comunista, em prol da difusão de valores cristãos, nacionalistas e aversos ao comunismo.

No interior do Ministério das Relações Exteriores, a difusão da cultura brasileira, da língua portuguesa, de produções literárias nacionais e de demais objetos da arte produzida no país, bem como a realização de atividades ligadas à educação e a trocas de saberes, foram incluídas na Divisão de Cultura na década de 1950. Tal medida aponta para um direcionamento das políticas públicas de cultura para dentro do Itamaraty, sendo projetadas como elemento construtor do fortalecimento da diplomacia brasileira. Destacaremos essa instância como ponto de partida para localizar relações intelectuais que moveram artifícios entre estudantes de intercâmbio, através de reuniões específicas e publicações, montando uma rede de saberes sobre o Brasil nos Estados Unidos. Passando de um trabalho realizado em outras instâncias, a atuação

de pesquisadores em intercâmbio começou a se tornar mais fortalecida na política cultural do Itamaraty⁷⁸.

De inspiração estatal, essa divisão ganhou um grande destaque na política internacional, principalmente quando as relações diplomáticas foram entendidas de forma muito mais ampla (RIBEIRO, 2011). Considerado pela diplomacia como um mecanismo “paralelo” de aproximação bilateral com os Estados Unidos, aqui verificamos de alguma forma o modo como esse intercâmbio foi potencializado. Congressos, reuniões acadêmicas, publicações, muitas vezes ocorreram por iniciativa dos próprios autores e pesquisadores interessados, porém o crescimento da proximidade entre eles e os governos quase sempre facilitou a entrada de pesquisas e títulos na agenda da diplomacia cultural. Apesar dos estudos sobre o tema ganharem expressão mais recentemente, o assunto não é novo, e traremos apenas algumas conexões que nos levam aos baianos.

No período entre 1933 e 1945, a preocupação do governo do presidente Franklin Delano Roosevelt era constituir laços possíveis com os países da América Latina e assegurar, através do discurso e das práticas políticas, um bom relacionamento com a “vizinhança”. A estratégia ganhou projeção a partir do início da Segunda Guerra Mundial, com propostas de consolidar parcerias.

O caminho para o fortalecimento das relações diplomáticas com o Brasil foi escolhido entre vias pacíficas, o que se desdobrou em uma verdadeira “fábrica de ideologias”, tendo como grande emblema a organização chefiada por Nelson Rockefeller, a OCCIA (TOTA, 2000). Como resultado, o período entre-guerras é considerado de aceleração das ações de enraizamento dos valores norte-americanos no país.

A americanização da nossa sociedade quebraria possíveis resistências à aproximação política entre os Estados Unidos e o Brasil. A Política de Boa Vizinhança de Roosevelt era o instrumento, de amplo espectro, para a execução do plano de americanização. (TOTA, 2000, p. 19).

Naquele contexto, é possível notar, nos debates políticos que ocorreram no Brasil, uma tentativa de discussão sobre o conceito de democracia, com elaborações que se uniam às visões

⁷⁸ Nas Relações Internacionais, já há um diálogo recente e frutífero nesse sentido. Ver SILVA, Micael Alino da. “Da América do Sul à América Latina: o Brasil e os Estados Unidos nas relações interamericanas (1933-1954)”, Tese de Doutorado, Universidade de São Paulo, 2016 e LINS, Lindercy Francisco Tome de Souza. **To sell a product or to sell an idea**: a propaganda oficial do Brasil nos Estados Unidos da América (1930-1945). Tese de Doutorado, Universidade de São Paulo, (2016).

que os setores da intelectualidade brasileira construíram sobre os Estados Unidos. As versões difundidas sobre o homem norte-americano foram marcadas pelo “progressivismo” e pela noção do homem livre, empreendedor e transformador da realidade, e, por outro lado, sustentado pelo “tradicionalismo”, que valorizava a vida na fazenda e a família (TOTA, 2000). Apesar da concorrência de definições, estava claro, para Antonio Tota (2000) que o pano de fundo do debate era americanista. Tota direcionou a análise para as ações da cultura, claramente imbricado de inúmeras questões políticas, que presidiam a ação de seus atores.

Quando o Estado liberal brasileiro ainda não havia se consolidado (até o final da década de 1930), o americanismo já poderia ser considerado uma realidade (TOTA, 2000). O autor entende o americanismo como difusão de uma “moda” ou propaganda interna dos ideais e da civilização norte-americana, mais do que uma efetiva implantação do modo de vida em questão, tomado como modelo, mas não posto em prática. Segundo ele, se “o Estado liberal, exigência mínima para a ‘americanização’, de acordo com a teoria gramsciana, estava longe da realidade no Brasil nos anos 1940” (2000, p.16), teria havido, mesmo assim, uma inserção americanista desde o Governo Vargas, no Brasil, no campo cultural.

Houve formas diferentes de associação dos intelectuais brasileiros com o ideário norte-americano. Sobretudo entre intelectuais que se portavam como liberais mais “esclarecidos”, dentro da República, a referida associação se deu (1) com interpretações sobre a democracia e através de uma tendência de (2) diálogo com o modo de vida norte-americano, sem copiá-lo, com adequações de pensamento e conduta política, especialmente a respeito da defesa da democracia ao “modo brasileiro”, na maioria das vezes, mais elitista. Em outro sentido, o americanismo teve uma vertente confundida com o anticomunismo (3), quando mudanças de posturas também ocorreram com relação ao Partido Comunista e suas visões sobre o papel dos Estados Unidos no continente. Podemos citar como exemplo o episódio em que o projeto de ação do Partido Comunista no Brasil, em 1935, ficou conhecido dos Estados Unidos através de relatórios produzidos pelo FBI para o Departamento de Estado (CANCELLI, 1997) e da atuação de investigadores norte-americanos que se aproximaram da polícia brasileira, o que marcou a ação anticomunista do país no Brasil. Já em 1946, porém, a negociação com a legalidade do Partido Comunista fez com que ocorressem novas análises sobre suas condições de representação da esquerda, no parlamento, quando as resoluções do Partido Comunista, muitas orientadas sob o viés da democracia liberal, não criavam tantas oposições aos norte-americanos.

Após os anos 1940, houve uma nova investida norte-americana na política internacional de aproximação com países que haviam se afastado das suas estratégias expansionistas

(MALAN, 2000). Foi uma fase em que, contando com a hegemonia militar, afirmada ao final da Primeira Guerra, e com outros aparelhos de coerção, como a atuação pela via da guerra nuclear, os Estados Unidos e seus operadores diplomáticos concentraram novos esforços na religação e conquista dos aliados por iniciativas culturais e econômicas. Tal postura entrou em acordo com o fomento ao reconhecimento do Brasil e de sua cultura no cenário das ações diplomáticas. Segundo Dummont e Flechet (2014),

Após 1945 a política cultural do Brasil no exterior se desenvolveu rapidamente e ganhou o nome de “divulgação cultural”. Durante a Nova República e, posteriormente, na Ditadura Militar, a diplomacia cultural viu seu campo de ação se desdobrar em três direções: em primeiro lugar, o setor ganhou importância no âmbito das diferentes instâncias políticas brasileiras; em seguida, o conteúdo das ações adotadas foi modificado, ganhando espaço a cultura popular, ao lado das produções eruditas; por fim, ocorreu uma diversificação de destinatários, tanto dos espaços como dos públicos em questão. (DUMMONT e FLECHET, 2014, p. 210).

Após a Segunda Guerra, a América Latina, em face da hegemonia norte-americana, dependia do mercado de exportações, mas já acenava para um crescimento industrial e para novos padrões de urbanização. Para Moniz Bandeira (2011), o governo brasileiro, mesmo buscando conectar-se com o novo clima expansionista norte-americano, tentou encorajar iniciativas de manutenção de sua autonomia frente aos mercados internacionais, assinalando a ideia de equacionar as políticas econômicas às relações diplomáticas. A hegemonia norte-americana era uma realidade, porém, a disputa por um lugar brasileiro na economia mundial fez com que os ministérios tratassem com cautela as propostas dos Estados Unidos. A ideia não era nova, já que a política internacional brasileira era embasada em uma proposta de ampliação de seu raio de ação desde o início da República (BANDEIRA, 2011, p. 43).

Pedro Malan apontou para o peso do “bloco latino-americano” nas Nações Unidas, instituídas logo após a Segunda Guerra Mundial, quando começava a ser esboçada a Guerra Fria, tornando-se um suporte para o poder político dos Estados Unidos nas votações regionais. Para ele, o Brasil se destacou, ao lado de Argentina e México, liderando esses apoios. Vale dizer que Malan, como pensador orgânico das classes dirigentes brasileiras, apostava em uma autonomia do Brasil frente aos Estados Unidos, negando a dependência direta de seus investimentos (MALAN, 2000, p. 59). Pedro Malan era partidário dessa associação e sua versão apenas indica que havia um movimento brasileiro por atrelamento de suas políticas externas com a diplomacia norte-americana de modo que a apresentação de uma autonomia fosse

preservada. Mas, mesmo para Moniz Bandeira, tal vinculação, embora efetiva, era demarcada por uma busca de independência brasileira em suas decisões.

A leitura do Brasil como parceiro dos Estados Unidos no continente fortaleceu-se principalmente nos anos de 1945 e 1946. Em uma relação assimétrica, porém legitimada internamente pelas expectativas de uma parcela das classes dominantes em alcançar um mercado estável, organizou-se, por exemplo, a Missão Cooke (1943), um conjunto de medidas que prometiam reforçar a industrialização brasileira, através de novos incentivos. Para Moniz Bandeira, esse projeto, de fato, nunca se concretizou; o autor acredita que nem mesmo os empresários brasileiros apostavam tão alto no acordo da Missão, já que ela mantinha a perspectiva da subalternidade brasileira e, por conseguinte, consolidava a hegemonia dos Estados Unidos no continente (BANDEIRA, 2011). Assim, a desconfiança foi uma constante na relação e fez parte das tentativas de manutenção de certa autonomia nas decisões brasileiras e na organização dos termos dessa “subalternidade”⁷⁹.

Após as perspectivas de um suporte concreto dos Estados Unidos aos investimentos no Brasil serem relativamente frustradas, a presença de Truman no Rio de Janeiro, ainda segundo Pedro Malan, trouxe clareza a respeito da expectativa que a diplomacia norte-americana possuía sobre o crescimento da economia brasileira no pós-guerra⁸⁰. A visão de Malan, partidário do liberalismo à direita, aponta para uma crença no papel importante do Brasil como parceiro dos Estados Unidos e não como subalterno. Mesmo assim, até mesmo para ele, apesar do interesse no “desenvolvimento” e no mercado comercial da América Latina, o Brasil não representava nenhuma prioridade na política externa dos Estados Unidos naquele contexto⁸¹. Para ele, as medidas, vindas de uma espécie de ajuda contida, da parte do governo norte-americano, apenas consideravam que a força da economia brasileira precisava se impor em seus próprios termos, mostrando que os setores internos e os recursos próprios fossem compreendidos como ponto de partida para os investimentos do capital privado norte-americano. Ou seja, desde que o país chamasse a atenção para seus recursos e movesse esforços para explorá-los, haveria um incentivo da nação hegemônica em enviar novos subsídios ao vizinho. Essa parece ser, inclusive, a visão mais próxima do secretariado de Estado norte-americano.

⁷⁹ Ver FONTES, Virgínia. **O Brasil e o capital-imperialismo: teoria e história**. Rio de Janeiro, Editora UFRJ, 2010.

⁸⁰ Ver MOURA, Gerson. **Relações Exteriores do Brasil 1939-1950: mudanças na natureza das relações Brasil-Estados Unidos durante e após a Segunda Guerra Mundial**. Ministério das Relações Exteriores. Fundação Alexandre de Gusmão, Brasília, 2012.

⁸¹ Vale lembrar que o grande esforço de recuperação das relações pós-guerra e de assistência da parte dos Estados Unidos se voltava para dentro da Europa, com o plano Marshall.

Sob esse ponto de vista, houve uma leitura de que a missão de Truman, em visita ao Brasil, teria como propósito consolidar o apoio às relações entre Brasil e Estados Unidos, o que podemos ver no otimismo durante o governo Eurico Gaspar Dutra (1946-1951) quanto à relação com os Estados Unidos e seus investimentos no Brasil. Os diplomatas brasileiros apontaram as intenções do governo dos Estados Unidos e do Departamento de Estado, deixando claro que o Brasil, para a política externa americana, era uma parceria política na América Latina, o que refletia em investimentos privados, desde que os interesses expansivos e comerciais do primeiro fossem atendidos. Ou seja, o Brasil nunca foi um parceiro inocente e manipulado; e os empresários nacionais dialogaram sobre a melhor forma de apreender a conjuntura da política norte-americana em favor de seus interesses.

Durante tal contexto, verificamos que a atuação da diplomacia econômica casou perfeitamente com as políticas da Divisão Cultural do Ministério das Relações Exteriores. O período sem dúvida foi marcado pela tentativa brasileira de atuação com países vizinhos através de ações culturais. A relação com os Estados Unidos ganhava projeção, mas não era ainda o foco principal, como podemos ver nos relatórios da instituição (O Ministério). O relatório da Comissão Mista Brasil-Estados Unidos, por exemplo, foi discutido ao lado dos trabalhos das demais comissões mistas que foram montadas com outros países da América e do mundo. Ou seja, os Estados Unidos cresciam em sua importância no âmbito dos intercâmbios culturais, mas não eram ainda, necessariamente, prioridade. No governo de Eurico Gaspar Dutra, além do destaque para o fomento dos “investimentos particulares” vindos de fora do país, deu-se grande importância para as ações culturais e se programou a realização de uma convenção cultural entre Brasil e Estados Unidos. Não foi à toa que, logo depois da intensificação vinda desse governo e do Ministério de Raul Fernandes, houve um crescimento significativo do número de seminários e palestras realizadas através de parceria entre os dois países⁸².

A UNESCO, organização educativa, científica e cultural das Nações Unidas, assinou um convênio com o Brasil desde 1945. Em 1949, ano em que as comissões dos diversos países participantes se reuniram em Paris para discutir temas específicos de cultura e educação, a organização já totalizava cinquenta Estados membros. Para essas ações, alguns intelectuais se destacaram enormemente, como foi o caso de Sérgio Buarque de Holanda. Naquele ano,

⁸² 1949. Brasil. Ministério das Relações Exteriores. Ministro Raul Fernandes. Relatório apresentado ao presidente da República dos Estados Unidos do Brasil pelo Ministro de Estado. Serviço de Publicações (381p.)

Sérgio Buarque de Holanda foi responsável pelo “Estudo comparado das civilizações”, como diretor do Museu Paulista, além de ser responsável também pela “tradução de clássicos”⁸³.

As ações do Ministério direcionaram-se para o campo da propaganda cultural, como já bem demonstrou Antônio Pedro Tota, em acordos com a Grã-Bretanha, França, Portugal, Itália, Espanha e Canadá. O destaque no Ministério para a Divisão Cultural mostrou a importância de seus serviços. A instância foi dividida em Serviços de Publicação, Serviço de Anuário Brasil (uma publicação específica), Depósito de Impressos. Havia ali uma comissão brasileira para o convênio cultural, composta pelo chefe da Divisão Cultural do Ministério das Relações Exteriores, Gilberto Freyre, Tude de Souza, Jacobina Lacombe e José Honório Rodrigues⁸⁴.

A proposta de receber estudantes estrangeiros foi uma das questões nas quais o Ministério concentrou seus esforços, pois, para a comissão, “o oferecimento de bolsas a estudantes ou profissionais estrangeiros constitui, sem dúvida, um dos meios mais eficazes de propaganda cultural de que dispomos”⁸⁵. Havia, de acordo com o relatório do Ministério, apenas um bolsista norte-americano, três canadenses e cinquenta e nove latino-americanos que eram financiados diretamente pelo Ministério, o que demonstrava a força em se aproximar dos parceiros no continente e a ainda tímida participação dos Estados Unidos no programa. Por outro lado, os bolsistas brasileiros no exterior estavam em maioria nos Estados Unidos. Juntamente com a atuação com as bolsas e os suportes para a pesquisa, a Divisão Cultural manteve a crença em instituições que eram sustentadas fora do país, como o Instituto Brasileiro-Boliviano, a Anglo-Brazilian Society, o Instituto de Estudos Brasileiros da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, o Instituto Brasil-Estados Unidos, quando ainda eram iniciadas as conversações para a implantação de um Instituto de Cultura Brasileira em Washington⁸⁶. Durante o período entre guerras esses acordos frutificaram nas iniciativas de formação, no Brasil, de uma divisão cultural, considerada uma “máquina diplomática cultural” por Dummont e Flechet (2014).

No início dos anos 1950, após iniciativas diversas, a Comissão Mista Brasil e Estados Unidos acordou “a elaboração de projetos concretos” e suportes financeiros específicos. Esse movimento veio da parte dos Estados Unidos em executar propostas de articulação econômica com o país, diante das dificuldades técnicas brasileiras. Mesmo diante das relações com o

⁸³ Ibid. p. 64. O destaque à cultura aparece nestas ações: “Mereceu muito cuidado o programa de divulgação da cultura brasileira no exterior, uma das facetas mais importantes da nossa política externa”, p. 102.

⁸⁴ Ibid., p. 103.

⁸⁵ Ibid.

⁸⁶ Id., Ibid..

governo Vargas em conflito, os esforços continuaram. Havia um empenho de desenvolvimento nacional que foi tratado como “populista” pelos analistas externos norte-americanos, o que levou a um refreamento dos financiamentos dessa ordem, depois de 1953, mas as ações entre os pesquisadores permaneceram, devido a seus interesses particulares, assim como os interesses privados que se aprofundavam por fora das ações estatais.

Em Getúlio Vargas, paradoxalmente, o nacionalismo se beneficiara da política rooseveltiana da “boa vizinhança”, que estimulou, do lado brasileiro, um interesse maior nos empréstimos de governo a governo para investimentos estatais em infraestruturas do que investimentos diretos de empresas. Essa disposição de cooperação sofreria, porém, substanciais mudanças em início dos anos 1950, passando os americanos a se interessar mais pelos investimentos de empresas do que pelos empréstimos de governo a governo. (WEFFORT, 2006, p. 318).

O intervalo contou com a fundação oficial e posterior instalação da United States Information Agency (USIA) no continente. Instituída pela Lei Smith-Mundt, em 1948, a agência iniciou suas atividades em 1953, tornando-se a principal produtora e disseminadora da propaganda norte-americana durante a Guerra Fria. A presença da agência garantiu que a redução dos investimentos econômicos não tenha significado o abandono da estratégia de aproximação cultural com os Estados Unidos.

Portanto, o interesse maior aqui é o de apresentar a fase em que a política externa brasileira tentou ampliar sua escala de influência, difundindo sua cultura, promovendo intercâmbios cada vez maiores e agregando instrumentos de produção de conhecimento e de pesquisa que abriram caminho para trocas acadêmicas e, por fim, para o brasilianismo.

Após a Segunda Guerra, apesar de tímido, o trato com os pesquisadores ganhou mais força nas políticas da Divisão Cultural do Ministério das Relações Exteriores. Os registros mostram que a iniciativa particular de intelectuais em viagem de estudos foi muito mais acentuada do que os investimentos do Estado, mas aos poucos, tais ações foram agregando novos adeptos para a pesquisa no país e canalizaram novos estudos, gerando demandas para o financiamento e suporte de seu trabalho acadêmico.

Segundo Tota (2000, p. 28), “não há como negar: a Segunda Guerra é o ponto de virada na história das relações culturais entre o Brasil e os Estados Unidos”. As ações diplomáticas da cultura foram fortemente influenciadas pelos acordos realizados entre os países vitoriosos da Segunda Guerra e o discurso antitotalitarista que se disseminava no Ocidente. Ressaltamos que em 1947 foi montado o Conselho de Segurança Nacional (NSC), nos Estados Unidos, que

reuniu uma série de objetivos de defesa estratégica, montada com um conjunto de secretarias especiais e investigativas das condições políticas dos países latino-americanos. Friedman (2015) fez uma referência à preocupação com o crescimento do comunismo no continente, em ações específicas no México

El Departamento de Estado, el consejo de Seguridad Social (NSC), los académicos e los periodistas se pasarían la siguiente década buscando signos de manipulación soviética o comunista de aquellos latinos ignorantes e irracionales, cuyo antiamericanismo era supuestamente la causa de su receptividad a las ideas radicales, así como la prueba del triunfo de las mismas. (FRIEDMAN, 2015, p.196-197).

As ideologias do pós-guerra influenciaram as escolhas temáticas e metodológicas de pesquisa e as propostas vindas da diplomacia cultural. Os mecanismos de financiamento da ciência e da profissionalização do trabalho de intelectuais, que antes se aventuravam com bolsas privadas, e o tratamento dado, através de sua escrita, às disputas do momento, estariam embebidos desses fatores. As facilidades promovidas pelas agências de Estado, nos Estados Unidos, com suas secretarias especiais para estudo e investigação da América Latina – no campo público ou privado – foram elementos-chave para o direcionamento dos trabalhos de campo de doutorandos no Brasil.

Em sentido inverso, mas não na mesma proporção, os acordos facilitaram as trocas culturais com os brasileiros. Em 1950, portanto, havia uma articulação, por parte do Ministério da Educação e da Cultura, assim como do Ministério das Relações Exteriores, para fomentar a divulgação da cultura brasileira em instituições dos Estados Unidos⁸⁷. Houve esforços para consolidar a ação de grupos especialistas em América Latina e Brasil e para facilitar a circulação de publicações. Os estudos acadêmicos sobre o Brasil ganharam força paulatinamente e se enraizaram em instituições como a Universidade de Berkeley, na Califórnia (BIEBER, 2002). As obras de ensaio, publicadas no Brasil, e que chegavam às mãos do público acadêmico norte-americano, divulgadas nas revistas especializadas, ganharam traduções e novas edições. Alguns, como Lewis Hanke (1905-1993) e Ronald Hilton (1911-2007), destacaram-se por fazer o papel de divulgadores desses materiais (BIEBER, 2002).

Na IV Reunião de Consulta dos Ministros das Relações Exteriores das Repúblicas Americanas, em 1951, as políticas para os países “insuficientemente desenvolvidos” incluíram

⁸⁷ Mais uma vez, lideranças baianas se destacaram nessa pasta, a saber, Clemente Mariani, em 1946 e Pedro Calmon, em 1950.

assegurar o aumento da produção, utilização e distribuição de produtos escassos essenciais, as quotas e prioridades, o controle justo e racional dos preços, a manutenção dos transportes, a liquidação dos estoques de emergência e os planos de **desenvolvimento econômico**, visando especialmente **modernizar a agricultura**, aumentar a produção de alimentos, desenvolver os recursos minerais e de energia hidro-elétrica, intensificar a industrialização, melhorar os meios de transporte, elevar os níveis de saúde e educação, estimular a inversão de capitais particulares e públicos, estimular o emprego e elevar a capacidade diretiva e perícia técnica conexa, e melhorar as condições de vida das classes trabalhadoras⁸⁸.

Os Estados Unidos deveriam oferecer “direta ou indiretamente a colaboração”, de acordo com os planos que viessem a ser estabelecidos diplomaticamente⁸⁹. O Ministro da Fazenda levou as propostas ao Secretário do Tesouro e ao Departamento de Estado após fazer consultas de limites de crédito no Banco de Importação e Exportação e ao Banco Internacional. Isso mostra o quanto os ministérios precisavam estar articulados, em termos práticos, ao considerar o investimento em pesquisas acadêmicas no Brasil. Levou-se em consideração o auxílio à alimentação na infância e ajuda técnica no Ministério da Agricultura – como ocorreu, por exemplo, com a vinda de T. Lynn Smith ao Brasil, como pesquisador encarregado de fazer levantamento de dados para os programas do Ministério, acordados com os Estados Unidos – e também a ajuda ao Centro Brasileiro de Pesquisas Físicas (demonstrando o interesse na exploração de minérios e mapeamento de recursos), além de ações de melhorias em saneamento básico.

Como os empresários brasileiros estavam cientes de que o suporte norte-americano não viria de forma direta, era preciso agir para angariar fundos, tanto no que diz respeito ao alcance de melhorias técnicas quanto no fortalecimento das pesquisas. Ou seja, o Brasil demonstraria ser produtivo e atento aos padrões norte-americanos, apontando demandas, sugerindo pautas e propondo tarefas aos pesquisadores. O Brasil se apresentava como um país ativo na América Latina e no Caribe e sintonizado aos interesses norte-americanos, mesmo que às vezes tal postura oscilasse entre o apoio a governos populares ou de ditadores e houvesse, como na maior parte das suas relações exteriores no século XX, uma intenção em demonstrar independência nas decisões. Sua posição anticolonialista era claramente demarcada na ONU nesse sentido.

Ao falar de Relações Internacionais, é preciso considerar que, quase sempre, o foco termina por recair nos acordos entre Brasil e Estados Unidos, mas devemos lembrar que, nesse período, diversas comissões mistas foram montadas com outros países na América, fazendo as

⁸⁸ O Itamaraty em 1951. Ministério das Relações Exteriores. Serviço de Publicações, p. 16.

⁸⁹ Ibid, p.19.

vezes de um tipo de estratégia de trabalho para ampliar a interferência e o contato com países vizinhos e europeus.

Ainda de acordo com o programa de cooperação de 1950, o Brasil, no governo Getúlio Vargas mudou pouco a postura internacional, até 1952. Naquele ano, já com a presença de Dwight Eisenhower e John Foster Dulles na direção dos trabalhos no continente, o embaixador brasileiro foi recebido para a assinatura de um acordo de cooperação para a educação rural, no Rio de Janeiro⁹⁰.

O trabalho do Itamaraty, nesse contexto, envolveu uma parcela significativa das relações culturais, nas quais o Ministério atuou de forma direta. Várias traduções foram feitas a encargo do órgão, que também ofertou bolsas e auxílios para profissionais que realizaram tarefas de pesquisa, estabelecendo relações nas quais “se perde a noção exata de quem serve e quem é servido, pois tanto se entrelaçam as conveniências que, nos termos dos Acordos Culturais, os bolsistas ficam sob responsabilidade do país visitado”⁹¹.

A Divisão Cultural do Itamaraty criou várias cadeiras de estudos na América e na Europa, distribuiu livros e premiou iniciativas. Na ocasião, Dean Acheson, importante teórico da expansão estratégica norte-americana, esteve no Brasil. O governo brasileiro se preocupou em construir seu destaque na OEA e direcionou propagandas para apresentar melhores índices de desenvolvimento social, principalmente no campo da educação. A própria UNESCO montou seus parâmetros nesse sentido, focando as ações na educação rural.

O Itamaraty passou a reconhecer estudos que foram feitos sobre o Brasil, oferecendo suporte direto para os projetos em voga. Um deles foi o livro de T. Lynn Smith. Por outro lado, responsável não somente pela tradução de obras sobre o Brasil para o português, o Itamaraty procurou listar e divulgar trabalhos brasileiros no exterior, como ocorreu com a Comissão de textos sobre a História do Brasil, montada na Divisão Cultural no ano de 1952⁹².

Foi divulgado, por exemplo, o livro de Vitor Nunes Leal⁹³, uma obra que exerceu influência entre autores como Poppino, John J. Johnson e Thomas Skidmore. A obra foi lançada em 1949 e entusiasmou os estudos dos brasilianistas, segundo Barbosa Lima Sobrinho. O trabalho foi traduzido para o inglês pela The Cambridge University Press, em 1949.

⁹⁰ Relatório do Ministério das Relações Exteriores apresentado ao presidente da República dos Estados Unidos do Brasil. Ministro de Estado das Relações Exteriores, 1952. Serviço de Publicações, p-43.

⁹¹ Ibid., p. 95-96.

⁹² Ibid., p. 245.

⁹³ LEAL, Vitor Nunes. **Coronelismo, enxada e voto**. O Município e o regime representativo no Brasil. 2 edição; São Paulo: Editora Alfa e Ômega. 1975.

Além disso, o conhecido trabalho de Jacques Lambert – *Amerique Latina, Structures sociales et Institutions Politiques*, a ele se refere como “...une étude devenue classique de la part de Victor Nunes Leal”. A mesma classificação de trabalho clássico é assumida por Thomas Skidmore, o mais conhecido entre os novos brasilianistas, em *Brasil: de Getúlio a Castelo (1930-1964)*. John J. Johnson – *Political Change in Latin America* e Rollie Poppino também citam Nunes Leal como responsável por “the most perceptive account of grassroots politics before 1930”. (Editores, 1975, LEAL, 1975, p XII).

Lewis Hanke, que exerceu influência sobre as pesquisas em Columbia no campo historiográfico, foi um dos grandes responsáveis pela organização do *Colóquio Internacional de Estudos Luso-brasileiros* (1950), que se tornou um atrativo para os jovens pesquisadores latino-americanistas. Como colunista do *Jornal do Commercio*, no Rio de Janeiro, Hanke fortaleceu o intercâmbio com o mundo acadêmico brasileiro, que igualmente buscava espaço para ampliação de seus contatos nos Estados Unidos. No artigo “O desenvolvimento dos estudos brasileiros na Biblioteca do Congresso”, publicado no referido jornal, Hanke indicou o quanto cresciam os exemplares de livros sobre o Brasil na Biblioteca do Congresso norte-americano e em outras instituições. Segundo ele,

O primeiro embaixador do Brasil nos Estados Unidos, o famoso estadista e escritor Joaquim Nabuco – cuja biografia da pena de sua própria filha Sra. Carolina Nabuco, foi traduzida em inglês pelo professor Ronald Hilton⁹⁴ e publicada pela Stanford University Press, a 30 de maio último, doou à Biblioteca do Congresso certo número de obras sobre a História do Brasil. (HANKE, 1950).⁹⁵

Para Hanke, ainda era necessário expandir as ações nesse sentido. Além de pensar na ampliação de acessos à bibliografia sobre o Brasil nos Estados Unidos, destacou que “os

⁹⁴ Ronald Hilton (1911-2007) fez parte de uma geração de pesquisadores que interferiu nas projeções políticas da Guerra Fria nos anos 1960, com um episódio mais conhecido sobre informações prestadas para a invasão da Baía dos Porcos após a realização de pesquisas na Guatemala. Hilton era diretor do Instituto de Estudos Hispano-Americanos e Luso-brasileiros em Stanford, do qual foi fundador, em 1944. Ver: <http://www.nytimes.com/2007/02/24/us/24hilton.html>. Acesso em 24 de outubro de 2020. Sua trajetória aponta para as discussões, após os episódios da Guerra do Vietnã, sobre a liberdade acadêmica e o papel político dos grupos de pesquisa, tendo participado também da fundação do *World Affairs Report*. O livro a que Hanke se referia era “*The Life of Joaquim Nabuco*”, de Carolina Nabuco, traduzido por Ronald Hilton.

⁹⁵ HANKE, Lewis. *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, 8 de julho de 1950. Hanke (1905-1993) era professor da Universidade de Columbia e estabeleceu vínculos com Sérgio Buarque de Holanda na escrita do *Handbook for Latin America History*, empreendendo seu projeto de uma História Comum da América, segundo Robert Wagner (2000), para uma aproximação das raízes da ibero-América e da anglo-América em sentidos comuns. Lewis Hanke trocava constantemente informações com Anísio Teixeira sobre pesquisadores no Brasil, remetendo a auxílios mútuos. Em 1962, escreveu uma carta “Carta de Lewis Hanke para Anísio Teixeira solicitando informações sobre Lewis Wismitzer que representa o Diário de Notícias em Nova York (EUA), 18-10-1962. Fundação Getúlio Vargas, ATc 1962.10.18. 2 fl. p.1.

contatos pessoais são imprescindíveis para se atingir uma verdadeira compreensão entre os povos”⁹⁶. Seu papel como articulador de encontros entre brasileiros e norte-americanos foi importante para as parcerias, fazendo questão de apresentar os brasileiros como protagonistas na autoria de versões sobre o seu passado colonial, como foi o caso do próprio Sérgio Buarque de Holanda.

O encontro em Washington, no referido Colóquio, aprofundou a inserção do Brasil como objeto de estudo das ciências sociais, na Europa e nos Estados Unidos, e destacou nomes que permaneceram atuando em eventos posteriores. Um deles era Alexander Marchant (1912-)⁹⁷, que, ao produzir os agradecimentos da Ata do Colóquio, em 1953, destacou a importância daquelas palestras para a finalidade do reconhecimento das ciências sociais como instrumento de contato entre os países. Outros presentes foram E. Willems, de Vanderbilt (que atuou na área de Antropologia Cultural e influenciou grandes estudos, tais quais o de Florestan Fernandes sobre os tupinambás⁹⁸), e Charles Wagley⁹⁹, no Brasil desde 1939 como articulador de pesquisas sobre sociedades tradicionais, pela via dos métodos de “estudos de comunidades”. A tarefa de coletar nomes em cada estado para a viagem até Washington coube a Pedro Calmon, Ministro da Educação do governo Dutra, e Arthur Ramos (1903-1949). Segundo Charles Wagley (MEIHY, 1990, p. 70), teria sido a maior “ponte” entre os pesquisadores que realizaram estudos. Referência do campo intelectual baiano, Calmon, segundo Paulo Silva, era

Tratado sempre com deferência, frequentemente ocupava espaços na imprensa local, que o noticiava, ou publicava escritos de sua autoria. Era uma espécie de patrimônio da terra, zelosamente cultivado pelos membros das elites intelectuais e políticas locais. (SILVA, 2000, p. 91)

⁹⁶ Ibid..

⁹⁷ Alexander Marchant publicou, no Brasil, o livro **Do escambo à escravidão**: as relações econômicas de portugueses e índios na colonização do Brasil, 1500-1580. São Paulo: Cia Editora Nacional, 1943. O livro foi uma das traduções feitas por Carlos Lacerda. Ver EUSÉBIO, Eliane. O poder das ideias. **As Traduções com objetivos Políticos de Carlos Lacerda**. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 2007.

⁹⁸ FERNANDES, Florestan. **A Organização Social dos Tupinambá**. São Paulo, Instituto Progresso Editorial, 1948. Florestan iniciou sua carreira com um trabalho influenciado pelas metodologias funcionalistas americanas, em mestrado iniciado em 1944 na USP e defendido em 1946.

⁹⁹ Wagley é o mais conhecido brasilianista, antropólogo norte-americano pioneiro no estudo “etnográfico dos povos indígenas e camponeses da Amazônia e do Nordeste, professor das universidades de Columbia e da Flórida, com um impressionante registro de publicações”. Foi também “fundador e diretor do *Institute of Latin American Studies*, da Universidade de Columbia, presidente da *American Anthropological Association* (1969-1971); membro da Ordem Nacional do Cruzeiro do Sul, da *American Academy of Arts and Sciences*, da *American Philosophical Society*, do *Council on Foreign Relations* e do *Center for Inter-American Relations*; e fundador do que viria a ser o programa *Tropical Conservation and Development*, da Universidade da Flórida” ver PACE, Richard. O legado de Charles Wagley. Bol. Mus. Para. Emílio Goeldi. Cienc. Hum., Belém, v. 9, n. 3, p. 597-615, set.-dez. 2014.

Mas ele não estava sozinho. Clemente Mariani (1900-1981), outro baiano, designou nomes de acadêmicos para a composição da comissão brasileira em diversos estados, no intuito de expandir a representação local no Colóquio, realizado em outubro daquele ano, segundo a mesma Ata. O Colóquio foi significativo em um momento de impacto direto da atuação norte-americana e de seus investimentos culturais no continente. Além disso, coincidiu com uma safra de acordos de Portugal com o Brasil, a fim de fomentar o conhecimento sobre sua “antiga colônia”. Foi comum, inclusive, para as obras daquela época, a presença de narrativas que aproximavam os feitos dos portugueses aos das conquistas dos pioneiros na América do Norte (RUSSEL-WOOD, 2000). O ministério reuniu energias para trazer os embaixadores dos dois países. A Biblioteca do Congresso (EUA) foi a principal colaboradora do Departamento de Estado, responsável, nos Estados Unidos, pela articulação do evento.

O Departamento de Estado não só forneceu apoio material através do seu programa cultural, mas também mobilizou suas instalações no exterior em nome do Colóquio. O Embaixador Lincon MacVeagh em Lisboa e a Embaixadora Herschel V. Johnson no Rio de Janeiro foram de grande ajuda, assim como muitos membros da equipe, especialmente o Sr. Jay Castillo em Lisboa e o Dr. Ned Fahs no Rio de Janeiro (tradução nossa)¹⁰⁰.

O Institute for Brazilian Studies (de Vanderbilt), a Biblioteca do Congresso (que completava 75 anos) e a Hispanic Foundation (representada por Lewis Hanke) estiveram no comitê organizador¹⁰¹. Os intelectuais sabiam que não contariam com novas parcerias em empreendimentos daquela natureza, devido a instabilidades das relações externas, e propuseram a vinda de embaixadores e de representantes internacionais, além do suporte das agências privadas, como a Braniff Airways, Inter-American Coffee Bureau, International Foreight Corporation, Johnson Foundation e Pan-American Airways. Eles sabiam que todas elas estavam atentas para o papel do intercâmbio cultural e colaborariam, por conseguinte, para o fortalecimento e expansão de suas redes de estudos, mesmo que pudesse haver um hiato das relações de Estado.

¹⁰⁰ Atas Do Colóquio de Estudos Luso-Brasileiros, Washington, 15-20 de outubro de 1950, Baltimore, Mariland, The Vanderbilt University Press Nashville, 1953, p.15. Do original: “The Department os State not only provided material support through its cultural program but also mobilized its facilities abroad on behalf of the Coloquium. Ambassador LIncon MacVeagh in Lisbon and Ambassador Herschel V. Johnson in Rio de Janeiro were most helpful as were many members of their staffs, particulary Mr. Jay Castillo in Lisbon and Dr. Ned Fahs in Rio de Janeiro”.

¹⁰¹ Ibid., p.17

Mario Costa Guimarães, chefe da Divisão de Cooperação Intelectual¹⁰², um fruto dos acordos da Comissão Internacional de Cooperação Intelectual, da Sociedade das Nações Unidas (ONU) – também foi responsável pelas mediações. Experiente no contato com outras nações de língua espanhola na América, Guimarães era articulador dos encontros acadêmicos. No mesmo ano do Colóquio, Mário Guimarães foi delegado da “I Conferência Regional de Comissões Nacionais da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), realizada em Havana”¹⁰³.

Assim vimos que o governo brasileiro havia decididamente incorporado as ações culturais no Itamaraty, que organizou materiais de divulgação para o exterior e conexões com diversos países na Europa¹⁰⁴. Dentro desse projeto de divulgação do Brasil, a visão da América neo-lusa fazia parte de um conjunto de símbolos sobre o país e seu futuro. O Brasil era o único país de língua portuguesa no continente, demarcava suas singularidades e buscava se diferenciar culturalmente no mundo. Por outro lado, coadunava-se com uma visão americanista disseminada no pós-guerra para apoio à descolonização, à medida que se apresentava como único, independente, jovem e promissor. Após o término da Segunda Guerra, quando houve um movimento em prol da arregimentação do Brasil para o terreno da democracia liberal norte-americana e em desfavor dos movimentos de projeção do comunismo na América Latina, houve um apoio para a formulação de regimes nacionais autônomos, porém não associados ao que o “mundo livre” denominava “nacionalismo radical”. Nesse sentido, a versão de um país que mantinha seus laços com Portugal e se descolonizava pacificamente era apropriada para o contexto. O Congresso Internacional de Estudos Luso-brasileiros foi uma marca nesse sentido, com parcerias, contatos e uma dinâmica diplomática que marcou a geração participante.

Houve uma reaproximação intensa com a embaixada portuguesa, que celebrava constantemente com a diplomacia brasileira, regados a champanhe e trocas elogiosas entre representantes dos dois países. Como disse o embaixador português, Bianchi, se “o passado de Portugal era uma glória legítima do Brasil, será sempre uma glória de Portugal”. João Antonio Bianchi já havia, em outras oportunidades, reforçado tais relações. Ele acertou quando vimos

¹⁰² Criada pelo Ministério das Relações Exteriores, através dos artigos 3 e 6 do Decreto de número 26.799, de 27 de outubro de 1950

¹⁰³ Ver: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/guimaraes-mario-da-costa>. Acesso em: 25 abr. 2017.

¹⁰⁴ Ver também as legislações do Itamaraty, da Divisão Cultural do Itamaraty (1946, decreto lei número 9.121).

que o passado permitiu a consolidação de novas construções explicativas sobre o papel brasileiro no mundo e reforçava a política cultural em termos internacionais¹⁰⁵.

Havendo, neste contexto, uma revisão da história do país no quadro das Américas (RUSSEL-WOOD, 2000, p.7; BARBOSA, 2002)¹⁰⁶, com um deslocamento significativo de sua função histórica na noção de América Latina, novos suportes de trabalho foram consolidados. Dessa forma, fortaleciam-se os estudos que arrolavam o Brasil como país “peculiar” na América Latina, tanto de forma endógena, como exógena.

A Fundação Hispânica, em Washington, promoveu a ligação das diretrizes políticas com as artes, a cultura, a distribuição de títulos e obras e o diálogo baseado em conhecimentos sobre a América Latina, abrindo novos caminhos para a atuação dos historiadores, linguistas, etnólogos e antropólogos norte-americanos conectados com os temas em voga nas reuniões científicas. A fundação já possuía tradição e passou a receber cada vez mais propostas de viagens de pesquisadores. A direção da fundação, entre 1939 e 1945, era de Dr. Robert Smith (ele era especialista na arte colonial brasileira). Desde 1941, em cooperação entre os governos brasileiro e norte-americano, foi pintado um afresco na entrada da fundação, ressaltado como um emblema da construção imagética e simbólica para esse laço político com as artes¹⁰⁷. A fundação destacou-se como participante ativa no Congresso Internacional de Estudos Luso-Brasileiros.

Dentro desse Congresso, Sérgio Buarque de Holanda se sobressaiu como membro de uma rede de contatos que alimentou as publicações sobre o Brasil nas bibliotecas públicas e nas instituições de ensino e pesquisa nos Estados Unidos. Atuou na divulgação da cultura brasileira na Biblioteca do Congresso, atraindo estudantes de História da América Latina para pesquisarem no Brasil. Suas versões sobre o americanismo são reveladoras das relações

¹⁰⁵ Almoço no Itamaraty em homenagem ao embaixador de Portugal e senhora Bianchi. Correio da Manhã, Rio de Janeiro, 12 de janeiro de 1950, p. 2, Ed. 17432. Acervo da hemeroteca da Biblioteca Nacional.

¹⁰⁶ No primeiro, há uma cronologia da participação acadêmica dos Estados Unidos na abordagem do Brasil colonial, dentro das demarcações da noção de América Portuguesa no cenário intelectual norte-americano inserido nas relações entre Brasil e Estados Unidos. Houve, nessa cronologia, um crescimento a partir dos anos 1940, por conta do crescimento das revistas especializadas atentas ao tema do Brasil colônia, a expansão de centros de estudos e do interesse de financiamento da *Rockefeller*, *Ford*, *Tinker* e *Mellan*, *Fullbright*, *SSRC – Social Science Research Council*, do *Learned Societs* e do *National Endowment for the Humanities*, e um terceiro fator envolvendo as aproximações diplomáticas.

¹⁰⁷ A divulgação dessas visões em publicações didáticas também crescia. Alexander Marchant, por exemplo, era o responsável pela Biblioteca de Ensino do Brasil, como membro do Instituto de Estudos Brasileiros, da Universidade de Vanderbilt. Ver MARI, Marcelo. Mario Pedrosa e Candido Portinari nos Estados Unidos. **Revista Poiesis**, n.14, p. 3445.

intelectuais das quais participou. Sua figura intelectual é importante para nós por vários motivos. Pelo fortalecimento dos intercâmbios, por suas interpretações sobre as questões históricas sobre Brasil e Portugal no enraizamento e definição do “brasileiro” e por suas relações acadêmicas com os Estados Unidos. Sobre esse ponto, o próprio Holanda constantemente procurou escrever suas impressões.

Segundo Antonio Pedro Tota, Sérgio Buarque de Holanda, no texto “Considerações sobre o Americanismo”, avaliou o americanismo, juntamente com outros autores, como Carlos Drummond de Andrade, como um fenômeno de aproximação cultural. Mais do que a expansão do imperialismo, via-se no “intercâmbio” um “comércio espiritual” (TOTA, 2000, p.13)¹⁰⁸. Sua participação e seu destaque como colaborador das publicações resultantes dessa interação foram reconhecidos internacionalmente¹⁰⁹. Essa noção constante de diálogo, da parte de Sérgio Buarque de Holanda, com o papel dos Estados Unidos na cultura do continente mostra o quanto Holanda estava ligado com esse intercâmbio cultural e preocupado em projetar o Brasil academicamente. No texto referido por Tota (2000), Holanda menciona sua observação:

Não falta quem se sobressalte ante o espetáculo desse intercâmbio cada vez mais íntimo – e onde as ideias já têm lugar considerável, quase direi proeminente – como ante um perigo mortal (...). Intercâmbio que acabaria equivalendo para nós a um autêntico aprendizado pois, excluídas as simples trocas materiais, nosso papel passaria a ser unicamente receptivo e subalterno¹¹⁰.

Assim, depois mencionando suas visitas aos Estados Unidos, ele julga uma necessária mudança de postura da parte dos brasileiros, ao verificar que os norte-americanos pretendiam bem mais um “comércio espiritual”, como dito, segundo ele, “exatamente o contrário de uma pura aquiescência” (HOLANDA, 1941, p.17). Alega, Holanda, que o lusismo e o americanismo seriam duas tendências de pensamento fundamentais para a recolocação do Brasil nas Américas

¹⁰⁸ Esse texto foi um artigo publicado na coletânea “Cobra de Vidro”, de 1944, por Sérgio Buarque de Holanda. O texto foi originalmente divulgado na coluna literária do jornal Diário de Notícias. HOLANDA, Sérgio Buarque de. Considerações sobre o americanismo. **Diário de Notícias**, Rio de Janeiro, 28 de setembro de 1941, edição 05906, primeira página, caderno letras-artes, ideias gerais.

¹⁰⁹ O texto foi também publicado no Jornal do Commercio, em 1941, Rio de Janeiro, mesmo veículo através do qual Lewis Hanke indicava seus posicionamentos sobre a necessidade de repensar as distâncias entre Estados Unidos e Brasil, buscando seus elementos em comum, mas investindo nas formações ibéricas e sobre o conhecimento das mesmas pelos pesquisadores norte-americanos.

¹¹⁰ HOLANDA, Sérgio Buarque de. Considerações sobre o americanismo. **Diário de Notícias**, Rio de Janeiro, 28 de setembro de 1941, edição 05906, primeira página, caderno letras-artes, ideias gerais., p.17.

e que era preciso optar. É também nesse texto que Holanda mostrou sua aproximação com as ideias de Hanke sobre o meio acadêmico¹¹¹..

Apenas, conforme notou o doutor Lewis Hanke, em artigo recente, esse abismo é feito principalmente de incompreensões mútuas, e para vencê-lo é preciso antes explorar cautelosamente o terreno. A vitória necessária há de ser uma vitória da inteligência, não do preconceito nem dos ressentimentos¹¹²

As intenções em se constituir mais do que objeto de estudos, em parceiros acadêmicos, se fazia muito clara no pensamento de Holanda. O Congresso já mencionado decidiu conferir ênfase à antropologia cultural, às belas artes, à história, à linguagem e à literatura¹¹³, com uma sessão específica para os chamados “Instrumentos de Estudo”, a fim de averiguar e agilizar as trocas entre publicações e alimentação das bibliotecas. O recebimento dos trabalhos foi de responsabilidade da Fundação Hispânica e Buarque de Holanda foi um divulgador de seus trabalhos¹¹⁴. O historiador havia participado anteriormente da organização de instrumentos de pesquisa e estudos sobre o Brasil nos Estados Unidos, tais como o *Handbook of Brazilian Studies*, em colaboração com William Berrien.

Sérgio Buarque tomou um caminho peculiar e incidiu em suas teses sobre os caminhos de fronteiras, ao recuperar estudos sobre os bandeirantes, por exemplo, e sobre outros temas da história colonial, unindo as teses iberistas a uma aproximação com as explicações sobre a História dos Estados Unidos e a Conquista do Oeste. Buarque de Holanda fez crítica à construção de arquétipos, mas os comparativos estavam postos. Para ele, tratava-se, nesse sentido, de buscar as raízes próprias, passíveis de comparação, porém, nem melhores, nem piores.

Em 1974, Lewis Hanke produziu um artigo¹¹⁵ para a American Historical Association, publicado na *A. Historical Review*, onde mencionou que, até o final da década de 1950, os fundos de colaboração acadêmica internacional eram insuficientes, tendo a Fundação Fulbright e o American Council of Learned Societies fortalecido a saída e o recebimento de estudantes nos Estados Unidos. A Universidade de Columbia destacou-se nesse intercâmbio, pois a

¹¹¹ O artigo é analisado por WAGNER, Robert. **A Conquista do Oeste: a fronteira** na obra de Sérgio Buarque de Holanda. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2000. Para ele, houve uma junção dinamizadora dos aspectos iberistas em prol de um movimento americanista dos anos 1940, ou uma “americanização do iberismo”.

¹¹² Id., p.18.

¹¹³ Anais do Colóquio Internacional de Estudos Luso-Brasileiros, Washington D. C, 1953, p.18

¹¹⁴ Ver NICODEMO, T. Lima. Sérgio Buarque de Holanda e a dinâmica das instituições culturais no Brasil (1930-1960). In: MARRAS, Stelio. **Atualidade de Sérgio Buarque de Holanda**. São Paulo: EDUSP, 2012.

¹¹⁵ AHR, número 80, fevereiro de 1975, número 1.

associação referida atuava junto ao mesmo distrito, sede do campus de Columbia. Seu diretor era Guy Stanton Ford.

Dwight Eisenhower, nesse período, atuou como grande divulgador da Doutrina Truman e publicou alguns ensaios junto à comunidade acadêmica. O *Jornal do Comercio* também divulgou intensamente a política do “mundo livre”, dedicando notas sobre as declarações de Truman e de Eisenhower, então reitor da Universidade de Columbia e já com grande expressão internacional na definição das escolhas das repúblicas ocidentais pela “paz das nações”, proclamada no Conselho de Segurança da ONU, então hegemônico pelos Estados Unidos. Amplamente elogioso, o editorial do jornal atestava a eficiência de D. Eisenhower na construção da aliança entre os Estados Unidos e a Inglaterra, através da montagem de escritórios especiais, onde o general passou a ser chefe e articulador das políticas da guerra¹¹⁶.

Os estudantes norte-americanos de pós-graduação encontraram um terreno autofágico de discussão intelectual no Brasil, centrado no seu passado de colonização. O país foi recolocado nas narrativas sobre a América Ibérica de forma a reconsiderar as iniciativas lusas, avaliando suas controvérsias. Um novo sentido passou a ser oferecido para as visões sobre a América portuguesa dentro da América Latina e na direção da diplomacia norte-americana do pós-Guerra¹¹⁷. Essas posturas pareciam se encontrar na abordagem da cultura no âmbito da política externa.

As revistas de divulgação dos estudos de história política sobre a América Latina indicaram uma maior incidência, a partir do final da Segunda Guerra, das pesquisas que, no caso brasileiro, visaram a uma maior especificação da formação brasileira, feita através da retomada da análise da colonização ibérica diferenciada entre o Estado espanhol e o português. As análises pautavam-se em “grandes teorias explicativas”, com um caráter “holístico e sintético”. (MALERBA, 2010, p. 15).

Nesse sentido, o Brasil chamava atenção. Em um encontro ocorrido em Stanford, em 29 e 30 de maio de 1950, os organizadores (Graham Stuart, John J. Johnson, Ronald Hilton) propuseram novas parcerias entre estudantes norte-americanos e brasileiros para o fomento de

¹¹⁶ “Teatro de operações na Europa para as forças Norte-Americanas”. *Jornal do Comercio*, Rio de Janeiro, Sexta-feira, 26 de junho de 1942, p. 2 edição 226 – Acervo da Hemeroteca da Biblioteca Nacional. As Nações Unidas abriam uma nova frente na Europa, com o termo “teatro de operações”, com treinamentos e diálogos com os militares e estrategistas ingleses. A pauta e os métodos de guerra foram aprimorados e a Comissão Mista Brasil e Estados Unidos para o Desenvolvimento Econômico atuou no âmbito do Ministério da Fazenda e integrando o “Ponto IV”, que foi divulgado em 1949. A partir dessa comissão, foi criado, por exemplo o BNDE, em 1952.

¹¹⁷ Essa versão pode ser encontrada na revisão produzida por A. J. Russel-Wood (2000).

trabalhos para o estudo: a) do Brasil e de suas possibilidades, b) relações entre o Brasil e os Estados Unidos. Aquela foi uma ocasião em que o embaixador Maurício Nabuco foi recebido na instituição e o evento contou mais uma vez com o apoio da American Council for Learned Societs e a Social Science Research Council¹¹⁸. São duas instituições que sem dúvida tiveram importância nessas aproximações. Por um lado, a consolidação dos estudos latino-americanistas em Stanford, por outro, as parcerias assumidas pelos estudos de antropologia e cultura em Columbia. O destaque internacional brasileiro foi reforçado na Comissão Interamericana de Paz, presidida por Hildebrando Accioly e o Tratado de Assistência Recíproca foi assinado no Rio de Janeiro. Entre outros exemplos, esses fatos expõem a evidência do Brasil na diplomacia norte-americana e um movimento interno brasileiro em se posicionar como parceiro acadêmico.

3.2 – OS INTELLECTUAIS BAIANOS E OS ACORDOS BILATERAIS

A projeção baiana no cenário nacional foi tema do livro *A Rainha Destronada*, de Rinaldo Cesar Leite (2012) e, com outro recorte, mas também com uma discussão sobre identidades e intelectuais, o livro de Paulo Santos Silva, *Âncoras da Tradição* (2000). Acrescentamos a essa revisão temática o livro de Aldo Morais Silva (2012), sobre o Instituto Geográfico e Histórico da Bahia. De certa forma, os autores colocaram a inscrição da Bahia na nacionalidade a partir de particularidades da atuação de seus intelectuais.

Leite tratou de rotulações atribuídas à Bahia e reforçadas por intelectuais baianos de elite, que, diante da perda de poderes e de prestígio econômico e político no cenário nacional, buscaram se projetar em termos culturais. Braz do Amaral (1861-1949), Bernardo Jessé de Souza, Teodoro Sampaio (1855-1937), elencam ideais como os de “berço” da nacionalidade e outros emblemas para destacar o papel da Bahia na formação do país. Theodoro Sampaio, por exemplo, teria firmado o lugar da Bahia em narrativas sobre o mito bandeirante paulista, retomando a ideia de ocupação do interior do país pela via da difusão do progresso e da civilidade a partir de Salvador. A presença do diálogo com a colonização portuguesa como viés de afirmação já era bastante forte, revigorando o debate sobre as lutas federalistas na província.

¹¹⁸ O Brasil na Universidade de Stanford. Correio da Manhã, ed. 17427, 7 de janeiro de 1950. Era comum o Correio da Manhã, como outros jornais da capital, receberem a correspondência do noticiário de outros países, ou reproduzir integralmente passagens de noticiários americanos e esse foi um dos casos, nos quais o Correio copiava as notícias vindas da USIS, de Washington. Acervo da Hemeroteca da Biblioteca Nacional.

Nesse sentido, Braz do Amaral foi a referência para tratar dos estudos do período colonial e do Império que colocariam a Bahia na condução da formação política do país.

Há toda uma discussão sobre a tentativa de afirmação do 2 de julho de 1823 como data celebrativa nacional da independência. Outros intelectuais como Lemos de Brito, os personagens da família Calmon, Bernardino de Souza “tratavam uma disputa por hegemonia simbólica nos fatos referentes ao processo de emancipação política do Brasil – o que poderia também lhes render frutos mais concretos, como uma hegemonia política mais efetiva”. (LEITE, 2012, p.81). Assim, “as representações pretendidas para a Bahia” eram fundamentadas com narrativas dramáticas e heróicas. Aqui vemos inúmeras passagens do estudo de Leite para essa pesquisa. A Bahia, no início da República, através de seus intelectuais de elite, que obtinham prestígio no cenário político do estado e falavam pela Bahia em cenário nacional, reforçaram um lugar desse Estado através de uma identidade própria na nação. Muitas dessas perspectivas se mantiveram fluentes ao longo das décadas seguintes e das disputas políticas partidárias, nas quais esses intelectuais ocupavam posições de destaque. A Bahia, como “rainha”, ressaltava a proeminência de Salvador no cenário da História Colonial, sua importância comercial e econômica no século XIX, mesmo diante das crises de produção. Sendo essa elite intelectual de projeção política, aproveitava dos “tempos de calmaria” para fortalecer seu papel cultural (LEITE, 2012, p.110), ressaltando sua “gradeza cultural”.

Leite atribuiu esse conjunto de representações a uma falta de suporte de escrita da história profissional, pela maior parte dos letrados que estudou, não sendo, para ele, necessariamente, uma produção de memória. Esses caminhos nos levam a questionar a escrita da história na Bahia sobre a Bahia, assunto mais longo e que necessita de maiores detalhamentos. Aqui, ficamos com alguns direcionamentos para pensar que ela se inicia com intelectuais tradicionais de elite, ligados com a política do estado, que terminam por elaborar seu próprio campo de ação como intérpretes do passado.

Leite também lançou luzes sobre o modo como autores de projeção nacional como Gilberto Freyre, José Murillo de Carvalho e Kátia Mattoso visualizaram esse prestígio baiano no terreno da cultura letrada durante o Império, o que sustentou uma espécie de “arma” utilizada pelos próprios letrados baianos para disputar ideologias e vozes políticas na República. Destacamos ainda a sua abordagem de Rui Barbosa, e seu pensamento, um vínculo ideológico com gerações posteriores, inclusive os autores que influenciaram sobremaneira as pesquisas realizadas por antropólogos e pelo historiador Rollie Poppino nos anos 1950. Rui Barbosa foi, na década de 1920, para Leite, uma espécie de “elo entre dois tempos”, quando ele tanto agia,

como era referência para mostrar a função da Bahia na construção da República. Foi retomado como exemplo e como inspiração, como veremos mais adiante.

Outra contribuição importante para nossa pesquisa é o trabalho de Aldo Silva. Ao analisar o papel do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia, como instituição que carregava interesses em projetar a Bahia culturalmente em âmbito nacional (SILVA, 2012, p.14), através da construção de imagens positivas sobre a história da cidade de Salvador, da província e do estado, Silva nos indica uma interpretação das mesmas instituições. Teoricamente, “as instituições de saber apresentaram-se como os espaços capazes de garantir certo reconhecimento social que já não podia assentar-se sobre o poder econômico ou político” (SILVA, 2012, p.17). Silva mostrou que os homens letrados do final do século XIX e do início do século XX, que compuseram o instituto, na Bahia, pouco sabiam sobre a história do interior do estado e, motivados por esse propósito, aliaram seus interesses políticos e econômicos em uma maior preocupação em narrar os acontecimentos históricos, abarcando as realidades ainda não estudadas dos sertões e de outros espaços.

Aldo Silva revelou que o tema das relações raciais já ganhava destaque no início dos debates do instituto, quando as narrativas de fortalecimento de um branqueamento do passado baiano e da história das lutas políticas a partir de nomes de personagens tradicionais ocorreram no império e resguardaram um lugar, como herança dos estudos da Faculdade de Medicina. As ações políticas concretas, de controle das práticas afro-descendentes, encontraram espelho nos debates do instituto, com leituras de apagamento das ações negras e seu julgamento como atrasadas. Segundo Silva, os afrodescendentes eram julgados moralmente pelo atraso da Bahia. Por fim, entre os membros fundadores do IGHB e outros grupos de profissionais que se engajaram no instituto, estariam legítimos representantes das classes dominantes, os intelectuais orgânicos, aliados aos intelectuais tradicionais, que se destacavam na sociedade em instituições anteriores.

Consideramos que esses estudos, fortalecidos pelo trabalho de Paulo Santos Silva (2000), juntamente com outros que seguiram orientações semelhantes, já consolidam uma história intelectual na Bahia. Paulo Silva (2000) apresentou o conjunto dos intelectuais da “concentração autonomista” na Bahia, aliados em favor de uma política antivarguista e de estratégias de ascensão política resguardadas em alianças pelo alto, com nomes tradicionais no terreno da cultura e do notório saber, com figuras de projeção política nacional.

As gerações de engrenagem da autonomia baiana no início da República, como Rui Barbosa, continuaram a ser referências liberais para novas gerações que se pautavam em um escopo liberal à direita e encontravam em símbolos baianos referências nacionais para a pátria que disputavam politicamente. A tese de Leite (2012) sobre as pontes criadas através do tempo, no campo das ideias e no terreno político, com essas figuras liberais e de alto poder simbólico sobre a Bahia, parece ter seguido e ganhado raízes nos anos posteriores à Segunda Guerra e no debate da Constituição “democrática” de 1946. Essa geração de baianos, como Thales de Azevedo, Anísio Teixeira, Otávio Mangabeira (1886-1960), herdeiros do pensamento de Pedro Calmon, Rui Barbosa e outros, seguiram estratégias muito semelhantes para construção de seus nichos de produção de saber e de ciência.

Destacaremos aqui outro trabalho que nos interessa diretamente, pois, ao tratar da história de um intelectual, ainda que sua trajetória não tenha sido o único assunto de sua pesquisa, mostra como a cultura é um importante elemento de articulação de políticas da diplomacia do pós-guerra. Enquanto vimos em Laura Oliveira (2015) uma discussão sobre publicações, através de documentos diversos usados juntamente com livros e paratextos, Ricardo Sangiovanni (2018) remontou os passos da publicação do livro *Elites de Cor*, de Thales de Azevedo, para problematizar o caráter internacionalista de sua obra e suas implicações políticas.

De acordo com Sangiovanni, o prestígio de Thales de Azevedo deveu-se ao debate a respeito das questões de cor na Bahia, sendo convidado a atuar junto à UNESCO, no contexto pós-Guerra, graças à nova discussão que o antropólogo apresentou sobre a convivência entre pessoas de origem social e cor diferentes.

Seria a partir da publicação daquele livro, patrocinado pela Unesco, que o médico e professor baiano projetaria nacional e internacionalmente a fama local que já tinha, atingindo um grau de prestígio no campo intelectual que, devidamente cultivado nos anos seguintes, lhe credenciaria a ocupar posições de destaque na Universidade Federal da Bahia, no governo da Bahia e na Associação Brasileira de Antropologia, e a receber convites para lecionar nas universidades norte-americanas de Wisconsin e Columbia, ou a integrar bancas de doutoramento e livre-docência de intelectuais prestigiados em universidades do sudeste do Brasil, entre outras honrarias. (SANGIOVANNI, 2018, p. 3).

A tese de Sangiovanni nos interessa por dois motivos. Primeiro, aponta para a interlocução de Thales de Azevedo com as questões raciais de modo internacional, o que nos leva a uma conexão com o trabalho de Rollie Edward Poppino na Bahia, em 1951, e os demais textos do Projeto Colúmbia, assunto que Sangiovanni também abordou em seu texto. Mas, o

colocamos no rol dos trabalhos que investiram em discussões sobre a ação da política externa norte-americana no terreno cultural e os intelectuais da Bahia.

Adepto do miscigenacionismo freyriano, Thales teria influenciado os estudos sobre a população da Bahia no contexto. Apesar de ter uma abordagem diferente, a pesquisa de Anselmo Carvalho (2019) parece ter mais ligação com a premissa de que o convite aos pesquisadores de outros países teria como ponto de partida os interesses dos baianos em fomentar a produção acadêmica local. Isso porque, havia, inclusive, um interesse em disputar as visões sobre o lugar da Bahia nesse cenário de cultura, capitalizando recursos e propostas que lhes pareciam inovadoras. Levamos em consideração a abordagem de Anselmo Carvalho (2017), de que Thales de Azevedo estaria situado numa “zona cinzenta”, de acordo com as premissas que tomou por empréstimo de Pierre Laboire (2010). Por um lado, durante o governo Luis Vianna Filho, Azevedo discordou em partes das posturas autoritárias da ditadura, por outro, cooperou com os projetos de cultura do mesmo governo. Thales de Azevedo, segundo Carvalho (2017), se portou como uma figura da elite, definindo o seu papel como intelectual e portador da “luz” e do esclarecimento e não como uma elite opressora com suas ideias.

Já na tese de doutorado, Anselmo Carvalho (2019) destacou outras questões sobre a vida de Thales que merecem ser aqui ressaltadas. Ao usar uma diversidade de fontes para pesquisa, o autor mostrou que

As revistas são fontes que evidenciam a atuação dos intelectuais, as disputas no campo intelectual por poder político e espaço. Através de sua análise, é possível tecer as redes de sociabilidade, afetividades, as trocas intelectuais e, sobretudo, os temas relevantes da produção ensaística, literária, historiográfica da Bahia do período. (CARVALHO, 2019, p.24).

Através da Revista Universitas, o autor mostrou a manutenção de circulação das ideias do grupo com o qual Thales se envolveu, segundo ele, na difusão de uma cultura de elite. Também evidenciou a atuação ideológica de “elites letradas baianas” que formaram o Conselho Estadual de Cultura, instância onde Thales de Azevedo foi figura de destaque no final da década de 1960. Ali, boa parte das ideias que os reuniram em momentos anteriores se repetiram:

Acreditamos que um liberalismo constitucional e o anticomunismo foram ideias motivadoras da ação deste grupo em análise, além do conservadorismo, que reverberou em suas ações práticas como conselheiros de cultura. Destarte, as noções de folclore, patrimônio, caráter nacional foram elementos estruturantes no tecido de ideias que legitimou a existência do Conselho. (CARVALHO, 2019, p.32).

Ao longo de sua trajetória acadêmica, Thales de Azevedo atuou como um imã, revelando um conjunto de interesses políticos em volta da cultura. Anselmo Carvalho ainda afirmou que o Conselho, no período da ditadura civil-militar, foi um centro capitalizador desses interesses, mantendo suas ligações com as secretarias de cultura e com o Governo da Bahia. Thales de Azevedo seguiu atuando novamente no governo de Luís Vianna Filho, da mesma forma, e levando em consideração que as atuações acadêmica e cultural seriam estratégicas para a projeção do estado. O projeto de divulgar o cenário baiano em âmbito nacional voltou com força total nos governos de Antonio Carlos Magalhães, Luis Vianna Filho, Roberto Santos e João Durval Carneiro. (CARVALHO, 2019, p.40).

Ricardo Sangiovanni discutiu os interesses da Unesco no debate sobre a questão racial no pós-Guerra e o cenário de inovação vislumbrado nas pesquisas baianas. Sangiovanni pareceu mesclar estas duas dimensões, ao propor: “observaremos Thales jogando, simultaneamente, tanto o papel de agente político ligado ao Estado, quanto o de pesquisador universitário”. (SANGIOVANNI, 2018, p.26). Outros estudos biográficos ressaltaram funções de destaque intelectual e prestígio como se fossem dados pelo Estado ou pelo campo intelectual do qual também foi construtor, já Sangiovanni mostrou sua articulação. Sangiovanni destacou, por exemplo, a atuação de Alfred Métraux na aproximação da Bahia com a UNESCO, através de acesso a cartas para Thales de Azevedo que definiram propostas de investigação sobre relações raciais da UNESCO no ano de 1951. Nesse contexto, o debate racial em voga nas ciências sociais e patrocinado pela agência internacional da UNESCO interferiam sobremaneira nas escolhas temáticas de Azevedo.

Ademais, a documentação mostra que Thales, por sua vez, aceitou, cordial e acriticamente, as diretrizes de pesquisa de Wagley e Métraux e, no bojo delas, a posição de subalternidade intelectual reservada a ele naquele projeto; e, mesmo tendo reconhecido mais tarde, na década de 1960, ter consciência de que o arcabouço teórico usado em *Les élites...* não dera conta da profundidade e das nuances do objeto daquele livro, jamais reviu ou refez aquele trabalho, embora afirmasse desejar fazê-lo. (SANGIOVANNI, 2018, p. 61).

Não era somente o tema das relações sociais e raciais que chamavam a atenção de acadêmicos que viriram para a Bahia. A UNESCO uniu o debate racial com o estudo sobre o interior do país e a economia rural. Esse Brasil, que a instituição precisava que fosse analisado, ganhou força no trabalho de Rollie Poppino em 1951. Queremos demonstrar que, a despeito do que vem sendo dito até então, Rollie Poppino se preocupou sobremaneira com os estudos sobre relações raciais, assim como os demais autores do PPSEBa. A influência que trouxe do latino-

americanismo em voga nas acadêmicas norte-americanas também indicou um caminho explicativo para o descortinamento da realidade dos sertões brasileiros.

Ao longo do texto de Sangiovanni há algumas referências feitas por Thales de Azevedo para o estudo da cidade de Salvador, como sendo uma espécie de modelo das relações raciais atribuídas para todo o estado da Bahia (SANGIOVANNI, 2018). Além disso, havia realmente certo desconhecimento a respeito da história do interior, o que vimos nos estudos anteriores sobre os primórdios de uma historiografia baiana (LEITE, 2012), nas metas da UNESCO e nos indicativos de pesquisa do PPSEBa. As pesquisas terminavam abraçando as motivações de busca de respostas para o entendimento das relações raciais, a zona rural e ao mesmo tempo, oferecendo conteúdos para demandas de governo. Voltando a Sangiovanni, o autor também apontou para a atuação voltada para o investimento em capital estrangeiro e de propaganda da entrada da Bahia numa era de “modernidade”, pensada como saída para a superação dos “atrasos” que foram atribuídos ao estado pelo pensamento governista.

No entanto, Rollie Poppino e o estudo sobre Feira de Santana não apareceu em sua narrativa. Como dissemos, Poppino não parece ter sido apontado em análises mais específicas sobre sua pesquisa em campo e nem mesmo nas fontes. Assim como em outros trabalhos sobre o tema, Sangiovanni mostrou que a amizade entre Thales de Azevedo e Charles Wagley foi um caminho ideal e favorável aos modelos de aproximação acadêmica propagados no período, pelas agências norte-americanas. (SANGIOVANNI, 2018, p. 188). Vale lembrar que ele não foi o único e a maioria dos estudos sobre o PPSEBa destacaram a amizade e a sociabilidade entre esses acadêmicos como fonte de novas parcerias. Outras confissões foram extraídas das cartas de Thales de Azevedo a Charles Wagley, no fundo Marvin Harris, do instituto Smithsonian, dizendo respeito à vida privada dos pesquisadores na Bahia, suas curtições no carnaval e as amenidades da estadia na residência de Thales de Azevedo, revelando seu tom machista e conservador ao tratar da presença de mulheres no rol dos pesquisadores e estagiários do Projeto Colúmbia. (SANGIOVANNI, 2018, p.191).

Enfim, Thales de Azevedo também agiu para fortalecer na Bahia a educação superior, e, ao fazer isso, mostrava-se atento às tendências da diplomacia brasileira, buscando mover esforços extras para garantir mecanismos próprios para o financiamento da pesquisa e atuação na produção de saberes. Nesse quesito, o grupo dos “autonomistas” que representava forte oposição a Getúlio Vargas procurou mostrar serviço nos domínios da cultura e do saber, angariando iniciativas próprias, procurando inclusive estar na vanguarda dos acordos internacionais, o que ocorreu também com o PPSEBa e com o nascimento da FDC-BA.

Ocorreu a intensificação de acordos de pesquisa, pela diplomacia e pela ação dos pesquisadores, fossem eles selados pelo governo da Bahia ou diretamente pelo Ministério da Cultura ou das Relações Exteriores. A cooperação com a UNESCO foi um dos destaques na carreira dessa geração. No cenário da geopolítica internacional, o Brasil ao lado do bloco ocidental, fomentava mais relações externas com os Estados Unidos no terreno cultural. Crescia também o número de emissões de passaportes e da entrada de pesquisadores no país. Embora existissem precedentes, a chegada de pesquisadores na Bahia, com a Secretaria de Educação e Saúde e com a FDC-BA, eram iniciativas pioneiras naquele contexto.

Mesmo com a responsabilidade do Itamaraty no financiamento da cultura, a diplomacia cresceu também nas relações construídas entre os próprios pesquisadores e grupos de pesquisa, que fizeram as aproximações necessárias, ampliando a diplomacia cultural e acadêmica. Assim, poderiam garantir viagens e acordos, mesmo quando houvesse uma desaceleração dos investimentos do Itamaraty. As ações se voltaram cada vez mais para as propostas de pesquisa com sentido prático, ou para uma “sociologia pública” (BURAWOY, 2006). De acordo com Michel Burawoy, há versões diferentes de exercício de uma sociologia pública (orgânica, tradicional), que não são necessariamente categorias estanques, mas indicam principalmente que seus trabalhos

[...] são escritos por sociólogos, eles são lidos fora da academia, e eles se tornaram veículos de discussão pública sobre a natureza da sociedade norte-americana – a natureza dos seus valores, a distância entre sua promessa e sua realidade, suas insatisfações, suas tendências. No mesmo gênero do que eu chamo de *sociologia pública tradicional*, nós podemos localizar sociólogos que escrevem nas páginas de opinião dos nossos jornais nacionais onde eles comentam questões de importância pública. (BURAWOY, 2006, p.14)

Burawoy fez essa espécie de tipologia, que nos traz algumas reflexões. Pensamos que a escrita dos autores brasileiros da geração que viveu o crescimento das atividades diplomáticas e acadêmicas da Guerra Fria estava fortemente ligada com os públicos e as necessidades de pesquisas levantadas no âmbito social público. São vários exemplos que colocam os autores da sociologia e da antropologia nos anos 1950 nesse patamar.

Podemos citar, no ano de 1955, o Seminário Latino-Americano de População, ocorrido no Rio de Janeiro, a prorrogação do acordo entre o Ministério da Educação e da Saúde e o Institute of Inter American Affairs, o Programa de Cooperação de Educação Industrial. Segundo o relator do evento, “a Divisão Cultural, em 1955, não pôde desenvolver todo o seu programa, mantendo o mesmo ritmo do exercício anterior, nem criar novas atividades, em virtude de

dispor de uma verba suficiente apenas para os seus compromissos”¹¹⁹. Isso explica ou pelo menos ilustra, em partes, a relativa queda no foco da estratégia cultural dentro das relações diplomáticas entre Brasil e Estados Unidos. Mas, ao mesmo tempo, nesse período, verificamos o aumento da iniciativa de grupos de publicação e edição particulares, como ocorreu na Bahia, com o grupo da Editora Progresso e a projeção vanguardista de Manuel Pinto de Aguiar (1910-1991), que desenvolveu um projeto arrojado a partir de movimentos construídos dentro de instituições universitárias e fora delas, para mover a divulgação do conhecimento sobre o Brasil em outras línguas. Assim, mesmo em fase de queda de investimentos diretos nos acordos, da parte do executivo nacional, essa iniciativa foi mantida e até mesmo construída com independência.

A adequação das demandas aos trabalhos internacionais da UNESCO e as iniciativas próprias para montar acordos de financiamento acadêmicos mostram a intenção desses homens na disputa pela continuidade de suas pesquisas e da consolidação da Bahia no cenário internacional. Esse destaque cultural baiano no final dos anos 1940 e início dos anos 1950 envolveu também a catalização do lugar da Bahia na explicação da história do país, tema retomado dos clássicos como Braz do Amaral, Teodoro Sampaio, Pedro Calmon e outros nomes. Além de se apresentar novamente como berço da nação, a questão temática sobre a presença ibérica e suas heranças foi retomada. Salientamos, nessa conjuntura, a preocupação do Brasil em fazer novas parcerias com o governo de Portugal para o estudo da história, cultura, artes e antropologia.

T. Lynn Smith, por exemplo, esteve ligado, na Bahia, a Thales de Azevedo e a Anísio Teixeira. Com os auxílios e solidariedades acadêmicas no campo, uma fase de conexão entre as capitais do Sudeste e a Bahia foi formada também através de pesquisas de brasilianistas regionalistas. Smith questionou quais seriam as causas de descompassos regionais, diante da disponibilidade de recursos em todo o território, um tema que inquietaria muitos brasilianistas de gerações futuras. Influenciado por M. A. Teixeira, perguntou sobre os “problemas que acarretam a luta do Brasil por um uso mais produtivo de suas potencialidades” (SMITH, 1967, p. 32). A influência de Oliveira Vianna, especialmente pelos seus estudos sobre costumes, mostra uma tendência iberista e conservadora em cena no pensamento desse brasilianista.

¹¹⁹ Relatório do Ministério das Relações Exteriores, 1955.funag.gov.br.images.relatorios.relatorio_1955.pdf, p. 60 o investimento no número de pesquisas oscilava. Foram suprimidas cadeiras de estudos brasileiros no exterior, por falta destes subsídios, as bolsas foram mantidas, aliás, até ampliadas, somando o total de 39 bolsistas financiados pelo Itamaraty em 1955.

A inserção de Thales de Azevedo no cenário acadêmico nacional veio a se fortalecer em 1950¹²⁰. Junto a esse movimento, aqui é crucial considerar as agências de saber e ciência, construídas na articulação de programas científicos, com apoio dos Estados Unidos e da UNESCO. Algumas personagens estiveram diretamente ligadas com as políticas que fizeram fluir os acordos bilaterais.

Assim, três nomes se fortaleceram nessa direção. Thales de Azevedo, o médico baiano de grande destaque no levantamento de trabalhos de campo na Bahia, Anísio Teixeira¹²¹, fundamental como liderança na convocação de acordos com coordenadores de pesquisa sobre o Brasil em Nova York e Charles Wagley, pivô na manutenção de correspondência entre seus interesses de pesquisa no Brasil e os estudantes interessados em intercâmbios¹²². Por último, falaremos de Luiz A. Costa Pinto, alguém que teria norteado os rumos e os objetivos do PPSEBa.

É crucial dizer que a participação de Thales de Azevedo na montagem do ensino superior na Bahia foi marcada pelo modo cosmopolita como lhe dava com as academias no país e, ao mesmo tempo, a consolidação da antropologia como ciência no estado. Fora isso, apesar de mais conservador do que os colegas, Thales Olympio Góes de Azevedo tinha uma boa relação junto aos representantes dos assuntos empresariais frente ao executivo estadual, sendo consultado pela Associação Comercial e outras agências de classe quando eram tomadas decisões, principalmente porque ele estava envolvido com programas para a educação e seu financiamento¹²³.

Outro lado a ser considerado é o seu papel na definição dos estudos sobre relações raciais na Bahia. Mantendo o embate com outros pesquisadores, tais quais Donald Pierson (1900-1995), Arthur Ramos (1903-1949), as concepções anteriores de Robert Park (1864-1944) e E. Franklin Frazier (1894-1962), Azevedo assegurou que os preconceitos raciais na Bahia existiam enquanto relações sociais e comportamentais, já que os demais procuravam apresentar as

¹²⁰ Ao participar do Congresso do Negro Brasileiro, em 1950, junto com Gilberto Freyre, Roger Bastide e outros, Azevedo apresentou o texto “a fórmula étnica de Salvador”, colocando a capital da Bahia como um centro de estudos para o tema das relações raciais em cenário internacional. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, edição 17619, 23 de agosto de 1950, p9.

¹²¹ NUNES, Clarice. **Anísio Teixeira: a poesia da ação**. São Paulo: EDUSF, 2000; ROCHA, João Augusto de Lima. **Anísio em Movimento: a vida e a luta de Anísio Teixeira pela Escola Pública e pela Cultura no Brasil**. Brasília, Senado Federal, 2002.

¹²² Carta de Ruy Coelho a Dr. Charles Wagley C/C Anísio Teixeira, Secretaria de Educação, Estado da Bahia, Brasil, ss187.913, 14 de setembro de 1950. Acervo CEAO – UNESCO. P57-58.

¹²³ Podemos acompanhar essa atuação na imprensa do período, como os artigos que se seguirão no capítulo sobre a publicação de *Feira de Santana*.

discriminações como originárias de problemas de classe ou imaginar uma integração social facilitada no Brasil. (GUIMARÃES, 1996, 67). Guimarães salientou os embates antropológicos em torno do entendimento dos conflitos raciais na Bahia, sua existência e suas formas¹²⁴. Uma vez que os estudos feitos pela equipe do PPSEBa determinaram uma “agenda” de pesquisas sobre o tema, indicando conclusões e avaliações para as diferenças raciais nas comunidades estudadas, acreditamos que se desdobraram em conclusões que perduraram ao longo da publicação dos estudos.

Médico interessado pelos esboços sobre etnologia e história, Azevedo teve uma atuação diversificada como professor da Faculdade da Bahia, abraçando temas que iam desde investigações técnico-sanitárias, até os debates de teorias comportamentais. Era membro da Associação Baiana de Imprensa e também dirigiu a Semana Católica, órgão que viria a se desdobrar na Ação Católica Brasileira (BRANDÃO, 2005b). Ficou à frente da realização prática dos estudos de campo do PPSEBa, visitando comunidades, organizando fontes e mesclando seu perfil político ao de gestor de cultura.

Atuou em combate à tuberculose, juntamente com José Silveira (1904-2001), em campanhas no interior da Bahia, em Itambé, ainda em 1928, em prol da vacinação. Azevedo, ao trabalhar para a Secretaria de Educação, Saúde e Assistência Pública, no período, ganhou experiência e reconhecimento como médico que colaborou com o contato direto entre a Secretaria e a população de regiões do estado. Azevedo realmente tinha conhecimento com personalidades do interior. É possível verificar essa conexão na participação em ações da Secretaria e no contato direto que teve com as populações estudadas, no PPSEBa.

Encarregado em pensar as questões de saúde pública na cidade de Salvador, publicou o livro *Povoamento da Cidade de Salvador*. Premiado pela Academia Brasileira de Letras, ao concorrer com outros títulos que visaram repensar e realocar a Bahia a partir da História de Salvador selecionado pelo governador Otávio Mangabeira e comissão julgadora para representar a Bahia como publicação. O período em que atuou entre na Secretaria de Educação, chefiada por Isaías Alves e, em seguida, por Anísio Teixeira, até a coordenação do PPSEBa, foi de intenso intercâmbio com os professores da Faculdade de Filosofia.

Sobre Anísio Teixeira, há inúmeras questões que poderíamos levantar sobre seus laços com a cultura norte-americana, em sua formação acadêmica, em sua caminhada como gestor

¹²⁴ Há vários textos do autor sobre o tema. O mais recente é GUIMARAES, Antonio Sérgio Alfredo. A democracia racial revisitada. Salvador, **Revista AfroÁsia**, 2019.

de cultura. Já há vários estudos sobre o assunto e queremos destacar apenas alguns pontos. Um deles é que, mesmo antes de atuar como secretário de Educação (Secretaria de Educação e Saúde), a integração entre a pedagogia no Brasil e o Teachers College, em Colúmbia, foi reforçada com as viagens de Anísio Teixeira e de Isaías Alves. Alves fez um curso em 1930 e 1931, com E. L. Thordinike, enquanto Anísio foi fortemente influenciado pelo pensamento de John Dewey. Os cursos de Psicologia Educacional faziam parte de um projeto para difusão da concepção educacional norte-americana no início do século XX e a U. Columbia abraçava o TC como uma instituição aliada na formação de educadores estrangeiros em Nova York. As metas de pesquisa do PPSEBa não foram levantadas por Anísio Teixeira e sim pelos autores do texto do programa e da coordenação. Anísio foi, na verdade, o agente unificador do status acadêmico, que ele possuía, com as metas do governo da Bahia. Para ele, foi importante delimitar os objetivos dos estudos de modo que, dentro da Secretaria de Educação e Saúde, ganhassem corpo, sentido político e certo pragmatismo. Vale lembrar que a secretaria atuava também na dimensão de Saúde, com muitas demandas em todo o estado. Assim é que vemos indicações importantes, feitas por todos os autores envolvidos com o PPSEBa, sobre educação, alfabetização, implicações no desenvolvimento social, no aprofundamento das relações entre o número de eleitores e as decisões políticas, como também, levantamento de questões sobre problemas sanitários.

O acesso a uma formação universal na educação, a ampliação da alfabetização e outros saberes práticos eram preocupações de Anísio Teixeira. Essas motivações se aliavam, no contexto, com uma movimentação para angariar eleitores e proporcionar o enraizamento político das representações do governo do estado. Assim também, as questões sobre os métodos a serem aplicados para os estudos do PPSEBa não estiveram nas mãos de Teixeira, mas dos assessores a quem confiou a tarefa. Thales de Azevedo e Charles Wagley, autores do projeto do PPSEBa, o montaram juntamente com Luiz A. Costa Pinto, representando a Universidade do Brasil e responsável pela apresentação do PPSEBa na reunião do Colóquio de Estudos Internacionais Luso-Brasileiros em 1950, em Washington, como panfleto.

Thales de Azevedo e Charles Wagley uniram metas acadêmicas na Bahia. Enquanto o primeiro, o anfitrião, somou os esforços para reunir propostas para o financiamento dos estudos e para as diretrizes mais práticas, Wagley angariou os fundos da Universidade de Columbia, em Nova York, ponto de encontro e reuniões entre acadêmicos brasileiros e norte-americanos, como os aprendizados conceituais e investigativos. Em 1950, Wagley não era mais um “estrangeiro” e já conhecia a realidade da pesquisa na Bahia. Juntos, ele e Thales de Azevedo

faziam parte de uma geração que se preocupou com a visão sobre o Brasil nos Estados Unidos. Produziram artigos e reuniões profissionais, e, juntamente com Anísio Teixeira, passaram a interceptar as possibilidades de trabalho internacional e a trazer os estudantes para a Bahia, estabelecendo laços de amizade que perduraram ao longo das duas décadas seguintes.

Então, consideramos, de um lado, as questões geracionais e os interesses dos baianos citados em projetar-se no cenário nacional e internacional, para fortalecer a escolha de intelectuais norte-americanos pela Bahia para pesquisa. A passagem de Anísio Teixeira em Nova York fortaleceu os contatos. Teixeira foi observador de estudos sobre educação na instituição, no governo de Góes Calmon, em 1927. De acordo com Luís Viana Filho, sobre suas relações com os programas educacionais, ao colaborar para a Fundação para o Desenvolvimento da Ciência na Bahia, o educador almejou construir novas parcerias.¹²⁵

[...] Assim é que gostaríamos de examinar a possibilidade da vinda para a Bahia digamos, de um naturalista, de um físico e um geólogo. A minha ideia seria contribuir, para um contrato longo, para fixar na Bahia figuras promissoras, em cientistas que desejassem viver e estudar a Bahia. Algo como aqueles primeiros estrangeiros que vieram e se fizeram cientistas nacionais. (TEIXEIRA, Anísio. Apud VIANNA FILHO, 2008, p. 140).

Em 1950, vieram com ele, para a Bahia, algumas pessoas como Charles Wagley, conforme lembra Vianna Filho:

[...] Alguns ainda é possível lembrar a primeira vista. Charles Wagley, da Colúmbia, foi dos primeiros. Antropólogo, viera trabalhar com Anísio em 1950, notabilizando-se pelos estudos realizados na Bahia. Viriam também Anthony Leeds, de Austin, no Texas e Marvin Harris, ainda muito jovem. (VIANNA FILHO, 2008, p.159).

O próprio Charles Wagley reforça o papel de Teixeira para sua vinda à Bahia. No campo dos intercâmbios, segundo Charles Wagley, o educador tornou-se o maior responsável pela sua chegada ao Brasil: “Ele sempre falava que, em vista da condição universitária brasileira, fazia-se urgente capitalizar os conhecimentos de estrangeiros sobre o Brasil e reverter em benefício do país o esforço analítico de tanta gente... sempre me lembro disso...” (MEIHY, 1990, p. 67).

Charles Wagley e Cecília Roxo Wagley eram anfitriões de brasileiros e faziam os convites para as atividades de Columbia, que atraíram vários intelectuais para o Instituto Brasil-

¹²⁵ No texto de Ruy Medeiros, Anísio Teixeira apareceu já associado aos estudos em Nova York desde sua formação no Teacher's College, em 1928. (MEDEIROS, 2009).

Estados Unidos em Salvador. Enquanto apoiavam a pesquisa de estudantes de pós-graduação, também reforçavam a recepção de vários norte-americanos, em geral, no estado da Bahia. Assim, Anísio Teixeira, Charles Wagley e Thales de Azevedo aliavam suas metas acadêmicas com as diretrizes políticas, e traziam, para a Bahia, os temas em voga nas ciências sociais, aliando fatores aparentemente diversos em projetos de cultura e pesquisa.

As conferências que eram realizadas nos grupos de estudos nos Estados Unidos foram amplamente divulgadas em encontros acadêmicos em todo o Brasil¹²⁶. Isso atraía figurões como Thales, Costa Pinto e os demais já citados, quando lhes saltava aos olhos a possibilidade de aliar seus projetos internos com a demanda que vinha surgindo, nas universidades dos Estados Unidos, por criar um nicho novo de pesquisa, onde se projetariam como vanguarda.

Wagley recebeu homenagem do Serviço Especial de Saúde Pública, onde atuou como diretor da Divisão de Educação Sanitária, no Ministério da Educação e Saúde, desde 1939, o que mostra mais uma vez a locução destes pesquisadores com as agências do Estado e sua constante aproximação com as tarefas diplomáticas e com a expansão das atividades do *soft power* norte-americano.

O material recolhido por Meihy, em seu trabalho de entrevista, indicou o quanto a trajetória de Wagley foi decisiva na ampliação dos estudos sobre o Brasil nos Estados Unidos (MEIHY, 1990). Wagley, juntamente com Donald Pierson, foram os grandes representantes da expansão dos modelos de estudos de comunidades para as ciências sociais brasileiras. Esses estudos possibilitaram o treinamento de pesquisadores no Brasil, em relação ao trabalho de campo, baseados nas metodologias de Robert Redfield e Robert E. Park, buscando se ocuparem do tema das mudanças nas dinâmicas sociais (MAIO; OLIVEIRA, 2011), como uma reação à antropologia de Franz Boas e à observação estática das sociedades.

Charles Wagley iniciou uma grande amizade com Eduardo Galvão (1921-1976) (CONSORTE, 2014) e fortaleceu o apoio do Museu Nacional nos empreendimentos culturais da Bahia. Wagley também atuou no desenvolvimento do Serviço de Saúde Pública, após conhecer “um general norte-americano, médico, que vinha para o Brasil fundar o SESP” (KOTTAK, 2007, p.76), durante a Segunda Guerra.

¹²⁶ Jornal do Comércio, Rio de Janeiro, 24 de outubro de 1941, p. 5, Edição 019. Arquivo digital Hemeroteca da Biblioteca Nacional.

Nos Estados Unidos, como dissemos, recebeu os colegas brasileiros no apartamento da família, que ficava em Manhattan, um local de encontro para debates sobre os conflitos sociais brasileiros. Nessas reuniões, participavam muitos desses intelectuais em trânsito. (KOTTAK, 2007).

Donald Pierson havia frequentado a Bahia, entre 1942 e 1947, quando fez o estudo publicado como *Negroes in Brazil*, pesquisa capitaneada pelas iniciativas da Universidade de Chicago, que colocou os problemas de integração do negro na sociedade norte-americana como horizonte de preocupação e trazia o Brasil como comparação. Indicou, em suas metas, as tentativas de lidar com situações de desigualdades raciais em todo o mundo (MAIO; LOPES, 2017 e MENEZES, 2013). Os pesquisadores ofereceram respostas que nem sempre tiveram boa repercussão, pois houve uma tendência geral em pensar a formação da mestiçagem e, não necessariamente, as condições de desigualdade social que fomentavam as disparidades e discriminações. Talvez por isso, a escolha de Anísio Teixeira tenha sido por Charles Wagley, que juntamente com Thales de Azevedo se apresentavam como mais inovadores nesse cenário temático. O Brasil, como laboratório de pesquisa das relações sociais, ganhou evidência com a presença de Pierson durante 22 meses na Bahia (MAIO, 2007; SANSONE, 2007). Seus roteiros e métodos de pesquisa animaram imensamente as gerações seguintes, junto ao PPSEBa e ao Projeto da Unesco.

Os programas de estudos sobre a América Latina da U. Columbia marcaram as trajetórias dos pesquisadores baianos que se envolveram no PPSEBa, inclusive na assinatura do acordo de intercâmbio. Um destes acadêmicos foi Luiz A. Costa Pinto¹²⁷. Luiz A. Costa Pinto, filho de família abastada, atuou na juventude comunista, contra o Estado Novo a partir de 1939, quando foi preso, participando depois de associações com grupos anti-varguistas. Sua carreira foi demarcada pela aproximação com Arthur Ramos e Jacques Lambert (1901-1991) (MAIO, 2007) e agregou-se aos os programas da UNESCO para as pesquisas de ciências sociais no Brasil.

Em 1949, a 4ª Conferência Geral da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco) aprovou uma agenda antirracista em resposta a solicitação da Subcomissão de Proteção a Minorias da Comissão Econômico-Social da Organização das Nações Unidas (ONU). (MAIO; SANTOS, 2010).

¹²⁷ MAIA, João Marcelo E. Maia. Costa Pinto em Dois Tempos: os efeitos periféricos da circulação de ideias. *Revista Tempo Social*. USP, 2019.

O projeto contou com a organização de Arthur Ramos, que faleceu precocemente e depois teve seus projetos tocados por Pinto. Costa Pinto se correspondeu com Ramos para defender suas posições e detalhar as suas expectativas sobre as discussões no Brasil. Segundo Marcos Maio, Costa Pinto possuía ponto de vista próprio no painel de teorias raciais da UNESCO. Já em 1949, quando foi chamado para a equipe, tornou-se um dos faróis para as concepções das questões raciais que repercutiram dentro do programa.

No primeiro semestre de 1950, o sociólogo foi convidado a participar do Projeto Columbia University-Estado da Bahia, iniciativa de Anísio Teixeira, então secretário de Educação e Saúde do Governo Otávio Mangabeira. Este projeto tinha por objetivo apresentar subsídios de natureza sociológica e antropológica colhidos em alguns municípios do interior da Bahia com o intuito de modernizar essas áreas no âmbito da saúde, da educação e da administração pública. Diversos estudos de comunidade foram realizados por cientistas sociais americanos e brasileiros sob a coordenação do antropólogo Charles Wagley e seus alunos de doutorado em Columbia (Harry William Hutchinson, Marvin Harris, Benjamin Zimmerman), e do médico-antropólogo Thales de Azevedo. (MAIO, 2007; SANSONE, 2007, p.16)

Na ocasião do Colóquio de Estudos Luso-Brasileiros, em 1950, Luiz A. Costa Pinto foi um dos responsáveis pela elaboração do material de divulgação do PPSEBa (1950), assinado juntamente por Charles Wagley e Thales de Azevedo. Ao fazer uma propaganda aos participantes, buscaram trazer mais pesquisadores ao Brasil¹²⁸.

Na oportunidade, os intelectuais baianos que escreveram sobre a questão racial foram reconhecidos no Brasil e fora dele. Para Edson Farias, havia projetos “sob tensão”, que colocavam as matrizes de pensamento social em embate, contra ou a favor de modelos para a modernização e a construção de uma nova civilidade, pautada na Bahia, disseminada para o mundo¹²⁹.

Os personagens que tratamos possuíam suas leituras particulares, mas se direcionavam pelos tópicos debatidos pela UNESCO sobre as questões raciais. Academicamente, estavam integrados com as redes de aproximação intelectual da U. Columbia e a repercussão dos estudos de comunidades e se viam ligados no cenário nacional de publicações explicativas sobre o

¹²⁸ WAGLEY, Charles; PINTO, Luiz A, AZEVEDO, Thales de. **Uma pesquisa sobre a vida social no estado da Bahia**. Museu do Estado, n.11, Secretaria de Educação e Saúde Bahia, 1950. O panfleto, distribuído pelo Museu do Estado em duas línguas, foi o “primeiro da série a ser publicada pelo Museu do Estado, em cooperação com o PPSEB”, foi “dedicado ao Colloquium Internacional de Estudos Luso-Brasileiros, realizado em Washington, Estados Unidos, de 18 a 21 de outubro de 1950”.

¹²⁹ Logo, retomando o plano histórico empírico em foco, uma derivação possível na compreensão da atitude dos membros dos círculos do poder estatal baiano é considerar a maneira como os esquemas e resultados científicos foram posicionados de modo ascendente sobre outras modalidades de valor na orientação das práticas governamentais. (FARIAS, 2007, p.106).

Brasil – no qual o Colóquio de Estudos Luso-Brasileiros representou um evento de seu coroamento. Esse pequeno grupo de baianos procurou cada vez mais fazer dos colegas norte-americanos os seus parceiros privilegiados para estudos de caso na Bahia.

4 EQUIPAMENTOS DE SABER E CIÊNCIA NA BAHIA

Unidos em instituições e projetos para organização de saber e ciência na Bahia, aproveitando o ensejo das políticas educacionais para potencializar o crescimento da Universidade e de seu prestígio, essas pessoas conseguiram trazer benefícios dos acordos bilaterais do contexto. Trataremos nesse capítulo da engrenagem do PPSEBa em um contexto específico de trabalho com o conhecimento, na Bahia e mostraremos porque.

A Secretaria de Educação e Saúde criou, entre 1947 e 1951, importantes instrumentos de financiamento da pesquisa (como a FDC-BA), juntamente com a consolidação de uma Faculdade, que se ampliou e trouxe novos ramos do conhecimento para sua composição. Essas personagens estavam em busca de fortalecimento dos órgãos do estado e também permaneciam preocupados com sua inserção política e social, através de seu engajamento em mecanismos de poder, mas ao mesmo tempo, adentravam os jogos de disputa daqueles que lhes conferiram destaque, uma contrapartida, com tarefas intelectuais orgânicas e próprias de seu campo, movidas por solidariedades e redes específicas.

4.1 A FDC-BA, A FACULDADE DE FILOSOFIA E A SECRETARIA EDUCAÇÃO E SAÚDE

As instituições científicas, como a Fundação para o Desenvolvimento da Ciência na Bahia (FDC-Ba) e a Faculdade de Filosofia, em diálogo direto com a Secretaria de Educação e Saúde, em suas parcerias com o Ministério da Educação e da Cultura, o Museu do Estado da Bahia, o Instituto de Economia da Fundação Mauá, promoveram a elaboração de “empresas de produção científicas”¹³⁰.

Se levarmos em consideração a publicação dos trabalhos que foram produzidos nessas parcerias, como o programa de títulos da Coleção Baiana, da editora Itapuã, em 1968, veremos que, não por acaso, essas diretrizes foram sustentadas por Thales de Azevedo até o final dos

¹³⁰ Muito semelhante à ação das instituições do IGHB e das demais aqui citadas, o Museu do Estado era uma “Instituição subordinada ao governo estadual, esteve à mercê de intenções políticas - entregue à direção de homens destacados para essa função e que, devido à sua formação, faziam parte do grupo social diferenciado, além de balizados por interesses ideológicos que incutiam orientações para o Museu”. (CERAVOLO, 2011). Ver sobre o papel de Pedro Calmon em CALMON, 1999.

anos 1960. O antropólogo se manteve como pivô, ao buscar publicar, junto à Faculdade de Filosofia, os títulos que foram indicados como representativos de um projeto de história e memória, indicando uma continuidade daquele projeto iniciado em 1950. A Coleção Baiana começou a se projetar ainda naquela década, logo após algumas parcerias se consolidarem na realização dos estudos do PPSEBa. As pesquisas estavam aliadas ao movimento editorial que crescia na Bahia. Após iniciados os primeiros trabalhos de campo do acordo,

Em junho de 1951, uma outra equipe partia para a Zona do Cacau, o antropologista Antony Leeds, da Columbia University, com sua esposa, Jo Alice Leeds, auxiliados por Adelmo Machado Junior, pelo Agro. Hildebrando Nascimento e pela Bel. Josildeth da S. Gomes¹³¹.

Logo em seguida, relatando os resultados do projeto para a comunidade acadêmica da antropologia, os coordenadores mencionaram:

1- Charles Wagley, Thales de Azevedo e Luiz A. Costa Pinto, “Uma pesquisa sobre a vida social do estado da Bahia”, Contribuição ao Colóquio de Estudos Luso-Brasileiros, Biblioteca do Congresso; Washington, Out. 1950. Publicação n. 11 do Museu do Estado da Bahia; 2 – L. A. Costa Pinto, “Pesquisas Sobre a Bahia”; Digesto Economico, São Paulo, set.; A Tarde, Bahia 27 e 28 de out.; 3 – Thales de Azevedo, “Estudos de Comunidades na Bahia”, A Tarde, 9 dez, A Gazeta, São Paulo, 26 de dez, Arte e Literatura, Petrópolis, dez, 1950, 4 – Thales de Azevedo, “Um questionário sobre estereótipos raciais”, Sociologia, Vol XIII, n.1, São Paulo, Março, 1951., 5 – Antony Leeds, “Um programa de pesquisas na Zona cacauera”, 6 - Charles Wagley e Thales de Azevedo, “Sobre Métodos de Campo no Estudo de Comunidade”, Revista do Museu Paulista, s. n. , Vol. V, 1951, 7 – Anthony Leeds, “Pesquisa e Problemas da Zona do Cacau”, A Tarde, Bahia, 29 e 30 de Agosto, 1 e 2 de setembro, 1951.; 8 – Harry W. Hutchinson, “Nuances et demi-nuances”, Le Courier De L’Unesco, Paris, Agosto, Setembro, 1952; 9 – Thales de Azevedo, “Bahia”, ibidem, 1952; 10 – Edwrad Stainbrook, “Some characteristics of the Psychopathology os Schizophrenic Behavior in Bahian Society”, American Journal of Phichiatry, outubro, 1952.; 11 – Charles Wagley, Editor, Race in Class in Rural Brazil, Publicação da UNESCO, Paris, 1953.; 12- Thales de Azevedo, Les elites de couleur dans une Ville Bresiliense (Salvador), Publ. Da UNESCO, 1954.; 13 – Josildeth Gomes, “Povoamento da Chapada Diamantina”, comunicação ao segundo Congresso de História da Bahia, 1952.; 14 – Edward Stainbrook, “A Gross Cultural Evaluation of Depressive Reactions, Depressions, Grune, Stratton, 1953.;15 – Marvin Harris, Minas Velhas, A study of Urbanism in the Mountains of Estern Brazil (Monografia Sobre o Planalto Central), traduzida por L. R. Sena, para publicação em português.; 16 – Rollie Poppino, Princess of the Sertao: a

¹³¹ Programa de Pesquisas Sociais Estado da Bahia, Columbia University. Revista Ciência e Cultura, São Paulo, vol. 6. N. 1, 1954, p.37. Acervo da Hemeroteca digital da Biblioteca Nacional. O boletim também informou que a FDCBa era uma instituição que estava intimamente ligada à SBPC, editora geral da Revista. No texto, também são apresentados os bolsistas: Indira Marques Porto, Teresinha Pires de Souza, Sonia Maria Oliveira Santos, Otávio Mansur de Carvalho, Maria D. Azevedo, Mario Martins de Oliveira, este último como cartógrafo.

History of Feira de Santana, (inédito).; 17 – Harry W. Hutchinson, *The Village and The Usina* (Monografia sobre o recôncavo), inédito.; 18 Thales de Azevedo, “Estereótipos sobre Pretos na Bahia”, comunicação ao II Congresso Latino-americano de Sociologia, Rio-São Paulo, 1953.; 19 - Thales de Azevedo, “Imagens e estereótipos raciais e nacionais”, entregue para publicação nos arquivos da Universidade da Bahia, Faculdade de Filosofia (1953).(id., ibid., p.38).

Listamos toda a produção anunciada pelos autores do relato porque é importante destacar alguns pontos. Primeiro, a forte presença de Thales de Azevedo na coleta de dados e na escrita de textos que oferecessem respostas práticas para o tema das relações raciais na Bahia, um tema de projeção na UNESCO após os acordos assinados por Arthur Ramos e Charles Wagley. Do total inicial, além de ampla participação no levantamento local de dados, Azevedo publicou oito textos, e estava inclusive aguardando novas publicações. Por outro lado, vemos também que, após o convite a Antony Leeds, as intervenções das pesquisas na região cacauzeira cresceram, uma vez que a Comissão de Cacau da Bahia passou a fazer parte do patrocínio dos projetos, em 1951¹³². Da lista, note-se o escasso investimento de editoras privadas no processo, cabendo às instituições do Museu Paulista, do Museu do Estado da Bahia e aos encontros de associações e grupos de estudos o noticiamento das produções em seus periódicos.

Na coluna “Notícias da Bahia”, da Revista *Leitura*¹³³, a presença da iniciativa baiana, nesse sentido, mostrou como ganhou corpo ao longo da década. Sem recuperar aqui movimentos anteriores de publicação, queremos destacar especificamente que, nessa conjuntura, ocorreu uma nova estrutura para a difusão de títulos baianos, mas, ao mesmo tempo, de aproximação cultural com outros grupos de pesquisa, através da produção de traduções e republicações. Tal processo foi fundamentalmente associado ao sentido prático desse material selecionado e à grande projeção do intelectual orgânico Manuel Pinto de Aguiar. A imprensa Oficial da Bahia fez uma parceria com a *Civilização Brasileira*, que distribuía os impressos. Chama atenção também, na imprensa, a montagem da *Coleção Tule*, dirigida por Nelson de Araújo, logo em seguida, destacando-se a Editora Progresso (de Manuel Pinto de Aguiar) e o Centro de Estudos Baianos. Segundo Jorge Amado, a Editora Progresso, juntamente com a Editora Itatitáia, de Belo Horizonte, “são provas já no campo da indústria do livro dessa descentralização tão importante para o desenvolvimento da nossa cultura”¹³⁴. Podemos dizer

¹³² Id., ibid., p.37.

¹³³ N. 30, Rio de Janeiro, Ano XVIII, Dezembro, 1959. Acervo digital Hemeroteca da Biblioteca Nacional.

¹³⁴ AMADO, Jorge. Acabou-se a Corte. **Revista Leitura**, Jul-Dez, 1958, P.8. Acervo da Hemeroteca da Biblioteca Nacional.

que, ao longo da década de 1950, na busca da consolidação de uma divulgação própria, a projeção, a Editora Progresso foi grande parceira nesse sentido.

Nos anos 1960, a Civilização Brasileira S. A. ficou conhecida por publicar títulos voltados para o entendimento do Brasil enquanto nação. As edições da coleção Retratos do Brasil foram um exemplo. Foram publicados, até 1967, *Radiografia de Novembro*, de Bento Munhoz da Rocha Neto; *Problemas do Desenvolvimento Brasileiro*, de Sérgio Malhães; *Anísio Teixeira, Pensamento e Ação Social*, diversos, *Inflação e Monopólio no Brasil*, de Alberto Passos Guimarães; *Imperialismo e Angústia*, de Cláudio de Araújo Lima; *Rio Grande do Sul: Um novo Nordeste*, de Franklin de Oliveira; *O Rio Comanda a vida*, de Leandro Tocantins; *Duas arquiteturas do Brasil*, de Benjamin de A. Carvalho; *Brasil e África*, de José Honório Rodrigues; *Revolução e Contra-Revolução no Brasil*, de Franklin de Oliveira; *Tempos de Jânio e outros tempos*, de Castilho Cabral; *Café, um Drama da economia nacional*, de Cid Silveira; *Política externa independente*, de San Tiago Dantas; *Jagunços e Herois*, de Walfrido Moraes.

Na Universidade da Bahia, foi montada uma comissão, que visou selecionar e avaliar a pertinência dos materiais que chegavam para parecer, e foram frutos das produções dos acadêmicos da antiga Faculdade e de autores que foram convidados, promovendo reedições e obras já programadas desde o governo Mangabeira e ainda não publicadas.

Nesse contexto dos anos 1960, após o terrível falecimento de Anísio Teixeira, frutificaram-se ações em prol de sua memória e da viabilização daquelas iniciativas por ele empreendidas e deixadas ao caminho¹³⁵. A Editora Progresso e Manuel Pinto de Aguiar ocuparam este espaço, juntamente com a Itapuã, liderada por Imeval da Costa Chaves. A Editora Itapuã preencheu uma lacuna importante nesse sentido. Foram publicados pela Itapuã os livros de Maria Isaura Pereira de Queiroz, Charles Wagley, Rollie Poppino, com tradução

¹³⁵ Podemos dizer, inclusive, que o próprio debate sobre o PPSEBa voltou à cena acadêmica como um elemento de memória da trajetória de Anísio Teixeira e seu papel junto à educação. Vide SANTANA, Elizabeth Conceição. Anísio Teixeira e a Expansão do Ensino Secundário. Ginásios e Colégios na Bahia nas décadas de 1940 a 1960. In: CASIMIRO; MAGALHÃES; LOMBARDI, 2013. Na verdade, toda a coletânea mencionada neste capítulo voltou-se para apontar Anísio Teixeira como centro dessas relações. Aqui, retomamos o tema para apontar mais elementos de sua trajetória de vida junto ao programa de estudos mencionado, no entanto, procurando suas aproximações com o intercâmbio de pesquisadores e as relações bilaterais no campo da cultura, pois para nós, assim também se constitui o americanismo, na ação intelectual de colegas estrangeiros que se tornaram pares. Segundo ela, “Tomando como base o argumento geracional, poderíamos dizer que Anísio Teixeira articulou uma rede de intelectuais orgânicos baianos que em maior ou menor medida em suas diferenças e proximidades teóricas, geográfico-sociais e intelectuais que tinham uma trajetória consolidada na área pública, de ensino e pesquisa e compartilharam de sua visão científico-liberal de crença na educação e no conhecimento científico como condição para o melhoramento das condições sociais”. (SANTANA. In: CASIMIRO; MAGALHÃES; LOMBARDI, 2013, p. 92). É preciso dizer que esta visão científico-liberal (um conceito operacional muito útil trazido pela autora) teve como fundamento as ações intelectuais do americanismo.

de Archimedes Pereira Guimarães, os livros de REGO, Waldeloir. *Capoeira angola*. Salvador: Editora Itapua, 1968. Em 1969, foi publicado o livro de VILHENA, Luís dos Santos. *A Bahia no Século XVIII*, volume I, II e III. Itapuã; 1969; AZEVEDO, Thales de. *Povoamento da Cidade de Salvador*. Itapuã, 1969; MATTOSO, Kátia Q. *Presença Francesa no Movimento Democrático Baiano de 1798*, Itapuã, 1969; CASTALDI, Carlo. *Religião e Cultura*. Itapuã, 1968, o que colocou a editora como parceira dos projetos da Universidade Federal da Bahia. Ambos os grupos estavam empenhados em encontrar caminhos para a circulação de teses e pesquisas sobre a Bahia que fossem voltadas para os estudos sobre sua economia e cultura.

As edições acima foram feitas em parceria entre a Secretaria de Educação e Cultura (aqui já mudada a nomenclatura no organograma do Estado da Bahia) e a Editora Itapuã. A Coleção Baiana ofereceu, em âmbito nacional, um lugar de escrita sobre a Bahia e ressaltou sua importância política. Kátia Mattoso, grande referência neste sentido, inaugurou a escavação de campo numa ampla rede de material documental ainda não averiguado, patrocinada pela Faculdade de Filosofia da Universidade Católica de Salvador, dando projeção a uma política de organização do acervo documental em grandes séries de pesquisa¹³⁶.

Mas, de onde esse empreendimento de divulgação partiu? Será que todas essas publicações foram amplamente conhecidas apenas nos anos 1960 e o período de sua circulação pública? Quando foram feitos todos esses estudos? Por que o livro de Rollie Poppino figurou como único título, oriundo da turma do PPSEBa, a ser traduzido para a Coleção Baiana? Nesse trecho da tese, queremos recuperar a montagem dessas agências de saber e de ciência e a importância das redes de intelectuais que se dispuseram para a condução de publicações de títulos.

Bourdieu demonstrou, a partir dos estudos sobre as carreiras acadêmicas na França, como foi necessário para o cientista social agregar aos produtos de suas pesquisas os métodos de estudos já aplicados, respondendo a “problemas candentes”¹³⁷. Para Bourdieu, o campo se configurou como uma espécie de *microcosmo*, onde jogos de inserção e disputa de espaço foram

¹³⁶ O então secretário Luiz Navarro de Brito, no governo de Luís Viana Filho, em 1969, recebeu de Thales de Azevedo o parecer sobre o texto. Naquele contexto, Luiz Henrique Dias Tavares era Diretor do Departamento de Educação Superior e da Cultura.

¹³⁷ Tomamos como referência esta noção, articulada por Bourdieu em uma das reuniões nas quais analisou a “Conferência e debate organizados pelo Grupo *Sciences in Question*, Paris, INRA” (1997), publicada no Brasil em 2004. Bourdieu fazia a discussão com o objetivo de denunciar a condição do intelectual acadêmico e de fazer a defesa de sua autonomia, mas terminou por nos mostrar que, nesse jogo, os intelectuais também se aprisionaram em objetivos claramente delimitados por articulações mais amplas de disputa de poder na sociedade.

mantidos pelos intelectuais enquanto sujeitos, sob signos que muitas vezes parecem ser apenas de lógica interna, mas que concorrem com a consagração de outros campos para a legitimação de suas falas. A fixação de seu terreno de performance converge com as necessidades externas e imediatas da produção da pesquisa, e, assim, seus fins e suas lógicas passam a ser traçadas também por expectativas alocadas fora das expectativas internas.

O campo não funciona como um circuito próprio e autônomo, mas move-se junto com esses jogos de poder. Consideramos que o campo, de acordo com Bourdieu, se desloca dentro da sociedade por questões de autossuficiência, ou pelo menos de busca para reunir elementos que confirmem ao mesmo um capital próprio para negociação da posição de prestígio intelectual nos jogos das relações sociais.

Bourdieu explicou, portanto, como era possível – no caso do INRA, seu objeto – utilizar-se do suporte do Estado para dar apoio a mecanismos que o fizessem “andar com as próprias pernas”. Se os cientistas envolvidos na instituição poderiam atuar conforme suas diretrizes e concepções, esta era uma questão que se resolveria na disputa do próprio campo. A essa dúvida negociação de suas tarefas, Bourdieu chamou de “falsa antinomia”. Ainda segundo o autor, o produto das pesquisas teve um balanceamento entre: 1) aquilo que se aguardou como proposta, ou “os objetivos de análise propostos pela instância estatal” e 2) as suas elaborações específicas, as teses e as hipóteses de cada pesquisa, sob uma ótica “externa”. (BOURDIEU, 2004, p.56).

As ações culturais reforçaram as redes de aproximações acadêmicas já existentes e alavancaram novas, almejando tornar mais consistente a expressão cultural e intelectual do estado. Isso foi feito a partir da participação de representantes baianos em fóruns acadêmicos nacionais e internacionais e da facilitação da vinda de convidados para a capital e para a Faculdade de Filosofia. As ações da Secretaria Educação e Saúde, os financiamentos de projetos coordenados por Anísio Teixeira e os temas da cultura ligados a projetos práticos de ação para a economia foram tratados com destaque em 1950¹³⁸.

As solicitações à secretaria abrigavam universos diferentes, entre elas a movimentação financeira com entidades internacionais. A Secretaria recebeu, em 1950, a remessa de

¹³⁸ Aqui consideramos que houve no terreno do Estado ampliado, em grupos organizados de modo privado e associados aos financiamentos do Estado propriamente dito, uma visualização de seu papel funcional da utilização das pesquisas em tecnologia e ciências sociais a seu favor.

127.981,70 dólares em equipamentos, pagos pelo Banco do Brasil S. A., a partir do movimento do Secretário Anísio Teixeira junto ao *Institute Of Inter American Affairs*¹³⁹.

Vinculado ao *Office of Coordinator Inter-American Affairs* (OCIAA), o instituto atuava também em Cuba e na Argentina, durante a Segunda Guerra, na área de políticas sanitárias. Segundo Andre Luiz Vieira de Campos, entre os esforços de guerra alimentados dentro do Instituto, a pesquisa sobre bases de agricultura e extração de minerais para suprimento em períodos de escassez recebeu suporte durante os anos da Guerra e foi necessário contar com pesquisadores e equipes especializadas para amplificar os estudos¹⁴⁰.

Daí se desdobram as movimentações que foram feitas por Anísio Teixeira para organizar bolsas e criar circunstâncias favoráveis ao deslocamento de pesquisadores para estudo, junto à Secretaria. Havia todo um cenário propenso para tanto, além do interesse dos órgãos que estavam ligados com a Secretaria para interagir com o ambiente acadêmico. Médicos do estado saíram para pesquisas sobre doenças venéreas em outras capitais, devido ao fluxo de contaminações com tifo e tuberculose assistidos naqueles anos. Assim, verbas para estudos e pesquisas foram deslocadas de outros órgãos para a Secretaria de Educação e Saúde, com a finalidade de investimento nestas formações.

O IIAA, cujo Programa de 1949, destinava para o ano fiscal de 1950, até 3 anos após, o montante de 5.000.000 de dólares, colaborou com mais 25 programas de estudo, em 16 outros países da América Latina. O Programa continuou a oferecer recursos para os países que colaboraram com os estudos durante a Segunda Guerra, por ter sido de bom proveito para os Estados Unidos e suas estratégias “em tempos de Guerra e de Paz”¹⁴¹. O governo norte-americano recebia a proposta e, assim, verificava se era de seu interesse financiar o determinado pedido¹⁴².

¹³⁹ Serviço de Administração. Ao Banco Do Brasil. Correspondência de Anísio Teixeira ao Banco do Brasil. Arquivo Público do Estado da Bahia. Fundo da Secretaria de Educação. Grupo Gabinete do Secretário. Série Ofícios Expedidos pelo Secretário de Educação e Saúde. Data limite 1961. Caixa 3924. Maço 05.

¹⁴⁰ CAMPOS, Andre Luiz Vieira. The Institute of Inter American Affairs and its Health Policies in Brazil during World War II. *Presidential Studies Quarterly*, vol 28, n 3, 1998. Neste sentido, também a atuação do SESP acompanhou as estratégias, quando pesquisadores como T. L. Smith foram financiados para tratar do tema em regiões diversas do Brasil.

¹⁴¹ The Program of The Institute of Inter-America Affairs. The Institute of Inter-American Affairs, Washington D. C, USA, 1949. O arquivo está disponível em: <https://ia800607.us.archive.org/3/items/programofinstitu00inst/programofinstitu00inst.pdf>. Acesso em 20 de outubro de 2019.

¹⁴² “O lançamento de um desses programas de cooperação foi decorrente de uma sugestão do governo de um dos países latino-americanos. Ao receber o pedido, o Departamento de Estado avalia sua pertinência para os interesses políticos dos Estados Unidos.” (tradução nossa). Do original: “The launching of one of these cooperative action programs originates in a request by the government of one of the Latin American countries. On receipt of such a request, the Department of State determines whether it is desirable on political grounds to have United States

De acordo com a Lei 347, de 13 de dezembro de 1950, a FDC-BA fortaleceu a montagem de um mecanismo próprio, da parte da Secretaria de Educação e Saúde, para trazer pesquisadores para o ambiente acadêmico do estado e autorizar, pela via do financiamento público, o erguimento de um equipamento científico. A política científica da fundação era bastante compatível com o modelo norte-americano de organização das pesquisas que subsidiavam o Departamento de Estado e suas estratégias expansionistas do pós-guerra, com ações que espelhavam a filantropia e a agência privada. Ainda que tenha se apresentado de forma bastante autônoma, a FDC-Ba utilizou verbas já previstas na assinatura do Instituto de Relações Interamericanas. Enquanto isso, na Bahia, a FDC-Ba, assim como a instituição da Faculdade de Filosofia, recebiam ajuda de particulares para sua manutenção e fomento, a saber, quando era mantida pela sociedade civil, em ações do seu Conselho fundador. As movimentações da Secretaria de Educação e Saúde, em 1950, não podem deixar de ser associadas à presença de Anísio Teixeira na sua direção e à criação da FDC-Ba, com a participação de Archimedes Pereira¹⁴³.

A FDC-Ba voltou-se para o financiamento de estudos científicos que viabilizassem o crescimento da exploração mineral na Bahia, como também atuou em frentes para o combate da epidemia de tuberculose que se instalou no estado, no início daquela década, investindo ainda na geografia agrícola¹⁴⁴. Correlacionadas, a FDC-Ba e a Faculdade selecionaram os temas vistos como úteis para a colaboração com o governo do estado e trouxeram novos pesquisadores norte-americanos para o trabalho de campo. Dessa vez, não como acadêmicos que investiram

participation in the proposed technical program in the particular country”. Os programas de Saúde modelo estavam no Chile, de Educação na Guatemala e de agricultura, no Paraguai, conforme o programa estabelecido. The Program of The Institute of Inter-America Affairs. The Institute of Inter-American Affairs, Washington D. C, USA, 1949. O arquivo está disponível em: <https://ia800607.us.archive.org/3/items/programofinstitu00inst/programofinstitu00inst.pdf>. Acesso em 20 de outubro de 2019.

¹⁴³ Lei Estadual 347, de 13 de dezembro de 1950.

¹⁴⁴ Arquivo do Centro de Documentação do Projeto Columbia do Museu Pedagógico Padre Palmeira, Vitória da Conquista, UESB. Os estatutos também estão disponíveis em <http://www.bvanisioteixeira.ufba.br/livro6/estatutos.html>. Acesso em 23 de março de 2018: “OS FINS E OBJETIVOS: Art.1º - A Fundação para o desenvolvimento da Ciência na Bahia, criada pela Lei nº 347 de 13 de Dezembro de 1950, do Estado da Bahia, com autonomia administrativa e financeira, destina-se a coordenar, estimular e assistir a pesquisa e o trabalho científico, em todos os seus ramos, concorrendo para o desenvolvimento da ciência por todos os meios a seu alcance. Art. 2º - Para realizar os objetivos constantes do artigo anterior, a Fundação, com sede e foro na Cidade do Salvador, manterá as seguintes atividades: a) um centro de informações científicas tão completo quanto possível, especialmente do Estado e do País; b) o patrocínio, promoção e custeio de estudos e pesquisas, isoladamente ou por meio de ajustes e contratos com entidades oficiais ou particulares, nos diversos campos da ciência; c) um serviço de bolsas de estudos e de pesquisas, dentro e fora do País, bem como de cursos especializados e conferências culturais, isoladamente ou mediante ajustes e contratos, com entidades oficiais ou particulares; d) um serviço de intercâmbio cultural e outras formas de cooperação científica.”. Ver Jaci Maria Menezes (2013) – também na coletânea de CASIMIRO, MAGALHÃES, LOMBARDI (2013) – sobre a criação da FDC e o papel de Anísio Teixeira.

por conta própria na sua formação, mas como estudantes que contaram com a direção da Secretaria e o investimento direto do governo da Bahia, ao lado de agências externas de fomento, para o fornecimento dos custos necessários a seus estudos. Não podemos esquecer que havia um movimento nos Estados Unidos em favor de uma diplomacia externa embebida de políticas culturais. (SANTOMAURO, 2015).

Segundo Menezes (2013)¹⁴⁵, a fundação usou uma rubrica das verbas do estado, na Carta de 1948, cujo desígnio de Anísio Teixeira para executar as tarefas de pesquisa e educação a partir desses mesmos recostos estavam previstos. Dispondo de abertura e negociação com Otávio Mangabeira, após convites e debates com a UNESCO sobre as pesquisas na Bahia, Anísio vislumbrou uma situação favorável para aplicar os modelos de trabalho acadêmico bilateral, montando o “projeto Colúmbia”, ou o PPSEBa. (MENEZES, 2013).

A FDC-Ba se tornou uma agência de financiamento de pesquisa instalada com forças estaduais, ao erguer um aparato para o sustento de estudantes dentro e fora do país, como os que vieram a doutoramento e cooperação com a Faculdade e os projetos da Secretaria de Saúde e Educação. Em 1950, essa instância era ampla, como atestam os seus arquivos¹⁴⁶, ocupando-se de inúmeras dimensões da vida administrativa da Bahia, elegendo pesquisas a serem apoiadas, com o objetivo de compreender as áreas onde seriam aplicados investimentos das secretarias do governo.

A FDC-Ba possuía alguns boletins informativos, que garantiam o cumprimento das metas pelos pesquisadores e as instituições envolvidas¹⁴⁷. Usufruíram de seus recursos autores como José Silveira, em pesquisas sobre a Tuberculose (Instituto Brasileiro para a Investigação sobre a Tuberculose) e prestando serviço a outros departamentos da Secretaria de Educação, como foi o caso da Faculdade de Medicina, através do professor Jorge Novis, Margarida Neves, como pesquisadores de outras áreas, na Faculdade Politécnica, em pesquisas sobre a fermentação do

¹⁴⁵ “Posteriormente, fica decidido que 50% dos recursos se destinavam a Fundação Gonçalo Moniz para pesquisas em medicina tropical. Cabe a Anísio Teixeira, enquanto Secretário de Educação e Saúde, regulamentar a aplicação da outra metade. Isso acontece, finalmente, através da Lei n. 347 de 13 de dezembro de 1950, que criava a Fundação para o Desenvolvimento da Ciência na Bahia. O mandato de Mangabeira terminava em fevereiro de 1951. Decretos 10 e 17 de janeiro de 1951 designam os membros do Conselho Diretor da Fundação que tomam posse em 25 de janeiro de 1951. A ela é atribuída a execução do convênio com a Colúmbia *University*, nosso projeto Colúmbia, que já se achava em andamento, através de termo já assinado com a Secretaria da Educação e Saúde, convênio esse assinado em 1949, o planejamento e início das atividades de pesquisa de campo em 1950, o Programa de Pesquisas Sociais do Estado da Bahia, foi apresentado e publicado em 1950 pelo Museu do Estado”. (MENEZES, 2013, p. 79-80).

¹⁴⁶ “Relatórios da FDC-BA”. Arquivo do Centro de Documentação do Projeto Columbia do Museu Pedagógico Padre Palmeira, Vitória da Conquista, UESB.

¹⁴⁷ Arquivo do Museu Pedagógico Padre Palmeira. Universidade UESB, Vitória da Conquista, Ano III, n. 1.

cacau baiano, e o aproveitamento da produção de dendê, para mencionar dois exemplos, dirigindo a investigação sobre o potencial econômico do estado¹⁴⁸.

As ações iam além do subsídio aos bolsistas, com garantia de catalogações e de todo suporte técnico e financeiro para realização de cursos e palestras que extrapolavam o programa acadêmico rotineiro. Outra ação da FDC-Ba foi publicada em 22 de setembro de 1953, quando foi dedicado um prêmio, nomeado de “Venâncio Filho”. O prêmio deixou claro que o ganhador seria aquele que “de acordo com o desejo do doador, em igualdade de condições (...) versar sobre o assunto que interesse diretamente ao Estado da Bahia”¹⁴⁹.

Os convênios com os cientistas norte-americanos e o Social Science Research Comite, seguiram adiante, durante a década de 1950, juntamente com a cooperação de agentes privados, que fizeram doações ao longo da década. Pesquisas de Geografia Agrícola, e temas correlatos, chamavam atenção de investidores particulares.

Por outro lado, o governo do estado estava ao lado do engenheiro Inácio Tosta Filho. Tosta Filho, em seus pareceres, foi favorável aos estudos direcionados à exploração das áreas rurais e que se voltavam para um melhor entendimento de suas relações produtivas¹⁵⁰. Em 1954, Tosta Filho produziu um desses pareceres, indicando a importância do estudo feito por Edward Cooper Haskins, que veio ao Brasil também pelo SSRC. A ideia do gestor era aproveitar o solo “de maneira mais eficiente”, o que se estendia para as atividades de criação e circulação nas áreas rurais do estado.

A proposta do Senhor Edward Cooper Haskins, de trabalhos de pesquisas relativas aos sistemas de utilização do solo e de organização econômica na produção agrícola, inclusive pequenas atividades pecuárias conexas, se nos afigura muito interessantes como contribuição para a série de estudos de economia rural que se impõe no nosso Estado, no afã, que a todos nós deve animar, de eliminar-lhe os aspectos empíricos, que até o presente a tem

¹⁴⁸ Relatórios do Projeto Colúmbia University. Arquivo do Museu Pedagógico Padre Palmeira. UESB, Vitória da Conquista, Ano III, n. 1.

¹⁴⁹ Boletim informativo da Fundação para o Desenvolvimento da Ciência na Bahia. Ano III, n. 1. Arquivo do Museu Pedagógico Padre Palmeira, UESB, Vitória da Conquista. Estes atos eram postos em público pelo Conselho Diretor da Fundação para o Des. Da Ciência na Bahia.

¹⁵⁰ “A Fundação para o Desenvolvimento da Ciência da Bahia, de acordo com a decisão de seu conselho diretor em sessão de Dezembro de 1953, concede ao Sr. Edward Cooper Haskins um auxílio financeiro de CR\$ 80.000,00 (oitenta mil cruzeiros), para a realização de pesquisas de Geografia Agrícola, especialmente relacionadas com o uso da terra e a organização econômica da produção agrícola e de atividades correlatas no Estado da Bahia, de acordo com seu plano de estudos (...)”. Boletim Informativo da Fundação para o Desenvolvimento da Pesquisa na Bahia. Arquivo do Museu Pedagógico Padre Palmeira. Acervo Memória do Projeto Colúmbia University, 1953. Ano III, n. 1, p. 5. Há vários pedidos de passagens e cobertura de custos de pesquisadores na pasta Fundo da Secretaria de Educação e Saúde. Grupo: Gabinete do Secretário, Ofícios Expedidos pelo Secretário de Educação e Saúde. Data Limite 1961. Caixa 3924.

caracterizado, imprimindo-lhe o cunho de sistematização que, pelo menos, mais se aproxima dos padrões científicos¹⁵¹.

Em 1953, a FDC-Ba alterou o seu perfil para uma composição altamente técnica, reunindo 11 matemáticos, 5 químicos, 2 biólogos e o antropólogo Thales de Azevedo. A equipe e o seu Conselho Diretor eram nomeados diretamente pelo governador do estado, e o mesmo grupo elaborou seu estatuto¹⁵².

No âmbito acadêmico, a Faculdade de Filosofia da Bahia nasceu de acordos firmados entre empresários e políticos que se associaram à intelectuais como Isaías Alves, em 1941, quando ele assumiu a Secretaria de Educação e Saúde. A instituição só foi federalizada em 1950, mas continuou a se manter através desses fundos. Assim, vemos uma confluência de ações no sentido do fomento da vida acadêmica na Bahia por parte de movimentos de ações privadas.

A Escola Superior foi erguida por uma Junta Mantenedora¹⁵³, na qual participaram pesquisadores convidados que proporcionaram intercâmbios com instituições norte-americanas e intelectuais europeus e prepararam o embate teórico, dentro do Brasil, pelo seu financiamento.

A aproximação de associações de classe, como a Associação Comercial da Bahia¹⁵⁴, no debate sobre o ensino superior, trouxe para a cena cultural do estado não apenas a demanda do financiamento da educação, mas os problemas sociais e econômicos que poderiam vir a ser examinados com a formação de novos jovens engajados. Ou seja, os temas selecionados pelas reuniões, que ocorriam tanto na Secretaria de Educação e Saúde, como na própria sede da Associação, volveram seus olhares para a formação social baiana e temas de cunho prático para o estado (WAGLEY; PINTO; AZEVEDO, 1950).

Outras dimensões da relação prática e política da instituição também são aparentes, como o controle dos profissionais a atuarem nas cátedras. Sob coordenação de Thales de Azevedo, a religiosidade católica e a não adoção de posições políticas de esquerda foram definidas, segundo

¹⁵¹ Ibid . Texto adequado.

¹⁵² Boletim informativo da Fundação para o Desenvolvimento da Ciência na Bahia. 1953, Ano III, n. 1. Arquivo do Museu Pedagógico Padre Palmeira. Acervo Memória do Projeto Columbia University. Estes atos eram postos em público pelo Conselho Diretor da Fundação para o Des. Da Ciência na Bahia.

¹⁵³ Atas da Congregação. Atas da Junta Mantenedora, (1941-1949). Arquivo da Faculdade de Filosofia – UFBA.

¹⁵⁴ Atas da Congregação. Atas da Junta Mantenedora, (1941-1949). Arquivo da Faculdade de Filosofia – UFBA. Havia campanhas de financiamento e organização de um Fundo próprio.

Ruy Simões, como critérios de desempate no recrutamento de professores que se candidatavam às vagas¹⁵⁵.

Os autores que surgiram no campo da pesquisa sobre as relações sociais foram convidados para direcionar, na Bahia, estudos e diretrizes teóricas. Melville Herscovitz foi um dos que apresentou suas leituras sobre a Antropologia Cultural e abriu a disputa com os modelos vigentes e influenciados por Nina Rodrigues, com uma nova agenda de debates sobre miscigenação, sincretismo e um aprofundamento nas visões sobre religião e cultura na Bahia. Os palestrantes eram convidados para as aulas inaugurais da Faculdade pelo próprio governo do Estado¹⁵⁶.

O Fundo de Financiamento demonstrou que as iniciativas movidas por interesses particulares e privados implicaram nos rumos do ensino superior e da contratação docente, como dissemos. Sobre a formação direcionada, os primeiros professores assinalavam a garantia ao estudante de um entendimento amplo, no curso de Filosofia, onde foram ofertados muitos cursos com uma percepção mais universalista.

Na sede da Escola Normal, em seis de maio de 1942, Herscovitz foi apresentado à Congregação da Faculdade por Thales de Azevedo. Herscovitz havia realizado trabalho de campo na Bahia, no período anterior, acompanhado por Francis Herscovitz, e dissera a Thales de Azevedo “mais de uma vez que a situação geográfica e histórica da Bahia era uma situação vantajosa, para o desenvolvimento dos estudos que cabe(m) a uma faculdade de Filosofia proceder”¹⁵⁷.

Após a Orquestra Sinfônica tocar “O guarani”, Herscovitz passou a proferir palestra sobre as pesquisas etnológicas na Bahia. O diretor, José Prado Valadares, destacou as particularidades da cultura “afro-bahiana” diante das culturas “afro-americanas”, com suas práticas religiosas consideradas próprias, artifícios que usou para demonstrar os métodos etnológicos¹⁵⁸. Estava claro que as atenções se voltavam para a Bahia como laboratório propenso de pesquisa.

¹⁵⁵ UFBA: Pró- reitoria de Extensão. Reportagem Histórica sobre os 46 anos da Faculdade de Filosofia. 1987, Página 5. O que mostra uma repercussão do anticomunismo na instituição e o posicionamento mais conservador de Azevedo.

¹⁵⁶ Atas da Congregação. Atas da Junta Mantenedora, (1941-1949). Arquivo da Faculdade de Filosofia – UFBA p.7

¹⁵⁷ Ibid., p.7

¹⁵⁸ “A respeito do cientista Dr. Jean M. Herscovitz, chefe do Departamento de Antropologia da *Northwestern University*, de Easton, Illinois, Estados Unidos, cuja conferência “Pesquisa Etnológica” na Bahia, iria integrar a série então iniciada pela Faculdade de Filosofia, esclareceu que o professor Thales de Oliveira Goes de Azevedo, membro de sua Congregação, iria a seguir fazer a devida apresentação (...) “Atas da Congregação. Junta

As circunstâncias de apresentação de seus métodos trouxeram novos debates sobre as experiências particulares das sociedades e dos elementos que, segundo seu ponto de vista, levavam os grupos humanos a comportarem-se de uma forma ou de outra, as tornando únicas. Foi por isso que defendeu a Bahia como objeto, um caldeirão cultural, possível de ser incluso nas agendas internacionais de pesquisa como realidade própria para os estudos em voga. Herscovitz publicou, logo após, como resultado desse trabalho, o livro *The Mito of The Negro Past*.

Ali também, a relação com a Columbia University se consolidava, com a apresentação ao público acadêmico baiano de uma discussão sobre o valor dos estudos sobre a Bahia para o debate antropológico norte-americano, requerendo uma associação entre as instituições de modo transnacional. Fortalecido pelas parcerias, admirado pelos baianos, Herscovitz era símbolo do debate metodológico de um PhD em Antropologia em Columbia e servia como uma espécie de arma acadêmica contra os estudos em voga até então, que estavam anteriormente embasados nas teorias de Nina Rodrigues.

Thales de Azevedo estava preocupado em mover a Bahia das margens do cenário internacional dos estudos antropológicos. Ao mesmo tempo, conseguiu trazer as contribuições de Herscovitz para pesquisar relações sociais no estado. A associação com A. Herscovitz foi um ponto importante para a abertura de novas rotas de pesquisadores, vindos de fora, para a Faculdade. Na segunda palestra proferida por Herscovitz, na Sede do Ginásio da Bahia, foram convidados também os Cônsules dos Estados Unidos e da Argentina¹⁵⁹ e foram apresentados resultados de trabalhos já feitos “*in loco*” pelo pesquisador, sobre grupos indígenas¹⁶⁰.

Na terceira, em dois de junho de 1942, Thales de Azevedo pronunciou palestra, enquanto professor de Antropologia da Instituição e exibiu, na ocasião, suas anotações sobre o Rio Grande do Sul, em *Observações antropológicas*, trabalho feito como fruto de uma comissão enviada pelo governo do estado da Bahia ao Sul do país. Mais tarde esse trabalho empírico lhe renderia a publicação de *Gaúchos: Notas de Antropologia Social*.

Essas aulas demonstravam o quanto o grupo de intelectuais baianos ligados à Thales estava interessado em receber o tema das relações raciais para debate. A diretriz antropológica

Mantenedora. Faculdade de Filosofia (1941-1949). Arquivo da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas – UFBA.

¹⁵⁹ Ibid., p. 8.

¹⁶⁰ Já haviam realizado pesquisas nesse sentido Donald Pierson, Charles Wagley.

de que as sociedades deveriam “ser observadas sob seus próprios termos”¹⁶¹ expunha que as políticas de coexistência das culturas afro-baianas viriam a se tornar um caminho para a negociação dos conflitos raciais¹⁶². Essa premissa veio a estabelecer um padrão comparativo de grande importância para o debate sobre a democracia nos Estados Unidos nos anos posteriores. Segundo relato feito da palestra de Herscovitz,

Como exemplo de aculturação em larga escala, apontou algumas das culturas afro-americanas, entre as quais a afro-baiana tem particular relevo, em vista de quantidade de informações de que desta é possível se dispor. Justamente a pesquisa dessas informações é que havia constituído o objetivo de seu trabalho durante o tempo em que permaneceu na capital do estado da Bahia, aproximadamente seis meses. Apreciando as informações obtidas em seu conjunto, tratou em primeiro lugar às relativas à vida secular, e depois, das que se relacionam com a vida religiosa dos afro-baianos, precisamente o aspecto dessa cultura que pelas diferenças marcantes com a europeia, havia impressionado e merecido a atuação dos pesquisadores que o tinham precedido¹⁶³.

A Associação da Junta Mantenedora mantinha o controle das finanças, mas, sobretudo, se voltava para integrações acadêmicas. A vinda dos convidados era feita com recursos mistos, das quais boa parte saiu da Secretaria de Educação e Saúde, mas também das agências de fomento internacionais e das iniciativas privadas locais.

Convidado pelo dr. Anísio Teixeira para dirigir o projeto de Pesquisas Sociais Columbia University — Estado da Bahia, um marco no desenvolvimento das ciências sociais entre nós, ganha o reconhecimento público da envergadura que já atingira como cientista social. Na qualidade de secretário de Educação e Saúde do estado da Bahia, o dr. Anísio pretendia assentar as bases dos seus planos educacionais no conhecimento da realidade sócio-cultural produzido

¹⁶¹ Thales de Azevedo faz parte de uma corrente de discussão da questão racial no Brasil que veio a contestar os parâmetros de Nina Rodrigues (MAIO, 2010, p. 149). Essa postura foi destacada pelos biógrafos de Thales por conta de sua exceção dentro dos estudos da medicina, já que como médico, preferiu selecionar critérios sociais para os estudos das relações raciais e não de aspectos físicos e patologizantes. Entre essas pessoas, o nome de Luiz A. Costa Pinto foi agregado também porque ele participou diretamente da reunião da UNESCO para debate das premissas de seu segundo documento, em 1950 e 1951 (MAIO, 2010, p. 164). Segundo Maio, “o contexto dos debates sobre as declarações sobre raça da UNESCO de 1950 e 1951 constituiu um momento ímpar. Em perspectivas informadas pela história, ciência, política e sociedade, olhava-se para o passado, em particular para as atrocidades da guerra, com vistas a delinear um futuro melhor para a humanidade” (MAIO, 2010, p.167). Veja-se que Marcos Maio vê de forma positiva aqueles debates. Mesmo não havendo consenso é prudente dizer que todo o “Projeto Colúmbia”, ainda que não tenha se direcionado objetivamente para o tema das questões da UNESCO, precisava levar em consideração suas diretrizes de trabalho e as problemáticas em voga.

¹⁶² Segundo algumas biografias, Thales Azevedo era denunciante de uma imposição biológica da diferenciação entre “raças” e adepto da busca por critérios sociais para investigação do tema.

¹⁶³ Atas da Junta Mantenedora. Faculdade de Filosofia (1941-1949) UFBA. Em outras palestras, o tema se repetia, como na fala de William Berrien, em 28 de setembro de 1942. Nos encontros, foram entregues congratulações, como a de Professor Honorário para Gilberto Freyre, em 27 de novembro de 1943. Os locais das palestras variavam, sendo também realizadas na sede da Associação Comercial da Bahia e na sede do Instituto Geográfico e Histórico, no centro de Salvador. Atas da Junta Mantenedora. Faculdade de Filosofia (1941-1949) UFBA.

por cientistas sociais. Esse projeto, que seria desenvolvido através de estudos de comunidades, criaria a oportunidade para quatro estudantes americanos do Departamento de Antropologia daquela universidade realizarem a pesquisa de campo necessária à elaboração de suas teses de doutorado, abriria a possibilidade para alguns estudantes brasileiros de graduação viverem suas primeiras experiências como auxiliares de pesquisa e alargaria, enormemente, a vivência do dr. Thales como cientista social, colocando-o em contato direto com um dos centros mais renomados de antropologia nos Estados Unidos e projetando-o internacionalmente¹⁶⁴.

Em 1954, depois de solicitar a publicação da segunda edição de *Povoamento da Cidade de Salvador*, como também a edição em português de *Les elites de couleur dans une ville bresillienne* a Enio Silveira (1925-1966), sem obter respostas, Thales de Azevedo pediu a Anísio Teixeira, então secretário geral da CAPES, que atuasse no intermédio do pedido¹⁶⁵.

No ensejo, Thales também listou livros adquiridos pelo programa montado em 1950, por solicitação de Jaime Abreu. Os livros foram pagos ao *Teachers College* em moeda “americana”, de acordo com o secretário¹⁶⁶. Portanto, essa mobilização para garantia do intercâmbio foi constante e, por outro lado, garantiu um esforço em manter vivo o projeto das publicações, atrelado ao programa dos anos 1950. A escolha de títulos a serem divulgados foi o tema principal nas reuniões entre esses acadêmicos. Essa ação garantiria a circulação das ideias. Reunidos na Graça, nº 31, em dezembro de 1956, Thales de Azevedo se pronunciou para “propôr um sistema de cooperação entre a fundação e as entidades empenhadas, no estado, no país e no estrangeiro”¹⁶⁷.

¹⁶⁴ Entrevista disponível em <http://www.scielo.br/pdf/hcsm/v3n1/v3n1a09>

¹⁶⁵ Enio Silveira foi editor da *Civilização Brasileira* e era uma referência importante na divulgação cultural do país. Também teve passagem pela Universidade em Columbia, Nova York, organizando a editora na década de 1950. Sua principal referência na história editorial brasileira foi a direção da *Revista Civilização Brasileira*, na década de 1960.

¹⁶⁶ CPDOC. Acervo Anísio Teixeira. Classificação: AT c 1932.02.14. Data: 14/02/1932 a 29/07/1970. Qtd.de documentos: 16 (28 fls.). Correspondência entre Tales de Azevedo e Anísio Teixeira. Ressaltam-se: comentários acerca da participação de Anísio Teixeira na Instrução Municipal do Distrito Federal; participação de Anísio Teixeira na Fundação para o Desenvolvimento da Ciência na Bahia e o afastamento de Anísio T. do Brasil em 1964. Bahia.

¹⁶⁷ CPDOC. Acervo Anísio Teixeira. Classificação: AT c 1932.02.14. Data: 14/02/1932 a 29/07/1970. Qtd.de documentos: 16 (28 fls.). Correspondência entre Tales de Azevedo e Anísio Teixeira. Ressaltam-se: comentários acerca da participação de Anísio Teixeira na Instrução Municipal do Distrito Federal; participação de Anísio Teixeira na Fundação para o Desenvolvimento da Ciência na Bahia e o afastamento de Anísio T. do Brasil em 1964. Bahia. Em 1962, para o exercício do Conselho Diretor da Fundação para o Desenvolvimento da Ciência na Bahia foram escolhidos Fúlvio José Alice, como Presidente, João José de Almeida Seabra, como vice-presidente e Thales de Azevedo como secretário geral¹⁶⁷. Funcionando em Salvador, na Praça da Sé, Edifício Themis, conjunto 209, a Fundação comunicava-se com Anísio Teixeira, que, na época, atuava no governo federal, como secretário geral da CAPES. A comunicação mostra não só a preocupação de Thales com a organização das edições. Aqui vemos que, de maneira sutil, o apoio do intercâmbio com os colegas dos Estados Unidos é uma via de mão dupla. Seria importante manter a circulação dos textos e garantir novos títulos sobre a Bahia, mesmo a despeito das censuras do período.

A história desse movimento editorial, na Bahia, envolveu principalmente o nome de Manuel Pinto de Aguiar, este sim, sem dúvida, um intelectual orgânico para os interesses empresariais baianos¹⁶⁸. Thales, Wagley e Anísio se aproximaram de Manuel Pinto de Aguiar, personagem central para as relações entre a ciência e a práxis orgânica no estado, ligada a poderes do executivo estadual e com lideranças da produção cultural e científica na Bahia e no Brasil.

O “enigma baiano” foi levado a sério por Manuel Pinto de Aguiar para discussão das políticas econômicas no estado e a Editora Progresso, coordenada por ele, ganhou projeção em todo o país. Não por conta da ligação com os colegas baianos, mas pela movimentação que ele mesmo organizou como articulador da classe empresarial no terreno da cultura.

Aguiar formou grupos de estudos e reuniu materiais para pensar a configuração do espaço, e fazer pesquisas regionais, contratando pessoal a partir das demandas por investimento. Tudo que dizia respeito aos territórios e às populações dos locais, onde as empresas atuavam, lhe interessava¹⁶⁹. Responsável pelo Departamento de Exploração do Petróleo da Research Corporation de Nova York no Brasil, coordenou o Programa de Exploração e Pesquisa, com estudos para a instalação das refinarias. Ao longo de sua trajetória, costumou montar equipes para a realização deste empreendimento.

A atuação de Manuel Pinto de Aguiar ficou reconhecida em todo o país. A coleta de materiais para publicação na Bahia e a articulação com empresários fora do Brasil se aliavam a sua postura de editor atento dentro dos circuitos nacionais. Luiz A. Costa Pinto, no Rio de Janeiro, representava o Centro Latino-Americano de Pesquisas em Ciências Sociais¹⁷⁰ quando enviou ao colega uma correspondência solicitando um levantamento bibliográfico para o Bureau International de Recherche sur les Implications Sociales du Progress Techniques (BIRISPT), em 1959.

¹⁶⁸ Desde a década de 1930, operou na direção da Cia de Mercados Públicos da Bahia e foi correspondente do Banco da Bahia em Salvador, sendo ainda parceiro do Banco Mercantil e do Banco de Administração. Em 1954, coordenou a Empresa Construtora e Imobiliária Ltda. e a Cia de Mercados, além de ser cotista na Empresa de Terraplanagem e Urbanização Ltda. No mesmo início desta década foi professor catedrático de Moeda e Crédito, na Faculdade de Ciências Econômicas, além de substituto da cadeira de História das Doutrinas Econômicas Universidade Federal da Bahia. Lugares da Memória. Arquivos Históricos. Biblioteca Reitor Macedo Costa. Caixa 13.

¹⁶⁹ Fundo Manuel Pinto de Aguiar. Correspondências Comerciais (1960-1962). Veja-se o caso do Porto de Santos. Ata 1105 5-06-1961. Biblioteca Macedo Costa. Lugares de Memória. Acervo do Centro de Estudos Baianos

¹⁷⁰ Fundo Manoel Pinto de Aguiar. Carta de Luiz A. Costa Pinto. Rio de Janeiro, novembro de 1959. Biblioteca Macedo Costa. Lugares de Memória. Acervo do Centro de Estudos Baianos.

Na Bahia, Pinto de Aguiar, além de ser um dos mais importantes nas articulações internacionais das empresas do estado, era proeminente nas ações em favor do deslocamento de pesquisadores, fazendo contato com estudantes que fizeram viagens de estudo nos Estados Unidos. O seu interesse se deu sobretudo em traduzir e ampliar o escopo de materiais para conhecimento de temas de economia para os investimentos no estado, sendo ele responsável por um grande número destes, através da Editora Progresso¹⁷¹. Preocupado com traduções de obras estrangeiras, consideradas por ele como universais, foi destaque na Câmara Brasileira do Livro e na União dos Escritores Brasileiros¹⁷².

Não era só por isso que Manuel Pinto de Aguiar era uma figura chave para os estudos regionais. Sua força intelectual o colocava no centro de três instituições na Bahia: A Editora Progresso, o Instituto de Economia e Finanças da Bahia e a Faculdade de Economia, unindo-as para pesquisas direcionadas aos investimentos empresariais no estado. A força de sua atuação se solidificou quando dirigiu empresas e planejou mudanças na cidade de Salvador e no interior do estado, logo depois passando a escritor de títulos sobre o assunto.

Portanto, às atividades da carreira empresarial de Pinto de Aguiar se somavam a sua presença forte no ambiente editorial nacional, integrando um projeto de divulgação e seleção temática voltado para as questões da “modernização” e do “desenvolvimento” da Bahia. Entre a lista de cargos ocupados por Pinto de Aguiar na administração pública e privada, estava o de orientador das publicações da Universidade. Por ele passavam diversos pedidos de parecer sobre títulos a serem divulgados.

Juntos, Pinto de Aguiar e Thales de Azevedo, no nosso ponto de vista, representam a reunião desses projetos no empreendimento de publicar. Depois das mobilizações de estudos da década de 1950, o debate sobre modernização trouxe de volta as pesquisas iniciais, que retornaram à cena no final da década de 1960, fornecendo subsídio para os estudos estratégicos.

Segundo Anselmo O. Carvalho,

¹⁷¹ Ao escrever para Pinto de Aguiar, Paulo Brandão, estudando geografia e economia brasileiras com Preston James, em Yale, procurou noticiar os estudos feitos sobre o Brasil, de acordo com sua impressão¹⁷¹, já que Pinto de Aguiar era uma referência para essa discussão. Assim ele recebeu pessoas e organizou os encontros entre acadêmicos do país durante os anos 1960, tarefa que depois ficou a cargo de Frederico Edeweiss, na Biblioteca. Entre suas colaborações, Aguiar fazia acordos para hospedagem e estadia de pesquisadores norte-americanos, que depois ofereciam ajuda com o trânsito de outros acadêmicos brasileiros nos Estados Unidos. Em uma destas ocasiões, Gilberto Freyre pediu, em carta endereçada diretamente a Pinto de Aguiar, que recebesse o seu amigo Hebert Frankel, da Universidade de Oxford, em 1958, como era de costume Fundo Manoel Pinto de Aguiar. Carta de Gilberto Freyre a Manuel Pinto de Aguiar. 12 de julho de 1958. Recife. Caixa 08.

¹⁷² O Sindicato Nacional dos Editores de Livros havia escrito um documento ao presidente da UBE, tratando da importância das traduções e da importação de livros para as políticas culturais no país o que tornava Pinto de Aguiar proeminente no assunto Carta Aberta aos Escritores do Brasil.

As indagações principais discorriam sobre as causas do não desenvolvimento industrial baiano e do diagnóstico desses ensaístas baianos ao tema do planejamento como perspectiva de solução dos problemas. Assim, ainda no governo Regis Pacheco (1951-1955) se ventilava essa possibilidade, que depois iria se concretizar com a criação da Comissão de Planejamento Econômico (CPE) visando alargar sua zona de ação a outras regionalidades baianas, para além do Recôncavo. A CPE foi uma comissão pioneira e multidisciplinar. (CARVALHO, 2019, p.45).

Aquela mobilização inicial do CPE perdurava nos anos seguintes. Mesmo sem essa representação tão explícita quanto a de Manuel Pinto de Aguiar sobre os interesses empresariais, é impressionante como Thales de Azevedo manteve-se firme e atravessou gerações, atuando na divulgação da cultura, como um pivô, com quem se associavam autores e projetos de memória, de consolidação do ensino superior e de articulações em favor de solidariedades para organização de pesquisa. Assim, no final da década de 1960, ocorreram novas conexões desta rede de intelectuais, ao reorientar memórias e novas políticas culturais para a Bahia, já em contexto tratado como sendo de “modernização” e no auge da ditadura militar: a Coleção de Estudos Baianos.

A publicação dos livros da Coleção e as ações sobre editoração do final dos anos 1960 estavam conectadas com os objetivos das redes que foram preparadas no início dos anos 1950 e se vinculavam com Thales de Azevedo e Anísio Teixeira. Os acordos prosseguiram com a continuidade das pesquisas sobre o interior do estado, a cultura, o “folclore”, os costumes e temas de história política. Para promover seus próprios textos, Azevedo obteve ajuda de custos, quando Anísio Teixeira foi responsável pelo CNPQ. Após o fim da sua coordenação na secretaria baiana em 1951, os contatos que Anísio Teixeira estabeleceu em Nova York e com universidades norte-americanas e francesas, ao longo de sua trajetória acadêmica se mantiveram-se atuantes através de parceiros como Thales de Azevedo. Dessa forma, Azevedo se sustentou como quadro aglutinador para as iniciativas no campo da cultura que ligavam a Universidade aos projetos das secretarias de governo e traziam convidados internacionais. No próximo tópico, recuperaremos especificamente o PPSEBa, como foco dessas mobilizações iniciais.

4.2 O PROGRAMA DE ESTUDOS SOCIAIS ESTADO DA BAHIA - *COLUMBIA UNIVERSITY* E O AMERICANISMO

Desenvolvido em 1950, o Programa de Pesquisas Sociais do Estado da Bahia – Projeto Columbia University foi um projeto que agregou estudantes norte-americanos de Antropologia e Sociologia e Rollie E. Poppino (em destaque por ser o único historiador do grupo). O conjunto de temas foi levantado por Luiz A. Costa Pinto, Thales de Azevedo e Charles Wagley, em regiões selecionadas para trabalho de campo no estado da Bahia. Segundo Carvalho (2007), citando parcialmente Wagley (1955, p. 07-08),

[...] É importante salientar que o Programa tinha, além de uma clara preocupação com a formulação de políticas públicas nas áreas da educação e saúde, a intenção de transformar essa experiência pioneira em um espaço de aperfeiçoamento científico e acadêmico, na medida em que ensinaria aos participantes “oportunidade para adquirirem experiência de campo no Brasil e para coligirem material para as suas dissertações de doutoramento”. (op. cit, p.374).

Engajados em um projeto frutificado no governo de Otávio Mangabeira e Carlos Valadares (1947-1951), os intelectuais do PPSEBa também se vincularam indiretamente à propaganda política da UDN, partido no qual Mangabeira atuou como fundador e se projetou nacionalmente no contexto do pós-guerra como liderança na direita brasileira. Esse panorama de entrelaçamento entre a UDN e os programas culturais da Secretaria de Educação e Saúde influenciou decisões de investimento, a partir da ideologia americanista, do ideário do federalismo e de elementos que compuseram o pensamento social brasileiro para a direita que sustentava um discurso liberal.

O PPSEBa, além de ser um suporte para a vinda de pesquisadores em doutoramento para o Brasil, foi precursor nos estudos e publicações sobre a sociedade baiana a partir de demarcações teórico-metodológicas dos “estudos de comunidades” e das reflexões sobre o “*ethos*” do povo “bahiano”. A partir dessas temáticas, foram elaboradas ponderações sobre os problemas de discriminação racial no pós-guerra, sobre o enfretamento de certo descompasso que teria tido a Bahia diante da economia nacional e as áreas do interior com relação a capital, o que levou os estudos a definir metas para a ação prática no interior do estado.

Este projeto tinha por objetivo apresentar subsídios de natureza sociológica e antropológica colhidos em alguns municípios do interior da Bahia, com o intuito de modernizar essas áreas no âmbito da saúde, da educação e da administração pública. Diversos estudos de comunidade foram realizados por cientistas sociais americanos e brasileiros sob a coordenação do antropólogo Charles Wagley e seus alunos de doutorado em Colúmbia (Harry William Hutchinson, Marvin Harris, Benjamin Zimmerman), e do médico-antropólogo Thales de Azevedo. (MAIO, 2007, p. p.15).

O financiamento do projeto era conjunto, e cabia a FDC-Ba custear os gastos locais, em parceria com as instituições norte-americanas¹⁷³. Dessas, a SSRC, o Viking Fund (Werner Green Foundation) e a Green Foundation, como fundações privadas e mistas, colaboraram com o apoio¹⁷⁴. Enquanto essas agências liberaram o suporte para a vinda dos pesquisadores, o governo da Bahia fixou uma quantia de contribuição para estadia dos estudantes no país, com a intervenção de Charles Wagley¹⁷⁵. Os custos iam se ampliando, à medida que se acresciam as necessidades de gastos e de recursos por parte dos pesquisadores que estavam em campo¹⁷⁶. O deslocamento de verbas e de esforços para essas atividades indicam o forte interesse do governo da Bahia no projeto. Para Santos (2009),

(...) pode-se inferir que o governo de Otavio Mangabeira (1947-1951) possibilitou a gênese do processo de modernização na Bahia, criando condições políticas, econômicas e ideológicas para esse processo. A criação

¹⁷³ “O financiamento do Programa de Pesquisas Sociais Estado da Bahia - Columbia University foi feito conjuntamente pelo governo do Estado da Bahia e pela Columbia University, de acordo com o estabelecido no convenio de 15 de junho de 1949: a Fundação para o Desenvolvimento da Ciência na Bahia ficou responsável pelo custeio das despesas a partir de 23 de janeiro de 1951, data em que o governo do Estado lhe transferiu os seus encargos”. ATC 1953.04.11 -1. Relatório de Thales de Azevedo a respeito do programa de pesquisas sociais incluso no convênio entre o Estado da Bahia e a “Columbia University”. Bahia. Centro de Documentação da Fundação Getúlio Vargas, Arquivo Anísio Teixeira. (ATC 1953. 04.22-1).

¹⁷⁴ “A contribuição da Columbia University foi fixada em quatro mil dólares, mas subiu a dez mil e quinhentos dólares, graças a bolsas e auxílio monetário recebido de várias organizações norte-americanas tais como o Social Science Research Council, o Viking Fund (Werner Green Foundation), a Dougherty Fund. Essas quantias ficaram sob responsabilidade do diretor geral do Programa, Professor C. Wagley, sendo aplicadas ainda em conformidade com o convênio, em despesas nos E. Unidos para equipamentos dos pesquisadores norte-americanos e custeio de viagens entre aquele país e o Brasil” ATC 1953.04.11 -1. Relatório de Thales de Azevedo a respeito do programa de pesquisas sociais incluso no convênio entre o Estado da Bahia e a “Columbia University”. Bahia. Centro de Documentação da Fundação Getúlio Vargas, Arquivo Anísio Teixeira. (ATC 1953. 04.22-1).

¹⁷⁵ “Obrigou-se o Estado da Bahia a contribuir, inicialmente com a quantia de Cr. 250.000,00, que a 20 de junho de 1949, foi depositada em conta especial Cc sem limite N 625, no Banco da Bahia (matriz), sob o título “Secretaria de Educação e Saúde – Convênio Colúmbia University”, a disposição dos responsáveis pela execução do Programa, sejam o signatário como encarregado do cumprimento do convênio com o Professor Charles Wagley pela *Colúmbia University*. Por força de um termo aditivo, aprovado pelo senhor governador do Estado em 27 de setembro de 1950, o estado fez uma contribuição adicional de Cr. 166.665,00 quantia que foi depositada no dia imediato na mesma conta. O senhor secretário de Educação e Saúde fez depósito na mesma conta as seguintes quantias: 61.816,80, em 28 de novembro de 1950, 100.000,00 em 16 de janeiro, e 36.000,00 em 27 do mesmo mês. 46.500,00 em 12 de maio de 1951.” ATC 1953.04.11 -1. Relatório de Thales de Azevedo a respeito do programa de pesquisas sociais incluso no convênio entre o Estado da Bahia e a “Columbia University”. Bahia. Centro de Documentação da Fundação Getúlio Vargas, Arquivo Anísio Teixeira. (ATC 1953. 04.22-1).

¹⁷⁶ “Responsável pela continuação e custeio dos trabalhos de pesquisa, a Fundação, em reunião de 22 de agosto de 1951, deliberou contribuir com Cr. 333.200,00 do seu orçamento para diversas despesas, dentre as quais salientam-se as traduções das monografias resultantes dos estudos de comunidades, e reforço da verba empenhada pela Secretaria de Educação e Saúde, para impressão das mesmas monografias e a constituição de uma bolsa de estudos para aperfeiçoamento de uma das auxiliares de pesquisa no Departamento de Antropologia da *Columbia University*, em Nova York. Em reunião de 10 de janeiro de 1952, foi votada uma verba suplementar de Cr. 80.000,00 para ampliação de trabalho de campo na zona cacauera.” ATC 1953.04.11 -1. Relatório de Thales de Azevedo a respeito do programa de pesquisas sociais incluso no convênio entre o Estado da Bahia e a “Columbia University”. Bahia. Centro de Documentação da Fundação Getúlio Vargas, Arquivo Anísio Teixeira (ATC 1953. 04.22-1)

da Fundação para o Desenvolvimento das Ciências na Bahia, em 1950, é um exemplo dessa ação, pois esse órgão deveria fomentar a pesquisa e a inovação tecnológica, elementos essenciais para o início de uma modernização, substanciada pelos traços políticos autoritários e pelo personalismo e sem a participação popular e dos grupos adversários (...) (SANTOS, 2009, p. 972).

As verbas foram destinadas a: 1) instalação de equipamentos, pois algumas pesquisas requereram gravações de entrevistas em locais onde não havia fornecimento de energia elétrica; 2) acionamento de “motor de explosão” (motor de geração de energia); 3) viagens (combustível, consertos de caminhonetes, passagens em avião, trem ou ônibus); e 4) gastos pessoais como diárias, gratificações, despesas no trabalho de campo, despesas pessoais com bagagens. Poppino, de acordo com o relatório, apresentou gastos correspondentes a 15.000,00 cruzeiros¹⁷⁷. No texto de João Diógenes dos Santos, em que informou em primeira mão os dados coletados para o projeto de estudos sobre o PPSEBa, o autor indicou como o dinheiro foi gasto e as possibilidades de pesquisa que o relatório de Thales de Azevedo apontava¹⁷⁸. Encontramos no texto do autor uma hipótese clara de que o projeto representava uma intenção política e pragmática, construída na educação, pela secretaria, como pelo financiamento de um órgão especificamente montado para dar suporte ao programa, a FDC-Ba¹⁷⁹.

Também foram direcionados os gastos para produção dos inquéritos sobre padrões de vida, já que os pesquisadores precisaram contar com equipes para o levantamento de dados, para o serviço fotográfico de Pierre Verger (no total de 4.500 cruzeiros), materiais e impressos em geral, compra de livros e gratificações a funcionários. O estado da Bahia investiu, até aquele período, um milhão, oitenta e três mil, oitocentos e sete cruzeiros e quarenta centavos, além de custos com as remessas de dólares e câmbio¹⁸⁰.

¹⁷⁷. Relatório de Thales de Azevedo a respeito do programa de pesquisas sociais incluso no convênio entre o Estado da Bahia e a “Columbia University”. Bahia. Centro de Documentação da Fundação Getúlio Vargas. Arquivo Anísio Teixeira - ATC 1953.04.22-1; ATC 1953.04.11 -1

¹⁷⁸ SANTOS, João Diógenes Ferreira dos. Relatos preliminares da pesquisa sobre o projeto Columbia University. UESB, VIII Colóquio do Museu Pedagógico, Vitória da Conquista, Setembro de 2009.

¹⁷⁹ Em outro texto mais recente, Santos defende a ação do PPSEBa dentro de um programa de modernização capitalista. Para ele o conceito de “modernização conservadora” caberia perfeitamente na discussão, uma vez que as classes dominantes no estado visaram a manutenção de seus poderes com o uso de projetos como o Columbia. Ver SANTOS, João Diógenes Ferreira dos. Ecos da cultura política brasileira: o programa de ciências sociais no estado da Bahia – Columbia University – como vetor da modernização conservadora baiana. Revista HISTEDBR, n.56, Campinas: 2014.

¹⁸⁰ ATC 1953.04.11 -1. Relatório de Thales de Azevedo a respeito do programa de pesquisas sociais incluso no convênio entre o Estado da Bahia e a “Columbia University”. Bahia. Centro de Documentação da Fundação Getúlio Vargas. Arquivo Anísio Teixeira (ATC 1953.04.22-1).

Thales de Azevedo, como coordenador, ficou responsável pela recepção e organização de equipe para os trabalhos na zona rural, nas comunidades que foram selecionadas. Azevedo agiu de perto, mantendo o contato direto com os estagiários e com a administração das pesquisas. A partir de suas experiências, construídas com seu envolvimento nos estudos para celebração do centenário da cidade de Salvador, e pelos serviços já prestados em levantamentos anteriores, conseguiu orientar e facilitar o contato dos pesquisadores com as lideranças políticas na Bahia.

A relação de Charles Wagley com Alfred Metraux já vinha então se firmando, pela apresentação de projetos para pesquisa das relações raciais na Bahia, de acordo com as metas indicativas da UNESCO¹⁸¹. Atuavam com ele Darcy Ribeiro, Amélia Ginsberg, Alfred Metraux, Ruy Coelho.

Arthur Ramos havia apresentado o projeto, em 1950, na Faculdade Nacional de Filosofia, Departamento de Ciências Sociais, da Universidade do Brasil, sendo aprovado pela UNESCO na conferência de Florença¹⁸². Em 1950, aqueles planos iniciais do PPSEBa se ampliaram na incorporação de parte do programa da UNESCO, que se realizaria então, nos anos seguintes na Bahia, com a colaboração da FDC-Ba. Apresentado por Costa Pinto em Nova York e aos colegas brasileiros por Arthur Ramos, o projeto se ampliou, agregando novos pesquisadores e ideias.

Boa parte do papel proeminente da Columbia University nos estudos sobre a América Latina ficou mais demarcado após 1959. Nessa fase, a instituição intensificou propostas de pesquisa já existentes, em nome de uma maior aproximação e detalhamento da vida social na América Latina e no Caribe. Entre outras agências, a Fundação Ford se destacou como grande patrocinadora. As ações de pesquisadores em intercâmbios, coordenadas por Charles Wagley e seu orientando Marvin Harris, abriram muitos caminhos, com correspondências e telefonemas diversos, viagens e reuniões, que criaram laços de pesquisadores brasileiros com acadêmicos

¹⁸¹ Em correspondência entre Ruy G. A. Coelho (Departamento de Ciências Sociais) para Charles Wagley, o correspondente apresentou um olhar otimista para os planos de Wagley para a inserção da Bahia no cenário da pesquisa social. Coelho mencionou “a impressão que temos é que devemos nos aproveitar de uma oportunidade rara, já existe um mecanismo de pesquisas inteiramente montado e funcionando e basta imprimir-lhe a direção que desejamos (para não falar em fornecer combustível)”. O documento foi enviado à Secretaria de Educação e Saúde, onde Wagley atuou no gabinete, diretamente com o secretário. Telegrama de Ruy G. A. Coelho para Charles Wagley. 25 de julho de 1950. Arquivo da Unesco, Museu Digital do Centro de Pesquisas Afro-orientais (CEAO). Disponível em <https://museuafrodigital.ufba.br/box-145-parte-ii>. Acesso em: 05 set. 2017.

¹⁸² Telegrama para o Professor Alfred Metraux, remetente Luiz de Aguiar Costa Pinto, 31.07.1950. Acervo UNESCO. CEAO.

em Nova York e em outros centros de estudos, antes que a Ford alimentasse as iniciativas¹⁸³. Mas aqui, com o PPSEBa, podemos dizer que a Columbia já se firmava como parceira mesmo antes da Fundação Ford.

Enquanto a América Latina era estudada em espaços como a Universidade de Stanford por cientistas sociais e alguns poucos historiadores, na Columbia era possível encontrar formações mais específicas, pelo fato de que a instituição já havia demarcado amadurecimento acadêmico fora dos Estados Unidos, desde os anos 1950. Esse marco anterior deve-se à atuação de intelectuais como Wagley e os pesquisadores que o acompanharam. Mesmo levando em consideração o papel proeminente dos interesses do Departamento de Estado nos estudos que expandiam a ação norte-americana no continente, a solidariedade acadêmica também garantiu relações e prosseguiu nas décadas seguintes. Enquanto hoje os e-mails aceleram os contatos transnacionais entre pesquisadores, o *staff* de alguns, o acesso a passagens e proximidades políticas facilitavam conversas e reuniões, cobrindo o trânsito das pesquisas.

Com o fim de facilitar esse diálogo científico, Anísio Teixeira enviou ao executivo estadual pedidos de hospedagem para pesquisadores na Bahia e auxiliou Wagley por diversas vezes¹⁸⁴. Ao receber a dedicação do livro *Cultura e Relação Social*, em 1966, ressaltou seus agradecimentos à colaboração de Wagley na escolha que o antropólogo norte-americano fez pela Bahia como seu lugar de trabalho e inserção de pesquisa,

[...] por haver ele escolhido a Bahia e, na Bahia, a secretaria de educação para a realização de seu projeto de pesquisa, que ficou como uma das coisas mais importantes do governo Otávio Mangabeira, em tempo de um “redespertar” democrático do Brasil, nos idos de 47-50¹⁸⁵.

Luiz A. Costa Pinto tinha a função de fazer o contato entre a Secretaria de Educação e Saúde da Bahia e a Universidade do Brasil, juntamente com Anísio Teixeira¹⁸⁶. Enquanto isso, Thales de Azevedo e Charles Wagley dialogavam com os estudantes norte-americanos. Assim,

¹⁸³ Vide Museu Digital do Centro de Pesquisas Afro-orientais (CEAO).

¹⁸⁴ CPDOC. Acervo Anísio Teixeira. Classificação: AT c 1932.02.14. Data: 14/02/1932 a 29/07/1970. Qtd.de documentos: 16 (28 fls). Correspondência entre Tales de Azevedo e Anísio Teixeira. Ressaltam-se: comentários acerca da participação de Anísio Teixeira na Instrução Municipal do Distrito Federal; participação de Anísio Teixeira na Fundação para o Desenvolvimento da Ciência na Bahia e o afastamento de Anísio T. do Brasil em 1964.

¹⁸⁵ Ibidem.

¹⁸⁶ Podemos encontrar uma parte de sua biografia, associada ao itinerário do empreendimento do Programa de Pesquisas Sociais do Estado da Bahia – Columbia University em Marcos Chor Maio, MAIO, Marcos Chor. Modernidade e racismo. Costa Pinto e o projeto Unesco de relações raciais. In: PEREIRA, Cláudio e SANSONE, Lívio. **Projeto Unesco no Brasil: textos críticos**. Salvador: EDUFBA, 2007. Segundo Maio, “Costa Pinto prestou assessoria ao projeto não só na formulação teórica do mesmo, como também nos encontros com os pesquisadores que traziam relatórios de seus respectivos trabalhos de campo”. (MAIO, 2007, p. 16).

os visitantes recebiam suporte e ofereciam contrapartidas ao ambiente ideológico e político que os acolhia. Nos estudos de Costa Pinto ficaram demarcados seus interesses de expansão de uma sociologia pública engajada (de acordo com o conceito de BURAWOY, 2006) e de atuação política. Os textos de Pinto em colunas de jornais estaduais e nacionais mostravam o peso de suas opiniões para fora do ambiente acadêmico¹⁸⁷.

Os estudos sobre o PPSEBa revelaram que os acadêmicos baianos ligados ao programa estavam interessados em alardear o papel social das pesquisas sobre a Bahia para o mundo e tal projeto se aliava com outros objetivos, como os de fundações como a Rockefeller, a Fulbright e agências norte-americanas e europeias, voltados para o intuito de motivar a realização de projetos que enviassem pesquisadores para os países “em desenvolvimento”¹⁸⁸.

Considera-se também que o PPSEBa foi um ponto de partida para os programas do Projeto UNESCO para o Brasil na Bahia, pois estavam fortemente ligados um ao outro. Já engajados com os temas das relações raciais e de experiências de comunidades negras na Bahia, os antropólogos que estavam no PPSEBa passaram a atender ao projeto da UNESCO (SANSONE, 2007). Para Antônio Sérgio Guimarães, a Revista *Anhembi* e o PPSEBa “foram igualmente responsáveis pelo financiamento e, na verdade, já haviam dado início aos estudos antes que a UNESCO decidisse realizá-los”. (GUIMARÃES, 2007, p.25). Roberto Mota apontou para duas hipóteses, com base nas sínteses já organizadas por Marcos Chor Maio.

¹⁸⁷ Luiz A. Costa Pinto escreveu que “Qualquer estudo sociológico tem como noção-chave a noção de estrutura social, realidade objetiva, feita de partes interdependentes, em permanente mudança que é o seu processo de funcionamento, o seu modo de ser e de existir. Conhecer essa estrutura e o sentido de sua transformação vem a ser, em qualquer pesquisa sociológica e, especialmente nesta, um objetivo básico, pois sobre resultados dessa análise e sobre indicações referentes às perspectivas de reconstrução social que delas resultarem é que se vai fundar o planejamento administrativo que se tem em mira”. (PINTO, Luiz A. Costa. Pesquisas sobre a Bahia, **Jornal A Tarde**. 17 de outubro de 1950.

¹⁸⁸ Ao tratar dos interesses econômicos do capital vinculado aos gastos com o programa do PPSEB-CU, segundo J. Rubens Mascarenhas de Almeida, “No tocante ao Projeto Columbia, esse foi um dos elementos definidores das comunidades-foco dos estudos. A escolha das comunidades a serem pesquisadas refletia uma estratégia pródiga para o capital: região cacauzeira baiana (Uruçuca), Chapada Diamantina, região cuja história econômica se fundou na mineração (Rio de Contas); uma comunidade do sertão árido (Monte Santo), com experiência de agricultura de subsistência; e o Recôncavo, zona histórica de produção canavieiro-açucareira. A pesquisa – sob o método de Estudos de Comunidade – pode ter tido caráter etnológico, mas serviu também a interesses econômicos nativos e estrangeiros” (ALMEIDA, J. R. M. O Projeto Columbia University e o Nacional-desenvolvimentismo brasileiro. 2013, p.22. In: CASIMIRO, MAGALHÃES, LOMBARDI, 2013. Almeida vê grande relação entre os interesses do Columbia (projeto) e a expansão imperialista norte-americana. Para ele, boa parte do capital empregado vinha dos investimentos dos Estados Unidos na educação após a mudança de sua concepção sobre expansão do American Way of Life e os acordos do pós-guerra, nos quais a educação e a tecnologia se tornaram mote para o conhecimento sobre possibilidades de aplicação de recursos privados fora do país. Sobre o tema do desenvolvimento, José Claudinei Lombardi *et. al.* Escreveram que “o novo período era marcado pela ideologia do desenvolvimento, ideologicamente implementadora do domínio norte-americano mundo afora, em todos os níveis da economia, política, segurança e educação” (LOMBARDI, José Claudinei; SOUZA, Daniela Rocha; DOMINSCHEK, Desiré Luciane; SANTOS, Wilson da Silva. Estado e Educação no período do Nacional-desenvolvimentismo. In: CASIMIRO., MAGALHÃES e LOMBARDI (2013). *Ibid.*, p.47).

O Projeto Unesco veio a essencialmente significar uma espécie de revolta filosófica. Ou, noutros termos, o que se quis foi resolver uma aparente contradição. A noção freyreana de democracia racial, de igualdade, fraternidade ou interpenetração racial – como quer que prefiramos denominá-la, ou como quer que o próprio Freyre a denominasse – surgia, à primeira vista, no mundo intelectual dos anos imediatamente seguintes à Segunda Guerra Mundial, como alguma coisa de particularmente simpático e útil tanto para a continuação do combate à ideologia do nacional-socialismo, como para a eliminação dos focos de segregação racial persistentes no Sul dos Estados Unidos e na África do Sul. (MAIO, 2007, p.51).

Porém o autor percebe que, por outro lado, uma corrente mais tradicional foi mantida.

[...] A exaltação da civilização luso-católica, por muitos outros intérpretes considerada como fundamentalmente oposta aos valores da modernidade, sobretudo se compreendida nos termos da civilização branca, anglo-saxônica, protestante, isto é, de acordo com o modelo weberiano e, em certas circunstâncias, marxista. (MAIO, 2007, p.51).

Inicialmente, esse não era o sentido da criação do PPSEBa, que foi remodelado a partir da agregação com a UNESCO, com o estudos das relações raciais na América Latina e África¹⁸⁹. Boa parte dessa articulação deveu-se aos contatos de Charles Wagley, que, já na primeira fase, os objetivos dos dois empreendimentos para os estudos nas comunidades rurais da seguinte forma:

Os estudos seriam feitos em uma comunidade ao nordeste do estado (vizinho a Monte Santo ou Jeremoabo), onde as influências africanas são mínimas, em comunidade rural no planalto oeste, onde a tradição luso-brasileira foi mantida (vizinho a Rio de Contas), uma comunidade produtora de açúcar no recôncavo (vizinha a São Francisco do Conde), tomando Casa Grande e Senzala como suporte. Em cada caso, a pesquisa nas relações inter-raciais nessas comunidades fariam parte de um estudo mais amplo das questões da sociedade e da cultura da comunidade (tradução nossa)¹⁹⁰.

¹⁸⁹ Marcos Maio defende que o Projeto Unesco possuía relações com um conjunto mais amplo de pesquisas, no Brasil, sobre as relações étnico-raciais, que estão além dos objetivos de visões sobre o Brasil enquanto paraíso de convivência racial no pós-Guerra. (MAIO, 2007). Embora esta não seja a única concepção do tema (veja-se o debate de Wanderson S. Chaves a respeito dos interesses das fundações privadas no debate das relações raciais na América Latina), consideramos importante verificar as contribuições dos brasileiros envolvidos com o tema na ampliação do escopo teórico-metodológico de estudo dos conflitos sociais.

¹⁹⁰ “(...) plan for research on inter-racial relations in Bahia” Dr. Charles Wagley. Arquivo da UNESCO CEAO, 15.11.1950. Do original: studies would be made in (1) a community in the North-eastern portion of the state (viz. a Monte Santo ou Jeremoabo), where African influences are at a minimum, (2) in a rural community in the high plateau of western Bahia where Luso-Brazilian tradition (viz. Rio de Contas), have been retained in force (3) in a sugar production community of the Bahia recôncavo (viz. a São Francisco do Conde), with a “Casa Grande e Senzala” background. In each case, the research in inter-racial relations in these communities would be part of a more extensive study of the society and the culture of the community questions.

Dessa forma, no ano de 1950, houve uma união do PPSEBa com as discussões das relações raciais. Os latino-americanistas envolvidos, por sua vez, já possuíam o apoio de organizações como a ACLS – American Council For Learned Societs, de tal modo que a articulação de seu trabalho no Brasil contou com suporte desta agência dentro e fora do país. A agência era composta de várias associações de estudos na área de humanidades e de ciências sociais, com um perfil peculiar para o direcionamento de estudos sobre outras nações¹⁹¹.

Alguns membros da equipe tinham uma crença mais forte na mobilização para melhoramento sanitário e educacional das áreas estudadas. Também na bibliografia disponível sobre o PPSEBa, foi discutida a forma de envolvimento diferenciado dos pesquisadores com o programa. Além de mostrar que haviam expectativas díspares, Josildeth Consorte, antropóloga que trabalhou na coleta de material empírico, fez críticas ao modo como as mulheres engajadas na equipe ficaram em segundo plano. Consorte contou que os professores foram “tratados como reis” (CONSORTE, 2007, p.82), mencionando as recepções a Harris, Huntchison e Zimmerman, após ser encarregada de recepcionar os viajantes, pelo então professor de Antropologia de sua faculdade, Thales de Azevedo. Como pesquisadora envolvida não só no exercício da coleta empírica, problematizou as relações internas entre os pesquisadores e as vezes em que teve de abdicar de suas projeções de carreira para continuar a atender ao chamado do trabalho nas comunidades. Mas ela mesma não toma o tema como foco da discussão, sendo as diferenças de gênero destacadas por Ricardo Sangiovanni, quando demonstrou que as mulheres tiveram um tratamento menor durante a realização dos estudos. Sangiovanni também mostrou o grande entrelaçamento pessoal entre esses autores. (SANGIOVANNI, 2018).

Aqui, essas relações indicam algumas pistas sobre como as pesquisas aconteceram, quem coletou os dados, e como essa escolha implicou nas conclusões que foram tiradas. Indo a campo, de 1949 a 1952, Josildeth Consorte afirmou que alguns colegas, como Marvin Harris, não mantiveram contato com mulheres e crianças, tarefa que coube a ela, que realizava visitas, recolhendo dados e informações. Isso porque, em algumas áreas onde a população apresentava um comportamento mais conservador, não seria comum receber um homem em sua sala para entrevistas. (CONSORTE, 2007).

Consorte, ao iniciar o curso de pós-graduação em Antropologia em Columbia, logo foi chamada por Anísio Teixeira de volta, a fim de continuar com os trabalhos do PPSEBa, o que

¹⁹¹ Ver Howard Munford Jones. Uma Biografia. Capítulo XXIV, The American Council For Learned Societs. 1979.

fez com que deixasse seus estudos de doutorado para trás. Consorte não concluiu então essa etapa dos estudos devido ao trabalho de secretariar o levantamento de campo. Segundo ela, os encontros entre os pesquisadores e dirigentes das pesquisas ocorreram algumas vezes no Hotel da Bahia, onde também relata a realização das celebrações aos visitantes.

De acordo com o ponto de vista da pesquisadora, entre os envolvidos e envolvidas, na Bahia, havia crença de que o projeto se voltaria prioritariamente para resoluções de problemas sociais das áreas rurais do estado. Esse ponto seria, para ela, um elemento de distinção entre os propósitos da Secretaria de Educação e Saúde e a dos antropólogos envolvidos com outros temas das ciências sociais, em âmbito nacional e internacional, como as relações raciais.

Sabidamente, Charles Wagley, como Costa Pinto, verificaram que o acesso aos estudos sobre diferenças raciais poderia apontar um novo percurso para o PPSEBa. Ao mesmo tempo, com essa opção, justificavam pedidos de financiamento, conectadas com a demanda internacional da Unesco.

Consorte parece não ter assessorado Rollie Edward Poppino, pois o historiador não foi mencionado em seus relatos de trabalho nos locais de estudos, mas sim como pesquisa em desenvolvimento “paralelo”.

Um estudo, de corte mais histórico, seria desenvolvido paralelamente por Rollie Poppino, pós-graduando do Departamento de História da Universidade de Stanford, em Feira de Santana, zona de transição entre o Recôncavo e o Sertão. (CONSORTE, 2007, p. 84).

Poppino esteve em Feira de Santana durante os meses de janeiro a setembro de 1951, contando com o apoio direto de agentes locais. Os primeiros antropólogos e sociólogos que atuaram no PPSEBa ganharam destaque também como colaboradores na formação da agenda em comum entre a UNESCO, a Universidade do Brasil, a FDC-BA, e os órgãos da Secretaria de Educação e Saúde no Estado, a U. de Columbia e outras instituições que se destacaram nas pesquisas sobre o tema no Brasil, como Yale, em palestras, encontros e reuniões. Já Poppino, foi mais bem recebido como convidado pontual, com um tema direcionado, voltando mais tarde a se relacionar com intelectuais como Frederico Edelwais, na biblioteca da UFBA.

No PPSEBa, as sugestões de Donald Pierson e outros antropólogos foram levadas em consideração para compreensão da raça e do racismo. Antonio Sérgio Guimarães considera Donald Pierson como pioneiro nos estudos sobre raça na Bahia, com a publicação de *Pretos e Brancos na Bahia*, com edição em português de 1945. Para Guimarães (2007), Pierson trouxe, desde 1935, preocupações com a mobilidade social do negro, crítico das teorias de Robert Park

e das ideias de que tal mobilidade era causada por impecílios de aculturação. Pierson colocaria, para Guimarães, a questão no cenário do “preconceito”. Considerando que suas influências também estavam aportadas numa “história social do negro”, vinda da história produzida por Gilberto Freyre (GUIMARÃES, 2007, 29). Essa seria, para Guimarães, a sociologia retomada por Thales de Azevedo para discutir a situação das relações raciais na Bahia. A perspectiva envolveu ainda um diálogo entre as teses de Donald Pierson, as visões de Melville Herscovitz e o debate de Charles Wagley em busca da reunião dessas reflexões¹⁹².

Fugiu-se, no entanto, ao escopo da explicação dos conflitos raciais a partir dos embates entre as classes sociais, como proporia Florestan Fernandes mais adiante¹⁹³. As oposições de Florestan não ocorreram necessariamente para disputar a via das explicações de corte de classe, mas a fim de refletir sobre as consequências que os estudos de comunidades tiveram na luta dos movimentos negros por melhores condições na sociedade, uma vez que salientaram o prestígio e a riqueza como elementos definidores de discriminação e ascensão social, em detrimento do debate racial como sendo elemento estrutural na sociedade brasileira. Por outro lado, Florestan Fernandes também alertou que as questões levantadas pelos movimentos negros no Brasil precisavam ser associadas às investigações das condições sociais e as relações de classe que foram inquiridas pela sociologia nos anos 1950. Sobre as questões referentes à mestiçagem, destacamos aqui, para o andamento de nosso texto, o quanto Florestan Fernandes, juntamente com Roger Bastide, se preocuparam com o modo pelo qual a ascensão de pessoas negras na classe média e de mestiços e “mulatos”, em termos mais antigos, colocou o problema do negro em marcos de ascensão social e se afastou de questões de conflito social mais profundos. De certo modo, o negro de classe média, para Florestan, seria o elo intelectual para resolução dos problemas raciais e para compreensão do lugar “do negro” na sociedade brasileira. Esse desdobramento teria sido oriundo, entre outros fatores, das teorias de mestiçagem.

¹⁹² O livro *Projeto Unesco no Brasil*, organizado por Lívio Sansone e Cláudio Pereira apresenta outras vertentes de percepção da entrada do debate no projeto UNESCO. Importante aqui é destacar o quanto a experiência de pesquisa na Bahia construía um diálogo empírico com as teorias em voga, como uma espécie de laboratório de investigação e, ao mesmo tempo, para onde se pensavam em estratégias de retorno para a compreensão dos problemas sociais da Bahia e do Brasil.

¹⁹³ Florestan criticou a permanência dos estudos de comunidades e de métodos da antropologia considerados já ultrapassados para a compreensão das populações no Brasil. Seria difícil apontar uma só obra onde não se desdobre a leitura crítica de Florestan a metodologias que aplicaram uma visão homogeneizadora dos problemas sociais brasileiros. Aqui citamos “O significado de protesto negro”, que reúne escritos e reflexões, principalmente publicadas em 1989. Na apresentação da edição da expressão popular, de 2017, a apresentação de Diego Costa indica o debate entre as lutas de classe e as questões raciais expressados por Florestan Fernandes em sua obra. Preocupado com o protagonismo negro, crítico da sociologia que não teria aberto os olhos para a reinvidicação progressista da Frente Negra Brasileira, teria visto “o dilema racial brasileiro” de um ponto de vista marxista. (COSTA, 2017, p. 15).

O tema foi revisitado por Wanderson Chaves. Segundo Chaves (2011), a agenda da questão racial e do multiculturalismo teve atuação fundamental da Fundação Ford nos anos 1960. Nesse sentido, iniciativas como as da UNESCO estavam integradas ao escopo de debates sobre a democracia racial, trazendo comparativos às disparidades raciais nos Estados Unidos, definindo o multiculturalismo como estratégia metodológica e abrindo mão da referência de classe para pensar o assunto. (CHAVES, 2011). Podemos ainda dizer que esse tema já preocupava sobremaneira os estudos na Bahia, no início dos anos 1950.

Lívia Magalhães (2013) destacou a função dos estudos sobre o negro no Brasil nas decisões de Anísio Teixeira, à frente da Secretaria de Educação e Saúde na Bahia, para ampliação dos investimentos em educação. (MAGALHÃES, 2013, p. 138-139). Nesse sentido, foi importante para a equipe do PPSEBa trazer um historiador para tratar do tema. Ao mesmo tempo em que seguia parte das diretrizes, veremos que Rollie Poppino precisou tratar, a seu modo e de acordo com o material do qual dispunha, das diferenças de raça e “classe” na área escolhida para seu estudo¹⁹⁴.

Nesse contexto, a projeção dos estudos raciais nos Estados Unidos foi decisiva. As academias norte-americanas almejavam se colocar em disputa frente à agenda científica em voga, posicionando a antropologia e as ciências sociais no interior de um debate crítico e militante que urgia no “terceiro mundo”. Com relação ao tema das desigualdades raciais, era preciso, para o “mundo livre”, oferecer uma alternativa ideológica para o nazi-fascismo e construir, após a Segunda Guerra, possibilidades de convivência com a questão racial dentro da democracia e das teorias do liberalismo. (CHAVES, 2012)¹⁹⁵. Essa postura, apesar de ganhar força apenas nos anos 1960, começava a se constituir bem antes, como já vimos nas afirmações de Chaves e nas pesquisas sobre a Unesco na Bahia.

Desde os anos 1940, com a criação da OCCIA e a entrada de pesquisadores norte-americanos ligados ao trabalho com a saúde pública no Brasil, este tipo de atuação intelectual ganhou prestígio. Veja-se a trajetória de Stanley Stein e Arthur Young. As diferenças de cor e

¹⁹⁴ Utilizamos aspas porque o autor considera como classes as origens sociais, em termos de renda.

¹⁹⁵ Ao considerar esta leitura, vale lembrar que estamos tratando de meios acadêmicos e de ideologias elaboradas por intelectuais predominantemente não negros, pois o modelo norte-americano e o racismo foram questionados sobretudo por conta das ações diretas dos próprios atingidos pela discriminação, que exigiram respostas. Muitas saídas dos próprios atos protagonizados por pessoas negras nos Estados Unidos foram consideradas possíveis, ou pelo menos, negociáveis, quando terminaram por se desenvolver no campo da cultura.

a convivência entre sujeitos desiguais eram matérias que geralmente interessavam ao pensador norte-americano que vinha ao Brasil. Para Tota,

Sem dúvida este era um ponto importante para o pensamento humanista do outsider americano: tentar apreender, na Ibero-América, fórmulas de expurgar os conflitos de gêneros e raças existentes na América de cultura anglo-saxônica. O Brasil como paradigma. (TOTA, 2000, p.166).

Somado a esse fator, há outro percurso a se fazer nessa rede associada ao campo acadêmico das ciências sociais no Brasil. Na Bahia, as tensões sobre “um projeto civilizador” e “modernizador” ocorreram no debate dos intelectuais e foram “correlacionadas por igual missão de efetivar o estado enquanto unidade de poder no interior do concerto nacional” (FARIAS, 2007 p.106). Enquanto vimos na hipótese de João Santos (2009) um direcionamento da questão para explicações sobre a modernização capitalista do estado, sob outro escopo teórico, Edson Farias vincula o programa a situações semelhantes em processos “civilizatórios”. As interpretações oriundas dos pesquisadores do PPSEBa teriam, para Farias, implicações para a formação de divergências sobre a condução das políticas econômicas e do enfrentamento de novas agendas de exportação e de produção para o Estado (FARIAS, 2007). Assim, consideramos que seja praticamente impossível que o trabalho realizado em Feira de Santana por Rollie Poppino tenha se afastado das premissas dos organizadores do PPSEBa e das diretrizes da UNESCO, influentes nas carreiras e na rede de contatos que o abrigou como historiador na Bahia.

Resultaram inicialmente do PPSEBa três estudos de antropologia e um de história. Na fase em que o PPSEBa estava agregado à UNESCO e à continuidade dos trabalhos de campo com novos pesquisadores, novos títulos foram programados. O trabalho de Rollie Edward Poppino sobre Feira de Santana foi construído como pioneiro no terreno da historiografia local e foi patrocinado pelo governo do estado. A maior parte do material utilizado por Poppino foi levantada junto às comunidades pela equipe do PPSEBa e utilizada em conjunto. Outra parte dela, como o acervo de periódicos locais, foi levada pelo pesquisador para sua coleção pessoal, disponível hoje na Biblioteca da Universidade de Davis (PIRES, 2010; CASIMIRO; MAGALHÃES; LOMBARDI, 2013). De acordo com o projeto,

Primeiro, estão sendo realizadas simultaneamente, de acordo com a orientação e um plano comuns, três estudos de comunidades, em três diferentes zonas ecológicas do estado, segundo o programa é uma combinação de esforços entre cientistas sociais brasileiros e norte-americanos, terceiro,

administradores e pesquisadores estão cooperando para dirigir a pesquisa, no sentido da solução dos problemas sociais¹⁹⁶.

É importante perceber que as pesquisas conseguiram entrelaçar objetivos acadêmicos e políticos e ampliar a rede da área de pesquisa sobre o Brasil nos Estados Unidos. Essa, por sua vez, também não se restringia ao ambiente universitário.

Ocorreram eventos no final de 1949, até 1951, como a celebração do quadricentenário de Salvador e o centenário do nascimento de Rui Barbosa (1849), que contribuíram para a mobilização de um grupo de intelectuais baianos que queriam projetar a Bahia nacionalmente, potencializando as comemorações em prol da garantia desta visibilidade¹⁹⁷. Além de envolver disputas de memórias dentro da capital e do cenário cultural baiano, o momento também colocou a Bahia em evidência no calendário nacional. Os atos que envolveram personagens políticos baianos, no início da República, foram rememorados no momento cujas comemorações no estado ganhavam visibilidade. Compreender a Bahia e entender suas formas políticas de luta no passado era um projeto acadêmico que ganhava cada vez mais projeção.

Somando-se a esse momento celebrativo, o contexto era de retomada da valorização do lusitanismo, que se agregava com as preocupações da história colonial, a história da emancipação política baiana e o papel da Bahia na política nacional do Império. Notamos que na narrativa de Poppino, a presença de uma literatura que trata dos dilemas de inserção política da Bahia na República são fundamentais.

A partir desse cenário e movidos por uma série de questões sobre o interior do estado, os coordenadores do PPSEBa indicaram que os problemas sociais deveriam ser compreendidos a partir de amostragens e organizaram um zoneamento para as áreas a serem estudadas no programa.

No PPSEBa, as áreas do território baiano delimitadas foram:

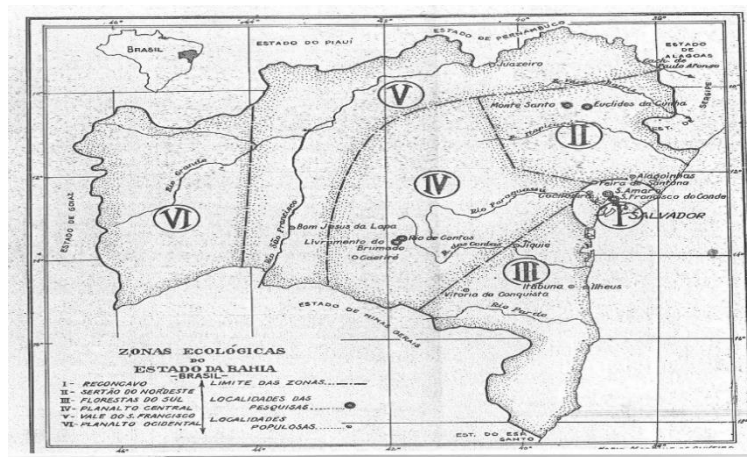
- a) O recôncavo: área do entorno da Baía de Todos os Santos, marcada social e economicamente pela escravidão e pela monocultura e a “sobrevivência” dos elementos da população negra e africana. Considerada mais próximas dos padrões de Salvador do que nos sertões. Daí já apreendemos uma série de desdobramentos para o obscurecimento das relações raciais no interior da Bahia;

¹⁹⁶ Uma pesquisa sobre a Vida Social no Estado da Bahia. Museu do Estado, Salvador, Ba, 1950.

¹⁹⁷ Revista da Bahia, edição 37, Editora EGBA, 2003; PASSOS, 2016.

- b) Sertão: área marcada pela criação de gado como atividade “tradicional”, onde a presença dos tipos humanos do vaqueiro e do índio como trabalhadores foram apontadas como principal característica, segundo os organizadores. Aqui já percebemos uma oposição pelo contraste, antes mesmo da realização das pesquisas de campo: “é principalmente de tipo físico indígena e caucasóide” (WAGLEY, PINTO, AZEVEDO, 1950). Como obra de destaque, a caracterização feita por Euclides da Cunha sobre “os Sertões” foi modelo tomado para avaliação do tipo sertanejo baiano);
- c) As florestas do Sul: aqui foi considerada uma presença forte da plantação de cacau e a utilização das florestas na economia. A região Sul da Bahia foi tida como região de prosperidade devido ao seu caráter exportador desenvolvido no contexto;
- d) O planalto central: demarcada pela produção de ouro e outros materiais minerais, como quartzo, durante a colônia, estaria vivenciando um período de transição para crescimento, misturando as atividades tradicionais com agricultura e pecuária;
- e) O vale do São Francisco: o vale foi apresentado como uma região com um modo de vida típico “ribeirinho”;
- f) O planalto ocidental: aparentemente a área mais distanciada do conjunto da economia do estado, pouco povoada e em fronteira¹⁹⁸.

Figura 03 - Uma pesquisa sobre a Vida Social no Estado da Bahia.



Fonte: WAGLEY; PINTO; AZEVEDO. **Uma pesquisa sobre a Vida Social no Estado da Bahia**. Museu do Estado, Salvador, Ba, 1950.

¹⁹⁸ WAGLEY; PINTO; AZEVEDO. **Uma pesquisa sobre a Vida Social no Estado da Bahia**. Museu do Estado, Salvador, Ba, 1950.

A zona onde o objeto de estudo designado para Rollie Poppino foi delimitada, Feira de Santana, permaneceu a ser entendida como típico exemplar do sertão, com os elementos culturais e uma atividade econômica “tradicional” da própria da área. Aliás, do conjunto dos textos resultantes, o texto de Rollie Poppino figurou como a única narrativa sobre o sertão da Bahia, adequado para tradução posterior. Mesmo assim, para Poppino, além de ser vista como sertão, a área do Município e seu entorno seria caracterizada pela sua condição fronteira e pelas marcas de estar situada ao norte e no agreste.

É interessante que, cada área selecionada dentro da “zona” demarcada pelos coordenadores, indicavam 1) o aspecto tradicional da economia que parecia decadente no conjunto da mesma e 2) contrastavam com o sentido geral da economia da zona, liderada por outra área tida como “próspera”. No primeiro momento dos trabalhos, a escolha pela comunidade progressista, ou adiantada com relação ao seu espelho tradicional e ao mesmo tempo fundador, ainda não tinha sido feita¹⁹⁹. Assim, Feira de Santana não seria o objeto de estudo que teria mais traços para entender modelos de sertão, mas aquela que já se desvinculava de suas “origens” para apontar caminhos de modernidade.

Obviamente estamos simplificando as diretrizes de Thales de Azevedo e seus colegas de trabalho, para o espaço desse capítulo, pois cada uma das zonas foram investigadas pelo coordenador em detalhes. A equipe entendeu a falta de homogeneidade do processo de zoneamento que estavam escolhendo para a pesquisa, preferindo optar por aquilo que considerava como fator de contraste. Apesar disso, podemos dizer que esse percurso cristalizou uma geografia mais ou menos estanque. A modernidade lhes preocupava sobremaneira e, para tanto, era preciso fazer contrastes e entender suas relações com a economia baiana, o que terminou por gerar leituras que frutificaram modelos²⁰⁰.

Poppino recorreu às referências sobre o sertão no pensamento social brasileiro, como veremos mais adiante, mas inseriu a proposta no conjunto do debate sobre a Bahia e o PPSEBa. Além das referências do programa, vale a pena considerar os conflitos na abordagem sobre o Brasil no período, dentro do pensamento social brasileiro, o que envolve, portanto, a crítica de

¹⁹⁹ WAGLEY, PINTO, AZEVEDO. **Uma pesquisa sobre a Vida Social no Estado da Bahia**. Museu do Estado, Salvador, Ba, 1950.

²⁰⁰ Foram escolhidas Rio de Contas e Livramento do Brumado, como comunidade tradicional e como zona comunidade progressista da zona do Planalto, a segunda por conta da produção de arroz, principalmente. A princípio, Monte Santo foi a cidade selecionada para estudo do sertão, por Benjamin Zimmerman. No recôncavo, São Francisco do Conde, entre outros. Ver CASIMIRO, MAGALHÃES, LOMBARDI, 2013. A maioria dos textos faz referência aos arquivos do Museu Pedagógico Padre Palmeira e das coleções do Projeto Colúmbia na Universidade do Estado da Bahia.

Thales de Azevedo e Charles Wagley para a abordagem das relações sociais e o lugar da Bahia nos estudos raciais.

Se no contexto de sua escrita, no doutorado, a versão de Poppino para a história de Feira de Santana já representava esse papel, nos anos 1960, recorreu-se a outras questões que o recolocaram na lista de títulos a serem publicados pela Coleção Baiana. Se a “revolta dos alfaiates” era conhecida na história brasileira, era preciso abastecer o conjunto das narrativas com informações sobre o papel das articulações locais, com novas fontes ou com revisitações, colocando a Bahia no contexto das Revoluções do século XVIII-XIX, seu lugar na conformação da América Ibérica meridional, segundo Thales de Azevedo (*In*: POPPINO, 1968). A Bahia do Império, o período Regencial e os confrontos federalistas, o Segundo Reinado e as lutas por emancipação dos municípios também eram uma forma de mostrar capacidades narrativas das histórias da Bahia e da República, uma República que não teria dado conta de absorver, ainda, as críticas e embates localistas. Ao mesmo tempo, vemos o quanto essas narrativas colocaram cada disputa política baiana em cenários internacionais, da história de lutas anticoloniais. Nesse sentido, o retorno aos emblemas da história vinculada à Portugal seria um ponto de partida. Como um resquício do lusitanismo que os unia nos anos do PPSEBa, os projetos de publicação que retornaram à cena, a exemplo do livro de Poppino, nos anos 1960, vieram com um sentido aplicado à leitura da realidade local e projeção do estado no âmbito cultural. O tema das revoluções, na Bahia, se destacou para os acadêmicos da Universidade Federal da Bahia e do Conselho. Aquelas lutas que encenavam o local na formação das grandes matrizes da política contemporânea foram objetos que se enlaçaram com estudos de caso já feitos, para as publicações que compuseram o conjunto da Coleção Baiana²⁰¹.

O contexto trouxe o livro de Poppino como um exemplar de estudo sobre a política baiana no século XIX, já que Feira de Santana e Cachoeira teriam uma participação significativa na Sabinada. No Folheto “Feira de Santana: Passado e Presente” (AZEVEDO, 1976), publicado diretamente pela Universidade Federal da Bahia, em 30 de novembro de 1976, Thales de Azevedo novamente lembrou os motivos do papel da escrita de Poppino. O Centro de Estudos Baianos, já devidamente instalado na Faculdade, na escola de Administração da UFBA, tinha Godofredo Filho como representante da Cadeira de História da Faculdade, um feirense. Assim, sua escrita influenciava para que se retomasse a história do sertão em reflexões sobre a Bahia.

²⁰¹ Compunham o grupo como conselheiros Nelson Sampaio, Thales de Azevedo, e José Calasans Brandão da Silva. Além dos Conselhos específicos, haveria o Conselho Pleno, representados por Carlos Eduardo Rocha, Diógenes Rebouças, Francisco Peixoto de Magalhães Neto, Hélio Simões, José Calasans Brandão da Silva e Thales de Azevedo. (AZEVEDO. Prefácio. *In*: MATTOSO, K. **Presença Francesa na Bahia**. Editora Itapuã, 1969.

O Centro de Estudos Baianos se firmava então como essa referência e as publicações giravam em torno de sentidos semelhantes ao do PPSEBa.

Com uma narrativa breve, em tom elogioso, Thales de Azevedo pareceu aclamar a história de Feira de Santana como agradecimento ao colega, ao se questionar

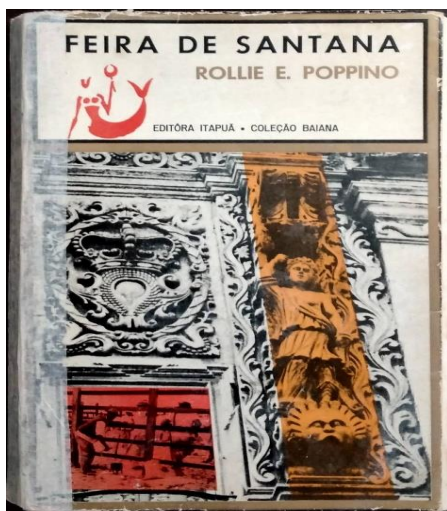
Acaso Feira de Santana, como outras urbes mais jovens e menos graves em seu aspecto e em seus fastos políticos, militares, religiosos não tem o direito àquele privilégio de crônicas ilustres, de louvores e memórias? (AZEVEDO, 1976, p.5)²⁰².

Nesse texto, ao tratar do pesquisador de “outras paragens”, rememorando o papel de sua escrita nos anos 1950, Azevedo relatou as inovações bibliográficas já encontradas sobre o Município, tanto após a atuação de Godofredo Filho, como com a escrita de Eurico Alves Boaventura, que já passava a ser reconhecida na Bahia, apesar de visto como “memorialístico e representativo”, pelo médico e cientista social.

A História do Império do Brasil foi vista nos sertões através da presença da figura pessoal do Imperador e do enraizamento de seu governo. O reconhecimento desta leitura oficial foi reforçado pela publicação de relatos de viagens, ressaltados por Thales de Azevedo, e influenciaram a percepção de que sua estadia na Bahia foi expandida por uma calorosa recepção nas localidades, como Feira de Santana e Cachoeira. A importância teria sido anotada por Lourenço Lacombe, que, durante a visita do Imperador, destacou não somente seu aspecto físico, mas o emblema de sua importância política, por causa da qualidade do gado e pelo entroncamento de vias para o comércio, vindos do São Francisco, Jacobina, Coité e Purificação (AZEVEDO, 1976). Aqui destacamos que os relatos foram também fonte para o texto de Poppino sobre Feira de Santana. O encurtamento deste comércio por aquela vila foi visto como estratégico. Desse panfleto podemos extrair mais uma vez a preocupação de Thales de Azevedo com os temas associados à História de Feira de Santana e os sertões.

²⁰² Devemos lembrar também que o Conselho Estadual de Cultura se engajou na publicação do livro de Eurico Alves Boaventura neste período. Também, este Conselho teve grande influência na produção do Plano de Desenvolvimento Local Integrado, de 1968, mesmo ano da publicação do livro Feira de Santana. (AZEVEDO, 1976, p.6). “Escreveram-se ainda outros trabalhos sobre a vida do município e da cidade de Feira, uns de índole historiográfica, outros de caráter memorialísticos e interpretativos como o de Eurico Alves Boaventura, cuja publicação é, há alguns anos empenho do Conselho Estadual de Cultura. E se empreenderam extensas pesquisas que se consubstanciam no Plano de Desenvolvimento Local Integrado, de 1968, e no Plano Diretor do Centro Industrial do Subaé, de 1971”. Consideraremos ainda algumas notas sobre o referido planejamento e as influências que sofreu das interpretações desta equipe acadêmica.

Figura 04 - Capa do livro Feira de Santana.



Fonte: Acervo pessoal da autora.

Comparando “Feira de Santana”, em sua publicação pela Itapuã, com outros textos que foram resultantes das mesmas políticas, pensamos também nas locuções com o tema da revolução brasileira, discussão feita por Charles Wagley. Livros como os de Charles Wagley foram publicados pela iniciativa do Museu do Estado e a Editora Progresso. *Revolução Brasileira: uma análise da mudança social desde 1930*, que foi traduzido por Archimedes Pereira Guimarães, cuja segunda edição circulou depois de esforços do PPSEBa e da FDC-Ba. A Progresso havia publicado, em 1958, o texto de Maria Isaura Pereira de Queiroz, sobre a dança de São Gonçalo e a Editora Itapuã, a Editora Progresso, a Universidade da Bahia e o tradutor Archimedes Pereira Guimarães formavam uma parceria para divulgar estudos ainda não traduzidos para o português e que estavam ligados com os empreendimentos do cenário cultural da Bahia dos anos 1960.

Juarez Bahia, autor do muito visitado livro *Setembro na Feira*, escreveu na coluna no jornal Tribuna, de São Paulo, o texto “Dois meninos no túnel, ou a propósito de um livro sobre a Feira”²⁰³. O autor recebeu de Roldão Mendes Rosa, poeta santista, o exemplar recém lançado pela Editora Itapuã sobre Feira de Santana. Bahia acolhe o texto com sentimento semelhante ao do amigo que lhe entregara o livro de Poppino: “afetivamente impedido”. Rosa era responsável pelas resenhas dos lançamentos e se declara impedido de fazê-lo, por ter sido tomado de sentimentos.

Quando dei com os olhos no título do livro entrei pelo túnel. Todos temos um túnel onde estamos intactos. O que eu fui está no túnel. Nele estou a

²⁰³ BAHIA, Juarez. Tribuna. Santos, 13 de maio de 1968, p.4, edição 47.

descoberto, veio-me lá atrás sem olhar para trás (No túnel não há relógio, o tempo não flui, é omissivo...) E lá encontrei um velho menino (...) O livro que lhe passo as mãos vem daquele velho menino do túnel. Aceite-o com o velho abraço que ele lhe daria quando era apenas menino como você²⁰⁴.

Impedido pelos sentimentos do túnel, ao se reencontrar com a antiga Feira, Rosa deixa a tarefa para Bahia, que também se contamina com a emoção de ver uma publicação sobre Feira de Santana ganhar projeção, “um inventário da Feira”, “ao estilo da história”, “ao estilo da sociologia”. E ali, o romancista preferiu enveredar pelas sensações que o túnel havia lhe causado.

Esse túnel tem muitas paradas. Dentro dele há a Queimadinha, terra de homens valentes, os Olhos D’água, O Sobradinho, São José das Itapororocas, o Jacuípe – pedaço seco de Rio de enchentes, o Campo do Gado, a reiva cheirando a essência da primavera, os vaqueiros com seus costumes de couro, a capoeira cantando solta na praça, muitas paradas, meu branco, nesse túnel-sertão da Feira de Santana. (Id., Ibid.).

Bahia, jornalista que depois de quase vinte anos viria a publicar o livro “Setembro na Feira” (1986), definiu o livro em 1968 como uma forma de acesso à história do sertão através de Feira de Santana, aquela que seria a mesma intenção dos editores da Coleção Baiana²⁰⁵. Apesar disso, o livro e a tese são incorporados nesse contexto baiano de duas formas, que aqui recuperaremos. A “comunidade” escolhida como arquétipo de sertão viria a ganhar projeção como modelo explicativo para outras situações colocadas como problema de pesquisa para a compreensão da sociedade brasileira.

O campo das ciências sociais na Bahia era internacionalizado e abrigava nomes de pesquisadores de outros países como forma de suprir a construção desse mesmo campo. O ambiente de produção desses intelectuais baianos e seus equipamentos de projeção científica foi, sem dúvida, o berço do trabalho sobre Feira de Santana. O tom americanista da abordagem feita por Rollie Poppino veio em via de mão dupla: colhida das expectativas dos colegas baianos e trazida como elaboração teórico-metodológica carregada de visões de mundo sobre o interior do Brasil. Assim, o tema da história do interior da Bahia e do Brasil e uma carreira de pesquisa norte-americana era abraçada por um programa educacional, social, político e ideológico como foi o PPSEBa.

²⁰⁴ Id., Ibid. (relato da fala de Rosa feita em bilhete, no texto de Juarez Bahia)

²⁰⁵ “O livro Feira de Santana, de Rollie Poppino, não deve ser privilégio de quem foi menino nas ruas da cidade. É um convite à intimidade com a história e a sociologia do sertão, há de se ler, nesse livro, principalmente, nas entrelinhas, a crônica da mágica transformação das regiões pastoris em ricas comunidades, fenômeno que está na raiz da própria estrutura da sociedade brasileira”. Id., Ibid..

4.3 O GOVERNO OTÁVIO MANGABEIRA E CARLOS VALADARES NA BAHIA COMO UM GOVERNO AMERICANISTA: UM CONVITE AO BRASILIANISMO.

O contexto de ampliação dos investimentos da Secretaria de Educação e Saúde, do governo de Otávio Mangabeira (1947-1951), influenciou sobremaneira o fortalecimento do PPSEBa e os encontros entre pesquisadores brasileiros e norte-americanos. As aproximações com os Estados Unidos feitas nesse contexto e a liberalização do mercado baiano com a ampliação do fluxo de mercadorias foram marcantes para a história política no período. Em uma conjuntura de aprofundamento das relações bilaterais, a Bahia criou inúmeras iniciativas de acordos de mercado e no campo acadêmicos e as pesquisas aqui estudadas eram parte desse processo.

Mangabeira e outros, como Anísio Teixeira, Pedro Calmon e Clemente Mariani, tiveram destaque na política nacional por via de suas ações como intelectuais que se pronunciavam sobre os projetos de educação e da cultura e, esse ponto interessa especialmente porque: a) Otávio Mangabeira possuía uma percepção das vias americanistas da democracia que consideramos particular e de influência para suas decisões como governador em suas relações com políticas educacionais e b) O governo trabalhava com uma Secretaria de Educação e Saúde que se ligou de forma chave aos parâmetros ideológicos de seu governo.

Nesse sentido, a gestão estadual, que ofereceu recursos e incentivos para o andamento do PPSEBa, dialogou bem com o americanismo. A literatura do tema já destacou o governo de Otávio Mangabeira, de 1947-1951, como um momento de demarcação dos investimentos da educação de maneira bilateral, embora não tenha sido utilizado o conceito operacional de americanismo. Ruy Medeiros (2013) apontou para uma relação entre os interesses do governo estadual, a presença de Anísio Teixeira na articulação com a Universidade em Nova York e o lugar desse governo na Guerra Fria²⁰⁶.

²⁰⁶Aspectos facilitadores da escolha da universidade estavam acordes com o interesse americano de conhecer o Brasil. Em nova realidade da Guerra Fria, o conhecimento da realidade do mundo possuía valor instrumental para a política externa dos Estados Unidos, mas há que se considerar ainda, interesses acadêmicos, relacionamentos entre professores, fontes de custeio etc.” (MEDEIROS, Ruy. Do contexto de implantação do Programa de Estudos Sociais. In: CASIMIRO, MAGALHÃES, LOMBARDI, 2013, p. 81). Ou seja, o autor ainda levantou a necessidade de estudos que viessem a compreender as relações acadêmicas e os motivos internos aos campos intelectuais envolvidos para a organização dos textos que resultaram do PPSEBa. Sua percepção quanto à relação do mesmo com a Guerra Fria é aquela que traz o “contexto” da imposição do imperialismo norte-americano.

Aqui destacaremos alguns aspectos do americanismo praticados por Mangabeira. Ressaltamos que a sua posição ideológica, à direita do liberalismo, como fundador da UDN, se uniu com os interesses acadêmicos em mover pesquisas sobre a economia do estado. Com isso, o governo mostrava sua preocupação em indicar diretrizes para a resolução do “enigma baiano” e firmar um debate de retomada e reafirmação da Bahia no cenário produtivo nacional. (MEDEIROS, 2009, p. 74)²⁰⁷. Logo depois de ser alavancado pela gestão Mangabeira, o PPSEBa continuou influenciando as escolhas das secretarias de governo, como na gestão de Simões Filho, que prosseguiu com alguns objetivos do projeto que já haviam sido encaminhados. Assim o PPSEBa segue com seus projetos, mas não tão intensamente como no governo que o aprovou.

Para pensar essa influência marcante do governo Mangabeira, vale a pena fazer uma incursão em um pensamento político brasileiro que esteve conectado com as escolhas ideológicas do líder baiano. Não é difícil encontrar, no seu arcabouço de ideias, referências aos Estados Unidos como modelo comparativo para a República, uma tônica comum a muitas lideranças no país.

Segundo C. Lynch, “a grande referência político-institucional dos republicanos brasileiros eram mesmo os Estados Unidos”. (LYNCH, 2012, p.99). Mas esta comparação, ora beirou o conservadorismo, ora influenciou posturas mais progressistas. Segundo ele, Rui Barbosa, ao declarar uma “guerra permanente à República oligárquica”, foi um dos que recorreram aos valores constitucionais enraizados na ideologia liberal-democrática dos Estados Unidos como arquétipo para embate interno.

De influência das ideias da política “anglo-americana”, portanto, que unia um *constitucionalismo antiquário* e o *republicanismo cívico* ao seu perfil, o liberal baiano foi engajado na busca constante por uma demonstração imperativa de uma democracia formal, como sendo necessária para o exercício dos poderes do Estado em construção. Aqui vale citar Rui Barbosa por um lado, como exemplo desta vertente liberal, como ao mesmo tempo, trazê-lo como um ícone político dos baianos da direita udenista.

Desconfortável junto ao quadro ideológico do Império e um dos principais arquitetos de uma Constituição da qual discordaria posteriormente, Rui Barbosa e sua obra tornaram-se um

²⁰⁷ O autor falou em “preocupação de parte da elite baiana” com o enigma baiano, ou seja, suas projeções de crescimento. (MEDEIROS, 2013). O mesmo autor também fala que fica claro no panfleto escrito pelos coordenadores do PPSEBa a discussão sobre a resposta para o governo do estado.

grande símbolo do projeto liberal dos udenistas baianos em seu núcleo dominante, nos anos pós-guerra.

Mangabeira, por exemplo, proclamava publicamente seguir o seu modelo. Assim como Rui Barbosa, Otávio Mangabeira e Juracy Magalhães jamais quiseram ser identificados como conservadores em seus projetos, buscando uma associação com o constitucionalismo e a democracia de modelo anglófilo, mesmo que esta instituição fosse um horizonte formal para seus discursos.

Esta conduta lhe agregava ganhos práticos da disputa eleitoral. Aruã Lima (2009) mostrou como o debate sobre a democracia foi o terreno ideológico que favoreceu a afirmação e alguns personagens na disputa política. Otávio Mangabeira foi um líder do Partido Republicano que sobreviveu no interior de uma “esquerda liberal” nos anos decisivos da montagem de uma Constituição para a república nascente e parecia dialogar bem com o debate sobre a democracia. Aruã Lima revelou como, mesmo antes do governo Getúlio Vargas, a cadeira de Ministro de Relações Exteriores, ocupada pelo jovem Otávio Mangabeira, em 1927-1931, foi chave para suas alianças posteriores. Quando Mangabeira atuou, seu cargo foi celebrado por oligarquias nordestinas, que vislumbraram nele um sucessor honroso do papel de Barbosa no debate sobre a República. Em carta escrita em 1926²⁰⁸, Alves Távora, do Colégio Militar de Fortaleza, saudou o novo Ministro do Exterior:

A qualidade de ser o nobre amigo discípulo de Ruy Barbosa é de uma grande vantagem para o país e cumpre notar – não é só no que concerne à sua política externa que essa influência é prestavia e salutar, é uma tradição gloriosa que é preciso avivar e manter com o maior desvelo ainda mais, como força de coesão interna. No meio das formas e forças evascentes, de todos os lados afrouxam os laços de nossas instituições nacionais, ele é o promontório altaneiro e solitário, supportando a força da jurocella, evitando as erosões fataes e erguendo o farol guieiro por entre os recifes, os cachopos e restingos perigosos²⁰⁹.

O governo de Otávio Mangabeira (1947-1951), em 1950, fez questão de transferir os restos mortais de Barbosa do Rio de Janeiro para novo mausoléu em Salvador. A transferência compôs as celebrações do quadricentenário da capital²¹⁰, com a deposição da urna no Fórum Rui Barbosa, já que o centenário de seu nascimento coincidia com o ano do quadricentenário

²⁰⁸ Centro de Memória da Bahia. Arquivo Otávio Mangabeira. OM n.3678. 1926.10.16.

²⁰⁹ Centro de Memória da Bahia. Arquivo Otávio Mangabeira. OM n.3678. 1926.10.16.

²¹⁰ “A urna com as cinzas de Ruy desfilará do cortejo cívico: o governo do estado dará uma recepção no dia 6 de novembro.”. A Tarde, Salvador, 1949.

da fundação da capital da Bahia e todo esse movimento se congregou numa montagem de memórias sobre Salvador e sua história.

Mangabeira também articulou, desde seu mandato no Parlamento, uma imagem de democrata, versando sobre o liberalismo democrático através de discursos americanistas. Algumas passagens da sua carreira política merecem ser apontadas neste sentido. Mangabeira foi responsável pela *Comissão de Orientação Política* na Fundação da União Democrática Nacional, em 1945, e proferiu pronunciamento sobre a orientação democrática da Legenda, que repercutiu em todo o país²¹¹. Em 1946, na Assembleia Nacional Constituinte, fez uma fala sobre os rumos ideológicos da democracia. O Jornal colocou a chamada como “Fora da democracia não há salvação”²¹².

Os fascistas, no tempo em que podiam falar grosso (riso), condenavam, sem reservas, tentando até ridicularizá-las, as instituições democráticas. Os comunistas, porém, partindo do princípio – que reputamos falso – de que o comunismo constitui o melhor dos regimes democráticos, se proclamam também democratas e defensores da democracia. Já nós outros entretanto – os democratas propriamente ditos – quando falamos em democracia, estamos longe de pensar na Rússia. *O que entendemos por democracia é o de que nos dão exemplo os Estados Unidos, a Inglaterra, a Suíça, a Bélgica, a Holanda, os Povos Escandinavos, aí onde se governam as maiorias, e reconhecido às minorias o direito de divergir, o de organizar-se a lutar pelos seus pontos de vista, ainda mesmo que em oposição aos governos e regimes que estejam dominando*²¹³.

Otávio Mangabeira era um democrata formalista. Suas propostas exerciam influência sobre a Constituinte e seu pensamento político era quase sempre respaldado por Prado Kelly. A chamada “fórmula Kelly”, entre os correligionários, ficou conhecida como uma junção do PSD e da UDN, que articulou o nome de Otávio Mangabeira como possível candidato para a sucessão presidencial no final dos anos 1940²¹⁴.

Carlos Prestes interferiu em uma das falas de Mangabeira, cuja intenção do parlamentar pareceu ser se posicionar como democrata. Em 15 de maio de 1946, consultado a respeito da

²¹¹ Jornal do Commercio, Rio de Janeiro, 18 de Abril de 1946, p. 3, Edição 167.

²¹² Jornal do Commercio, Rio de Janeiro, 26 de maio de 1945, p.2.

²¹³ Jornal do Commercio, Rio de Janeiro, 26 de maio de 1945, p.2

²¹⁴ Voltam-se as atenções políticas para a reunião de hoje do PSD. A Tarde, Salvador, n 12.819. 1949. De acordo com a biografia de José Prado Kelly, feita pelo CPDOC, Kelly iniciou-se na política quando da campanha da Aliança Liberal em 1929 e foi líder da bancada fluminense na Constituinte em 1933, passando para a oposição a Vargas em 1936, participando da construção da UDN após 1943, onde foi secretário e elaborador do estatuto em 1945. Apoiou Mangabeira contra Getúlio Vargas, em pedido pela sua deposição, sendo muito próximo a Clemente Mariani e Otávio Mangabeira nos acordos com o governo Dutra, sendo Mangabeira e Prado Kelly listados entre os que apoiaram a aliança com o PSD nas eleições presidenciais após 1949.

necessidade de intervenção brasileira em campos de concentração denunciados no Paraguai, Mangabeira fez uma alusão ao modo norte-americano de se portar frente garantia das liberdades internas das nações e requereu a Souza Leão que, ao invés de “solicitar” ao Paraguai que verificasse a situação, preferia que o Brasil “fizesse votos”. Ou seja, a ideia de Mangabeira, ao selecionar o melhor verbo a ser aplicado, era que deixasse que o Paraguai resolvesse a questão em seus próprios termos, parecendo assim, ser mais adepto do modo norte-americano de agir. Prestes o questiona: “Vossa Exa. Não é democrata, porque não condena os campos de concentração no Paraguay, nem as perseguições ali feitas a presos políticos” E prossegue: “Vossa Exa. Atacou Getúlio Vargas e o Estado Novo devido a perseguições a presos políticos no Brasil e, no entanto, no Paraguay existem campos de concentração cheios de presos políticos e V. Exa não protesta.” (...). Completando: “É muito fácil fazer democracia com o passado, mas eu quero ver é com o presente”²¹⁵. Mas Mangabeira continuou a argumentar e insistiu na polêmica, mantendo sua proposta sobre a autonomia paraguaia, sem denunciar seus problemas sociais e autoritários internos.

Esse modo de operar, através da seleção de posturas políticas que são consideradas como democráticas e que oscilam com ações conservadoras, de acordo com o alvo, é bem típico do americanismo brasileiro e da postura norte-americana para o continente.

No campo da política interna e da negociação dos direitos políticos, podemos ver que Otávio Mangabeira fazia uma nítida alusão ao arquétipo norte-americano de recepção das demandas dos “cidadãos” para negociar com as reivindicações populares. O governo Mangabeira visou estabelecer uma recepção do povo e seus queixumes sem que estas se confrontassem com a “legalidade” e com a “ordem” democrática”, ou precisasse buscar a mediação em suas representações coletivas, numa tentativa de silenciar a oposição e as esquerdas. Não deixar que os “subversivos” ganhassem a representação política das “massas” e indicar posturas de esvaziamento da política getulista foram marcas de seu governo. Sua fala era de um homem democrata que não deixou de simular, sobretudo, os interesses oligárquicos²¹⁶.

Em seu governo, entre 1947-1951, o governador pôde colocar em prática um conjunto de influências políticas anteriores, costuradas ao longo das oposições das direitas baianas com o

²¹⁵ Jornal do Comércio, Rio de Janeiro, 15 de maio de 1946, p.3. Acervo da Hemeroteca da Biblioteca Nacional.

²¹⁶ Ver o texto de NEGRO, 2012, que discutimos mais adiante.

governo federal, em 1937, e nos anos do segundo governo Vargas. Esses setores lutaram para fazer ecoar o atendimento de seus interesses através do PSD, da UDN e suas alianças.

Por este e por outros motivos, a Secretaria de Educação e Saúde, que dava conta também dos Serviços Públicos, nas gestões Isaías Alves e Anísio Teixeira, fez um grande esforço político de ampliação das instituições de educação na zona rural e no interior da Bahia, atendendo, inclusive, a pedidos de oferta de ensino regular vindos de várias localidades do estado²¹⁷, junto a ações em prol da Faculdade e sua expansão da pesquisa.

Essa meta está muito ligada ao modo como Otávio Mangabeira conduziu a representação da UDN no interior da Bahia. Mangabeira mirou aliados nos municípios. Sua postura aliancista é encontrada por estudiosos de sua carreira política em numerosos exemplos, como quando fez um discurso em Minas, após retorno do exílio, um grande símbolo da organização das forças udenistas mineiras e baianas contra Getúlio Vargas²¹⁸. Ao longo de sua carreira, essa tendência foi bastante explorada.

O Departamento de Educação da Secretaria mencionada organizou atividades para o aprofundamento da *cidadania* – entendida basicamente como o acesso à educação. É importante aqui que seja dito que a alteração dos números da alfabetização foi uma pauta negociada com trabalhadores e educadores (na maioria com as educadoras e lideranças municipais do interior da Bahia), em demandas reprimidas ao longo de anos de práticas escolares não formalizadas em fazendas, domicílios e que a assistência da Secretaria resultou, obviamente também, em prol da ampliação do eleitorado rural²¹⁹.

²¹⁷ Este material pode ser consultado no Fundo da Secretaria de Educação e Saúde do Arquivo Público do Estado da Bahia. Série: Ofícios recebidos pelo Secretário de Educação e Saúde. Caixa 3924, maço 06. Vale destacar, que neste período a Secretaria recebia inúmeros pedidos do interior, vindo de Inspetores Escolares, para resolução de problemas no campo, surtos (varíola e tifo), fornecimento de materiais, instrumentalização e suporte, o que era da rotina da secretaria, que se intensificou no período do secretariado de Isaías Alves e de Anísio Teixeira. As demandas de atendimento à saúde e educação, concomitante aos serviços públicos, fez com que ocorresse a Campanha contra a Tuberculose, que movimentou outras secretarias do governo do estado. Ao mesmo tempo, a secretaria criou iniciativas para garantir o levantamento de dados e estudos que subsidiassem as ações. Os dados, que eram solicitados aos órgãos diretos, como o Departamento de Saúde, tardavam a chegar. Em 1950, a Secretaria comprou dos Estados Unidos, através do *Institute of American Affairs* medicamentos para o combate à tuberculose. 19.05.1950. doc 2393, caixa 3924, Ofício da Secretaria de Administração ao Banco do Brasil. A Secretaria ofereceu bolsas de estudos a médicos e pesquisadores, solicitando também passagens aéreas da Bahia para o Rio de Janeiro, colocando a iniciativa baiana como pioneira e inspiradora para futuros acordos no governo federal, como a CAPES. É interessante observar como as pesquisas financiadas possuíam um sentido prático, ao se destinar aos problemas de saúde, como também para interesses de investimentos na exploração mineral no interior da Bahia, como a cassiterita.

²¹⁸ Ver OLIVEIRA, 1971, em especial os textos “A Campanha em Belo Horizonte” p.194 e “Retorno à Bahia, com a campanha de Eduardo Gomes”, p.196.

²¹⁹ Fundo da Secretaria de Educação e Saúde. Gabinete do Secretário, Estimativa da população baiana em 1946. Caixa 3923, maço 04.

Em 1949, a UDN e o PSD fizeram alguns encontros no Brasil e nos Estados Unidos no intento de articular a união de Mangabeira com o mineiro Bias Fortes para as eleições presidenciais²²⁰. Prado Kelly, Nereu Ramos e Arthur Bernardes reuniram-se na tarde de 7 de outubro²²¹, depois que Prado Kelly escreveu uma carta a Mangabeira, apontando estas mobilizações²²², quando esteve em reunião com Dutra no Rio de Janeiro. Kelly, ao indicar para o presidente o nome do baiano como sucessor no executivo federal, considerou que o mesmo reuniria as qualidades de “principal articulador do esquema interpartidário” e da “pacificação política do país”. Kelly ouviu do presidente uma resposta positiva na avaliação, porém ponderada sobre o fato de que Mangabeira aglomerava também oposições entre pessedistas e “getulistas”. Apesar de não ser vitorioso na empreitada, as propostas reforçam a importância de Mangabeira nas decisões e o papel da Bahia na articulação da representatividade do esquema eleitoral que recolocaria a coligação na presidência.

Este destaque era somado com ações nas políticas de cultura do estado em fazer propaganda da Bahia, de Salvador, de seu passado. Mangabeira assumiu, em 1949, que o quadricentenário da cidade de Salvador incitou o erguimento de monumentos e de reformulações de memória.

[...] Festejamos os quatro séculos que já agora passaram sobre os muros desta cidade, tanto mais velha quanto mais amada, e que ainda se ergue há quatro séculos; à imagem de uma baía – a Bahia de Todos os Santos – sob a invocação do Salvador, que nunca lhe faltou com o seu aparo e para quem, em ocasiões como esta, se impõe que nos volvamos, os baianos, alto e bom som, *Corum populis* na mais ardente das preces, porque ele continue a protegernos [...] ²²³.

Festejaram-se também os quatro séculos de erguimento das primeiras pedras do palácio para onde, naquele ano, retornaram os restos mortais de Rui Barbosa, segundo Mangabeira “trazendo-o para dormir seu último sono no berço em que nasceu lhe demos para túmulo o

²²⁰ Grande expectativa em torno do encontro de hoje no Ipitanga. A Tarde, Salvador, 1949.10.04, p.1, n12820.

²²¹ A batalha da sucessão atinge seu ponto culminante. A Tarde, Salvador, 1949.10.07, p. 1 n 12823.

²²² OM 3132. Correspondência de Prado Kelly a Otávio Mangabeira. Centro de Memória da Bahia, Acervo Otávio M 6 1949.08.16. Ver também o Prefácio de Prado Kelly à primeira biografia de Otávio Mangabeira, escrita por Yves Oliveira. “Entre quantas tendências dividiam a nossa época, optou Otávio Mangabeira pelo conservantismo democrático, ou fosse, por um ideário de valores morais irredutíveis, em que se identificava a tradição cristã e que serviriam de base às reformas sociais reclamadas pelos novos tempos” (KELLY, Prado. Prefácio. In: OLIVEIRA,, 1971.p.12).

²²³ MANGABEIRA, Discurso proferido no Congresso das Vocações Sacerdotais – Salvador, em 1949. Id., Ibid., p.32.

palácio que erguemos e consagramos ao Direito e a Justiça porque tanto lutou e sofreu – ele que foi incomparável apóstolo da democracia brasileira”²²⁴.

Otávio Mangabeira defendeu inclusive a legalidade do Partido Comunista frente ao contexto de retaliações na política nacional durante o governo do Estado Novo. Segundo Antônio Luigi Negro (2012), Mangabeira agiu assim “talvez até retoricamente” e seu governo enraizou uma memória (por este e outros motivos) com o emblema de “democrático”. Suas formas de trato político com trabalhadores, pela via da negociação direta em seu escritório, ficaram conhecidas como engenhos de intervenção em prol da representação dos interesses “das massas”, antecipando-se às possibilidades de luta, ou seja, antes que os trabalhadores o fizessem, ou ainda na tentativa de esvaziar as estratégias consideradas varguistas de representação dos interesses populares. Os objetivos de entrada da Bahia oligárquica na política federal foram disputados através de aproximação com o governo Dutra, que foi apresentado como “um porto seguro”, segundo Negro.

As referências a Mangabeira como personagem “americanista” e democrático, aclamado fora e dentro do país, podem ser encontradas na imprensa baiana, durante o seu governo, como afirmou Raquel Silva (2014).

[...] Dentre os mecanismos fundamentais do americanismo, pode-se citar a democracia, sempre associada aos heróis americanos e, em especial, às ideias de liberdade, direitos individuais e de independência, e o progressivismo, vinculado a ideia de um mundo em abundância e à capacidade criativa do mundo estadunidense. (SILVA, 2014, p. 107).

A circulação das ideias em *A Tarde* e o *Diário de Notícias* indicaram, para a autora, percepções sobre uma versão da democracia, embasada na campanha norte-americana contra o Eixo. A americanização, como afirmou Silva, vinda das necessidades dos Estados Unidos de manter as ligações de mercado com o Brasil, encontrou apoio e reverberação nas colunas produzidas pela imprensa baiana. Essa, por sua vez, avançou, como organização, na disputa por representações de interesses, quando assumiu posturas de positivação do estreitamento de laços entre Brasil e Estados Unidos.

É possível encontrar mais elementos para verificar o enraizamento do americanismo nas instituições baianas, em outras esferas, demonstrando como (1) a própria abertura de negociações de mercado, de circulação de dólares e trânsito diplomático indicaram o

²²⁴ MANGABEIRA, Otávio – Discurso Proferido no encerramento do Congresso das Vocações Sacerdotais, Salvador, 1949. Id., Ibid., p.32.

aprofundamento de diálogo entre a Bahia e os Estados Unidos; (2) o PPSEBa e os acordos intelectuais.

O governador facilitou a ida de João Calmon aos Estados Unidos, justificada pela necessidade de promover a compreensão da economia baiana e apresentar auxílio técnico para o Departamento das Municipalidades²²⁵. Esta não foi a única ocasião em que o governo se comunicou com o consulado brasileiro em Nova York para facilitar hospedagens de viajantes, ao enviar investidores e cientistas para os Estados Unidos²²⁶. Promovia o conhecimento sobre o estado e também facilitava os negócios.

Em uma só carta a Simões Filho, escrita em 1951, Mangabeira resumiu a sua gestão e indicou expectativas de que o sucessor mantivesse as iniciativas em buscar os recursos norte-americanos para o estado. O “relatório confidencial para o Dr. Simões Filho” informou que a Bahia precisaria continuar contraindo ajudas financeiras das rubricas do Título Quatro, assinado pelo governo Truman e solicitações ao governo federal, para “desenvolvimento” do estado. Para Mangabeira, a economia agrária e monocultora havia colocado a Bahia numa crise, em “dificuldades de ordem econômica”, com grande contingente da população “pobre, analfabeta e enfermiça”, destacando a necessidade de melhor proveito da “capacidade” do baiano em sair destas contendas²²⁷.

[...] As dificuldades de ordem econômica que a Bahia enfrenta são, em síntese, as peculiares a uma economia agrária, monocultora. O cacau e seus subprodutos representam 60 por cento das receitas públicas. Se acrescentarmos a ele o fumo e a mamona, já atingimos a proporção de 80 por cento. Daí resulta que a Bahia vive de exportação desses produtos, importando do exterior e de outros estados as mais camesinhas utilidades para o seu sustento (...) **seria pretencioso, sem um estudo mais detido e uma análise mais profunda do fenômeno econômico**, determinar-se a estrutura mais aconselhável para a expansão econômica do estado (grifo nosso)²²⁸.

Em 1950, durante o seu governo, a intensidade das transações e remessas de dólares para compra de sacas de farinha de trigo, recebimento de substâncias para o tratamento da tuberculose, encomendas para a agricultura, algodão, algumas vezes necessitou da ampliação das cotas fixadas pelo governo norte-americano, sendo alvo de diversas queixas de Berenguer

²²⁵ Centro de Memória da Bahia, Arquivo Otávio Mangabeira, OM 3073. 14.09.1948.

²²⁶ Centro de Memória da Bahia, Arquivo Otávio Mangabeira, OM 3077. 02.11.1948 – sobre a chegada do diretor do Instituto do Cacau em Nova York. Também o diretor da Frateli Vita, em 1949, registro Centro de Memória da Bahia, Arquivo Otávio Mangabeira, OM 3071. 27.05.1949.

²²⁷ OM 3095, Relatório Confidencial para o Dr. Simões Filho. Centro de Memória da Bahia, 1951.04.20.

²²⁸ OM 3095, Relatório Confidencial para o Dr. Simões Filho. Centro de Memória da Bahia, 1951.04.2.

César, no consulado em Nova York. Isso aconteceu porque o erário disposto no Consulado não suportou o pagamento antecipado das remessas, o que levou Berenger a pedir que compras fossem interrompidas, ou que as cotas fossem ampliadas.

Muitas foram as vezes em que ocorreram pedidos de recepção de viajantes baianos, em Nova York²²⁹. Toda essa movimentação no Consulado (dos empresários brasileiros e de capitalistas norte-americanos) aconteceu sistematicamente, como de prática daquele órgão, mas verificamos uma intensidade maior da parte do trato de Magabeira como um interlocutor privilegiado com Nova York²³⁰.

Aruã Lima (2009) tateou as peças que encaixam Otávio Mangabeira ao conjunto de sujeitos que interferiram na concepção sobre o exercício do liberalismo no Brasil, vinculado a setores progressistas norte-americanos e mostrou que a união de Mangabeira com Juracy Magalhães fortificou um terreno político próprio, um conjunto ideológico que viria a ser alterado circunstancialmente por seus apoiadores. (LIMA, 2009).

A aproximação estratégica de Otávio Mangabeira com Anísio Teixeira foi interpretada por Lima (2009) como uma forma de estabelecimento de contato direto de um representante como Anísio Teixeira, um educador, progressista, em formação, com o governo de Góes Calmon na Bahia, quando ele foi diretor de instrução e já indicava propostas para Reforma na Educação, ainda na década de 1930, pois Teixeira tinha contato tanto com Otávio Mangabeira quanto abertura no governo de Góes Calmon. Havia ainda um processo de aproximação entre Anísio Teixeira e as instruções reformistas da educação, vindas do projeto civilizatório americanista. As práticas norte-americanas de educação chegavam na vida de Teixeira através de seus estudos, que o mesmo buscou, mas eram tratadas com cautela e curiosidade por ele próprio, o que é assunto de outros trabalhos acadêmicos sobre o qual não nos aprofundaremos. A participação de Mangabeira na versão brasileira da revista norte-americana *Reader's Digest*, também era uma forma de associação do udenista no projeto de expansão da visão de democracia (LIMA, 2009). Não se encontram menções diretas, feitas por Mangabeira aos Estados Unidos, mas leituras próprias sobre os elementos políticos da nação norte-americana a serem incorporados na política nacional. Notadamente, Otávio Mangabeira não fez referências apologéticas aos Estados Unidos, como um leitor tipicamente “estrangeirista” das soluções para

²²⁹ OM 3073. Correspondência de Otávio Mangabeira a Berenguer Cesar 1948.09.14.

²³⁰ OM 3130. Arthur Leslie Bagot-Gray fixar-se-ia na Bahia e é recomendado ao governador por Berenger. Este tipo de solicitação é uma constante na documentação, tanto referente ao Consulado em Nova York, como no Ministério das Relações Exteriores, mas verificamos uma especial atenção de Mangabeira sobre o tema, em sua gestão enquanto governador, tratando diretamente com os representantes do capital em Nova York.

a democracia em seu governo, como afirmou o próprio Negro (2012, p. 150). Aqui vemos que na prática real das saídas e acordos políticos e dos recursos disponibilizados pelo governo baiano encontramos o “americanismo” mangabeirista.

Na Secretaria de Educação e Saúde foi possível manter o diálogo com os pesquisadores no terreno da produção de cultura, fundamentando análises sobre a realidade baiana, mediados por valores que o imperialismo do pós-Guerra plantou nos quatro cantos do mundo.

Portanto, é preciso falar do momento em que o trabalho de pesquisa de Poppino se iniciou, nos eventos da política baiana e do debate intelectual do pós-guerra, entre 1947-1951, com seu primeiro material dissertativo. O projeto acadêmico não só estava exposto por seus coordenadores, como encontrou um sentido prático engajado no debate afirmativo da história e das ciências sociais no contexto. Como prática de pesquisa e projeto de narrativa, o PPSEBa era notoriamente divisor de águas na Bahia.

O PPSEBa encontrou inúmeras influências do americanismo para sua realização, desde a sua inclusão no rol de trabalhos acadêmicos do pós-Guerra até a situação específica de diálogo do governo baiano com o legado do governo Harry S. Truman. Com relação ao primeiro quesito, a junção entre intelectuais preocupados com os acordos bilaterais para a cultura, vimos a recuperação do sentimento lusitano de forma ímpar, com a Bahia em um novo cenário onde se projetava como berço da nação, mas ao mesmo tempo, como caldeirão cultural para experimentos de pesquisa e novas vivências sociais, um atrativo para turismo, estadia e para fortalecimento do tema das relações raciais no cenário global (algo que já acontecia desde os anos 1930 e sua aproximação com a Universidade em Columbia). Também, o fortalecimento de uma espécie de vanguarda liberal, que alcançava o seu reconhecimento a partir das ações educacionais e que carregava o nome de Anísio Teixeira, Arthur Ramos e Pedro Calmon como importantes emblemas para o mundo acadêmico nacional. Os anseios intelectuais, de crescimento acadêmico, a criação da Faculdade, os convites a pesquisadores estrangeiros, se agregaram. Some-se a esses fatores um governo liberal e de propaganda democrática para o pós-Guerra, que se apresentava como grande aliado das políticas dos Estados Unidos para o continente e para o estado da Bahia.

É em meio a essa conjuntura que Feira de Santana se tornou o objeto de estudo de Poppino. Sobre o livro, especificamente, e as questões que ele veio a atender, como tese, em 1953 e como livro, em 1968, trataremos no capítulo seguinte. Agregaremos à discussão do texto os supostos mais “contextualistas” sobre a trajetória do intelectual e partiremos também para o

interior do livro, ideias do autor, suas leituras e os problemas patentes de sua época e que ainda refletem muito sobre a história e a memória da história das lutas sociais em Feira de Santana.

5 “PRINCESS OF THE SERTAO”: UMA LEITURA SOBRE A ECONOMIA BAIANA DAS FRONTEIRAS DO SERTÃO.

5.1 A INFLUÊNCIA DE RUI BARBOSA NA AMBIÊNCIA POLÍTICO-IDEOLÓGICA DA ESCRITA DE POPPINO.

No contexto abordado no capítulo anterior, recuperamos as articulações institucionais que facilitaram a colocação da Bahia no cenário cultural nacional e indicaram Salvador como centro receptivo para estudos acadêmicos no pós-Guerra. Também destacamos as personagens que alavancaram as redes de contatos com a Universidade de Columbia e os interesses que facilitaram uma aproximação forte com o americanismo, especialmente no governo de Otávio Mangabeira e Carlos Valadares (1947-1951). Aqui, seguiremos com mais elementos que envolveram o deslocamento de Rollie Poppino para Feira de Santana, especificamente, e como o município se tornou representativo do conjunto de articulações que já foi exposto. Além disso, vamos buscar captar no próprio texto do autor as comparações, concepções feitas no calor desses acontecimentos, mas que também refletem a postura do intérprete frente à história do sertão, da pecuária, do interior da Bahia e do Brasil.

Na Bahia, após a queda do Estado Novo, ocorreu o resgate do pensamento liberal “ruiano”, no final dos anos 1940 e início da década de 1950. Esse movimento se uniu à formação da UDN como partido de frente nas eleições estaduais, projetando a Bahia nacionalmente. Houve uma articulação das forças políticas no estado em prol de um governo que unificasse grupos até então divergentes e a afirmação do *slogan* do papel baiano na federação era um caminho promissor para esse intento. Essa propaganda acontecia por via do resgate de alguns de seus emblemas mais conhecidos em âmbito nacional e pela coalisão de partidos de direita.

A montagem de um discurso de união nacional, atribuídos na formação da UDN (BENEVIDES, 1991), voltavam-se também para dentro do estado, como elemento de articulação de poder entre grupos dominantes no interior e na capital (LINS, 2014). Esta engrenagem propunha, para o “sertão”, algumas alianças que se sustentavam ideologicamente na proposta de desenvolvimento econômico, ancorada, por sua vez, em uma série de concepções sobre como produzir elementos de crescimento do capitalismo no interior e na periferia.

O nome de Rui Barbosa (1849-1923) foi referenciado constantemente nessa proposta. Após 1945, seu pensamento reverberava no projeto de oligarquias não sulistas. O resgate da

imagem do jurista baiano foi feito constantemente por Otávio Mangabeira, enquanto o próprio era a influência que a UDN elegeu para a publicidade do partido no contexto das eleições²³¹. Nesse percurso, Rui Barbosa era inspiração, reinventado em recursos de oratória e debates públicos.

Alguns pontos do pensamento ruiano se conectaram com as reflexões de memória sobre a Bahia no contexto e com o empreendimento de pesquisas no interior do estado, como a) o modo como Rui Barbosa interpretou a Bahia para além de sua capital no cenário político das eleições de 1919, b) suas falas remetidas para as cidades interioranas ao longo da campanha, em 1919.

Para Rui Barbosa, localidades do interior foram vistas como “chaves” e determinantes das articulações políticas republicanas. Dentre elas estava Feira de Santana. O Município se tornou simbólico da passagem de Rui pelo sertão, durante a campanha que ficou conhecida como campanha civilista. É certo que Rui Barbosa estava valorando outras localidades, mas, em Feira de Santana, sua presença foi considerada uma fonte de celebração do lugar do Município na articulação política e a consolidação do apelido de “princesa do sertão” e o discurso de Rui Barbosa em Feira de Santana, em 1919, se tornou um instrumento político, ideológico e identitário para representação de Feira de Santana na Bahia²³².

Ao tentar se aproximar das pessoas com um tom diferente, mais popular, Rui Barbosa se posicionou como alguém longe da “Política”, ou seja, o exercício de poder político. Rui descreveu essa política como um alvo para deslegitimar opositores. Segundo ele, os “opróbios de apetites vorazes”, não seguiam os “compassos do coração”, elemento sobre o qual Rui construiu todo o seu pronunciamento, pois, para ele, “o coração é o sacrário da consciência, do remorso e do arrependimento, é o órgão da reação, da regeneração e da crença”²³³. Uma espécie

²³¹ Para Poppino, Rui Barbosa teria sido “the most flamboyant statesman-politician Brazil has yet produced”. (POPPINO, 1968, p. 174).

²³² O movimento da campanha liderada por Rui Barbosa, no final daquela década (1919), buscou apontar para um descolamento entre as propostas constitucionais e a prática política que mostravam lideranças de governo distanciadas do interior do estado. Para ele, era preciso reconhecer as forças aliadas dentro da Bahia, assim como em todo o país, articulando-se politicamente com os municípios do interior. “Se houvesse de dar um nome a esta série de excursões, que muito a pesar meu, vai acabar, e já quase por momentos, chamar-lhe-ia eu ‘a minha viagem ao coração da Bahia’: pois é o coração da terra flagelada o de que, com os meus companheiros, viemos todos à busca, nesta romagem pelos sertões e pelo recôncavo, de Vila Nova da Rainha à Feira de Santana, da antiga corte sertaneja à bela princesa do sertão”. (BARBOSA, Rui. **Uma campanha política, 1919**. Obras Completas de Rui Barbosa, VOL. XLVI 1919, Tomo III. Ministério da Cultura, Fundação Casa de Rui Barbosa, Rio de Janeiro, 1988, p.173).

²³³ BARBOSA, Rui. **Uma campanha política**, 1919. Obras Completas de Rui Barbosa, VOL. XLVI 1919, Tomo III. Ministério da Cultura, Fundação Casa de Rui Barbosa, Rio de Janeiro, 1988, p.174)

de humanização, de enraizamento do exercício da política partidária, que seria uma forma de disputa da representação desse mesmo poder.

Na sua fala em praça pública, Rui Barbosa, ao acusar o governo federal de não penetrar na “terra baiana”, com o povo, pensou fazer “como os cruzados em marcha para a Terra Santa arvoraram a cruz do Redentor”, dizia²³⁴. A fala de Rui foi feita em prol do que ele considerou como uma visibilização das necessidades da política local, alegando que esta teria sido esquecida pela República, além de se portar como propagandista da retomada do federalismo. Feira de Santana, para Rui Barbosa, era mais um exemplo, dentre as várias cidades de importância política no sertão, para o reforço da atuação do Partido (Republicano) no interior.

Para Wendel Cintra (2016), quando Rui Barbosa foi candidato à presidência em 1919, procurou, nos artifícios argumentativos do liberalismo, um escopo diferenciado, em diálogo com o liberalismo clássico que o influenciou no início de sua candidatura em 1910²³⁵. Sua visão coincide com o entendimento de Cristian Lynch (2012), de que foi no interior e nos “sertões”, que o candidato buscou arriscar o projeto de articulação de um movimento contrário à República que disputava.

Criticando inicialmente as instituições e o legado centralista, em 1919, Rui partiu para a construção de um empreendimento mais ousado no campo das direitas brasileiras, quando saiu da esfera da oposição em governo e se direcionou para um diálogo mais claro com a sociedade civil, em especial na Bahia, já que, transformada num espaço das oligarquias, para ele, “a” política, estaria restrita. Rui dizia que não teria encontrado, na República, um cenário de legitimidade nas representações de interesses, nem um espaço de atuação que estabelecesse um diálogo mínimo com “o povo”²³⁶.

A despeito da sua inserção no campo dos chamados liberais doutrinários (SANTOS, 1998), Rui foi um dos grandes críticos da Constituição de 1891 e ficou famoso pelo empenho que lhe foi atribuído para ampliar a agenda liberal. Segundo seus leitores e críticos, foi responsável por oferecer sentidos de legitimidade e reconhecimento do novo regime, imposto (SANTOS, 1998, p.34).

²³⁴ Vale salientar que o público do discurso foi composto de entidades católicas ligadas à caridade na sede da paróquia da Igreja Matriz

²³⁵ “Rui mobilizava o arsenal teórico liberal, adaptando-o aos contextos políticos em que ele intervinha, enfatizando determinados pontos em detrimento de outros e, inclusive, em certas ocasiões, incorporando temas e abordagens estranhas ao próprio repertório do liberalismo clássico”. (CINTRA, 2016, p. 2-3).

²³⁶ Acreditamos que Rui Barbosa era um intelectual que fez parte de algo próximo do que Antônio Gramsci chamou de ampliação do Estado, quando buscou a desobstrução da representação política das organizações de interesses de classes através da atuação na sociedade civil, ou de uma transfiguração destes interesses em “vontades gerais”.

A disputa do poder foi feita na campanha de Rui também pela criação de argumentos que apontavam ideologicamente para o aprofundamento de um liberalismo efetivo no Brasil. Foi o que Rui pensou para dar definição, por exemplo, ao voto, que, segundo Cintra (2016), não o preocupava apenas pela corrupção, mas pela forma de sua realização a partir de um eleitorado sem nenhuma “autonomia política e organizativa”. Seria preciso que o regime democrático oferecesse os termos, as “regras do jogo”, que ainda não estavam em cena no Brasil.

Rui, em seus discursos, usou a imagem de que sendo o coração “uma região humana, com que a política faz praça de não querer contacto”, empenhou-se na campanha que discursava sobre a representação dos interesses dos grupos dominantes do interior na política:

se conhecesse melhor o homem, e o quisesse governar segundo as normas divinas, no coração é que, sobretudo, o iria buscar; porque o coração é a totalidade do homem moral, e, assim, a quem quer levar os homens com o bem, pelo bem e para o bem, haviam de os ir procurar onde eles sentem, onde sofrem, onde amam²³⁷.

Esta é uma reflexão do terreno da história do pensamento político brasileiro, que não pode ser tratada como uma ideia isolada da reflexão crítica de Rui Barbosa. Quanto ao aspecto de interpretação de Rui sobre a democracia, parece ser um arcabouço para onde recorrentemente uma espécie de consenso político era montado entre os grupos políticos brasileiros que se consideravam como liberais publicamente. Cintra (2016) mostrou a antecipação de Rui com relação aos mecanismos de avaliação da democracia e do Estado brasileiro que funcionaram com mais eficácia para a disputa política na segunda metade do século XX no Brasil.

Esse passeio rápido pela recepção crítica de Rui Barbosa e seu reflexo para liberais baianos não é gratuita, pois suas correntes de pensamento se estenderam para influências na academia que reverberaram no conjunto de estratégias dos governos baianos do pós-Guerra, marcando a ação dos pesquisadores do PPSEBa e estando fortemente presente na escrita de Poppino. Rui Barbosa não estava apenas no terreno das ideias, mas era um intelectual orgânico, cujos conceitos retornaram à cena como suporte político atualizado em sua narrativa.

Houve uma grande influência de Rui na narração poppiniana do Município de Feira de Santana. Sobretudo, a busca pela explicação do crescimento local, como possível vetor de transação da capital com o interior da Bahia, como as necessidades políticas da UDN em

²³⁷ BARBOSA, Rui. **Uma campanha política**, 1919. Obras Completas de Rui Barbosa, VOL. XLVI 1919, Tomo III. Ministério da Cultura, Fundação Casa de Rui Barbosa, Rio de Janeiro, 1988, p.174.

promover um enraizamento junto às lideranças políticas tradicionais do chamado “sertão”, um dos motivos que provocaram a urgência de inclusão de Feira de Santana no arcabouço dos estudos de comunidades do PPSEBa, em 1951.

A vertente se uniu com as ideias postas sobre o federalismo e o papel dos municípios. Se a historiografia começava a responder “o que é o Brasil”, Poppino o definia através da história da economia sertaneja e suas fronteiras.

Um dos temas de discussão entre liberais e conservadores, no pensamento político brasileiro, era o federalismo e o papel dos municípios e isso gerava curiosidade ao leitor brasilianista, que detalhava, na medida do possível, o modo como a história local fazia parte deste complexo político. O que chamamos por “história política” era, na narrativa poppiniana, o tema da emancipação local diante dos governos federais em seus formatos ao longo da história.

A situação representativa dos municípios era um tema caro à legitimidade republicana, desde os pensamentos políticos construídos no século XIX – como Uruguai e Tavares Bastos – e acreditamos que um equilíbrio desta relação foi visto em Feira por Poppino. Nos textos produzidos para o PPSEBa esta interpretação do municipalismo propunha a adequação de instrumentos políticos tradicionais e de forças potentes do comércio do sertão a um modelo de integração econômica nacional.

No caso de Feira de Santana, primeiro, investiram no entendimento da realidade feirense, suas vias de circulação e sua economia como possibilidades a serem incorporadas para a integração baiana ao mercado pós-guerra. Cada setor, cada vetor da economia local, foi avaliado de acordo com sua possibilidade de crescimento interno ou de abertura comercial, e assim a realidade estudada foi um exemplo para entaves a serem solucionados. Feira de Santana apareceu ao pesquisador e aos seus leitores diretos (como Thales de Azevedo, em seu prefácio) como “força política catalisadora” de “progresso”, sobretudo como um escoadouro de mercado e consumo para outras regiões, a ser repensado como alavanca para a modernidade no interior.

Feira de Santana, na tese poppiniana, equilibrou formas políticas do mundo ibérico colonial às relações sociais modernas do Império do Brasil, e ganhou importância na República devido a sua força pecuarista. Mesmo perdendo papel de atividade crucial da economia local, foi sustentada até meados dos anos 1950 com muita força. O equilíbrio destas forças era um tema que preocupava Poppino. Dentro de seu texto, mesclam-se o discurso do pesquisador

norte-americano preocupado com o “Terceiro Mundo” e a situação interna de investimento vinda do Governo da Bahia, na qual era fundamental encontrar os melhores setores para investir. Enquanto historiador, Poppino queria, ao mesmo tempo, escrever sobre o período colonial e o século XIX, mas sua posição nos trabalhos com a diplomacia o colocavam cada vez mais próximo das discussões sobre o Brasil recente e o tempo presente.

5.2 FORÇAS POLÍTICAS DE UM MUNICÍPIO CATALIZADOR DO PROGRESSO – “PRINCESS OF THE SERTAO”.

A História de Feira de Santana pode ser considerada como a história da pecuária na Bahia (POPPINO, 1968, p.54). Tanto o progresso como os problemas da democracia no Brasil podem ser escritos tomando-se como guia a história de Feira de Santana, porque, em largos traços, as transformações políticas que ocorreram no Município foram sentidas por toda a nação. Sob o Império, uma oligarquia de ricos proprietários de terra gozava dos benefícios de uma autonomia local, legítima enquanto a maioria das responsabilidades recaía sobre o governo provincial. À grande maioria da população negava-se até mesmo uma voz in nomine nos negócios do governo (POPPINO, 1968, p.147).

O texto *Princess of The Sertao: a history of Feira de Santana* revela uma escolha metodológica dos estudos de área, nos Estados Unidos, em soma com os métodos dos estudos de comunidades praticados pela sociologia de Donald Pierson, Charles Wagley, Luiz A. Costa Pinto, com o suporte de Thales de Azevedo no campo da investigação da antropologia no Brasil. É preciso verificar como a realidade local chamou atenção na escolha dos trabalhos de pesquisa e, ao mesmo tempo, agregou as expectativas do estudante norte-americano.

De acordo com a Editora Itapuã, o livro de Poppino, ao ser publicado em 1968, inaugurou a historiografia de uma região, o que era parte do projeto com outros pesquisadores baianos na produção da Coleção Baiana (EDITORA ITAPUÃ, 1968, orelha). Para Josivaldo Pires de Oliveira, essa marca também coloca o livro como o primeiro trabalho de história sobre Feira de Santana (OLIVEIRA, 2010). No capítulo “Rollie Poppino e a historiografia feirense”, Oliveira destacou que

A pesquisa que deu origem a esta publicação está relacionada a um conjunto de estudos de caráter histórico e social desenvolvidos na Bahia que não teve como objetivo revelar o universo das relações étnico-raciais e dos saberes e práticas afro-brasileiras, mas, no caso de Feira de Santana, deixou importantes pistas. (OLIVEIRA, 2010, p.41).

Oliveira (2010) evidenciou importantes movimentos das classes dominantes na cidade em controlar, fiscalizar e punir as práticas das experiências negras em Feira, mas queremos mostrar também que o ensaio de Rollie Poppino possuía uma discussão que se calcava em teorias das relações raciais, ainda que esse não tenha sido apresentado como sendo seu foco principal. Oliveira apontou para a construção do trabalho de Rollie Poppino como único trabalho de História em um projeto multidisciplinar como o PPSEBa, além de fazer uma revisão de títulos de dissertações que considera como marcos desse debate e elencou no texto de Poppino informações importantes para demonstrar que, mesmo com pouco material disponível e, partindo de um olhar mais amplo, Poppino indicou a presença de população negra em Feira de Santana. Oliveira também visualizou o sentido prático da escrita do trabalho de Poppino e argumentou que os estudos de comunidade foram circunscritos em preocupações do PPSEBa em organizar resultados práticos para o contexto. (OLIVEIRA, 2010).

Sobre o contexto da publicação, o livro estava inaugurando toda uma coleção e é importante que se diga isso, pois o material veio a ser recolhido de outro conjunto amplo de títulos. Para Oliveira, assim é que se pode dizer que na década de 1960 houve o início de uma historiografia feirense. O lançamento foi coroado pelas iniciativas do governo do estado da Bahia, governo de Luiz Viana Filho, tornando o estudo inclusive um modelo para pesquisa de área em outras regiões do Brasil. Mas o texto original havia sido escrito em 1953 e questionamos a ligação entre seu original e a escolha do material para publicação alguns anos depois. Foram publicados o livro *Town e Country*, de Marvin Harris e *Village and Plantation*, de Harry Hutchinson, como também o livro de Maria Isaura Pereira de Queiroz (AZEVEDO, 1958, prefácio). Então, porque o retorno e a publicação da pesquisa de Poppino?

Feira de Santana, de acordo com os dados do Departamento Estadual de Estatística, de 1946, apresentava o número de 83.268 habitantes, se destacando nos estudos de população do governo do estado²³⁸. A década de 1950, bastante emblemática do enraizamento de estruturas produtivas e avanço do capital em médias cidades do país, foi um período de grandes transformações no Município. Ao mesmo tempo em que sua feira livre central, que agregou um misto de encontros entre as produções das grandes e pequenas propriedades da região, do

²³⁸ Naquele ano, as demarcações territoriais dos municípios baianos foram incompletas e os técnicos do Departamento indicaram estimativas para comparação com os dados do IBGE. Os números mudaram na década posterior, justamente devido à emancipação de novos municípios. Um exemplo é o quantitativo populacional de Santo Amaro, que figurou com 106.303, enquanto Salvador possuía 290.443 habitantes. O Município teria, portanto, a quarta maior cidade de população no Estado. Fundo da Secretaria de Educação e Saúde. Gabinete do Secretário, Estimativa da população baiana em 1946. Caixa 3923, maço 04.

trabalho rural, como do comércio lojista, vai perdendo seu destaque como centro das atividades da economia local, concentrou um número cada vez maior de trabalhadores nas ruas²³⁹.

Esse fluxo atraía curiosos de todo o país, pois Feira era, do ponto de vista do entendimento sobre o folclore do interior do país, mais uma das grandes amostras de persistência da economia tradicional e de hábitos populares frente ao crescimento de atrativos urbanísticos. Em 1951, Feira de Santana foi um dos principais destinos turísticos dos sertões brasileiros. Para se conhecer o “agreste” e suas peculiaridades, era comum que intelectuais e investidores que estavam se deslocando pela Rio-Bahia para Salvador, fizessem parada obrigatória em Feira para seguir viagem. Seu principal destino era a capital, mas, até lá, era preciso passar mais cinco horas em carro, em percurso que hoje se realiza em uma hora e meia, após a construção e melhoramento da estrada Feira-Salvador, a rodovia Vasco Filho ou BR324.

Em um anúncio de Turismo, a *Touring Clube do Brasil* construiu um roteiro que incluiu Recife, João Pessoa, Natal, Fortaleza, Terezina, Picos, Salgueiro, Cachoeira de Paulo Afonso, Feira de Santana, Teófilo Otoni, Leopoldina, ao trajeto de aventura pelo interior do país²⁴⁰. A “Princesa” figurou como uma espécie de capital sertaneja da rota na Bahia, uma paragem obrigatória a qualquer viajante. A reportagem, intitulada “O circuito Euclides da Cunha”, trouxe a imagem de uma “baiana” em um tabuleiro, o que deveria ser personagem típico das ruas de Salvador, mas figurou como registro de uma feirante do sertão, desenhada por Percy Lau²⁴¹. De todo modo, essas visões folclorizavam a cultura local e os hábitos do cotidiano dos trabalhadores, atraindo intelectuais que estavam de passagem e outros curiosos ao local. O movimento e o barulho em dias de feira eram intensos: “compradores das mais variadas origens para ali seguiram e se abasteciam para revender em outras localidades proporcionando um intercâmbio que ultrapassava a dimensão regional”. (CARVALHO, 2008, p.46)

²³⁹ Ver OLIVEIRA, Clóvis Ramaiana. **Canções de uma Cidade Amanhecendo**. EDUFBA, 2016. CARVALHO, Ana Maria. **Feira de Santana em tempos de Modernidade**, Universidade Federal de Pernambuco, imagens e prática do cotidiano, 2008. PACHECO, Larissa Penelu B. **Trabalho e Costumes de Feirantes de alimentos**. Dissertação de Mestrado Universidade Estadual de Feira de Santana, 2009.

²⁴⁰ Feira de Santana era anunciada no noticiário nacional impresso como a capital do agreste, reconhecida como comunidade modelo para amostragem da população do país, juntamente com outras cidades da cultura do couro e do gado, que realizavam as feiras livres e as trocas comerciais entre o litoral e o interior.

²⁴¹ . Turismo e Vida Social Correio da Manhã. Rio de Janeiro, 1951. Edição 17864. Percy Lau nasceu em Arequipa, Peru, 1903 e faleceu no Rio de Janeiro em 1972. Maiores detalhes sobre a sua carreira e o papel das representações criadas sobre o Brasil podem ser vistas no artigo “A construção de representações nacionais. Os desenhos de Percy Lau na Revista Brasileira de Geografia e outras visões iconográficas do Brasil Moderno.” Onde o autor debate uma possível presença do “determinismo ambiental” no ilustrador e desenhista. Na verdade, o Jornal selecionou a imagem de maneira aleatória no conjunto da obra de Percy Lau. Sobre o tema ver SALGUEIRO, Heliana. Ana. Mus. Paul. Vol 13, n, 2, São Paulo, Jul-Dez, 2005. Acervo da Hemeroteca da Biblioteca Nacional.

O município era um entroncamento que dividia os rumos dos grupos de trabalhadores rurais, que chegavam nos caminhões, não necessariamente porque queriam ficar em Feira, mas por encontrar opções temporárias de sobrevivência no crescente comércio informal. Os acidentes constantes nesses caminhos vitimavam inúmeros migrantes e eram tratados como “caso de polícia”. Osias Gomes, ao passar pela região em direção a Salvador, pela Rio-Bahia, contou 60 caminhões, segundo ele, cada um com aproximadamente 40 pessoas. Certamente, muitas dessas pessoas tinham como destino o Sul do país, mas aqui ficaram e passaram a compor a classe trabalhadora em Feira de Santana, pois dali não obtinham mais condições de continuar a viagem²⁴².

No início da década de 1950, houve uma mobilização política para que a cidade conseguisse obter algumas melhorias, o que fazia com que algumas lideranças se destacassem pelas ações de assistência, como a tentativa de implementação do abastecimento de água. Assim, conseguiram angariar inúmeros recursos do Plano Salte. Para citar um, o Município obteve 10 milhões de cruzeiros para as obras iniciais do abastecimento de água, já que ela era feita por distribuição irregular de aguadeiros e passou a ser feita da extração experimental na Lagoa Grande²⁴³.

Além do papel turístico sertanejo, havia a facilidade de acesso via automóvel, em suas estradas, para os pesquisadores interessados em conhecer os mercados do interior. Em Feira, depois de percorrer os sertões, era possível encontrar inúmeras facilidades de instalação e hospedagem, como o comércio e serviços, com hotéis, bares, restaurantes²⁴⁴.

²⁴² Emigração dos trabalhadores rurais. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, Edição 18020., p.3, terça-feira, 18 de dezembro de 1951. Acervo da Hemeroteca da Biblioteca Nacional.

²⁴³ Simões Filho, como Ministro da Educação, inicialmente encaminhou a proposta. Dez milhões para o Abastecimento de Água em Feira de Santana. **Correio da Manhã**, edição 18038. P6, 1 caderno, 10 de janeiro de 1952. Também vimos que a falta de abastecimento em Feira era uma das condições de estudo para outras áreas do Nordeste diante de secas. O SESP, alegando a capacidade econômica feirense, organizou um plano de captação de águas do subsolo, em 1952: “Capacitação de água do subsolo. Exemplo de instalação econômica de Serviço de águas no interior do país”. **Correio da Manhã**, 1952. Edição 18326, quarta-feira, 17 de dezembro de 1952, p. (...). Acervo da Hemeroteca da Biblioteca Nacional.

²⁴⁴ Em Feira de Santana era possível se hospedar, até chegar em Salvador, em um dos hotéis mais caros do período, o Feira Palace. Em “notas de viagens”, os colonistas do Correio da Manhã fizeram uma apresentação das mazelas e atrações do Município. Outro colonista, José Condé, concluiu que, na fuga do Nordeste e da seca, era possível para o migrante encontrar alento em Feira. Apesar das mazelas sofridas na região, a cidade ainda podia ofertar opções de vida para os fugitivos, que desistiam de prosseguir a viagem pela Rio-Bahia, quando toda a Odisséia encontrava um fim em Feira de Santana, ou seja, no percurso. Ali, tirava-se o pouco dinheiro da carne e dos víveres do dia a dia. “É dia de Feira. E aqui, nesta larga rua banhada de sol, apinhada de gente, cheia de ruídos, de cores berrantes dos toldos e dos vestidos de chita das mulheres caboclas – em tudo isso está presente, vivo, o nordeste das humildes vidas de pequenos agricultores: primitivo, místico, inconsciente, de si próprio e do mundo, com seus sonhos e esperanças, suas lutas e pobres vitórias de cada dia sobre a fome”²⁴⁴

Observadores das pessoas que circulavam na feira, alguns desses viajantes deixaram suas impressões que transpareciam uma versão bastante folclorizada do ambiente, enviesados nas visões sobre o cotidiano de trabalho: “Aqui as pretas predominando sobre as caboclas”, relatou um viajante ao Correio da Manhã.

Ei-las acoradas, como pinturas de Rivera, diante dos cestos de puba, umbus, cajás, araçás, pobres produtos que trazem à cidade e que ao fim do dia não lhe deixava mais que dez ou quinze cruzeiros de lucro. São mulheres de aspecto triste. Mas a feira é uma espécie de festa com muita algazarra (notadamente dos trovadores e sanfoneiros, dos pedintes com suas cantigas lamurientas) e fortes coloridos: dos estampados dos vestidos de chita, dos toldos de lona, das barracas de tecidos, das frutas e verduras²⁴⁵.

O cruzamento entre as características “tradicionais” com o crescimento econômico visto como “moderno” era aparente em demasia, tornando Feira um laboratório propenso para os estudos sobre o interior do Brasil. O Município apareceu deveras no mesmo jornal, já que estava na rota dos donativos para “flagelados da seca”, tinha os preços do gado noticiados nacionalmente, e era zona exportadora de tabaco, cujos preços eram divulgados nas colunas dos jornais de circulação nacional, desde que regulamentada pelo governo de Getúlio Vargas. Ali estava o objeto perfeito para um escritor aprendiz de “sertanista”. Muitas vezes folclorizada, a realidade da feira livre e do comércio de Feira de Santana atraiu olhares de muitos intelectuais que passaram pelo local.

Poppino, em 1949, havia defendido o texto *The Cattle Industry of the São Francisco Valley During The Colonial Period*, em Stanford²⁴⁶. O mestrado teve como enfoque a área de pastoreio do São Francisco entre 1500 e 1625 no primeiro capítulo e entre 1630 e 1654, para o segundo, mas avançou para uma análise geral da economia da região e o papel da economia do gado, ou o que chamou de “sociedade do vale do São Francisco”. Baseado em relatos de Gabriel Soares de Souza, afirmações de Francisco Varnhagen, Alexandre Marchant, Capistrano de Abreu, Pedro Calmon, João Ribeiro, Felisbello Freire, Roberto Simonsen, Basílio de Magalhães, Alfred Ellis Junior, Urbino Souza Viana, livros publicados fora do Brasil e dos Estados Unidos, como Roberth Southey, Francisco Oliveira Vianna, interessou-se no trabalho dos vaqueiros, os *Cowboys*, e a importância da Bahia na formação de uma economia de

²⁴⁵ Notas de viagem. Correio da Manhã, Rio de Janeiro, Edição 18482, p.8, 26 de junho de 1953.

²⁴⁶ POPPINO, Rollie E. **The Cattle Industry of São Francisco Valley in the Colonial Period**. Leland Stanford Junior University in partial fulfillment of the requirements for the Degree os Master of Arts. Junho 1949.

ocupação dos sertões durante os séculos XVII-XVIII, através do crescimento da produção de gado no vale do São Francisco.

No capítulo que trata especificamente do crescimento da criação de gado no baixo São Francisco no século XVII, o autor reforçou uma dicotomia entre o sertão e o litoral, definidos pelo avanço das rezes para o pastoreio no interior e o investimento na agricultura no litoral.

Tal postura se reforçou ainda mais quando o autor se interessou sobremaneira pela figura do vaqueiro e por uma sociedade onde o trabalho do indivíduo “mameluco” se afirmou, segundo ele, como forma díspar da escravidão da região açucareira. Os “mixed blood”, para ele, definiriam a sociedade do sertão do século XVII, por serem o fruto do “encerramento” de conflitos com os índios da região, diante das guerras empreendidas antes da presença holandesa e, ainda, durante as alianças promovidas para o combate contra seus empreendimentos.

Poppino recuperou afirmações de Roberto Simonsen para ancorar sua versão liberal e conservadora de uma pacificação da sociedade sertaneja, que para ele teria ocorrido através dos acordos com os índios e a expansão da atividade de criação feita com a exploração do trabalho local.

O vaqueiro se tornou, em seu ponto de vista, o símbolo dessa junção, o sujeito desbravador e, ao mesmo tempo, criador de estabilidade entre segmentos sociais diversos.

A habilidade do vaqueiro para adaptação dos índios pacificados na vida do pastoreio, inicialmente introduzida no sertão foi um fator que certamente favoreceu o desenvolvimento da pecuária no Vale do São Francisco. O mesmo modo *vivendi* que os criadores de gado estabeleceram com os índios, conseguiram também estabelecer com outros elementos indisciplinados do interior²⁴⁷.

Ou seja, o vaqueiro ganhou uma posição social de destaque como braço da montagem da força de trabalho e da ocupação do território, já que ele era também um elemento de controle social. Para Poppino, “as últimas eram gangues compostas de escravos negros fugidos, mamelucos, e renegados da costa, que haviam entrado no sertão baiano enquanto os pecuaristas estavam sendo impedidos pela conquista dos índios no Vale”²⁴⁸. Sua visão mostra o vaqueiro

²⁴⁷ “The ability of the vaqueiro to fit the pacified Indians into the pastoral life which was being introduced into the sertão was certainly an important factor favoring the development of the cattle industry in the São Francisco Valley. The same “*modus vivendi*” which the cattle raisers established with the Indians, they ultimately were able to establish with another unruly element in the interior”. (POPPINO, 1949, p. 36).

²⁴⁸ “The latter were the bandit gangs, composed of bands of runaway Negro Slaves, mamelucos, and renegades from the coast, who had gone into the Bahian sertao while the cattlemen were being detained by the conquest of the Indians of the valley”. (POPPINO, 1949, p.36).

como elemento legítimo e fundacional da sociedade sertaneja, em detrimento dos demais grupos sociais acima, que ele viu a partir dos conflitos com a ordem estabelecida.

Já havia uma bibliografia disponível sobre o Rio São Francisco e sua importância para a economia nacional, além de relatos de viajantes sobre a vegetação e o povo, fazendo Poppino aprofundar seu interesse pelo agreste e pela caatinga. A história que Poppino narrou foi a de vaqueiros desbravadores do interior, através do investimento inicial em pequenas rezes, e, ao estilo do povoamento do oeste dos Estados Unidos, que atuaram contra os habitantes originários, com a diferença de que os vaqueiros teriam sido mais autônomos na empreitada do que os norte-americanos, já que puderam contar com a política colonial norte-americana (POPPINO, 1949, p.45). O vaqueiro é a figura principal de sua narrativa, ou seja, o “mameluco” do século XVII, pois ele prefere associar formação étnica e ocupação, fazendo dessa leitura a chave de suas interpretações sobre o povo do sertão. No entanto, a versão de Poppino para o vaqueiro mestiço nos sertões o surpreende ao encontrar, em Feira de Santana, no século XX, uma transição para o trabalho de negros como vaqueiros e de uma ascensão social possivelmente associada às mudanças de padronagem de tipos humanos que ele havia encontrado nesses estudos preliminares.

Por este motivo, lhe interessavam também a roça e os provimentos das populações oriundas das atividades de pecuária e comércio no sertão, onde o autor vai encontrar muitas pessoas negras no comércio e na agricultura das fronteiras do agreste. Somadas com a discussão sobre a economia interna, o abastecimento era um ponto importante de suas preocupações, juntamente com a forma como a economia da pecuária adentrou o universo dos sertões diante das posturas coloniais, desbravando e penetrando padrões de produção, oferecendo suprimentos e avançando enquanto opção para novos sujeitos na economia do século XVIII.

O autor trouxe para dentro da explicação sobre a economia pecuarista do São Francisco o que Capistrano de Abreu já havia descrito, apresentando detalhes a respeito dos provimentos e vestimentas para o trabalho do vaqueiro, como a cultura do couro e da carne, iniciando o interesse específico pelo comércio do sertão.

Nas feiras de gado brasileiras realizadas nas áreas de mineração a maior parte dos animais foi vendida por homens que controlavam o monopólio do suprimento de açougues das cidades, enquanto no recôncavo o gado foi leiloado aos plantadores, para os açougues, e os mercadores de couro. Por causa da necessidade de largos campos de pasto para as milhares de cabeças de gado a ser vendidas todo ano, as cidades cujas feiras foram feitas ficavam a quinze ou vinte milhas da feira central. No Nordeste, Goiana, próximo a Recife, foi o ponto central para a venda de gado para o sertão. Capuame,

Cachoeira e Feira de Santana, no oeste do recôncavo baiano, desenvolveram feiras centrais para as boiadas que vinham de Jacobina, enquanto as que vinham de Joazeiro eram vendidas em Aramari, ao norte ²⁴⁹.

Depois de localizar Feira de Santana entre esse comércio e cultura, percebeu o quanto o mercado de Feira agregou aspectos da pecuária, das experiências de vida do vaqueiro e do abastecimento interno, em uma só realidade.

Essa mistura de elementos da história dos sertões com o tema das áreas de fronteira e comércio do Nordeste levaram Poppino a desenvolver, em Feira de Santana, um projeto completo de um trabalho de campo que resultasse em um estudo direcionado para a compreensão da economia dos sertões e não apenas, agregar situações que apontassem para uma espécie de “novidade”, ao se deparar com as formas como as relações sociais entre grupos diversos aconteciam no Município escolhido. Suas intenções eram a de buscar repetições de modelos já estudados e apresentar diferenças encontradas em Feira de Santana.

Foi aí que, na tese sobre Feira de Santana, os estudos de Poppino se ligaram com o interesse dos coordenadores baianos do PPSEBa em pesquisar o sertão, ao ser apresentado por Thales de Azevedo ao grupo²⁵⁰.

5.3 O INÍCIO DAS PESQUISAS E O TRABALHO DE CAMPO

Thales de Azevedo era o anfitrião maior para estas parcerias. Em sua casa, na Graça, fazia hospedagem dos norte-americanos para a pesquisa, mas também para jantares, as conversas informais e a apresentação da cidade de Salvador e seus festejos aos visitantes. A “International House”, como ele chamou, em correspondência a Charles Wagley, era um ambiente de encontro e organização de rumos de pesquisa.

²⁴⁹ “At the Brazillian cattle fairs held in the mining area most of the animals were sold to men who controlled the monopoly of supplying the butchers of the towns, while in those held in the reconcavo the livestock was auctioned to the planters, to the butchers, and to the merchants in the leather tread. Because of the necessity for large pastures for the thousands of cattle sold every year, the towns in wich the fairs were held were usually located fifteen or twenty miles from the chief market. In the Northeast, Goyana, near Recife, was the central point for the sale of cattle from the northern sertão. Capoame, Cachoeira and Feira de Sant’ Ana, in the reconcavo to the west of Bahia, developed as the chief fairs for the boiadas which arrived via Jacobina, while those which had come through Joazeiro, were customarily sold at the weekly cattle fair held at Aramary, north of the capital.” (POPPINO, 1949, p. 71).

²⁵⁰ “Sua pesquisa de muitos meses em arquivos da cidade de Feira de Santana e da antiga capital federal, com o aproveitamento de dados e materiais de difícil consulta como coleções de jornais editados no grande mercado de gado baiano durante o período de 1859 a 1950...”. AZEVEDO, Prefácio *In*: POPPINO, 1968.

Ali também se reuniram esposas, parceiras de trabalho e colaboradoras, que muitas vezes trabalhavam nas pesquisas. A questão da participação feminina nos trabalhos do PPSEBa, não menos importante, depende de um trabalho específico sobre o tema, mas destacamos que algumas pesquisadoras, como Josildeth Consorte, desenvolviam suas próprias pesquisas, com autonomia, e tiveram pouco destaque nas publicações que foram feitas no período em que as faziam. Josildeth Gomes da Silva, no período, atuou nas pesquisas desde seu primeiro ano de graduação do curso de Geografia e História da Universidade Federal da Bahia, em 1949, acompanhando o trabalho de campo dos pesquisadores do PPSEBa e depois iniciando uma carreira como antropóloga preocupada com a educação²⁵¹.

Em geral, outras mulheres ofereceram suporte acadêmico e materiais nas bibliotecas públicas e arquivos pessoais, o que podemos acompanhar também pelos agradecimentos no âmbito dos prefácios e edições posteriores dos trabalhos resultantes. As pesquisadoras brasileiras ofereciam suporte para os pesquisadores norte-americanos, pelo menos nesse contexto inicial, como pudemos ver na fala da própria antropóloga, pois os nomes masculinos ganharam a recepção e encontraram boa parte do material levantado praticamente prontos. Havia nomes masculinos também, entre os bolsistas, mas inúmeras questões envolveram relações pessoais e de gênero. Sobre esse assunto, Ricardo Sangiovanni tratou com maiores detalhes. (SANGIOVANNI, 2018).

A sua experiência em campo era mais direta, enquanto os homens como Ben Zimmerman, Marvin Harris, Rollie Poppino, integravam o grupo reunindo os materiais com suas conclusões

²⁵¹ “Após esta experiência, Josildeth obteve apoio da CAPES para realizar estudos em antropologia, entre 1952 e 1953, na Escola de Sociologia e Política de São Paulo e, entre os anos de 1953 e 1955, na Universidade de Colúmbia. A experiência em pesquisa e a formação obtidas no Brasil e nos EUA dotaram Josildeth de um perfil que se adequava ao novo projeto político e institucional de Anísio Teixeira, oficializado em 1955, mesmo ano que a antropóloga baiana retornava ao Brasil”. FERREIRA, Márcia Santos. Josildeth Consorte e a antropologia na escola excludente. **Revista HISTEDBR** On-line, Campinas, nº 53, p. 380-390, out2013 – ISSN: 1676-2584 381, p. 381. Ver também DAMASCENO, Janaína; OLIVEIRA, Isabela; FIGUEIREDO, Érica. Entrevista com Josildeth Consorte Gomes. Os 60 anos do Programa de Estudos Sociais Estado da Bahia e Universidade de Columbia. **Cadernos de Campo**, São Paulo, 2009, n. 18, p. Consorte contou que “Então de junho de 1949 a junho de 1950, eu fui auxiliar do Dr. Thales no levantamento de todo material, de todas as fontes, de tudo que foi possível reunir para subsidiar em Salvador esse trabalho, construindo uma infra-estrutura, levantando dados e todo tipo de fontes que a gente podia para que quando eles chegassem, encontrassem tudo à disposição. Esse foi o momento que antecedeu a chegada do professor Wagley e dos seus três doutorandos para começar o trabalho. No ano de 1949, nós, na Bahia, ficamos envolvidos com a montagem da infraestrutura enquanto eles, lá na Universidade de Columbia, se preparavam através de seminários, discutindo o Brasil, tentando aprofundar seu conhecimento da realidade do estado da Bahia. Foi um ano de seminários lá e de grandes preparativos aqui.”, p.203. Josildeth Consorte procurou creditar a proposta a Anísio Teixeira e suas preocupações educacionais e chega a pensar que essas preocupações teriam locução com o tema do Negro no Brasil, a partir das questões de Arthur Ramos. Porém Josildeth revela que ainda não havia “descoberto” textos nos quais Anísio Teixeira expusesse a questão com clareza.

nos textos finais. Pouco sabemos sobre os diálogos metodológicos que travaram com estas autoras no andamento das pesquisas de campo²⁵². Mais do que ser vistas como auxiliares, hoje os trabalhos que discutem o tema já verificam uma atuação influente na concepção e no resultado das pesquisas, vindas dessas pesquisadoras, por estarem em contato com o estudo a ser feito, selecionando locais, pessoas, perguntas. (SANGIOVANNI, 2018).

Rollie Poppino esteve no Brasil na mesma época que Jacob Viner, que veio proferir palestras no Rio de Janeiro e na USP, para espectadores interessados nas suas análises sobre economia internacional²⁵³. Ao receber bolsa para ir à Bahia, esta “concedida pela Fundação Henry L. and Grace Doherty”, Poppino ficou encarregado, pela FDC-BA, em pesquisar especificamente o município de Feira de Santana, dizia o Correio. Depois disso, Poppino teve vôo marcado para outubro daquele ano, passando seu verão em Salvador e seguindo para Feira de Santana ainda no mês de janeiro²⁵⁴.

As versões luso-brasilianistas sobre o papel de Salvador na colônia ganharam espaço, e cônsules, embaixadores, escritores e pesquisadores foram convidados, em 1950, a participar como observadores, mas também como elaboradores para a construção de uma ótica própria sobre o papel do estado da Bahia na formação do Brasil. A História Colonial, no Brasil, voltava-se para os personagens da Bahia, seu papel e sua projeção. Não só por essa razão, a Bahia se afirmou como símbolo de acolhimento e humanidade, como vimos em várias passagens da imprensa que recuperaram seus símbolos de afirmação nacional.

²⁵² Fundo Marvin Harris, Instituto Smithsonian, EUA. Carta de Thales de Azevedo a Charles Wagley. 3 de janeiro de 1950. No documento, Azevedo trata de uma prestação de contas com Wagley, a respeito das despesas que tiveram com estudantes, noticiando a transferência de dinheiro para as contas correntes, uma delas intitulada “Estudantes Brasileiros”, também informa o pedido de transferência de dólares para Charles Wagley por intermédio do Banco do Brasil do Rio de Janeiro, quando fez o depósito de 100 mil cruzeiros.

²⁵³ “Dois norte-americanos agraciados com bolsas de estudo para o Brasil”, foi a chamada da nota do Correio da Manhã, que ressaltou que “um professor e um universitário de duas das mais importantes universidades dos Estados Unidos foram agraciados com bolsas de estudo para o Brasil”, sendo eles, o “Dr. Jacob Viner, professor do Departamento de Instituições Econômicas e Sociais, na Universidade de Princeton, em New York, e Rollie Poppino, estudante diplomado em História pela Stanford” Correio da Manhã, 11 de maio de 1950, edição 17530, p. 3. Acervo da hemeroteca da Biblioteca Nacional.

²⁵⁴ “Poppino fará um estudo de um ano sobre a história municipal, social e econômica de Feira de Santana, no estado da Bahia”. Dois norte-americanos agraciados com bolsas de estudo para o Brasil”. Correio da Manhã, 11 de maio de 1950, edição 17530, p. 3. A Pan-American Air Lines do Brasil recebia os fundos a partir dos investimentos da FDC-BA, pelo Banco do Brasil. Os detalhes das passagens eram resolvidos pelos próprios viajantes, que contavam com reservas em hotéis luxuosos e recepção calorosa, enquanto aproveitavam para conhecer o Brasil. O Rio de Janeiro era sem dúvida o grande atrativo turístico e social, mas a chegada em Salvador encantava estes intelectuais.

Este ano que agora se inicia é um ano santo para os que creem para os que sentem, para os que amam. É o ano de volta ao regaço materno dos brasileiros de todos os recantos do Brasil tornarem ao seio generoso de onde partiram²⁵⁵.

Poppino buscou um laboratório para interpretação da realidade brasileira contemporânea e Feira de Santana foi terreno fértil, não só por ser uma área promissora e correlacionada com os temas sociais em voga – a mestiçagem, o desenvolvimento do interior do estado – mas por garantir condições para que Rollie Poppino mostrasse suas habilidades em narrar e escrever a história de uma comunidade sertaneja específica.

Vaqueiros e Cowboys, bandeirantes e colonos do Oeste já faziam parte de narrativas comparativas feitas por Poppino, ao estilo de Sérgio Buarque de Holanda, no texto que resultou de sua defesa de final de curso em Stanford, *Cattle Industry in San Francisco Valley*. Aportado nos clássicos divulgados pelas políticas editoriais do período, Poppino encontrou em Feira de Santana um espelho perfeito do debate sobre o sertão e o gado, ao prosseguir com os interesses de estudo dentro do PPSEBa.

As visões épicas sobre a chegada dos vaqueiros ao interior e as guerras do sertão se uniram a revelações sobre as possibilidades da economia interna para crescimento do estado. O sertão pecuarista de Rollie Poppino se acoplou perfeitamente com as motivações do PPSEBa: era preciso ampliar o grau de observação sobre a economia que não se limitava mais à pecuária e ao comércio, mas era igualmente importante enxergar essas atividades em seus pontos potenciais. A sua pesquisa foi construída praticamente como um relatório etnográfico, seguindo as orientações do programa coordenado pelos seus parceiros acadêmicos e anfitriões, movido por conversas com moradores e pelo material recolhido para a pesquisa.

No relatório produzido pelos coordenadores, na reunião da Revista de Antropologia, em 1954, realizada no Museu Nacional, havia um destaque para o tema. Allí se discutiram tópicos para consolidação da Antropologia e a importância das pesquisas regionais, do oferecimento de um sentido prático, engajado, que superasse a ação teórica e reflexiva. Os pontos 6 e 7 ficaram por conta de Luiz A. Costa Pinto e Thales de Azevedo, em Estudos de Comunidades e Estudos Regionais, respectivamente. Destes encontros participaram Nestor Duarte, Alfred Metraux,

²⁵⁵ Nelson Carneiro volta ao regaço materno. A Tarde, ano 37, 6 de janeiro de 1949. Ex.12592, página 3. “O instituto Histórico Movimenta-se: a nomeação de Tomé de Souza e outros assuntos de interesse”. A Tarde, ano 37, ex 12594, 8 de janeiro de 1949, página 2. Associaram-se o IGHB e o Congresso de História da Bahia em prol de debates do gênero: “em homenagem ao rei de Portugal”, “que mandou fundar a primeira metrópole da América Portuguesa e instalar o Governo Geral do Brasil”, (Id., Ibid.). O Consul de Portugal foi “membro protetor” do Congresso de História da Bahia. A Tarde, Salvador, ano 37, ex12603, 19 de janeiro de 1949, p. 2.

Jayme Abreu, que era superintendente do Ensino Médio, e Bichat Rodrigues, Diretor do Serviço de Saúde do Interior²⁵⁶. Segundo Azevedo, a Sra Terezinha Pires de Souza, juntamente com Sonia Oliveira Santos, Otávio Mansur de Carvalho, Maria Azevedo e o cartógrafo Mário Martins de Oliveira auxiliaram os trabalhos dos pesquisadores em campo. As fotografias ficaram a cargo de Pierre Verger. Muitas vezes, Thales de Azevedo fazia encomendas específicas de fotografias em campo, dependendo das questões levantadas pelo estudante responsável por cada região²⁵⁷.

A estadia de Rollie Poppino em Feira de Santana foi curta. Mesmo designado para ficar no município entre janeiro e setembro de 1951, passou boa parte do seu tempo hospedado por Thales de Azevedo, na Graça, em Salvador, onde também coletou documentos no Arquivo Público do Estado da Bahia.

Sob o patrocínio do PROGRAMA DE PESQUISAS SOCIAIS ESTADO DA BAHIA-COLUMBIA UNIVERSITY, o historiador Rollie E. Poppino, de Stanford University, da Califórnia, residiu em Feira de Santana durante os meses de janeiro a setembro de 1951, como bolsista da Doherty Foundation e da Fundação para o Desenvolvimento da Ciência na Bahia, fazendo pesquisas para uma história econômica e social daquele município²⁵⁸.

Rollie Poppino e sua companheira, Louis L. Poppino, conheceram Salvador depois de uma temporada para celebração do casamento recente e passaram a frequentar a casa de Thales de Azevedo, mesmo durante o período em Feira. O carnaval de 1951 atraiu o norte-americano de volta a Salvador, onde novamente ficaram na Graça para observar a movimentação da festa.

²⁵⁶ Deu-se destaque para Antony Leeds, vindo como bolsista do Ministério do Exterior para pesquisa sobre o cacau.

²⁵⁷ Ver SANTOS, Edinei dos. **Redes de Pesquisadores**. Instrumentos pedagógicos para a sua formação e consolidação. Salvador, 2012. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade da Universidade do Estado da Bahia. Na dissertação Edinei dos Santos mostrou o olhar etnográfico de Pierre Verger como fonte de inspiração para os estudos do PPSEBa e do Programa da UNESCO para a Bahia, através de seus usos nas pesquisas de Charles Wagley e da sua forte amizade com Alfred Metraux.

²⁵⁸ Revista de Antropologia, Vol. 2, No. 1 (JUNHO 1954), pp. 77-84 e *Cattle industry in colonial Brazil*, *Sud – America XXXI*, outubro de 1949, 219 – 247. Esta estadia foi interrompida pela viagem que Poppino fez com a esposa até o Rio de Janeiro, durante a gestação de seu filho, quando Poppino a acompanhou para seu retorno até Nova York. Não sabemos ainda, ao certo, se Poppino permaneceu até os últimos meses destinados à pesquisa na cidade, pois Thales solicitou do mesmo que, na ocasião, ele fizesse um recibo declarando os gastos da Fundação para o Desenvolvimento da Ciência na Bahia, até então, com a pesquisa. “Em virtude de estar esperando bebê, Ms Poppino veio de Feira e seguiu hoje, com Poppino, para o Rio, onde hoje mesmo embarcará para os Estados Unidos. Ele voltará via Rio de São Francisco. Como já tínhamos a verba e ele ia ter essa despesa agora, paguê-lhe o que havíamos combinado, pedindo-lhe um recibo (...)”. Fundação para o Desenvolvimento da Ciência na Bahia, 15 de maio de 1951. Fundo Marvin Harris, Instituto Smithsonian. Outra situação é a hospedagem de Poppino com Thales de Azevedo, quando ele se refere que o mesmo estaria em sua “International House”, em fevereiro de 1951, na véspera do carnaval. “Poppino chegou ontem, com sua esposa, está hospedado em nossa International House! Está trabalhando, muito animado.” Carta de Thales de Azevedo a Charles Wagley. 3 de fevereiro de 1951. Fundo Marvin Harris, Arquivo do Instituto Smithsonian.

Já no dia da festa do Rio Vermelho, ele e Harris resolveram ficar em Salvador, enquanto outros colegas preferiram permanecer em campo. Acompanhado da esposa, novamente, precisou levá-la até o Rio de Janeiro para que embarcasse de volta para Nova York, devido a questões que envolviam a gestação do primeiro filho do casal. No retorno, mediante custos da viagem, precisou seguir pelo São Francisco, conhecendo um pouco mais do interior do estado. Provavelmente, após deixar a esposa no Rio, utilizou transporte terrestre²⁵⁹.

Um dos locais dos encontros entre os pesquisadores em Salvador era a Associação Cultural Brasil-Estados Unidos. Lá, ao mesmo tempo que entraram em contato com linguistas, unindo o trabalho de bolsistas e educadores, contaram com uma parceria que permaneceu ativa até a organização das traduções, editadas pela Universidade da Bahia, pela Editora Progresso e Editora Itapuã, posteriormente²⁶⁰.

O intercâmbio, para o “empreendimento”, foi facilitado, segundo os próprios acadêmicos, pela visão das relações exteriores do governo de Mangabeira.

Este grande empreendimento, tornado possível graças ao espírito que presidiu a administração Octavio Mangabeira, é o resultado da cooperação técnica e financeira de importantes organizações administrativas, universitárias e científicas do Brasil, dos Estados Unidos e, podemos dizê-lo em referência à UNESCO, de todo o mundo²⁶¹.

Quanto a este quesito, Thales de Azevedo possuía carta aberta com Anísio Teixeira para negociar a vinda dos estudantes, enquanto ele próprio fazia as apresentações dos visitantes ao secretário. No inverno de 1950, Poppino já estava na Bahia para tratar de sua vinda posterior para a pesquisa. O pesquisador já parecia familiarizado com Thales de Azevedo quando chegou a Salvador para conversar com o presidente da Assembléia Legislativa, Carlos Valadares, e passou a visitar a casa de Thales e a transitar entre os intelectuais da FDC-BA. Foi Thales de Azevedo quem garantiu que o vice-governador fizesse os telefonemas necessários para sua estadia e pesquisa em Feira de Santana.

Thales de Azevedo, em carta ao colega Charles Wagley, afirmou:

Fui pessoalmente com ele à casa do Dr. Carlos Valadares, deputado estadual e vice-governador, levando uma carta de Anísio. Muito bem recebidos. No

²⁵⁹ Carta de Thales de Azevedo a Charles Wagley. 3 de fevereiro de 1951. Fundo Marvin Harris. Arquivo do Instituto Smithsonian, Washington DC.

²⁶⁰ Pois verifique-se que Archimedes Pereira Guimarães dirigiu várias ações nesse sentido e foi também o tradutor do livro Feira de Santana, pela Itapuã.

²⁶¹ Revista de Antropologia, Vol. 2, No. 1 (JUNHO 1954), pp. 77-84 e Cattle industry in colonial Brazil, Sud – America XXXI, outubro de 1949, 219 – 247.

mesmo dia, telefonou às principais pessoas de Feira. Poppino, que esteve aqui hoje, disse-me que tem sido visitado por Juízes, Promotor e está muito satisfeito²⁶².

O contato com Carlos Valadares, articulador político do PSD que assumiu o governo da Bahia no último ano do quadriênio da gestão Mangabeira, promoveu os laços políticos com Feira de Santana. Valadares já se ocupava dessa tarefa, fazendo alianças entre Otávio Mangabeira e a política local. Passando por problemas de saúde, Otávio Mangabeira deixou a gestão para Valadares em 1950, quando ele era deputado pessedista²⁶³, tarefa que já havia assumido em 1949. Exercendo o cargo como governador interino, tocou os projetos da gestão e pôde aproximar Poppino, como pesquisador, do ambiente político em Feira de Santana, através dos contatos que foram feitos, como bem disse Thales de Azevedo. Outras medidas e ações que vinham sendo barradas pelo legislativo de Feira de Santana ganharam projeção com a atuação de Carlos Valadares, responsável por fazer essa conexão importante para a continuidade da representação da UDN em Feira de Santana. Achamos oportuno tratar do papel ocupado por Carlos Valadares nesse processo.

5.4 CARLOS VALADARES: UM VÍNCULO DA POLÍTICA DA UDN COM O PSD EM FEIRA DE SANTANA.

As articulações entre PSD e UDN que movimentavam o campo de apoio aos empreendimentos culturais do governo de Otávio Mangabeira e Carlos Valadares foi um “homem-ponte” neste sentido. Consideramos que o PPSEBa foi além dos propósitos que foram explícitos pela Secretaria de Educação e Saúde, com a preocupação exposta por Thales de Azevedo, Charles Wagley e Luiz A. Costa Pinto em consultar políticos locais. Seguindo a pista de contato entre Poppino e Valadares em Salvador, e, ao estudar os vínculos do deputado em Feira de Santana e com o governo de Otavio Mangabeira, verificamos a sua importância na ligação dos projetos do executivo estadual com a política feirense.

Carlos Valadares (1911-1966) nasceu em Feira de Santana, mas há registro na Assembleia Legislativa da Bahia de que ele nasceu em Coração de Maria e elegeu-se como deputado estadual em 1947. Antes disso, já possuía atuação política no município como político

²⁶² Carta de Thales de Azevedo a Charles Wagley. Fundo Marvin Harris, Biblioteca do Smithsonian. 3 de junho de 1950.

²⁶³ Diário de Notícias, Rio de Janeiro, 1950, primeira seção, quarta página, “Governador Otávio Mangabeira”. edição 8393, Acervo da Hemeroteca da Biblioteca Nacional.

integralista, de acordo com nossa consulta às Atas da Câmara Municipal. Foi eleito prefeito em Feira em 1946²⁶⁴.

No contexto em que essa rede de contato se estabeleceu, a conciliação partidária propagandeada pela UDN e pelo PSD, em 1950, repercutia nacionalmente. Em uma das reportagens do Diário de Notícias, a aliança da gestão da UDN com os políticos do “interior” foi reforçada, com o título “Como se pratica na Bahia o regime democrático”, na qual o discurso do governador Mangabeira foi narrado como emblema daquela ação em prol de um novo governo sucessório para o estado²⁶⁵. Dentro da política de conciliação dos dirigentes partidários da UDN, a juracista e a autonomista, divergentes devido ao não apoio baiano à intervenção de Juracy Magalhães na década de 1930, o nome de Carlos Valadares foi indicado na Assembléia para direção, devido ao fato de que, sendo pessebista, tratava com menos peso as divergências internas da UDN frente ao governo. Assim, as lideranças pessedistas do interior do estado representavam uma articulação importante para as classes dominantes do estado e que se viam ligados à UDN e à imagem aliancista de Otávio Mangabeira. Mangabeira deixou definitivamente o governo em 2 de julho de 1950, passando o cargo para Carlos Valadares, deixando claro que essa seria a estratégia para garantir sua sucessão, a qual não entraremos em maiores detalhes.

Carlos Valadares, como deputado, tinha uma relação próxima com o Ministério da Educação, compondo comissões e discutindo projetos de lei referentes ao financiamento educacional. Talvez por isso sua tarefa de fazer as indicações em Feira de Santana, guiando a aproximação política de Poppino com dirigentes locais tenha sido uma amostra do espectro de trabalho nesse setor. Valadares discutiu o financiamento de cursos de formação de professores primários, participou de debates nacionais sobre os custos da vinda de norte-americanos para o país, como os que trabalhavam na Comissão Mista Brasil-Estados Unidos e foi ativo nos debates das comissões do Ministério da Educação. O deputado havia sido aluno de Jaime Junqueira Ayres, de quem ganhou a sucessão na liderança da Assembléia legislativa, pelo PSD²⁶⁶.

²⁶⁴ Não há nenhum trabalho específico sobre Carlos Valadares e sua atuação política e colhemos dados sobre sua vida na própria Câmara Municipal em Feira de Santana e em sites do governo federal, como CÂM. DEP. *Deputados*; CÂM. DEP. *Relação dos dep.*; CISNEIROS, A. *Parlamentares*.

²⁶⁵ Como se pratica na Bahia o regime democrático. Diário de Notícias, Rio de Janeiro, sexta-feira 31 de março de 1950. Acervo da hemeroteca da Biblioteca Nacional.

²⁶⁶ Notas parlamentares. Diário de Notícias. Rio de Janeiro, 9 de abril de 1949, Edição 8115. Primeira seção, quarta página.

Os vereadores da Câmara Municipal iniciaram as sessões ordinárias em 1948, quando foi posto em pauta o reconhecimento das eleições de Carlos Valadares e de Eduardo Froes da Mota como deputados, havendo inclusive uma solicitação de moção pública e apoio para ambos²⁶⁷. O assunto evidenciou que havia contendas sobre restrições ao nome de Carlos Valadares, pois a necessidade desse apoio dividiu posturas entre os grupos políticos da cidade.

Nesse tempo, a bancada feirense era dividida entre a “Aliança Feirense” (PSD-PTB) e “Coligação Democrática Feirense” (UDN). Carlos Valadares participou da sessão de 4 de junho do mesmo ano, tratando a respeito de uma publicação do Jornal Folha do Norte, cujo tema eram as atividades da Câmara Municipal. O FN teria atacado Carlos Valadares, que buscou se defender através de Antônio Matos, aproveitando a participação para reforçar sua defesa²⁶⁸.

Um acordo entre o PSD e o PTB elegeu Agnaldo Boaventura, prefeito de gestão altamente conturbada e que sofreu grande oposição na Câmara Municipal. Boaventura não possuía nem mesmo o apoio de seu antigo partido, o PTB. O PTB alegava que as posturas do prefeito não eram condizentes com o estatuto da organização²⁶⁹. Os principais problemas denunciados eram aparentemente as contas públicas, mas havia disputas anteriores, onde Agnaldo Boaventura passou a ser apontado como “traidor”, no momento em que o PSD costumava suas alianças em Feira.

O Município caminhou lentamente na organização de seus tributos e recolhimento de impostos, cadastros, e as contas públicas foram altamente confundidas com verbas partidárias, o que se tornou uma brecha para discussões da oposição na Câmara. Esse assunto perdurou ao longo de todo o primeiro ano de sessões. Enquanto isso, as disputas políticas diziam respeito à representatividade da UDN e do PSD em Feira²⁷⁰.

No episódio de 15 de setembro de 1948, Demócrito Soares tomou a palavra em defesa do deputado, depois de, mais uma vez, o noticiário feirense Folha do Norte ter, segundo ele, veiculado “difamações” dirigidas a Carlos Valadares. O passado integralista do deputado Valadares o colocava sob desconfiança da Coligação Democrática Feirense e Antônio Matos,

²⁶⁷ Livro de Atas n.1. 19 de Maio de 1948 a 6 de junho de 1951. Câmara Municipal de Feira de Santana, p. 2. Arquivo da Câmara Municipal de Feira de Santana.

²⁶⁸ Ata da 10 Sessão ordinária da Câmara Municipal de Feira de Santana, Livro de Atas n.1, 21 de julho de 1948, p15. Arquivo da Câmara Municipal de Feira de Santana.

²⁶⁹ As discussões eram calorosas e repetidas vezes vários vereadores se retiraram do recinto, sendo a sessão encerrada. Ibid., ver p.32, 36, nos dias 06 de setembro de 1948 e 25 de agosto de 1948.

²⁷⁰ LINS, Rafael Quintela Alves. **A cidade ferve e o bicho espreita**: os dominantes e a política em Feira de Santana (1945-1964), Dissertação de Mestrado, Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana, 2014. Na dissertação, o autor explora o perfil dos membros dos partidos PSD, PTB e UDN, de maneira mais aprofundada e suas discussões sobre a representação da aliança entre o PSD e o PTB na Câmara.

pela Aliança Feirense, manteve sua postura de advogado local de Valadares. Matos alegou que a diferença entre nazi-fascismo e integralismo precisava ser levada em consideração antes dos ataques, pois Valadares era criticado por ter se associado ao integralismo.

Enquanto o FN divulgou notas de desconfiança sobre Valadares, o que ocorria de forma semelhante com Eduardo Froes da Motta, o deputado procurou defender a aceitação local do PSD como aliado da UDN. Valadares chegou a fazer um “manifesto ao povo feirense” no Folha do Norte, o qual foi requerido, através de sua bancada aliada, que constasse em Ata. Na ocasião, mais uma vez, Antônio Matos o defendeu, exaltando seus feitos junto ao governo do estado e clamando a aliança da Câmara de Feira com o governo estadual²⁷¹.

Esse tipo de conflito emperrava alguns projetos. Um exemplo foi a construção da Escola Modelo, em Feira de Santana, solicitação da Secretaria Estadual de Educação e Saúde, tendo em vista que Agnaldo Boaventura não concordava também com as posturas do governo estadual e embargava os processos. Assim ficava claro que os interesses do governo estadual encontravam barreiras no modo de condução da política local, com dificuldades internas em garantir a manutenção da aliança do PSD local com a UDN.

Mas esta situação mudou de configuração quando Carlos Valadares foi eleito como presidente da Assembleia Legislativa²⁷². Os vereadores de Feira de Santana passaram a discutir a função de Otávio Mangabeira nos projetos voltados para Feira, ao encontrar em Valadares uma voz “feirense” no estado. Mesmo com problemas políticos no passado, o nome de Carlos Valadares era aceito pela UDN feirense, pois no cenário estadual, a performance política mudava.

Otávio Mangabeira também flertava com essa aliança no interior do estado. O discurso feito pelo governador na posse de Valadares atingiu o brio dos feirenses na Câmara, pois Mangabeira exaltou Feira e seu papel de integração baiana, se comprometendo com subsídios para o sistema de água e esgoto locais e Carlos Valadares foi adjetivado de “benemérito feirense”²⁷³. Valadares foi aclamado pelo governador e por Antônio Matos, seu porta-voz na Câmara, como liderança, enquanto Agnaldo Boaventura, o prefeito, que já era visto com maus olhos, encontrou-se no Feira Palace Hotel com Juracy Magalhães, o que para Matos o colocou

²⁷¹ Livro de Atas n.1, Ata da Sessão Ordinária.p.55 a 57. Arquivo da Câmara Municipal de Feira de Santana.

²⁷² Livro de Atas n.1. Ata da Sessão Ordinária 10 de abril de 1950, p.132, 133. Arquivo da Câmara Municipal de Feira de Santana.

²⁷³ Ibid., p. 60-61.

cada vez mais distante também do PTB, ficando isolado²⁷⁴. Separados dos juracisistas, para os vereadores da Coligação Feirense, era preciso aceitar a liderança de Carlos Valadares e Otávio Mangabeira, uma forma de fortalecer a Câmara e suas solicitações no estado.

As bancadas feirenses precisaram de uma prova concreta da efetividade da aliança que foi feita com Otávio Mangabeira para representar a difusão de sua política ao interior. Para tanto, fizeram algumas exigências aos representantes do governo do estado. Uma das solicitações dos vereadores foi a de pedir a presença do engenheiro Vasco Filho em consultas públicas, para tratar de detalhes sobre o traçado da rodovia de ligação entre Feira de Santana e Salvador²⁷⁵.

Após o papel ocupado por Carlos Valadares neste quesito em especial, a bancada liderada por Almachio Boaventura, ainda vereador da Coligação Democrática, rendeu-se à política mangabeirista, vista com desconfiança, já que o representante que fazia a ligação de Feira com Salvador, Carlos Valadares, ainda estava sendo submetido a uma avaliação. Houve até um banquete, em Feira de Santana, para celebrar a presidência da Assembleia Legislativa por Carlos Valadares, selando a união pessedista com a UDN no estado²⁷⁶.

A nomeação de Valadares para governo interino no estado, ao mesmo tempo, foi a peça que faltava para que os resquícios de resistência com a aliança, em Feira, dessem passagem para a aceitação de um caminho para apaziguar os conflitos partidários entre a direita, diante da disposição do governo de Otávio Mangabeira com um dos redutos de resistência ao seu governo, empolgando os vereadores da situação.

Juntamente com a recepção local de Mangabeira, alguns símbolos da baianidade e do liberalismo eram reforçados. Entre os vereadores, era comum fazer das citações de Rui Barbosa, uma chave para consenso a respeito do fortalecimento da Bahia no cenário brasileiro e de manutenção da chapa coligada para o seguimento das eleições seguintes. Acompanhando as celebrações em 1949 e lembrado pela sua passagem em Feira de Santana na ocasião da

²⁷⁴ Ibid., p.62.

²⁷⁵ Em uma das requisições, houve um pedido de que a rodovia passasse pela Avenida Getúlio Vargas, que era então principal avenida da cidade, ligando a Rio-Bahia até Salvador através do centro comercial local. Quando os pedidos não eram plenamente atendidos, os edis costumavam colocar em discussão a legitimidade das alianças. Havia uma disputa, por exemplo, sobre qual seria a coligação que agilizaria os financiamentos para a concretização do sistema de abastecimento de água local.

²⁷⁶ Notas Políticas. Terça-feira, 21 de junho de 1949. Edição 08177, p. Diário de Notícias. Rio de Janeiro, Primeira Seção, sexta página. Acervo da Hemeroteca da Biblioteca Nacional.

campanha civilista²⁷⁷, a recorrência a seu emblema era uma forma de silenciar vozes oposicionistas.

Carlos Valadares foi o receptor de Rollie Poppino em 1951, até porque, era ele quem ocupava muitas funções diplomáticas ligadas à educação. O “benemérito feirense” foi o encarregado da conversa inicial com o historiador, fazendo as devidas apresentações, mas também foi o homem que ouviu as intenções de Poppino, demonstrando reconhecimento de que aquela pesquisa seria de contribuição pontual no contexto político e cultura em Feira e na Bahia.

Na época, Poppino preferiu fazer afirmações mais gerais sobre o comportamento político das lideranças locais, ao dizer que “a Câmara é um alvo ambicionado pelos quatro maiores partidos políticos de Feira de Santana”. (POPPINO, 1968, p.14).

Quando Rollie Poppino chegou em Feira de Santana, a “Coligação Democrática” já havia vencido as eleições e o quadriênio se iniciou com um legislativo comandado por Francisco Pinto, do PSD (1951-1955). A prefeitura, logo depois, passou a ser comandada por Almachio Boaventura, que tinha uma melhor recepção na Câmara e contava com todo apoio do governo do estado, fazendo uma gestão de situação fortemente ligada ao governador.

5.5 POR DENTRO DA TESE: HISTÓRIA E MEMÓRIA DAS LUTAS SOCIAIS EM FEIRA DE SANTANA

Ao produzir a tese, Poppino recorreu a comparações com as instituições e modos de vida norte-americanos, já que era influenciado também por visões sobre a América Latina vigentes nos Estados Unidos. Unindo as solicitações dos coordenadores do PPSEBa com o americanismo do pós Segunda Guerra, o autor também revelou a necessidade de apontar fatores que evocavam uma espécie de amadurecimento político para aquelas áreas estudadas²⁷⁸.

Os paralelos entre Brasil e Estados Unidos não eram novos. Nomes como o de Gilberto Freyre eram conhecidos do público acadêmico norte-americano, vindo a ser cada vez mais lido no exterior (SKIDMORE, 1994, p. 10). Mesmo assim, através de redes de contato vimos cada vez mais parcerias sendo formadas para que houvesse títulos norte-americanos sobre o Brasil.

²⁷⁷ Ibid., p.105

²⁷⁸ A tese foi defendida no Programa de Filosofia de Stanford, em 1953. Segundo Luís Mott, o Município foi escolhido justamente pelos motivos de sua importância comercial e estratégica. MOTT, L. (1969). Rollie E., Poppino - Feira de Santana. **Revista Do Instituto De Estudos Brasileiros**, (6), 156-157. <https://doi.org/10.11606/issn.2316-901X.v0i6p156-157>.

Rollie Poppino ofereceu ao leitor norte-americano um panorama da realidade local e utilizou como artifício de escrita a ótica dos contrastes entre o sertão e as economias e sociedades do povoamento costeiro. Em sua narrativa, Feira foi uma área de transição com uma geografia costurada às atividades econômicas. Esse percurso lhe serviu como base para entendimento de uma situação chave no Brasil, na qual uma área de densidade populacional crescente apontou para antigos problemas sertanejos e despontou como possibilidade para a aplicação de recursos novos.

O principal foco, que uniu as pesquisas de cada acadêmico convidado e o PPSEBa, foi o de pensar sobre o papel da economia de cada uma das áreas para o crescimento econômico do estado. É claro que este esforço gerou outras preocupações, como as que aparecem no texto de Poppino, evidenciando situações nas quais poderiam se encontrar alavancas para investimentos estrangeiros, destacando a produção interna como alavanca para o crescimento, gerado por movimentos específicos das classes dominantes locais²⁷⁹.

Feira de Santana, no período em que foi selecionada pelo PPSEBa, já era um “nó”, uma “verdadeira encruzilhada”, “catalisadora” dos sentidos atribuídos para o crescimento das veias comerciais do interior com a capital. O trabalho de Rollie Poppino apontou o melhoramento da ligação com a capital, a modernização do sistema de pesagem e venda de gado e carnes ao longo do século, o acesso à água e ao abastecimento de grande porte, a energia elétrica, a urbanização, que figuraram entre as mudanças de padrões na vida feirense selecionados por ele²⁸⁰.

²⁷⁹ A relação construída é que as respostas oferecidas às políticas econômicas para a Bahia no início dos anos 1950 passavam pelas disputas entre setores diferentes das oligarquias baianas, suas discordâncias e compreensões sobre quais seriam as atividades da economia do estado a carecer de maiores investimentos tecnológicos. Essa conversa perpassa, sobretudo, as concepções em voga sobre os caminhos para solucionar o enigma baiano. Para o governo, a corrente que defendia a recorrência aos recursos externos, mangabeirista, não associou estes recursos a uma possível industrialização. Além do mais, toda a expectativa sobre a entrada dos capitais norte-americanos na Bahia não vinha, necessariamente, pela via dos acordos do governo federal com a diplomacia norte-americana. As vozes que debatiam o tema da economia baiana, em *A Tarde*, por exemplo, sabiam que, boa parte da propaganda sobre o auxílio mútuo, nas relações Brasil e Estados Unidos, acenou muito mais para uma aproximação política diplomática do que para um interesse sincero dos norte-americanos em garantir o crescimento de áreas rurais. Envolvidos com visitas ao território baiano, o Mr. Abbink – afamado nome da missão da Comissão Mista Brasil-Estados Unidos - queria localizar setores compreendidos como potenciais, mas a oferta de capitais como tecnologias, ainda era um assunto duvidoso.

²⁸⁰ Sobre Feira de Santana, nos anos 1950, ver OLIVEIRA, Ana M. C. dos S. **Feira de Santana em tempos de modernidade: olhares, imagens e práticas do cotidiano (1950-1960)**. Recife, PE, 2008. 220f. Tese (Doutorado em História) - Universidade Federal de Pernambuco, Centro de Filosofia Ciências Humanas, Recife, 2008; OLIVEIRA, Clovis F. R. M. **'Canções da cidade amanhecendo': urbanização, memórias urbanas e silenciamentos em Feira de Santana, 1920-1960**. 2011. 298f. Tese (Doutorado) - Universidade de Brasília. Programa de Pós-graduação em História, Brasília, 2011; LINS, Rafael Quintela Alves. **A cidade ferve e o bicho espreita: os dominantes e a política em Feira de Santana (1945-1964)**, 2014.

As explicações oferecidas por ele, sobre os caminhos do gado e a importância de Feira de Santana na história destes caminhos seriam, para Ana Dias, insuperáveis naquele contexto. Para ela,

Impossível será, sem uma pesquisa muito demorada e longa, acrescentar algo mais ao que está exposto acima pelo autor. Poderíamos acrescentar uma comparação entre o traçado mais ricano dos antigos e recentes caminhos do gado e as rodovias atuais, tal conclusão não cabe no presente trabalho que não passa de uma simples informação sobre o assunto²⁸¹.

Na edição de 1968, Thales de Azevedo nos mostrou porque Poppino era, para ele, o historiador que veio responder a uma carência específica do projeto. Gilberto Freyre havia dirigido, para o grupo do PPSEBa, a crítica de que não houve entre os acadêmicos um investimento na escrita de história, com a ampliação de iniciativas muito mais voltadas para os estudos sociológicos e antropológicos. Segundo Azevedo, esta contenda seria resolvida quando Poppino tratou das “instituições, as estruturas sociais e os costumes” (AZEVEDO, 1968, p.2). Para Azevedo, a tese, quando foi publicada em português, depois de 15 anos, ocupou-se da tarefa de oferecer uma resposta para as ciências sociais, na Bahia, demonstrando domínio de métodos da história e da sociologia e comparou a narrativa de Poppino ao papel de Stanley Stein e Fernando Azevedo.

Comentando Críticas de José Honório Rodrigues e de Gilberto Freyre ao que lhes pareceu a-historicismo em trabalhos nossos, tivemos já ocasião de aludir à inconsistência de um método que se obstinasse em ser apenas uma História Natural do social e desdenhasse, entre outras coisas, de aprofundar no tempo as origens e os processos explicativos dos fenômenos sociais e culturais. (AZEVEDO, 1968, p.2).

Havia, como preocupação, para Thales de Azevedo, a construção de explicações sociais e comportamentais para problemas sociais. O Brasil vivia um clima de reflexão sobre seu futuro, no seio dos grupos intelectuais das classes dominantes, que se voltavam para a compreensão de seu passado, colocando a Bahia na formação nacional e, ao mesmo tempo, reforçado como um centro de articulação da política da direita nacional da UDN.

²⁸¹ CARVALHO, Ana Dias da Silva. **Feira de Santana e o comércio do gado**. 1958, p.19 <https://www.agb.org.br/publicacoes/index.php/boletim-paulista/article/.../1112>. A autora usou como referência a primeira tradução, feita pela editora Progresso, conforme citou “POPPINO, Rollie E. - **Princesa da Sertão**: a história de Feira de Santana. Stanford, Califórnia — 1953 — (Tradução de Archimedes P. Guimarães). — (Deverá ser publicado, em breve, pela Livraria Progresso Editora na série do “PROGRAMA DE PESQUISAS da Fundação para o Desenvolvimento da Ciência na Bahia”)” Ibid., p. 36.

Por outro lado, houve uma tensão, no campo intelectual mais conservador da direita brasileira, em ressaltar a validade dos estudos de caráter mais global e histórico-social. Nos anos 1970, Florestan Fernandes apontou para a consolidação, no campo das ciências sociais no Brasil, de metodologias deste tipo. Para ele, diante das dificuldades de financiamento e da cobrança de um sentido direto de aplicação para compreensão da realidade brasileira, as ciências sociais tenderam a investir em explicações não nomotéticas, o que para ele contribuiriam mais com o crescimento da sociologia como ciência²⁸². No entanto, a história e as explicações voltadas para uma narrativa da formação social brasileira, ainda não haviam encontrado essas aplicações em estudos locais.

Ao mesmo tempo em que Rollie Poppino atenderia a essas expectativas, poderia cumprir sua agenda de trabalho na pós-graduação de Stanford. Pesquisar Feira também tornou possível, para Poppino, associar seus argumentos de estudos sobre o baixo São Francisco com as alavancas comerciais em Feira. Ao fazer isso, preferiu organizar o estudo sobre a região abrangida pela influência de Feira de Santana e não apenas o Município²⁸³.

Na proposta original do texto, a divisão das sessões dos capítulos é mais ampla e diferente da publicação da Itapuã (com 328), com 452 páginas, mas esse detalhe diz respeito à quantidade de tópicos do glossário em língua inglesa e a própria versão datilografada da tese original (que eleva o número de páginas). Tais laudas foram ocupadas, no original, com um glossário para os leitores em inglês sobre palavras onde não encontrou equivalente como *candomblé*, *mameluco*, *campo de engorda*, *nomes de empresas*, *instituições* - e outras como *frutas*, *festas* e *produtos da economia do sertão*. O glossário oferece um tom de etnografia ao leitor da tese e as

²⁸² “o fascínio exercido pelo padrão de análise histórico-sociográfica prende-se a várias influências concomitantes. Em primeiro lugar, a maioria dos sociólogos brasileiros está inclinada a pensar que a explicação sociológica deve ser, por natureza, uma explicação histórica. Essa convicção funda-se, teoricamente, no aproveitamento superficial dos ensinamentos de alguns autores clássicos nas ciências sociais. Mas ela se vincula, pragmaticamente, a uma orientação intelectual arraigada entre os ensaístas ou os precursores e os fundadores dos estudos sociológicos no Brasil. De Tavares Bastos e Aníbal Falcão a Euclides da Cunha e Alberto Torres ou Oliveira Vianna e Gilberto Freyre, sempre prevaleceram, nas tentativas de interpretação da realidade brasileira, intuídos cognitivos que punham a ênfase na importância lógica da perspectiva histórica”. (FERNANDES, 1977, p.63).

²⁸³ Esta referência foi atualizada no texto de SILVA, Sylvio C. Bandeira de Melo e. **O subsistema urbano e regional de Feira de Santana**. Recife, Sudene, 1985. De acordo com o estudo, de natureza geográfica, feito por demanda de políticas públicas e em convênio com a UFBA, caracterizou-se o centro do subsistema da região considerada em Feira de Santana. Feira de Santana concentrava, bens e serviços que atendiam a área da zona rural, resguardando uma interdependência entre o sistema urbano e rural. Levando em consideração que a pauta do desenvolvimento ainda estava em voga na década de 80, o contraste estabelecido pelos autores da SUDENE é uma proposta de discussão do moderno e do atraso atribuído a algumas atividades locais, colocando a cidade como um centro intermediário decisivo no Nordeste. A pecuária foi considerada como atividade chave, em busca de substituição de práticas consideradas “velhas” por tecnologias de melhoramento agrário, áreas de plantio na transição para o litoral, o agreste. A economia pastoril e o desenvolvimento do comércio interno foram o critério para definição da história local e sua influência.

palavras, segundo Rollie, foram inclusas naquela lista apenas para ajudar no acompanhamento do texto. (POPPINO, 1953, p.vii)²⁸⁴. Ao abordar as questões do livro e do texto, usaremos a tradução feita em 1968, feita por Archimedes Guimarães, a não ser que ocorra diferença de interpretação.

A interpretação de sertão de Poppino é a de que existiu uma alta concentração de população na área costeira, dominante na política e de influência sobre o restante do estado, enquanto o interior era entendido como sertão, centrado basicamente na pecuária. Esse critério político era titubeante na definição geográfica e, apesar de afirmar a localização de Feira no sertão, voltou atrás quando supôs ser possível tentar definir ali uma nova área, pela distinção local e pela sua posição em área fronteira com o recôncavo e o litoral. Esse pretexto pôs Feira como uma área simbólica para incentivo do comércio e foi uma diretriz de todo texto. O Município que perdeu, gradativamente, espaço no comércio do gado, manteve as ligações que estabeleceu e as rotas dos caminhos de comércio interno diante da importância do abastecimento de outras mercadorias que garantiram o seu crescimento econômico no estado²⁸⁵.

Sobre os arquivos, além de fundos no Município, Poppino utilizou o arquivo Público do Estado, o Arquivo do Rio de Janeiro, coleções do Folha do Norte – hoje disponíveis em arquivo específico na Califórnia – que acessou com a ajuda de colaboradores e colaboradoras, além de ter recorrido a dados de recenseamento e narrativas de viajantes estrangeiros. Suas pesquisas foram suplementadas por entrevistas realizadas em campo, porém sem nenhuma referência com quem e onde. Ao longo do texto, Terezinha Pires de Souza o teria auxiliado com documentação, facilitando o acesso a manuscritos. (POPPINO, 1953; POPPINO, 1968). Este trabalho foi facilitado por outras bolsistas, como dissemos, que foram referenciadas nos materiais enviados por Thales de Azevedo a Charles Wagley²⁸⁶.

²⁸⁴ “Muitas dessas palavras e expressões possuem diversas conotações, mas escolhemos apenas aquelas que são dirigidas para a compreensão do texto” (tradução nossa); Do original: “Many of these words and phrases have several connotations, but only those explanations and definitions given in the text have been included in the glossary”.

²⁸⁵ Segundo o trabalho da SUDENE, “A cidade de Feira de Santana, desde a década de 1950, na qualidade de centro coletor-distribuidor de bens, vinha mostrando tendência para atrair indústrias, principalmente de beneficiamento de matéria-primas agrícolas. Essa atração natural foi reforçada pelos incentivos fiscais da SUDENE, que, dentro de um esforço planejado de descentralização econômica, resultaram na criação, em Feira de Santana, do Centro Industrial do Subaé (...)”. (SILVA, 1985, p.81).

²⁸⁶ “o nosso pessoal de campo vai bem. Recebi telegrama de Harris e Bem, avisando a chegada das moças, Nilo etc. Carmelita veio hoje tratar da sua bolsa, devendo submeter-se a exames na Associação Cultural Brasil- Estados Unidos na sexta-feira, dia 5.” Carta de Thales de Azevedo a Charles Wagley. Fundo Marvin Harris, Biblioteca do Smithsonian. 3 de junho de 1950.

A tese se dividiu em vários capítulos (XIV na tradução), sendo que os primeiros são mais ricos em caracterização de Feira de Santana até 1860. Percebe-se no texto que o debate da economia do pós-guerra foi ponto de partida para um retorno ao passado colonial local. Ou seja, as principais questões foram vinculadas aos propósitos em compreender o papel de Feira de Santana na economia regional, sua função como entreposto comercial, suas possibilidades de fortalecimento econômico diante das ricas pastagens e dos encontros para venda de gado. As explicações sobre sua força comercial, fortalecida no século XIX, foram as justificativas do autor para mostrar a necessária continuidade nos investimentos para dentro, no entroncamento dos sertões com o recôncavo. Afinal, segundo o autor, naquele contexto, Feira de Santana era como se fosse um condado norte-americano (POPPINO, 1968, p.13), com diferenças internas na divisão administrativa.

Os métodos de Poppino como pesquisador foram pouco demonstrados dentro do texto. Ao longo da tese, ele usou uma separação entre instituições sociais, política, economia e cultura. Apesar de muito elogiado por Thales de Azevedo no empreendimento, podemos dizer que esta compartimentalização gerou um prejuízo de interpretação da história local, já que o autor se tornou como referência para outros estudos, quando geralmente passou a ser citado de modo a atender a dados factuais sobre a realidade de Feira de Santana.

Certo que Poppino escreveu um texto ambientado com uma história política pragmática situada em um terreno de consolidação da renovação da história nos Estados Unidos, quando a chamada “história metódica” era muito praticada. Porém, o alcance de seus esquemas interpretativos, que chegam aos leitores na atualidade, pode ter afastado da compreensão da memória local a ação dos sujeitos da história em nome de movimentos gerais, contrapondo conflitos sociais com estruturas de longa duração, caracterizadas de maneira fragmentada umas das outras. Poderemos cobrar do autor uma atitude diferente? Talvez não, porém podemos retomar o contexto de sua escrita e pensar limites a fim de que seu texto não seja apenas consultado, mas problematizado.

Aqui é importante dizer que no seu texto original, a escrita descritiva estava mais seca, apesar de muito pouco atenuada por Archimedes Guimarães, que usou expressões de relativização de poderes e de enxugamento do texto. Um exemplo está já no início do livro, quando o autor se refere aos poderes do Prefeito, onde deixa claro que ele exercia poder de

polícia, enquanto no livro, em 1968, vemos a narrativa falar em “certo poder de polícia”.²⁸⁷ O tradutor pode ter revelado apenas algumas nuances de estilo, pois não tomamos outra tradução na Coleção Baiana para estabelecer comparativos, mas percebemos mais sutis, com caráter dúbio. Vemos também Archimedes Guimarães preferir dizer que a prefeitura influencia o legislativo, o que é diferente do original, quando Poppino fala que o poder legislativo é subordinado ao executivo. (POPPINO, 1953, p. 6-7).

A historiografia brasileira contemporânea, para José Honório Rodrigues, no momento da escrita de *Princess of the Sertão*, viveu, segundo ele, uma crise de aplicabilidade de seus estudos ao tempo presente²⁸⁸. Neste sentido, as traduções, feitas pela Companhia Melhoramentos, a Biblioteca Histórica Brasileira e a Editora Progresso, essa última dirigida por Manuel Pinto de Aguiar, na Bahia, eram iniciativas responsáveis pela organização de títulos voltados diretamente para os “problemas brasileiros”²⁸⁹, mesmo que ainda “sem reputação internacional”. Quando a tese de Poppino foi escolhida para publicação, mais tarde, estava neste rol de textos práticos para a realidade brasileira. Seguindo a mesma tendência, o livro já estaria na lista de pedidos para avaliação de publicação desde 1958, mostrando esse caráter.

Uma preocupação grande do autor foi caracterizar a economia local. Em 1950, a produção agrícola feirense era focada no fumo, algodão, couros, “aproveitamento da carne”, como dos “gêneros alimentícios” em geral. As divisões da escrita de Poppino não compuseram uma simples caracterização, mas uma seleção de elementos que mostraram a diversidade de culturas rurais. Segundo o autor, apenas Salvador possuía uma economia “mais variada” que Feira de Santana.

Com relação à política local, a representação distrital na Câmara foi avaliada por ele como despreparada, já que a maioria dos cargos políticos era composta por candidatos da sede, “profissionais e negociantes”. (POPPINO, 1968, p.4, 14). Ou seja, não haveria em Feira uma classe política dirigente, ou o “político” tradicional, desde sua formação, sendo o alcance eleitoral desta organização precário, diante do número de votantes, o que para ele era fruto de

²⁸⁷ “No Município, o Prefeito também exerce poder de polícia, dirige obras públicas e administra o sistema da escola pública”; “Within the municipio the prefect also exercises the police power, directs the public works program, and administers the public school system”. (POPPINO, 1953, p.6).

²⁸⁸ RODRIGUES, José Honório. A historiografia brasileira e o atual processo histórico: estudos brasileiros e assuntos internacionais. **Jornal do Brasil**. Edição 00191, p. 2, terceiro caderno, domingo 17 de agosto de 1958. Terceiro Caderno.

²⁸⁹ Ibid., p. 2.

uma “apatia” dos adultos feirenses. Aqui, o autor recorreu muito mais ao fator comportamental para deduzir suas conclusões.

Como dissemos, após o término da Segunda Guerra, foram concentrados esforços para o aumento da oferta de instrução primária na Bahia, e parte do levantamento feito por Poppino prestou informações sobre carências e investimentos no setor. Assim, as questões de acesso à educação foram diretamente ligadas ao ingresso político por meio do voto. Dentro da narrativa, esta associação foi montada através da denúncia dos problemas escolares e de suas indicações para a falta de escolas suficientes nas áreas rurais. O autor chegou a dizer que havia algum descaso local pelas leis dirigidas a instrução primária obrigatória e apontou para a solução da participação política através do crescimento de unidades escolares. (POPPINO, 1968, p. 14).

Fortemente carregado por uma abordagem associada a um estilo ensaístico, é fácil ver que Poppino supôs caracterizações que generalizaram perfis para grupos sociais heterogêneos, conjecturando uma espécie de unidade, que foi aplicada até mesmo para a noção de “população”. No entanto, apesar desta marca, Poppino fez um esforço mínimo para apontar a pouca condição de mobilização de grupos sociais subalternos. O visitante preferiu dizer que, mais do que pensar que essa seria uma condição social entrelaçada com suas formações de base, no campo do trabalho e da cultura, as carências da sociedade feirense deveriam ser debitadas na conta de costumes e no enraizamento de uma política viciada, além da falta de observância das legalidades políticas e dos direitos.

A visão de Poppino sobre os aspectos religiosos no Município se desdobra em versões obscurantistas sobre a religiosidade popular e religiões não hegemônicas, ao silenciar as vozes dissonantes do catolicismo oficial e branco, quando afirmou que “a maioria dos habitantes de Feira de Santana não é profundamente religiosa”, não se dedicando a uma caracterização das práticas religiosas de matriz africana enquanto religiões propriamente ditas no período colonial (POPPINO, 1968, p.15). Enquanto viu índios e “mamelucos” como personagens mais associados à fé cristã, destacou a rebeldia de “mulatos” e negros e passou a caracterizar suas práticas como feiticistas.

Apesar da oposição da Igreja, os cultos feiticistas africanos perduraram por todo esse período e ainda hoje são comuns. Além desses negros, que passavam por cristãos, havia um pequeno grupo de negros escravos de origem

maometana, que sempre resistiram a todas as tentativas dos missionários para convertê-los ao cristianismo. (POPPINO, 1968, p.97-98)²⁹⁰.

O modo como Poppino tratou do tema das relações raciais, assim como suas conclusões sobre a composição racial da população do município de Feira de Santana, pode ser objeto de questionamento. Ao concluir que Feira de Santana possuía dois terços de habitantes mulatos, em 1950, especulando a existência de um “negro sem mistura” para cada quatro habitantes (tudo isso a partir de observação em campo), e uma minoria de ascendência europeia, ligada às classes superiores a partir “do acidente do berço”, ele demarcou o papel da mestiçagem como característica predominante para a região. Sobre os problemas de desigualdades raciais, ele toma como premissa que o sujeito negro poderia ascender socialmente, assegurando seu bem estar financeiro (POPPINO, 1968, p.16), a partir de uma projeção econômica. Observe-se que Poppino inclusive usa o termo “classe”, recuperado pelo tradutor, para definir grupos de pessoas em classificações sociológicas que misturavam condição social e acesso a bens e riqueza com “cor” e condição social.

Ainda que não tivesse assumido explicitamente suas preocupações com os questionamentos de sua época a respeito da ascensão social do negro no Brasil, Poppino o fez e é possível destacar de seu texto a presença dessas tensões. Assim, ele procurou tatear as fontes que lhes foram disponibilizadas, juntamente com a sua observação no local para delimitar a composição racial da população feirense, sem, no entanto, apresentar seus conflitos e desigualdades de forma clara e explícita. Vale considerar que essa discussão era nova para aquela área, mas aconteceu. Ou seja, o debate sobre o negro brasileiro era um tema que ganhava força nos círculos acadêmicos e no âmbito da produção de história, pouco tratado.

Na década de 1950, as reuniões acadêmicas feitas por antropólogos no Brasil direcionaram os debates sobre as relações raciais. O “I Congresso do Negro Brasileiro”, organizado pelo Teatro Experimental do Negro, na primavera de 1950, colocou entre os seus objetivos o de apresentar “soluções” para o “problema” do Negro no Brasil. Na imprensa, os organizadores fizeram questão de dizer-se “apartidários”, ou movidos por objetivos religiosos,

²⁹⁰ Do original: “Despite the opposition of the Church, African fetish cults persisted throughout the entire period, and are still common today. In addition to those Negroes who paid lip service to Christianity, there were a small number of Negro slaves of Mohammedan origin who militantly resisted all attempts by missionary priests to convert them to Catholicism”. (POPPINO, 1953, p.131).

ao se apresentar como técnicos capazes de avaliar a situação com isenção, dados os esforços e as pessoas envolvidas, como

Gilberto Freyre, Roger Bastide, Fernando de Azevedo, Luiz da Câmara Cascudo, Charles Wagley, Renato de Almeida, Florestan Fernandes, Antônio Candido, Guerreiro Ramos, Edson Carneiro, Thales de Azevedo, Nunes Ferreira, Sérvulo de Melo, Osório Nunes e Alcione Diops²⁹¹.

O Congresso indicou uma pauta que influenciou os estudos da época, tais como a História, a Vida Social, as “sobrevivências religiosas”, “sobrevivências folclóricas”, “línguas” e “estética”. Naquele contexto, Guerreiro Ramos discordou da abordagem geral do projeto do Congresso e, segundo Silvio Almeida (2020),

colocava em questão como parte da intelectualidade brasileira essencializava a questão racial a que referiam como “o problema do negro” e via a questão racial também como patologia, apesar de colocar nas mãos do comportamento racista do branco as discriminações praticadas. (ALMEIDA, 2020, p.78).

Além disso, os coordenadores do PPSEBa, como já mostramos, estavam preocupados em canalizar os recursos do projeto iniciado em 1950 para uma intersecção com os objetivos do programa da UNESCO na Bahia, incluindo o tema das relações raciais como meta a ser discutida.

A abordagem de Poppino sobre “tipos humanos”, herdado das leituras de Euclides da Cunha e Oliveira Vianna, fica nítida no texto quando ele definiu que as profissões dos habitantes estavam conectadas com sua origem social, ou seja, mais precisamente, chamou de “origem racial” o fator predominante para os perfis nos postos de trabalho disponíveis no mercado local. Isso gerou certo determinismo na definição das relações de trabalho locais.

Porém, foi essa mesma tendência interpretativa que levou Poppino a concluir que, em Feira, a maioria da população era composta de pequenos proprietários de terra e, seguindo esse raciocínio, apontar para uma Feira de Santana de área rural predominantemente negra. Unindo a informação com a de que a maioria da população negra compunha os setores de trabalho na zona rural do município, ele indicou uma grande presença do negro na zona rural de Feira de Santana. Também concluiu, pela mesma via que “quase não há barreiras para impedir que um negro ou um mulato ambicioso adquiram bem-estar financeiro e prestígio social” (POPPINO,

²⁹¹ Correio da Manhã, Rio de Janeiro, Sexta-feira, 21 de julho de 1950, Edição 17591, 1 caderno.

1968, p.16). Tais conclusões já frutificaram tensionamentos e pesquisas que mostraram que, em Feira de Santana, os mercados de rua e as formas de sobrevivência das pessoas da zona rural que transitavam na urbe refletem muitas das estratégias de sobrevivência e autonomia de pessoas negras livres e escravizadas em Feira.

Por outro lado, havia um otimismo da parte do autor ao buscar compreender as relações raciais a partir das teses em voga. Segundo Thomas Skidmore,

Nos Estados Unidos, onde o racismo fora gravado na estrutura nacional, os americanos começaram a dismantelar o dispositivo legal da cidadania dual. Em tal atmosfera, a primeira edição americana de *The Masters and The Slavers*, em 1946 (Gilberto Freyre), foi tão bem sucedida quanto a primeira edição brasileira em 1933. Despojados de sua antiga arrogância, os europeus e os norte-americanos estavam então preparados para considerar o Brasil mais seriamente, como uma sociedade multirracial, com uma história bem sucedida de assimilação. (SKIDMORE, 1994, p.14).

Esse otimismo não se resumia aí. Poppino verificava a grandiosidade do mercado a céu aberto realizado em Feira de Santana no século XIX e inclusive lamentou que Von Martius, em suas viagens, não houvesse reparado em tal economia, chegando a contestar o texto do viajante. Para tratar da importância política de Feira de Santana, Poppino mostrou que J. V. Martius, ao viajar pela região, não observou o povoado na sua passagem ao interior da Bahia, em 1819, porque Martius passou em Feira em dia que não era de sua tradicional feira livre e em dias posteriores a uma grande seca, o que levou boa parte dos moradores a abandonarem seus sítios locais. Poppino queria mostrar que o viajante não teria dimensionado a importância feirense no interior do Estado e ir de encontro a uma possível interpretação sobre a falta de destaque da economia de Feira de Santana para a região. Já em relatos de José Joaquim de Almeida e Arnizau (1862) e de José Antônio Rebello (1829), Poppino fundamentou sua vista da importância da feira da vila de Santana para a história do cruzamento entre os caminhos do gado e o litoral. (POPPINO, 1968, p.21).

Poppino queria discutir o federalismo e as questões políticas sobre o poder local e o governo central, que estava muito presente no período e envolveu a intelectualidade da época. Nesse sentido, o fez a partir de demonstrações sobre a relevância da política local para o debate nacional. Em diversos momentos, Feira de Santana se mostrou um município de grande participação em rebeliões de emancipação durante o Império e passou por várias tentativas de controle político por parte do governo Republicano. Mas, internamente, ele não encontra uma representação política satisfatória dessas lutas. Para isso, mostrou que a população feirense teria

uma “antipatia contra o Governo e a Lei escrita” (POPPINO, 1968, p.22). Com essas afirmativas, ele indica uma forma de censurar o papel das instituições políticas do governo federal, não só em Feira de Santana, e julga o enraizamento de valores políticos no âmbito local, desde o Império²⁹².

Para autores como Poppino, o Império agiu muito mais em prol do enraizamento do governo federal que governos posteriores e um dos pontos de preocupação do autor sobre a História Política de Feira era o seu papel na representação e expressividade desse governo federal ou de uma resistência e de descentralização política. Não só esse deslocamento político federal, mas em âmbito regional, havia para ele um ruído de comunicação entre o governo central e a Comarca de Cachoeira e seus povoados, dentre eles, Feira de Santana: um problema de embate local e não da gestão das Comarcas, que impedia o amadurecimento do executivo e a eficácia das instituições ao longo do Império (POPPINO, 1968, p.23), uma espécie de falha, de desencontro, entre representações dos poderes e o povo.

Sobre as lutas do período Regencial, Poppino mostrou que Feira de Santana foi uma das bases de apoio para Guanaes (Bernardo Miguel), o “mineiro”, que, em 1832, recorreu para um apelo federalista. O juiz de Paz de Cachoeira buscou forças para conter aqueles vultos organizativos na Província de sede em Salvador e encontrou adesão entre proprietários de Feira de Santana, o que se encaminhou para o reconhecimento da contribuição local e para o adiantamento da emancipação política local²⁹³. Então o autor colocou em discussão a criação da Vila independente, como retribuição ao apoio dos proprietários locais, indagando se o motivo seria esse, ou o fato de que a região era conhecida pela presença de elementos indesejados do Império, confiando mais no reconhecimento da importância comercial de Feira em 1832 (POPPINO, 1968, p.24-25), mas considerando o fato de que, foi importante, para o governo Imperial, garantir essas paragens diante dos movimentos e rebeldias existentes.

Poppino indicou como proprietários locais acessaram instrumentos de militarização, para conter rebeliões e, ao mesmo tempo, formar forças políticas próprias, quando participaram da composição das proteções do interior contra as forças contrárias ao governo do Império. Como

²⁹² “Uma antipatia contra o governo e contra a lei escrita durou todo o século XIX. Essa atitude não se restringia a Feira de Santana, mas era comum por essa época na Bahia e em outras partes do Brasil”. (POPPINO, 1968, p.22). Na altura da página 42 do livro de 1968, na passagem sobre a atuação dos poderes de polícia locais, que começavam a ser montados na década de 40 do século XIX, o tradutor usa a expressão “influência nefasta da política local”, enquanto Poppino usou o termo “undue”, achamos que o adjetivo de “nefasto” foi pesado para a descrição original. (POPPINO, 1968, p.51).

²⁹³ As fontes do autor envolvem também documentos da Comarca de Cachoeira.

centro aglutinador, o comércio também foi alvo de furtos e roubos que dispunham ainda mais os proprietários locais em favor da formação desta guarida local. Os episódios da participação da população local na Sabinada, o tema das revoltas federalistas e as infrações, o crime, a atuação dos “bandos de salteadores” e a presença da figura emblemática de Lucas da Feira são temas de estudo no capítulo II de seu livro.

A análise sobre o período posterior à instalação de uma Câmara própria em Feira de Santana, depois de sua emancipação foi mais precisa, já que permitiu ao autor o acesso a materiais específicos sobre custos e despesas públicas, como investimentos, número de pessoas livres e sua grande presença na feira, multas, taxas e regulamentações, obras públicas, calçamento, pavimentação, coleta de lixo, saúde e instituições como a cadeia, o juiz de órfãos, juiz de paz, o tabelião e os demais cargos de uma administração local.

Erguidos por retirantes, os prédios públicos foram, para o autor, marcas da formação de uma nova comunidade política para a Bahia, como também aconteceu com a abertura das estradas feitas, à princípio, por iniciativa privada, até o enraizamento de contratos de tributos municipais, que só vieram a acontecer no século XX.

Aquele que teria sido o destaque da Vila na Província, a sua guarida militar específica, perdeu espaço para “uma natural aversão da maioria dos habitantes de Feira de Santana pelo serviço militar” (POPPINO, 1968, p.44), depois de emancipada como cidade. Na verdade, se suavizado o argumento, havia uma inclinação dos homens da Vila em recusar prestar serviço militar, dado seu caráter forçoso²⁹⁴. No original, também acreditamos que o argumento vem com menos peso do que na tradução (POPPINO, 1953, p.54). Sua intenção foi mostrar o intenso movimento de rebelião da Sabinada e a participação das forças de oposição em Feira de Santana, contando com supostos membros da própria Guarda Nacional e de forças de Salvador, pois não encontrou registros do suporte da Guarda Nacional de controle das forças rebeldes. (POPPINO, 1968, p.48-49). A discussão da história política de implantação das forças policiais no século XIX é, sem dúvida, uma marca muito interessante da História de Feira de Santana e foi ressaltada a rebeldia do local por Rollie Poppino²⁹⁵.

²⁹⁴ Ver SANTOS, Igor Gomes. **A horda heterogênea: crime e criminalização de “comunidades volantes” na formação da nação, Bahia (1822-1853)**. Tese de Doutorado. Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2017., capítulo 8, com o título “recrutamento e repressão preventiva”, no qual o autor mostra que o serviço militar era muitas vezes “odiado” pela população conclamada (GOMES, 2017, p.173).

²⁹⁵ Na página 49, da edição de 1968 há um erro de tradução, que mais parece um erro de edição, quando o autor fala que “Traditionally, the area had been the refuge of runaway slaves and criminals fleeing from the populated sections of the coast. The number of military or police forces stationed in Feira de Santana had never been sufficient to maintain law and order. Armed expeditions might be sent to occupy the town, but It was a simple matter for

O olhar do autor sobre o povoamento do interior, baseada na ação do colonizador português, reproduziu uma narrativa típica dos próprios autores que leu, mas, ao mesmo tempo, do tipo de fonte que coletou. Assim seguiu apresentando a ocupação territorial a partir de guerras contra holandeses e indígenas, colocando o centro da ação na mão do homem branco português e criador de gado.

A importância comercial de Feira de Santana indiscutivelmente cresceu no século XIX, e depois de sua emancipação, com a oferta de produtos de abastecimento, após o redirecionamento das trocas de gado em pé, do Sul da Bahia de Todos os Santos, para Salvador, através de embarcações ou caminhos mais longos e da afirmação de novos pontos de paragens. Com esse crescimento, a atuação dos “atravessadores” – sujeito que comprava o gado antes que ele chegasse na feira – passou por regulamentações juntamente com o transporte de insumos, em tropas. Os atravessadores atuavam também nos mercados de farinha, milho e feijão e o circuito em volta destas atividades foi todo regulamentado. (POPPINO, 1968, p.61). Poppino demonstrou a entrada de equipamentos de Estado na região e descreveu as formas de compra e venda e as tradições que envolveram as trocas ocorridas nas feiras de gado.

Basta observar o sumário de sua tese para perceber o quanto o autor tentou descrever as atividades econômicas realizadas em Feira por setor. Além disso, Poppino apontou as formas de contrato de trabalho existentes naquelas paragens. Segundo ele, havia uma predileção entre os proprietários da região, no século XIX, em trabalhar com meeiros e outros contratos com pessoas livres, devido ao alto custo da escravidão. A partir disso, indicou que o grande movimento das atividades comerciais era fruto do trabalho dos pequenos lavradores. Esses

criminals to escape into the roadless mato (scrub brush) which covered most of the vast, sparsely-settled region. Left largely to their own resources, the people of Feira de Santana had little respect for the written law. Acts of violence were not limited to the vagrant class.” (POPPINO, 1953, p.60-61), a tradução de Archimedes é “Tradicionalmente, a zona era o refúgio dos escravos fugidos e dos criminosos evadidos das povoações da costa. As forças policiais ou militares estacionadas em Feira de Santana nunca foram suficientes para manter a lei e a ordem. Expedições armadas podiam ser enviadas para ocupar a cidade, mas era coisa simples para os criminosos escapar para o mar, que cobria a maior parte da vasta e mal povoada região. Entregues aos seus próprios recursos, o povo de Feira de Santana quase nunca respeitava a lei escrita” (POPPINO, 1968, p.49). Observe-se que ele se refere a uma mata que circundava a região e, na tese, inclusive recorre ao termo “mato” no glossário para especificar a paisagem do local. Essa passagem é crucial para verificação do modo como Poppino tratou as resistências negras na região, personificadas em Lucas (o Lucas da Feira) e as forças que se reuniam para combater os salteadores dos mercados locais. Veja-se que ele se refere a diferentes classes sociais e destacamos o termo em uso durante todo o texto. Tanto que destacou durante todo o capítulo a necessidade das classes de comerciantes da região em guarnecer as feiras e de andar armados nas viagens da região e de construir o mais brevemente a cadeia pública. (POPPINO, 1968, p.50). Ao destacar sobre a repressão a Lucas, o escravo fugitivo que chefiava um bando de salteadores, Rollie demarcou que “Private citizens, elements of the national guard, all the available police of Feira de Santana, and special forces from Cachoeira were detailed to destroy the outlaws.” (POPPINO, 1953, p.62), mas o tradutor preferiu não demarcar que forças particulares também foram reunidas para dar fim às ações criminosas desse gênero (ver POPPINO, 1968, p.50), em uma das passagens mais importantes da história do Município e da resistência negra na região.

personagens atraíam para Feira de Santana o volume de negócios e a diversificação do mercado local. (POPPINO, 1968, p.61). Sua descrição foi preocupada em demarcar a indústria artesanal e as atividades tradicionais no século XIX e XX, e inclusive que, sua feira semanal ainda era, nos anos 1950, sua principal atividade econômica (1968, p76-77).

Essas tensões nos fazem pensar se as intenções de Rollie Poppino eram as de destacar a autonomia da qual desfrutavam trabalhadores e a possibilidade de ascensão social na região que se opunha a sua caricata versão da escravidão do recôncavo, ou se por trás dessas afirmações também se escondem as vertentes de negação da presença do negro nos sertões e nessas atividades. A dúvida nos ocorre porque em todo texto ele associa o perfil de trabalho com a cor e as questões sociais e, por deduzir a pouca presença de escravos, nega também a existência do peso do sujeito negro para a história do Município no período colonial. Em oposição, podemos ver que Poppino faz muitas referências ao sujeito social negro livre em diversas atividades e em diversos momentos da história local.

Esse é realmente um tema delicado. Algumas pistas podem ser encontradas no trecho que reservou especificamente para o debate, no capítulo III, iniciado com a apresentação de uma “composição racial” para a realidade estudada.

Quando os primeiros europeus se fixaram na gleba, que veio a ser o município de Feira de Santana, encontraram-na habitada pelos índios das tribos Aimoré e Paiaiás. À medida que gradualmente se fixaram na região os criadores de gado da costa, alguns dos primitivos ocupantes se retiravam, mas não todos. Muitos aceitaram o domínio dos novos proprietários e aí ficaram para se tornar vaqueiros nas fazendas em que se estabeleciam. Havia também uma quantidade apreciável de negros nas vizinhanças nas Serras das Itapororocas e em Orobó. (POPPINO, 1968, p.79).

A princípio, para o período colonial, se demonstrou bastante cuidadoso ao apresentar essa “composição” racial a partir do “tripé” negro, índio, branco colonizador, mencionando quilombos, a destruição de núcleos de resistência por criadores de gado e afirma que “Fazendeiros portugueses natos constituíam uma raridade em S. José das Itapororocas” (POPPINO, 1968, p.80). Ressaltando o caráter híbrido do vaqueiro, como “mulato” ou “mamelucos”, ele seguiu a orientação de associar a classificação “racial” com a ocupação na economia. De certa forma, ampliou a ideia existente de uma sociedade calcada apenas na figura do vaqueiro mestiço, com uma sociedade mestiça e diversa do sertão e distinta do litoral.

É preciso perguntar, se Poppino, como autor dos anos 1950, estava preocupado com as relações sociais e as questões “étnicas” e quais eram os mecanismos e referências para a

abordagem dos quais dispôs. Poppino tentou apresentar a presença do “índio” na região até o século XIX e a concorrência de um sertão mestiço com os padrões de ocupação e relações sociais de trabalho do recôncavo e do litoral. Aqui questionamos até que ponto seu trabalho se reduz a um ensaio, no qual o levantamento de dados o leva a apenas traçar esses perfis, de modo associado com as teses de mestiçagem, o que nos parece que sim.

Primeiro porque, a História Colonial reascendeu sua tônica nos anos 1940 e nela estava patente a discussão sobre os sujeitos que compuseram a história do país. Alguns representantes deste cenário na Bahia, como Braz do Amaral e Pedro Calmon de Bitencourt, influenciaram a elaboração das narrativas de celebração da História de Salvador e da Bahia e podem ser encontrados como referências de seu texto. Não mais que o século XIX e o tema da independência, a tônica das origens sociais e das influências da sociedade colonial no mundo contemporâneo marcaram a narrativa de Poppino. Portanto, vemos que as análises de Poppino acompanharam as tendências do final dos anos 1940 sobre a formação das populações brasileiras e a miscigenação e o que aconteceu com mais ênfase em seu trabalho foi a tendência em associar a ocupação com a “raça” (ainda que o autor afirme que toma essa explicação de empréstimo “sem rigidez”). (POPPINO, 1968, p.83).

É possível encontrar em sua tese a forte presença de negros e “índios” na História de Feira de Santana e do sertão pecuarista, com todos os seus limites. Também, entendemos que o autor se atentou em discutir as fontes disponíveis e as estimativas que fizera sobre a população de São José das Itaporocas, de onde se formaram as primeiras grandes propriedades de terra em Feira de Santana, que indicavam “tendências da paróquia no fim do período colonial” (POPPINO, 1968, p.82) e ali verificou uma forte presença de sujeitos escravizados e livres denominados como negros.

Poucos são os autores que vimos ser citados dentro de seu texto, mas neste quesito Poppino citou Oliveira Vianna, em Instituições Políticas Brasileiras, como uma referência para demonstração do conservadorismo da “lealdade feudal” entre empregados e proprietários, através de estruturas de apadrinhamento, por exemplo. Oliveira Vianna era autor bastante conservador. Isso não quer dizer que, ao citá-lo, Poppino concorde com todos os pontos de vista do primeiro. Contudo, o texto nos deixa essas chaves que apontam para as teorias sobre o Brasil que escolheu utilizar, direcionando para uma explicação própria para Feira de Santana.

Outro ponto a ser ressaltado é sua forma de compreender a ascensão social do negro. Ela não ocorreria desde toda a história local, mas ao longo do crescimento do comércio da

região. Com relação à ascensão econômica, ao longo do século XIX, o comércio promoveu o prestígio para indivíduos mulatos e mamelucos, o que teria sido impossível de ocorrer na “sociedade agropastoril da Província”. (POPPINO, 1968, p. 87). De menor prestígio político, ao longo do século XIX, segundo ele, esse grupo era oriundo de áreas litorâneas e foi responsável por uma mudança no quadro de comerciantes ligados à política.

Outros pesquisadores como Richard Burton (1880-), em *Exploration of the Highlands of the Brazil*, foram referências para traçar um quadro raso do cotidiano vaqueiro, comparando-os com os pastoreios no México e Estados Unidos, onde ocorriam rodeios, a ferração e a condução dos cavalos. Burton foi um viajante britânico, que observou a colonização portuguesa em outras localidades, traçando como meta de pesquisa o conhecimento das características da produção pecuarista em comparação com a Índia. Sobre estas comparações, o vaqueiro, para Poppino, era praticamente um tipo humano e não apenas uma profissão. Destacou “a importância racial dos vaqueiros”, no capítulo sobre as “instituições sociais”, por causa da relação que fez entre o labor e a presença dos elementos de miscigenação que destoavam ao padrão litorâneo, ao mesmo tempo em que se confluíam em um conjunto único de características.

Aquele vaqueiro que Poppino conheceu em suas pesquisas sobre o Vale do São Francisco, do século XVII passou a mudar de perfil ao longo do crescimento do pastoreio e do comércio de gado no município de Feira de Santana. A circunstância de associação direta de um vaqueiro como mestiço indígena foi alterada ao longo da mudança da economia e da especialização deste trabalho na criação do gado, quando as reses passaram a ser engordadas e não apenas criadas. Foi esta diminuição das paragens que trouxe, segundo Poppino, mais sujeitos de origens sociais típicas da miscigenação litorânea, fazendo contraste com aquela imagem considerada originária para o vaqueiro, o mestiço, mesclando algum trabalho exercido por negros do recôncavo e do litoral, no comércio, com as “origens” pastoris da região.

Voltando aos dados sobre São José das Itaporocas, a princípio, o local, sede da formação populacional feirense no período colonial, teria recebido libertos para o labor nas fazendas. Como os roceiros não se interessariam em adquirir a posse da terra, no raciocínio de Poppino, mesclavam os serviços prestados com um enraizamento nas atividades de produção de alimentos. Tanto quanto os escravos, exerciam atividades semelhantes, diferenciando-se numa “escala” social, apenas pela “falta de sujeição”.

Não sabemos de onde partiu a informação, mas ele, ao comparar a situação, sugeriu que os índios preferiram o trabalho de vaqueiro. Dessa forma, o autor, assim como o clássico feirense, Eurico Alves Boaventura, em *Fidalgos e Vaqueiros*, valorizou a figura do vaqueiro como elemento tradicional dos grupos do labor em Feira, perdendo espaço as imagens de exploração oriundas das áreas extra-sertanejas, fixando a negociação como marca das relações de trabalho locais.

Continuando com esta noção, apresentou dados referentes a poucos escravos africanos, havendo grupos de trabalhadores muito mais mestiços do que considerados genuinamente como negros. Assim também, afirmou a escravização de sujeitos mestiços, diante de uma população negra em minoria.

Veja-se, portanto, que ele tem uma definição do que seja o negro, o africano, seus descendentes. De acordo com o senso de 1835, segundo ele, a presença de negros e mulatos era alta, e, nesta altitude do texto, Poppino criou um enredo que aproximou todo o contexto de transição da escravidão colonial para o Império. A presença negra no passado feirense da transição do século XVIII para o XIX, portanto, ao seguir padrões da época para outras áreas do interior e da mineração e pecuária, apontou para a ascensão de alguns sujeitos, que se tornaram proeminentes pela via do crescimento comercial e politicamente afastados do núcleo social branco e proprietário de terras. Segundo Oliveira (2010),

A observação de Poppino sugere que entre o Recôncavo e o Sertão baiano estabeleceu-se um circuito de mão dupla na constituição das comunidades distritais de Feira de Santana e, portanto, das experiências culturais reelaboradas entre negros e mestiços, reinventores das práticas e saberes afro-brasileiros naquela que já fora batizada como “Princesa do Sertão”. (OLIVEIRA, 2010, p.41.).

Poppino possuía uma preocupação de caráter histórico e antropológico, em demarcar a presença negra na região, porém faz isso sem dispor de dados suficientes, tentando apresentar uma forte tendência em abertura para a ascensão do negro na sociedade pastoril. Por outro lado, podemos ver um retrato da desconsideração do Candomblé como religião, além de outras práticas religiosas, quando, por exemplo, o autor tratou boa parte das práticas da religiosidade de matriz africana como *fetichismo*, já que, primeiro concluiu que havia pouca prática religiosa em Feira e depois afirmou que “a obediência a um feiticeiro era em regra mais forte do que a fé cristã”. (POPPINO, 1968, p.97). O modo de entender a religiosidade de matriz africana e sua diversidade de práticas e representações era objeto de questões nas ciências sociais e os estudos

do período iniciavam uma mudança da observação do sujeito de um padrão psicológico para o sociológico.

A ideia de feiticismo teria fundamento nos estudos sobre o “comportamento do homem negro”, preocupação essa de origem médica, que terminou por fundamentar os estudos racialistas e influenciar as ciências sociais no Brasil. Ocorreram naturalizações comportamentais, com a concepção de que “o negro” possuiria peculiaridades de crença, como o “fetichismo-animismo”.

Porém chama a atenção o fato de que, tanto Thales de Azevedo como Melville Herscovitz e até mesmo Arthur Ramos, todos de acesso para os pesquisadores do PPSEBa, já haviam recuperado a discussão, colocando os estudos em outro patamar. Esses autores saíram do escopo comportamental dos estudos para a discussão observadora e descritiva, o que afastava as noções de fanatismo, fetichismo e animismo das práticas sociais de grupos subalternos. (VASCONCELLOS, 2019).

Os desdobramentos desse debate foram além do que propôs Poppino então. Roger Bastide, no livro *O candomblé da Bahia*, de 1958, destacou também a importância de Manuel Querino, com um olhar mais sensível e interno, na mudança desses padrões. Ao buscar a análise das “contribuições” dos africanos para a cultura brasileira do pós-abolição, esses autores, muitas vezes, deixaram de ver o negro como brasileiro, discutindo “sobrevivências” em aspectos culturais e tentando alcançar a caracterização do candomblé como uma *religião* de origem africana. Roger Bastide alegou também que era necessário dissociar a religião da cor da pele (BASTIDE, 1958, p.13-14), o que põe o debate no campo da classe social e de outras clivagens na adesão da religiosidade popular.

Quanto aos festejos e religiosidades negras, é preciso fazer jus e dizer que Poppino tomou fontes dominantes e repressoras como ponto de partida, e assim o autor tenta encontrar através delas mesmas os indícios das práticas de religiosidade negras e populares, principalmente dentre as práticas católicas, em irmandades, celebrações de santos e outras.

Desde Robert Park, as diferenças raciais foram percebidas como sendo fruto de “interações interétnicas”. (MAIO, 2010). São várias as influências, a partir de Donald Pierson e outras escolas, que encontraram divergências de interpretação, como a negação do preconceito racial, de 1943. Se Donald Pierson havia escolhido demarcar o preconceito de classe, Luiz A. Costa Pinto, ao criticar o viés culturalista de abordagem das relações, foi um revisor da

ideologia da democracia racial, segundo Maio (2010) e passou a demonstrar a existência do preconceito, mesmo dentro das nuances apresentadas em relações familiares.

Florestan Fernandes, como marxista e intérprete de uma sociologia crítica das matrizes explicativas anteriores, exibiu a versão de que o preconceito no Brasil, como herança da sociedade escravocrata, não se resumiria a fator de cor e classe, nem um e nem o outro, mas de uma intersecção, em *O Negro na sociedade de classes*. Os autores da antropologia, preocupados com rupturas das situações de preconceito, pareciam, a seus olhos, não enfrentar as questões estruturais da discriminação social no Brasil. A posição de Rollie Poppino como historiador, nesse conjunto de debates, deve ser considerada.

Charles Wagley, como coordenador do PPSEBa, era influente no entendimento do tema entre os baianos, não deixando de lado as interpretações mais antigas de interferência de fatores biológicos para a compreensão da discriminação racial e da teorização do tema. Thales de Azevedo, em *Branços e Pretos na Bahia*, de 1953, e *Grupos Sociais de Prestígio*, de 1952, saiu do escopo de análise sobre a raça como um todo, preferindo elaborar leituras sobre casos, explicando desigualdades e elementos de discriminação que sustentavam barreiras de ascensão social, divergindo da matriz explicativa anterior, embasada nos estudos de Nina Rodrigues. Poppino esteve ali, em reuniões científicas com esses autores e seria difícil dizer que ignorou tais questões.

Segundo Marcos Maio e Thiago Lopes, Donald Pierson, em *Negroes in Brazil. A study of race contact at Bahia*, seria movido por intenções liberais reformadoras presentes no debate racial norte-americano e em Chicago. Sob uma leitura da história transnacional, tratando das “redes de intelectuais que abriram caminho para as pesquisas de Donald Pierson em território nacional” (MAIO; LOPES, 2010, p.118), demonstrou o contato das escolas de Chicago com o pensamento social no Brasil. Esta reflexão, de acordo com Marcos Maio e Thiago Lopes, localizava a sociedade como um agrupamento relativamente uno e dominado pelo elemento branco, no qual havia alguma possibilidade de ruptura individual à segregação. Essa aceção passa por uma visão individualista do racismo visto como patologia localizável no comportamento de alguns grupos sociais (ALMEIDA, 2020) afastando a ideia de que o racismo seria elemento constitutivo da sociedade brasileira.

Poppino também pode ter partido destas premissas e não concluiu que a raça tenha preponderado para a análise das diferenças sociais daquela sociedade, a discriminação, preconceito ou o racismo, onde o peso das estruturas de riqueza, para ele, poderia ser bem

maior. Debate caro aos movimentos sociais e para as explicações sobre os conflitos raciais no Brasil ainda hoje, as disputas das ciências sociais precisam ser ressaltadas como ideologias fundacionais, que frutificaram tipologias sobre as relações raciais no Brasil e algumas até fundamentaram as ideologias do racismo. (ALMEIDA, 2020). A patologização do conflito racial, visto como algo comportamental e típico de grupos brancos minoritários foi uma ideologia construída nesse período e que ofereceu suporte para o silenciamento da ideia de que a discriminação racial e o racismo seriam constitutivos estruturais da sociedade brasileira. (ALMEIDA, 2020).

Nesse sentido, reforçamos o coro dos pesquisadores que afirmaram a existência de uma agenda própria das instituições de pesquisas norte-americanas, no Departamento de Estado e associada a Fundações como a Ford, para o debate sobre as concepções de um “multiculturalismo”. (CHAVES, 2011). Já em prática nos anos 1950 e 1960, as ações em favor de financiamento e suporte de pesquisas do gênero integraram as tarefas culturais do pós-guerra no Brasil mesmo antes de 1967, quando foi assumido o termo “multiculturalismo” como uma referência para os estudos do gênero.

Wanderson Chaves visualizou o conjunto destas produções com a Guerra Fria Cultural, na qual as disputas ideológicas e culturais entre Estados Unidos e União Soviética, na Guerra Fria, salientavam as escolhas por caminhos explicativos para as relações sociais que melhor tenderiam a legitimar os projetos norte-americanos de democracia e leitura hegemônica sobre a “paz” mundial. Ao contrário de afirmações anteriores sobre as políticas destas Fundações e sua associação direta com as políticas externas norte-americanas, como a de Sergio Micelli, Chaves indicou os pontos em que foram possíveis as conexões da instituição de fomento e o governo norte-americano. (CHAVES, 2011).

A agenda das pesquisas sobre a convivência entre as raças na América Latina (CHAVES, 2011; SANGIOVANNI, 2018) estavam nas diretrizes do PPSEBa e na tônica das análises de Poppino. Sua escrita sofreu intervenção dos conflitos que reinavam nos estudos raciais. Esses pendiam para o entendimento da discriminação como sendo oriunda das matrizes raciais, ou classificavam a condição social como elemento principal da diferença social. Em um movimento acadêmico ágil, os coordenadores da Faculdade de Filosofia e dos estudos que vinham sendo já realizados por estudantes franceses e norte-americanos, pela via do financiamento externo, aproximaram-se de todo este escopo, garantindo status, financiamento e, sobretudo, respostas para uma perspectiva de projeção do estado da Bahia frente ao reconhecimento nacional. Nesse sentido, acreditamos que Poppino tendeu a seguir uma

abordagem mais aproximada das de Thales de Azevedo e de Charles Wagley, mas com algumas variantes.

O viés da abordagem a partir da classe social foi tomado teoricamente como referencial para o tema entre esses intelectuais depois das contribuições de Florestan Fernandes, e, mesmo com a clareza de Luiz Costa Pinto. Nesse contexto, a saída, pela direita e pelo centro, por um liberalismo reformador, foi um caminho através do qual se conseguiu estabelecer um diálogo com amplos setores dos movimentos sociais negros nos Estados Unidos, quebrando com os movimentos baseados na raça e na classe como elemento chave para o debate no pós-guerra. As diferenças raciais, no Brasil, foram objeto para estudos comparativos e para os parâmetros da ideologia do mundo ocidental “livre”. Bousou-se aprofundar teorias que discutissem a inserção do negro na sociedade e formulações das ideologias sobre a raça e a classe que vigoraram no pós-guerra. (CHAVES, 2011).

A UNESCO, fundada em 1945, ao “criar uma ampla campanha contra as bases ideológicas do racismo” (MAIO, 2010, p.150), também protagonizou uma mobilização científica e acadêmica em prol da política de integração transnacional no pós-guerra e exerceu enorme influência no conjunto dos estudos que passaram a ser realizados nos países que a receberam.

Podemos recuperar o assunto, no capítulo XI, onde Poppino observou que foi no comércio que negros e mestiços romperam os padrões estudados, e destaca episódios do casamento e a coabitação, sugerindo a pouca discriminação de raça no interior das famílias. (POPPINO, 1969, p.251). A mestiçagem foi vista como sinônimo de superação das diferenças. Ao fazer essas escolhas, Rollie Poppino se integrou ao conjunto de debates que pautaram os estudos sobre a construção social da mestiçagem mais do que indicar as discriminações e diferenças sociais vivenciadas pela população negra.

Os estudos das relações sociais vindas da UNESCO indicaram a pauta dos trabalhos de pesquisa que foram feitos na zona rural, compreendendo o campo, a pecuária e o comércio nessas cidades como chave para indicar melhorias individuais nas condições de vida da população negra brasileira, o que pode ser visto em outras pesquisas como as de Marvin Harris e Bem Zimmermam.

Por outro lado, há que se considerar que Poppino afastou-se das discussões pautadas pela antropologia presente nos debates do PPSEBa, quando preferiu fazer um recorte que era considerado como sendo muito mais histórico, sociológico e de “classe”, ao indicar os

parâmetros da reprodução da riqueza em Feira de Santana, a partir da pecuária e do comércio. Isso também o fez deixar mais de lado o enfoque nas práticas sociais das populações negras na Bahia, como eventos, festividades, religiosidades e movimentos que foram considerados como “folclóricos” em outros estudos voltados para as “tradições” das regiões selecionadas.

Assim também percebemos que seu texto deslocou a compreensão do termo classe para o âmbito da classificação social e da descrição de possíveis mobilidades, afastando-se da ideia da percepção dialética da relação entre os sujeitos sociais, que estariam atuando em uma estrutura hierárquica que não parecia se dispor em lutas ou embates coletivos. Ou seja, para Poppino, classe é usada como uma palavra que indica separações de grupos sociais, por propriedade, por papel social. Por esse motivo, consideramos que seu trabalho faz parte de um conjunto de tantos outros que estudaram possibilidades para o desenvolvimento de regiões consideradas periféricas na América Latina e fundamentaram um escopo antimarxista de abordagem da História e do passado das lutas sociais naqueles espaços-realidade analisadas.

Há também apontamentos sobre uma “evolução” das instituições políticas. As mudanças começaram a ser localizadas na altura da segunda metade do livro. Entre 1930-1945, ele demarcou a “participação de uma porcentagem maior da população no governo local, a perda gradual da independência individual, em favor do governo municipal e o incremento da autonomia local, a expensas do governo central” (POPPINO: 1968, p.108). A abrangência política e territorial da sede mudou, tanto pela ampliação do alcance de seu comércio em novos circuitos, como pelo enxugamento de sua geografia, depois de alterações promovidas pelas circunstâncias de emancipação política de antigos distritos.

Outros assuntos cumpriram a agenda do projeto e podem ser facilmente localizados na tese de Poppino. Ao descrever todo o processo de fornecimento de água e organização de tarifas e controles feitos pelo governo municipal, Poppino atacou as dificuldades ainda enfrentadas pela administração pública da cidade, em vertiginoso crescimento no período em que estudou. Sem um sistema financeiro próprio para arredação tributada e sem diversos bens para atendimento das necessidades da gestão de equipamentos públicos, como a iluminação, o autor revelou que era preciso haver em Feira de Santana, nos anos de 1950, uma intervenção e melhorias imediatas, respondendo às perguntas do PPSEBa sobre as demandas por investimento local.

Chama a atenção o destaque oferecido por Poppino ao federalismo feirense, como sendo uma movimentação orgânica de suas raízes do período imperial, quando teria ocorrido uma

verdadeira “revolução sem sangue”, durante a Sabinada, o que também pode ser visto quando da oposição dos proprietários locais à abolição da escravatura, considerada como saída autoritária vindo do Império para oferecer diretrizes às oligarquias, o que afastava proprietários dos laços com a coroa²⁹⁶.

Retomando a história política emancipativa baiana frente a implantação dos municípios e seus governos após a Constituição de 1891, percebeu que, em Feira de Santana, a intervenção não era tão constante como nos demais municípios do estado (POPPINO, 1968, p.127) e o papel dos Conselhos Municipais e suas alterações, das Juntas Distritais e dos Juizes de Paz, para um modelo de aparelho administrativo, seria feita com constantes conflitos.

Assim é que Poppino chegou ao tema do papel do governo de Getúlio Vargas e da ditadura em 1937. Para ele, esse ano representou um período de interrupção de um ciclo, quando o executivo municipal em Feira havia ganhado corpo, fomentando um “novo espírito de liberdade na política baiana” (POPPINO, 1968, p.130), pelas suas afrontas e elaborações próprias. Entre a República e o Estado Novo, algumas ações marcaram a gestão pública em Feira de Santana, como a montagem da limpeza pública, do uso de carros para transporte da carne talhada (uma melhoria para o comércio local no enfrentamento de concorrentes), a construção do Mercado da Praça João Pedreira, o Paço Municipal, a Companhia de Melhoramentos de Feira de Santana, polícia e guarda noturna, além da mudança de paróquias. Diante do “golpe de Estado de Getúlio Vargas” (POPPINO, 1968, p.140), ou durante todo “o regime de Vargas” (1930-1945), o governo municipal teve que ser dirigido mais de perto pela capital, deixando parte de sua autonomia, construída no Império.

Não podemos cobrar de Poppino uma análise político partidária, desde que o autor não apontou nenhum partido político ao longo de sua narrativa, se restringindo a indicações sobre setores da economia para os quais estes grupos eram mais ou menos vinculados. Em poucas passagens, o autor tentou mostrar situações de defesa de interesses e poderes de grupos, a partir de suas atividades econômicas. Uma delas, por exemplo, foi quando falou que, após 1946, alguns setores buscaram construir representação de poder, como os comerciantes.

²⁹⁶ A temática da participação da Bahia em movimentos de “revolução” era uma inspiração para os estudos baianos que concentraram esforços, nos anos 1960, pela divulgação do conhecimento sobre o século XVIII como forma de apresentação deste viés federalista e autonomista. É interessante perceber, em sua escrita, o tema da violência como saída em determinados momentos do passado colonial, mas recuado em vertentes mais promissoras de transformação.

A narrativa, de uma história oficial, ao tratar do funcionamento das instituições, deixou subtendida a apresentação de um modelo federalista, para debate sobre os rumos da política brasileira nos idos dos anos 1950 e 1960, indicando uma crítica à centralização e o incentivo a medidas autonomistas, desde que não fugissem à organização política constitucional.

Já que a República brasileira não teria cumprido a sua esperada função liberalizadora das instituições, os rumos das políticas locais poderiam ser emblemas de um crescimento político que teria sido abortado. Assim, no localismo e no municipalismo, autores como Poppino viam o enraizamento da política. Como a ditadura Vargas, segundo ele, teria sido eficiente na administração e burocracia, tornou tais governos menos amadurecidos politicamente nas suas funções, pois menos enraizados nas eleições representativas, menos participativos. Houve uma espécie de burocratização das decisões e “em 1950, o problema básico da democracia, a indiferença por parte do povo, ainda estava para ser solucionada, em Feira de Santana” (POPPINO, 1968, p.148). Para Poppino, os exemplos de evolução emancipativa teriam contrastado com vícios políticos em Feira, como em tantos outros municípios periféricos, devido a interesses particulares e pouca inserção da população em vida pública.

No capítulo VI, o tema da vida política salta para uma análise do autor sobre a economia do “gado em pé”. Para ele, o declínio da venda do gado em pé na região teve relação com as mudanças nas formas de transporte. Enquanto mercados concorrentes investiram em variações de padrão do comércio, em Feira houve uma resistência a elas por diversos motivos, entre eles, por conta do pagamento de frete e custos adicionais. Sua principal crítica, feita aos comerciantes de gado no local era relacionada com a “modernização” dos transportes. Poppino acredita que os comerciantes de gado estavam atuando “inertes”, pois quando já era possível fazer o transporte por vias marítimas ou novas estradas, o comércio local tardava em modificar as vias de circulação (POPPINO, 1968, p.154). Mesmo assim, houve alguma iniciativa, como o transporte do gado por via férrea, entre 1940 e 1949. (POPPINO, 1968, p.155).

Por outro lado, a variedade e a qualidade do gado comercializado indicavam mudanças nos investimentos. Como o autor já havia discutido essa economia em *Cattle Industry...*, de 1948, ao reavaliar a qualidade daquele gado na região de Feira, transportado dos sertões para a capital e para o recôncavo, mostrou que, em termos de alteração destes padrões, algumas iniciativas locais precisavam ser levadas em consideração, como a importação de gado de sangue “puro” e a difusão da criação do gado zebu, de origem indiana. São padrões que foram fundamentais para a disputa do mercado consumidor. Mais tarde, depois que o texto de Poppino foi publicado, inclusive, havia outras preocupações e uma nova propaganda voltada para o

consumo do leite para a região, nos anos 1970 ²⁹⁷. Nesse período, o texto de Poppino foi amplamente utilizado em documentos oficiais locais.

O leitor encontrará, em Poppino, uma boa apresentação sobre a economia do gado. Os caminhos feitos, a relativa perda de sua importância na economia local e o destaque do gado para a cultura regional são temas bastante destacados. Nesse sentido, Poppino inclui definitivamente Feira de Santana entre os estudos sobre a pecuária no país, no terreno da história profissional. A diversificação e o desafio para a economia – que outrora havia se apresentado ao restante do país através das vendas de gado em pé, “a olho” – as alterações que vieram, desde a inclusão de balanças até a chegada dos frigoríficos, em 1951, são anotações importantes de Poppino.

Esta prática – do comércio de gado a céu aberto e das vendas de rua – ainda era muito presente na época em que Poppino visitou a cidade, e os olhares produzidos pelo norte-americano revelaram o relato de alguém que se inseriu naquele ambiente como analista que circunscreveu comparações e visualizou possíveis adequações a padrões externos.

Poppino tentou demonstrar opções para a ampliação dos investimentos em Feira, correlacionando-os com outros setores potenciais da região. A pequena produção de insumos alimentares, a produção de farinha, milho, que eram secundárias na economia da região, acresciam-se de melhorias fornecidas pela Secretaria de Agricultura, segundo Poppino, desde 1939. Um órgão auxiliar destas avaliações, a Associação Brasileira dos Municípios, que produzia a Revista Brasileira dos Municípios, foi fonte do debate de Poppino sobre este crescimento, talvez porque indicavam metas a serem seguidas²⁹⁸.

²⁹⁷ A avaliação feita por Poppino pôde ser vista no debate da elaboração do Plano Diretor de Desenvolvimento Local Integrado de Feira de Santana, em 1968, e em seus processos técnicos de investimento em infra-estrutura. Um dos pontos altos da mecanização do campo, propostas em Feira no final dos anos 1960, era a indicação dos investimentos em áreas rurais para a produção de frutas e de leite. Boa parte da produção, que foi considerada como doméstica e rudimentar, foi descartada por este plano como elemento de “entranche” para a economia regional, mas uma parte dela foi compreendida como necessária para manter o funcionamento do mercado como atrativo para os negócios, já que a produção dos alimentos era responsável ainda por atendimento de ampla parcela da população e de valorização de seu centro comercial. Sobretudo a pecuária e a criação de aves e outros animais passou a ser vista como sendo passível de aceleração produtiva, mantendo os laços de poderes tradicionais associados à compra de insumos e materiais como fertilizantes, pesticidas, sementes melhoradas e uma intensificação dos modos de vida e consumo capitalistas no campo.

²⁹⁸ Os volumes da Revista podem ser consultados no site do IBGE. O espírito “municipalista” foi a tônica dos debates do periódico, que circulou de 1948 a 1968. Em suas primeiras edições, a marca da VI Conferência Internacional Americana e a discussão do desenvolvimento é notória. Editada pela Associação Brasileira dos Municípios, fomentou argumentos em prol da atração de recursos para o interior do país. Com influências antiliberais de Alberto Torres e outros teóricos.

Uma série de outros elementos podem ser medidos para o crescimento do mercado local, mas o que o autor observou foi que artigos como o arroz, o trigo, tornaram dependente uma economia que poderia ser mais dinâmica. Feira de Santana, nos anos 1950, produzia sisal, algodão, mamona, para produção de óleo, fumo. Mas as produções não se voltavam para fora e não se destacavam tanto quando a economia da feira. Mesmo não sendo mais, nos anos 1950, a principal forma de produção de valores para os erários locais, as vendas de produtos no mercado de rua eram o grande fator agregador de possibilidades econômicas, circunstanciando uma região de abastecimento.

Com baixa tecnologia e dependência das condições climáticas, esse mesmo elemento tradicional, dizia ele, poderia passar por alterações que a levasse a outro patamar. Essa diretriz foi considerada pelo autor porque a maior parcela da população se ocupava de afazeres voltados para as feiras e o comércio. Diversos fatores tradicionais da economia foram diagnosticados como sendo passíveis de mudança urgente. O sistema de contratos rurais, que se sobrepôs à escravidão na região, se reinseria na “modernidade” e se reproduzia nos ambientes do comércio de alimentos caracterizados pelo que considerou como aspectos de rudeza.

o roceiro pagava ao fazendeiro uma parte fixa da colheita anual, em troca da utilização da terra. Esse sistema ainda se usava ocasionalmente em 1950, mas na maioria dos casos, tinha sido modificado por duas práticas empregadas desde a libertação dos escravos. (POPPINO. 1968, p.190).

Os roceiros plantavam capim, trabalhavam temporariamente nas fazendas, pagavam em dias alternados ou compensavam de formas plurais o acesso à terra. A região foi vista como uma amostra da transição da vida rústica do roceiro para os padrões de trabalho assalariado. As modificações que ocorreram no trabalho rural e suas variedades nos idos dos anos 1950 incitavam esses autores a buscar informações sobre meios de acesso político deste setor. Ou seja, a vida, em transição entre o “atrasado” e o “moderno”, exigia novas formas de domínio político. Se havia uma “revolução agrícola” em curso,

Enquanto alguns dos proprietários mais ricos aplicavam máquinas à vapor, a rotação das culturas, sementes selecionadas e práticas modernas de adubação, a pobreza e a resistência às novas ideias impediam a aceitação real de inovações tão radicais por parte dos rendeiros. (POPPINO, 1968, p.193).

Poppino fez alguns elogios para a Secretaria de Agricultura, que, sendo tratada como uma das mais modernas do país, teriam enfrentado dificuldades para implantar mudanças em Feira

(POPPINO, 1968, p.193). Sublinhando o nome do agrônomo Gratulino Melo, que atuou ao fornecer vínculos dos programas da Secretaria da Agricultura com o Município, através de escolas agrícolas de aplicação, uma estação experimental, avaliou como sendo raras as propostas locais baseadas em investimento tecnológico, o que serviria de competição com a concorrência. Feira de Santana, nos anos 1950, manteve, como várias regiões nordestinas, sua produção agrícola com base em “estruturas limitadas” e melhorias simples, com o uso do arado.

Dentre os tópicos estudados, o transporte teve sua relevância, já que a preocupação mais geral das pesquisas era pensar que a região precisava de integração. Nesse sentido, Poppino falou de desenvolvimento, quando anotou passagens das tecnologias mais simples para o direcionamento cada vez maior de verbas para a abertura de vias e caminhos, como a compra de veículos e maquinários associados à comunicação.

A produção industrial, que já foi considerada como “incipiente” por outros autores, impressionou Poppino. Como ele tomou toda a região para objeto do estudo, tratou da produção de fumo como um todo e as áreas de plantio, de produção e melhoramentos para revenda. A atividade tida como mais promissora em Feira, a pecuária, não havia passado por nenhum tipo de investimento que a alocasse no contexto da produção industrial, segundo Poppino, e a era dos frigoríficos teria chegado tardiamente na região. Situação essa que não fugia à regra da maior parte da produção nordestina.

Sobre este tema, Andrei Valente discorda em partes de sua avaliação, verificando que em meados dos anos 1920 e 1930, houve, em Feira de Santana, algumas iniciativas de uma inserção moderada de agentes de desenvolvimento da atividade pecuária em padrões crescentes de capitalização do campo. Com base na leitura de Ellen Meiksins Wood e Ed. Thompson, Valente mostrou que alguns pecuaristas baianos, em Feira, podem ser vistos como agentes de transformação da produção pecuária, baseados em novos padrões, melhoramentos e criação de redes de comércio que fortaleceriam seus lucros. (VALENTE, 2017).

Poppino deu destaque à produção das oleaginosas, assim como manufaturas de sabão, de couros, como típicas da economia local. Vale lembrar que o óleo de rícino se organizou, após a Segunda Guerra, como produto para exportação e se destacou ao lado da Usina de óleo de algodão, vista como prospecto interessante de investimento regional.

Produziam-se, em Feira de Santana, em pequenas oficinas e olarias, como em redes familiares, artesanatos, louças de pedra – segundo Poppino subestimadas – cerâmicas, telhas e tijolos, empregando a pequena parcela de trabalhadores operários do município. Ao lado de

pedreiras, indústrias de madeiras, de dormentes para estradas de ferro e carvão vegetal, o fabrico de “cestos, sacos, tapetes e cordas de caroá e outras fibras” (POPPINO, 1968, p.233) chamava a atenção na indústria doméstica. A rotina de produtores familiares e sua ligação com o comércio das feiras livres eram a garantia de movimento intenso nas segundas-feiras em Feira de Santana.

Então, apesar de empolgado com a variedade produtiva, tal elemento foi visto por Poppino como um carimbo de “atraso”, já que a maior parte do destino desta produção era para consumo interno. Exceto aquela voltada para o beneficiamento, como os óleos, ainda que com técnicas simples, era o que oferecia, para Poppino, destaque da região no interior da Bahia.

Poppino indicou que, junto com a população, o mercado cresceria, restando aos empresários uma maior atenção para o mercado de trabalho e ações para a oferta de uma “massa trabalhadora”, além da instalação de energia elétrica e do abastecimento de água. Naqueles anos significativos para recuperação econômica, Poppino mostrou fatores capitais para a inserção de Feira no mercado. Falava-se em autonomia, inclusive. Os produtos oriundos da agricultura local somavam-se com os vindos de fora, no comércio. Assim, para ele, “a inércia tradicional, que predominava entre os criadores e agricultores do município, pouca influência exercia sobre os negociantes da região”. (POPPINO, 1968, p.240).

Foi, portanto, a “classe comercial” quem superou as expectativas de Poppino, pois, por comparação, os comerciantes e produtores de gado e de insumos agrícolas estariam em um atraso associado com costumes locais. Isso é o que o autor atribui de forma generalista, como já dissemos, pois parte destes negociantes adentrou os mercados de consumo da carne a partir de gastos que fizeram para melhoria da produção. Sem dúvida, a feira e o comércio eram os atrativos locais e, neste quesito, Poppino até tentou indicar aspectos da cultura itinerante de seus vendedores, a recepção aos viajantes, as instalações de pensões, bares e restaurantes no entorno do comércio, sobreviventes ao período em que a feira não era mais o principal aspecto dinamizador da economia.

Feira de Santana apresentou para a Secretaria de Educação e Saúde um relatório, produzido pela Professora Edelvira Oliveira (delegada escolar), em 1949, a respeito das atividades escolares no Município. Muitas vezes, as escolas iniciaram seu funcionamento em prédios particulares, por empreendimento das professoras regentes, que inclusive conseguiam mobiliário e equipamentos, só posteriormente vindo a solicitar do Estado a cobertura dos custos. Esse procedimento ocorreu na escola Georgina Erisman, no Minadouro, como na Escola do

Tomba. No distrito de Maria Quitéria, a escola funcionava nas casas das professoras, em salas de jantar, sendo depois transferidas as atividades para o quartel da localidade. Também as atividades da “Hora da Arte” e da “Semana da Criança”, por iniciativa da colaboração da Secretaria de Educação com o Município, foram anunciadas por Edelvira Oliveira como um caminho novo para tornar pública a proposta daquela integração²⁹⁹.

Esta foi mais uma preocupação de Poppino, já no final do texto, ao dedicar uma sessão para levantamento do perfil educacional dos moradores do Município. Este quesito também era mostrado, dentro da tese, como uma meta dos debates da gestão estadual e que seguiram influenciando seu texto.

Voltando brevemente ao tema da composição social, também queremos problematizar a forma como Poppino utiliza o termo classe em várias passagens. Poppino usou o termo para uma classificação, a partir da condição de riqueza, ou, às vezes, para demarcar um grupo, como os pequenos proprietários de terra. Mas a expressão também lhe serviu para mostrar o alcance de dada condição de prestígio ou de acesso à riqueza.

Os sistemas de apadrinhamentos e relações de proteção mútua ocorreram entre senhores e empregados da zona rural, o que envolveu homens livres negros e indígenas, proprietários mestiços, entre outros. Mas o livro se divide em padrões consideráveis. Primeiro uma sequência de explicações para o período colonial e até meados de 1860, depois, finalmente discute a “evolução” social de Feira de Santana no contexto republicano. Tal mudança é a chave para entender o livro, pois é a partir desse parâmetro que o autor concluiu sobre transformações em relações que pareciam estanques.

Como grupo social, os proprietários eram considerados como brancos, apesar da circunstância de muitos deles possuírem sangue negro ou índio em suas veias. Na era colonial, os fazendeiros constituíam o único grupo “branco”. Já em 1860, a este se juntaria a classe comercial, que se instalara na vida de Feira de Santana. Tal classe existiria desde os últimos anos da era colonial, mas só nos fins do primeiro quartel do século XIX seria suficientemente numerosa para merecer uma atenção especial. Elementos desse grupo também eram considerados “brancos”. Num sentido social, conquanto entre eles houvesse mulatos empreendedores e alguns mamelucos, incapazes de uma ascensão na sociedade agropastoril da Província. (POPPINO, 1968, p.87).

²⁹⁹ Arquivo Público do Estado da Bahia. Republicano. Secretaria de Educação e Saúde. Ofícios Recebidos pelo secretário de educação e saúde (11) 1935/1969.

Essa passagem é fundamental para entendermos que o sertão apresentava, aos olhos do autor, uma nova conformação de explicação para a ascensão social de pessoas mestiças. A dita “classe” dos comerciantes, vinda do litoral, buscou prestígio no interior, mas não conseguiu agregar a esse fenômeno, pelo menos até o final do Império, seu poder político, ofertado aos fazendeiros da região e aos brancos, por assim dizer. Assim Rollie associou riqueza, prestígio e raça, atenuando-se as discriminações a partir de critérios que seguiram esses fatores. Através desse caminho, o trabalho no comércio, a função do vaqueiro e o trânsito entre formas de emprego e renda diversificadas do sertão estabeleceriam outro patamar de análise sobre raça e classe na Bahia.

os vaqueiros eram o grupo mais mesclados entre os grupos sociais de Feira de Santana e, sob certos aspectos, constituíam grupo mais importante. Proveniente dos habitantes sem terra do litoral, os vaqueiros primitivos incluíam os brancos, mulatos e negros livres, bem como índios e mamelucos. No interior, contudo, devido à miscigenação e à conquista, o sangue índio logo passava a predominar entre os vaqueiros. (POPPINO, 1968, p.87).

Parte desse prestígio deveu-se ao embate entre vaqueiros que trabalharam como soldados de guerra contra os Paiaíás e suas relações de pagamento e fidelidade com os proprietários das rezes. A alteração de padrões, segundo ele, ocorreu com a absorção do sujeito “mulato” entre a população feirense (POPPINO, 1968, p. 90-91), o que mostra a mudança na atividade e sua importância na ampliação da mestiçagem entre composições sociais e raciais. No século XIX, para ele, o vaqueiro era a mais pura representação da mestiçagem em Feira de Santana, que na sua visão significava uma composição “das três raças”, através da denominação do “caboclo”. (POPPINO, 19968, p. 90-91).

São muitos os detalhes de descrição do autor sobre as instituições sociais, capítulo chave da obra, porque através dele verificamos a maioria das suas hipóteses em diálogo com as questões de raça da UNESCO e do PPSEBa. É possível encontrar em seu livro levantamentos ensaísticos e estimativas, calcadas em observações de anotações de pesquisa local, entrevistas e generalizações, pois o autor não dispunha de dados suficientes e fontes para concluir sobre a maior parte da discussão a respeito das questões raciais em Feira de Santana. Poppino procurou driblar as dificuldades com os dados, ao elencar fatores de raça com ocupação e terminou cristalizando por alguns anos o debate sobre o mercado de trabalho local. Ainda hoje, muitas

das questões levantadas em diversas pesquisas locais partem da discussão de Poppino sobre essa composição³⁰⁰.

Por esse mesmo motivo, a recepção do trabalho do autor é um campo de debate muito amplo para esse espaço. Mesmo assim, queremos demonstrar que as relações de sua produção e o trato com seu trabalho narrativo, no início da década de 1950 e do PPSEBa, foi recuperado por outro contexto de debate e aproveitamento da produção de história do conjunto dos pesquisadores, em 1968.

Como o texto é, em sua maior parte, mostra muito pouco a exploração das fontes e informações que lhes foram disponibilizadas, as poucas passagens onde aparece uma posição crítica do autor frente ao material utilizado nos revela muito sobre o período. Além do mais, é aí que percebemos a personalidade do autor, nos adjetivos, e nas circunstâncias de sua escrita que são igualmente assuntos associados aos temas que analisou. No limite desse texto, tentamos apontar apenas alguns elementos e temos a certeza de que os demais já foram ou continuam sendo feitos por historiadores preocupados com a história local.

Sobre isso também tentamos apontar que o livro e a tese precisam ser tratados menos como uma espécie de matriz de perguntas sobre a história local, mas uma narrativa inteira, coesa, um ensaio no terreno brasilianista e que se desdobrou em várias consequências de história e memória sobre as lutas sociais em Feira de Santana e no sertão.

5.6 DEMANDAS DO CAPITAL: A MISSÃO ABBINK NA BAHIA E O DEBATE SOBRE SEUS RESULTADOS

Assim como o pensamento ruiano e as diretrizes do debate racial do PPSEBa e da Unesco na Bahia tiveram grande influência na escrita da tese de Rollie Poppino e as demais resultantes do projeto, as metas traçadas pelo secretariado do governo da Bahia, em 1950 para discussão da economia do estado, foram constantes dos objetivos de todos os autores do programa. Entre elas, as pesquisas que pudessem ofertar respostas para questões práticas sobre o investimento em setores da economia baiana.

³⁰⁰ O censo de 1835 lhe permitiu levantar comparativos entre as áreas pela quantidade de fogos empregados na freguesia, destacando a quantidade de pessoas livres, a manumissão e a diversidade das ocupações de negros e mestiços na região. (POPPINO, 1968, p. 94). Vale lembrar que boa parte das descrições sobre o mundo do trabalho colonial trouxe para o interior as conclusões de Roberto Simonsen e de Euclides da Cunha, aplicando modelos pastoris para Feira de Santana, sem necessariamente investigar-se sua composição específica.

A seguir, circunstanciaremos o tema do debate do desenvolvimento econômico no estado a partir da Missão Abbink, um intercâmbio para estudos que mostra, ainda mais, a conexão das lideranças baianas que estavam, ao mesmo tempo, na educação e cultura e nos bastidores do governo da Bahia, apontando discussões e rumos de investimento.

Em retribuição à visita de Harry S. Truman ao Brasil, em 1947, e com a assinatura do Tratado Interamericano de Assistência Recíproca, temos um período cujo roteiro de aproximação entre Brasil e Estados Unidos já é relativamente conhecido. Destaque-se principalmente a relação das metas de aproximação do pós-guerra com a ampliação dos investimentos financeiros em programa de assistência. Nessa esteira, podemos destacar a Missão Abbink³⁰¹, que envolveu debates técnicos entre norte-americanos e brasileiros para o desenvolvimento econômico nacional em termos imperialistas.

Em particular, houve, na Bahia, uma mobilização para convocar a participação de técnicos e pensadores sociais nestas ações, facilitando o conhecimento sobre as necessidades internas e as mobilizações possíveis junto ao capital privado externo, polarizando opiniões sobre o caráter dos investimentos que viriam a ocorrer nas áreas compreendidas como sendo “subdesenvolvidas”.

A Comissão Mista Brasileiro-Americana de Estudos Econômicos (CMBAAE) ficou conhecida como Missão Abbink por conta da direção de Jonh Abbink e, ao visitar as áreas e promover reuniões locais, buscou averiguar as formas de incentivo do crescimento do capital nestas regiões, mas não resultou em nenhum empréstimo efetivo (RIBEIRO, 2012). Seu papel foi conhecido e visitado por analistas das relações internacionais, tanto no campo liberal, como Pedro Malan, quanto com duras críticas vindas da esquerda e do anti-imperialismo.

No terreno dos investidores do capital, conforme já esclarecemos, frutificaram-se esperanças de que, após as investigações técnicas feitas pelos norte-americanos, ocorresse contratação de empréstimos feitos pelos Estados Unidos para o Brasil. Mas, apesar disso, a

³⁰¹ O Presidente Eurico Gaspar Dutra foi o primeiro a visitar os Estados Unidos e a ascender os acordos e as expectativas internas de diálogo com o vizinho. A relação da polaridade com a União Soviética vinha acompanhada de um contexto de “descolonizações” e de entrada de novos países no circuito do mercado americano, buscando suas formas independentes. Para Ribeiro, o crescimento dos aparelhos do Estado voltados para oferecer sustento ao processo de acumulação de capitais e o investimento nas propostas que discutiam tecnologia como caminho afirmativo do capital-imperialismo no Brasil, mesclaram interesses dos Estados Unidos da América com brasileiros, através da montagem de investigações sobre suas reais condições de crescimento econômico. RIBEIRO, Thiago Reis Marques. **Das Missões à Comissão:** ideologia e projeto desenvolvimentista nos trabalhos da “Missão Abbink” (1948) e da Comissão Mista Brasil-Estados Unidos (1951-1953). Dissertação de Mestrado. UFF. Niterói, 2012.

maioria dos empresários acompanhou a Missão com cautela. Os empresários brasileiros sabiam que o interesse norte-americano após a Segunda Guerra era o de apresentar, através de propaganda de uma ajuda “humanitária” para as nações europeias, novos acordos comerciais nos quais o Brasil não era protagonista. É possível verificar essas discussões nos artigos que eram publicados em imprensa nacional e que refletiam também na Bahia. Por isso, também acompanhamos uma parte da reflexão feita pelos intelectuais baianos, a respeito da Missão Abbink, entre alguns sujeitos que não apenas atuaram, como estabeleceram diretrizes para o PPSEBa.

O momento pode ser localizado no contexto descrito por Otávio Ianni como uma “crise de transição”, quando estavam se alterando os padrões do capitalismo agrário para o capitalismo industrial. (IANNI, 1975, p. 17). O que ficou claro para Ianni é que, nesta fase, no meio intelectual, a sociologia e as ciências sociais foram assediadas como nunca por demandas práticas, tanto das classes dominantes, como as subalternas, demarcando polarizações, interligando a produção sociológica e a produção intelectual brasileira. Ianni diz que, na sociologia brasileira e no campo intelectual das ciências sociais, os cientistas “estrangeiros”, convocados para pensar o país, eram os novos “viajantes” do século XX: “antes, houve o exótico indígena, depois, houve o exótico mestiço, em seguida, nas últimas décadas, há o exótico comunista”. (IANNI, 1975, p.67). Ianni se referiu ao modo como, em geral, foi abordado o tema das relações sociais no Brasil nas décadas de 50 e 60. Para ele, os pesquisadores que vieram ao Brasil devido aos acordos do pós-guerra exerceram influência também por proporcionar aos estudantes um “modelo de trabalho acadêmico” e, depois da denúncia do Projeto Camelot entre os intelectuais brasileiros, recaiu sobre pesquisadores estrangeiros a crítica dos motivos “extra-científicos” que moveram as suas pesquisas. De um lado, o ambiente intelectual promovido pelas trocas diplomáticas envolveu interesses de coleta de respostas rápidas para os investimentos no Brasil ou para o combate ao comunismo, por outro, a curiosidade dos visitantes e a intervenção acadêmica dialogaram com essas condições sem que, necessariamente a reproduzissem por inteiro. Toda essa relação, para ele, foi muito marcante desde a década de 1950.

Em 1948, Carlos Marighella era diretor da Revista Problemas, e escreveu sobre a Missão que, “voltam, assim, os americanos a insistir na tese da reciprocidade, um dos principais sustentáculos desse insolente tratado imperialista”, apontando a tendência cada vez mais forte em criar-se, da parte do capital norte-americano e das empresas envolvidas, a noção de capital misto com as classes dominantes no Brasil. Essa discussão era fruto das teses defendidas por

Prestes sobre a questão agrária e as perdas, das classes dominantes nacionais de seu papel nos investimentos, dando lugar a um espólio maior da parcela do capital estrangeiro nos negócios³⁰².

Na Bahia, houve bastante diálogo de lideranças locais, que expunham suas opiniões no *A Tarde*, com as visitas. Aos olhos de intelectuais como Inácio Tosta Filho e Thales de Azevedo, a Missão escancarava visceralmente os problemas da economia baiana e era preciso mobilizar uma resposta interna. Para tanto, houve uma retomada do debate sobre os “enigmas baianos” - questões postas para responder aos motivos da Bahia ter perdido destaque na economia nacional como grande produtora, ao longo da República.

Este impresso recebia notícias através do grupo da *Associated Press* e reproduziu na Bahia algumas avaliações sobre a conjuntura pós-guerra. Ao receber textos de comentaristas de outros jornais no país, em contrapartida, os baianos apresentaram suas versões sobre a economia nacional e indicaram diretrizes para investimento no estado. O diálogo era alimentado pela problemática da relação entre a economia brasileira e a norte-americana. Em uma dessas ocasiões, Antônio Osmar Gomes, em “Homenagem a um escritor brasileiro”³⁰³ proferiu um discurso para Antônio Smith, sobre a necessidade da economia brasileira se desvencilhar de suas bases agroexportadoras e o *A Tarde* publicou comemorando a “emigração de técnicos e atração de capitais”³⁰⁴.

Naquele momento, a Missão Abbink visitou o estado, produziu um relatório e este recebeu críticas nas páginas dos jornais. Vieram para Salvador e outras cidades o economista americano John Abbink e mais 120 técnicos, acompanhados também do major Rice, John Candy, Eduardo, Lopes Rodrigues, Afonso Almiro. Os últimos foram destacados na nota do *A Tarde* como pessoas que coletaram as informações de Inácio Tosta e Pedro Calmon, para direcionamento dos trabalhos³⁰⁵.

³⁰² Texto gentilmente cedido por Ricardo Sízilio. MARIGHELLA, Carlos. Nossa Política. **Revista Problemas**. Rio de Janeiro. n. 13, ago/set. 1948. Arquivo de Memória Operária do Rio de Janeiro – Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro. p.5-6

³⁰³ GOMES, Antonio Osmar. “**Homenagem a um escritor brasileiro**”, *A Tarde*. Ano 37, 4 de janeiro de 1949, ex. 12.590, página 2. Gomes 1896- era membro do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia e escreveu sobre a cultura do baixo São Francisco na festa da Chegança (1941). Era economista e tinha proximidade com Arthur Ramos.

³⁰⁴ Id., *Ibid.*.

³⁰⁵ Está na Bahia a Missão Abink. *A Tarde*, Salvador, ano 37, ex.12595, 10 de janeiro de 1949, p.2.

Aproveitando o ensejo das discussões propostas pela missão, Osmar Gomes também insistiu com o tema das mudanças de padrão econômico, em busca de uma política que, segundo ele, “libertasse” a Bahia da estrutura exportadora³⁰⁶.

Thales de Azevedo então publicou o texto “Planos Econômicos para a Bahia”³⁰⁷ e Inácio Tosta Filho, o ensaio “O Problema Econômico da Bahia”³⁰⁸, nos quais ambos construíram variantes de leitura para o relatório da Missão Abbink. Outro que fez questão de se posicionar publicamente sobre o tema foi Pimentel Gomes, com “Lavoura ou indústria”³⁰⁹.

A interpretação de Tosta Filho foi acolhida pelo governo estadual e foi comentada na imprensa por favoráveis à inserção econômica da Bahia nos projetos de industrialização, cujos termos, para ele, precisariam passar pelo “filtro” interno, que se traduzia como uma melhor compreensão da situação real da produção da Bahia a ser feita pelos próprios produtores do estado.

Somente a divulgação, pela imprensa diária, das opiniões de alguns economistas sobre o futuro econômico da Bahia, explica que um simples observador, interessado em problemas médico-sociais e assuntos de antropologia, se permita uns comentários em torno dos mesmos temas.

As sugestões de Augusto F. Schmidt, de Euvaldo Lodi, de J. Abbink não teriam sido possíveis para especialistas que apenas estiveram poucos dias entre nós, não fosse o material reunido e interpretado no Relatório Tosta Filho, documento originado da noção lúcida que tem o governador Otávio Mangabeira de que não se resolvem problemas cujos termos se desconhecem. Pena é que esse trabalho continue desconhecido do público e daqueles que, sem julgarem entendidos na matéria, lucrariam com a sua leitura. O mesmo se diria das pesquisas sociológicas, históricas, médicas e geofísicas levadas a efeito nesta Capital pelo Escritório do Plano de Urbanismo da Cidade do Salvador, sob a orientação esclarecida do engenheiro Mario Leal Ferreira. Estes estudos pela seriedade que os inspirou e pela cópia de dados colhidos em nosso meio com espírito científico, precisariam ser compulsados por tantos pessimistas que supõem inata e invencível nos baianos a falta de capacidade a ponto se ter criado a fama, contestada por Gilberto Freyre, no prefácio de uma obra de Luiz Vianna Filho, de que damos para tudo, menos para ensaios e pesquisa de cunho científico.

Até onde pode coligir do noticiário de imprensa quem não ouviu as três conferências do engenheiro Tosta Filho o relatório sobre os problemas econômicos da Bahia baseia-se na premissa de quem acredita que para se organizar a agricultura não devemos pensar em industrialização. A mesma tese foi defendida no México, pelo Chanceler Jaime Torres Bodet, agora substituto de J. Huxley, na direção geral da UNESCO.

³⁰⁶ Capitais e técnicos. **A Tarde**, Salvador, Ano 37, ex12571, 17 de janeiro de 1949, p. 3.

³⁰⁷ AZEVEDO, Thales de. Planos econômicos para a Bahia. **A Tarde**, Salvador, ano 37, ex12569, 14 de janeiro de 1949, p.3.

³⁰⁸ FILHO, Inácio Tosta. O problema econômico da Bahia. **A Tarde**, Salvador, Ano 37, 19 de janeiro de 1949, p. 3.

³⁰⁹ GOMES, Pimentel. Lavoura ou Indústria. **A Tarde**, Salvador, ano 37, 26 de janeiro de 1949, ex.12609, p. 3.

Na verdade, sem agricultura produtiva, orientada, utilizando um ânimo de técnicas apropriadas, não teríamos matéria prima suficiente, de boa qualidade e com especificações adequadas para aproveitamento industrial. Ao mesmo tempo é fato comprovado que uma agricultura próspera necessita financiar empreendimentos. Nada disso é desprezível para quem sabe quanto importam, em certas iniciativas, as disposições de ânimo para enfrentar longos períodos de estudo, dificuldades técnicas, precariedades de mão de obra, riscos financeiros, demora de lucros...

Entretanto poderemos perfeitamente criar grandes números de pequenas indústrias disseminadas por todo o Estado, com oficinas modestas, de reduzido custeio, com diminutas exigências de combustível, força e água, em que a madeira, os couros, a piassava, as fibras, os coquilhos, os óleos, o fumo e muita outra coisa fosse trabalhada e transformada ao invés de ser exportada em bruto, voltando depois, com o duplo e o triplo do valor, para o nosso consumo. Ainda há pouco pude observar, sempre pensando na Bahia, a contribuição extraordinária que as pequenas indústrias de couros, de madeira e até de metais dão a prosperidade do Rio Grande do Sul, para não falar nas áreas vizinhas de Santa Catarina, Paraná e, em parte, de S. Paulo³¹⁰.

O padrão agrarista pensado por Azevedo incluía a instrumentalização de setores considerados como tradicionais e o investimento em oficinas menores, com poucos operários. Sua reflexão sobre a integração entre desenvolvimento industrial e agrícola seguiu os debates realizados pelo 3º Seminário Inter-Americano de Ação Católica, no qual a economia baiana foi apontada como exemplo para outros países participantes. A meta de Thales era a de criar mecanismos de escuta, com representantes locais selecionados.

Enquanto isso, Tosta Filho avaliou que a situação do transporte precisava ser inicialmente levada em consideração, e que

Pretender erigir, na atual base agrícola da produção bahiana, uma grande estrutura de caráter industrial, no sentido restrito deste termo, é vendar os olhos à evidência da luz solar e descambar para o terreno das afirmativas ôcas, fazendo-nos correr o risco de nos deixarmos embasar por um ufanismo adormecedor, com o adiamento ou desprezo de uma política imediata de profunda reestruturação rural pelo engodo de uma maravilhosa, assim chamada, industrialização³¹¹.

Thales de Azevedo concordava com sua versão, mas preferiu considerar a proposta de Tosta Filho, de uma gradativa conexão da agricultura com a indústria, a partir do caminho da associação direta das produções no interior do estado com a indústria, via uma produção pré-

³¹⁰ AZEVEDO, Thales de. Planos econômicos para Bahia. **A Tarde**, Salvador, ano 37, ex 12569, 14 de janeiro de 1949, página 3. (destaque nosso)

³¹¹ FILHO, Inácio Tosta. O problema econômico da Bahia. **A Tarde**, Salvador, Ano 37, 19 de janeiro de 1949. Ex 12603, página 3.

existente e em pequena escala. Vimos aí também que a sugestão dos baianos era a de “integrar” a economia, em movimentos de investidas em transporte e condições de dinamização do que já se constituía como base de produção no estado. Ou seja, aproveitar os recursos, mas não necessariamente para uma industrialização de modelo forâneo.

Já Pimentel Gomes, ao lembrar que a presença de “Mr. Abbink” na Bahia foi uma sinalização para o incremento da agricultura e da pecuária, foi mais incisivo na crítica dos interesses norte-americanos.

Não conheço a frase de Mr. Abbink, talvez má traduzida ou generalizada. Se está certa, porém, se essa é a opinião do economista norte-americano, pediria vênia para dizer-lhe que não acredito muito nas vantagens do seu conselho. Porque, pergunto eu, essa economia perneta, essa economia colonial, essa economia falha e perigosamente dependente do estrangeiro, economia tão de molde a agradar às grandes nações industriais, ansiosas por mercados, quando é possível e indispensável tê-la ampla sólida, elástica, se agro-industrial, como nos Estados Unidos, o Canadá, a França e a própria União Soviética a possuem? Porque não desenvolver simultaneamente a lavoura e a indústria como se fez nos países citados a se está fazendo, com resultados magníficos...³¹².

Continuou a análise tratando da economia norte-americana e seu crescimento, indicando as experiências dos Estados Unidos como exemplo de que a simples mecanização da lavoura ia apenas beneficiar os mercados. O uso de tratores, adubos, máquinas desleiteiras, não acompanhava o ritmo produtivo, “porque vivíamos na dependência estreita dos outros”³¹³. No entanto, manteve-se a crença de que os Estados Unidos, assim que suprissem suas necessidades de mecanização, passariam a investir no Brasil e na mecanização de sua agricultura.

Amigo tradicional dos Estados Unidos, o Brasil espera da Missão Abbink, o início de uma época de mais intenso desenvolvimento. Creio que dela resultará na vinda de elementos que tanto nos faltam para fazer deste país, em poucos anos, uma nação muito mais próspera³¹⁴.

As expectativas eram divergentes, assim como as opiniões sobre as vias que de fato seriam necessárias para a concretização do apoio norte-americano esperado para a economia brasileira e para a economia baiana. As propostas de Thales de Azevedo se voltavam para uma

³¹² GOMES, Pimentel. Lavoura ou indústria. **A Tarde**, Salvador, Ano 37, ex 12609, 26 de janeiro de 1949, página 3.

³¹³ GOMES, Pimentel. Id., Ibid

³¹⁴ GOMES, Pimentel. Id., Ibid..

compreensão do enraizamento de atividades da produção agrícola, industrial e comercial no estado e vimos que suas pesquisas trataram diretamente com estas diretrizes.

Como lemos na tese poppiniana, o conhecimento das atividades que se radicaram na região de Feira de Santana levou em consideração seus potenciais para o crescimento a partir de novos padrões de mercado ou foram entendidas como entraves diante da noção de modernização.

As investidas dos pesquisadores em conclusões sobre “comunidades” do interior da Bahia condiziam com as práticas dos seus coordenadores – especialmente Thales de Azevedo – e atuaram como intelectuais orgânicos para pensar os fatores do comércio e da agropecuária baianos, como indispensáveis para o desenvolvimento da região e, de certa forma, como aspectos que foram negligenciados pelo Relatório Abbink e precisavam de resposta urgente.

O período foi de intenso movimento na área e a imprensa mostrava as opiniões divergentes. Outros interessados em investimentos chegaram à Bahia, não apenas pela representação desta Missão. Dirigentes da Cia Brasileira de Petróleo, Robert Coghill, da Cia Gully, estiveram em Salvador, para tratar do fornecimento do mineral para o mercado baiano³¹⁵ e houve uma movimentação interna para que o estado orientasse sua produção de outro modo. Neste período, o “Bahia Rural” também empenhou a função de divulgador das propostas de melhoramento produtivo para o setor. Os atrativos da economia eram o de estabelecimento de novas parcerias, atentas para o domínio externo.

A secretaria de Educação e Saúde prestou alguma assessoria na pesquisa de campo e construiu alianças que contavam com o Departamento de Estatística, como órgão do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, que cumpria a função dos levantamentos. Em agosto de 1947, foi finalizado um relatório sobre as exportações de Fortaleza para a Bahia, assinado pelo diretor Thomas Gomes da Silva, a pedido do secretário³¹⁶. Nessas circulares, é possível encontrar informações sobre o movimento comercial e argumentos a favor dos setores que consideravam como merecedores de investimento.

Nesse sentido, as agências perceberam que o intelectual ligado às ciências sociais possuía uma funcionalidade e os intelectuais, por sua vez, atuavam em negociação com este papel. No

³¹⁵ “Na Bahia, dirigentes da Cia Brasileira de Petróleo”. **A Tarde**, Salvador, 4 de janeiro de 1949, ano 37, ex. 12590.

³¹⁶ Fundo Secretaria de Educação e Saúde, Gabinete do Secretário, Sub-Grupo Departamento Estadual de Estatística, Série Quadro Demonstrativo de Exportação para o estado da Bahia. Caixa 3927, maço 1 a.

caso da Missão Abbink, o episódio marcou uma fase de trato direto da pesquisa em campo e em diálogo com agentes públicos interessados em debater seus resultados.

Levando em consideração que Thales de Azevedo era alguém extremamente interessado no tema, destacamos que essas preocupações não eram apenas um pano de fundo para as ações intelectuais nas quais ele se envolvia, mas se conectavam como diretrizes de pesquisa. O PPSEBa estava em plena discussão com as metas estrangeiras para o estado, apontando os caminhos desejados pelas classes dominantes para o investimento na economia, discordando ou não de seus parâmetros. Ao atuar ao lado destes intelectuais orgânicos, os pesquisadores tiveram um papel articulador de narrativas e conclusões histórico-políticas para as metas estabelecidas.

Essa foi uma fase marcante na carreira de Rollie Poppino. Sua passagem nesse grupo decidiu os rumos de sua atuação como especialista sobre o Brasil nos Estados Unidos e garantiu sua inserção em grupos de trabalho e pesquisa sobre as relações sociais no país. As avaliações que fez das condições sociais e políticas para o desenvolvimento de acordos entre Brasil e Estados Unidos serão o assunto do próximo capítulo. Apesar de, muitas vezes, essa não ser exatamente a meta final dos trabalhos que publicou, Rollie Poppino estava completamente envolto nas relações diplomáticas entre os dois países, uma vez que serviu ao Departamento de Estado depois de 1954 e teceu ambientadas nas ideologias do pós-guerra e nas visões americanistas sobre o Brasil. Esse americanismo, como veremos, foi construído das expectativas internas pela sua observação, mas também, pelo julgamento das forças políticas nacionais brasileiras, em disputa. Ainda que tenha compartilhado de várias noções de seu tempo, também demonstraremos que o autor teve algumas tarefas específicas a cumprir.

6 A ATUAÇÃO DE ROLLIE E. POPPINO COMO ESPECIALISTA DO BRASIL NOS ESTADOS UNIDOS

6.1 – A ESCRITA DOS INTELLECTUAIS DO DEPARTAMENTO DE ESTADO NO PÓS-GUERRA E GUERRA FRIA

Após a experiência do doutorado, a carreira de Rollie Poppino foi integrada mais particularmente a uma proposta diplomática. Saindo do domínio dos “estudos de comunidades”, Poppino passou a se dedicar a análises a respeito da história do Brasil colônia e as correlacionou com temas contemporâneos sobre emancipação política, um típico brasilianista. Devemos lembrar que, no início dos anos 1950, a produção da História do Brasil seguia a tendência explicativa dos mais conhecidos intérpretes do Brasil, de quem tomou vários temas de empréstimo. Entre eles os conflitos sociais e a estabilidade democrática, bem como o período das lutas independetistas e de “emancipação”, no século XIX, repensando o caráter das instituições, a discussão sobre as heranças ibéricas da política e a formação do Estado Nacional. Seguindo esta tendência, Poppino publicou, ao longo de sua carreira, resenhas sobre a produção bibliográfica brasileira e, ao mesmo tempo, atuou como agente do Departamento de Estado para assuntos especiais relacionados com a América Latina e o comunismo.

Recuperando outra passagem de Poppino pelo Brasil, como ele era próximo das estruturas tradicionais da narrativa histórica sobre o Brasil, esteve também no IHGB, se associou e foi atuante. O seu texto é comumente citado para tratamento do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Por algum tempo, foi considerada a única revisão sobre as publicações da Revista do Instituto em 100 anos, quando, em 1953, colaborou com os trabalhos da instituição, escrevendo uma espécie de revisão sistemática do material da Revista do Instituto durante um século. De acordo com Poppino

Periódicos Históricos Regionais e Nacionais na América Latina tiveram um papel muito mais influente no desenvolvimento intelectual de seus países que os seus correspondentes nos Estados Unidos. Assim, o estudante de história intelectual da América Latina poderá encontrar valiosos suportes em uma análise detalhada do conteúdo e evolução destas publicações. Para este caso,

a Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro foi selecionada (tradução nossa)³¹⁷.

Poppino mostrou domínio a respeito da bibliografia disponível sobre o Brasil e o periódico representou um instrumento diagnóstico da situação da produção de História no país. Construiu tipologias, elencou possibilidades e apontou a composição do grupo do Instituto, absolutamente formado por homens de elite e na maioria educados na Europa. O tom conservador do periódico lhe chamou a atenção juntamente com as temáticas discutidas, quase sempre celebrativas. O avanço das instituições de educação superior e o crescimento no número de novas publicações para estudos sobre o Brasil deixaram, segundo Poppino, o instituto receoso, e, contrário a isso, o que ele esperava era que a instituição tivesse canalizado melhor os ânimos das novas produções para o enriquecimento do conhecimento sobre a história do Brasil, talvez até incorporando-os.

Poppino publicou na revista *Hispania*, publicada pela *American Association of Teachers of Spanish and Portuguese* (Associação Americana de Professores de Espanhol e Português), em 1953, em coluna sobre o mundo hispânico (*The Hispanic World*), dirigida por Robert G. Mead Jr., especialista em aprendizado de línguas estrangeiras e dedicado aos temas da cultura mexicana nos anos 1930. Em divulgação das publicações sobre os países de línguas hispânicas nas Américas, em inglês, Poppino surge como um autor que montou uma revisão do papel da Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro desde 1839, traçando o seu perfil e os temas discutidos, já que essa revista era a única no gênero.

Resenha de um antigo periódico brasileiro – existem pouquíssimos periódicos no mundo que se sustentam há mais um século ou mais. Alguns deles existem onde se menos se esperaria, na América Latina. Além dos antigos periódicos eruditos mais conhecidos de Cuba e do Chile, o Brasil possui um periódico desse tipo, a revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, publicada regularmente desde 1839. É o objeto do estudo de Rollie Poppino em *The Hispanica American History Review*. Revisão histórica, Volume XXXIII, n. 2., maio de 1953 (tradução nossa)³¹⁸.

³¹⁷ Do original: “National and regional historical journals in Latin America have had a far more influential role in the intellectual development of their countries than have their counterparts in the United States. Therefore, the student of the intellectual history of Latin America will find worth- while aids in a methodical analysis of the content and development of such journals. For this case study, the Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro has been selected.” POPPINO, Rollie E. A Century of the Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. *The Hispanic American Historical Review*. Vol. 33, No. 2 (May, 1953), pp. 307-323 <http://www.jstor.org/stable/2509691>, Data de acesso 20-11-2017.

³¹⁸ MEAD Jr. Robert. *The Hispanic World*. Revista *Hispania*, 1953, p 469. <https://www.jstor.org/stable/334794> Do Original: “Old Brazilian Review.- There are very few periodicals in the world that have been able to maintain themselves for a century or longer. Some of them exist where one would least expect them, in Latin America. Besides the better known old learned journals of Cuba and Chile, Brazil possesses such a periodical in the Revista

A virada para os temas da história política do Brasil recente, nos anos 1960, não o colocou distante das referências da Bahia. Ao explicar as interpretações de Russel-Woo, a respeito da Independência no Brasil, em sua forma conservadora, em comparação com as demais ex-colônias, Poppino justificou que os argumentos de Russel-Woo seriam facilmente apoiados, pois Russel-Woo apontou para o papel dos baianos na luta com frotas portuguesas. Poppino comparou esse material com o texto de Emília Viotti, disponível na época como uma das poucas e melhores interpretações sobre a passagem da colônia para a monarquia, a quem Poppino reconheceu muito melhor análise³¹⁹.

O seu diálogo com a Bahia e com aquele setor intelectual que o acolheu nos anos 1950 manteve-se vivo como farol para interpretação do Brasil. Podemos ver essa relação quando tomou posições de crítica ao governo Vargas e sua figura caricaturada de ditador, nos anos 1950, como quando procurou referências, na bibliografia da historiografia brasileira, para ressaltar o papel das lutas locais nas políticas federalistas de emancipação. Tanto que, Poppino foi interessado e, algumas vezes, convidado pelo Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, para tratar de assuntos sobre o “desconhecido” período regencial brasileiro³²⁰.

Já em anos mais avançados de sua carreira, ao escrever sobre Vargas, em biografias e estudos específicos, preferiu valorizar o que considerou como “imparcial” e criterioso, ao demonstrar mais do que o personagem “benevolente” e caricato, mas segundo ele, atitudes políticas que foram “calculadas”, como até mesmo o seu suicídio³²¹.

Na década de 1950, vimos uma intensificação das reuniões científicas na América Latina.³²² As relações bilaterais entre Brasil e Estados Unidos passaram por um novo contexto

do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, which has appeared regularly since 1839. It is the object of a study by Rollie E. Poppino in *The Hispanic American Historical Review*, XXXIII, no. 2 (May, 1953)”.

³¹⁹ POPPINO, Rollie. Resenha: Fidalgos and Philanthropists: The Santa Casa da Misericórdia of Bahia, 1550-1755 de A. J. R. Russell-Wood, **The Americas**, Vol. 26, No. 2 (Oct., 1969), pp. 232-234. Na mesma coletânea do texto resenhado por Poppino, escreveram Maria Odila Silva, Stanley Hilton, em uma fase de reforço interpretativo mais atualizado sobre a história política no Brasil. Em outra oportunidade, em 1968, resenhou a produção de Woo-Russel sobre a Bahia, voltando a se reaproximar de argumentações brasileiras.

³²⁰ POPPINO, Rollie. Um século da Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Rio de Janeiro, **Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro**, 1977, vol. 314, p. 285-3-5; POPPINO, Rollie. A regência e a História do Brasil: Um desafio aos historiadores, Rio de Janeiro, **Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro**, 1975, vol. 307. P.146-148.

³²¹ POPPINO, Rollie. Resenha: Vargas: Da Vida Para a História. De Paulo Brandi, Mauro Malin and Plínio de Abreu Ramos, **The Hispanic American Historical Review**, Vol. 64, No. 2 (May, 1984), pp. 403-404, Duke University Press Stable <http://www.jstor.org/stable/2514554> data de acesso Accessed: 20-11-2017

³²² Em 1955, ocorreu o Seminário Latino-Americano de Estudos Demográficos, através de um chamado acadêmico dos colaboradores nos EEUU e Europa. Concentraram as pesquisas sobre elementos demográficos, com o apoio da Organização das Nações Unidas, e do IBGE no Brasil, direcionando as pesquisas para temas que eram considerados como “mais práticos”, que garantissem o enfrentamento de diretrizes para indicar resoluções para as

de inserção dos agentes latino-americanistas no país. Nos Estados Unidos, essas pessoas buscavam muitas vezes uma escalada pessoal e profissional, e se ocuparam do trabalho prático das assessorias do Departamento de Estado e suas secretarias. Podemos dizer que nessa fase, Poppino atuou em duas frentes. Ao mesmo tempo em que fornecia dados e uma leitura sobre os acontecimentos no Brasil ao Departamento, consolidava sua carreira como um intérprete do Brasil.

Brazil: The Land and People foi o livro que coroou sua trajetória nesse sentido, pois ao demarcar sua escrita ensaísta, também foi um emblema do serviço prestado ao Departamento de Estado, já que foi escrito em suas diversas viagens ao Brasil. O material recolhido para o livro foi fruto de suas visitas ao país e do seu investimento pessoal de realização de um trabalho de campo. O livro foi um manual, que evidenciou tradições, costumes, estrutura de divisão social, mas, principalmente, o potencial de “grandeza do território brasileiro”, na sua visão, mal administrada.

Por outro lado, nada mais direto para entender o sentido dessa atuação prática no Birô onde Poppino trabalhou, do que o texto *International Communism in Latin America*, de 1963. Nesse livro, era preciso entender os mecanismos de reprodução do comunismo, o que deu a tônica da narrativa de edições que reuniram diversos especialistas em América Latina em torno das secretarias do Departamento. O conteúdo desse material era carregado do anticomunismo e de denúncias com relação a lutas sociais no continente, muitas vezes acusadas de antidemocráticas. (SCHOULTZ, 2000, p.371).

A ação política e cultural da CIA já era uma realidade desde a Segunda Guerra, com a *Division of Cultural Affairs* (CANCELLI, 2017, p.28), tendo como alvo o combate à influência nazista no continente. Após o término da Segunda Guerra e na Guerra Fria, a discussão ganhou uma nova meta: o alcance do comunismo soviético, através da associação entre comunismo, nazi-fascismo e o embate sobre o conceito de totalitarismo. (CANCELLI, 2017, p.28). Consideramos que esse viés perdurou com tônicas diferentes durante o pós-Guerra e Guerra

políticas públicas. As reuniões também dividiam espaços com secretarias e órgãos públicos, acontecendo em parte no Ministério da Fazenda. Nesta reunião, especificamente, pensava-se no Brasil “do futuro” e seus participantes concluíram em relatório que o Brasil, na década de 1980, enfrentaria alguns problemas de infraestrutura, como a escassez de mão-de-obra, na linguagem daqueles economistas. Logo depois, em 1956, ocorreu também o I Seminário Latino-Americano de Ciências Sociais, na Universidade do Brasil, sendo retomadas as atenções da UNESCO e da ONU para o Brasil, com montagem de novas comissões onde contava-se com a participação de intelectuais da Europa e dos Estados Unidos. A UNESCO passou a oferecer novos montantes de ajuda financeira, para a organização dos centros de estudo, oferecendo-se cursos para montagem e modernização de museus, por exemplo. Estruturaram-se os centros de Pesquisas e Ensino Social (Brasil e Chile). *Jornal do Brasil*, edição 0083, 1 caderno, quarta-feira, 10 de abril de 1957.

Fria e foi responsável por interpretações que fizeram intervenções significativas na concepção dos latino-americanistas sobre os “regimes” que estudaram³²³.

Como Poppino participou da ASTP – *Army Spedialized Training Program*, trazia consigo uma formação estratégica, embasado na ideia de conhecer os diversos povos envolvidos na Guerra, mecanismo pertencente ao conjunto das medidas do *soft power* e que foi voltada para a ação da diplomacia, através da qual, o conhecimento sobre a língua estrangeira (costumes e práticas sociais) fez com que houvesse um maior domínio da cultura e dos modos de vida das nações para as quais os Estados Unidos pretendiam combater ou se expandir. Esse foi um ponto chave de seu currículo.

A literatura que trata do serviço prestado por intelectuais para o Estado norte-americano já é relativamente conhecida, especialmente quando falamos de diplomatas como John Foster Dulles. A atuação de Dulles (1913-2008), como funcionário do Estado, foi associada aos projetos de expansão dos mercados da *United Fruit Company* na Guatemala na década de 1950, por exemplo, e fez a uma ligação entre a intervenção intelectual norte-americana e os interesses econômicos da política externa dos Estados Unidos na América Central. Durante sua carreira, Dulles produziu 12 títulos e atuou na universidade do Texas, realizando pesquisas sobre o Brasil, o México e a América Central³²⁴.

Essas estratégias faziam com que aumentassem cada vez mais as demandas da diplomacia sobre o meio acadêmico. A presença do secretário John Foster Dulles, historiador de formação, no governo de D. Eisenhower, entre 1953 e 1959, foi uma escolha de gestão. Dulles representava um perfil republicano altamente comprometido em desempenhar a função de investigação da América Latina e do comunismo. Dulles está entre os intelectuais que cruzaram gerações prestando esse serviço. Seu perfil é dos que não construíram grandes teses, mas forneceram inúmeras informações sobre a vida brasileira e formaram opiniões na diplomacia.

Atuações como estas consagraram um tipo de intelectual público e engajado com as expectativas da política externa norte-americana, porém elas não definem, sozinhas, a função

³²³ “A ação da CIA, especificamente, havia sido facilitada pelo Agency Act, aprovado pelo Congresso dos Estados Unidos, em 1949, que permitia à Agência dispor de fundos sem justificativa de gastos. As práticas de intervenção política e cultural, a bem da verdade, tiveram início ainda durante o período da Segunda Guerra, quando da formação da Division of Cultural Affairs, preocupada com a crescente influência nazista no continente e nos governos sul-americanos. Com o final da Guerra, entretanto, o alvo passara a ser, especialmente, uma outra espécie de totalitarismo: o comunismo soviético”. (CANCELLI, 2017, p.28).

³²⁴ Ver o trabalho de Maicon Silva Carrijo: John Watson Foster Dulles (1913-2008): a vocational historian. **Revista Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 21, n. 42, jul/dez, 2008.

desses profissionais dos escritórios do Departamento de Estado. Vale dizer que muitos partiram deste suporte de emprego, para dialogar com a política externa, sem necessariamente concordar com ela (SHOULTZ, 2000). Alguns funcionários das secretarias, inclusive, foram perseguidos pelo macarthismo e pela política anticomunista e antimarxista que atuava como padrão hegemônico condutor da política externa dos Estados Unidos. A tônica do anticomunismo do pós-Guerra e a entrada na Guerra Fria colocou esses intelectuais quase que unanimemente na função de defensores de estratégias de expansão do modo de vida norte-americano e de ideologias de proteção de seu comércio, difundindo a propaganda de que o melhor modelo de país para o mundo seria o dos Estados Unidos.

Segundo Perry Anderson, o “quadro mental dos funcionários encarregados da política externa norte-americana estava longe de ser uniforme. Mas alguns pressupostos centrais eram amplamente compartilhados”. (ANDERSON, 2015, p.24). Após a Segunda Guerra, o inimigo fascista começou a dar lugar ao fantasma do comunismo que se apresentou como uma proposta alternativa de derrocada do capitalismo. (ANDERSON, 2015, p.27). Em se tratando de profissionais que trabalhavam para a diplomacia, a relação com o anticomunismo é muito mais nítida.

Quando dizemos que não apenas a política externa norte-americana definia sua profissão, queremos mostrar que, na contrapartida desse fenômeno, os autores norte-americanos, ao falar sobre o Brasil e sobre os outros países estudados, precisavam coletar as fontes internas de pesquisa. Isso envolveu a relação com grupos de pesquisas nacionais e com os gestores de fontes e arquivos. No caso brasileiro, encontramos uma presença marcante do pensamento vindo da tradição nacional-desenvolvimentista. A tônica da discussão no Brasil projetou o ISEB, o IPES e os acadêmicos de direita como figuras centrais no debate para pensar os caminhos de “avanço” da política brasileira. Esse destaque fez com que as publicações e reuniões desses grupos fossem pontos de coleta de informações sobre a economia, a política e as expectativas para o desenvolvimento de políticas de aliança. A relação com esses intelectuais e o debate sobre o anticomunismo já foi mostrada por outros autores como Dreiffus (1984), Oliveira (2015).

O olhar norte-americano se demonstrou unido com as visões brasileiras que concordavam com os temas da política externa, quando eram encontradas soluções para os problemas de negociação de interesses econômicos através da busca pela pacificação de conflitos e do horizonte do encerramento das lutas de classes, além das iniciativas em prol de capitalização de recursos e parcerias de investimento. Os Estados Unidos assumiram uma postura

anticolonialista depois da Guerra e, para garantir essa postura, era preciso que seus agentes detectassem o funcionamento das ideologias nacionalistas e imputassem etiquetas nelas, seja como aliadas ou não. Os debates seriam abertos desde que estes não seguissem propostas mais radicais, que deveriam ser combatidas (FERES JÚNIOR, 2005; GREEN, 2009; ANDERSON, 2015).

Nesse sentido, a função de Poppino foi apontar situações de crescimento do comunismo na América Latina, na esteira das ações de controle sobre as atuações de esquerda consideradas radicais e mesmo para o entendimento da representatividade dos Partidos Comunistas como opções na disputa eleitoral dos países estudados.

A conjuntura do início dos anos 1950 até meados da assinatura da Aliança Para o Progresso (1961) revela ainda mudanças no tratamento oferecido pelos norte-americanos para os regimes liderados por personagens de esquerda. O exemplo da repressão ao governo de Jacob Arbenz, na Guatemala, em 1954, deu início a uma série de operações secretas de controle ideológico e atuação de propaganda no enfrentamento do marxismo e do comunismo no campo intelectual, através da CIA. Os norte-americanos não pensavam duas vezes em frear o debate da ampliação da democracia, como valor e nas lutas sociais, para combater a prática de governos que ameaçassem a presença do expansionismo norte-americano no continente. Era preferível renunciar à democracia em favor do embate anticomunista. (ANDERSON, 2015, p.81).

Assim, consideramos que, mais do que avaliar a ação imperialista pelo alto, é importante verificar a posição interna de investidores intelectuais nesses países, ávidos por uma leitura expressamente oposta ao que se caracterizava como ideologias de esquerda na América Latina. Nesse sentido, seguimos a caracterização do fenômeno do americanismo como uma relação.

No contexto de força expressiva do americanismo no continente, podemos afirmar que as proposições de avaliação da história brasileira, vinda dos norte-americanos, eram bem recebidas por parte das correntes dominantes no pensamento social brasileiro. Por outro lado, os historiadores norte-americanos influenciaram as correntes antimarxistas da interpretação sobre o Brasil contemporâneo e esta tese poderemos verificar na escrita de autores como Poppino. É válido mais uma vez aqui ressaltar que, ao tratar destes personagens da escrita norte-americana sobre a História do Brasil, estamos falando especialmente de sujeitos recebidos como portadores de uma História “oficial”, tradicional e marcadamente positivista.

As primeiras publicações norte-americanas que passaram a denunciar a participação dos Estados Unidos no golpe de 1964 e na ditadura brasileira foram de autores que se aliaram às

lutas pelo reestabelecimento da democracia brasileira, como também ao longo desse período, muitos ofereceram suporte para pesquisa e apoio aos colegas nas academias norte-americanas, demonstrando uma solidariedade no campo, no período em que muitos estavam em exílio. (GREEN, 2009). Mas, como dissemos, a marca do brasilianismo clássico foi a de estabelecer conexões com opiniões conservadoras no Brasil.

Diante das disputas entre os próprios teóricos norte-americanos, a melhor saída para aqueles que buscavam estabilidade na carreira era dialogar com os parâmetros da política externa, onde era forte o debate sobre o desenvolvimento econômico, voltado para o modelo norte-americano de comércio externo. Autores como Poppino, Dulles, Skidmore, Parker e outros, procuraram encontrar nas estratégias dos governos nacionais a abertura para o investimento comercial aliado. Nesse sentido, as controvérsias não são poucas, uma vez que as opiniões sobre a política externa também eram objeto de disputa entre republicanos e democratas dentro do Departamento de Estado. (ANDERSON, 2015). Com a influência do macarthismo, o setor dos democratas era acusado de ser infiltrado de comunistas e o debate ideológico se desdobrou em versões díspares para empreendimento da diplomacia na América Latina.

Restava aos ideólogos norte-americanos voltarem-se para a avaliação das condições de avanço dos governos democráticos entre os “latinos”, quase sempre apontados como incapazes politicamente ou imaturos para a garantia das liberdades civis. Assim, o escopo ideológico amplo do antitotalitarismo dialogou com as teorias sobre as articulações políticas que eram vistas como incapacidades latinas nesses textos. Temas como a política de massas, ou o populismo ganharam destaque para pesquisas sobre países como o Brasil, seguindo essas preocupações. (FERES JÚNIOR, 2005; CANCELLI, 2017).

As publicações do Departamento de Estado e suas secretarias informaram o leitor norte-americano sobre os últimos movimentos das lutas sociais no continente, diagnosticando se estariam mais ou menos próximos das ideologias “bolchevistas”. Esse movimento importava ao Departamento como estratégia imperialista na Guerra Fria e se somava com diversos interesses dos intelectuais envolvidos, entre esses o de demonstrar sua capacidade argumentativa a respeito do tema. Ao leitor dos países vizinhos, ofereceu-se uma gama de argumentações que lhes serviram como escopo de julgamento, interferiam nas historiografias nacionais e serviram como indicativos teóricos para o intelectual interessado em posturas mais conservadoras.

6.2 PARTICIPAÇÃO NA HAHR, CURRENT HISTORY E OUTROS PERIÓDICOS – INTERLOCUÇÕES DOS ESTUDOS DE HISTÓRIA DA AMÉRICA LATINA COM O DEBATE DA DIPLOMACIA EXTERNA.

Quando Poppino retornou à Califórnia, passou a publicar resenhas sobre a historiografia nacional (brasileira) em periódicos norte-americanos. No ano em que ele retornou, em 1952, passou a enviar tais materiais para a *Hispanic American Historical Review* e para outros periódicos ligados a Associação Americana de História. Nessa revista, Poppino publicou uma resenha sobre o livro “Notícia Geral de Toda a Capitania da Bahia até o presente ano de 1759”, de José Antônio Caldas³²⁵. Além disso, abordou as edições comemorativas do quarto centenário da capital baiana, munindo o leitor norte-americano de toda a lista do material disponível sobre o tema.

Em um período de consolidação da produção de história no Brasil, a maioria dos leitores norte-americanos especializados leram os ensaios mais conhecidos e o acesso a notícias bibliográficas que apresentassem um panorama mais amplo tomavam muitas páginas da HAHA e boletins da Associação, dizendo respeito ao Brasil, México, Argentina, Venezuela, Bolívia e aos países que ganhavam projeção internacional no pós-guerra. Através dessa lacuna, Poppino se afirmou como historiador no campo da história colonial e da história da Bahia.

³²⁵ POPPINO, Rollie E. Reviewed *Notícia geral de toda esta capitania da Bahia desde o seu descobrimento até o presente ano de 1759* de José Antônio Caldas. *The Hispanic American Historical Review*. Vol. 32, No. 3 (Ago. 1952), pp. 401-403. Acessado em <http://www.jstor.org/stable/2509464>, 20-11-2017. A publicação foi editada por ocasião da celebração do quadricentenário de Salvador, com a organização de um documento vendido na Câmara Municipal e passou a circular em 1951. Poppino o resenhou apresentando o esforço local em divulgar o conhecimento sobre o passado colonial da Bahia. Na época, segundo seus estudiosos, o livro foi publicado pela Tipografia Beneditina em 1951 e 1961, sendo considerado um livro raro. (ver *Filol. Linguíst. Port.*, São Paulo, v. 19, n. 1, p. 199-201, jan./jun. 2017 <http://dx.doi.org/10.11606/issn.2176-419.v19i1p199-201>) acesso em 23 de março de 2018. “O plano inicial da série de volumes comemorativos voltada para o tema da evolução histórica da cidade de Salvador foi inaugurado por um ato do prefeito de Salvador em 1943. Logo outros grupos sociais e particulares se engajaram em prestar homenagens para sua amada cidade. O resultado foram estudos valiosos surgidos dos auspícios das Ordens Beneditinas e Franciscanas da Bahia, dos Arquivos de Salvador, dos Arquivos Públicos do Estado da Bahia, do Museu do Estado da Bahia, Do Departamento de Educação e Saúde, do Conselho Municipal de Salvador e de ações de particulares” (tradução nossa); Do original: “The initial plan for a series of commemorative volumes on the theme of the historical evolution of the city of Salvador was inaugurated by act of the prefect of Salvador in 1943. Soon other social groups and individuals joined in paying homage to their beloved city. As a result, valuable studies have since appeared under the auspices of the Benedictine and Franciscan Orders of Bahia, the Municipal Archives of Salvador, the Public Archives of the State of Bahia, the Museum of the State of Bahia, the Department of Education and Health of the State of Bahia, the Municipal Council of Salvador, and by private editions”. (POPPINO, 1952, p.401).

Essa função divulgadora era a alma dos periódicos. Os historiadores latino-americanistas, nos Estados Unidos, fizeram alguns esforços para consolidar um campo de pesquisa próprio sobre o Brasil. Para manter o debate fundamentado nas universidades, contavam com intelectuais brasileiros, que garantiram a organização da aproximação acadêmica, através do apoio a acordos, publicações, circulação de bolsas e ideias (BIEBER, 2002). Esse era um caminho para que os latino-americanistas consolidassem as suas pesquisas, através de reuniões científicas. A busca por parceiros pode ser vista nas trocas de correspondências, reedições, quando concluíram traduções de novos títulos, na maioria das vezes, contando com os parceiros no Brasil. A estratégia não era uma exclusividade brasileira e os grupos mantiveram intercâmbios com outras instituições na América Latina.

As produções de resenhas científicas e artigos acadêmicos nos periódicos temáticos foram um destes instrumentos de contato, pois permitiu boa parte da permuta de informações entre os pesquisadores dos Latin American Studies e os cientistas sociais brasileiros. Nesse rumo, a HAHR, publicada pela Duke University Press, divulgou novas diretrizes de pesquisa no campo. A revista manteve sua linha editorial ligada com a autonomia intelectual e promoveu a parceria de investigação com autores dos países vizinhos, o que levou suas discussões a serem constantemente ajustadas às mudanças de padrões do relacionamento entre Estados Unidos e América Latina³²⁶. Quer dizer, a revista era também adequada aos padrões da política externa.

O periódico é conhecido por ter sido pioneiro nos estudos sobre a América Latina e porque demarcou terreno no campo da história da hispano-américa. Para Paulo Almeida, a própria categoria de latino-americanista pode ser atribuída ao surgimento da HAHR, em 1916 “quando historiadores dedicados ao estudo da América Latina se congregaram num encontro da AHA e fundaram a *Hispanic ...*, que foi publicada pela primeira vez em 1918” (ALMEIDA, 2001, p. 33). A revista exerceu a função editorial da Conferência latino-americana de História, da AHA, que atuou disputando o espaço específico para o debate sobre a América Latina nas academias dos Estados Unidos, desde 1926, agrupando os historiadores latino-americanistas da Associação.

³²⁶ GUIDE to the American Hispanical Review, 1956-1975. Duke University Press, Durham, Norte Carolina, 1980. Seu primeiro Guia foi publicado em 1950 e organizado por Ruth Butler, o segundo, em 1958, por Charles Gibson e E. V. Niemeyer. Passados 20 anos, o Guia, que localizou a história da *Hispanic* entre 1956 e 1975, teve Donald Worcester (1915-2003) como responsável pela direção da pesquisa sobre a edição, por mais da metade do período apresentado, por Walter Payne, Wilber Chaffe e Beecher Ellison.

A HAHR influenciou as historiografias nacionais dos países pesquisados na América Latina. Em 1948, por exemplo, a revista foi coordenada por Lewis Hanke, que colaborou com a publicação até o final da década de 1970, sendo homenageado algumas vezes pelo editorial pelos seus feitos nessa linha³²⁷. Outro que se destacou foi J. John Johnson, que, após publicar pela Stanford, o livro *Political Change in Latin America*, de 1959, seguiu reunindo pesquisadores de suas redes de contato, cercando-se de especialistas que tratavam de regiões americanas consideradas como chave para entender o caráter da democracia no continente (FERES JÚNIOR, 2005.). Esses pesquisadores se agruparam para preparar suportes de trabalho e alianças, noticiando títulos que debateram a história política recente dos países envolvidos, demarcando posições políticas e acadêmicas e as historiografias nacionais da América.

Em 1960, as análises sobre o papel dos militares na América Latina, foram destaque da revista. Samuel Huntington foi o grande expoente dessa temática e ainda podemos citar Edwin Lieuwen (*Arms and Politics in Latin America*), livro no qual Lieuwen fez uma discussão sobre os motivos pelos quais os “generais” ganharam projeção, dividindo as hipóteses entre um “vácuo” de poder e um comportamento geracional. Para ele, os militares estavam preocupados com a ascensão social por intermédio da apropriação da coisa pública³²⁸. Esse é só um exemplo do conjunto de trabalhos do contexto.

Rollie Poppino, na HAHR, não foi uma figura tímida. Publicou uma série de resenhas, algumas inclusive assinadas como representante do Departamento de Estado ou pela Universidade da Califórnia em Davis, quando ficou encarregado de estudos sobre o Brasil nas secretarias de governo³²⁹, se demonstrando um agente da diplomacia atuando em consultorias para as relações externas.

Phyllis Parker (1977) dividiu as tarefas dos “estrategistas” norte-americanos nas pesquisas sobre o Brasil da seguinte forma: a) primeiro, os assessores que trabalharam em textos como os da Aliança Para o Progresso, entre 1958 e 1961. Esta geração possuía uma tendência

³²⁷ Lewis Hanke (1905-1993), como já mencionamos foi mais conhecido pelas suas publicações sobre a Conquista da América, atuando, como foi dito, na Biblioteca do Congresso como responsável pelo setor hispânico. Também foi homenageado pela LASA – *Latin American Studies Association* – fundada em 1966.

³²⁸ Uma interessante resenha ambientando o problema foi escrita por LYLE N. MCALISTER, (The Military and Government: Arms and Politics in Latin America, Edwin Lieuwen Author(s): Edwin Lieuwen and Lyle N. McAlister Source: The Hispanic American Historical Review, Vol. 40, No. 4 (Nov., 1960), pp. 582-590 Published by: Duke University Press Stable URL: <http://www.jstor.org/stable/2510250> . Accessed: 21/09/2013 21:38).

³²⁹ Era comum que os associados ao periódico utilizassem suas assinaturas de acordo com seus cargos em Washington, como foi seu caso, que era correspondente e assessor do INR- *Bureau of Intelligence and Research*, o escritório especial de pesquisas no Departamento de Estado. Sobre o INR e algumas correspondências com o Brasil verificar Carlos Fico. O grande Irmão (2008).

democrática e anticomunista, voltada inclusive para a colaboração com as esquerdas consideradas não-radicais. Alguns que se destacaram nesse período, como J. J. Johnson e Alfred Stephan, apesar de serem críticos sobre a função política “anômala” que os militares exerceram na América Latina, defenderam que em alguns momentos esse setor pode ter ocupado postos considerados democráticos, diante do avanço das esquerdas. O temor americano se voltava para as esquerdas marxistas e o nacionalismo que consideravam radical. O nacionalismo no terceiro mundo foi um assunto recorrente. Um nome de referência para o assunto, dentro dessa geração, segundo Parker, foi Thomas Mann.

Após a morte de Kennedy, a fase (b) trouxe outro grupo que se acoplou a esses trabalhos, com as mudanças do secretariado, promovidas pela gestão de Lyndon Johnson na diplomacia externa. Com esta mudança, os assessores que ocupavam funções mais conservadoras ganharam mais destaque, como o próprio Thomas Mann, George Bell e Ralph Dungan. Assim, as avaliações que reforçavam o papel legal da entrada dos militares no poder foram escolhidas para dialogar com as posturas diplomáticas, segundo Parker. Dentro desse conjunto, encontramos os trabalhos voltados para ensaios mais amplos sobre o Brasil e a América Latina, como Donald Worcester, Robert Alexander (que também participou das equipes de Kennedy e da escrita do texto que foi aprovado na Conferência de Punta Del Leste em 1961), John Dulles, Thomas Skidmore, cientistas sociais e historiadores. Tais nomes também embasaram as discussões da Guerra Fria no continente e foram constantemente citados, discutidos, em documentos públicos. Podemos considerá-los como “intelectuais públicos”, de acordo com a posição de Michael Burawoy (2005). As opiniões desses pesquisadores alcançavam mais que os debates especializados, mas ganhavam o cenário da opinião sobre a política no continente, na imprensa, por exemplo.

Phylis Parker também usou o termo “estrategistas” (c) para se remeter a setores diferentes do trabalho intelectual no Departamento de Estado. Estrategistas poderiam ser aqueles que faziam relatórios diretos ao Departamento, como Mc George Bundy ou William Brubeck, fartamente citados em seu trabalho sobre a participação dos Estados Unidos no golpe de 1964, ou Dean Rusk, secretário de Estado, Robert McNamara, Secretário de Defesa, ou John McCone, Diretor da CIA, também chamados de “altos funcionários”, trabalhando junto com embaixadores. Ampliando este raio de ação, estes intelectuais contavam com assessores especiais e pesquisadores que forneciam substância para suas análises. Esse seria o ambiente em que encontramos o trabalho de Rollie Poppino.

No campo intelectual da HAHR as reflexões acadêmicas dos assessores do Departamento de Estado tinham seu lugar entre o primeiro grupo de “especialistas”, ou seja, aqueles acadêmicos “veteranos” e bem ambientados com a circulação de ideias e publicações nos países de pesquisa que, sendo funcionários no Departamento, prestavam algum serviço de credibilidade para compreensão a respeito das historiografias no continente. Além do que, ter uma história de engajamento no trabalho empírico ou de envolvimento com grupos locais era uma boa plataforma de destaque na revista.

Com a colaboração de escritores latino-americanos, esses intelectuais geralmente já faziam diálogos com os grupos de estudos externos aos Estados Unidos, na “outra América” (FERES JÚNIOR, 2005), muitas vezes influenciados por acordos feitos por gerações anteriores. Receberam maior destaque os temas como a “modernização” e o “desenvolvimento”, cujas semelhanças e as proximidades entre acadêmicos brasileiros e norte-americanos ficou conhecida, embora com posições políticas diversas³³⁰. Essa ideia também está presente na definição de Leslie Bethel sobre o lugar do Brasil na historiografia sobre a América Latina (BETHEL, 2018). Nesta função, a *The Americas* também foi outro periódico de circulação entre os associados da AHA e os leitores acadêmicos afins, além da *Current History*.

A troca acadêmica cresceu bastante após 1958, quando o tema das relações entre os dois países ganhou destaque (ALMEIDA, EAKIN, BARBOSA, 2002). Para Feres Júnior (2005), os espaços específicos para textos sobre o Brasil, mesmo durante a década de 1950, demonstravam que o papel do país no continente pedia um destaque especial, pois, para ele, era como se o Brasil fosse a “outra América Latina”. Na sua concepção de que os intelectuais latino-americanistas fomentaram a criação de “outro americano na América”, ao tratar de América Latina, o Brasil seria o ponto de inflexão dentro de uma realidade histórico espacial. Mais próximo dos Estados Unidos, mais fortemente demarcado por peculiaridades que o destacavam de seus vizinhos ao Sul. (FERES JÚNIOR, 2005).

Na HAHR, Poppino interessou-se pelo conteúdo que já circulava na revista, em publicações de Gilberto Freyre, Sérgio Buarque de Holanda. Em seus textos, tratou a política brasileira como realidade passível de avaliação de modelos e o “povo brasileiro” figurou como um objeto chave para que pudesse arrazoar situações sobre as “escolhas” políticas, principalmente diante de episódios de instabilidade e atribuições, geralmente associados a padrões de análise para a América Latina já presentes na revista.

³³⁰ Ver ALMEIDA (2001); ver FERES JÚNIOR (2005).

A geração destes autores estava ligada aos temas em voga nas ciências sociais no Brasil e, igualmente, estavam voltados para o desenvolvimentismo e o nacional-desenvolvimentismo. Ao buscar esse diálogo, os autores norte-americanos também incluíam o debate com os marxistas brasileiros³³¹. Verificamos essa preocupação nas resenhas de Poppino dentro do periódico. Poppino produziu uma resenha sobre *Caminhos e Fronteiras*, de Sérgio Buarque de Holanda, ao mesmo tempo em que passou a noticiar o tema da Revolução no Brasil, como em sua resenha sobre o livro de Nelson Werneck Sodré, de 1959, *Introdução a Revolução Brasileira*. O livro foi comentado por Poppino ao lado de “A marcha da revolução social no Brasil. Ensaio histórico-sociológico do período – 1922 a 1954”, de Olbiano de Melo.

O ISEB, que agregou diferentes pensamentos sobre o desenvolvimento nacional, tendo na figura de Hélio Jaguaribe uma expressão forte, que perduraria ao longo dos anos 1960, considerava o marxismo e o estruturalismo como pontos de partida teóricos e não se filiaria à sua aplicação prática na luta, nos estudos sobre o crescimento da economia brasileira³³². Suas premissas marcaram a geração, mesmo com aqueles que buscavam mostrar outras alternativas, como Nelson Werneck Sodré e Celso Furtado, que não eram do ISEB, mas tiveram o seu pensamento marcadamente gerado em sua órbita, na tentativa de oferecer respostas teóricas dentro do marxismo (KONDER, 2003). Essa corrente foi de grande influência para Poppino, uma vez que ele precisava, em seus textos, oferecer respostas opostas aos caminhos encontrados pelo marxismo para explicar o Brasil e encontrava dentro dos debates do ISEB essas divergências para se situar no campo.

Nas parcerias, vimos que a criação do seu vínculo com o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro foi feito a partir de contatos com José Honório Rodrigues. Junto ao IHGB, há alguns registros das passagens de Poppino. Além do seu trabalho conhecido, de revisão sobre a própria produção do Instituto³³³, na revista do IHGB, encontramos em edições celebrativas a referência

³³¹Encontramos um diálogo intenso na revista *Civilização Brasileira* com os intelectuais norte-americanos, em diversas circunstâncias, mas nesse sentido, em busca de apoio por oposição ao regime imposto pela ditadura, nos anos 1960. Como consideramos que as correspondências intelectuais entre norte-americanos e brasileiros precisam ser vistas antes disso, para pensar o tema da democracia e da discussão sobre a legitimidade do golpe, vimos que foram os norte-americanos que estavam interessados em noticiar em periódicos, nos Estados Unidos, sobre o tipo de marxismo que se praticava em análises como as de Nelson Werneck Sodré, Caio Prado Jr., Otávio Ianni.

³³² Uma referência importante sobre o tema é o livro de Caio Navarro de Toledo. **ISEB: fábrica de ideologias**. Campinas, Editora da Unicamp, 1998; PECAUT, Daniel. **Os intelectuais e a política no Brasil**. Editora Ática, 1989.

³³³ POPPINO, Rollie E. Um século da Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. 314, p. 285-305, jan./mar. 1977; José Honório Rodrigues saúda Rollie Poppino, grande brasilianista desde 1953. Revista do IHGB, Rio de Janeiro, IHGB, N. 349, p. 306, out./dez. 1985, mas o autor só veio a se tornar sócio em 1990.

ao autor, feita por Rodrigues. Ou seja, estava mais próximo a uma ala conservadora da explicação da história.

Poppino deu continuidade a uma série de correspondências com a, com um perfil brasilianista voltado para os estudos sobre o “interior”, a economia, o século XVIII. Em 1955, resenhou *A História da Cidade de São Paulo*, de Afonso de Taunay³³⁴. Seguindo a linha, também resenhou *Tratado de Madri. Antecedents – Colônia do Sacramento*, de Jaime Cortesão³³⁵. Assim, ele manteve esta silhueta, até o final da década, comunicando sobre publicações de relatos de viagem, sobre colonização e povoamento do interior do país.

Poppino produziu em 1958 uma resenha sobre o livro *Jesuítas no Sul do Brasil*, de Luís Gonzaga Jauger, como sobre *Gaúchos e Beduínos*, de Manoelito Ornelas e o entrelaçamento entre os estudos do passado colonial brasileiro e os “eighteenth-century studies” foram o foco dos materiais selecionados pelo historiador para se corresponder com a HAHR.

No período crítico de tensionamento da postura norte-americana para o continente, entre 1959 e 1965, após a Revolução Cubana, a formação de novos tratados entre os Estados Unidos e a América Latina, com a Aliança para o Progresso (1961) e o rompimento de laços com Cuba, passando pela consolidação do golpe em 1964 no Brasil, podemos dizer que o interesse pela democracia brasileira ganhou destaque nas análises latino-americanistas. Nessa fase, os comentários bibliográficos da revista HAHR expuseram com maior ênfase a escolha teórica dos autores, os enquadrando como marxistas ou como voltados para uma história “tradicional”.

O quadro de influências brasileiras que encontramos em seu trabalho está enraizado na crítica do marxismo, do ISEB, na produção historiográfica do IHGB e com o pensamento autoritário brasileiro.

O acúmulo de viagens, feitas por Poppino, o autorizou a fazer comentários no campo das relações internacionais, como em 1962, quando deteve-se a algumas notas sobre o livro de L. Ethan, sobre *Frank B. Kellogg and American Foreign Relations, 1925-1929* e *Notas históricas y diplomáticas* de Simón Planas-Suárez.

³³⁴ POPPINO, Rollie. História da Cidade de São Paulo. by Affonso De E. Taunay; **The Hispanic American Historical Review**, Vol. 35, No. 1 (Feb., 1955), pp. 99-100. Disponível em <http://www.jstor.org/stable/2509255>, 20-11-2017 18:29.

³³⁵ POPPINO, Rollie. Tratado de Madri. Antecedents-Colônia do Sacramento (1669-1749). de Jaime Cortesão.Review; **The Hispanic American Historical Review**, Vol. 36, No. 2 (May, 1956), p. 276; <http://www.jstor.org/stable/2508675>; 20-11-2017 18:28.

No contexto da escrita de *International Communism in Latin America: a History of Movement*, por exemplo, Poppino avaliou o trabalho de Dorothy Dillon *International Communism and Latin America: Perspectives and Prospects*, em 1963³³⁶. No final dos anos 1960, destacamos a sua opinião sobre o livro de Robert D. Crassweller, sobre a República Dominicana e o livro *The Dominican Crisis from the Fall of Trujillo to the Civil War*, de John Bartlow Martin³³⁷. Sobre ambos, Poppino analisou que trataram dos abusos do poder político naquela República e no texto *Trujillo: The Life and Times of a Caribbean Dictator*, publicado em 1966, Poppino destacou que, no livro resenhado

Trujillo é apresentado como um produto lógico e talvez inevitável da História e da Cultura dominicana, mais próximo de um antigo potentado oriental do que um governante do século XX, de personalidade infinitamente complexa, que combinava o gênio para organização e poder com sua monumental vaidade, ganância imensa e imoralidade profunda, como um verdadeiro déspota, que aperfeiçoou o uso do terror, engano e humilhação como armas políticas; e, ultimamente, como um líder que falhou na condução do seu povo para uma nova ordem social, com autonomia e dignidade” (tradução nossa)³³⁸.

Já com relação ao texto de Martin,

A despeito desses eventos John Bartlow Martin forneceu um relato mais próximo de suas experiências como jovem embaixador do Presidente Kennedy na República Dominicana o que o levou a dizer muito sobre a elaboração e execução da política externa americana. Martin era um militante liberal e entusiasta da Nova Fronteira e recebeu bem a oportunidade de oferecer mais peso na influência dos Estados Unidos na busca dominicana

³³⁶Dillon trabalhava nos estudos interamericanos, na Universidade da Flórida, com uma monografia de apenas 48 páginas e chamou sua atenção, segundo ele mesmo, por ter localizado, na história das Relações Internacionais, pela primeira vez, a exclusão de Cuba dos tratados americanos, em 1962, já se apresentando como referência para a compreensão do período de estretecimento das relações com os Estados Unidos com a ilha. Poppino, Rollie E..The Americas, Vol. 20, No. 1 (Jul., 1963), p. 79; <http://www.jstor.org/stable/979677>Accessed: 20-11-2017 17:56 UTC. Mesmo sendo tema amplamente divulgado, Poppino chamou atenção sobre a preocupação da autora em analisar no âmbito acadêmico.

³³⁷ POPPINO, Rollie E. Political Science Quarterly, Vol. 83, No. 1 (Mar., 1968), pp. 149-151; The Academy of Political Scienc; <http://www.jstor.org/stable/2147439>, acessado em 05-04-2016 17:03 UTC.

³³⁸ Do original: “In Overtaken by Events John Bartlow Martin provides an intimate account of his experiences as President Kennedy's fledgling ambassador to the Dominican Republic, and incidentally says a great deal about the making and executing of American foreign policy. A militant liberal and enthusiastic supporter of the New Frontier, Martin welcomed the opportunity to throw the weight of United States influence into the Dominican quest for democracy and against the extremes of Right and Left. The confidence, good will, and naivete he took to his first diplomatic post were soon replaced by frustration as he came to realize the United States could not bring its great power to bear effectively in domestic Caribbean politics. Within two years, despite his best efforts, the Dominican wheel had gone full turn. Disillusioned, Martin resigned and began writing this book to explain what had gone wrong. It was still unfinished when violence broke out anew in April 1965, and he was swept back into the Dominican crisis as President Johnson's emissary. Thus, Martin was able to add the fourth and most gripping part of his report, which deals with civil war, communism, and intervention”. (POPPINO, Rollie. Resenha de CRASSWELER, Robert D. *Trujillo: The Life and Times of a Caribbean Dictator* e MARTIN, John Bartlow. *The Dominican Crisis from the Fall of Trujillo to the Civil War*. Political Cience Quaterly, N. 1, vol. 83, 1968, p.151).

pela democracia e contra os extremos da direita e da esquerda. A confiança, boa vontade e ingenuidade que existiam quando ele assumiu o seu primeiro cargo diplomático deu lugar à frustração, ao perceber que os Estados Unidos não poderiam usar seu grande poder para tratar da política doméstica do Caribe. Depois de dois anos, a história dominicana acelerou. Desiludido, Martin renunciou a seu projeto inicial e escreveu o livro para explicar o que houve de errado. O livro ainda estava inacabado quando a violência explodiu em 1965, quando ele voltou à crise dominicana como emissário do presidente Johnson. Assim, Martin conseguiu adicionar a quarta e mais interessante parte do seu trabalho sobre a guerra civil o comunismo e a intervenção” (tradução nossa)³³⁹.

Os acontecimentos políticos na América Central foram associados a uma cultura política de tensões e rupturas, nas quais as atuações que fugiram das noções norte-americanas de democracia para a América Latina foram criticadas. Na maioria das situações, a instabilidade foi debitada na conta da formação histórica desses países e na sua dita “incapacidade” de elaboração de uma política estável. Por outro lado, quando os ganhos “econômicos” para o comércio internacional norte-americano eram positivos com esses países, era possível manter-se associados a políticos ditadores. Poppino pareceu manter um olhar moderado nesse sentido.

Naquele ano, a República Dominicana vivia uma Guerra Civil, com uma grande intervenção dos Estados Unidos, através de uma invasão do país (Operação Power Pack, que contou inclusive com uma missão brasileira composta de 4000 combatentes), quatro anos depois do assassinato de Rafael Trujillo, ato cuja participação da CIA foi divulgada em todo o continente³⁴⁰.

A definição de ditadura atribuída aos regimes autoritários na América Central possuiu um forte cunho liberal e reforçou a crítica ao autoritarismo. Esses governos, como o de Trujillo, ganharam força justamente no contexto de expansão da política comercial norte-americana na

³³⁹ Do original: “In Overtaken by Events John Bartlow Martin provides an intimate account of his experiences as President Kennedy's fledgling ambassador to the Dominican Republic, and incidentally says a great deal about the making and executing of American foreign policy. A militant liberal and enthusiastic supporter of the New Frontier, Martin welcomed the opportunity to throw the weight of United States influence into the Dominican quest for democracy and against the extremes of Right and Left. The confidence, good will, and naivete he took to his first diplomatic post were soon replaced by frustration as he came to realize the United States could not bring its great power to bear effectively in domestic Caribbean politics. Within two years, despite his best efforts, the Dominican wheel had gone full turn. Disillusioned, Martin resigned and began writing this book to explain what had gone wrong. It was still unfinished when violence broke out anew in April 1965, and he was swept back into the Dominican crisis as President Johnson's emissary. Thus, Martin was able to add the fourth and most gripping part of his report, which deals with civil war, communism, and intervention”. (POPPINO, 1968, Ibid. p.151).

³⁴⁰ Rafael Trujillo morreu em 1961, em uma emboscada, após ter sido banido de participação na OEA. Na época, ele era comandante do Exército (1952-1961). O episódio é um exemplo de como um ditador no poder, desde 1930, veio a ser eliminado pelos Estados Unidos, após as constantes denúncias de tortura, perseguição e assassinatos em Santo Domingo ganhar repercussão internacional e manchar a imagem dos Estados Unidos. Sem uma “resposta” satisfatória para seus atos, Trujillo passou de político apoiado pela política externa norte-americana para alvo da CIA.

região (SHOULTZ, 2000). Podemos dizer que essa foi uma era de mudanças substanciais nos quadros da grande política na América Latina. A definição de ditadura que ele usou para estes governos podem nos valer de elemento de comparação para o uso que Poppino fez do conceito de “governo autoritário” para dizer que o Brasil, ao contrário do que ocorrera a países da América Central na primeira metade do século XX, não estaria vivendo uma ditadura em 1964. Poppino se demonstrou contrário à atuação dos Estados Unidos naquele país, mas concordava com a leitura da CIA em favor do anticomunismo na República Dominicana em 1965 e 1966, e se preocupava com o avanço das reformas sociais, como a Reforma Agrária naquele país. Qual é a diferença de análise sobre “regimes autoritários”, aplicada para a República Dominicana, por Poppino e a sua análise sobre o Brasil de 1964? Seria possível estabelecer essa comparação? O autor poderia ter recorrido a este recurso? O que fundamentou seu debate? Veremos mais adiante.

A atuação de Poppino como comentarista se devia à credibilidade que alcançou no debate anticomunista após a circulação do seu livro (sobre o Comunismo). Em seu trabalho como assessor, o livro de Poppino sobre o comunismo na América Latina ganhou a cena na revista *The Americas* quando foi publicado. Foi resenhado por Karl Schmitt (1922-)³⁴¹, um dos funcionários do Departamento de Estado na época, para assuntos latino-americanos, no *The Annals of The American Academy of Political and Social Science*, em volume que tratou especialmente das relações internacionais nos Estados Unidos, naquele ano emblemático de 1965³⁴². Outros colegas, como Robert Alexander, escreveram resenha sobre Poppino em 1965³⁴³, como Edward Elsassser, que por sua vez, teceu comentários ao autor no *The Journal of Modern History*³⁴⁴.

³⁴¹ Foi um latino-americanista. Nasceu em 1922, atuando como pesquisador nos anos 1940, orientado por Manoel Cardozo, completando seu doutorado na Pensilvânia em 1954, sendo contemporâneo de Rollie Poppino junto aos trabalhos de pesquisa no Departamento de Estado americano. Todo seu arquivo pessoal foi disponibilizado na Universidade Católica Americana, podendo a lista ser encontrada em: <http://archives.lib.cua.edu/findingaid/schmitt.cfm>. Acesso em 20-11-2017.

³⁴² SCHMITT, Karl. *International Communism in Latin America: A History of the Movement, 1917-1963* de Rollie E. Poppino. *The Annals of the American Academy of Political and Social Science*, Vol. 359, *Intergovernmental Relations in the United States* (May, 1965), pp. 245-246 <http://www.jstor.org/stable/1035207>. Acesso em 20-11-2017.

³⁴³ ALEXANDER, Robert. *International Communism in Latin America: A History of the Movement 1917-1963* de Rollie E. Poppino; *The American Historical Review*, Vol. 70, No. 4 (Jul., 1965), pp. 1146-1147. Stable URL: <http://www.jstor.org/stable/1846961> Accessed: 20-11-2017.

³⁴⁴ ELSSASSER, Edward. “*International Communism in Latin America: A History of the Movement, 1917-1963*”; *The Journal of Modern History*, Vol. 37, No. 2 (Jun., 1965), pp. 284-285 <http://www.jstor.org/stable/1878378>; Accessed: 20-11-2017.

Edward O. Elsassser (1906-1983) foi um colaborador da HARH e da The Americas após ser candidato republicano ao parlamento norte-americano nos anos 1940, dedicando-se, no periódico, como comentarista de temas sobre a América Latina e a política externa. Segundo ele, o livro de Poppino foi um instrumento importante para o estudo latino-americanista preocupado em compreender a expansão do comunismo. A resenha de Elsassser foi escrita após o golpe de 1964 no Brasil, mas o formato brasileiro do rompimento com a democracia não foi citado. O autor, assim como Poppino, estava mais preocupado em caracterizar a expansão do comunismo no continente e o seu combate.

Rollie Poppino está preocupado fundamentalmente com a história deste movimento e seu papel recente e ele fez um trabalho excepcional em desvendar essa rede complexa em um livro de fácil compreensão. É possível encontrar detalhes históricos suficientes que ofereçam pontos de referência para latino-americanistas informados que procuram alcançar abordagens mais hemisféricas sobre o comunismo e, ao mesmo tempo, há um deslocamento de minúcias que distraiam o leitor leigo (tradução nossa)³⁴⁵.

E, mais adiante, mostrou que a **aceitação de uma esquerda democrática** e o combate ao comunismo seria a principal estratégia para negociação política com oposições dentro da América Latina, buscando construir uma limpeza gradual no lugar de um combate mais duro.

Entretanto, para Poppino este não é o único processo. A reforma precede, e acontecerá, e, se partidos da esquerda democrática e de natureza democrática ocidental podem ser tolerados hoje, no futuro poderá haver uma onda de limpeza e não uma força purgativa (tradução nossa)³⁴⁶.

Já a leitura de Robert Alexander se atentou para a discussão sobre informações a respeito da relação do comunismo atribuído ao regime cubano com a União Soviética e a China. As posições da Guerra Fria no continente e a história de associação entre Cuba e o mercado Soviético tornaram estas preocupações mais críticas para os analistas norte-americanos na segunda metade da década de 1960. Alexander contestou apenas a possível estima em demasia

³⁴⁵ Do original: “Rollie Poppino is concerned essentially with the history of this movement in the later role and he has done a masterful job of unraveling a very tangled skein in a comprehensive and literate book. Included here is sufficient historical detail to provide familiar reference points for the informed Latin Americanist who seeks a firmer grip on the development and scope of hemispheric communism, and at the same time, there is a market avoidance of the minutiae which would deter the lay reader seeking to relate the communism movement to Latin America”. (ELSASSER, 1965, p.284).

³⁴⁶ Do original “As Poppino indicates, however, this is not the only remedial process. Reform must come, and come soon, and, if the parties of the democratic Left and the resources of the democratic West can be brought effectively to bear, the wave of the future can be a cleansing rather than a purgative force”. (ELSASSER, 1965, p.285).

que Poppino teria dado à interferência da Internacional Comunista e ao investimento do comunismo no Brasil entre os movimentos operários, contudo elogiou o empreendimento da publicação.

Alexander era um intérprete mais atento ao interior das organizações trabalhistas no Brasil e na América Latina. Na oportunidade, ele destacou do trabalho de Poppino o capítulo que abordou a disposição da estrutura dos partidos políticos. A compreensão de “táticas” e estratégias” seria para ele mais válida para entender as montagens próprias das organizações de esquerda no continente, e ele via muito mais o movimento interno das esquerdas e das oposições se destacando do que uma ligação com a internacionalização do regime soviético. Estava claro, para Robert Alexander, que os partidos comunistas não eram a grande preocupação na política de propaganda de manutenção da “Paz” e da Liberdade norte-americanas no continente, que se calcava, muito mais, na reprimenda de ações coletivas organizadas na zona rural, no controle sobre as expectativas de reformas vindas dos grupos subalternos e nas lutas por direitos sociais que se dispuseram ao enfrentamento da propriedade privada.

Alexander criticou o modo como Poppino atribuiu atos esporádicos como sendo movimentos comunistas internacionais, porque para o primeiro, a maioria das movimentações detectadas por Poppino não representaram um conjunto de “ameaças” e nem um embate sistemático ligado ao campo soviético como pensou o segundo autor. Isso não quer dizer que havia uma descrença no potencial de luta comunista no Brasil, mas que Alexander imaginou que essa força estava muito mais associada com movimentos sociais dispersos na sociedade civil³⁴⁷.

Autores como John Foster Dulles, por exemplo, se tornaram referências para obtenção de informações sobre o partido comunista no Brasil e seu trabalho, assim como o de Poppino apesar de muito difundido no Brasil, não foi feito para leitores brasileiros e sim para divulgação do conhecimento sobre a expansão do comunismo no continente. O trabalho de J. Dulles tem muito mais qualidade investigativa, uma vez que se debruça sobre um país, especificamente, mas em geral, para estes historiadores, fugia ao domínio de seu texto a forma como a luta

³⁴⁷“Tenho poucas críticas à publicação. De um lado, Poppino tendeu a superestimar a influência do comunismo no movimento operário. Há também uma pequena questão que pode ser feita sobre detalhes da história particular de cada país” (tradução nossa); do original: “I have only minor criticisms of this volume. For one thing, Poppino tends to overestimate Communist influence in the labor movement. One might also question some of the minor details in the history of the individual national parties” (ALEXANDER, 1965, p. 1147). Sobre a publicação, Maicon Silva Carrijo tem um olhar muito semelhante a respeito do debate de Poppino com esses historiadores, porém não entra em maiores detalhes sobre o perfil de Poppino na análise do movimento comunista. Ver CARRIJO, 2008.

efetivamente ocorreu, não havendo discussões sobre programas e movimentos internos das organizações. Dulles obteve muito mais informações com as fontes da própria esquerda, enquanto Poppino frequentou os acervos das classes dominantes, mas não podemos dizer que o segundo não tenha feito uma grande incursão em acervos.

A cobrança dos resenhistas de *International...* girou em torno de uma expectativa de que Poppino mostrasse as articulações de movimentos de oposição que ocorreram tanto dentro como por fora dos partidos comunistas mais tradicionais.

O capítulo sobre as relações entre comunistas latino-americanos e o regime castrista e o conflito sino-soviético é também significativo. Poppino está correto em destacar o dilema em que Castro foi colocado pelo conflito Sino-Soviético. Ele destacou os esforços dos chineses para representar o regime Castro como um exemplo típico do tipo de revolução que eles buscavam, e os esforços de Castro para provocar movimentos semelhantes em outros lugares da América Latina. Porém, ele também revelou a dificuldade que Castro teve em assumir abertamente a liderança dos comunistas orientados por influências chinesas no continente, por causa da sua necessidade do suporte russo. Talvez Poppino pudesse ter prestado mais atenção nos partidos e grupos que surgiram fora dos partidos mais ortodoxos, que eram atraídos pelos comunistas chineses (tradução nossa)³⁴⁸.

Naquele momento, a luta social em Cuba passou a aderir a uma política econômica própria e cada vez mais próxima ao socialismo, com a montagem de secretarias especiais para empreender o crescimento da estatização e o auxílio da União Soviética nas exportações. Tais atitudes reverberavam nas preocupações de estudo dos profissionais do IR, no Departamento.

A política externa norte-americana defendeu uma **esquerda democrática** a favor de seus interesses, mas assumiu posições opostas a elas quando seus investimentos privados foram ameaçados³⁴⁹. O **antimarxismo** e o combate às discussões sobre a abordagem das lutas de “classes” era muito mais ferrenho entre esses autores do que as discussões sobre o comunismo propriamente dito. Os autores procuravam entender o raio de influência das teorias do comunismo e indicavam quais eram os atos que eram vistos como ameaças mais sérias à atuação dos Estados Unidos, pois nem toda a oposição comunista se colocava contrária aos Estados

³⁴⁸ Do original: “Of significance, too, is the chapter on the relations of the Latin American Communists with the Castro regime and the Sino-Soviet conflict. Poppino is correct in emphasizing the quandary in which Castro is placed by the Sino-Soviet struggle. He notes the efforts of the Chinese to picture the Castro regime as a typical example of the kind of revolution they are advocating, and Castro's efforts to bring about similar uprisings elsewhere in Latin America. Yet, he also points out the difficulty Castro has in openly assuming the leadership of the Chinese-oriented Communists in the hemisphere, because of his need for Russian assistance. Perhaps Poppino might have given somewhat more attention to parties and groups that have arisen outside of the orthodox Communist parties, which are attracted to the Chinese Communists”. (ALEXANDER, 1965, p.1147).

³⁴⁹ Ver GRANDIN, Greg. **A revolução Guatemalteca**. São Paulo: Editora UNESP, 2005.

Unidos e nem toda a abordagem marxista, exceto aquela anti-imperialista. Isso significava que a leitura sobre a presença do antiamericanismo em ações das lutas sociais no continente eram uma tônica levada a sério pelos autores latino-americanistas, uma vez que a maioria dos patrocinadores de seus estudos vinha do setor privado.

Havia uma parceria relevante para estes estudos. Think Tanks, como a Rand Corporation (Research and development Corporation), investiam em viagens no continente, feitas por pesquisadores iniciantes e veteranos, sustentando investigações que ofereceram base para as análises feitas no Departamento de Estado³⁵⁰. As pessoas que atuaram nestas equipes, como vimos, estavam conectados com os instrumentos de publicação e as políticas de intercâmbio, o que os colocava numa posição articulada com o ambiente acadêmico latino-americano. Estas pessoas mantinham relações favoráveis à troca de informações e difundiam leituras sobre a **estabilidade política e financeira** da América Latina.

O principal assunto de pesquisadores latino-americanistas ligados ao Departamento de Defesa e às agências de inteligência dos Estados Unidos era o “desenvolvimento”, um conjunto de pesquisas que conectava perguntas sobre formação econômica e social, heranças históricas consideradas “atrasadas” e potenciais de investimento, desde os anos 1950. As conclusões giravam em torno de discussões sobre o comportamento de líderes políticos dos países latino-americanos, mediante o crescimento econômico assistido no pós-Guerra. Como tornar esses países parceiros dos Estados Unidos, quando suas políticas internas pareciam ainda descompassadas com a experiência de crescimento do capitalismo?

No texto *Agents of Brazilian Instability in the Light of the Canadian Experience*, de James L. Busey, da Universidade do Colorado, em 1968, “o autoritarismo do Governo Goulart”, “a subversão do sistema constitucional”, a “ruptura da ordem social” e a inflação foram os motivos

³⁵⁰ De acordo com o site atual da Fundação, A *Rand* foi fundada em 1948, e desde então funciona em Santa Mônica, Califórnia, prestando serviços de consultoria para o Departamento de Defesa dos Estados Unidos. Há várias referências de estudos com o patrocínio da *Rand*, quando a corrida armamentista norte-americana colocou a fundação a serviço de pesquisas de ponta para o conhecimento a respeito de tecnologias de Guerra. Porém, ao mesmo tempo, são muitas as pesquisas feitas no campo das ciências sociais, sobre saúde, educação e outros terrenos de investigação que facilitavam a atuação dos Estados Unidos. A corporação lançou diversos equipamentos de processamento de dados, utilizados em todo o mundo na década de 1960, considerados como protótipos de computadores e internet atuais. A *Rand* foi considerada como sendo uma agência que atuava diretamente junto às Forças Armadas. Na hemeroteca digital da biblioteca nacional encontramos várias ocorrências com o termo “*Rand Corporation*” nas páginas sobre a política internacional e os Estados Unidos. No Jornal do Brasil, 42 ocorrências. Na edição de 2 de outubro de 1966, no caderno especial de domingo, o texto “Americanos gastam com pesquisa mais que o orçamento nacional da Grã-Bretanha” menciona o importante papel da *Rand*, interferindo em quase todos os campos de conhecimento.

principais apontados pelo autor para caracterizar a desestabilização da política brasileira³⁵¹. Sua discussão fundamental se voltou para a avaliação da estabilidade dos governos brasileiros, ponto de partida para a garantia das negociações com os Estados Unidos.

Podemos encontrar outros exemplos como esse, pois, a despeito da política externa norte-americana, o Brasil manteve uma postura de não alinhamento direto com as diplomacias de Guerra – sempre postas em debate – e o Ministério das Relações Exteriores procurou dialogar com diversas parcerias comerciais no mundo inteiro. Estas ações foram muitas vezes julgadas como titubeantes (difundindo-se uma leitura de que o Itamaraty era receoso no alinhamento com os Estados Unidos, especialmente no início da década de 1960) e foram alvos da observação dos analistas norte-americanos³⁵². No entanto, na maioria das vezes, foram tratadas com cautela e tolerância, em respeito à autonomia brasileira na sua diplomacia, enquanto as questões internas de gerenciamento dos conflitos de classe ganhavam maior destaque entre os brasilianistas.

Foi mais comum que houvesse um olhar condenatório das políticas de esquerda e de reformas, vistas como ações radicais. Busey, acusando os “conflitos trabalhistas” de serem empreendidos por “capangas” do presidente (em 1963), sedimentou uma pesada oposição ao executivo brasileiro e alavancou imagens depreciativas sobre o chefe do executivo que se deslocaram para caracterizar a própria democracia no Brasil. O autor encontrou argumentos em textos como os de João Camilo de Oliveira Torres, Osvaldo Trigueiro, Prado Kelly e o próprio Rollie Poppino, que escreveu “O processo político no Brasil: 1929-1945”, em julho de 1964³⁵³.

Junto com sua presença em periódicos de ciência política e relações internacionais, onde publicou menos, mas era citado, na HAHR, Poppino também fez a correspondência no campo das relações internacionais, conectado à História Política, embasando autores preocupados com a diplomacia norte-americana. Um exemplo foi a resenha da coletânea brasileira “Os idos de março e a queda em abril”, comentário no qual Poppino mostrou a versatilidade de seu perfil intelectual, em tom ensaístico e, ao mesmo tempo, atualizado com as tendências internas das

³⁵¹ BUSEY, James. *Agents of Brazilian Instability in the Light of the Canadian Experience. The Western Political Quarterly*. V.21, n.3, 1968, <https://www.jstor.org/stable/446618> acesso em 12 de janeiro de 2021. James L. Busey publicou *Latin American Political Guide*, vol. 12, em 1969; *Latin America: institutions and process*, 1964; reeditado diversas vezes.

³⁵² PARKER, Phylis; NUNES, Aurimar Jaccobino de Barros. **Política Externa Independente**. 1961-1964, considerações sobre o homem Estado. 1999. Dissertação de Mestrado, Universidade de Brasília; MANZUR, Tania. **A Política externa independente: antecedentes, apogeu e declínio**. Lua Nova, n. 93, São Paulo, 2014. LOUREIRO, Felipe. **Empresários, trabalhadores e grupos de interesses: a Política Econômica do Governo Janio Quadros e João Goulart, 1961-1964**. Tese, FFCH, USP, 2012.

³⁵³ BUSEY, James. *Ibid.*

publicações brasileiras sobre o golpe de 1964³⁵⁴. O texto foi organizado por Alberto Dines, Antonio Callado, Araújo Neto, Carlos Castello Branco, Claudio Mello e Souza, Eurilo Duarte, Pedro Gomes e Wilson Figueiredo. O assunto principal, considerado como a primeira narrativa sobre os acontecimentos posteriores ao golpe de abril de 1964, era a discussão sobre os atos do mês de março, acompanhados por dirigentes da imprensa brasileira, chefes de redação e leitores críticos do “radicalismo” e da atribuição de uma imobilidade de Goulart nos momentos imediatamente anteriores ao golpe. Mesmo incomodados com o termo “Revolução”, os autores alegavam não encontrar argumentos para tomar posição contrária ao governo estabelecido, justificando-se a partir de uma inação da esquerda no campo democrático.

Mais adiante, durante os anos 1970, Poppino passou a responder ao debate latino-americanista da HAHR como leitor dos analistas sobre o Brasil “Moderno”. Ao mesmo tempo, os militares retornaram como objeto de estudo, diante do aprofundamento das ações de controle exercido pela ditadura sobre os intelectuais. Antes, os apontamentos sobre a administração das crises econômicas deram lugar a análise do governo e da política, diante do crescimento do autoritarismo, que começou a apresentar seus efeitos mais explicitamente através de denúncias internacionais sobre torturas no Brasil, na entrada da década de 1970.

O conjunto das resenhas escritas por Poppino nos mostra esse trajeto. Inicialmente, preocupado com o crescimento e o desenvolvimento da economia e as possibilidades de parceria comercial com os norte-americanos, produziu uma resenha a respeito do livro de John Foster Dulles, em 1971³⁵⁵. O livro *Unrest in Brazil: Political Military Crisis, 1955-1964*, foi

³⁵⁴ POPPINO, R. Resenha de: DINES, Alberto (org). Os idos de marco e a queda em abril. **The Hispanic American Historical Review**, Vol. 45, No. 2 (May, 1965), pp. 327-328, Duke University Press Stable <http://www.jstor.org/stable/2510591>. Acesso em 23 de março de 2018.

³⁵⁵ POPPINO, R. resenha de DULLES, John W. F. F.: *Unrest in Brazil: Political Military Crises, 1955-1964*; IANNI, Otávio. *Crisis in Brazil*. **The American Historical Review**, Vol. 76, No. 3 (Jun., 1971), pp. 851-852, Oxford University Press on behalf of the American Historical Association. <http://www.jstor.org/stable/1851763> acesso em 23 de março de 2018. “Baseado em leitura extensa de relatos recentes e mais de duzentas entrevistas com colaboradores que vieram dos dois lados da cena caleidoscópica da política brasileira, durante a década do suicídio de Vargas, o estudo narra os acontecimentos e causas de respostas individuais para situações imediatas. Como em seus trabalhos anteriores, Dulles demonstrou sua capacidade de obter comentários diretos de homens cujas decisões influenciaram a política nacional, embora o leitor possa suspeitar que um informante ocasional tenha permitido uma aceleração dos acontecimentos e mudado a fortuna política que coloriu sua memória” (tradução nossa); Do original: “Based on extensive reading of contemporary accounts and some two-hundred interviews with participants on all sides of the kaleidoscopic political scene in Brazil, during the decade of the Vargas suicide, the study relates the actions and motivations of individuals responding to immediate situations. As in his earlier works, Dulles has demonstrated his capacity to elicit forthright comments from men whose decisions affected national politics, although the reader may suspect that an occasional informant has allowed the rapid pace of events and changes of political fortune to color his memory”. (POPPINO, 1971, *Ibid*, p.852). Sobre Otávio Ianni, ele alertaria o leitor sobre o uso do marxismo na escrita do professor brasileiro, metodologia e explicação como defeitos do texto (o que lhe sobraria de qualidade?): “Ianni tem um defeito mais sério, entretanto, que é a distorção dos fatos históricos para se adequar ao modelo que ele construiu. Por exemplo, ele sugere que as massas

discutido juntamente com o livro de Otávio Ianni, *Crisis in Brazil*. Os estudos, segundo Poppino, por apresentarem perspectivas diferentes e até opostas, já eram marcos para a compreensão do golpe de 1964³⁵⁶, tema que também já se consolidava nas análises brasilianistas, ou, na verdade, como sabemos, passou a ser dominado inicialmente pelos analistas externos da historiografia brasileira. Vimos que a coletânea de jornalistas que produziram “Os idos de março e a queda em abril” que foi considerada como primeiro registro dos fatos no terreno das ciências sociais e da história, já que o tema ainda ganhava corpo no Brasil. Preocupado com a tarefa inicial atribuída aos militares, na visão de Poppino, de recuperar a “ordem”, a essa altura, ele já salientava o envolvimento das Forças Armadas na política como uma questão polêmica. Sua preocupação em fazer uma resenha do material de Foster Dulles lhe serviu para tratar da inclusão do Brasil no conjunto de Estados Nacionais que retornaram a vivenciar tal experiência de ocupação militar do poder, mesmo que ele não tenha acreditado que essa seria a atitude a se desenrolar depois dos fatos de 1964. Poppino chegou a dizer que Dulles, possivelmente, teria sua mente iluminada por informantes ocasionais, sobre os quais, no entanto, não tinha informações precisas. No entanto, notamos nessas resenhas uma busca clara por um perfil de esquerda moderado e democrático e a discussão do marxismo e das lutas consideradas radicais como fatores de exacerbação da crise política no país.

Aqui recuperamos um texto de Thales de Azevedo do Jornal A Tarde, de 1960, no qual o autor tem postura semelhante. Em “Comunismo e Anticomunismo”, apontou para “duas ordens” de tratamento simplista do “problema” do comunismo, colocado do ponto de vista do baiano naquele jornal. Para ele, havia aqueles que subestimavam o poder do comunismo, acreditando em um viés apenas ideológico e que construía valores para compreensão da sociedade, aqueles que ainda viam comunismo em todas as práticas mais liberais e progressistas. Sua preocupação parece bem semelhante ao fundamento dos estudos de Poppino

estavam no poder antes da queda do Estado Novo, e ele projeta o retorno da administração de Vargas, sua política e política econômica dos anos 30, que não haviam sido adotadas em 1930 e nem até 1945. Embora escrito em 1967, o livro reflete muitas das suposições marxistas e da euforia da esquerda durante o governo Goulart. Isso explica o colapso da esquerda e a inabilidade dos líderes esquerdistas para entender e formular proposições adequadas para resolver a situação” (tradução nossa); Do original: “A more serious defect, however, is Ianni’s distortion of historical facts to fit the model he has constructed. For example, he suggests that the masses were in power before the overthrow of the Estado Novo, and he projects back to the Vargas administrations of the 1930s political and economic policies that Vargas did not adopt until 1945 or later. Although written in 1967, the book reflects many of the Marxist assumptions and much of the euphoria of the political Left during the Goulart administration. It explains away the collapse of the Left as the inability of leftist leaders to understand and devise proper formulate to exploit the situation”. (POPPINO, 1971, *Ibid.*, p.852).

³⁵⁶ “Here are two eminently scholarly, but otherwise unlike, studies that attempt to account for the Brazilian revolution of 1964”, *Id.*, *Ibid.*.

sobre o tema. Não por acaso, Thales de Azevedo se referiu ao periódico de estudos políticos com o qual Poppino mantinha correspondência no Brasil.

E' tão perturbadora a liberalidade, quase sempre “progressista” de uns quanto o selo estrábico dos outros. A propósito da preeminência que tem a América latina particularmente o Brasil, nos planos atuais da União Soviética e do comunismo, a revista “Síntese”, do Instituto de Estudos Políticos e Sociais da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, procurou lançar luz, em um recente editorial, sobre “a fobia pueril dos que vêem comunismo em toda parte, e a ingenuidade dos que supõem que o comunismo já passou”. Nem uma coisa nem outra é verdadeira, e não há nada mais arriscado do que negar a evidência, por incapacidade de a reconhecer ou pelo desconhecimento da inexorável dinâmica interna do movimento marxista, ou macular de suspeição todas as atividades e idéias em que haja alguma presença comunista ou que se recusem a reduzir o anticomunismo às fórmulas autoritárias³⁵⁷.

Enquanto brasilianista, portanto, Poppino teve uma relação crítica com o marxismo presente nos textos como os de Otávio Ianni, ou Caio Prado Junior, apesar de externar sua admiração pelo que, segundo ele, era de qualidade histórica para o leitor interessado na política brasileira. O marxismo coletado por Poppino lhe oferecia informações sobre a história política, por um lado, ou lhe sustentaria junto ao escopo de discussão sobre modernização e desenvolvimento. Mas esses elogios eram acompanhados de um “porém”, algo que encontramos também na escrita de Thomas Skidmore da época.

Ainda sobe John Dulles, encontramos outros textos, resenhados em conjunto com o título “Perspectives on Communism in Brazil”, que trouxe o conhecimento de Poppino como primeiro a escrever sobre o tema na conjuntura e seu tratamento com o material já elaborado até então pelos colegas³⁵⁸. O adjetivo “esquerdista” foi aplicado por Poppino em seu texto de resenha, mas também podemos dizer que era amplamente utilizado, conectando sutilmente à política dissidente com o tema da violência política, não aceita no terreno dos partidos políticos do campo democrático e mesmo da esquerda democrática. Vale aqui ressaltar que o “esquerdismo” já era uma expressão fortemente utilizada no jornalismo situacionista brasileiro e em obras sobre a política nacional.

³⁵⁷ AZEVEDO, Thales de. Comunismo e Anticomunismo. Salvador, **Jornal A Tarde**. 07 de dezembro de 1960. Disponível em: <http://www.thalesdeazevedo.com.br/artigos.htm>. Acesso em 12 de janeiro de 2021.

³⁵⁸ POPPINO, Rollie. Resenha de DULLES, John W. F. Foster Anarchists and Communists in Brazil. 1900-1935 e CHILCOTE, Ronald. The Brazilian Communists Party 1922-1972. **Latin American Research Review**, 1978, v. 13, n. 1.

Sua crítica ao marxismo foi clara. Poppino, ao tratar da abordagem de John Foster Dulles sobre o comunismo no Brasil, demonstrou como, segundo ele, Dulles preferiu tratar da história pessoal e da abordagem de sujeitos, do que o que considerou como a escrita marxista da História:

Não há dialética, massas sem rosto, respondendo a forças inexoráveis, inevitabilidades marxistas que moldam o curso dos eventos humanos. Em vez disso, Dulles fez uma crônica humanista de palavras e ações de indivíduos que responderam a circunstâncias imediatas entre si (tradução nossa).³⁵⁹;

Em comparação, Thomas Skidmore fez uma crítica aos historiadores brasileiros do terreno da história social e econômica, que segundo ele seriam influenciados pelo marxismo presente no campo. Para Skidmore, os latino-americanistas trariam algo a mais para contribuir com a história:

Um campo para o qual os historiadores latino-americanistas se voltaram foi a história social e econômica. Essa escolha foi irônica entre os marxistas que já haviam declarado uma exclusividade nesse campo. O problema foi que os estudiosos marxistas tinham enterrado os feitos humanos sob abstrações como “o proletariado”, “a burguesia” e “lumpem”, perdendo o controle dos atores de carne e osso no confronto das “forças produtivas”. Historiadores latino-americanistas estão reformulando esses atores através de cuidadosas pesquisas nos arquivos e entrevistas com sobreviventes da ditadura e outras eras, em fontes inestimáveis da história oral (tradução nossa)³⁶⁰.

A crítica de Skidmore, datada do período pós ditadura e das inovações na pesquisa latino-americanista, diverge um pouco do tom de Poppino, um antimarxista da era da Aliança para o Progresso, que reverberou seu posicionamento no periódico e produziu uma visão de que as esquerdas brasileiras provocaram a reação, o golpe de 1964, uma espécie de “contra-golpe” – tema que veremos em seguida dentro de seus artigos. O campo marxista, como dissemos, interessava especialmente no debate sobre o desenvolvimento, ou como abordagem de história,

³⁵⁹ Do original: “Here are no dialectics, no faceless, masses responding to inexorable forces, no Marxian inevitabilities shaping the course of the human events. Rather, Dulles has written a humanistic chronicle of the words and deeds of individuals responding to immediate circumstances and to each other”. (POPPINO, 1978, *Ibid.* p. 267).

³⁶⁰ Do original: “One field to which Latin American historians turned was social and economic history. This choice was ironic in that Marxist scholarship had already claimed an exclusive hold on that field. The problem was that the Marxist scholars had usually buried the historical human beings under a wealth of abstractions such as “the proletariat,” “the bourgeoisie,” and “lumpen,” losing track of the flesh-and-blood actors in the clash of “historical forces.” Latin American historians are now helping reconstruct these actors via careful research in the archives and well-planned interviewing of survivors of the dictatorships and other eras, invaluable sources of “oral history”. (SKIDMORE, 1998, 120).

considerada “política”, porém se tornava incômoda quando tratava dos sujeitos da história a partir do escopo do conflito entre as classes. Por isso mesmo, mesmo que Poppino criticasse, parece que um marxismo descomprometido com os sujeitos da história, entendidos de forma coletiva, estava mais próximo ao latino-americanismo de Poppino. Havia uma leitura, de fundo, voltada para uma proposta de “humanizar” o marxismo, leitura que visualizava nesse marxismo dito humanizado um espaço para a ação política. No âmbito da interpretação da história, o marxismo era criticado como uma teoria que não apresentava os sujeitos sociais. Então, podemos nos perguntar como Poppino abordou os sujeitos da história política brasileira, se não pelo alto, pelas decisões de governo e movimentos que pareciam ter origem numa evolução “inexorável” da qual o mesmo autor critica o marxismo?

Voltamos a dizer que a política externa norte-americana, como um todo, não era homogênea, mas passava pelo debate de secretários vindos de alas diferentes, que poderiam pautar ideologias tanto de um liberalismo progressista, como de viezes mais autoritários, desde uma espécie de esquerda liberal até os setores conservadores mais tradicionais. Esse debate reverberava nas análises sobre a política dos países dos continentes, como pode ser abordado em um estudo dos artigos publicados pelo secretariado de Estado em revistas como a *HAHR* ou a *The Americas*.

Um locutor desse debate e que nos presta a um exemplo foi Nelson Werneck Sodré. Poppino discordou mais da ênfase de um determinismo das relações econômicas sobre os fatos, para ele vindo do marxismo, do que das atitudes políticas de Sodré. Seu nacionalismo o incomodava, porém Sodré, como militar, podia observar por dentro, segundo Poppino, os objetos que interessavam aos brasilianistas no contexto, saltando aos olhos do brasilianista como uma narrativa factual de valor, que possibilitava apreender a composição social e as atitudes políticas dos militares, além de suas escolhas ideológicas³⁶¹.

Em outro trabalho ainda, Poppino resenhou “A faculdade de Direito de São Paulo e a resistência Anti-Vargas”, quando incluiu seu apoio ao ato de resistência, defendido como exemplo para o resto do país, um bastião democrático, segundo ele, contrário ao governo Vargas³⁶². Essa postura nos lembra a sua escrita em comentário sobre “Os idos de março e a

³⁶¹ POPPINO, Rollie. Resenha de MELO, Olbiano de. A marcha da revolução social no Brasil. Ensaio histórico-sociológico do período 1922 a 1954. *The Hispanic American Historical Review*, Vol. 39, No. 4 (Nov. 1959).

³⁶² POPPINO, Rollie. Resenha de DULLES, John W. F. Foster e ANDRADE, Vanda Mena Barreto de. A faculdade de Direito de São Paulo e a resistência Anti-Vargas. *THE HAHR*, Vol. 65, n. .3, 1985.

queda em abril”, de Alberto Dines e outros³⁶³, no qual Poppino tentou passar uma visão de imparcialidade, quando, na verdade, concordou com as críticas a Goulart.

Embora seus autores tenham feito relatos objetivos e precisos, eles não deixam dúvidas de que compartilhavam das preocupações da esquerda revolucionária no regime de Goulart e viram a revolução como um dos males menores no Brasil. O tempo mostrará se esse julgamento foi razoável. Para o presente, o valor do livro para os historiadores está provavelmente na visão de brasileiros informados sobre o papel das forças armadas na vida política da nação” (tradução nossa)³⁶⁴.

Com o trabalho dos colegas, como Donald Worcester, procurou mostrar posição sobre a abordagem da História Colonial, que teria sido suprimida em partes, no livro *Brazil: From Colony to World Power*, de 1973. Para Poppino, Donald Worcester ratificou o olhar norte-americano sobre a vida política brasileira, desqualificando os governos brasileiros como sendo atrasados e pouco eficientes³⁶⁵e, nesse sentido, cobrou do autor um maior destaque para a economia do interior nos séculos XVII e XVIII.

Podemos ver uma diferença significativa no trato com o tema do papel dos militares depois que os escritores norte-americanos passaram a criticar os atos da intervenção autoritária da ditadura (principalmente após a repercussão internacional da tortura), e, ao acompanhar uma trajetória como a de Poppino, percebemos que ao longo da década de 1960, a sua visão sobre o autoritarismo se construiu por dentro de uma crítica que estava muito mais preocupada com a radicalização das esquerdas do que o cerceamento das liberdades e as ações da direita.

Enquanto nos primeiros anos da década de 1960, a averiguação de temas sobre o nacionalismo e a democracia, o papel das esquerdas e o apontamento de “soluções” para o Brasil ganharam destaque, após o golpe de 1964, as coisas mudaram relativamente de tom, pois foi preciso circunstanciar o que para os analistas norte-americanos eram “escolhas” do governo brasileiro, ao nomear um governo provisório, até a entrada de um militar no poder, gerando inúmeras controvérsias dentro do que poderia ser considerada uma “saída democrática”. Ao longo da leitura das resenhas publicadas por Poppino, percebemos sua constante preocupação

³⁶³ POPPINO, Rollie. *Ibid.* 1965).

³⁶⁴ Do original: “While its authors have striven for accuracy and objective reporting, they leave no doubt that they shared the revolutionists' concern over the left-ward course of the Goulart regime and looked upon the revolution as the least of the evils facing Brazil. Time will show whether this judgment was reasonable. For the present the chief value of the book for historians probably lies in its expression of the traditional views of informed Brazilians on the proper role of the armed forces in the political life of the nation.” (POPPINO, 1965, p.328).

³⁶⁵ POPPINO, Rollie E. Resenha. WORCESTER, Donald. *Brazil: From Colony to World Power*. New York, 1973; *The Hispanic American Historical Review*, Vol. 54, No. 3 (Aug. 1974), pp. 501-503, Duke University Press. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/2512937>. Data de acesso: 20-11-2017.

com a objetividade na escrita, a neutralidade, o distanciamento com ideologias, a escolha por dados e informações que fossem interpretadas pelo próprio leitor, mas que principalmente, se afastasse do marxismo fortemente presente na América Latina naquele contexto.

A noção de “evolução do processo político” era tensionada com os parâmetros de análise das questões sociais e das possibilidades de engajamento e luta pela via da oposição marxista. Na resenha sobre o conhecido livro de Alfred Stepan, Poppino mencionou que

Estudantes da história política brasileira podem ficar desconfortáveis com a abordagem e a interpretação do professor Stepan e leitores leigos podem ter dificuldade em seguir sua apresentação não cronológica. De todo modo, entretanto, ele produziu um estudo sólido e objetivo, indispensável para historiadores preocupados com a evolução do processo político na América Latina e é recomendado fortemente para quem lida com governos militares, seja no passado ou no presente e em outras áreas do mundo (tradução nossa)³⁶⁶.

Ainda sobre a HAHR, Poppino continuou interessado no tema do populismo na década de 1980 e manteve seu olhar sobre a associação entre o varguismo e o autoritarismo quando comentou a produção de Michael Conniff, em 1982³⁶⁷. Aqui já vemos o veterano brasilianista dividir as páginas da revista com outra geração de autores, os que escreveram sobre o Brasil após os processos de ruptura com a ditadura implantada em 1964 e durante a década de 1970. Enquanto a maioria dos brasilianistas passaram a denunciar a ditadura brasileira, o autor manteve o uso do termo “Revolução de 1964”, como veremos no próximo tópico. Seguindo sua atuação na AHA, Poppino conseguiu contribuições da associação para os estudos sobre a América Latina, juntamente com outros especialistas na área, sendo que naquele contexto, somente Poppino viria a representar a pesquisa no Brasil pela associação.

³⁶⁶ Do original: “Students of Brazilian political history may well dispute some of professor Stepan’s emphases and interpretations, while lay readers may have difficult following his occasionally unchronological presentation. All in all, however, he has produced a sound and objective study, indispensable for historians concerned with the evolution of the political process in Latin America and highly recommended for those dealing with military governments, past or present, in other areas of the world” (POPPINO, Rollie. Resenha de STEPAN, Alfred. *The Military in Politics: Changing Patterns in Brazil*. Princeton University Press, 1971. *The American Historical Review*, Vol. 77, N. 2, abril, 1972, p.606).

³⁶⁷ POPPINO, Rollie. Resenha de *Urban Politics in Brazil: The Rise of Populism, 1925-1945* de Michael L.Conniff. *The American Historical Review*, Vol. 87, No. 4 (Oct., 1982), p. 1208, Oxford University Press. Disponível em <http://www.jstor.org/stable/1858126>, Data de acesso 24-10-2017. Michael L. Conniff é professor de História na Universidade de San Jose e criou o centro de estudos de América Latina na Universidade do Sul da Flórida.

Também na década de 1970, na HAHR, Poppino escreveu sobre o livro *Miracle at Joazeiro*, de Ralph Della Cava³⁶⁸, seguindo seu perfil de leitor da história do sertão. A abordagem muda um pouco de tom quando a divulgação dos Direitos Humanos ganhou a política externa norte-americana. Mas, de todo modo vimos que, sua preocupação com a história do interior e dos “sertões” se move ao longo de sua trajetória como uma constante, um suporte de trabalho, a partir do qual cobra dos colegas e discute a história brasileira.

A seguir analisaremos os escritos específicos sobre a questão das lutas sociais contemporâneas e o tema da ditadura brasileira, na revista *Current*, nas quais todo o cenário das relações entre Brasil e Estados Unidos foi explorado pelo autor em análises específicas, durante os processos políticos do golpe civil-militar e da ditadura no Brasil.

6.3 A ANÁLISE DAS RELAÇÕES INTERNACIONAIS E O DEBATE SOBRE O BRASIL NA REVISTA CURRENT.

A revista *Current History* dedicou uma edição especial à América Latina em 1962, voltando-se para reflexões sobre as relações dos Estados Unidos com os países vizinhos, depois da Aliança Para o Progresso. O tema da “infiltração” comunista ocupou as páginas do periódico, que contou com os seguintes artigos: “*Cold War Drift in Latin America*” (Paul S. Holbo, Univ. of Oregon), “*Latin America and the Communist Block*” (Robert J. Alexander, Rutgers Univ.), “*The Future of Castroism*” (David Burks, Univ. of Michigan), “*Left and Right Extremism in Argentina*” (Arthur P. Whitaker, Univ. of Pennsylvania), “*Mexico: Cool Revolution and Cold War*” (Stanley R. Ross, 1980, Univ. of Nebraska), “*Peru in Serious Trouble*” (Hubert Herring, Claremont College), “*Imbalance in Brazil*” (Rollie E. Poppino, Univ. of California), and “*Changing Conditions in Guatemala*” (C. S. Hauberg, St. Olaf College).³⁶⁹

Na edição 56, Poppino publicou “*Brazil: The Second Phaze of The Revolution*”, em Janeiro de 1969, tratando sobre os governos pós golpe, “*Brazil’s Third Government of Revolution*”, de 1971, em 1972, “*Brazil: New Model For National Development?*”, os quais analisaremos em particular. Estes últimos artigos demarcaram um roteiro de trabalho de

³⁶⁸ POPPINO, Rollie. Resenha de DELLA CAVA, Ralph. *Miracle at Joazeiro*. Nwe York and London, 1970. Columbia University Press. Maps. Tables. Illustrations. Bibliography. Index. **The Hispanic American Historical Review**, vol. 52, N. 2, Maio 1972, p 318-319.

³⁶⁹ *Current*, 1962, p.827

Poppino como analista do Departamento de Estado. Há vários outros textos de resenhas escritas por Poppino em outros periódicos e que usaremos como suporte. Porém, esses textos revelam o seu esforço em produzir um material analítico mais específico sobre o Brasil, no âmbito das relações internacionais e nas suas aproximações políticas com os Estados Unidos em um período tão conturbado.

O autor utiliza o conceito de “Revolução” para pensar a ditadura brasileira após 1964, juntamente com o tema do combate ao comunismo, mostrando receio de que forças de oposição aos Estados Unidos tomassem o poder. Ainda assim, fez críticas às elites do país e ao modo como conduziram as instituições. Podemos encontrar argumentos muito parecidos, na historiografia brasileira (inclusive a mais recente, que, após 50 anos do golpe, recuperou versões de crítica aos movimentos sociais e às esquerdas) e em textos produzidos por Rollie Poppino, para o entendimento das ações do presidente João Goulart nas vésperas dos acontecimentos de abril de 1964. Com relação ao tema da “Revolução”, a própria direita brasileira já havia começado a criticar o termo na década de 1960. Isso acontece porque os autores partiram do mesmo campo de batalha, influenciados pela ideologia do “mundo livre”: a defesa da ordem constitucional e dos caminhos de liberdade surgidos na leitura ocidental da Guerra Fria, somados ao entendimento da política externa em negociação com os Estados Unidos e sua cultura de controle sobre o aprofundamento dos conflitos sociais no continente³⁷⁰.

Observando rapidamente algumas notícias do New York Times a respeito, verificamos que, segundo Isabella Gonçalves (2018), o jornal se posicionou em defesa da democracia desde o início, em 1964, através de diferentes pontos de vista. Para ela, o jornal atuou tanto de encontro ao governo norte-americano e o seu apoio às atitudes da direita no Brasil, como ao governo brasileiro. A autora mostrou que, no seu levantamento, o New York Times defendeu a “Revolução” contra o comunismo, mas, ao longo do desenrolar dos fatos, em abril, passou a tecer críticas às ações autoritárias do governo que se estabeleceu, já compreendidas como antidemocráticas. Ou seja, note-se que, mesmo nestes textos, há uma definição e discussão

³⁷⁰ Há setores intelectuais que, se posicionando próximos das noções de defesa da *ordem democrática*, sustentaram a ideia de que os ocorridos no ano de 1964, até a eleição de Humberto Castello Branco, não eram um golpe de Estado, visto que, primeiro, tinham precedentes em outras ações preventivas do Estado brasileiro e estavam ancorados nas bases constitucionais e nas premissas de manutenção dos poderes democráticos. Alguns pontos recentemente debatidos na historiografia brasileira sobre o golpe de Estado de 1964 direcionaram questionamentos a respeito dos recuos feitos por João Goulart, “para evitar derramamento de sangue”. Também já foram levantadas questões sobre as tensões quanto à participação e apoio da “sociedade civil” ao lado do golpe militar e essas críticas ocorreram de modo muito semelhante às afirmações que foram feitas logo após a recepção da tomada de poder em abril de 1964.

sobre a democracia contra o comunismo, no continente, que sustentou a tomada de poder contra Goulart, no entanto, esfriou seus argumentos pró-militares, quando eles passaram a ser os atores principais da cena política que veio a se desdobrar.

Democracia e antidemocrático são valores que mudam de perspectiva diante do espectro do comunismo associado ao temor de uma esquerdização da América Latina. Os colunistas do jornal aguardavam por uma solução democrática, ou seja, uma saída constitucional e parlamentar sem medidas que lembrassem o suporte a um poder militar irrestrito no executivo. Perceba-se que, de acordo com os argumentos, a solução anterior e o governo João Goulart foram vistos como um governo ameaçador, ressaltando-se a ligação entre a esquerda no poder e o comunismo internacional, além da crítica às medidas econômicas do seu governo³⁷¹.

Poppino, ao interpretar os acontecimentos políticos no Brasil, defendeu a “Revolução”, pois partiu da defesa dos interesses dos Estados Unidos frente ao antiamericanismo que já reverberava no continente depois da Revolução cubana. A perspectiva de Poppino ainda foi além, pois manteve-se firme na defesa dos governos da ditadura militar, pelo menos no Brasil, mesmo após os episódios cada vez mais sérios de autoritarismo e terror denunciados mundialmente. Ao escolher o lado mais autoritário, o autor preferiu definir os fatos ocorridos no Brasil como sendo decorrentes de um “regime” especial, conceito que ainda ganhou ecos entre as principais discussões da ultra direita na defesa do golpe de 1964 no Brasil e mesmo possíveis saídas autoritárias para questões políticas atuais (na verdade, entre setores que definem os ocorridos como “Revolução”).

É muito importante pensar nas consequências de definição do golpe de Estado ocorrido no Brasil em 1964 como “regime”, visto não como ditadura e nem como Revolução. Assim, atenua-se a movimentação autoritária dos governos Castello Branco e Costa e Silva, como sendo nuances de situações inusitadas e até mesmo necessárias, já que o autoritarismo e o radicalismo viria das esquerdas. O insucesso das lutas populares também é um tema marcante no pensamento de Rollie Poppino, pois para ele, como para outros latino-americanistas de sua geração, era preciso considerar uma via de luta legal e que garantisse a manutenção da ordem do relacionamento estável com os Estados Unidos.

³⁷¹ GONGALVES, Isabella. **O golpe pelo olhar estrangeiro**: a cobertura do New York Times sobre a ditadura militar no Brasil, em 1964. ALCAR SUDESTE, V Encontro Sudeste de História da Mídia. 2018. Ver FRANKEL, Max; SZULC, TAd; BURKS, EDWARD; O golpe de 1964 nas páginas de New York Times. Estudos Avançados, vol.28, São Paulo, 2014.

É também atual remontar episódios narrados pelo autor, para demonstrar, ao contrário do que ele disse, que a ditadura se iniciou desde 1964, com a deposição do presidente, e não apenas com os atos que teriam fugido a uma normalidade constitucional. A condução de Humberto Castello Branco, posterior ao exercício de Roberto Mazzili, por exemplo, foi uma das situações avaliadas como alternativas viáveis para o um retorno sistemático à “ordem”, diante da iminência da luta das esquerdas ou da má condução, atribuída a João Goulart, com relação às reformas sociais e às posturas norte-americanas para o continente.

Por esse motivo, também é categórico considerar que as concepções sobre “democracia” vinham de campos divergentes, como o da esquerda guerrilheira, da esquerda democrática, das direitas, em um terreno de embates sobre o totalitarismo, inimigo ideológico demarcado pelo pós-Guerra e fortemente reformulado na Guerra Fria contra os regimes comunistas. Parte da esquerda foi acusada de desprezo pelos valores democráticos, por sujeitos que atuaram nas próprias forças de oposição à ditadura, por serem entendidos como radicais na condução das lutas³⁷².

A atitude de Poppino, neste sentido, ao escrever para a *Current History*, foi de trazer um esquema mais caricato dos acontecimentos no Brasil, uma vez que ele já havia feito um material mais específico sobre as organizações da esquerda comunista, demonstrando que, no espectro das relações internacionais, seu papel era de defesa do melhor para a relação entre Estados Unidos e Brasil. Ao mesmo tempo, se tomamos como horizonte de comparação um autor influente na época, Eric Hobsbawm, acerca da História da Esquerda no período, veremos que seu escopo de orientação analítica versa dentro de uma proposta democrática e eurocentrada de leitura de Revolução, ao julgar o comportamento político das classes populares no Brasil e as possibilidades em voga no momento. Se a esquerda brasileira não poderia fazer Revolução, para Hobsbawm, tampouco teria forças para a luta organizada, o que leva as direitas ao poder.

Em tempo, quando Poppino escreveu o primeiro desses textos da *Current History*, que analisaremos a seguir, o curso dos acontecimentos parecia mostrar uma exacerbação das oposições políticas que ele visualizava desde 1961. No ano de 1963, o mesmo ano de publicação do livro específico sobre o comunismo na América Latina, ele iniciou uma sequência de análises, nas quais se posicionou como defensor da autonomia brasileira frente às questões

³⁷² Ver Dilemas da Historiografia Brasileira sobre a resistência armada contra a ditadura militar. A questão democrática entre os paradigmas liberais e a proposta marxista. Diego Grossi. *História e Luta de Classes*, n. 19, março de 2015.

levantadas sobre a sua política externa, mas não deixou de tomar partido de uma observação cautelosa sobre o anticomunismo e sobre o marxismo, fortemente difundido entre intelectuais brasileiros dos anos 1960 e 1970.

No texto *Imbalance in Brazil*, escrito em 1963, a estabilidade política e o crescimento econômico teriam sido a tônica da República brasileira, ainda que os governos pós 1946 tivessem que conviver cada vez mais com a corrente considerada como o “nacionalismo radical” e as cobranças por justiça social. Poppino preocupou-se em demonstrar como os opositores do governo de Jânio Quadros e João Goulart trataram das suas posturas mais controversas, mostrando o quanto era preciso reconhecer os problemas sociais a serem resolvidos. Logo no segundo capítulo do livro, afirmou que: “O problema de manter a preservação da estabilidade institucional juntamente com o crescimento do desenvolvimento econômico teve como contrapartida a injeção de uma política nacionalista virulenta e um clamor por justiça social” (tradução nossa)³⁷³. Poppino destacou principalmente a postura da política nacionalista contra a intervenção do capital externo e uma força de luta para que o país que se tornasse completamente independente nas decisões das relações internacionais. O problema não seria novo, segundo ele, mas sim o seu trato político. Até 1955, as relações com os Estados Unidos pareciam ter tranquilas, chegando na avaliação do término do governo Kubitscheck e a eleição de Jânio Quadros como um momento chave, o da adoção da Política Externa Independente.

O modo de Poppino de narrar os acontecimentos foi muito semelhante ao modelo que ele cobra dos livros que leu e resenhou. Nesse sentido, muito coerente, o latino-americanista propõe uma sequência de fatos em que o seu ponto de vista político parece estar descartado, mas é possível identificar uma contestação velada ao que ele considera como “postura radical”. Ao descrever os fatos, o historiador escolhe pontos e dedica-se aos episódios em que parece ser fulminante a necessidade de uma ruptura com o processo em curso. Assim, depois da saída de Quadros da presidência da República, a eleição de Goulart se apresenta como uma cena completamente instável.

Seguiu-se uma luta pelo poder entre o alto comando do Exército, determinado a impedir a instalação de Goulart como chefe de Estado, e o Congresso, que estava igualmente determinado a preservar o controle civil sobre o governo.

³⁷³ Do original: “The problems involved in preserving institutional stability while sustaining a rising rate of economic development have been compounded by the injection into the political milieu of virulent nationalism and the clamor for social justice”. (POPPINO, Rollie. *Imbalance in Brazil*. **Current History**, vol. 64, fevereiro, 1963, p.100).

Os líderes do Exército e conservadores geralmente consideravam o polêmico Goulart, herdeiro político de Getúlio Vargas e chefe do Partido Trabalhista de centro-esquerda, como um radical perigoso que perturbaria o sistema político e prejudicaria o progresso econômico. A dedicação dos políticos ao princípio da ordem constitucional e do governo civil, no entanto, mostrou-se mais forte do que a vontade militar (tradução nossa) ³⁷⁴.

Assim, percebemos a sua filiação a um debate democrático e à defesa das instituições civis, tomando partido, inclusive, contra aquela que foi considerada uma primeira tentativa de golpe vindo da parte dos militares, em 1961. Sua versão sobre o olhar dos militares a respeito de Goulart é a de que a crítica do radicalismo do presidente viria de outros momentos de oposição entre as lideranças do Exército e o “herdeiro” da política trabalhista de Getúlio Vargas. Poppino buscou compreender o processo, apresentando as forças em disputa.

Em outro texto, destacamos que há uma preocupação de Poppino em ressaltar esse tipo de informação sobre os atos dos presidentes do Brasil. Em um texto sobre Che Guevara, Poppino advertiu que seria um equívoco considerar que a postura de Jânio Quadros de condecoração do ícone cubano em 1961 teria sido o motivo de seu afastamento do poder e de uma visão de ruptura com a política externa dos Estados Unidos. Falando sobre o livro *Che: selected Works for Ernesto Che Guevara*, Poppino observou que

A introdução pode ser vista como a avaliação mais razoável em inglês sobre Guevara em inglês. Mas mesmo aqui os editores deixam que prevaleça o mito sobre o fato, e o objeto de seu estudo aparece maior do que realmente é. Na página 25 insinuam que Jânio Quadros sai da presidência do Brasil por causa da medalha que ofereceu a Che Guevara, perpetuando o próprio mito que querem dissipar (tradução nossa) ³⁷⁵.

Esse é o perfil de Poppino. Busca desfazer-se dos “mitos”, narrativas com objetividade, que não atribuam uma supervalorização às esquerdas, mas, ao mesmo tempo, procura discutir um modo de relacionamento com elas. No texto *Imbalance in Brazil*, Poppino explorou os

³⁷⁴ Do original: “A power struggle ensued between the army high command, determined to prevent the installation of Goulart as chief of state, and the Congress which was equally determined to preserve civilian control over the government. The army leaders and conservatives generally regarded the controversial Goulart, political heir of Getulio Vargas and head of the left-of-center Brazilian Labor Party, as a dangerous radical who would upset the political system and disrupt economic progress. The politicians dedication to the principle of constitutional order and civilian rule, however, proved stronger than the military will”. (Ibid., p.101).

³⁷⁵ Do original: “The introduction may well be the most reasonably objective assessment of Guevara yet to appear in English. But even here the editors occasionally allow myth to take precedence over fact, and their subject emerges somewhat larger than life. To imply, as they do on page 25, that Janio Quadros had to resign the presidency of Brazil because he bestowed a medal on Che Guevara is to perpetuate the myth they are attempting to dispel”. (POPPINO, Rollie. Resenha BONACHEA, Rolando E. e VALDES, Nelson. *Che Selected Works os Ernesto Che Guevara*. Cambridge, 1969. **The Americas**, Vol. 27, N. 1, jul 1970, p.105).

acontecimentos em torno do debate sobre o regime parlamentarista ou presidencialista no Brasil, em 1961, e a crise que se arrastou até 1962 nesse sentido. Para ele, a função do parlamentarismo já havia sido cumprida no país, e Poppino considerou a discussão contra o presidencialismo fora de lugar naquele contexto de avanço das instituições. Assim, percebemos que em busca do que poderia ser considerado como um anticomunismo da parte do autor, encontramos muito mais um tratamento cuidadoso com a interpretação das forças da direita brasileira e da América Latina a respeito do comunismo, não apenas como partido, mas sua associação com diversos atos de governo e de movimentos sociais no continente.

A questão sobre os investimentos externos também foi tratada de maneira cautelosa. A entrada do capital estrangeiro foi controlada por um nacionalismo de caráter protetivo da autonomia brasileira, considerado por ele como inofensivo politicamente, por já ter sido estabilizado, mas considerado como um freio para o capital estrangeiro.

A adoção de uma política nacionalista já começou a alarmar forças potenciais de fora – liderados pelos Estados Unidos – capital público e capital privado de desenvolvimento, do qual depende a taxa de crescimento econômico. O leque de alternativas aceitáveis de ação para findar esse dilema tem sido reduzido, quase ao ponto de desaparecer (tradução nossa)³⁷⁶.

A contradição (entre as pautas de investimento norte-americanas e os protecionismos de alguns setores no Brasil) era algo que já se arrastava no debate das relações entre os dois países, como também os seus modos de solução, em medidas tomadas com cautela pelos governos brasileiros e norte-americanos e a crise nesse modelo de ajustes teria se dado em 1961, com a política externa do governo de Jânio Quadros, a conhecida política externa independente. Poppino revelou que as divergências trouxeram mais problemas internamente, entre os setores de investimento que constantemente observavam os atos de Quadros em seu governo (como a aproximação com a China e Cuba) e não necessariamente com os Estados Unidos, já provido de estratégias para lidar com os brasileiros na política externa.

Para ele, se houve um início de quebra da lógica anterior, ela ocorreu em setembro de 1961 com a tentativa de implantação do regime parlamentar, através do Ato Institucional, que garantiu futuramente as empreitadas contra Goulart. A alternativa parlamentarista, segundo Poppino, foi temporária para resolução dos conflitos civis, em comparação com os

³⁷⁶ Do original: “Adoption of a nationalistic policy has already begun to alarm potential sources of foreign – chiefly United States – public and private developmental capital, on which the rate of economic growth depends. The range of palatable alternative courses of action to break this dilemma has been narrowed almost to the vanishing point”. (POPPINO, 1963, p.100).

acontecimentos do século XIX, onde o parlamentarismo era uma forma de manutenção da ordem. (POPPINO, 1963). No final das contas, a visão de que Goulart era um político radical vinha, para Poppino, da parte de seus opositores³⁷⁷.

Com as eleições, a grande maioria do eleitorado rejeitou “extremistas”, segundo Poppino, tanto vindos da direita como da esquerda. Mas este padrão havia sido quebrado com a eleição na Guanabara e em Pernambuco, após a eleição da esquerda e de nomes como Miguel Arraes e Leonel Brizola, considerados como nacionalistas antiamericanos. Para ele, mesmo havendo uma tendência forte de crescimento dos partidos à esquerda, os eleitores preferiram votar em candidatos “moderados”. (POPPINO, 1963, p.103). Qual seria o principal desafio dos eleitos, nesse contexto, para Poppino? Para ele, primeiramente, seria o enfrentamento de uma crise de abastecimento e a garantia do controle de preços, torcendo pelas eleições de candidatos moderados e não-progressistas, para encaminhamento das medidas para condução da “modernização”. Além disso, a situação fiscal brasileira, para o autor, não se justificava diante do crescimento econômico brasileiro, apontado como um dos maiores do mundo no período. (POPPINO, 1963, p.103). Então, voltando às relações internacionais, a amostra das eleições foi uma forma de apresentar ao leitor as contradições internas que poderiam estar criando barreiras para a entrada do capital dos Estados Unidos e seus parceiros.

No tópico *Lafta and Trade*, ele mostrou a força do crescimento das negociações do Brasil com a União Soviética, depois analisando a política externa em um tópico específico. De acordo com o autor, não seriam as questões ideológicas que tomariam a atenção do governo norte-americano, mas o tema do comércio e a concorrência que outros países poderiam colocar com o mercado consolidado com os Estados Unidos. Ao tentar justificar esta argumentação, inclusive, Poppino colocou que os importadores, no Brasil, preferiam os manufaturados ocidentais.

A política brasileira sobre Cuba foi denunciada pelos seus críticos como negativa, irresponsável e como um ato adotado para silenciar os extremistas antiamericanistas. Essa questão não pode ser vista de maneira simples. O centro da diferença básica entre as opiniões está na extensão do lugar que Cuba ocupa como ameaça à unidade hemisférica. Se aceitamos a visão brasileira de que as relações com a infiltração comunista e a subversão em Cuba tem sido exagerada pelos Estados Unidos e as nações caribenhas, a

³⁷⁷ O artigo de Poppino foi escrito no calor dos acontecimentos e decisões sobre o regime parlamentar e o presidencialismo, quando ocorreu a revogação do Ato Adicional de 1962, ainda em curso em 1963, pois vinha do governo dos estados o interesse no retorno ao presidencialismo, devido à proximidade das eleições.

atitude do Brasil frente à questão Cubana pode ser vista como uma extensão da sua lógica para políticas globais (tradução nossa)³⁷⁸.

Encontramos, muito por acaso, a digitalização de uma lista, divulgada pelo Departamento de Estado, que está disponível para acesso digital nos arquivos da Biblioteca da Universidade do Texas. O arquivo é uma relação de livros e publicações sobre o Brasil, selecionados pela divisão de pesquisa externa, publicação do External Reserarsh Staff e distribuída entre pesquisadores e oficiais de governo, no qual o Departamento assumiu não necessariamente defender as ideias publicadas pelos autores. Essa lista foi divulgada em junho de 1964 e, obviamente, dizia respeito ao interesse em compreender a situação política brasileira. Várias áreas de conhecimento compunham a publicação da lista, com 40 páginas, divididas em *general, political, economic, sociological* e outros adendos referentes a periódicos, e esse artigo de Poppino estava entre 13 títulos selecionados para o tema das relações políticas internas. Um texto anônimo, sobre João Goulart; outro de E. Dell; Cristoph Ekestein; Fernando Ferreri; Celso Furtado; L. Kaminyn; Waldemar Ladosky; Carlo Leonam; Diogo Lordello de Mello; Luiz Carlos Prestes; Nestor Vera e Jordan Young³⁷⁹.

A aproximação entre as teses dos brasilianistas ocorria através de autores que se projetavam internacionalmente, mas também figuras importantes nas interpretações internas. Dialogando com Vitor Nunes Leal, Poppino se posicionou de maneira favorável à Política Externa Independente Brasileira, e avaliou que as questões mais problemáticas foram as que estavam associadas a um antiamericanismo interno. A aceitação quanto ao nacionalismo que já existia em outros momentos na história brasileira era parte do escopo anti-colonialista que carregava em suas análises. Contudo, uma vez que o nacionalismo ganhasse mais força na política externa haveria abertura para o crescimento de uma maior negociação com países comunistas, o que não queria dizer que, necessariamente o país estivesse adotando um alinhamento a outro bloco político mundial. Tal postura apenas complicaria a associação com o capital norte-americano.

³⁷⁸ Do original: "Brazil's policy toward Cuba has been denounced by its critics as negative irresponsible, and an expedient adopted to placate anti-United States extremists. It cannot be dismissed so simply. The basic difference of opinion centers on the extent of the danger to peace of hemispheric unity posed by Communist Cuba. If one can accept the Brazilian view that the threat of Communist infiltration and subversion from Cuba has been greatly exaggerated by the United States and the Caribbean nations, the Brazil's attitude on the Cuba question can be seen as a logical extension of its global policies".

³⁷⁹ **Brazil:** A selected Bibliografy. Universidade do Texas, Austin. 1965. United State, department of State, External Researsh Staff.

Na sequência do debate das Relações Internacionais, na *Current*, Poppino só voltou a discutir o tema em 1969, para avaliar os acontecimentos posteriores a um estremecimento de relação entre Estados Unidos e Brasil. As posições divergentes já estavam demarcadas, quando Poppino procurou defender que o Brasil não era nem uma República em progresso e nem uma ditadura estagnada e subserviente aos Estados Unidos. (POPPINO, 1969, p. 7).

O artigo *Brazil: Second Phase of the Revolution* testou algumas teses sobre a ditadura militar para defender que o país não seria nem um regime militar em seu modelo clássico e nem uma ditadura reacionária, pois havia um Congresso eleito, as jurisdições seriam mantidas e havia um uso “estrito” da força. Os argumentos de Poppino nos fazem pensar se o autor estava tentando descrever que o “regime” estaria dentro de toda tipologia disponível como uma exceção ou se ele fez uma defesa clara das escolhas tomadas pelos dirigentes no poder, de que estariam conduzindo uma ordem constitucional no Brasil, baseada em atos anteriores da ação militar, sob o viés de uma argumentação supostamente democrática. Segundo ele, em clara defesa do governo Costa e Silva,

as vozes da oposição continuarão a tratar o Brasil como vítima de uma ditadura opressora que destruiu as liberdades individuais e condenou o país a uma estagnação política e cultural liderada por militares sem imaginação e subservientes aos Estados Unidos. Cada uma dessas interpretações ignora ou encobre muitas coisas que são incompatíveis com suas conclusões. É preciso procurar os principais contornos da cena contemporânea e projetar leituras de possibilidades para o futuro próximo, uma vez que encontramos exageros e omissões em ambos os lados (tradução nossa)³⁸⁰.

A principal propaganda do governo instaurado era de limpeza das instituições e de recuperação econômica para o país e, sobre esse tema, o autor estava ao lado dos governantes brasileiros, chegando a falar em preocupação com os “problemas sociais” da parte destes. O capital estrangeiro e seus investimentos, a inflação e o controle do custo de vida seriam as medidas a serem adotadas para conter as investidas nas reformas sociais. Para ele,

o capital privado externo foi encorajado a entrar no Brasil, o que foi feito procurando oportunidades mais lucrativas e, seja como for, foi barrado por setores vitais para a segurança nacional (tradução nossa)³⁸¹.

³⁸⁰ Do original: “Opposition spokesman will doubtless continue to portray Brazil as the victim of an oppressive dictatorship that has destroyed personal freedom and doomed the country to political and cultural stagnation under unimaginative, military leadership subservient to the United States. Each of these interpretations ignores or glosses over much that is incompatible with its conclusions. When allowance is made for exaggeration and omission on both sides, however, it should be possible to determine the main outlines of the contemporary scene in Brazil and to project trends over the near future”. (POPPINO, 1969, p.8).

³⁸¹ ‘Foreign Private capital was encouraged to enter Brazil, but it, sought the more lucrative opportunities and, in any case, was barred from larg sectors deemed vital to national security’. (POPPINO, 1969, p. 9).

Antes de avançar, vale lembrar que esses temas eram próprios da ciência política e dos estudos no Brasil sobre os governos do período pós-Guerra, demarcados por preocupações com o desenvolvimento, a inflação, o investimento interno em infraestrutura e outros tópicos da economia, como peças-chave para avaliar os insucessos governamentais. No tempo em que Poppino passou a analisar a “Segunda Fase da Revolução”, seu olhar se direcionou muito mais para as questões econômicas do que para o tema da gestão política e do autoritarismo da ditadura, esquivando-se de tais análises.

Enquanto muitos colegas teriam sido influenciados pelas denúncias já existentes após o AI-5, o autor selecionou a discussão do avanço econômico para investigação, comparando e indicando possíveis soluções para o crescimento da produção no país, mesmo que, para tanto, o preço fosse a entrega das liberdades civis e o controle das organizações democráticas por um governo ditatorial.

Poppino, portanto, seguiu e otimizou o referencial que predominou na abordagem do período da ditadura com relação aos seus governos. Só para mencionar os principais, considere-se a ideia de que Castello Branco teria criado recursos para sustentar a legalidade dentro da Constituição, a visão do governo de Costa e Silva como duro e autoritário e os posteriores como sendo recursos de “abertura” para a democracia, configurando assim uma “passagem” lenta, gradual, de um “regime” que teria sido necessário ao contexto político da época.

Essa é uma das questões colocadas por James Green, a respeito da visão dos brasilianistas sobre a ditadura. A ideia que prevalecia era a de que o regime instalado era legal, a princípio. A justificativa de Green é que foram apresentados na memória norte-americana sobre a História recente do Brasil como sendo uma sequência válida de informação a respeito das escolhas políticas tomadas no país. Para ele, este foco foi dado justamente pelos olhares iniciais sobre o golpe de 1964, produzidos a luz das formulações de assessores de Lincoln Gordon e da atuação de L. Johnson no continente. A ideia de que o grupo de militares que estava tomando o poder o fazia por necessidade de manutenção da ordem constitucional foi disseminada nos Estados Unidos e comprada em um momento inicial do ano de 1964, mas, para ele, rapidamente teria sido substituída por investigações mais sérias sobre o caráter autoritário das ações que se

sucederam³⁸². Talvez o papel desses assessores esteja em narrativas como as que estamos explorando aqui.

Esta postura de Green nos faz pensar que a opinião pública norte-americana poderia ter sido fortemente influenciada por informações passadas pelo embaixador norte-americano e seus funcionários, devido principalmente a equívocos de interpretação dos acontecimentos e ao anticomunismo. A concepção de democracia e o entendimento do que deveria ser a legalidade para os governos latino-americanos, vindos da política externa, envolveu o combate ao populismo no terreno econômico e o controle de ações que limitassem a atuação do capital privado no continente. Não podemos apenas atribuir a erros pontuais de informações (GREEN, 2009), mas talvez seja necessário recorrer ao debate sobre a democracia que envolveu setores intelectuais conservadores no Brasil e nos Estados Unidos. Tal concepção, em geral, foi herdada dos acordos da Aliança para o Progresso e das críticas aos países que teriam rompido com suas premissas.

Poppino considerou que o governo Costa e Silva muitas vezes se posicionou de forma independente dos Estados Unidos e defendeu que as críticas para com a sua administração estariam equivocadas porque

Críticas pacíficas ao governo e aos que as implementaram – tão virulentas quanto qualquer uma que venha a ocorrer à política e aos políticos nos Estados Unidos – são toleradas como ocorrências corriqueiras. Como nos Estados Unidos, a força é utilizada para reprimir dissidências que, na opinião das autoridades, venha a atingir a propriedade privada e a vida (tradução nossa)

³⁸³.

Ou seja, além de tentar aproximar a política brasileira das ações nos Estados Unidos contra seus opositores, Poppino tentou demonstrar esses acontecimentos como algo corriqueiro e comum a um regime democrático. Como analista do “desenvolvimento” e da modernização, a argumentação de Rollie Poppino se direcionou ao potencial energético brasileiro e o crescimento da infraestrutura em transportes, expansão de créditos e ações de “integração” propagandeadas desde o governo de Juscelino Kubtscheck, mas denunciou que o governo de

³⁸² Brazilianista busca revelações sobre ditadura em 100 mil documentos dos EUA. Entrevista a Naira Hofmeister. Apublica.org, abril de 2018. Disponível em : <https://apublica.org/2018/05/brazilianista-busca-revelacoes-sobre-ditadura-em-100-mil-documentos-dos-eua/>. Acesso em 12 de janeiro de 2021.

³⁸³ Do original: “Non-violent criticism of administration policies and the men who implement them – criticism every bit as virulent as any hurled against policies and politicians in the Unites States – is tolerated as an everyday occurrence. As in the United States, force is used to suppress dissent only when, in the opinion of the authorities, that dissent poses a threat to life and property”. (POPPINO, 1969, p.8).

Costa e Silva precisava reconhecer os atos de perseguição e tortura, mesmo que esse tivesse sido uma herança da escolha política da “Revolução”. “Como herdeiro do regime revolucionário imposto à nação cinco anos atrás, ele é parcialmente responsável pelos atos de repressão do regime”³⁸⁴.

O autor defendeu as medidas governamentais mesmo diante da impopularidade e da insatisfação da opinião pública. Na sua leitura, as oposições foram vistas como um problema menor. Se os governos eram capazes de controlar as insatisfações populares, sem o uso da força, melhor, o que não teria sido o caso brasileiro, no qual o regime demandou novos ajustes de força.

O regime parece sofrer menos com as ações de inimigos do que com a omissão de amigos dedicados. A hostilidade é restrita a uma minoria de estudantes e intelectuais relativamente inofensiva, mas não houve uma defesa fervorosa e equivalente a mesma por nenhum outro grupo. O governo prefere considerar a situação como transitória e atribuí-la a um descontentamento gerado pelas medidas hostis tomadas em 1964 para recuperar a economia e ampliar a aceitação popular à medida que a situação econômica melhorar (tradução nossa)³⁸⁵.

A ideia de Poppino era comparar as ações que foram tomadas com versões anteriores do uso da força. Os militares, considerados como um poder “moderador”, não agiriam em prol de seu mesmo poder, mas para atuar em favor de restauração dos poderes civis, pois o poder militar não poderia ser visto como sendo a força da tomada de decisões, que seriam sobretudo políticas. A expectativa era que seus governos representassem um intervalo a ser suspenso para retomada das tradições políticas, o que não estava ocorrendo, mas declarou que

enquanto a maioria dos críticos superestimam a influência das forças armadas no governo de Costa e Silva, resta pouca dúvida de que o governo constrói visões predominantemente militares sobre os problemas brasileiros (tradução nossa)³⁸⁶.

³⁸⁴ Do original: “as the heir of the revolutionary regime imposed on the nation five years ago, it must accept partial responsibility for the repressive as well as the constructive acts of that regime.” (POPPINO, 1969, p. 10).

³⁸⁵ Do original: “The regime appears to suffer less from the actions of its enemies than from the abstinence of dedicated friends. Overt hostility is restricted to a relatively ineffective minority of students and intellectuals, but not equally fervent group has risen to its defense. The government prefers to regard this situation as transitory and to attribute it to residual discontent over belt-tightening measures adopted in 1964 to revive the economy it anticipates growing popular acceptance as the economic situation continues to improve”. (POPPINO, 1969, p.12).

³⁸⁶ Do original: “while such criticism may exaggerate the influence of the armed forces per se in the Costa e Silva administration, there is little doubt that the government takes a predominantly military view os Brazilian problems”. (POPPINO, 1969, p. 12).

As perguntas de Poppino se voltaram muito mais sobre até que ponto era importante manter um governo militar autoritário, caso viesse a alimentar oposições e comprometer o nível de controle das insatisfações populares que vinha ocorrendo desde o governo de Juscelino Kubitschek. A “prova” mais clara de seu posicionamento antiprogredista e conservador era a constante preocupação em conter as forças populares. Essa contenção significaria o sentido do crescimento do país entendida como a modernidade de seu Estado. O ganho, para ele, estava no fato de que o governo conseguiu controlar as oposições políticas, no parlamento, mas isso custava uma imagem autoritária, ainda mais com a incorporação do discurso militar na política. Essa característica precisaria ser afastada³⁸⁷.

Em 1971, essa postura se aprofundou. Para ele, se em 31 de março de 1964, as forças armadas “salvaram” o país “do caos, da corrupção e do comunismo” (POPPINO, 1971, p.102), já era hora de restaurar a democracia. Quando Poppino falava do “político profissional”, havia uma concepção em curso. A extinção da atuação dos partidos políticos, em 1968, a autorização dos poderes militares no Ato n. 12, de 1969, em detrimento da manutenção do vice-presidente civil à frente das decisões e os atos de banimento da cidadania para pessoas consideradas perigosas, subversivas ou revolucionárias foram exemplos dessas ações de limitação. Nesse texto, dos quatro que analisamos nesse tópico de discussão, pela primeira vez Poppino utilizou o termo “revolucionário” para alusão aos governos de Humberto Castello Branco e Costa e Silva, entre aspas: “O presidente Medici esperava ter mais poderes do que os outros antecessores revolucionários e usou esse poder para imprimir controle sobre o processo político”³⁸⁸. Nos textos anteriores, ele citou como “revolução” e, mesmo nesse segundo texto de 1971, o terceiro da série, mateve a expressão.

Poppino mostrou que os próprios militares destoavam dos demais políticos em cena, a respeito da concepção de democracia que estava em jogo, concebendo algo a partir de uma noção particular, já que para ele, não faziam “política” propriamente.

Essa visão foi retomada periodicamente, mas com o tempo, o presidente e os **políticos** pareceram estar em conflito com relação à urgência na tomada de

³⁸⁷ “out of the welter of contradictory claims and assertions about the present state of Brazil, one indisputable fact emerges: overall the national economy is in better shape than it has been for nearly a decade. The goals of the revolution have not been fully attained, but all indicators confirm the constructive material and psychological impact of the economic policies – wage controls, credit restrictions, new taxes and progressive disinflation – imposed by former President Castello Branco and followed without substantial change by Costa e Silva. The increase in the cost of living was out of control before the revolution and rose by 86 per cent in 1964. (...)”. (POPPINO, 1971, p.8).

³⁸⁸ Do original: “President Medici holds greater powers than either of his “revolutionary” predecessors, and he has employed these powers to tighten control over the political process”. (POPPINO, 1971, p.102).

atitudes para mudanças políticas e com relação ao conceito de democracia (grifo meu- tradução nossa)³⁸⁹.

A alteração constante na definição da ordem democrática foi o assunto do texto *Brazil third government of the revolution*. Para Poppino, a ampla maioria da população aceitou o andamento da política brasileira chefiada sob Médici e a proposta de “restauração” da democracia, mas os poucos grupos que mantiveram a oposição precisavam ser entendidos e combatidos. O tratamento da sua narrativa com a esquerda é delicado. Se por um lado, o autor tentava não assumir uma posição contra ou a favor dos atos do governo militar, se posicionando como um informante da situação brasileira, demonstrava seu “incômodo”, diante dos atos das organizações militantes e atos considerados “terroristas”, que foram “ligeiramente” sufocados pelo governo, através da prisão e da perseguição de milhares de pessoas. Poppino finalmente defendia o governo relativizando os atos de tortura, procurando demonstrar que eles precisavam ser agora discutidos, para que o governo seguisse adiante com os projetos de modernização do país. Nessa altura, Poppino já estava escrevendo em uma fase na qual a tortura era amplamente denunciada internacionalmente. Além do mais, para ele, a “opinião pública”, assim como começava a denunciar o autoritarismo, era avessa aos atos guerrilheiros no campo e na cidade, o que facilitou o controle desta pequena oposição.

O tratamento dos presos políticos no Brasil tem sido assunto de uma propaganda bem articulada e iniciada logo após o governo Médici. As acusações difundidas por uma agência de informações brasileira autônoma situada em Paris tem circulado na mídia europeia e norte-americana com a função de provar que centenas de prisioneiros políticos são vítimas de uma política sistemática de tortura nas mãos de seus captores. Os apuradores não encontraram quaisquer vestígios de maus tratos físicos entre os 60 presos libertados a mando de sequestradores entre 1969 e 1970, mas as acusações continuaram aumentando e provocaram comentários no governo dos Estados Unidos, no papado, Comissão de Juristas Internacional e a Organização dos Estados Americanos (tradução nossa)³⁹⁰.

³⁸⁹ Do original: “These views were reiterated periodically, but with the passage of time it became apparent that the President and the politicians had conflicting attitudes toward the urgency for political change and toward the concept of democracy itself”. (POPPINO, 1971, p.102).

³⁹⁰ Do original: “The treatment of political prisoners in Brazil has been the subject of a well coordinated propaganda campaign launched shortly after Médici took office. Charges disseminated by a self-styled Brazilian Information Front in Paris and widely circulated in European and United States news media have purposed to prove that thousand of political prisoners are the victims of a systematic policy of torture at the hands of their captors. Even though none of the 60 prisoners released at the behest of kidnappers between September, 1969, and June, 1970, showed any traces of physical maltreatment by the jailers, the charges of torture have continued to mount and have provoked comment by the United States government, the Papacy, the International Commission of Jurist, and the Organization of American State”. (POPPINO, 1971, p.105).

Jovens estudantes, engajados pelo marxismo e pelo exemplo de Che Guevara seriam o foco da atuação ideológica. Aqui destacamos que em outro texto, aquele mesmo comentário a um livro publicado sobre Che Guevara, Poppino deixava escapar suas posições sobre a personagem que unificava vários elementos do que ele propunha para interpretar o marxismo e o comunismo no continente. Alguns anos antes, Poppino havia mencionado que

Mesmo uma análise rápida desse livro deixa claro que Che Guevara aderiu a uma teoria demoníaca da história. Em seu ponto de vista, o “bete noir” da América Latina e da opressão de todo povo oprimido em toda a parte do mundo são os Estados Unidos. Do início ao fim a tensão mais persistente em suas obras é o ódio e desprezo implacáveis pelos Estados Unidos. Guevara compartilhou essa convicção básica com outros líderes da Revolução Cubana mas ela fazia parte de seu pensamento antes de conhecer Castro ou de se tornar um adepto do Marxismo-Leninismo. De seu ponto de vista, não havia nada que os Estados Unidos pudessem ter feito além de derrubar os militares de Cuba – para alterar o curso do regime revolucionário³⁹¹.

Há, na escrita de Poppino sobre a política internacional, uma preocupação em alcançar os argumentos mais próximos da realidade e desprovidos de “ideologia” e, nesse percurso, ele termina por julgar os atos de oposição aos Estados Unidos e as ações mais radicais das esquerdas como os mais importantes nesse sentido. Assim, esses dados são possíveis de serem verificados também na sua análise sobre o Brasil. Enquanto a imprensa internacional repercutiu o tratamento brasileiro a seus presos políticos e à perseguição ideológica, Poppino defendeu que a realidade das prisões e dessa perseguição não teria sido investigada a fundo. Ele claramente denunciou que os atos estavam em desacordo com as políticas internacionais de Direitos Humanos, mas supôs que a repercussão seria mais ampla do que o realmente acontecia. E prossegue

É improvável que toda a verdade seja conhecida algum dia. Muitas das alegações sobre o número e do tratamento de prisioneiros são grosseiramente exageradas e as acusações que o governo brasileiro recebe de uma política sistemática de tortura é uma distorção patente (tradução nossa)³⁹².

³⁹¹ Do original: “Even a quick perusal of this book (referindo-se ao livro resenhado no texto) makes it abundantly clear that Che Guevara subscribed to the devil theory of history. In his view the “bête noir” of Latin America and of oppressed peoples everywhere is the United States. From first to last the most persistent strain in his works is his impacable hatred and contempt for the United States. Guevara shared this basic conviction with other leaders of the Cuban revolution, but it was part of his mental baggage before he met Castro or became a disciple of Marxism-Leninism. From his point of view there was nothing the United States could have done – short of overrunning Cuba military - to alter the course of revolutionary regime”. (POPPINO, 1970, p.106). Guevara, dizia Poppino não era um comunista, mas um líder do proletariado, como Castro, adepto de outros pensamentos antiamericanistas e terminou por se associar ao socialismo por conta das pressões do contexto internacional.

³⁹² Do original: “the whole truth is not likely to be known for sometime. Clearly, many of the allegations concerning the number and treatment of prisoners are grossly exaggerated and the charge that the Brazilian government pursues a systematic policy of torture is a patent distortion”. (POPPINO, 1971, p.105).

Nesse jogo, o autor parece estar o tempo todo tentando inocentar os governos que analisou. Isso porque, para Poppino, a força de oposição ao governo Médici, que ele não chamou em momento algum de ditadura, seriam “terroristas” e sua versão sobre as esquerdas e as lutas sociais não lhe permitiu admitir que a perseguição aos movimentos de oposição não seriam “exceções” e sim uma política sistemática de governo.

Segundo Carla Rodeghero (2007), havia uma preocupação entre os diplomatas norte-americanos e seus assessores em compreender o anticomunismo brasileiro e suas reações de controle das esquerdas e forças sociais de oposição, de modo que avaliavam uma falta de manejo da parte do Estado em assumir formas de domínio que não se demonstrassem autoritárias. Para que as relações com os Estados Unidos se mantivessem estáveis e, além do mais, não fossem manchadas, essa era sua principal preocupação.

Crucial também é apontar para o antimarxismo presente nessas interpretações. Pensamos que seja possível acrescentar que, se o anticomunismo brasileiro, como afirmou Rodeghero, foi observado com cautela, no intuito de barrar atitudes extremistas, o antimarxismo ainda daria conta, estrategicamente, de um debate teórico. Ao fazer a análise dos textos brasileiros e do comportamento político autoritário atribuído apenas aos militares, Poppino formulou um pensamento que ia de encontro às abordagens da ciência política e da história, afirmando as condições reais de reprodução da vida e dos conflitos sociais, valorizando as leituras da situação política, demonstrando as análises muito mais em termos de “crescimento econômico” ou de disputas de poder. Os próprios intelectuais da direita, a exemplo da ESG, viam com restrições a forma como se dava a escrita latino-americanista, principalmente os militares, pois se viam como protagonistas da cena da ditadura³⁹³. Ou seja, avaliavam até que ponto os seus observadores norte-americanos tratavam de denunciar suas agências internas de poder.

Assim também, autores como Poppino deixaram claro que, se o governo militar expusesse as marcas de suas contradições internas ou não pudesse responder, à altura, as críticas internacionais, comprometeria os laços entre Estados Unidos e Brasil, como ocorreu com as denúncias de torturas. De todo modo, o debate de Rodeghero nos “abre os olhos” para uma

³⁹³ Sobre esse quesito abordei a leitura dos militares sobre os brasilianistas em um texto específico intitulado “Intelectuais brasilianistas e o golpe de 1964: intercâmbio cultural e experiências interpretativas”. Revista História e Luta de Classes, ano 15, n. 28, setembro de 2019.

discussão intercambial e intercultural do anticomunismo, ultrapassando o debate monolítico sobre a atuação imperialista norte-americana.

A preocupação de Rodeghero explica também olhares como os de J. Dulles sobre a história do comunismo e, diferente do que pensou James Green, a fala cautelosa sobre o anticomunismo, para Carla Rodeghero, transmitiu menos solidariedade do que uma real preocupação sobre a própria imagem dos Estados Unidos e seus intelectuais no continente.

Os escritores norte-americanos observaram, desde 1947, os temas como a liberdade de imprensa, as ações liberais para um não retorno à ditadura, a regularidade das eleições (RODEGHERO, 2007, p.68-69). Esse trabalho compôs o esforço norte-americano de atuação anticomunista, optando por avaliar o tipo de movimentação “democrática” que vinha sendo feito pelas organizações da direita e do governo para o controle do comunismo internamente³⁹⁴.

Quanto às polêmicas sobre as posturas autoritárias, além desses poucos comentários, Poppino preferiu deslocar seu olhar para a economia e mostrar o que para ele teriam sido avanços, defendendo o executivo no seu aspecto “modernizante”. Não discutiu as questões que envolveram a ditadura internacionalmente a partir de suas relações com o capitalismo e seu aprofundamento, ainda mais em uma conjuntura de Guerra Fria. O agravo da crítica para com os governos latino-americanos eram os termos de aproximação com países comunistas e com as esquerdas no poder ou em vias de disputa dele, nos quais o capital privado e as ameaças ao mercado internacional preocupavam muito mais do que suas formas internas de manutenção da democracia. Nesse caso, o incômodo foi gerado quando os desrespeitos às normas internacionais de convivência com a cidadania ocuparam as manchetes e desagravaram o papel do Brasil como parceiro de negócios.

Em algumas passagens, a posição de Poppino era muito semelhante à da própria Escola Superior de Guerra, quando defendeu as reformas educacionais da ditadura e as ações em prol de uma “integração nacional”. Segundo ele,

Essas atividades refletem a convicção de Médici, compartilhada por todos os presidentes brasileiros do último quarto de século, a de que o Brasil está destinado a se tornar uma potência mundial e essa deve ser determinada estritamente pelo interesse nacional (tradução nossa)³⁹⁵.

³⁹⁴ Era observado, principalmente, o exagero no uso da força, tanto entre os intelectuais do Departamento como na imprensa norte-americana. (RODEGHERO, 2007).

³⁹⁵ Do original: “These activities reflect Medici’s conviction, shared by every Brazilian President for the Past quarter century, that Brazil is destined to become a world power and should be determined strictly by the national interest”. (POPPINO, 1971, p.115).

Algo que não pode passar despercebido em sua análise é a questão rural. Poppino reconheceu que os governos dos militares fizeram ações de integração, como as rodovias abertas e as políticas agrárias para a Amazônia, mas não impuseram uma resposta na questão conflituosa da Reforma Agrária. Apesar de serem, para ele, aqueles que trataram do campo, em detrimento dos governos Goulart e Quadros, não souberam conduzir as questões para uma pacificação, argumento típico da observação norte-americana sobre o Brasil.

Enfim, podemos dizer que, para o brasilianista, o governo brasileiro não era uma ditadura, e sim, um regime, conduzido por uma revolução em defesa da ordem, empenhado em construir uma transição pacífica para a democracia, no entanto, já sem muito sucesso.

O autor ainda escreveu mais dois textos, que encerram essa análise sobre os governos brasileiros, após o golpe de 1964. Poppino escreveu, em 1972, o texto *Brazil: New Model for National Development*. O artigo compôs uma série de oito análises sobre países que mantinham fortes relações comerciais com os Estados Unidos, como nações consideradas amigas e em crescimento para se tornarem novos “poderes mundiais”.

Dividido o país, ele reafirmou o que seria para ele um exagero: a divulgação da relação do governo brasileiro com as torturas, apesar de também indicar que não houve evidências porque o próprio governo não autorizou a averiguação da condição de tratamento de presos por órgãos internacionais. Ou seja, a crítica do autor não é o autoritarismo em si, mas a falta de trato com a situação em que o governo se envolveu. A administração de Médici não havia abandonado o AI5 na prática, como era esperado, e ainda impediu as agências internacionais de inspecionar as prisões. Sendo assim, a resposta do governo não foi dada à altura.

O regime de Medici é extremamente sensível às críticas, mas não as respondeu de forma satisfatória, não tomou medidas oficiais identificadas por exilados e críticos sobre as torturas. O governo continua tratando duramente os presos políticos no país, tratados como criminosos comuns (tradução nossa)³⁹⁶.

Havia uma torcida pela condução do “regime” e pela retomada de uma postura democrática para mediação dos conflitos sociais e, nessa empreitada, Poppino julgava os movimentos intelectuais da esquerda como sendo os agravadores das tensões que aprofundavam a ação brutal da ditadura (POPPINO, 1972). Poppino aventou a necessidade de

³⁹⁶ Do original: “The Medici regime is extremaly sensitive to such criticism, but has not responded overly to it, nor has the government taken formal action officials identified by the exiles and other critcs abrother the tortures. The administration continues to deal harshly political prisioners in Brazilian jails have been tried and found guilty of ordinary crimes.” (POPPINO, 1972, p.66).

o Brasil construir uma versão antimarxista de oposição ao governo, que fosse contrária aos movimentos que considerava radicais (o marxismo-leninismo). Se, de um lado, a guerrilha já havia sido sufocada, também, por outro, os trabalhadores não encontraram uma postura de luta mais agregadora.

(...) a fraseologia marxista-leninista não estará restrita apenas ao público atento a seus apelos, mas fortalece a convicção, por parte do regime, de que a campanha de propaganda contra o regime é obra dos comunistas. A campanha pela abertura pacífica parece acreditar que a maioria dos brasileiros é imprudente e indesejável. As massas ignoram esse debate, e muitos brasileiros liberais que abominam a violência policial e preferem um sistema político mais aberto acreditam que essa saída estaria fora da solução marxista para os problemas políticos brasileiros³⁹⁷.

Para tentar nos aproximar desse antimarxismo, definindo-o, citamos Atilio Boron que considerou como antimarxismo pelo menos três situações de aproximação com a teoria e pensamento político de Marx e Engels. Primeiro, usa o termo como uma crítica ao que considerou como suposto marxismo, uma interpretação equivocada, no interior do “marxismo soviético”:

aquilo que deixa lugar para dúvidas é a obsolência da absurda pretensão do ‘marxismo soviético’, de sintetizar em um daqueles patéticos manuais (antimarxistas e antileninistas por excelência!) as respostas que o marxismo supostamente oferecia à totalidade dos desafios teóricos e práticos do mundo atual e que desvaneceu, sem deixar rastros, com a desintegração da União Soviética. (BORON, 2006, p.36).

Além disso, o autor considerou as críticas sofridas pelo marxismo nas décadas de 80, 90 e nos anos 2000

quando se agravam as desqualificações para o marxismo como teoria da sociedade e se pretende demonstrar seu erro a partir da invalidação prática de alguns de seus componentes mais tagenciais, como por exemplo, a debilidade da consciência anticapitalista nas classes exploradas, ou a bancarrota do modelo clássico do partido revolucionário. (BORON, 2006, p.36).

³⁹⁷ Do original: “the marxist-leninist phraseology not only restricts the audience that will listen to their appeals, but strengthens the regime's convictions that the propaganda campaign against it is the work of Comunistas. Their call for a war of national liberation to overthrow the government seems to strike most Brazilians as either undesirable or foolhardy. The masses ignore them, and the many Brazilian liberals who deplore police brutality and would prefer a more open political system are by no means desperate enough to turn to a Marxist solution to Brazil's political problems. (POPPINO, 1972, p.66).

Nessa esteira, também podemos ver a concepção de Eurelino Coelho, sobre o abandono do marxismo nos projetos políticos da esquerda brasileira representada pela análise dos intelectuais da direção do Partido dos Trabalhadores, nos anos 1980 (COELHO, 2005). A terceira possibilidade, que é a mais provável, pode ser vista como a mais genuína oposição liberal à exacerbação da luta social pelo proletariado e é aquele antimarxismo geralmente acompanhado do anticomunismo, o que acreditamos estar bastante presente na difusão das teorias da política externa norte-americana nas décadas de 1960 e 1970, até o segundo governo de Richard Nixon e o governo de Jimmy Carter.

Nesse período, os governos dos Estados Unidos passaram a flexibilizar a polarização que foi montada nos anos iniciais da Guerra Fria, com a retirada das tropas do Vietnã, o fim do embargo com a China e outras posturas com relação ao bloco soviético. Antes disso, logo após a Aliança para o Progresso, podemos considerar um maior endurecimento do embate à expansão do comunismo, o que se verificou nos seus esforços de reconhecimento da força do “inimigo”, em estudos específicos e no apoio a forças anticomunistas, ainda que conservadoras e em contradição ao que se pregava como emblema do “mundo livre”.

A política externa norte-americana, através de seus teóricos, não avaliava com tanta hostilidade os regimes de ditadores, tanto dentro, como fora da América. O importante era transformar nações desgarradas de suas antigas potências coloniais em parceiros de comércio e de expansão de negócios. Para Perry Anderson, é possível dizer que “o Mundo Livre era compatível com a ditadura”, assim,

(...) a liberdade que o definia não era a liberdade dos cidadãos, mas a do capital – o denominador comum de suas regiões ricas e pobres, independentes e coloniais, temperadas e tropicais. O que era incompatível com ele não era a ausência de parlamentos ou dos direitos de reunião, mas a revogação da propriedade privada dos meios de produção. Desses perigos, porém, havia abundância. (ANDERSON, 2015, p.69).

Depois de enfrentar a expansão do comunismo na Ásia, em seus vizinhos tropicais, a preocupação era mais voltada para o campo, a guerrilha, e

as forças tradicionais da direita latino-americana – o Exército, a Igreja, os latifundiários, os representantes dos grandes negócios – eram bem mais capazes, no entanto, de tomar a iniciativa de destruir qualquer ameaça de esquerda, independentemente de esta pegar em armas ou não, na certeza de que poderiam contar com a benção e, onde necessário, com o apoio material dos EUA. Em 1964, os militares brasileiros encenaram o primeiro dos golpes contrarrevolucionários em oposição a um governo eleito que varreram as principais sociedades do continente(...). (ANDERSON, 2015, p.82).

Ao longo da história da política externa norte-americana, esta postura, em 1974, sofreu alterações substanciais e as análises dos teóricos ligados às políticas de governo (tanto nas secretarias como nos *think tanks*) passaram a incluir a necessidade de abertura destes regimes para manutenção da coerência de negociação política do Mundo Livre. Porém, em 1964, estava em voga a interpretação da Aliança Para o Progresso e a cultura de pregar o desenvolvimento e a fidelidade de suas políticas de comércio externo³⁹⁸.

Em revistas como a *Current History*, fundada com a intenção de discutir os assuntos da política norte-americana, associada ao *New York Times*, desde 1914, o tema das Relações Internacionais, em debate com outras áreas de conhecimento, era seu destaque. Rollie Poppino ofereceu diálogo com uma revista que se propôs a verificar as condições do país, o Brasil, nas relações comerciais norte-americanas. Poppino enxergava a desigualdades de várias formas, menos da perspectiva do avanço do capitalismo. Apesar disso, demonstrou algo em comum com análises feitas no Brasil, sobre o desenvolvimento econômico e o equacionamento das desigualdades regionais. A discrepância geográfica chamava a atenção, porém não menos do que a classista e estrutural, para ele, “A disparidade de renda é mais forte entre as classes sociais e entre a população urbana e rural do que entre regiões geográficas do país”.³⁹⁹

Para Poppino, se marxistas e intelectuais do governo concordavam com o desenvolvimento, a base da discordância era o capital a ser investido. Quanto aos métodos do governo, ele comprou a ideia de que os militares pareciam estar inicialmente fazendo “o bolo crescer”, pois justifica que, nos três governos “Revolucionários”, as tentativas de superação da inflação não encontrou a recepção esperada no Brasil.

Já sobre o período do governo Ernesto Geisel, após 10 anos do golpe, foi analisado com dúvidas sobre sua indefinição ideológica. Enquanto o combate ao marxismo e o socialismo

³⁹⁸ A análise de Perry Anderson (2015) foi baseada centralmente no secretariado de Estado. Para Anderson, as interpretações, de caráter ideológico, fundamentavam muito mais a postura dos chefes de Estado com o eleitorado, internamente. Para a política externa, valiam mais as práticas rapineiras. No início dos anos 1970, as intervenções no Vietnã e as posturas mais radicais de combate ao comunismo deram lugar à abertura de debate sobre os direitos humanos, mas os acontecimentos ainda perduraram nas gestões Nixon-Carter até que o Mundo Livre definisse novos inimigos internacionais. As conclusões de Geroge Kennan e Henry Kissinger não eram um pano de fundo, mas elementos intelectuais predominantes nas decisões da Guerra Fria. Em geral, para Anderson, os teóricos do Estado defendiam ideologias de expansão de mercados e tratavam de como lidar internamente com os custos das escolhas do capital e das exportações para a manutenção do eleitorado e suas posturas mais conservadoras.

³⁹⁹ Do original: “Therefore, the disparity in incomes is even more striking in social classes and between urban and rural Brazilians than it is between geographic regions of the country”. (POPPINO, 1972, p.68).

estava nítido, outras posturas sobre o encaminhamento para o “desenvolvimento econômico” não eram explícitas para o analista.

É óbvio que a revolução brasileira refuta a suposição, outrora aceita, de que a revolução socialista pode proporcionar um novo caminho de desenvolvimento econômico, com harmonia política e justiça social para a América Latina. Esse talvez seja seu maior apelo (tradução nossa)⁴⁰⁰.

Os rumos da dita “revolução” não estavam claros. A necessidade de retorno dos direitos civis e da legalidade de uma Constituição democrática passaram a incomodar o autor. Mesmo assim, continuou a afirmar que as atitudes de autoritarismo militar se aprofundaram, para ele, devido a ação da oposição, e concordou com os atos de controle, ainda que no ambiente universitário. A sua pergunta geralmente se voltava para discutir sobre como, após a repressão do “terrorismo”, o regime seria conduzido, sempre acompanhando uma tentativa de oferecer respostas à crítica externa.

Durante um período, a onda de ataques armados contra o regime se intensificou, enquanto comunistas e outros terroristas recorreram à guerrilha urbana de maneira generalizada. A retaguarda do movimento de guerrilha urbana foi interrompido depois de um ano, apesar dos ataques aéreos e sequestros continuarem a ocorrer depois de 1970. Junto com a guerra contra o terrorismo ocorreu uma aclamação bem orquestrada de denúncias à tortura de prisioneiros políticos no Brasil. (POPPINO, 1974, p. 3).⁴⁰¹

O debate da política externa durante o governo Geisel foi encaminhado conforme a discussão da sucessão presidencial e da manutenção do governo militar, em detrimento da candidatura de Ulisses Guimarães.

Para ele,

Embora não houvesse dúvida sobre o resultado, a campanha presidencial representou um novo momento para o desenvolvimento político do Brasil revolucionário (sic). Pela primeira vez, desde 1960, os eleitores tiveram contato com o espetáculo de candidaturas rivais para o governo, realizada em viagens em todo o país com discussões sobre ideias que demarcaram diferentes pontos de vista. Geisel clamou serenamente pela continuação de

⁴⁰⁰ Do original: “it would appear self-evident that the brazilian revolution refutes the once widely held assumption that only a socialist revolution can put the peoples of the latin america on the high road to economic development political harmony, and social justice. This is perhaps its greatest appeal.” (POPPINO, 1974, p.1).

⁴⁰¹ Do original: “For a time, the wave of armed assaults against the regime intensified, as Communists and other terrorists resorted to widespread urban guerrilla warfare. The back of the urban guerrilla movement was broken within a year, although frequent skyjackings and political kidnappings continued through 1970. The war against terrorism was accompanied in part of the foreign prest by a well-orchestrated chorus of charges of systematic torture of political prisoners in Brazil”. (POPPINO, 1974, p. 3).

uma fórmula de sucesso para o desenvolvimento econômico e mudança social feita de maneira pacífica. A oposição alegou uma discussão anti-estrangeira na cena econômica, mas concentraram inicialmente a necessidade de mudança política, recorrendo a um discurso raivoso, ao sarcasmo e ridículo para convencer o público (tradução nossa)⁴⁰².

Essas análises podem ser comparadas com o trabalho de fôlego de Skidmore. Em *Brasil: de Getúlio Vargas a Castelo Branco*, do original *Politics in Brazil: an experimente in democracy*, podemos nos aproximar das concepções de democracia em jogo na visão dos autores, já que Skidmore esteve muito próximo a Lincoln Gordon. (SANTOS, 2007). Havia uma tentativa de estabelecer críticas à esquerda democrática, como se houvesse uma expectativa de que ela atuasse de maneira diferente.

Skidmore considerou que “qualquer escrito norte-americano sobre a história política e econômica do Brasil, depende das opiniões generosas e úteis dos estudiosos brasileiros, cuja paciência em tais assuntos parece ilimitada”. (SKIDMORE, 1994, p.15). Skidmore se referiu não apenas a uma gentileza, mas a uma parceria, consolidada com nomes como Hélio Jaguaribe e pessoas interessadas em fortalecer a leitura norte-americana sobre o Brasil.

No livro que tomamos por referência para discutir as concepções de democracia entre um e outro autor, Skidmore, que já havia escrito sobre João Goulart remontou suas questões para o que ele acreditou ser um distanciamento entre a democracia e o desenvolvimento, segundo ele, ocorrido com as crises dos governos pós Kubitscheck. O ano de 1964 foi visto como um momento de ruptura de um pacto de desenvolvimento em curso, ruptura vinda do governo Goulart e suas opções políticas, como da parte dos agentes do golpe, à direita do parlamento brasileiro. Mas, nesse caso, como a acusação de antidemocrático pendia entre estes setores? Por que a alcunha da postura contrária à democracia poderia ser atribuída tanto a um como a outro campo da ação política brasileira? O que se apresentava como problema para estes intérpretes foi uma noção de que o Brasil estava resolvendo seus problemas sem seguir a trajetória compreendida como típica na democracia. Será que os analistas norte-americanos abandonaram o pressuposto democrático para justificar a opção brasileira por uma política autoritária, em nome do desenvolvimento?

⁴⁰² Do original: “Even though there was no doubt about the outcome, the presidential campaign represented a new political development in revolutionary Brazil. For the first time since 1960, the public was treated to the spectacle of rival candidates for the nation’s highest office traveling about the country and discussing the issues of the day from markedly different points of view. Geisel, in effect called serenely for the continuation of a successful formula for rapid economic development and ordered social change. The opposition injected an anti-foreign note in discussion of the economic scene, but concentrated primarily on the need for political change, resorting to anger, sarcasm, and ridicule to convince its audience”. (POPPINO, 1974, p.)

As respostas para estes problemas, nos escritos norte-americanos sobre o Brasil em 1964, vieram dentro de teses que versavam sobre o equilíbrio de poder, mesmo caminho, portanto, utilizado por Skidmore para explicar os percalços da política brasileira de então e os jogos de poder que foram penderes para o terreno do autoritarismo. A Constituição de 1946, para ele, era uma referência para a construção de uma “normalidade eleitoral” e, através dela, surgiram as expectativas de “amadurecimento político” para o Brasil, que cresceu contrário ao autoritarismo atribuído a Getúlio Vargas e mais ligado às memórias de um totalitarismo tupiniquim já derrotado na segunda metade da década de 1940. É bom lembrar que esses autores caracterizavam as lideranças políticas latino-americanas de forma caricaturada, narrando suas peripécias comportamentais, escolhendo episódios para demonstrar maniqueísmos e personalismos na política, em detrimento da análise de conflitos sociais.

Skidmore recorreu a outros momentos nos quais as Forças Armadas foram solicitadas com o discurso de manutenção da ordem constitucional, ou do uso da força de maneira mais arbitrária. Esse comportamento compôs o equilíbrio de forças entre o Exército e as lideranças militares superiores com as lideranças políticas, segundo ele. A “moderna política brasileira”, portanto, era caracterizada pelos brasilianistas como um misto de colaboração entre forças políticas e militares pelo estancamento das lutas sociais e das demandas populares, tanto em Skidmore como em Poppino. A questão é que a abordagem do desdobramento dessa característica entre 1961 e 1964 e logo após são diferentes.

Vamos destacar aqui, rapidamente, os tópicos “Ortodoxia e nacionalismo” e “Golpe ou revolução”, em passagens diferentes do texto de Skidmore, para lançar luzes sobre a relação entre suas observações e o contexto político da diplomacia externa dos Estados Unidos. No primeiro trecho, vemos que o nacionalismo radical presente em algumas lutas anticoloniais teria operado como fator decisivo, por ser ideologicamente limitador da ação do capital externo norte-americano e operar politicamente como defensor do controle estatal. Para ele, João Goulart levou adiante uma recapitulação deste segmento, principalmente no caso da Hanna Corporation e da ANFORP.

Para Skidmore, parecia que uma “desorganização” das formas de manutenção de poder entre as elites levaram as esquerdas a acreditar em uma possibilidade cada vez maior de avanço de pautas e de uma visão mais radical sobre o crescimento interno da economia, deslocada da influência externa. Nesse terreno, os parlamentares que foram chamados de “esquerdistas” pelos autos da ditadura, foram justamente os que desde então se demonstravam atentos a uma defesa desta posição.

A alcunha de “esquerdista”, neste caso, se dirigiu àqueles que, não sendo de partidos de esquerda, necessariamente, defendiam as demandas de oposição aos interesses das direitas brasileiras no poder, mesmo provisoriamente. Esse não teria sido o caso imputado a Goulart, que foi visto mais como um sujeito que transitou entre essas necessidades de disputa, por não dominar o “equilíbrio” das forças.

Ao falar de Revolução ou Golpe, Skidmore argumentou que, em primeiro lugar, para ele, o Exército foi de encontro ao populismo, através de uma “conspiração moderada” (SKIDMORE, 2010, p.367) contra a Velha Guarda, entendida como sendo composta por Vargas e o “malogro” de João Goulart em 1961, conjuntura agravada de acordo com a ausência de uma esquerda democrática que pudesse receber a alcunha de “responsável”, o que levou diretamente ao choque de março de 1964. (SKIDMORE, 2010, p.370). Assim, a visão de Skidmore sobre o golpe de 1964 é aquela que preferiu caracterizar o ato como uma revolta militar, cuja influência da “linha dura” teria se tornado preponderante, estes sim vistos como “extremistas”.

Havia ainda o debate sobre as expectativas em torno dos processos eleitorais de 1965, como uma ideia de percurso de retorno a “normalidade” e H. Castello Branco foi visto como um presidente pressionado pela “linha dura”. A visão, já superada por inúmeros estudos sobre os sujeitos do golpe civil-miliar de 1964 e a sua história, revelou uma proposta de observação daquele passado como um momento político que fugiu ao esquema considerado constitucional. A normalidade, o ponto de partida de Skidmore, seria aquela ambiência perseguida pelos militares e parlamentares que ainda ponderavam a necessidade de eleições e ressaltavam os direitos políticos, mas não pela presidência de João Goulart e os movimentos à esquerda. Estes sim estariam em outro extremo do golpismo.

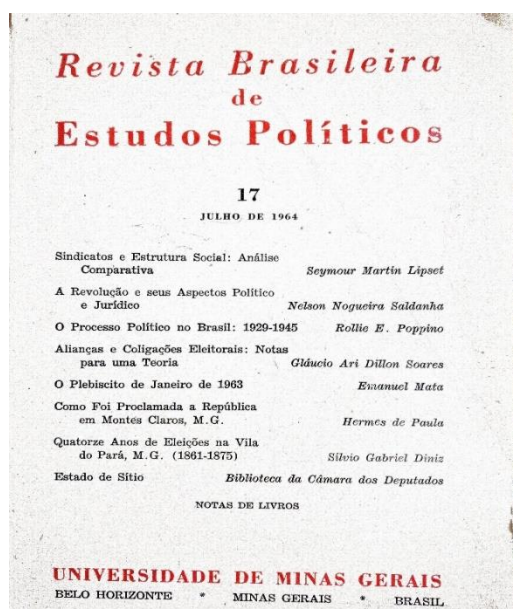
É importante considerar que tais conclusões geralmente são calcadas a partir do referencial de democracia difundido principalmente pelo escopo teórico metodológico da ciência política norte-americana na Guerra Fria. Assim, encontramos estas versões não só entre escritores latino-americanistas, mas também entre autores nacionais que retornaram às cenas de 1964 para discutir o caráter “preventivo” das ações tomadas no governo brasileiro nos inícios de abril de 1964 e mesmo antes.

Quanto às relações com os Estados Unidos, Skidmore indicou o “descaso” de João Goulart com a Aliança para o Progresso, em 1963, quando o presidente se voltou para a Conferência Mundial de Comércio, visualizando a negociação com outros países. A embaixada

norte-americana havia declarado apoio à medida de posse de Ranieri Mazzili, uma vez que a presidência teria sido afirmada vaga, uma saída tratada pelo autor como legal e constitucional. Essa concepção de democracia, americanista, precisa ser verificada em suas versões, já que, no mesmo contexto, e, segundo o próprio Skidmore, dentro do Departamento de Estado, a discussão de apoio ao ocorrido não teria sido tão simples. Mas essa empreitada demanda outro longo debate, inclusive sobre as interpretações da Doutrina de Segurança Nacional.

Vendo, em parte, alguns elementos da leitura de Skidmore sobre o Brasil de 1964, temos um escopo de interpretação para comparação com a narrativa de Rollie Poppino. Ainda em 1964, na primeira edição da Revista Brasileira de Estudos Políticos, da Universidade de Minas Gerais, encontramos um tímido texto de Rollie Poppino, dentre outros títulos de artigos, tentando resumir a história da breve democracia brasileira, a partir de 1930. Com algumas conclusões pouco expressivas, o autor interagiu com o clima de tensão que já se externava em outros textos, se posicionando ao lado da expectativa por “garantia da ordem”, ressaltando outros momentos particulares nos quais os militares já haviam atuado na política brasileira.

Figura 5 - Capa da edição 17 da Revista Brasileira de Estudos Políticos. Poppino escreveu texto som sobre “Processos políticos no Brasil”. 1963.



Fonte - Coleção pessoal, adquirido em sebo.

Com edição de Nelson Sampaio, Lourival Gomes, Milton Campos, Victor Nunes Leal e dirigida por Orlando Carvalho, a publicação trouxe alguns estudos de Ciência Política, ofereceu suporte aos estudos jurídicos no período. Poppino expôs informações evasivas e inconclusas,

mas devemos levar em consideração que a tradução é bastante confusa. Poppino destacou o papel do Exército, cuja ação era apoiada pelo “povo”, desde que “fosse necessária para preservar as instituições estabelecidas” (POPPINO, 1964, p.86), tratando do tenentismo, sem acrescentar muito aos debates em voga. Outros textos de resenha, como os já citados, em outros periódicos, mostram o cuidado de Poppino em garantir o debate a partir de seu ponto de partida: o americanismo nas relações diplomáticas, o apoio a uma independência brasileira nas decisões do comércio externo (desde que não fosse de encontro aos interesses dos Estados Unidos), a crítica ao nacionalismo da esquerda, a oposição aos movimentos de caráter marxista e a busca por uma saída “legal”, dentre outros detalhes vistos nos artigos da *Current*.

Enquanto intelectuais, as solidariedades contra a ditadura, como já informamos no início da tese, foram mais numerosas que o apoio, esse mais escondido e escamoteado, aos militares. Nesse sentido, acreditamos que tal apoio tenha sido feito de maneira subterrânea, por dentro de teses que a aparentavam ser a favor da democracia, defendida ao sabor das noções da diplomacia norte-americana para o continente, caminhos pelos quais a propaganda da democracia antitotalitarista do Mundo Livre se casou bem com o anticomunismo e, mais ainda com o antimarxismo, fundamentando versões autoritárias.

Na visão de Poppino, a “Revolução” ganhou um acréscimo autoritário “necessário” à condução do “regime”, no governo de Costa e Silva, no entanto, é importante destacar que a ditadura manteve posturas autoritárias desde os primeiros momentos, em abril de 1964, com a cassação de mandatos de parlamentares, prefeitos e governadores, o fim dos partidos políticos e outras medidas de perseguição políticas e violência. Lucia Grinberg (2009), ao tratar da história da ARENA e da ditadura, mostrou como desde os primeiros momentos, em abril de 1964, alguns parlamentares optaram por aprovar atos ilegais diante da Constituição, como forma de garantir a vitória da situação nas eleições seguintes, cassando direitos políticos (Id. *Ibid*)⁴⁰³.

6.4 A CARREIRA BRASILIANISTA APÓS A ALIANÇA PARA O PROGRESSO: POPPINO ANALISTA DO COMUNISMO.

⁴⁰³ Para ela, a ARENA e a ditadura militar não podem ser tratadas como sinônimos, uma vez que o Ato de extinção dos partidos e imposição do regime bipartidário colocou diversos políticos sob constante vigilância, dentro da mesma ARENA.

A visão dos Estados Unidos, através da Doutrina de Segurança Nacional, após a Revolução Cubana, colocavam a China e a União Soviética como exemplos de ditaduras e de autoritarismo que não deveriam ser seguidos na América Latina e alguns analistas já indicavam que esse fenômeno ocorria no continente através de formas consideradas “atrasadas”⁴⁰⁴. Após o ano de 1958, segundo Skidmore, houve crescente retorno de interesse de pesquisa na América Latina, com novos financiamentos e acordos acadêmicos.⁴⁰⁵ Assim também, a preocupação interna, vivenciada pelos próprios historiadores norte-americanos, em discutir a democracia em seu país, os colocou, segundo Skidmore, no campo de investigação sobre a história contemporânea do continente.

As relações entre os intelectuais norte-americanos que já possuíam forte contato de pesquisa com o Brasil desde os anos 1950 mudaram após a Aliança para o Progresso (1961). O texto voltou a ganhar força ao longo da instalação do golpe, com o AI-1, depois, durante a consolidação do governo, em 1965, com o AI-2. Contudo, as interpretações embasadas no texto da Aliança para o Progresso e as relações por ele estabelecidas vieram a se estremecer após as investigações instituídas após 1967-1968, quando vários autores brasilianistas norte-americanos se opuseram ao governo de Costa e Silva, denunciando as ações contra colegas universitários, como também, fizeram análises críticas sobre o golpe. (GREEN, 2009).

Segundo Carlos Fico, os intelectuais norte-americanos saíram em defesa da democracia e se dispuseram contrariamente a ações de controle ideológico e cultural, mas, nem por isso, seu papel pode deixar de ser demarcado enquanto intelectuais responsáveis pela própria construção dos argumentos das ideologias de debate sobre a América Latina e suas democracias (FICO, 2008). Quer dizer, os intelectuais também pautaram os interesses da disputa norte-americana pelo mercado externo, à medida que utilizavam o texto de suas interpretações do que deveria ser a democracia no continente. No diálogo entre resenhistas e autores pudemos verificar que o antitotalitarismo foi um elemento de forte influência ideológica do período. Em tempo, era uma tarefa do escritor, em seu meio intelectual, quando atuava em nome do Estado, analisar o tema.

⁴⁰⁴ SKIDMORE, Thomas E. Studying the History of Latin America: A Case of Hemispheric Convergence, *Latin American Research Review*, Vol. 33, No. 1 (1998), pp. 105-127, The Latin American Studies Association <http://www.jstor.org/stable/2503900>. Data de acesso: 20-11-2017.

⁴⁰⁵ O autor cita especialmente as atuações de agências que foram incorporadas aos planos da “The National Defense Education Act of 1958”: “The American Council of Learned Societies and the Social Science Research Council began to take an active role in promoting the growth of the field, and private funds from organizations such as the Ford and Rockefeller Foundations and the Carnegie Corporation became more plentiful”. (SIDMORE, *Ibid.* 1998, p.5).

Ligado a essas vertentes, Poppino divulgou suas ideias em grupos de pesquisadores preocupados sobretudo com sua própria liberdade de expressão, em periódicos e reuniões. Podemos notar que muitas vezes os argumentos se associam a história de tiranos, do autoritarismo, do personalismo, geralmente associados ao mundo latino-americano.

Havia um misto entre o anticomunismo, conectado com a defesa de uma leitura democrática de direita contra os autoritarismos, mas ao mesmo tempo, havia a crítica ao comportamento de políticos latino-americanos de direita, principalmente porque fugiam ao escopo ideológico da democracia capitalista norte-americana. O anticomunismo, ao mesmo tempo, englobava a oposição aos setores da esquerda considerados como não democráticos e aos nacionalismos radicais.

No contexto entre 1959 e 1961, essa postura estava associada com a aceleração das produções sobre a América Latina. Em entrevista, Joseph Love destacou que se firmou na geração de brasilianistas pós Fidel e, como era graduado em economia, procurou fazer outras formações em História da América Latina, em Stanford, nos anos de seu mestrado. Na época em que se interessou pelo Brasil, os estudos das relações raciais já ganhavam bastante audiência com os resultados dos trabalhos de Charles Wagley e Marvin Harris. A geração de Stuart Schwartz, Alfred Stepan, Michael Hall, Ralph de La Cava, juntamente com Love, ficou entre as mais conhecidas.

Alguns brasileiros se destacaram no apoio ao intercâmbio, como José Honório Rodrigues, que, segundo Love, foi um dos responsáveis pela escrita de cartas para direcionar as orientações no Brasil. Era comum que alguns destes pesquisadores viessem a ajudar na organização de acervos no Brasil, como forma de oferecer uma contrapartida pelo uso do material acessado, escrevendo inventários, índices, revisões bibliográficas.

Com relação aos métodos de estudos que influenciaram a geração dos brasilianistas dos anos 1960, Love salientou que veio sustentado basicamente por um roteiro de trabalho das ciências sociais, mesclando pautas dos antropólogos, na descrição dos costumes, associados com dados levantados sobre a economia. Preocupados em não repetir estudos, galgavam narrativas a partir de formações teórico-metodológicas bastante semelhantes. A oferta de bolsas ocorreu geralmente com equipes multidisciplinares, o que também era uma influência, segundo Joseph Love, para o caráter multidisciplinar dos estudos realizados⁴⁰⁶.

⁴⁰⁶ “Entrevista com Joseph Love concedida a Flávio Madureira Heinz em 28 de janeiro de 2001”. **Revista Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, n.32, 2003, p.165-177.

Antes de 1964, J. J. Johnson já reunia pesquisadores latino-americanistas. Mais preocupado com “a atuação dos militares nos setores extra-militares”, entendidos como agentes de uma classe média presente em momentos críticos da democracia brasileira, o orientador de Rollie Poppino, juntamente com Alfred Stepan, discutia o Brasil junto com o tema sobre o papel de militares na África, Oriente Médio e Sudeste Asiático.

Nunca traduzido ao português, o livro de John J. Johnson e suas conclusões trouxeram inclusive elementos que ressaltavam que a “não-violência” foi uma solução possível em momentos da história nacional e o uso das Forças Armadas foi vista como solução para a manutenção da “ordem”, ou para o avanço de projetos políticos⁴⁰⁷.

Segundo Thomas Skidmore, os estudos sobre a classe média foram usados por brasilianistas para a compreensão dos acontecimentos políticos brasileiros no pós-guerra e se consolidaram como uma convergência temática (SKIDMORE, 1998). Para ele, as escritas sobre a América Latina possuíam claramente um entrelaçamento com as relações políticas entre os países estudados e Estados Unidos. Por esta razão, Skidmore problematizou a própria relação intrínseca ao seu trabalho enquanto profissional brasilianista. Providenciando a divisão em “gerações” de historiadores norte-americanos, Skidmore demarcou

Minha discussão irá tratar três gerações de historiadores: a geração dos anos 1950 até 1960, quando Fidel Castro chamou a atenção do mundo; a geração que se tornou intelectualmente adulta no final dos anos 1960 e 1970; e a geração que iniciou a carreira nos anos 1980 e início da década de 1990 (tradução nossa)⁴⁰⁸.

⁴⁰⁷ “O ponto de partida do autor pareceu-nos sumamente feliz. Ao ressaltar o caráter de não-violência da História do Brasil em geral, e de nossos militares em particular, procura Johnson explicá-lo não por razões de ordem por assim inatas do nosso comportamento como povo, mas sim por motivos de ordem histórica. Mostra-nos que, nesse terreno da violência, até 1800 não havia diferença entre a América Portuguesa e a Espanhola. É a partir do século XIX que nossos caminhos começam a divergir dos nossos vizinhos hispano-americanos.” Para Nícia Villela Luz, a abordagem de Johnson contrapõe a ação civil dos militares, mesmo que, a todo tempo, o historiador estivesse comparando seus movimentos políticos em situações como a Proclamação da República ou a fase dos anos 1930. Johnson, assim como Stepan, foi partidário da visão sobre um destacamento da ação das forças armadas com os chamados “civis”. LUZ, Nícia Villela. Resenha: J. John Johnson. **Política Change in Latin America: the Emergence of the Middle Sectors**. Stanford University Press. Stanford, California, 1958. Revista do Instituto de Estudos Brasileiros. P. 102, 103.1960 LUZ, Nícia Villela se referia a “uma certa corrente atual do pensamento nos Estados Unidos”, quando tratou do livro de Johnson, em 1958. Na época, Nícia Luz participava do grupo reunido no *Research Center in Entrepreneurial History*, em Havard. Preocupada com a participação estrangeira na exploração de recursos minerais e com as alternativas nacionalistas, abordando as correntes industrialistas. A publicação de Johnson viria a se opor ao seu projeto interpretativo, que seguia as matrizes de Fernando Henrique Cardoso e de outros, na época, sendo ela mais voltada para o debate do intervencionismo no empreendimento da indústria nacional. Lícia estava interessada em ressaltar a contribuição do autor para entender o fenômeno no Brasil, mas o leitor poderá acompanhar o desenvolvimento do modelo por completo no livro.

⁴⁰⁸ Do Original: “My discussion will encompass three overlapping generations of historians: the generation writing in the 1950s and early 1960s, when Fidel Castro first grabbed the world's attention; the generation who came to intellectual adulthood in the late 1960s and 1970s; and the generation beginning careers in the 1980s and early 1990s.” (SKIDMORE, Ibid. 1998, p.106).

Para ele, a influência de William Prescott na observação da América Latina no século XIX foi uma marca dos estudos de história nos Estados Unidos, passando a ser feita até a Segunda Guerra Mundial, a partir da influência militar e das visitas norte-americanas em territórios do Sul, sendo logo após fortalecida pela intervenção da Fundação Rockefeller e a criação do Centro de Estudos da América Latina, na Universidade da Califórnia.

Skidmore justificou que o grande interesse dos estudos norte-americanos durante os primeiros anos da Guerra Fria seriam Ásia e Europa, tornando os Latin American Studies o último dos interesses e recebendo as ajudas de agências como a Ford Foundation, após a difusão das políticas culturais em vários países e para estudos de caso nos anos 1950.

O salto, no final dos anos 1950, deveu-se sobretudo por conta das questões diplomáticas. Um dos grandes exemplos de estudos promovidos após a Revolução Cubana são os de J. J. Johnson junto ao Departamento de Estado e sua equipe. Para Skidmore, o fato de que Johnson evitava o uso do termo “class”, o qual substituíria por “sector” é um exemplo da aversão do Departamento ao Marxismo, nos Estados Unidos. Apesar disso, vemos em Skidmore uma tendência em apresentar a abordagem de Johnson no campo democrático liberal, aberto à compreensão dos movimentos da esquerda não marxista. Assim, mostrou que Johnson foi muito importante na leitura sobre o papel dos militares no campo democrático anticomunista.

Em declaração para o Senado norte-americano, traduzida no Brasil em 1971 pela edição da Revista Brasileira de Política Internacional, Johnson afirmou que o governo Castelo Branco era um importante colaborador das políticas de Paz no continente⁴⁰⁹. Isso mostra parte do entendimento de Johnson sobre o papel do governo militar junto às políticas da diplomacia externa. Por isso mesmo, seu destaque e sua função importante enquanto intelectual altamente engajado com a política norte-americana para o continente, no período, tornou-se um farol para pesquisadores como Poppino, que possuía sua trajetória relativamente estabelecida, antes mesmo de se associar aos projetos editoriais de Johnson.

A concepção de Skidmore é que as conclusões de John Johnson interessavam também ao público em geral, não somente ao Departamento de Estado, mas a pessoas que estavam

⁴⁰⁹ “O regime militar do marechal Castelo Branco, no Brasil, apoiou decididamente a ação da OEA e forneceu o maior contingente latino-americano para as forças multilaterais. Da mesma forma, um oficial brasileiro foi nomeado comandante das forças de ocupação.”. JOHNSON, J. Jonh. Será que queremos uma força interamericana de paz? **Revista Brasileira de Política Internacional**. Ano XIV, n 53-54, 1971, p. 94. A política internacional brasileira estava aparelhada da leitura e diálogo com as teses dos principais assessores norte-americanos para estudo do Brasil na Guerra Fria, especialmente para pensar suas estratégias de integração de mercado.

preocupadas em atualizar-se a respeito da difusão do comunismo no continente. Ainda assim, de um modo ou de outro, sua função foi intelectualmente ligada ao fator anticomunista norte-americano.

Johnson foi seguido no Departamento de Estado na metade dos anos 1950 por historiadores que floresciam quando eventualmente encontravam posições na universidade (escarças neste período), como Robert Potash, Rollie Poppino e Karl Schmitt. Todos pesquisaram temas de interesse central para o governo dos Estados Unidos e o largo público dos Estados Unidos no início da Guerra Fria, incluindo o papel dos militares latino-americanos e o potencial comunista na região (tradução nossa)⁴¹⁰.

As influências destas redes de aproximação para seleção de títulos e edições e divulgação dos trabalhos do historiador são fundamentais para entender o papel de seus conteúdos. Essas pessoas não se aproximaram em qualquer momento, mas no bojo da Guerra Fria.

Assim ambientamos a escrita do livro *International Communism in Latin America*. Poppino compôs o Bureau of Intelligence and Research, do Departamento de Estado como um Latin American specialist, juntamente no período em que o Brasil era visto como o país de maior interesse no continente. Produziu o livro *International Communism in Latin America*, justamente em 1964, reunindo seus sete anos de atuação no Departamento de Estado (entre 1954 a 1961). Robert Potash (1921-2016), ao formular as memórias da sua trajetória acadêmica, retomou o cotidiano dos trabalhos da equipe ao qual estava ligado com Poppino.

Durante o verão de 1960, e novamente em 1961, a família Potash retornou para Washington para me permitir realizar os trabalhos nos arquivos do Departamento de Estado, durante o contrato de estudo e também para procurar materiais no Arquivo Nacional para meu próprio projeto. Assim como em 1959, nós alugamos uma casa de um proprietário que queria fugir do verão. Meu velho amigo Rollie Poppino, cujo escritório no RAR (novo nome para o DAR), onde eu poderia trabalhar, ficava perto e, juntos com outro funcionário do Departamento, pegávamos carona para Washington. Isso funcionava bem durante as manhãs, mas de noite, quando nós chegávamos perto das 18h, Rollie e eu preferíamos encontrar outra carona por nossa conta (tradução nossa)⁴¹¹.

⁴¹⁰ Do original: “Johnson had been followed to the State Department in the mid-1950s by budding historians who eventually found university positions (scarce in the 1950s), such as Robert Potash, Rollie Poppino, and Karl Schmitt. All of them researched themes of central interest to the U.S. government and the wider U.S. public in the early cold war, including the role of the Latin American military and Communist potential in the region”. (SKIDMORE, 1998, p.8).

⁴¹¹ Do original: “During the summer of 1960, and again in 1961, the Potash Family returned to Washington to allow me to work at the State Department, on the contract study, and also to look for materials at the National Archives for my own project. Once again as in 1959, we rented a furnished house from an owner who wanted to escape the summer heat. (...) My old friend Rollie Poppino, in whose office at RAR (the new name for DAR) I would be working, lived close by and, together with another State Department employee, we formed a carpool to

Potash trabalhou com Poppino, com quem ia durante as manhãs, acompanhado por um agente do Departamento de Estado, até os escritórios em Washington. Potash (1921-2016) trabalhou apenas dois anos no Departamento, entre 1955 a 1957, no Latin American Research and Intelligence Division, produzindo trabalhos sobre a Argentina e o México, após uma carreira rica em viagens de pesquisas nesses países. A equipe era formada por especialistas em Ciência Política, História, Economia, assessorando as conclusões e, algumas vezes divergindo em suas conclusões.

Sobre o Brasil, nos anos 1960, além de John Dulles, Lincoln Gordon, Thomas Skidmore, Alexander e Poppino, atuou Elisabeth Gertrude Heare, com uma tarefa específica de análise sobre a economia brasileira. Dentre os estudos por área, Poppino foi o único responsável para reunir um material sobre o Comunismo na América Latina, resultando em um só volume. E. Heare, pouco conhecida, escreveu o livro *Latin America Military expenditures, 1940-1970, United States, U. S. Department*, título feito para a publicação no próprio Departamento pelas agências de edição internas, em 1973 (Office of External Research), enquanto Poppino conseguiu apoio com a editora ligada aos *think tanks* em Nova York. Outro título que chama a atenção é *Brazil, Information for United States Businessman*, de 1962, publicado pelo *U.S. Government Printing Office*.

Assim, resultante desse contexto, o livro publicado por Poppino acompanhou a busca pela compreensão descritiva do comunismo no continente, principais nomes, reivindicações, representações no parlamento e situações de aproximação com movimentos sociais e sindicatos. O tema direcionado aos seus cuidados, na equipe do Departamento, era o Comunismo e sua infiltração na América Latina, a partir do contato direto com a investigação dos Partidos Comunistas no Continente e levantamento do material já reunido. Coube a ele descrever as principais vias de difusão das ideias comunistas entre os partidos.

A divisão de capítulos mostra muito sobre as perguntas que Poppino buscou responder (como *Why Communism in Latin America?*; *The Role of the Communism Parties*; *The Role of the Soviet Union*; *Problems and Prospects*). Para J. J. Johnson, na análise, Poppino almejou se

take us into Washington. This worked well in the mornings, but in the evening, when we agreed to live at six p.m, Rollie and I would find ourselves waiting for the other man.” POTASH, Robert. Looking Back at my First Eight Years. A mostly professional Memoir. Robert Potash, 2008. DAR- State Department Division of Research for American Republics, foi utilizada também a sigla RAR. Como já foi dito, esses grupos trabalhavam diretamente para o Escritório de Inteligência e Pesquisa, o Birô do Departamento de Estado que servia diretamente aos secretários da diplomacia norte-americana.

apresentar como um analista externo que pretendeu tratar de maneira mais fria com o comunismo, sem atacá-lo, a priori, verificando suas engrenagens históricas, no intuito de galgar soluções pacíficas para eliminá-lo, afinal, foi tratado como “problema”⁴¹² e grande preocupação da parte dos Estados Unidos (POPPINO, 1964, p.3). Mesmo presente no continente a mais de quatro décadas (para Poppino), foi depois da Revolução Cubana que, não o comunismo em si, mas o Marxismo Leninismo tornou-se a versão mais poderosa de enraizamento da luta comunista no continente, significando maior preocupação para os Estados Unidos na Guerra Fria. (POPPINO, 1964, p.3).

O outro ponto fundamental seria o das lutas por desligamento da política externa norte-americana para o continente, o que se refletiu nas disputas por libertação nacional, aprofundadas pelo crescimento da influência do marxismo-leninismo pós 1959⁴¹³, construídas por dentro de representações de poder que incluíram o debate vindo de setores comunistas (mesmo se apresentando como nacionalistas ou antiamericanistas) e realizadas dentro do aparato constitucional desses países, principalmente quando se tratava de uma política externa antiamericana. (POPPINO, 1964, p.4).

O terceiro ponto fundamental do anticomunismo do Departamento de Estado, que encontramos no texto de Poppino é a sua preocupação com a expansão nas áreas rurais e na representatividade da demanda de lutas no campo. Segundo ele, se no passado recente essa teria sido uma “inabilidade” dos militantes comunistas, no início dos anos 1960, o modelo cubano difundiu uma perspectiva de reforma agrária e colocou um peso importante na militância comunista, que chegou a se aprofundar e a se aproximar de outros setores fora do ambiente urbano de suas origens. (POPPINO, 1964 p.5). A capacidade cubana de sobreviver a oposição dos Estados Unidos seria um exemplo fundamental para todas as lutas sociais no continente, apontando uma falha no acordo da Aliança para o Progresso e gerando um objetivo novo: entender sua divulgação para além das vias partidárias.

Assim, para ele, apesar de descrever, ao longo do livro, a estrutura dos partidos em cada país, importava menos o número de seus membros e mais sua influência ideológica, em especial

⁴¹² Do original: “Poppino does not provide pat formulas for combating communism in Latin America: he knows the Communists too well to be deceived into believing that there is at a given moment only one way to treat with them. He does, however, often, scholars are quick to offer simple solutions to complex problems. poppino's dispassionate discussion of possible approaches to lcontaining communism and Castroism in Latin America serves to emphasize the sense of realism and reasonableness that the author displays throughout the study”. (JOHNSON, 1964, Prefácio, p vii).

⁴¹³ “...by votes or violence, the masses will soon sweep them into power as the guiding force in so-called governments of "national liberacion". (POPPINO, 1964, p.3).

no campo nacionalista. Veja-se por exemplo o caso da República Dominicana. Segundo o analista, depois de retornar do exílio e após a morte de Trujillo, os membros do Partido Popular Socialista adentraram organizações de esquerda não comunistas e colaboraram na retomada de forças democráticas. Poppino acreditava nessa representação à esquerda com uma prática partidária comunista moderada e democrática, como para ele teria ocorrido com o caso brasileiro, que teve como principal problema não conseguir alinhar o seu discurso. Para ele, os comunistas do partido pareciam ser menos revolucionários que outros setores nacionalistas (POPPINO, 1964, p.13) e não se incomodaram com os possíveis obstáculos colocados pela ilegalidade em 1947.

Ao se questionar sobre os motivos pelos quais o comunismo teria conseguido se expandir na América Latina, mesmo diante de uma formação católica e conservadora (tudo isso no ponto de vista de Poppino), ele explicou que o continente teria sido receptivo às ideias e teorias estrangeiras desde os tempos coloniais, passando pela influência do iluminismo e outras correntes durante os processos de independência, até chegar no fascismo e no comunismo durante a primeira Guerra Mundial. Observados de forma genérica os partidos comunistas estavam ligados também a essa latinidade.

A presença de migrantes foi associada ao crescimento do socialismo e verificou uma ligação entre comunismo e totalitarismo, típica da leitura da Guerra Fria ou seja, para ele, após a I Guerra, o crescimento do fascismo e do comunismo são equivalentes como correntes totalitárias a influenciar a América Latina e a desencadear movimentos em prol de um nacionalismo anti-imperialista contrário aos Estados Unidos em vários países. (POPPINO 1964, p. 29).

Carla Rodeghero menciona que a função do Departamento de Estado era, para desdobramentos de seu lugar na política externa, atuar “por intermédio das missões diplomáticas e das consulares. As primeiras tiveram responsabilidade voltadas para o campo da representação, observação, negociação, reportagem e proteção. Tais funções colocam os diplomatas em contato direto com os governos que os hospedam”. (RODEGHERO, 2007, p.37). A autora discutiu que houve todo um cuidado dos diplomatas em averiguar a imprensa, as ações de partidos e lideranças, para avaliar posturas comunistas e anticomunistas, especialmente porque era importante, para eles, fechar caminhos que levassem ao “extremismo”. (RODEGHERO, 2007, p.46).

Por isso mesmo, segundo Rodeghero, eles atuavam numa “zona de fronteira”, uma vez que recebiam os discursos anticomunistas, mas não eram os receptores alvo. Os diplomatas norte-americanos eram uma espécie de tradutores. (RODEGHERO, 2007, p.53)⁴¹⁴. Aqui nós vemos que, assim como diplomatas, com função informativa direta, um historiador/diplomata, com esse duplo papel, incorporou suas versões próprias na narrativa, sobre como os governos brasileiros e as esquerdas estavam tratando as demandas populares, o comunismo, sem ir aos extremos. Eles se preocupavam especialmente se havia uma tratativa eficaz com situações de desacomodação dos acordos sociais pré-estabelecidos, mesmo que em uma democracia recentemente montada.

Foi comum entre esses autores a presença de uma narrativa sem grandes rupturas, segundo eles mesmos, evitando a inclusão de capítulos “emotivos” e parciais. Esta postura trazia um diferencial na análise norte-americana, uma característica que os colocava como autoridades para discutir os assuntos nos quais os brasileiros eram acusados por estarem mais envolvidos emocional e politicamente. Assim vimos quando Samuel Shapiro, da Universidade de Notre Dame, associou o livro de Poppino ao seu contexto e refletiu justamente esse suposto papel de distanciamento entre o autor e os conflitos ocorridos em solo brasileiro.⁴¹⁵

Em um dos trechos da resenha de Samuel Shapiro sobre o livro de Poppino, ficou patente que a presença do anticomunismo pela função soviética “externa” e a expansão do comunismo na China, isentavam o Brasil de qualquer protagonismo neste sentido. O grande país considerado incapaz e pouco amadurecido, teria se vinculado a tais ideologias. Assim, Shapiro estava mais preocupado em apontar para o inimigo externo, “infiltrado” na política do vizinho, sem que para isso precisasse transparecer que estaria combatendo os movimentos sociais dentro do Brasil, propriamente.

A deificação de um Stalin, Mao, não parece estranha para nações que conheceram um Vargas, um Peron, ou um Trujillo. E, finalmente, a origem chino-russa do comunismo contemporâneo não encontraram barreiras para aceitação na América Latina. Como o professor Poppino nos lembrou, toda ideologia se iniciou na área vindo do estrangeiro, desde a cultura ibérica, o iluminismo, o federalismo e a democracia norte-americanos, anticlericalismo

⁴¹⁴ “E mais ainda do que uma leitura, pode-se dizer que eles fizeram uma tradução, uma tradução do português para o inglês e também de uma cultura para a outra”. (RODEGHERO, 2007, p.53).

⁴¹⁵ SHAPIRO, Samuel. Resenha de POPPINO, Rollie E. *International Communism in Latin America. A History of the Movement, 1917-1963*. *The Hispanic American Historical Review*, Vol. 47, No. 2 (May, 1967), pp. 246-248, <http://www.jstor.org/stable/2511491> Data de acesso: 20-11-2017.

francês, romantismo, positivismo, até as versões peronistas do fascismo italiano e a imitação castrista dos modelos soviéticos (tradução nossa)⁴¹⁶.

O livro de Poppino foi o primeiro de uma série sobre a América Latina e seu ponto de vista, segundo Shapiro, foi próprio do secretariado do Departamento de Estado e suas visitas a bibliotecas latino-americanas, já que Poppino não frequentou diretamente sindicatos ou partidos. O trabalho tipicamente realizado por agentes como Poppino era muito mais ligado à coleta de informações que serviram para comparações e para consultas mais gerais dentro das secretarias do Departamento.

6.5 A PUBLICAÇÃO DE *BRAZIL: THE LAND AND PEOPLE*: DO PROJETO À CIRCULAÇÃO NO BRASIL.

Inserido nesse grupo de autores investigativos do Departamento de Estado, podemos dizer que o livro mais autoral de Poppino e que agregou inúmeras impressões sobre o Brasil no contexto, foi o livro *Brazil*. Segundo Rosa Maria Godoy Silveira, a publicação do livro *Brazil: The Land and People* foi voltada para o público norte-americano, mesmo em sua segunda edição, em 1973. Para ela, tratou-se

muito mais do que uma “compilação ensaística” de dados, a partir de um roteiro de trabalho baseado em esquema cronológico, iniciado com a discussão da colonização, interiorização e avanço da economia no território, cuja narrativa é protagonizada pelos colonos. (SILVEIRA, 1975, p.443).

Poppino tinha como tarefa organizar a explicação da historiografia brasileira para o leitor em inglês. A preocupação editorial de manuais como esse era o de oferecer ao público leitor um panorama amplo e explicativo da chamada “evolução” social brasileira.

No primeiro momento em que foi publicado, o livro pode ser associado ao conjunto de guias ou manuais sobre o Brasil, como o livro de Harry Hutchinson (1960) *Field guide to Brazil*, ou ainda William Jackson (1964), *Library guide for Brazilian studies*. Esses eram mais expressivos em seu conteúdo e debate bibliográfico, o que coloca o livro de Poppino mais

⁴¹⁶ Do original: “Nor does the deification of a Stalin or a Mao seem so strange to nations that have known a Vargas, a Peron, or a Trujillo. And, finally, the Russian-Chinese origins of contemporary Communism are no barrier to acceptance in Latin America. As Professor Poppino reminds us, every major ideology has come to the area from abroad, from the original Iberian culture pattern through the Enlightenment, North American federalism and democracy, French anticlericalism, romanticism, positivism, down to Peron's version of Italian fascism and Fidel Castro's aping of Soviet models”. (Samuel Shapiro, 1967, 248).

próximo de títulos como os de Thomas Skidmore, Bradford Burns, Richard Graham, nos quais a intenção em criar uma narrativa de longa duração sobre a política brasileira é mais presente.

Livros do gênero foram inclusos em listas de uma produção que se voltou para oferecer um ponto de partida para outros especialistas. Paulo R. de Almeida (2002) mostrou que, nos anos 1960, estes manuais eram muito divulgados, ainda que ocupassem um papel secundário, já que o destaque da produção dos estudos sobre o Brasil, nas universidades norte-americanas, era dado pelo crescimento da especialização.

Mesmo levando em consideração que Poppino não tivesse sido tão projetado nas publicações brasileiras (resenhas, artigos) do período, acreditamos que ele ocupou, com esse livro, um papel importante na escrita brasilianista da Guerra Fria. Isso porque, mesmo não analisando especificamente o papel dos militares no poder, tema que incluiu as publicações de Alfred Stepan e Samuel Huntington como leituras obrigatórias para os interessados, no contexto, é preciso entender que os ensaios do gênero também ocupam lugar não desprezível na definição de um discurso sobre o Brasil e a ditadura.

A recorrência ao passado colonial exerceu a função de elaborar, através de narrativas despreziosas sobre ocupação do território, economia e expansão, explicações que alcançavam desdobramentos para o Brasil republicano e apontamentos para o país do “futuro”. O formato estava presente em *Brazil: The land and People*, à medida em que trouxe desfechos sobre o “Brasil Moderno” e suas conclusões para o desenvolvimento nacional. Elegendo aspectos considerados por ele como hereditários e que tornavam o “avanço” da economia defasado, selecionou outros elementos que poderiam vir a ser pontos de partida para inserção do país na economia global após a independência. Por motivos como estes, Silveira sinalizou que

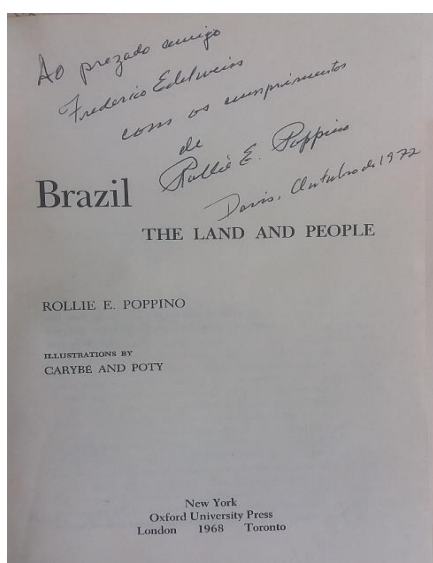
O seu valor reside na acuidade com que são dadas as informações, com uma precisão que atinge até a cronologia posta ao final e atualizada até 1970, e a bibliografia seletiva, notadamente com a enumeração dos mais recentes trabalhos em inglês, sobre o Brasil. A par disso, recomenda-se o livro ainda porque contém interessantes observações capazes de fornecer aos interessados uma base sobre a perspectiva com que os estudiosos norte-americanos focalizam a nossa História. (SILVEIRA, 1975, p.443).

Brazil: The Land and People compôs um programa mais amplo de trabalhos feitos nos Estados Unidos para o estudo de países “em desenvolvimento” na América Latina, na Ásia e na África. O livro, de 1968, foi feito a partir das viagens de Poppino ao Brasil, em 1950-1951,

1957, 1958, 1963, reunindo, em 1968, quase vinte anos de pesquisa. Foi patrocinado pela *Henry L. Grace Foundation*, como pela FDC-BA.

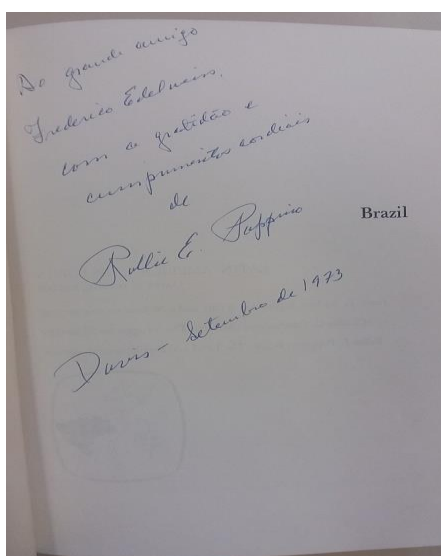
O autor remeteu exemplares aos colegas brasileiros, como Frederico Edelweiss, Anísio Teixeira e Thales de Azevedo (o que podemos verificar pelos prefácios dos livros encontrados nas coleções pessoais destes intelectuais), como também os encontramos em bibliotecas públicas de grande porte e em catálogos da biblioteca da Escola Superior de Guerra ou do Arquivo Nacional.

Figura 6 - Dedicatória feita por Rollie Poppino a F. Edelweiss no livro POPPINO, Rollie. **Brazil: The Land and People.** New York, Oxford University Press, 1968.



Fonte: Coleção Manuel Pinto de Aguiar, Fundo Pinto de Aguiar, Centro de Estudos Baianos, Biblioteca Macedo Costa, Universidade Federal da Bahia.

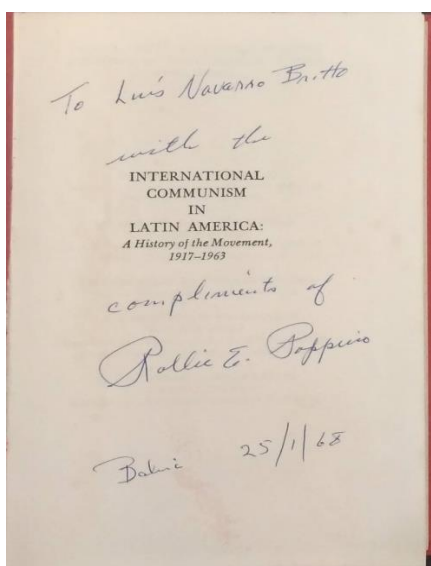
Figura 7 - Dedicatória feita por Rollie Poppino a F. Edelweiss no livro POPPINO, Rollie. **Brazil: The Land and People.** New York, Oxford University Press, 2 edição, 1973.



Fonte: Coleção Manuel Pinto de Aguiar, Fundo Pinto de Aguiar, Centro de Estudos Baianos, Biblioteca Macedo Costa, Universidade Federal da Bahia.

Era uma leitura para poucos, que circulou entre os contatos mais próximos do seu intercâmbio no Brasil. Encontramos uma “correspondência” com Edeweiss, em dedicatórias de livros. Nesse contexto, Edelweiss atendia aos Consules, na biblioteca organizada por Consuelo Pondé de Sena, mesmo estando doente e era peça chave na recepção aos norte-americanos⁴¹⁷.

Figura 8 - Dedicatória de Poppino de a Luiz Navarro de Brito no livro *International Communism in Latin America...*, datada de 1968.



Fonte: Acervo pessoal, livro adquirido em sebo.

O momento era propício, pois após 1967, com a radicalização do autoritarismo da ditadura militar no Brasil, os encontros e debates sobre a realidade brasileira nos Estados Unidos passaram a crescer. Poppino, como analista, ficou responsável, no meio acadêmico da LASA em oferecer conclusões de caráter mais geral sobre a história do Brasil, enquanto outros latino-americanistas trataram de temas mais específicos sobre a política, sociedade e economia brasileiras. Aqui, diferente do trabalho particular no Departamento, ele atuou de acordo com suas pesquisas.

A sua narrativa teve como característica marcante as comparações entre o Brasil e seus vizinhos “rebeldes” da América Latina, desde as lutas por independência. Na leitura do autor, a unidade política e territorial brasileira era um dos seus emblemas mais marcantes.

⁴¹⁷ Fundo Pinto de Aguiar. Caixa 08, (1940-1975) Salvador, 7 de julho de 1975. Carta de Consuelo Ponde de Sena a Manuel Pinto de Aguiar. Biblioteca Macedo Costa, Centro de Estudos Baianos.

As aparentes semelhanças entre a América Portuguesa e a América Espanhola são imposições de sua proximidade geográfica, a origem latina das culturas dominantes, (...) O maior contraste, de fato, é o tamanho e a unidade política do Brasil. Enquanto o Império espanhol da América se desintegrou em dezoito estados-nação separados, a América portuguesa manteve intacta sua estrutura e se tornou uma das maiores nações independentes no mundo⁴¹⁸.

O autor também recorreu ao já mencionado Vianna Moog para enaltecer o Brasil, pois para ele a grandeza e a unidade política brasileira espelhavam um exemplo para o continente, diante da magnitude de seu território. Segundo Poppino, a tradição política brasileira após a independência fortaleceu atitudes de prevenção da violência e do “derramamento de sangue”, algo já afirmado pelo autor no livro sobre Feira de Santana, quando mostrou a associação entre autoridades locais e o poder das forças militares do Império para contenção das lutas locais, especialmente no sertão da Bahia.

Em *Brazil: The Land and People*, a gênese do povo brasileiro e de suas instituições, no circuito ibérico português, foi muito aclamada. Os livros que Poppino leu, naquele contexto, tais como o livro de Vianna Moog - *Bandeirantes e Pioneiros: paralelos entre duas culturas*, que foi indicado pelo brasilianista como inspiração - nos dizem muito sobre suas escolhas explicativas⁴¹⁹. Segundo Poppino, o Brasil foi “acometido” de muitos episódios de luta e a pacificação foi uma conquista, para Poppino, mais recente.

Brasileiros mais informados estão cientes e aprovam a preferência nacional pelo compromisso em evitar o derramamento de sangue e são orgulhosos dos milhares de quilômetros de fronteira estabelecidos sem violência. Ainda assim, possui algo em comum com as nações de língua espanhola e francesa do

⁴¹⁸ Do original: “The surface similarities between Portuguese and Spanish America imposed by geographic proximity, the common Latin origin of the dominant cultures, similar political and economic ties with Europe, and comparable experiences in conquering and displacing the native population, have sometimes overshadowed neighbors. The most striking contrast, in fact and potential, is the vast size and political unity of Brazil. While Spanish empire in America disintegrated into eighteen separate nation-states, Portuguese America, remained intact to become physically a giant among the independent nations of the world”. (POPPINO, 1973, p.3).

⁴¹⁹ MOOG, Viana. **Bandeirantes e Pioneiros: paralelo entre duas culturas**. “Advogado, jornalista, romancista e ensaísta”, de São Leopoldo, nasceu em 1906, faleceu em 1988 (<http://www.academia.org.br/academicos/vianna-moog/biografia>). Acesso em 23 de março de 2017. No início dos anos 1950, de acordo com a biografia da academia brasileira de letras, ele era da Delegacia do Tesouro em Nova York, após escrever para a New York Herald, “foi nomeado representante do Brasil junto à Comissão de Assuntos Sociais das Nações Unidas e, nesse caráter, participou em Nova York e Genebra de todas as reuniões da Comissão. Em 1952, indicado pelo Brasil, foi eleito pelo Conselho Internacional Cultural para representar o Brasil na Comissão de Ação Cultural da OEA, com sede no México. Vianna Moog ali residiu por mais de dez anos, como presidente da Comissão.” Disponível em: (<http://www.academia.org.br/academicos/vianna-moog/biografia>), Moog é um autor sugestivo para pensarmos as referências de Poppino sobre o Brasil, pois apresentou, no interior do pensamento autoritário brasileiro, reflexões comparativas entre Brasil e Estados Unidos, consideradas como sendo bastante singulares para seu tempo.

continente. A não violência brasileira é comparativamente um desenvolvimento recente (tradução nossa)⁴²⁰.

Assim, no que diz respeito ao combate das populações locais, os brasileiros não se diferenciaram dos espanhóis, quando o assunto foi o tratamento das populações indígenas exploradas, por exemplo, mantendo uma recente investida em “não-violência” como alternativa política, de modo que a harmonização da convivência entre pessoas de diferentes origens sociais teriam garantido um modelo para o mundo⁴²¹. Embora seus dados possam ser contestados e as críticas que recebeu não tenham sido poucas, Poppino, na década de 1970, serviu de base para citação de autores como Stuart Schwartz, ao buscar dados percentuais estatísticos⁴²².

Joseph Fowerhaker, junto a *Latin American Studies Association* assinalou os problemas da visão de Poppino em ocultar da sua narrativa as contradições em torno dos governos pós-64, como sua perspectiva de unidade política e consenso social inexistente para o período.⁴²³ Estas críticas não foram gratuitas, já que, enquanto boa parte dos brasilianistas da LASA fizeram questão de se pronunciar contra o governo militar, logo após as denúncias de seus colegas brasileiros, o nome de Poppino ficou apagado neste sentido. Se o autor se pronunciou, não temos registro.

Outros autores fizeram críticas especialmente às abordagens sobre a colonização portuguesa e a falta de consideração, por parte de Poppino, de uma complexidade de fatos ocorridos durante as navegações e exploração portuguesa e espanhola do “novo mundo”. Principal artifício da argumentação de Poppino, o recurso à colonização portuguesa como embuste para os males da economia nacional foi retomado em capítulos seguintes. A crítica também se estendeu ao pouco uso da literatura e de outros recursos de discussão e interpretação da bibliografia utilizada, em ordem cronológica e com poucas entradas do autor. Esse foi o tom de crítica dado por Bailey Diffie. Para ele ainda, o livro era uma publicação rara, por fazer o

⁴²⁰ Do original: “Informed Brazilians, are aware and approve of the national preference for compromise to avert the spilling of blood, and point proudly to the thousands of miles of frontier established without violence. Yet, their heritage in this respect is not unlike that of Spanish-English, and French-speaking residents of the hemisphere. Brazilian non-violence is a comparatively recent development”. (POPPINO, 1968, p.4).

⁴²¹ Do original: “The Brazilians feel that their successful experience with racial harmony may permit them to bridge some of the chasms in a world divided by race and color”. (POPPINO, 1968, p.5). Esta afirmação é muito semelhante àquelas feitas em Feira de Santana.

⁴²² The “Mocambo”: Slave Resistance in Colonial Bahia, *Journal of Social History*, Vol. 3, No. 4 (Summer, 1970), pp. 313-333, Oxford University Press, <http://www.jstor.org/stable/3786297>, 20-11-2017. As críticas que lhes foram direcionadas envolveram, mais do que o trato com a história colonial e oitocentista, a parcialidade na explicação dos acontecimentos republicanos em favor de uma visão que reportava a um país sem conflitos.

⁴²³ FOWERAKER, Joseph. Resenha de POPPINO, Rollie. Brazil: The Land and People. *International Affairs* (Royal Institute of International Affairs 1944-), Vol. 50, No.4 (Oct., 1974), pp. 689-690, Oxford University Press on behalf of the Royal Institute of International Affairs <http://www.jstor.org/stable/2615990>.

esforço de oferecer uma explicação generalista sobre a história do Brasil para os estudantes de história colonial nos Estados Unidos⁴²⁴.

Brazil: The Land and People figurou, por exemplo, na lista de livros recebidos na *The Modern Language Journal*, em nome da Federação Nacional de Associações de Professores de Línguas Modernas (National Federation of Modern Language Teachers Associations), como única publicação, em 1968, com referência direta ao Brasil⁴²⁵.

A Revista *Hispania*, em 1963, no seu editorial *The Hispanic World*, indicou não somente as tendências das publicações em inglês e dos estudos sobre a Espanha contemporânea, mas uma maior preocupação com a chamada Iberoamérica, através da divulgação do conhecimento a respeito da literatura em espanhol nos países de formação latina, um importante suporte no estudo da língua, mas sobretudo da cultura latina, listando também Poppino.

As motivações das estratégias políticas no campo da cultura, vinda dos Estados Unidos, abriram os caminhos para a intensificação dos investimentos destes intelectuais em estudos da literatura latino-americana e aumentaram o número de publicações na área. O debate se direcionava para as diferenças históricas da formação ibérica portuguesa, ou hispânica, buscando até mesmo nas origens dos Estados e das sociedades peninsulares a explicação para oposições quanto aos países considerados genuinamente latinos, publicando-se artigos e opiniões de escritores espanhóis sobre o assunto. O Brasil, o Chile, México, Argentina e Peru, se destacavam no debate que se enraizava a respeito da latinidade.

Nas publicações chefiadas por Alfred A. Knopf, o livro de Gilberto Freyre e o de Guimarães Rosa, traduzidos como *The Mansions and the Shanties* e o segundo como *The Devil to Pay in the Backlands*, arrebataram leitores nesse sentido, fazendo o percurso de reinvenção do mundo luso-brasileiro, linguística e culturalmente. A Oxford Press selecionou estudos sobre oito países para a publicação no período, despontando como uma iniciativa de envergadura para a composição do conhecimento sobre particularidades destas nações e assim, trouxe ao público “*Argentina*, by James R. Scobie; *Brazil*, by Rollie E. Poppino; *The Caribbean*, by Sidney W. Mintz; *Central America*, by Richard N. Adams; *Colombia and Venezuela*, by John P. Harrison;

⁴²⁴ Segundo o professor do City College de Nova York, o texto de Poppino seria obrigatoriamente utilizado em suas salas de aula. DIFFIE, Bailey *The Modern Language Journal*, Vol. 53, No. 2 (Feb., 1969), p. 118, National Federation of Modern Language Teachers Associations, <http://www.jstor.org/stable/322523>, 05-04-2016.

⁴²⁵ *The Modern Language Journal*, Vol. 52, No. 6 (Oct., 1968), pp. 396-398, National Federation of Modern Language Teachers Associations, <http://www.jstor.org/stable/322088>, 05-04-2016. A revista é uma referência antiga no campo dos estudos de línguas, fundada em 1916 e expandida entre associações nos Estados Unidos.

Mexico, by Charles C. Cumberland; *Chile*, by Robert N. Burr; and *Peru and Bolivia*, by John F. Goins” (p.658)⁴²⁶.

A segunda edição do livro (1973), escrita depois da estadia de Poppino no Brasil e do acompanhamento de eventos acadêmicos no país, trouxe respostas e tratou sobre o Brasil após 1964. Algumas passagens de Poppino em palestras e eventos foram registrados na imprensa. Aqui, vemos uma de suas falas, quando se revelou de acordo com as versões da democracia racial circundantes, reverberando até mesmo na interpretação das relações escravistas.

O africano, na sua opinião, abriu no Brasil uma outra perspectiva de vida, denunciada desde o tempo da escravidão, não tão ortodoxa como seria de se esperar, em razão de um certo ajustamento entre escravos e escravizadores⁴²⁷.

Embebido pelas teses freyreanas, juntamente com suas impressões de pesquisador visitante, concluiu em seu livro e afirmou publicamente o quanto enxergava no Brasil um modelo de relacionamento entre “raças” em padrão diferenciado. Já nesse período, diferente do início de sua carreira, vemos o autor usar o termo “raça” nitidamente.

No livro, tratou de diagnosticar onde estavam as matrizes de formação do povo brasileiro, selecionando tipos humanos, como ocorreu com o vaqueiro mameluco da história colonial do sertão, ou com os mestiços do comércio da Bahia, embranquecendo o passado colonial, ou visualizando pequenas “contribuições” africanas para a história. Assim, depois de 20 anos da escrita de *Princess of The Sertão*, na Bahia, vemos um autor reafirmando, ao longo de sua carreira, que as separações sociais no Brasil seriam decorrentes da riqueza, destacando as possibilidades de ascensão social.

O Brasil de Poppino foi marcado pela promoção da propaganda do Brasil como um país do futuro, escolhendo, para tanto, versões de uma convivência “pacífica” entre os diferentes e um modelo de sobrevivência paternal negociada para tratar do negro brasileiro. Isso não quer dizer que o autor comprou as teses de forma simplista, mas buscou fazer estudos de caso, apontamentos demográficos e conferir substância para discutir as teses sobre ocupação, raça, relações sociais e convivência do sujeito “mestiço” na sociedade brasileira.

⁴²⁶ MEAD Jr, Robert “The Hispanic World”. *Hispania*, Vol. 46, No. 3 (Sep., 1963), pp. 634-660, American Association of Teachers of Spanish and Portuguese. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/336878>. Acesso em: 05-04-2016.

⁴²⁷ “Poppino acha que milagre econômico foi preparado desde o governo de 1930”. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, edição 126, p.3, 24-8-1972.

Poppino utilizou o tratamento naturalizado do sujeito negro como o “escravo”, e o proprietário branco como “escravizador”, tornando inflexível a perspectiva sobre a ação de emancipação dos sujeitos históricos, mostrando novamente a grande influência de Francisco Oliveira Vianna em sua tese.

Reunindo o material de pesquisas colhido das leituras sobre a questão racial e seus conflitos, mencionou, sobre o Brasil, que “sua experiência bem-sucedida com a harmonia racial pode permitir que eles (os brasileiros) coloquem alguns dos encantos em um mundo dividido por raça e cor”⁴²⁸. E, mais adiante: “talvez (isto seja) ainda mais impressionante que o grau de micigenação no sucesso da experiência brasileira de democracia racial, incomparável no hemisfério ocidental”⁴²⁹.

Ao interpretar a tese de Gilberto Freyre, como autoridade no assunto, Poppino listou tipos étnicos (*is developing a new ethnic type*) diante da mestiçagem, interpretando que a tese de Freyre visualizava um possível embranquecimento da população: “ele e outras autoridades do assunto acreditam que a população brasileira está gradualmente se tornando branca ou mais ariana”⁴³⁰. Em seu texto, encontramos um Poppino que volta e meia procurou ressaltar a falta de equidade entre brancos e negros (que chamou de “grupos étnicos”), e poucas soluções sociais para a exclusão de negros e mestiços.

Adepto da mestiçagem, Poppino atribuiu um sentimento de prosperidade para a população brasileira, ao verificar modelos de solução dos problemas em um curto espaço de tempo, encontrando fatores de otimismo para os contrastes sociais a partir do acesso de pessoas negras à riqueza. Ele seguia a ideia de que os problemas foram causados pelo crescimento populacional e não pelas desigualdades raciais. Sua expectativa foi construída especialmente na avaliação das sociedades do interior e do sertão.

⁴²⁸ Do original: “their succesful experience with racial harmony may permit them to bridge some of the charms in a world divided by race and color”. (POPPINO, 1973, p.5)

⁴²⁹ Do original: “Pehaps even more striking than the degree of miscigenation in the sucess of the Brazilian experient in racial democracy. It is unrivaled in the western hemisphere”. (POPPINO,1973, p.10)

⁴³⁰ “Ao mesmo tempo, ele e outras autoridades acreditavam que a população brasileira está gradualmente se tornando mais branca, ou mais ariana, quando se torna mais mista. Com a ausência de entrada de novas pessoas negras durante um século, a população negra vem sendo absorvida no segmento de mulatos, enquanto o elemento branco está crescendo em números absolutos, enquanto continua, embora de maneira menos importante, a imigração de europeus e de transferência de mulatos para a categoria de brancos”, do original: “At the same time, he and other authorities agree that the Brazilian population is gradually becoming whiter, or more “Aryan”, as it becomes more mixed. In the absence of new infusions of African blood in more than a century, The Negro population is slowly being absorbed into the mulatto segment, while the white element is growing in absolute numbers through continued, though minor, immigration from Europe and by the passing of fairer mulattos into the white category”. (POPPINO,1973, p.11).

Fruto de tese, ao ressaltar o papel da pecuária e da economia de pastoreio, das comunidades interioranas e dos fatores de expansão da riqueza para dentro do território e mais afastada das grandes capitais, as cidades médias, as culturas locais se tornaram o elemento chave para a reflexão sobre o desenvolvimentismo, na versão poppiniana sobre o Brasil.

Nesse sentido, preocupou-se em apresentar avanços sobre o tema da imigração. A inquietação deveu-se ao fato de que Poppino fazia uma versão semelhante à de Viana Moog para compreender os paralelos entre Brasil e Estados Unidos nos seus tipos humanos e no desdobramento das relações que organizaram uma população multirracial. Assim como os Estados Unidos, o Brasil era então, segundo ele, formado por imigrantes, forçados ou incentivados por políticas imperiais e republicanas. Associava o Negro brasileiro à exploração do trabalho e assumiu questões a partir de Gilberto Freyre.

os cidadãos negros do Brasil e a grande maioria dos brasileiros que possuem sangue negro em suas veias são descendentes de escravos chegados forçosamente ao país para realizar o trabalho nas plantações, minas, mercados e casas das classes proprietárias (tradução nossa)⁴³¹.

Mais adiante, ao tratar do tema dos críticos parciais da escravidão no século XIX, afirmou que

De tempos em tempos foram dirigidas críticas aos maus tratos dos negros pelos seus supervisores como condenavam a injúria de Deus com suas criaturas menores, mas eles não levavam em consideração o fim da escravidão (tradução nossa)⁴³².

Apesar disso, como atesta a bibliografia de sua época, não há indicações na escrita de Poppino de que os sujeitos escravizados tenham protagonizado movimentos em prol de liberdade, ficando a cargo do debate político e de movimentos no parlamento o encaminhamento da abolição, como o foi por muito tempo na historiografia brasileira. Poppino vê a emancipação como incompleta, e percebe que seria possível ao sujeito negro uma integração. Ou seja, a escravidão impediu o acesso a outra condição social, mas tendo ela sido

⁴³¹ Do original: “Without exception the present Negro citizens of Brazil and the much larger number of Brazilians who carry some Negro blood in their veins are descended from slaves bought into the country forcefully to comprise the labor force in the plantations, mines, shops, and households of the propertied class”. (POPPINO, 1968, p. 161-162).

⁴³² Do original: “From time to time outspoken critics denounced the mistreatment of Negroes by brutal másters of overseers much as they might condemn needles injury to other of God’s lesser creatures, but they did not object to the enslavement of Negroes”. (POPPINO, 1968, p. 162).

fundada, seria possível ao negro se associar ao crescimento social do país, com melhorias na educação e acesso ao trabalho, afastando-se, o autor, do debate da discriminação pela raça⁴³³.

Em outra passage, afirmou que

A diluição gradual do sangue indígena e negro entre os habitantes do Brasil teve início no período colonial, como resultado da disposição de homens brasileiros brancos às mulheres de cor. Em seguida, com o término do tráfico de africanos, a população brasileira teria iniciado um embranquecimento sem imigração. No entanto, não há dúvida que essa política acelerou o processo de clareamento ou branqueamento⁴³⁴.

Há algo de curioso nesta publicação. As suas poucas ou quase inexistentes referências da parte de leitores brasileiros. Diante de uma versão como esta, que discutiu argumentos freyrianos, os usando para fazer comparações com a sociedade norte-americana, como o fez com o tema da imigração, Poppino ficou praticamente desconhecido. Ou seja, este “Brasil, visto de fora” repercutiu muito mais em periódicos norte-americanos e nos próprios cursos sobre América Latina nos Estados Unidos. Podemos dizer que Poppino queria apresentar ao público leitor uma versão sobre o Brasil: a de que, apesar de seus problemas políticos e sociais, o Brasil, humanamente, encontraria um caminho positivo para a convivência entre as “raças”, a abertura para o investimento econômico externo, a possibilidade de reconhecimento de estruturas internas de sua economia que se perderam no tempo. Um otimismo estranho, calcado em percepções que alicerçaram ideologias do racismo, ao buscar negar o fenômeno com sendo estrutural, reproduzindo leituras sobre as desigualdades econômicas, sem reconhecer as formas de luta para disputá-las, creditando a ação da história aos governos e interesses empresariais.

Os atores das narrativas de Poppino aparecem entre figuras idílicas, individuais, porém sem rosto, sem nome, como “o vaqueiro”, “o bandeirante”, “os comerciantes”, “os criadores”, personagens de uma história que se movimenta no curso de uma evolução, cujo sentido era um desenvolvimento nacional pautado nos interesses do capital externo.

⁴³³ Ao afirmar que “slaves in Brazil had Always been relegated to the bottom of the social hierarchy, the vitms of discrimination and prejudice, but their plight stemmed from their condition of servitude rather than from race or color” (POPPINO, 1968, p.177), o autor procurou mostrar que o investimento da integração do negro livre no mercado de trabalho poderia ofertar diferentes condições de socialização, negando a discriminação racial, até mesmo para o período da escravidão e acreditando que ela seria muito mais econômica.

⁴³⁴ Do original: “The gradual diluition of Indian and negro blood among the inhabitants of Brazil had been going on since the beginning of the colonial period, as a result of the ready access of White Brazilian males to women of color. Given the continuation of this trend, and the cessation of the African traffic, the population of Brazil would inevitably have become whiter without immigration. Yet, there is no question that the addition more than a century tremendously accelerated the whitening or “bleaching” process”. (POPPINO, 1968, 197).

Não estamos aqui para julgar Poppino, mas se o contexto de sua escrita foi delicado, o autor se esquivou de denunciar as raízes que os colocavam como agente externo na escrita da história, de dizer nomes envolvidos em processos políticos, de apresentar ao leitor suas opções metodológicas. Ao afirmar que o livro seria um texto sobre o passado brasileiro: “*The past is the subject of this book*” (POPPINO, 1968, p.5), Poppino tentou levar o leitor para o caminho da neutralidade, o que não isentou a sua produção de uma posição política.

Poppino parece embebido da própria propaganda do governo da ditadura, quando, mesmo na segunda edição do livro, já em 1973, ele afirmou que

Enquanto o clamor por uma vida melhor se tornou mais forte, foi cada vez mais difícil, para o governo, satisfazer as crescentes aspirações populares por justiça social. Essa dicotomia foi o coração da revolução política de 1964 e se tornou uma preocupação central do governo desde esse tempo⁴³⁵.

Apesar desse possível isolamento, ainda encontramos Thales de Azevedo, seu amigo pessoal, direcionando a leitura do livro de Poppino. Segundo Thales de Azevedo, que publicou uma resenha sobre a primeira edição do livro, no *Journal of Interamerican Studies and World Affairs*,

Rollie Poppino é, possivelmente, o autor da primeira tentativa de uma "história do Brasil desde o período colonial ao presente" entre os especialistas norte-americanos contemporâneos. Seu interesse pelo Brasil data de cerca de vinte e poucos anos quando publicou um ensaio sobre o comércio do gado no País. (AZEVEDO, 1970, p. 310).

Ao casar essa discussão com uma nova edição, acrescida de comentários sobre o Brasil pós 1964, vemos o direcionamento da temática sobre a mestiçagem, o otimismo de Poppino e sua relação com a ditadura e seus governos. Ao dizer que “mesmo diante do alto grau de tolerância racial, do qual se orgulham os brasileiros, há discriminação e falta de igualdade plena entre os grupos étnicos”⁴³⁶, Poppino não negou a discriminação racial, obviamente, mas interferiu nas conclusões sobre suas condições de reprodução ao seguir os argumentos de negação do crescimento da população negra e do discurso de branqueamento da população.

⁴³⁵ Do original: “Thus, while the clamor for a better life was becoming more strident, it was increasingly difficult for the government to satisfy mounting popular aspirations for social justice. This dichotomy was at the heart of the political revolution of 1964, and has remained a prime concern of the administrations in power in Brazil since that time”. (POPPINO, 1973, p. 16).

⁴³⁶ Do original: “despite the high degree of racial tolerance of which the Brazilians are proud, there is discrimination and lack of full equality between ethnic groups in Brazil” (POPPINO, 1968, p.11).

Para ele, o típico brasileiro era o mestiço, fruto da relação entre ameríndios e europeus, colocando o sertão e o Nordeste como uma espécie de caldeirão de tipos humanos, diferentes da dicotomia entre negros e brancos.

Mulatos e outros grupos que poderiam ser considerados como negros nos Estados Unidos provavelmente compõem o grupo mais amplo da região, enquanto o senso costuma indicar que brancos são a maioria, o agreste serve para circunstanciar melhor um caldeirão racial no nordeste, pois o sangue dos Negros, Europeus e ameríndios é encontrado em variadas proporções na maioria da população. Pessoas africanas e europeias sem mistura são uma pequena minoria. Os índios desapareceram como uma etnia separada na região Nordeste, mas a grande maioria dos habitantes do sertão é formada de elementos mistos entre Índios e Europeus⁴³⁷.

O percurso encontrado pelo autor para falar sobre o Brasil mestiço foi o sertão e o agreste, calcado na ideia de um interior promissor, com menos desigualdades e mais apto à modernização, que viraria sinônimo de crescimento social de grupos não negros, o que nos faz questionar se seu entendimento de modernidade estaria ligado à branquitude e à mestiçagem ou a esse “caldeirão”. Apesar disso, o leitor pode verificar na obra poppiniana uma denúncia do censo demográfico brasileiro quanto ao elemento mestiço, que para ele poderia ser considerado como um negro nos Estados Unidos.

O tema das relações raciais e da presença negra nos sertões hoje já se constitui como uma área frutífera da história social do trabalho, não cabendo aqui partir para discutir o panorama do objeto estudado por Poppino. Se levarmos em consideração essas premissas, Poppino também não expôs a atuação dos povos indígenas do sertão como sendo sujeito ativo da história destas regiões, sendo combatido, diminuído, subtraído até a contemporaneidade.

O capítulo sobre *Trail Blazer, Cowboy, and Prospector* é sem dúvida o mais interessante para a análise dos tipos humanos que Poppino redesenhou, utilizando de associações entre o labor e a estrutura comportamental e racial destas pessoas. Recorrendo a ajuda ilustrativa do artista Caribé, com obras de 1963, apontou para o vaqueiro, o *cowboy* desbravador, como mito fundador dos sertões “Foi o vaqueiro que, seguindo seu gado em busca de pastos mais verdes,

⁴³⁷ Do original: “Mulattos and others who would be regarded as colored in the United States probably comprise the largest group in this zone, although census reports usually indicate that whites are in the majority, The agreste serves even more as a racial melting pot in northeastern Brazil, for Negro, European, and Amerindian blood is found in varying proportions in most of the people in this section. Those of unmixed African or European ancestry constitute a small minority. The Amerindian has virtually disappeared as a separate ethnic element throughout the Northeast, but the great majority of the inhabitants of the sertao are of mixed Amerindian-European descent”. (POPPINO, 1968, p.27).

e o garimpeiro, em busca de riqueza mineral no leito do grande planalto brasileiro que fundaram as primeiras comunidades permanentes no interior⁴³⁸.

A partir dos trajetos e posturas de vaqueiros e bandeirantes, Poppino construiu caracterizações mais gerais da sobrevivência do sertanejo.

os habitantes do sertão do Nordeste, conhecidos como sertanejos, foram lamentavelmente poucos diante do número de gado que eles colocavam para a venda na zona açucareira e em áreas de mineração. Entretanto, eles foram fortes, auto-suficientes e reverteram as adversidades agregada ao isolamento da vida na fronteira. Exceto nas rotas mais difíceis, fazendas e vilas raramente eram próximas, e as localidades eram geralmente dispersa (tradução nossa)⁴³⁹.

Os principais argumentos dele são de que o grupo dos vaqueiros foi predominantemente formado pelos chamados mamelucos, reproduzindo em parte outras argumentações sobre a história de Feira de Santana.

A posição dos vaqueiros, (é ocupada na) a maioria de mestiços e índios. Ocasionalmente um Negro ou mulato poderia ser encontrado entre os vaqueiros, em alguns casos os escravos se reuniam em redutos, ou quilombos, como Palmares, **e não exerciam influência na sociedade ou economia sertaneja**. Os vaqueiros originais foram predominantemente mamelucos, ou com alguns portugueses pouco favorecidos, que vira oportunidade de melhorar suas posições na estratificação social ao invés de procurar fazê-lo no duro trabalho das fazendas de cana da área costeira. (grifo nosso)⁴⁴⁰.

Partindo da caracterização regional para pensar o Brasil, a visão do autor sobre as relações sociais e a presença negra nos sertões avançou significativamente, quando lemos o livro *Brazil: The Land and People*. Se o papel dos negros na atividade sertaneja pode ser considerado como menos destacado para o período colonial, ainda não o podemos dizer, mas fica claro que, para a intervenção das ciências sociais no período, Poppino tentou agravar a sua ausência, como

⁴³⁸ Do original: “It was the cowboy, following his herd to greener pastures, and the prospector, seeking signs of mineral wealth in the streambed of the great plateau of Brazil, who founded the first permanent inland communities”. (POPPINO, 1968, p.68).

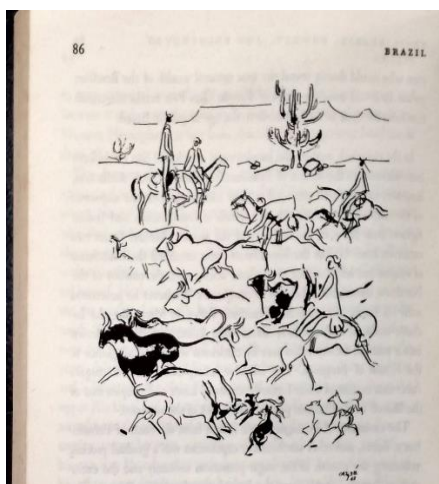
⁴³⁹ Do original: “the human inhabitants of the northeastern sertão, known as sertanejos, were woefully few as compared with the numbers of cattle they raised for sale in the sugar zone and the mining camps. They were, however, a hardy, self-reliant lot, inured to the hardships and isolation of life on the frontier. Except on the most heavily traveled routes, ranches and villages were seldom less than a day’s journey apart, and in much of the sertao they were widely dispersed”. (POPPINO, 1968, p.89).

⁴⁴⁰ Do original: “The ranks of the vaqueiros, the most numerous of mixed-bloods and Indians. An occasional Negro or mulatto could be found among them, but runaway slaves usually congregated in remote redoubts, or quilombos, such as palmares, and did not figure prominently in the society or economy or the backlands. The original Vaqueiros were predominately mamelucos, with some impoverished Portuguese, who saw no opportunity to improve their position in the stratified preferable to hard labor in coastal sugar mills or canefields”. (POPPINO 1968, p.92).

forma de atingir um modelo de “homem” sertanejo mestiço, justamente pela sua atividade laborativa das mais marcantes e a figura do “cowboy” brasileiro, símbolo emblema dessa sertanidade mameluca, negando a escravidão como fator preponderante e estimando o papel de homens livres.

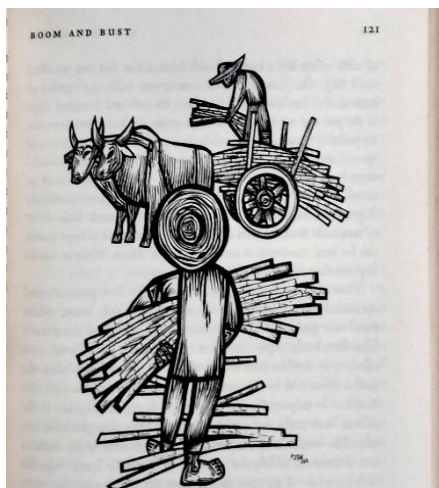
No entanto, mais adiante, nos séculos XIX e XX, ele vê uma grande modificação desse perfil, segundo ele mesmo, por conta da “escassez” do sujeito indígena nos sertões. De todo modo, há um apagamento para a presença emancipativa e livre para ambos os sujeitos. O otimismo de Poppino se aliava com a abordagem da atuação de pessoas que viviam em liberdade, mas esse dado se agregou a um silenciamento da presença negra.

Figura 9 - Ilustração de Caribé para o livro *Brazil: The Land and People* com referência ao vaqueiro no século XVII.



Fonte: POPPINO, 1968, p.86.

Figura 10 - Ilustração de Poty sobre o trabalho na zona açucareira e suas tecnologias, para o livro *Brazil: The Land and People*.



Fonte: POPPINO, 1968, p.121.

Figura 11 - Ilustração de Caribé sobre o trabalho na mineração no século XVIII, para o livro *Brazil: The Land and People*.



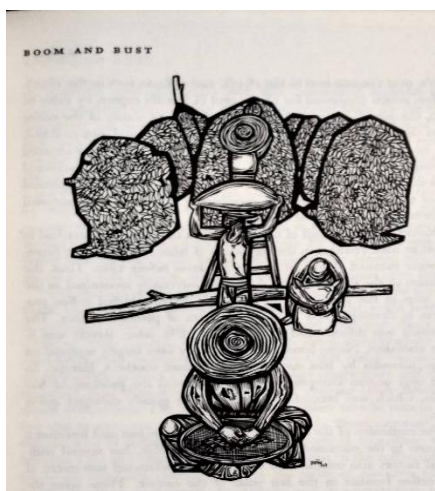
Fonte: POPPINO, 1968, p.131.

Figura 12 - Ilustração de Poty sobre o trabalho seringueiro.



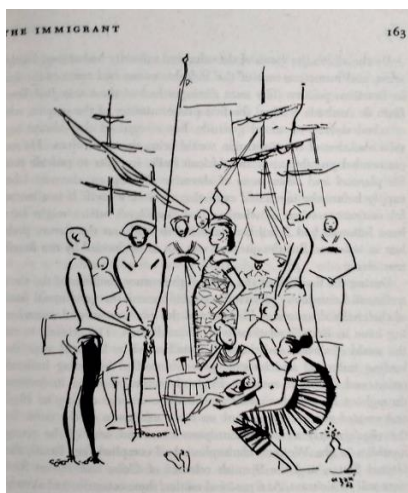
Fonte: POPPINO, 1968, p.139.

Figura 13 - Ilustração de Poty sobre trabalho com a produção de café no século XIX para o livro *Brazil: The Land and People*.



Fonte: POPPINO, 1968, p.149.

Figura 14 - Ilustração de Caribé que retrata a imigração na formação do povo brasileiro.



Fonte: POPPINO, 1968, p.169.

Voltando ao livro, abordando outros pontos de sua pesquisa, a concepção da economia brasileira através de ciclos de exportação foi reproduzida em seu trabalho, que citou brevemente Caio Prado Jr., para falar de “ciclo” da borracha, passando por diversas matrizes de *commodities* brasileiros. Havia uma preocupação destes brasilianistas em atender à demanda por estudar as maneiras através das quais o Estado brasileiro ocupou-se de ofertar suporte para a exportação. Segundo ele, a influência do pensamento comercial português levava muitas vezes o país a se concentrar em um ou dois produtos.

Tais fatores contribuíram para uma tendência de concentrar um ou duas novas ou velhas commodities, para os quais um Mercado novo e lucrativo se abririam no exterior. Ainda que o Brasil gozasse de um monopólio ou de uma

vantagem no mercado, seguia-se o padrão produtivo, mesmo que esse fosse desvantajoso⁴⁴¹.

Assim, Poppino foi crítico de um tipo de dependência aportado em bases coloniais, segundo ele. Por conta da exclusão da maior parte da população do mercado consumidor e um diminuto mercado interno, associou as relações históricas do Brasil com Portugal e Inglaterra, passando para o circuito das relações externas dos Estados Unidos, principal comprador das exportações.

As soluções apresentadas para um possível crescimento, na perspectiva da teoria da modernização poppiniana, seriam a entrada de técnicas mais modernas de produção e de recrutamento de trabalho. Poppino discute tão arduamente a independência, da perspectiva nacional e desenvolvimentista, destaca o mercado interno na situação colonial e, ao tratar da história republicana, se queixa sobremaneira do nacionalismo exacerbado, o que poderia ser uma amostra de sua ligação com o pensamento nacionalista mais conservador e à direita.

Finalmente, podemos dizer que *Brazil: The Land and People* estabeleceu uma reflexão sobre cultura e desenvolvimentismo. Ao ser publicado duas vezes na conjuntura da ditadura civil-militar, em 1968 e em 1973, o livro exaltou a situação do Brasil diante dos países vizinhos, buscando como ponto de partida duas matrizes portuguesas entendidas como as matrizes de um país que teria formado suas instituições a partir da não-violência. Ocorreram os episódios de “derramamento de sangue” quando o senhor, branco, português e militar assumiu o combate “vitorioso” sobre os nativos, sobre os “invasores” e sobre a população de escravizados, mas essa violência não é entendida como uma ação que se voltava para a metrópole em conjunturas de independência, ocorridas sem guerra.

Poppino trouxe da sua pesquisa sobre o sertão uma amostra de população para discutir “vícios políticos” e o desenvolvimento de mercado. Caçou potencialidades e forças progressistas em *Princess of the sertão: a History of Feira de Santana*, e este percurso explicativo permaneceu em *Brazil: The Land and People*, mesmo após o contato com novas leituras. O livro incorporou mais as escolhas interpretativas dos próprios brasileiros, como um

⁴⁴¹ Do original: “These factors contributed to the tendency to concentrate on one or two new commodities, or old ones for which a new and lucrative Market had suddenly opened abroad. As long as Brazil enjoyed a monopoly or decided advantage in the market, it seemed unnecessary to depart from established methods of production, no matter how outmoded and wasteful these might be”. (POPPINO, 1968, p.155).

reforço da concepção de que era preciso buscar nas bases estruturais da sociedade brasileira as saídas para o que ele acreditava ser um não amadurecimento político de seu Estado.

Se olharmos para Feira de Santana e as afirmações de Poppino de que seu crescimento econômico era travado principalmente pela lentidão das chamadas forças políticas, calcadas no clientelismo e acomodadas em estruturas agrárias consideradas arcaicas, veremos que desde então ele avalia esse atraso interno. Em *Brazil: The Land and people* o percurso foi semelhante e a própria ditadura surgiu no olhar de Poppino como modelo político de salvação para uma crise econômica, ou pelo menos, como uma possibilidade aberta pelo próprio comportamento das forças sociais em jogo no país.

6.6 DIVULGAÇÕES DAS CONCEPÇÕES DO AUTOR NO BRASIL: DEMOCRACIA E MILAGRE

O tratamento dos textos de Poppino no Brasil, neste contexto, foi delicado, pois, como já dissemos, pouco encontramos referências diretas às suas ideias. As fontes que dispusemos não nos permitiram discutir uma leitura mais apurada de suas conclusões, mas temos alguns indícios.⁴⁴²

Através da imprensa, observamos que a escuta da opinião de Poppino pareceu importante, pelo menos foi ouvida pelo Jornal Fluminense. Apesar de considerarmos esses comentários discretos, ocupando páginas menos destacadas do Jornal, podemos dizer que seus conselhos de especialista norte-americano não passaram despercebidos.

Um ex funcionário do Departamento de Estado disse num estudo sobre o Brasil que a atual crise mundial de energia “poderá ter efeitos catastróficos” para a sua pujante economia. Rollie Poppino, que trabalhou no Departamento de Estado, entre 1943 e 1961 (*a data informada pelo jornal está errada*), fez a advertência num artigo publicado pela especializada *Current History*,

⁴⁴² Um dos materiais de publicação de Poppino, o artigo sobre o papel dos militares no “desenvolvimento econômico” faz parte do acervo de Cordeiro de Farias. Publicado em 1972 (*Brazil: New Model for development?*). Cordeiro de Farias, seu leitor, esteve presente na história da participação dos militares na República Brasileira desde sua entrada no movimento da Coluna Prestes, como comandante em 1924 e 1927. Foi Chefe do Estado Maior das Forças Armadas em 1961 e um dos grandes articuladores do Golpe de 1964, quando foi designado como Ministro de Estado. Como Poppino foi frequentador assíduo dos arquivos do Exército, na escrita de seus textos, também deixou exemplares de seus trabalhos por onde passou. Além da Bahia, temos registro de seus textos em bibliotecas do Rio de Janeiro e de Brasília.

editada em Filadélfia. Poppino, que em 1973, escreveu o livro sobre o Brasil – O Brasil e o povo – disse que os efeitos da crise mundial de energia é um dos três problemas que o futuro governo do General Ernesto Geisel enfrentará. “Um problema de primeira ordem estaria na crise mundial de energia, em vista da grande dependência brasileira do petróleo do Oriente Médio”⁴⁴³.

A análise do problema, feita ao modo da assessoria prestada por Poppino, foi publicada na íntegra no jornal Diário do Paraná⁴⁴⁴. Esta foi uma nota enviada pelos correspondentes de Washington e a notícia era recortada na imprensa brasileira conforme interesse de publicação. No Paraná, o noticiário preferiu dizer também que o historiador se preocupou em desdobrar os fatores que colocariam o Brasil na rota da crise do mercado de petróleo, diante da crise no Oriente Médio.

Se as importações dessa região (Oriente Médio) forem cortadas, ou drasticamente reduzidas, as consequências sobre a economia brasileira seriam catastróficas, uma vez que as atuais reservas do Brasil não cobrem mais que dois meses e a produção de suas jazidas não podem ser aumentadas de forma significativa⁴⁴⁵.

O Correio Braziliense tratou do tema, com texto praticamente igual, o que era comum da republicação das chamadas “sucursais” de um estado para o outro. Intitulada “Brasil sentirá em breve a crise de energia”, a imprensa da capital trouxe a declaração de Poppino como uma “bomba”, ao afirmar o historiador, enquanto funcionário do Departamento de Estado, que os efeitos daquela crise de energia poderiam ser catastróficos⁴⁴⁶.

⁴⁴³ Árabes favorecem Inglaterra e França. O Fluminense. Rio de Janeiro, 1974. Edição 21582, p. 6, 7 de janeiro de 1974.

⁴⁴⁴ O conhecimento sobre as datas do serviço prestado pelo historiador junto ao Departamento parecem confusas. As notícias sobre o seu trabalho, encontradas no Jornal, situam a assessoria de Poppino até meados de 1961. Já em outros materiais, como a revisão feita por Maurício Tragtemberg a respeito do papel dos americanistas nas ciências sociais brasileiras, encontramos uma data que ainda persiste até 1969. Tragtemberg lista os seguintes nomes em uma tabela: Charles W. Anderson, da Universidade de Wisconsin, nomeado em 1963, para o OII, Área do Departamento de Estado para estudos de assuntos sobre Política e Desenvolvimento Econômico da América Latina, em seguida, Robert B. Anderson, One rockefeller PH, 1964, Negociações no Panamá, John Augelli, 1967, Membro da Junta de Bolsas para o Exterior, W. Sprague Barnes, Escola Fletcher, 1967, Representante da EEUU junto a OEA, Niles Bond, Washington D. C. , 1969, Assuntos Brasileiros, David Burks, Universidade de Indiana, 1969, Assuntos Brasileiros e Assessor de Equipe G1, Edward Cale, Virgínia, 1966, Des. Ec. Lat. Americano, Hebert Dinerstein, Univ de John Hopkins, 1969, A. L. e Comunismo Internacional, John Dulles, Univ do Texas, 1968, História e Política da América Latina, Robert Gilmore, Universidade de Ohio, 1966, História e Política na América Latina, Linconl Gordon, Universidade de John Hopkins, 1968, Política da América Latina, Gertrude Heare, Washington Dc, 1967, Economia do Brasil, John Irwin, Universidade de Stanford, 1969, Assessor da Equipe G1, Edwin Lieuwen, Universidade do Novo México, 1965, Militares na América Latina, Seymour Lipset, Universidade de Havard, 1967, Membro da Junta de Bolsas para o exterior, e, finalmente, Rollie Poppino, Universidade da Califórnia, 1962, Comunismo na América Latina. Ver TRAGTENBERG, Maurício, 1982, p.25.

⁴⁴⁵ Crise Mundial de Energia é Desfavorável ao Brasil. Diário do Paraná. Paraná, 6 de janeiro de 1974. Edição 5555, p. 8. Acervo da hemeroteca da Biblioteca Nacional.

⁴⁴⁶ Correio Braziliense, Brasília, edição 4300, 1974, p.12. Acervo da Hemeroteca da Biblioteca Nacional. A capa do jornal do Correio Braziliense trouxe nesta edição a notícia da visita do estrategista e embaixador Kissinger a

Não foi uma questão de fundo apenas econômico que ocupou a pesquisa de Poppino e nem era esse o motivo do noticiamento de seus “alertas”, como um especialista no assunto. O tema do mercado do petróleo envolveu escolhas decisivas para a política externa, já que dizia respeito à manutenção, por parte do governo brasileiro, de parcerias não-ocidentais no comércio.

No mesmo artigo citado pelo jornal, Poppino também tratou do “nacionalismo xenófobo”, que o governo Geisel poderia vir a enfrentar e a “natureza do sistema político brasileiro”, pois para ele era a hora de o governo “de exceção” reformular o Estado e avaliar de que modo outros agentes políticos deveriam ser inclusos, ou seja, a “abertura”. Para ele, o papel deste nacionalismo, tão presente na altura do governo Geisel, foi o de enfrentar a presença do capital estrangeiro, mas, ao mesmo tempo, reforça que o capital externo teria sido um fator de grande suporte para o crescimento do país depois de 1964, segundo sua visão, chegando a hora de frear os excessos.

A correlação entre as publicações da *Current History* e os assuntos da política internacional norte-americana, como sabemos, era forte. Na lista dos artigos publicados, é fácil encontrar funcionários e ex-funcionários do Departamento e, dentre os temas em voga, a discussão sobre as estratégias de crescimento do comunismo e das esquerdas no continente. O Departamento de Estado tinha um papel de direcionamento de opinião para a imprensa e era tido como um órgão de escuta para o governo brasileiro, que decidia políticas econômicas e posicionamentos sobre o abastecimento energético durante a Guerra Fria comparando e revendo posturas norte-americanas. Até que ponto os governos “provisórios” (sic) aceitavam essas premissas é algo plenamente discutível, mas, em termos de soberania, a escolha pelo alinhamento na política internacional sempre expunha o país ao seu principal aliado no continente. O debate de Poppino, em declarações públicas como esta, objetivou mostrar o desenvolvimento do mercado e a agilidade com que a economia brasileira, segundo ele, passava a integrar com circuitos mais amplos do capital.

Assim, a democracia foi defendida, mas, não só em Rollie Poppino, como na maioria dos brasilianistas de sua geração, como sistema de segurança para os negócios estrangeiros e

América Latina, uma das grandes preocupações do governo Nixon, reforçando laços com Venezuela, Colômbia e Brasil, tendo na ditadura brasileira um suporte dentro do continente, excluindo-se, obviamente uma visita ao Chile. O Brasil precisava, como outros países, comprar o petróleo no Oriente Médio, enfrentando escolhas políticas internacionais sobre o abastecimento do produto. Em 1974, inclusive, Poppino passou um ano inteiro no Brasil pesquisando temas correlatos. Deveria o Brasil, segundo Poppino, alinhar-se a novas políticas para sair da dependência do petróleo do Oriente Médio.

protocolo de negociação política possível para o contexto da Guerra Fria, sendo toda a política brasileira avaliada a partir dessa premissa.

A manutenção das iniciativas internas de mercado, a economia diversificada e progressista eram opções consideráveis se assim fossem desenvolvidas: sem o impedimento da livre associação com o capital vindo dos Estados Unidos. O que nos leva a concluir que o “milagre” era mais importante para o autor norte-americano do que as liberdades políticas. Assegurar o controle social e mediar os conflitos dentro das classes dominantes empresariais era a forma pela qual o governo da ditadura civil-militar brasileiro conseguiu, também, ingressar uma jornada de movimento em prol de uma associação direta e cada vez mais ampla com o capital norte-americano.

Em outra ocasião, dentre as quais Poppino esteve no Brasil, proferiu uma palestra no auditório Dois Candangos, na UNB, durante a realização de uma exposição de artistas do Museu de Nova York. Foi convidado como professor da Universidade da Califórnia, e veio para discursar sozinho na mesa sobre “O Brasil dos tempos da Independência visto pelos Norte-Americanos”⁴⁴⁷. Como o professor veio tratar do tema, o Jornal do Brasil oportunamente o entrevistou a respeito do relançamento do livro *Brazil: The Land and People*, solicitando-lhe maiores detalhes e, depois, publicando a reportagem com o título “Poppino acha que o milagre econômico foi preparado desde o Governo de 1930”⁴⁴⁸. O autor declarou que o chamado “milagre” foi organizado desde os investimentos iniciais do crescimento industrial brasileiro, atribuídos ao governo Getúlio Vargas.

Rollie Poppino, que se doutorou com uma tese sobre o município de Feira de Santana (ele a considera ponto de ligação entre a economia colonial e a nacional), disse que os governos de Getúlio Vargas, principalmente, juntamente com os governos posteriores à Revolução de 1964, criaram as condições que permitiram as condições do surgimento do milagre brasileiro. Esse milagre – acrescentou – só me surpreende porque, na minha primeira visão do Brasil, já estive aqui sete vezes desde 1950, nunca poderia imaginar que, em tão pouco tempo, o país atingiria o atual grau de industrialização. A explicação – disse – está nos impulsos dados nos últimos governos. Poppino pretende estudá-lo na segunda edição do livro, já que a primeira só focalizou o período anterior a 1964⁴⁴⁹.

⁴⁴⁷ Artistas Americanos expõem em Brasília, Diário de Notícias, Rio de Janeiro, 20-8-1972, p.7; também noticiado no Jornal do Brasil, com o título “EUA exibem em Brasília gravuras contemporâneas do Museu de Nova York”, Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, edição 14, 22-8-1972., p. 10. Arquivo da Hemeroteca da Biblioteca Nacional.

⁴⁴⁸ Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, edição 126, 24-8-1972, p.3. Acervo da Hemeroteca da Biblioteca Nacional.

⁴⁴⁹ “Poppino acha que milagre econômico foi preparado desde o governo de 1930”. Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, edição 126, p.3, 24-8-1972. Acervo da Hemeroteca da Biblioteca Nacional.

Feira de Santana, que era seu objeto de estudo para explicar as contradições entre o que entendeu como “atrasado” e “moderno”, retornou, no *Jornal do Brasil*, no intuito de exemplificar o crescimento industrial como um fenômeno gerado a partir de um acúmulo de iniciativas internas da economia. A interpretação que Poppino fazia do “milagre” e dos governos posteriores a 1964, se associou com o debate brasileiro, ocorrido entre intelectuais nacionalistas de diversas matrizes políticas e conceituais e que apoiaram a ditadura. A segunda edição de *Brazil: The land and the people* (1973) se tornou, para tanto, um documento mais completo para dar conta desta demanda.

Quando vinha ao Brasil, Poppino aproveitava para reforçar os intercâmbios com intelectuais como José Honório Rodrigues, influente no Instituto Histórico Geográfico e em outras instituições como a Biblioteca Nacional. Como era de costume, os anfitriões também procuravam aproveitar mais a estadia dos convidados em cursos e reuniões. Foi o que ocorreu com o “Seminário Brasileiro Americano sobre o período regencial”, de 1974 e, em 1975, quando Poppino ministrou o curso “Métodos e Técnicas da Pesquisa em História” no Arquivo Nacional, para técnicos da Biblioteca Nacional, do Museu Nacional e do IHGB, curso depois ofertado também para uma turma especial, para alguns alunos da UEG. Nessa ocasião, Poppino utilizou como material para suas aulas o livro do próprio José Honório Rodrigues, “Teoria da História do Brasil”.⁴⁵⁰

Apesar de tentar estabelecer uma ligação entre o passado da independência do Brasil e o tema da democracia, em comparação com os Estados Unidos, em Poppino não há uma relação entre os modelos políticos dos dois países. Isso aconteceu porque o tema da ditadura já incomodava a forma através da qual aquele “milagre” se operou e tal situação criava uma via autoritária para a manutenção da ordem, o que desagradaria suas comparações com um regime democrático no Estados Unidos.

Após a Aliança para o Progresso, passava a fase em que escrever sobre o Brasil, na linguagem brasilianista, era comparar os grandes feitos da grande República ao Sul com os próprios Estados Unidos, na conquista, na independência e nas lutas emancipatórias. O Brasil havia encontrado um caminho particular de escrever sua história e o tema da ditadura gerava constrangimentos, sendo narrado como uma saída quase inevitável diante do crescimento de uma “esquerdização” das lutas sociais e da não resolução dos problemas econômicos pelos

⁴⁵⁰ Diário de Notícias, Rio de Janeiro, 27-8- 1974, p.9 . **Diário de Notícias**, Rio de Janeiro, edição 16281, p.7, 1975.

governos anteriores. Daí que, o Brasil dos brasilianistas (para usar uma expressão de CARRIJO, 2005), se distanciou dos comparativos heróicos, feitos por Poppino nos anos 1950, para se readequar aos modelos latino-americanos, mais uma vez, como exceção.

Embora admitindo que o Brasil, de uma maneira global, adotou como regime o modelo democrático norte-americano, observou que em certas fases da vida política brasileira, como a atual, não se pode dizer que o sistema norte-americano esteja servindo de exemplo⁴⁵¹.

Poppino também foi convidado para escrever na tradução do livro de José Maria Bello, publicado pela Editora de Stanford, em 1966. O livro teria sido o primeiro, segundo Donald Worcester, em analisar o Brasil pós 1889, de maneira a concentrar os esforços de análise na história da República e, para o comentador, pareceu que os empenhos estariam se direcionando muito mais ao tema da história recentíssima da República após 1946. Tanto foi que a edição contou com o capítulo de Rollie Poppino para contextualização do Brasil a partir da morte de Getúlio Vargas, sendo por isso a edição recebida como modelo de leitura coesa sobre o período republicano para estudo em inglês⁴⁵².

José Maria Bello foi deputado federal em Pernambuco, de 1927 a 1929, Senador, em 1930, tendo seu mandato interrompido em 1930, quando se tornou auxiliar no consulado em Nova York, assumindo algumas tarefas diplomáticas em Estocolmo, Hamburgo, Porto Príncipe, Dacar e Miami. O período foi de intensa aproximação entre liberais, exilados pelo governo Getúlio Vargas, com intelectuais em Nova York, como ocorreu também com o baiano Otávio Mangabeira.

A primeira edição do livro não cobriu este trecho recente e Poppino incrementou o texto com o tema das políticas trabalhistas e do chamado contexto “democrático” brasileiro até o golpe de 1964. Publicado pela editora da Universidade de Stanford⁴⁵³, a edição ganhou apenas uma notícia na coluna *Editores e Livros*, do jornal Correio da Manhã que, naquela ocasião,

⁴⁵¹ “Poppino acha que milagre econômico foi preparado desde o governo de 1930”. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, edição 126, p.3, 24-8-1972. Acervo da Hemeroteca do Arquivo Nacional.

⁴⁵² WORCESTER, Donald. Resenha: A History of Modern Brazil, 1889-1964 de Jose Maria Bello and JamesL. Taylor, *The American Historical Review*, Vol. 72, No. 1 (Oct., 1966), pp. 350-351, Oxford University Press on behalf of the American Historical Association. <http://www.jstor.org/stable/1848424>. Data de acessp 24-10-2017.

⁴⁵³ *Hispanic Review*, Vol. 34, No. 3 (Jul., 1966), University of Pennsylvania Press. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/471323>. Data de acesso 05-04-2016.

tratou sobre a tradução de livros brasileiros, em 1964. Havia sido traduzido também o livro *O Quilombo dos Palmares*, de Edison Carneiro.⁴⁵⁴

Nos textos “*Brazil 1945-1954*” e “*Brazil since 1954*”, produzidos para a tradução norte-americana de *A História do Brasil Moderno*, de José Maria Bello (*A History of Modern Brazil, 1889-1964*), Poppino destacou o funcionamento dos partidos políticos e do sistema eleitoral, entre os temas da política brasileira naquele período, enumerando ações dos presidentes da República mediante a aprovação da Constituição de 1946 – marco da sua análise – e as coerências entre o regime democrático e o aprofundamento dos investimentos na economia. Publicado pela Stanford University Press, obteve o suporte da bolsa Rockefeller do Programa Latino-Americano de tradução da Fundação, através da mobilização da Associação de Editoras Universitárias Americanas. A Stanford, na oportunidade, anunciou mais três publicações, *Political Change in Latin America: the emergence of the middle Sectors; The Military and Society in Latin America; Continuity and Change in Latin America*, coordenados, editados e escritos por John J. Johnson.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando escrevemos a presente tese, quisemos lançar um olhar sobre o modo como os intérpretes norte-americanos da História do Brasil compreenderam sua democracia, suas relações sociais em períodos críticos. Com esse propósito, pensamos também em contribuir com o debate mais recente sobre o autoritarismo na América Latina, mostrando que o tema das relações entre os Estados Unidos e os países do “Terceiro Mundo”, por via da sua diplomacia, também é alimentado pelas interpretações que seus intelectuais fazem de sua história. As raízes intelectuais dessa relação são mais longínquas do que supõe a interpretação da história dos estudos sobre o Brasil nos Estados Unidos, voltados para a ação dos brasilianistas históricos, que projetam em sua maioria o tema das interpretações brasilianistas e seu papel político durante a ditadura militar no Brasil. No final dos anos 1940 e durante a década de 1950, já havia parcerias importantes no diálogo entre o americanismo brasileiro e os intelectuais norte-americanos que investiram nos estudos sobre o Brasil no cenário do pós-Guerra. Nesse sentido é que os baianos da geração aqui estudada tiveram uma atuação fundamental na construção de

⁴⁵⁴ Correio da Manhã, Rio de Janeiro, Quinta-feira, 9 de Abril de 1964, Edição B21.783, p2, Segundo Caderno. Acervo da Hemeroteca da Biblioteca Nacional.

acordos bilaterais. Esses acordos, como vimos, ampliaram a ação do americanismo para mecanismos de saber e ciência no Estado ampliado, disputando versões sobre as políticas de investimento no país.

Muitas vezes as discussões sobre este relacionamento acusam os pesquisadores do brasilianismo histórico de um “antibrasilianismo”, considerado recentemente por José Sebe Bom Meihy como uma “doença infantil da historiografia brasileira”. No entanto, o que vimos foi que, no campo da cultura e da política, as elaborações teóricas a respeito da democracia na América Latina vieram por vias bastante diversas. Entre elas, através de trabalhos feitos sob “encomenda” ou que trataram especificamente de realidades locais, como foi o caso dos livros do PPSEBa, que guardaram em seus conteúdos uma troca intelectual fundamental para o legado das memórias das lutas sociais em âmbito local. Esses materiais vieram a viabilizar narrativas sobre áreas estudadas, como conformaram padrões de análise, tendo em vista o poder da explicação dos norte-americanos frente ao olhar de intelectuais locais.

O grupo da intelectualidade baiana que analisamos influenciou diretamente a escrita de Rollie Poppino, quando o autor foi convocado a contribuir com suas perspectivas sobre o interior do Brasil, durante seus estudos em Stanford, investindo em estudos sobre o interior, o sertão, a pecuária, pesquisando especialmente a região do Município de Feira de Santana, na Bahia. Ali, Poppino se inseriu dentre as redes que se projetavam no cenário do intercâmbio de ideias sobre o Brasil, utilizando o que havia de hegemônico dentro do pensamento social brasileiro. Essa cultura, como vimos, foi fortemente influenciada pelos acordos bilaterais entre Brasil e Estados Unidos no pós-Guerra. A maior parte dessas ideias se inseria em interpretações sobre a História do Brasil que preferiram criar um deslocamento das raízes explicativas sobre a formação colonial da América Hispânica, que retratavam uma abordagem do passado, mas criavam novas inserções narrativas sobre o Brasil no mundo. Além disso, podemos dizer que o Brasil estava em voga como tema.

Poppino estava integrado com forças importantes do pensamento social brasileiro, a exemplo dos intelectuais baianos, a princípio, mantendo-se em redes de intelectuais tradicionais no Brasil, na imprensa, nas universidades e no IHGB. Nos Estados Unidos, atuou na Califórnia inicialmente como assessor de pesquisa para o Departamento de Estado, precisou viajar para trabalhar em Washington e seguiu a carreira que almejava, sendo chamado para atuar como professor na Universidade da Califórnia em Davis, depois de demonstrar suas habilidades e se tornar um especialista no tema do Brasil e da América Latina. Esse ponto foi menos destacado no texto por não indicar uma tratativa do intelectual público em ação política mais concreta,

como mencionamos, a partir do conceito de Michael Burawoy. Mas vimos que, durante todo esse período, ele buscou continuar suas publicações em periódicos, mantendo contato com grupos e associações de pesquisa.

Na sua formação em história, confirmamos a seiva de suas ideias diretamente enraizada no campo intelectual baiano, que conformava o debate nacional e internacional das ciências sociais para a Bahia, com pessoas que eram de uma corrente americanista e estavam atentos com o tema das relações raciais, os estudos de comunidades e as leituras sobre “desenvolvimento” em âmbito internacional.

Boa parte das explicações que Poppino utilizou sobre o passado baiano se conectou com os objetivos de celebração da Bahia na História da República e de projetos de memória do período, encabeçados por Thales de Azevedo, Otavio Mangabeira, Anísio Teixeira, Luiz Costa Pinto, Manuel Pinto de Aguiar. As motivações dessas pessoas se conectaram com projetos de cultura e projeção da Bahia como objeto de estudo, salientando seus pontos de vista sobre o papel da Bahia no cenário nacional. Somando-se a esse fator, vimos a importância do cenário de retomada da história colonial em conformidade com as propostas de intercâmbio com os Estados Unidos.

Para consolidar sua carreira e contar com os apoios necessários, Poppino se associou às questões destes sujeitos, correspondendo, na maioria das vezes, às suas demandas ideológicas, teórico e políticas, com as tendências colocadas pelos pesquisadores e tratando do tema das lutas sociais no Brasil recente de acordo com o programa do PPSEBa. Verificamos que a formação e os interesses iniciais de Poppino também estiveram presentes no texto, com preocupações comparativas e explícitas de seu roteiro de compreensão de tradições sociais e econômicas na América Latina.

As circunstâncias de produção da sua tese envolveram os acordos bilaterais e as concepções em voga sobre a convivência entre sujeitos desiguais no Brasil, história do sertão e do interior do país, mas também, as expectativas da coordenação do programa em oferecer respostas para os problemas da economia baiana que foram levantados entre 1947 e 1951. Tanto é que Poppino, já em 1968, compôs a seleção de títulos para a Coleção Baiana, como vimos.

Por esse motivo, Poppino tentou responder às questões de seu tempo, em sua narrativa sobre Feira de Santana, cidade e região escolhida como exemplar das relações entre o “arcaico” e o “moderno”, tanto quando foi escrita a tese, em 1951-1953, quanto quando foi publicado o texto, já no final da década de 1960. No campo da economia da Bahia e nas expectativas das

relações entre Estados Unidos e Brasil, nos questionamos: como Poppino teceu certas comparações entre a política brasileira e a política norte-americana? Quais os métodos que levou em consideração para discutir a sociedade local? E como esta escolha repercutiu na observação dos conflitos sociais em Feira de Santana?

Ao mesmo tempo, ao tratar do texto em si, adentramos o universo da produção da escrita, da realidade que o envolveu e dos temas que estariam em voga devido às articulações políticas entre o interior da Bahia e o governo de Otávio Mangabeira e o governo seguinte. Poppino assumiu, até certo ponto, essas demandas. Acreditamos que a importância da visita a essas situações de elaboração do texto em si e de suas ideias reside no fato de que a produção foi, por muito tempo, a única narrativa disponível sobre o Município de Feira de Santana⁴⁵⁵. As questões, tanto teórico-metodológicas, como as articulações que foram feitas para que seu trabalho servisse como instrumento no debate político-intelectual no estado da Bahia, são elementos importantes nesse sentido.

É sabido que as produções dos latino-americanistas consolidaram memórias e explicações inaugurais a respeito da História Política de diversos países e regiões na América Latina (BETHEL, 1997; MALERBA, 2010). Assim, consideramos a possibilidade de oferecer uma leitura crítica sobre a escrita brasilianista revisitando toda a desconfiança gerada pela narrativa norte-americana sobre o Brasil no contexto do golpe civil-militar de 1964 e de seus desdobramentos para as lutas sociais. Reafirmamos o papel colaborativo que a concepção norte-americana de democracia para o continente teve na compreensão dos fatos no Brasil, ainda que indiretamente, pela via de uma interpretação específica e de sua recepção em meios acadêmicos, como a HAHR, a Current e outras revistas.

É interessante que o autor não tenha reconhecido a ambiência de produção do texto em suas memórias, ressaltando muito mais sua estadia como um esforço para se tornar um especialista na História do Brasil e da América Latina, afirmando seu interesse em se tornar um professor de uma área particular de estudos na Califórnia⁴⁵⁶.

Em uma entrevista coletada em Davis, a Bahia apareceu de maneira pontual. Porém, por outro lado, esta mesma afirmativa mostra que, desinteressado em conhecer profundamente os

⁴⁵⁵ Mesmo com o texto Fidalgos e Vaqueiros, de Eurico Alves Boaventura, que só foi publicado em 1989, mas conhecido entre poucos através de cartas e outras conversas e o texto de Thales de Azevedo, ainda não havia uma produção de edição sistematizada como a que ocorreu com o livro Feira de Santana.

⁴⁵⁶ Entrevista https://video.ucdavis.edu/media/Rollie+Poppino/0_rxamduyu/25823842.

movimentos que o convidavam a escrever na Bahia, Poppino tendeu a seguir os parâmetros de escrita e metodologias que lhes foram propostos, pragmaticamente.

A produção latino-americanista ligada ao Departamento de Estado, segundo seus estudiosos, trouxe à baila a própria existência da noção de que, no intuito de garantir a “modernização” das regiões consideradas como “subdesenvolvidas”, seria possível renunciar a valores democráticos para escolher o autoritarismo como solução viável para o objetivo prático do enraizamento do capitalismo e dos interesses dos Estados Unidos.

Um grande exemplo foi a Aliança Para o Progresso, que contou com muitos especialistas na área para a sua escrita, fazendo com que cumprissem um papel político proeminente. Quanto ao seu fazer teórico, houve uma mudança de parâmetros. Enquanto durante a escrita, até por volta de 1961, havia uma defesa clara da democracia para o continente, ocorreu uma transformação na avaliação da política mais legítima para os países estudados até a sua publicação em 1967, ou seja, os latino-americanistas mudaram de postura avaliativa quando o assunto foi a discussão sobre a economia. Na verdade, estes parâmetros, muito presentes nas décadas de 1940 e 1950, quando a crítica efetiva aos regimes autoritários foi bastante forte, mesclaram-se com reflexões sobre atitudes que eram consideradas (ou que foram propagadas como sendo) de salvaguarda da estabilidade política, principalmente depois da Revolução Cubana e do crescimento dos movimentos populares no continente.

No caso de um estudo à parte, como o de Rollie Poppino, aparentemente isolado e desconexo, termina por se tornar complexo, quando verificamos as redes de entrelaçamento entre sua escrita e suas escolhas explicativas, embebidas da influência latino-americanista de gerações diferentes e formada junto com o pensamento social brasileiro. Cada ponto de sua carreira, para nós, foi uma amostra passível de verticalização e aprofundamento das ideias que o influenciaram, de solidariedades que encontrou para realizar seus empreendimentos de pesquisa, publicações e recepções que disseram algo de importante sobre a publicidade da fala do norte-americano no Brasil. O pensamento de Poppino bebe numa tradição na qual os mitos fundadores sobre o Brasil se alimentaram da ideia de uma cultura vista como não violenta e salvacionista, na qual os militares seriam guardiões da ordem, dado seu papel na formação do país no século XIX. Autonomia e municipalismo no Império, debate federalista na República, as questões da história política se entrelaçaram com a compreensão americanista sobre o passado brasileiro.

Recentemente, Francisco Carlos Teixeira da Silva escreveu um texto sobre o assunto, que nos faz pensar o quanto a recente transição da ditadura para a República manteve os mitos que separam os militares da sociedade civil e os colocam como sustentáculo da nação, reascendendo, ao analisar a escalada autoritária dos debates sobre o Brasil nos últimos anos, a função dos militares no poder⁴⁵⁷.

Além disso, são muitos os argumentos da extrema direita, situada entre eleitores do atual presidente da República e em movimentos fascistas, na internet e fora dela, que continuam a divulgar o autoritarismo e a ação anticomunista como sendo associadas à história dos Estados Unidos como nação, num misto de ideias e estratégias ideológicas legitimadoras do controle das forças da oposição e da luta dos movimentos sociais. Esse fenômeno é extremamente complexo e acreditamos que é um desdobramento de versões múltiplas sobre democracia e autoritarismo.

Não cremos que essa tenha sido a intenção de autores norte-americanos que escreveram sobre o Brasil nos anos 1960, mas defendemos que o pensamento americanista foi apropriado no Brasil sob variadas vestes e assim, o controle das forças de oposição, a crítica ao nacionalismo radical, a crença em um desenvolvimento associado ao capital estrangeiro, entre outros, fez parte, de maneira significativa, desse escopo.

⁴⁵⁷ SILVA, Francisco Carlos Teixeira da. - <https://www.brasildefato.com.br/2020/01/18/artigo-or-teses-e-falacias-sobre-a-historia-dos-militares-no-brasil>. Acesso em 12 de outubro de 2020.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, José Rubens Mascarenhas. O projeto Colúmbia University: O nacional-desenvolvimentismo brasileiro: uma relação sintomática. *In*: LOMBARDI, José Claudinei; CASIMIRO, Ana Palmira Bitencourt Santos; MAGALHÃES, Livia Diana Rocha. **Projeto Colúmbia: Anísio Teixeira e o Desenvolvimento Nacional**. Alínea, 2013.

ALMEIDA, Paulo Roberto de. EAKIN, Marshall C.; BARBOSA, Rubens Antônio. **O Brasil dos brasilianistas: um guia dos estudos sobre o Brasil nos Estados Unidos. 1945-2000**. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

ALMEIDA, Paulo Roberto de. **Os estudos sobre o Brasil nos Estados Unidos: a produção brasilianista no pós-Segunda Guerra**. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, n.27, 2001, p.31-61.

ALMEIDA, Paulo Roberto de. Tendências e perspectivas dos estudos brasileiros nos Estados Unidos. *In*: ALMEIDA, Paulo Roberto de. EAKIN, Marshall C.; BARBOSA, Rubens Antônio. **O Brasil dos brasilianistas: um guia dos estudos sobre o Brasil nos Estados Unidos. 1945-2000**. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

ALMEIDA, Paulo Roberto de; BARBOSA, Rubens Antonio; ROGIDO, Francisco (orgs.). **Guia dos Arquivos Americanos sobre o Brasil**. Coleções Documentais sobre o Brasil nos Estados Unidos. Brasília – Funag, 2010.

ALMEIDA, Silvio. **Racismo estrutural**. Coleção Feminismos Plurais, Editora Jandaíra, 2ª Edição, 2020.

ALVES, Chintamani Santana. **Tramas da Terra: Conflitos no Campo na Terra de Lucas, 1900-1920**. Dissertação de Mestrado. Feira de Santana - Universidade Estadual de Feira de Santana, 2015.

ANDERSON, Perry. **A política externa americana e seus teóricos**. São Paulo, Boitempo, 2015.

AZEVEDO, Cecília. Diálogos Brasil – Estados Unidos. Entrevista com Bárbara Weinstein. **Revista Tempo**, volume 13, Niterói, 2008, p. 224.

AZEVEDO, Paulo Ormino (org.) Thales de Azevedo. **A arte de escrever e pintar**. Salvador: EDUFBA, 2015.

AZEVEDO, Thales de. **Feira de Santana, Passado e Presente**. Folheto. Centro de Estudos Baianos, Salvador, 1976.

AZEVEDO, Thales de. Prefácio. QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. **Sociologia e Folclore: a dança de São Gonçalo num poviado baiano**. Salvador, Editora Itapuã, 1958.

AZEVEDO, Thales de. Resenha de Brazil: The Land and People. **Journal of Interamerican Studies and World Affairs**, Volume 2, n. 2, 1970, p. 309. <https://www.jstor.org/stable/174880>

AZEVEDO, Thales. **As Ciências Sociais na Bahia**. Salvador, 1964.

BANDEIRA, Luis Alberto Moniz. **Brasil – Estados Unidos: a Rivalidade Emergente**. 1950-1988. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2011.

BARBOSA, Rubens Antonio. **O Brasil dos Brazilianistas: um Guia dos Estudos sobre o Brasil nos Estados Unidos**. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

BARBOSA, Rui. Uma campanha política, 1919. *In: Obras Completas de Rui Barbosa*, VOL. XLVI 1919, Tomo III. Ministério da Cultura, Fundação Casa de Rui Barbosa, Rio de Janeiro, 1988.

BASTIDE, Roger. **O candomblé da Bahia**. Editora Brasiliense, Biblioteca de Obras Raras: UFRJ, 1958.

BEIGUELMAN, Paula. Cultura Acadêmica Nacional e Brazilianismo. *In: BOSI, Alfredo. Cultura Brasileira: temas e situações*. 1987.

BENEVIDES, Maria Victoria Mesquita. **A UDN e o Udenismo: Ambiguidades do Liberalismo Brasileiro (1945-1965)**, São Paulo, Paz e Terra, 1981.

BETHEL, Leslie. **História da América Latina - A América Latina após 1930: Argentina, Uruguai, Paraguai e Brasil**. São Paulo, Edusp, 2018.

BETHEL, Leslie. **História da América Latina**. São Paulo, EDUSP, 1997.

BIEBER, Judy. História do Brasil nos Estados Unidos. 1945-2000. *In: BARBOSA, Rubens Antonio (org) O Brasil dos Brazilianistas: um guia dos estudos sobre o Brasil nos Estados Unidos*. São Paulo, Paz e Terra, 2002.

BORON, Atílio. Aula inaugural: pelo necessário (e demorado) retorno ao marxismo. *In: BORON, Atílio; AMADEO, Javier; GONZALEZ, Sabrina. (orgs.) A teoria marxista hoje: problemas e perspectivas*. São Paulo, Boitempo, 2006.

BOURDIEU, Pierre. **Os usos sociais da ciência: por uma sociologia clínica do campo científico**. São Paulo, UNESP, 2004.

BOURDIEU, Pierre. **Razões práticas: sobre a teoria da ação**; tradução Mariza Correa – Campinas, Editora Papirus, 1996 b.

BOURDIEU, Pierre. Ilusões Biográficas. *In: FERREIRA Marieta Moraes. Usos e abusos da História Oral*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996 a.

BRANDÃO, Gildo Marçal. Linhagens do Pensamento Político Brasileiro. **DADOS – Revista de Ciências Sociais**. Rio de Janeiro, Vol. 48, n. 2, 2005a.

BRANDÃO, Maria. Thales de Azevedo: ciclos temáticos e vigência na comunidade acadêmica. **Cadernos do CRH**, Salvador, volume 18, número 44 – maio-ago 2005b.

BRASIL. Ministério das Relações Exteriores. Ministro Raul Fernandes. **Relatório apresentado ao presidente da República dos Estados Unidos do Brasil pelo Ministro de Estado**. Serviço de Publicações, 1949. (381p.)

BRAUDEL, Fernand. **Escritos Sobre a História**. São Paulo, Editora Perspectiva, 2005.

BRIGNOLI, Héctor Perez; CARDOSO, Ciro Flamarion. **Os métodos da História**. Rio de Janeiro, Graal: 2002.

BRUZIGUESSI, Bruno. Os fundamentos da Doutrina de Segurança Nacional e seu legado na constituição do Estado brasileiro contemporâneo. **Revista Sul-Americana de Ciência Política**. Volume 2, número 1, 2014.

BUARQUE, Daniel. **Brasil um país do presente**: a imagem internacional do “país do futuro”. São Paulo: Alameda, 2017.

BURAWOY, Michael. **O marxismo encontra Bourdieu**. Coleção Marx 21, Campinas, Unicamp, 2010.

BURAWOY, Michael. Por uma sociologia pública. **Revista de Ciências Sociais**, n. 25, outubro de 2006.

BURKE, Peter. **História e Teoria Social**. São Paulo, UNESP, 2002.

CALANDRA, Benedetta; FRANCO, Marina. **La Guerra Fria Cultural em America Latina**: Desafios y limites para una nueva mirada de las relaciones interamericanas. Editorial Biblos. Buenos Aires, 2012.

CALMON, Jorge. “Pedro Calmon e a criação da Universidade da Bahia”. *In*: BOAVENTURA, Edivaldo (org). **UFBA**: Trajetória de uma Universidade (1946-1996). Salvador, 1999.

CANCELLI, Elisabeth. **O Brasil e os outros**: o poder das ideias. EDIPUCS, Porto Alegre, 2012.

CANCELLI, Elisabeth Cancelli. **O Brasil na Guerra Fria Cultural**: O pós-Guerra em releitura. Editora Intermeios, 2017.

CANCELLI, Elisabeth. **A Intentona em Nova York**. Série Prometeu. Edições Humanidades, 1997.

CARDOSO, Carlos. “Presença do Antropólogo Carlos Castaldi no Brasil – 1953 a 1958”. **Revista Tempo Social**, vol. 20, número 1, S. P. 2008.

CARRIJO, Maicon Vinícios da Silva. **O Brasil e os Brazilianistas nos circuitos acadêmicos norte-americanos**: Thomas Skidmore e a história contemporânea do Brasil. Dissertação de Mestrado. USP, Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas, USP, 2007.

CARRIJO, Maicon Vinícius da Silva. **John Watson Foster Dulles (1913-2008): a vocational historian**, *Estud. hist. (Rio J.)* vol.21 no.42 Rio de Janeiro July/Dec. 2008.

CARVALHO, Ana Maria. **Feira de Santana em tempos de Modernidade**, Universidade Federal de Pernambuco, imagens e prática do cotidiano, 2008.

CARVALHO, Anselmo Ferreira Machado. **Intelectuais e políticas culturais no Conselho Estadual de Cultura da Bahia (1968-1987)**. Tese de Doutorado, UFBA, 2019.

CARVALHO, Anselmo Ferreira Machado. **Nelson Sampaio e Thales de Azevedo: a intelectualidade baiana no Conselho Estadual de Cultura (1968-1971)**. XXIX Simpósio Nacional de História, Brasília, 2017.

CASIMIRO, Ana Palmira Bitencourt Santos; MAGALHÃES, Lívia Diana Rocha; LOMBARDI, José Claudinei (Orgs). **Projeto Colúmbia: Anísio Teixeira e o desenvolvimento nacional**. Campinas, SP: Editora Alínea, 2013.

CERAVOLO, Suely Moraes. O Museu do Estado da Bahia, entre ideais e realidades (1918-1959). **Anais do Museu Paulista**, vol.19, no.1, São Paulo, 2011.

CHAVES, Wanderson da Silva. **O Brasil e a recriação da questão racial no pós-guerra: um percurso através da história da Fundação Ford**. Tese de Doutorado, USP, 2012.

CHAVES, Wanderson da Silva. **O Brasil e a recriação da questão racial no pós-guerra: um percurso através da história da Fundação Ford no Brasil**. Tese defendida no Programa de Pós-Graduação em História da USP, 2011.

CIACCHI, Andrea. **Uma leitura crítica dos estudos de comunidade no Brasil**. *Cadernos de CAMPO*, São Paulo, n, 18, p.1-354, 2009.

CINTRA, Wendel Antunes. **Liberalismo, justiça e democracia: Rui Barbosa e a crítica à primeira república brasileira (1910-1921)**. *Lua Nova*, São Paulo, 99: 201-231, 2016.

COELHO, Eurelino. Dois Golpes duas Ditaduras. *Revista da Faculdade de História e do Programa de Pós-Graduação em História. História Revista*. Goiania, v. 20, 2015.

COELHO, Eurelino. **Uma esquerda para o Capital: crise do Marxismo e mudança dos projetos políticos dos grupos dirigentes do PT**. Tese de Doutorado, UFF, 2005.

CONSORTE, Josildeth Gomes, Recordações de um trabalho antropológico. *In: SANSONE, Livio; PEREIRA, Cláudio (orgs.) Projeto Unesco no Brasil: textos críticos*; Salvador, EDUFBA. 2007.

CONSORTE, Josildeth Gomes. O Projeto Columbia: Um resgate necessário. **Revista HistedBr**, Campinas, n.56, p.17-25, maio, 2014, 1676-2584.

COSTA, Emília Viotti da. *Brasil: História, textos e contextos*. São Paulo, UNESP, 2015.

DIAS, André Luis Mattedi. A Universidade e a modernização conservadora na Bahia: Edgar Santos e os institutos científicos. **Revista da Sociedade Brasileira de Estudos das Ciências**, Volume 3, n. 2, 2005.

DREIFUSS, Rene Armand, e DULCI, Otávio Soares. As forças armadas e a política. *In*: SORJ, B., e ALMEIDA, MHT., orgs. **Sociedade política no Brasil pós-61**. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2008. p. 132-181.

DUMONT, Juliette; FLECHET, Anas. Pelo que é nosso! A diplomacia cultural brasileira no século XX. **Anais - Revista Brasileira de História**, São Paulo, v.34, n 67, p.203-221, 2014.

FARIAS, Edson. Tensões em um Projeto Civilizador Baiano (Primeira Metade do século XX). *In*: SANSONE, Lívio e PEREIRA, Claudio. **Projeto Unesco no Brasil: textos Críticos**. Salvador, Edufba, 2007.

FAUSTO, Boris. **O Brasil Republicano**, vol III. 1. Estrutura de Poder e economia (1889-1930). Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2000.

FAUSTO, Boris. **O pensamento nacionalista autoritário**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2001.

FERES JÚNIOR. João. **A história do conceito de Latin America nos Estados Unidos**. Santa Catarina, EDUSC, 2005.

FERES JÚNIOR. João. **A história do conceito de latin-america nos Estados Unidos**. São Paulo, EDUSC, 2005.

FERNANDES, Florestan (org). **Comunidade e Sociedade no Brasil: leituras sobre problemas metodológicos e de aplicação**. São Paulo: Companhia Editora Nacional; Universidade de São Paulo, 1973.

FERNANDES, Florestan. **A Sociologia no Brasil**. Petrópolis, Vozes, 1977.

FERNANDES, Florestan. **Apontamentos sobre a “teoria do autoritarismo”**. São Paulo, Hucitec, 1977.

FERNANDES, Florestan. **Significado do Protesto Negro**. Expressão Popular, 2017.

FICO, Carlos. **Além do golpe: versões e controvérsias sobre 1964 e a Ditadura Militar**. Rio de Janeiro: Record, 2004.

FICO, Carlos. **Ditadura militar brasileira: aproximações teóricas e historiográficas**. Tempo e Argumento, Florianópolis, v. 9, n.20, p.5-74, jan, abr 2017.

FICO, Carlos. **O Grande Irmão: da operação Brother Sam aos anos de Chumbo - O governo dos Estados Unidos e a Ditadura Militar Brasileira**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

FONTES, Virgínia. **O Brasil e o capital-imperialismo: teoria e história**. Rio de Janeiro, Editora UFRJ, 2010.

FREIRE, S. M. Pensamento autoritário e modernidade no Brasil. **Revista em Pauta**. Volume 6, n. 23, Julho de 2009.

FRIEDMAN, Max Paul. **Repensando el Antiamericanismo**: la historia de un concepto excepcional en las relaciones internacionales estadounidenses. Madrid: Machado Libros, 2015.

GANDIN, Greg. **A Revolução Guatemalteca**. São Paulo, UNESP, 2005.

GRAHAM, Richard. **Alimentar a cidade**: das vendedoras de rua à reforma liberal. Salvador (1780-1860). Cia das Letras, 2013.

GRAMSCI, Antonio. **Cadernos do Cárcere**. Maquiavel - Notas sobre o Estado e a política. Volume 3. 3 edição, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007 a.

GRAMSCI, Antônio. **Cadernos do Cárcere**. Temas de cultura, ação católica, americanismo e fordismo. Tradução de Carlos Nelson Coutinho. Volume 4. 2 edição, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007 b.

GRAMSCI, Antonio. **Cadernos do Cárcere**. Volume 2. 3 ed. Rio de Janeiro, civilização Brasileira, 2004.

GRAMSCI, Antonio. **Cadernos do Cárcere**. Volume 4. Rio de Janeiro, civilização Brasileira, 2001.

GREEN, James. **Apesar de Vocês**: oposição à ditadura brasileira nos Estados Unidos, 1964-1985. São Paulo, Cia das Letras, 2009.

GREEN, James. Estudando o Brasil de Fora: a complexa relação entre brasileiros e brasilianistas. *In*: **Anais Brasileiros e Brazilianistas**: Novas gerações, novos olhares. Uma homenagem a Emília Viotti da Costa. Governo do Estado de São Paulo, Arquivo Público do Estado de São Paulo, 2014.

GRINBERG, Lucia. **Partido Político ou bode expiatório**: Um estudo sobre a Aliança Renovadora Nacional – ARENA (1965-1979). Rio de Janeiro: Faperj, 2009.

GUIMARAES, Antonio Sérgio Alfredo. **A democracia racial revisitada**. Salvador, Revista AfroÁsia, 2019.

GUIMARÃES, Antonio Sérgio Alfredo. O Projeto Unesco na Bahia. *In*: PEREIRA E SANSONE, Lívio. PEREIRA, Cláudio. **Projeto Unesco no Brasil**: textos críticos. EDUFBA, 2007.

GUIMARAES, Antonio Sérgio Alfredo. **As elites de cor e os estudos de relações raciais**. Tempo social, 1996, vol.8, n.2, pp.67-82.

HENRIQUE, Juliana. **A feira de Capuame**: pecuária, territorialização e abastecimento (Bahia, século XVIII). Tese de Doutorado, 2014.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. Considerações sobre o americanismo. **Diário de Notícias**, 28 de setembro de 1941, edição 05906, primeira página, caderno letras-artes, ideias gerais.

IANNI, Octávio. **Sociologia e Sociedade no Brasil**. São Paulo, Alfa e ômega, 1975.

IANNI, Octávio. Tipos e mitos do pensamento brasileiro. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**. Vol 17, no 49. São Paulo, junho 2002.

JACKSON, Luis Carlos. Divergências Teóricas, Divergências Políticas: a crítica da USP aos estudos de comunidades. **Cadernos de Campo**. São Paulo, n. 18, p.134, 2009.

KIEHL, William P. **America's Dialogue with the world**. Washington DC, Public Diplomacy Council George Washinton, 2006.

KONDER, Leandro. História dos Intelectuais nos anos 1950. *In*: FREITAS, Marcos Cezar de. (org). **Historiografia Brasileira em Perspectiva**. São Paulo: Contexto, 2003.

KOTTAK, Isabel Wagley. Lembrança do Meu Pai, Charles Wagley. *In*: SANSONE, Lívio. PEREIRA, Cláudio. **Projeto Unesco no Brasil: textos críticos**. Salvador, EDUFBA, 2007.

LAMOUNIER, Bolivar. Democracia: origens e presença no pensamento brasileiro. *In*: SCHWARTZ, Lilia; BOTELHO (org.) Agenda Brasileira. **Temas de uma sociedade em mudança**. São Paulo: Cia das Letras. 2011.

LAPA, José Roberto do Amaral. **Historiografia brasileira contemporânea: a história em questão**. Petrópoles, 2 edição. Vozes: 1981.

LEAL, Vitor Nunes. **Coronelismo, enxada e voto: o município e o regime representativo no Brasil**. 2 edição; São Paulo: Editora Alfa e Ômega. 1975.

LECLERC. Gerard. **Sociologia dos Intelectuais**. Editora Unisinos, Coleção Aldus, 2004.

LEITE, Rinaldo César Nascimento. **A Rainha destronada: discursos das elites letradas sobre as grandezas e os infortúnios da Bahia nas primeiras décadas reoublicanas**. Feira de Santana, EDUEFS, 2012.

LENS, Sidney. **A fabricação do Império Americano**. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2006.

LESSER, Jeffrey. **A invenção da brasilidade: identidade nacional, etnicidade e políticas de imigração**. São Paulo: Editora Unesp, 2015.

LIMA, Aruã Silva de. **Comunismo contra o racismo: autodeterminação e vieses de integração de classe no Brasil e nos Estados Unidos**. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

LIMA, Aruã Silva de. **Uma Democracia contra o povo: Juracy Magalhães, Otávio Mangabeira e a UDN na Bahia (1827-1946)**. Dissertação de Mestrado. Universidade Estadual de Feira de Santana, 2009.

LINS, Rafael Quintela Alves. **A cidade ferve e o bicho espreita, os dominantes e a política em Feira de Santana**. Dissertação de Mestrado UEFS, 2014.

LOWY, Michel. A Quarta Internacional na América Latina: os anos 1950. **Cadernos do AEL**, v.12, n.22/23, 2005.

LUZ, Nícia Villella. Resenha. The military and society in Latin America. Stanford, Stanford University Press, 1964. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, p.103-105. 1967.

LYNCH, Christian Cyril. **Da monarquia à Oligarquia: História institucional do pensamento político brasileiro (1822 – 1930)**. São Paulo: Alameda, (2012).

MAGALHÃES, Livia Diana Rocha. O Projeto Columbia e o Planejamento Educacional na Bahia no Final dos Anos 40 e no Início de 1950. *In*: CASIMIRO, Ana Palmira Bitencourt Santos; MAGALHÃES, Livia Diana Rocha; LOMBARDI, José Claudinei (Orgs). **Projeto Colúmbia: Anísio Teixeira e o desenvolvimento nacional**. Campinas, SP: Editora Alínea, 2013.

MAIO, M. C.. Estudos de Comunidade e relações raciais: o convênio Columbia University–Estado da Bahia/UNESCO na década de 1950. **Cadernos de Campo**, , n. 18, p. 1-354, 2009.

MAIO, Marcos Chor. Modernidade e racismo. Costa Pinto e o projeto Unesco de relações raciais. *In*: PEREIRA, Claudio e SANSONE, Lívio. **Projeto Unesco no Brasil: textos críticos**. Salvador: EDUFBA, 2007.

MAIO, Marcos Chor; OLIVEIRA, Nemuel da Silva. Estudos de Comunidade e Ciências Sociais no Brasil. **Revista Sociedade e Estado** - Volume 26. Número 3. Setembro/Dezembro 2011.

MAIO, Marcos. LOPES, Tiago. Entre Chicago e Salvador: Donald Pierson e o Estudo das Relações Raciais. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, vol.30, n 60, p.115-140, janeiro-abril de 2017.

MAIO, Marcos Chor; SANTOS, Ricardo Ventura. (Orgs.). **Raça como Questão: História, Ciência e Identidades no Brasil**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2010.

MALAN, Pedro. Relações Econômicas Internacionais no Brasil (1945-1964). *In*: PIERUCCI, Antonio Flávio de Oliveira (et al.) **O Brasil Republicano**. V.4: economia e cultura (1930-1964). Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.

MALERBA, Jurandir (ORG.). **A História escrita: teoria e história da historiografia**. São Paulo: Contexto, 2006.

MALERBA, Jurandir. **A História da América Latina: ensaio de crítica historiográfica**. Rio de Janeiro: FGV de Bolso, Série História, 2010.

MARIAS, Julian. **Um mundo novo:** Os Estados Unidos. Tradução de Diva Ribeiro de Toledo. Estado da Guanabara, Editora Presença: 1964. (oferta da Associação Cultural Brasil-Estados Unidos).

MASSIATO, Vitor. **Reformismo e revolução na América Latina dos anos 1950 e 1960:** as estratégias políticas dos partidos comunistas de Brasil e Chile. VI Congresso Internacional de História. UEM, 2013.

MATOS, Marcelo Badaró. **Trabalhadores e sindicatos no Brasil.** São Paulo: expressão popular, 2009.

MATTOS, Marcelo Badaró. O governo João Goulart: Novos Rumos da Produção Históricográfica. **Revista Brasileira de História.** São Paulo, volume 28, 2008.

MEDEIROS, Ruy. O Programa de Pesquisas Sociais Estado da Bahia – Universidade de Colúmbia: o seu contexto. *In:* **VIII Colóquio do Museu Pedagógico,** Vitória da Coquista, 2009, ISSN 215-5493, 649-677.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **A colônia brasilianista:** história oral de vida acadêmica. Nova Stella, 1990.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. Antibrasilianismo: doença infantil da historiografia brasileira. **Revista USP,** São Paulo, n 112 p. 129-142, janeiro/fevereiro/março, 2017.

MELO, Damian. O golpe de 1964 e meio século de controvérsias: o estado atual da questão. *In:* MELLO, Damian Bezerra (ORG). **A Miséria da historiografia:** uma crítica ao revisionismo contemporâneo. Rio de Janeiro, Consequência, 2014.

MELO, Damian. **A miséria da historiografia:** uma crítica ao revisionismo contemporâneo. Rio de Janeiro, Consequência, 2014.

MENDONÇA, Sonia Regina de. Intelectuais e Estado na historiografia brasileira. *In:* COELHO, Eurelino; PACHECO, Larissa (orgs). **Lutas Sociais, Intelectuais e Poder.** Feira de Santana: UEFS Editora, 2012.

MENEZES, Jaci Maria Ferra. O Projeto Colúmbia: o Projeto Unesco e os Estudos da década de 1950 na Bahia e em São Paulo. Preconceitos e discriminação sobre o negro no Brasil. *In:* CASIMIRO, Ana Palmira Bitencourt Santos; MAGALHÃES, Livia Diana Rocha; LOMBARDI, José Claudinei (Orgs). **Projeto Colúmbia:** Anísio Teixeira e o desenvolvimento nacional. Campinas, SP: Editora Alínea, 2013.

MICELI, Sérgio. **A desilusão americana:** relações acadêmicas entre Brasil e Estados Unidos. São Paulo: Sumaré, 1990.

MICELI, Sérgio. **Intelectuais à Brasileira.** São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

MICELI, Sergio. Introdução: a força do sentido. *In:* BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas.** São Paulo, Editora Perspectiva, 1987.

MILLS, C. Wright. **A Elite do poder.** Rio de Janeiro: Zahar Editores, 4 edição, 1981.

MOOG, Vianna. **Bandeirantes e Pioneiros: Paralelo entre duas culturas**, Rio de Janeiro, Editora Globo, 1957.

MOTA, Carlos Guilherme. **A Ideologia da Cultura Brasileira**. São Paulo: Paz e Terra, 1977.

MOTTA, Luiz Eduardo da. **A época de ouro dos intelectuais vermelhos: uma análise comparativa das Revistas Tempo Brasileiro e Civilização Brasileira 1962-1968**. Universidade Federal do Rio de Janeiro. Programa de Pós-graduação em Sociologia. Rio de Janeiro, 1994.

MOTTA, Roberto. Gilberto Freyre, René Ribeiro e o Projeto Unesco. *In: SANSONE, Lívio. PEREIRA, Cláudio. Projeto Unesco no Brasil: textos críticos*. EDUFBA, 2007.

MOURA, Gerson. **História de uma História: rumos da historiografia norte-americana no século XX**. São Paulo: EDUSP, 1995.

MOURA, Gerson. **O alinhamento sem recompensa: a política externa do Governo Dutra**. Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas, CPDOC, 1990.

MOURA, Gerson. **Relações Exteriores do Brasil 1939-1950: mudanças na natureza das relações Brasil-Estados Unidos durante e após a Segunda Guerra Mundial**. Ministério das Relações Exteriores. Fundação Alexandre de Gusmão, Brasília, 2012.

NEGRO, Antonio Luigi. **Caminhos da Areia: Política, coexistência e conflito em Salvador**. Tempo, n33, 2012.

NICODEMO, Tiago Lima. Intelectuais brasileiros e a política de divulgação cultural do Brasil entre 1930-1950: primeiros apontamentos para o estudo do problema, Universidade de São Paulo. **Revista Dimensões**, 2013.

NOCERA, Raffaella. La Guerra Fria em America Latina: reflexiones acerca de la dimension político-institucional. *In: CALANDRA, Benedetta; FRANCO, Marina. La Guerra Fria Cultural in America Latina*. Buenos Aires, Biblos, 2012.

NYE, Joseph S. Soft Power: **The Means to Success in World Politics**. New York: Public Affairs, 2004.

OLIVEIRA, Clóvis Frederico Ramaiana de. **Canções de uma cidade Amanhecendo**. Salvador, EDUFBA, 2016.

OLIVEIRA, Josivaldo Pires de. **Adeptos da Mandinga: Candomblés, curandeiros e repressão policial na Princesa do Sertão. Feira de Santana BA (1938-1970)**. Tese de Doutorado, CEAO – UFBA, Salvador, 2010.

OLIVEIRA, Laura de. **Guerra Fria e Política Editorial: a trajetória das edições GRD e a campanha anticomunista dos Estados Unidos no Brasil (1956-1968)**. Editora da Universidade Estadual de Maringá, 2015.

OLIVEIRA, Yves de. **Otávio Mangabeira: alma e voz da República**. Editora Saga, 1971.

PACE, Richard. **O legado de Charles Wagley: uma introdução.** Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas, v. 9, n. 3, set.-dez. 2014.

PACHECO, Larissa Penelu B. Notas de pesquisa: O projeto Colúmbia e os estudos de Rollie Poppino no interior da Bahia. *In:* COELHO, Eurelino; PACHECO, Larissa (orgs). **Lutas Sociais, Intelectuais e Poder: problemas de História Social.** Feira de Santana: UEFS Editora, 2012.

PACHECO, Larissa Penelu B. **Trabalho e costume de feirantes de alimentos.** Dissertação de mestrado, UEFS, 2009.

PANDOLFFI, Aline. **Revista história e Luta de Classes.** v.22, ano 12, set 2016. Governos de Esquerda na América Latina. 2016.

PARKER, Phylis. 1964: **O papel dos Estados Unidos no Golpe de Estado de 31 de março.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977.

PARMAR, Inderjeet. **Foundations of the American Century: the Ford, Carnegie, and Rockefeller Foundation in the Rise of American Power.** Nova Iorque: Colúmbia University Press, 2012.

PASSOS, Alan. **A cidade de Salvador e seus 400 anos: Política, História e usos do passado.** Universidade Federal da Bahia, 2016.

PEIXOTO, F. A. Franceses e norte-americanos nas Ciências Sociais Brasileiras. *In:* S. Miceli (org.), **História das Ciências Sociais no Brasil** (Vol. I). São Paulo: Sumaré, 2001.

PEREIRA, Claudio; SANSONE, Lívio. **Projeto Unesco no Brasil: textos críticos.** Salvador: EDUFBA, 2007.

PESSOA, Dulce. Levantamento das pesquisas sobre assuntos brasileiros em universidades americanas (1960-1970). São Paulo: **Revista de História**, v. 49, n 99, 1974.

PINTO, A. Pithon. **Imagens de Isaías Alves.** Salvador – Bahia, 1988.

PIRES, Josivaldo. **Adeptos da Mandinga: candomblés, curandeiros e repressão policial na princesa do sertão** (Feira de Santana – Ba), 1938-1970. Universidade Federal da Bahia, Programa Multidisciplinar de Pós-Graduação em Estudos Étnicos, 2010.

POPPINO, Rollie. **Brazil: The Land and People.** Coleção latin American histories, Nova York, Oxford University Press, 1968; 1973.

POPPINO, Rollie. **International Communism in Latin America: A history of a Movement,** New York, Free Press of Glencoe, 1964.

POPPINO, Rollie. **Princess of The Sertao: A History of Feira de Santana.** Stanford, 1953.

POPPINO, Rollie. Resenha de DELLA CAVA, Ralph. Miracle at Joazeiro. *In: The Hispanic American Historical Review*, Vol.52, No.2, Mai, 1972, pp.318-319. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/2512455>. Acesso em 20 nov 2017.

POPPINO, Rollie. Resenha de DILLON, Dorothy. International Communism and Latin America: Perspectives and Prospects. *In: The Americas*, Vol.20, No1, jul, 1963, p.79. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/979677>. Acesso em 20 nov 2017.

POPPINO, Rollie. Resenha de DULLES, J. W. F. Unrest in Brazil: Political Military Crises (1955-1964) by John W. F. Dulles; IANNI, Octavio. Crisis in Brazil. *In: The American Historical Review*, Vol. 76, No. 3, Jul, 1971, pp.851-852, <http://www.jstor.org/stable/1851763>, acesso em 20 nov 2017.

POPPINO, Rollie. Resenha de DULLES, J. W. F. Unrest in Brazil: Political Military Crises (1955-1964) by John W. F. Dulles; *Crisis in Brazil* by Octavio Ianni. *In: The American Historical Review*, Vol. 76, No. 3, Jul, 1971, pp.851-852. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/1851763>. Acesso em 20 nov 2017.

POPPINO, Rollie. Resenha de RUSSEL-WOOD, A. J. R. Fidalgos and Philantropists: The Santa Casa da Misericórdia of Bahia, 1550-1755. *In: The Americas*, Vol.26, No. 2, out 1969, pp.232-234, <http://www.jstor.org/stable/980313> acesso em 20 nov 2017.

POPPINO, Rollie. Resenha de RUSSEL-WOOD, A. J. R. Fidalgos and Philantropists: The Santa Casa da Misericórdia of Bahia, 1550-1755. *In: The Americas*, Vol.26, No. 2, out 1969, pp.232-234. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/980313>. Acesso em 20 nov 2017.

POPPINO, Rollie. Resenha de SKIDMORE, Thomas E. Politics in Brazil, 1930-1964. An Experiment in Democracy. *In: The Hispanic American Historical Review*, Vol. 48. No 2, mai, 1968. pp 341-343. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/2510811> acesso em 20 nov 2017.

POPPINO, Rollie. Resenha de WORCESTER, Donald. Brazil: From Colony to Power. *In: The Hispanic American Historical Review*. Vol.54, No.3, ago, 1974, pp.501-503. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/2512937>. Acesso em 20 nov 2017.

POPPINO, Rollie. **The Cattle Industry in San Francisco Valley**. Dissertação de Mestrado. Stanford, 1948.

QUINTANEIRO, Tania. A cultura do mercado: visão dos agentes norte-americanos sobre o comércio no Brasil. **LOCUS: revista de História**, Núcleo de História Regional/ Departamento de História/ EDUFJF, Juiz de Fora, v. 7, n. 2, 2001.

RIBEIRO, Edgard Telles. **Diplomacia Cultural**: seu papel na política externa brasileira. Fundação Alexandre Gusmão, Brasília, 2011.

ROCHA, João Augusto de Lima (ORG). **Anísio Em Movimento**: a vida e as lutas de Anísio Teixeira pela escola pública e pela cultura no Brasil. Fundação Anísio Teixeira, 1992.

RODEGHERO, Carla. **Capítulos da Guerra Fria**: o anticomunismo Brasileiro sob o olhar norte-americano. UFRG, 2007.

ROSS, Stanley Robert, (org). **Guia to the Hispanic American** review, 1980.

ROUSSO, Henry. A Memória não é mais o que era. *In*: FERREIRA, Marieta Morais de. **Usos e Abusos da História Oral**. RJ, FGV, 1996.

RUSSEL-WOOD. Anthony John R.. **A contribuição norte-americana à Historiografia do Brasil Colonial**. Belo Horizonte, *Varia História*, n. 22, jan-2000.

SAID, Edward. O papel político de escritores e intelectuais em Combates e Utopias. *In*: SAID, Edward. **Cultura e Política**. BOITEMPO, 2003.

SALOMON, Monica; PINHEIRO, Letícia. Análise de Política Externa e Política Externa Brasileira: trajetória, desafios e possibilidades de um campo de estudos. **Revista Brasileira de Política Int.** 56 (1), 40-49, 2013.

SANGIOVANNI, Ricardo Fagundes. **A cor das elites**: questão racial e pensamento social através da trajetória intelectual de Thales de Azevedo. 249 f. il. 2018. Tese (Doutorado) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2018.

SANSONE, Lívio. Estados Unidos e Brasil no Gantois: O poder e a origem transnacional dos estudos afrobrasileiros. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, 2012.

SANSONE, Lívio; PEREIRA, Claudio Luiz (orgs). **Projeto Unesco no Brasil**: textos críticos. Salvador, EDUFBA, 2007.

SANTOMAURO, F. **A atuação política da Agência de Informação dos Estados Unidos no Brasil (1953-1964)** [online]. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2015, 354 p. ISBN 978-85-7983-705-0.

SANTOS, Ana Maria Fontes dos. **Uma aventura universitária no Sertão Baiano**: da Faculdade de Educação à Universidade Estadual de Feira de Santana. 2011.

SANTOS, Ana Maria Fontes dos. Visionários de um novo tempo: mentores da interiorização da universidade na Bahia (1950-1960). **Anais do VII Congresso Brasileiro de História da Educação da SBHE**, Cuiabá, 2013.

SANTOS, João Diógenes Ferreira dos. Ecos da cultura política brasileira: o programa de ciências sociais no estado da Bahia – Colúmbia University – como vetor da modernização conservadora baiana. **Revista HISTEDBR**, n.56, Campinas: 2014.

SANTOS, João Diógenes Ferreira dos. Relatos preliminares da pesquisa sobre o projeto Columbia University. UESB, **VIII Colóquio do Museu Pedagógico**, Vitória da Conquista, Setembro de 2009.

SANTOS, Wanderley Guilherme dos. **Décadas de Espanto e uma apologia democrática**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

SAUNDERS, Frances Stonnor. **Quem Pagou a conta: a CIA na Guerra Fria da Cultura**. Rio de Janeiro, São Paulo: RECORD, 2008.

SAUNDERS, Francis S. **The Cultural Cold War: the cia and the world of arts and letters**. New York: New P. 2000.

SCHMIDT, Benito Bisso. Intelectuais e poder: algumas considerações historiográficas e um exemplo de pesquisa. *In*: COELHO, Eurelino; PACHECO, Larissa (orgs). **Lutas Sociais, Intelectuais e Poder: problemas de História Social**. Feira de Santana: UEFS Editora, 2012.

SCHOULTZ, L. **Beneath the United States: a History of US Policy toward Latin America**. London & Cambridge: Harvard University Press, 1998.

SCHOULTZ, Lars. **Estados Unidos - poder e submissão: Uma história da política norte-americana em relação à América Latina**. Bauru, São Paulo, EDUSC, 2000.

SILVA, Aldo Morais. **Instituto Geográfico e Histórico da Bahia: origem e estratégias de consolidação institucional (1894-1930)**. Tese de Doutorado, UFBA, 2012.

SILVA, Clailton Marcio da. Nelson Rockefeller. A Associação Americana Internacional (AIA) e a ideologia da Modernização em Busca de novas fronteiras (1949-1961). **Tempos Históricos**, v. 17, 2013.

SILVA, Elizete. **Protestantismo Ecumênico e Realidade Brasileira: Evangélicos Progressistas em Feira de Santana**, Feira de Santana, Bahia, UEFS Editora, 2010.

SILVA, Isabela Oliveira. **De Chicago a São Paulo: Donald Pierson no Mapa das Ciências Sociais (1930-1950)**. São Paulo: Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da USP, 2012.

SILVA, Paulo Santos. **Âncoras de tradição: luta política, intelectuais e construção do discurso histórico na Bahia (1930-1949)**. Salvador, 2000.

SILVA, Raquel Oliveira. A Imprensa Baiana e o Americanismo na Segunda Guerra. (1942-1945). **Faces da História**, 2014.

SILVA, Sylvio C. Bandeira de Melo e. **O subsistema urbano e regional de Feira de Santana**. Recife, Sudene, 1985.

SILVEIRA, Rosa Maria Godoy. Resenha - **Brazil: The Land and the People**. Rollie Poppino, **Revista da USP**, 1975.

SKIDMORE, Thomas. **Brasil: de Getúlio Vargas a Castello Branco. 1930-1964**. São Paulo, Cia das Letras, 2010.

SKIDMORE, Thomas. **O Brasil visto de fora**. São Paulo, Paz e Terra, 1994.

SKIDMORE, Thomas. Studying the History of Latin America: A Case of Hemispheric Convergence. *In: Latin American Research Review*, Vol.33., No 1, 1998, pp. 105-127. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/2503900>. Acesso em 20 nov 2017.

SMITH, T. L. **Brasil: Povo e instituições**. Rio de Janeiro, Bloch, 1967.

STEFFENS, Marcelo Hornos. **Getúlio Vargas: Análise de Biografias Publicadas entre 1939 e 1988**. Belo Horizonte: Universidade Geral de Minas Gerais, 2008.

TEIXEIRA, Tatiana. **Os Think Tanks e sua influência na política externa dos EUA**. Ed. Revan, RJ, 2007.

TOLEDO, Caio Navarro de. **Iseb: Fábrica de Ideologias**. Campinas, Editora da Unicamp, 2 ed. 1998.

TORRES, Matheus Gamba; SILVA, Michel Goulart da. **Intelectuais, Cultura Política e ditadura no Brasil**. Editora Prismas, 2017.

TOTA, Antonio Pedro. **O Amigo Americano: Nelson Rockefeller e o Brasil**; São Paulo: Cia das Letras, 2014.

TOTA, Antonio Pedro. **O imperialismo sedutor: A Americanização do Brasil na época da Segunda Guerra**. São Paulo: Cia das Letras, 2000.

TOTA, Antonio Pedro. **Os americanos**. São Paulo, Cia das Letras, 2009.

TRAGTENBERG, Maurício. **Sobre Educação, Política e Sindicalismo**. São Paulo, UNESP, 2004.

VALENTE, Andrei de Brito. **O Comércio é o sangue: Negociantes de Gado, mercado de alimentos e Estado ampliado. Feira de Santana (1919-1942)**. Dissertação de Mestrado, UEFS, 2017.

VASCONCELLOS, Dora. Notas sobre a consciência das classes subalternas em alguns estudos brasileiros. **Caderno CRH**, Salvador, 2019. V.32, n85.

WAGLEY, Charles. **Race and class in Rural Brazil**. Columbia University Press. 1952.

WAGLEY, Charles; PINTO, Luiz A, AZEVEDO, Thales de. **Uma pesquisa sobre a vida social no estado da Bahia**. Museu do Estado, n.11, Secretaria de Educação e Saúde Bahia, 1950.

WAGNER, Robert. **A conquista do Oeste: A Fronteira na Obra de Sérgio Buarque de Holanda**. Belo Horizonte: UFMG, 2000.

WASSERMAN, Cláudia. História Intelectual: origens e abordagens. **Revista Tempos Históricos**, Vol. 19, n,1, 2015.

WEFFORT, Francisco. **Formação do Pensamento Político Brasileiro: ideias e personagens**. Rio de Janeiro, Ática, 2006.

WESTEIN, Bárbara. Sou ainda uma *brazilianist*. **Revista Brasileira de História**. São Paulo: v 36, n,72, 2016.

WILLIAMS, Raymond. **A produção social da escrita**. São Paulo: UNESP, 2014.

WOOD, Ellen Meiksns. **Democracia contra capitalismo**. Boitempo, 2003.

LISTA DE ARQUIVOS CONSULTADOS

Arquivo da Biblioteca da Universidade de Davis – Califórnia (acervo digital) e material coletado por Alberto de Lima.

Arquivo da Câmara Municipal de Feira de Santana – Atas e Livros de Projetos de Lei.

Arquivo da Faculdade de Filosofia da UFBA – Atas de Fundação.

Arquivo do Estado da Bahia – Fundo da Secretaria de Educação e Saúde.

Arquivo do Laboratório de História e Memória da Esquerda e das Lutas Sociais – LABELU – UEFS – Biblioteca Rogério de Fátima, Biblioteca Aristeu Nogueira.

Arquivo Nacional – Projeto Memórias Reveladas.

Biblioteca da Unicamp – coleção Sérgio Buarque de Holanda.

Biblioteca da Universidade Estadual de Feira de Santana.

Biblioteca Pública dos Barris – Hemeroteca Digital Jornal A tarde.

Biblioteca Pública dos Barris – setor de obras raras.

Biblioteca Virtual Anísio Teixeira – cartas.

Museu Pedagógico Padre Palmeira – Projeto Memória do Programa de Estudos Sociais Estado da Bahia Columbia University – UESB.

CPDOC – FGV

Fundação Pedro Calmon – Acervo Otávio Mangabeira

Fundo Marvin Harris - Instituto Smithsonian – Cartas coletadas por Ricardo Sangiovanni

Hemeroteca Nacional – arquivo digital – Hemeroteca digital:

- Jornal Correio da Manhã
- Diário de notícias
- Jornal do Brasil

Museu Afrodigital da Memória Africana e Afro-brasileira (acessível online em <https://museuafrodigital.ufba.br/>) – Coleções Unesco.

Portais de pesquisa de periódicos:

- Jstor (artigos, resenhas)

Instituto Smithsonian – Fundo Marvin Harris.

Instituto Geográfico e Histórico da Bahia.

ARTIGOS ACESSADOS NO PORTAL JSTOR

Cambridge University Press

POPPINO, Rollie. Resenha de BONACHEA, Rolando E.; VALDES, Nelson P.; GUEVARA, Ernesto. Che: Selected Works of Ernesto Guevara. *In: The Americas*, vol. 27, N. 1, Jul 1970, pp.105-107. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/980629>. Acesso em 20 de nov 2017 UTC.

POPPINO, Rollie. Resenha de RUSSEL-WOOD, A. J. R. Fidalgos and Philantropists: The Santa Casa da Misericórdia of Bahia, 1550-1755. *In: The Americas*, Vol.26, No. 2, out 1969, pp.232-234. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/980313>. Acesso em 20 nov 2017.

POPPINO, Rollie. Resenha de SCHMITT, Karl M. Communism in Mexico: A study in Political Frustration. *In: The Americas*, Vol, 22, No.44, abr, 1966, pp.442-443. Acesso em 20 Nov 2017.

POPPINO, Rollie. Resenha de DILLON, Dorothy. International Communism and Latin America: Perspectives and Prospects. *In: The Americas*, Vol.20, No1, jul, 1963, p.79. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/979677>. Acesso em 20 nov 2017.

Duke university press

POPPINO, Rollie. Resenha de CALDAS, José Antonio. Notícia geral de toda esta capitania da Bahia desde o seu descobrimento até o presente ano de 1759. *In: The Hispanic American Historical Review*. Vol. 32, No.3, ago, 1952, pp.401-403. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/209464>. Acesso em 20 nov 2017.

POPPINO, Rollie. Resenha de SABLE, Martin H. Communism in Latin America, An International Bibliography: 1900-1945, 1960-1967. *In: The Hispanic America Historical Review*. Vol. 49, No. 3, Ago, 1969, pp 508-509. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/2511786>. Acesso em 20 de nov 2017.

POPPINO, Rollie. Resenha de FREYRE, Gilberto. Ordem e Progresso. Processo de desintegração das sociedades patriarcal e semipatriarcal no Brasil sob o regime de trabalho livre. Aspectos de um quase meio século de transição do trabalho escravo para o trabalho livre, e da monarquia para a república. *In: The Hispanic American Historical Review*, Vol.40, No.3, ago, 1960, pp.458-460. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/2509978>. Acesso em 20 de nov 2017.

POPPINO, Rollie. Resenha de SKIDMORE, Thomas E. Politics in Brazil, 1930-1964. An Experiment in Democracy. *In: The Hispanic American Historical Review*, Vol. 48. No 2, mai, 1968, pp 341-343. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/2510811>. Acesso em 20 nov 2017.

POPPINO, Rollie. Resenha de RODRIGUES, Jose Honório. Interesse Nacional e política externa. *In: The Hispanic American Historical Review*. Vol. 47, No. 4, nov, 1967, pp.613-614. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/2510735>. Acesso em 20 nov 2017.

SHAPIRO, Samuel. Resenha de POPPINO, Rollie. International Communism in Latin America. A History of the Movement, 1917-1963. *In: The Hispanic American Historical Review*, vol. 47, No.2, Mai, 1967, pp.246-248. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/2511491>. Acesso em 20 nov 2017.

POPPINO, Rollie. Resenha de RODRIGUES, José Honório. Conciliação e Reforma no Brasil: Um desafio histórico-político. *In: The Hispanic American Historical Review*, Vol. 46, N.2, mai, 1966, pp.212-214. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/2518412>. Acesso em 20 nov 2017.

POPPINO, Rollie. Resenha de DINES, Alberto. Os idos de março e a queda de abril. *In: The Hispanic American Historical Review*, Vol. 45, No.2, mai, 1965, pp.327-328. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/251091>. Acesso em 20 nov 2017.

POPPINO, Rollie. Resenha de ELLIS, L. Ethan. Kellog and American Foreign Relations, 1925-1929. *In: The Hispanic American Historical Review*, Vol. 42, No.2, mai 1962, pp.233-234. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/2510301>. Acesso em 20 nov 2017.

POPPINO, Rollie. Resenha de RODRIGUES, José Honório. Historiografia del Brasil, siglo XVII. *In: The Hispanic American Historical Review*, Vol.45, No.3, ago, 1965, pp.487-488. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/2511765>. Acesso em 20 nov 2017.

POPPINO, Rollie. Resenha de DELLA CAVA, Ralph. Miracle at Joazeiro. *In: The Hispanic American Historical Review*, Vol.52, No.2, Mai, 1972, pp.318-319. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/2512455>. Acesso em 20 nov 2017.

POPPINO, Rollie. Resenha de WORCESTER, Donald. Brazil: From Colony to Power. *In: The Hispanic American Historical Review*. Vol.54, No.3, ago, 1974, pp.501-503. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/2512937>. Acesso em 20 nov 2017.

POPPINO, Rollie. Resenha de CASTELLO BRANCO, Carlos. Introdução a Revolução de 1964, Vol.I: a Agonia do poder civil; Introdução À revolução de 1964, Vol.II: a queda de Joao Goulart. *In: The Hispanic American Historical Review*. Vol. 57, No. 1, fev, 1977, pp. 141-142. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/2513571>, acesso em 20 nov 2017.

POPPINO, Rollie. Resenha de SELCHER, Wayne A. The Rise of a Middle Power e McDonought, Peter. Power and Ideology in Brazil; BRUNEAU, Thomas C. e FAUCHER, Philippe. Authoritarian Capitalism: Brazil's Contemporary Economic and Political Developmen. *In: The Hispanic American Historical Review*. Vol.62, No.4, nov, 1982, pp.686-689. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/2514579> acesso em 20 nov 2017.

POPPINO, Rollie. Resenha de DULLES, J. W. F. ANDRADE, Vanda Mena Barreto de. A Faculdade de Direito de São Paulo e a Resistencia Anti-Vargas (1938-1945). *In: The Hispanic American Historical Review*. Vol.65, No.3, ago, 1985, pp.599-600. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/2514872>. Acesso em 20 nov 2017.

POPPINO, Rollie. Resenha de BRYANT, Solena V. e HERSTEIN, Sheila. Bibliographical Seris. Vol LVII Brazil. *In: The Hispanic American Historical Review*, Vol. 67, No.3, ago, 1987, pp.546-547. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/2515622>. Acesso em 20 nov 2017.

POPPINO, Rollie. Resenha de HILTON, Stanley. Hitler's Secret War in South America, 1939-1945: German Military Espionage and Allied Counterespionage in Brazil. *In: The Hispanic American Historical Review*. Vol.61, No.4, nov, 1981, pp. 779-780. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/2514657>. Acesso em 20 nov 2017.

POPPINO, Rollie A Century of The Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. *In: The Hispanic American Historical Review*, Vol.33, No.2, mai, 1953, pp.307-323. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/2509691>. Acesso em 20 nov 2017.

POPPINO, Rollie. Resenha de. TAUNAY, Affonso de E. História da Cidade de Sao Paulo. *In: The Hispanic American Historical Review*, Vol.35, No.1, fev, 1955, pp.99-100, Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/2509255>. Acesso em 20 nov 2017.

POPPINO, Rollie. Resenha de CORTESAO, Jaime. Tratado de Madri. Atecedents- Colonia do Sacramento (1669-1749). *In: The Hispanic American Historical Review*, Vol.36, No.2, mai, 1956, pp.276. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/2508675>. Acesso em 20 nov 2017.

POPPINO, Rollie. Resenha de JAEGER, Luis Gonzaga. Jesuítas no Sul do Brasil; Jesuítas no Sul do Brasil Vol. I, Jesuítas no Sul do Brasil, Vol.II; KOHLER, Leo. Biografia completa: P. João Baptista Reus; PORTO, Aurelio. Jesuítas no Sul do Brasil Vol. III, História das Missões orientais do Uruguai. Part Two; RAMBO, Balduino. Jesuitas no Sul do Brasil Vol. VI, A fisionomia do Rio Grande do Sul. *In: The Hispanic American Historical Review*, Vol. 38, No.1, fev, 1958, pp.128-130. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/2510365>. Acesso em 20 nov 2017.

POPPINO, Rollie. Resenha de ORNELLAS, Manelito de. Gaúchos e Beduínos (a oridem étnica e a formação social do Rio Grande do Sul). *In: The Hispanic American Historical Review*, Vol.38, No, 1, fev 1958, pp.122-123. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/> acesso em 20 nov 2017.

POPPINO, Rollie. Resenha de GRAHAM, Maria e LACOMBE, Américo Jacobina. Diário de uma viagem ao Brasil e de uma estada nesse país durante parte dos anos de 1821, 1822 e 1823. *In: The Hispanic American Historical Review*. Vol. 38, N. 3, ago, 1958, pp.411-412. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/2509775>, acesso em 20 nov 2017.

POPPINO, Rollie. Resenha de MELO, Olbiano. A marcha da Revolução Social no Brasil. Ensaio histórico-sociológico do período 1922 a 1954 ; SODRÉ, Nelson Werneck. Introdução à Revolução Brasileira. *In: The Hispanic American Historical Review*, Vol.39, No.4, nov

1959, pp.659-660. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/2510394>. Acesso em 20 nov 2017.

POPPINO, Rollie. Resenha de HOLANDA, Sérgio Buarque de. Caminhos e Fronteiras. *In: The Hispanic American Historical Review*, VOL.39, No.4, nov, 1959, p.652. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/2510389>, acesso em 20 nov 2017.

POPPINO, Rollie. Resenha de PLANAS-SUAREZ, Simon. Notas históricas e diplomáticas. *In: The Hispanic American Historical Review*, Vol.42, No.4, nov 1962, pp.577-578. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/2510046>, acesso em 20 nov 2017.

POPPINO, Rollie. Resenha de BRANDI, Paulo; MALIN, Mauro; RAMOS, Plínio de Abreu. Vargas: da Vida para a História. *In: The Hispanic American Review*, Vol.64, No.2, mai, 1984, pp.403-404. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/2514554>, acesso em 20 nov 2017.

POPPINO, Rollie. Resenha de LEVINE, Robert. Brazil Since 1930: An Annotated Bibliography for Social Historians. *In: The Hispanic American Historical Review*, Vol. 62, No.3, ago, 1982, pp.518-519. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/2515332>. Acesso em 20 nov 2017.

POPPINO, Rollie. Resenha de ABREU, Alzira Alves de; BELOCH, Israel. Dicionário histórico-biográfico brasileiro, 1930-1983. *In: The Hispanic American Historical Review*. Vol.67, No.3, ago,1987, pp.545-546. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/2515621>, acesso em 20 nov 2017.

University of Califórnia press

POPPINO, Rollie. Resenha de KNIGHT, Thomas. Latin America Comes of Age. *In: Pacific Historical Review*, Vol. 50. No.1, fev 1981, pp.127-128. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/3639365>. Acesso em 20 nov 2017.

SAGE – American Academy of Political and Social Science

SCHMITT, Karl M. Resenha de POPPINO, Rollie. International Communism in (...). *In: The Annals of the American Academy of Political and Social Science*, Vol.359, Intergovernmental Relations in the United States, mai, 1965, pp.245-246. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/1035207>. Acesso em 20 nov 2017.

Oxford Journals

RODRIGUEZ, Mario Resenha de POPPINO, Rollie. Brazil: The Land and People. *In: The American Historical Review*, vol.74, No.2, Dez, 1968, pp.784-785. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/1853929>. Acesso em 20 nov 2017.

KADT, Emanuel. Resenha de SKIDMORE, Thomas E. Politics in Brazil, 1930-1964: An Experiment in Democracy e TAYLOR, James; BELLO, José Maria e POPPINO, Rollie. A History of Modern Brazil 1889-1964. *In: International Affairs (Royal Institute of International Affairs 1944-)*, Vol.44, No.3, Jul, 1968, pp.621-622. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/2615131>. Acesso em 20 nov 2017.

POPPINO, Rollie. Resenha de DULLES, J. W. F. Unrest in Brazil: Political Military Crises e IANNI, Octavio. Crisis in Brazil. In: **The American Historical Review**, Vol. 76, No. 3, Jul, 1971, pp.851-852. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/1851763>. Acesso em 20 nov 2017.

FORAWAKER, Joseph. Resenha de POPPINO, Rollie. Brazil: The Land and People. In: **International Affairs**, Vol. 50, No.4, out, 1974, pp.689-690. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/2615990>. Acesso em 20 nov 2017.

POPPINO, Rollie. Resenha de CONNIF, Michael. Urban Politics in Brazil: The Rise of Populism. In: **The American Historical Review**. Vol.87, No.4, out, 1982, p.1208. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/18581226>, acesso em 20 nov 2017.

POPPINO, Rollie. Resenha de STEPAN, Alfred. The Military Politics: Changing Patterns in Brazil. In: **The American Historical Review**, Vol.77, No.2, abr, 1972, 606-607. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/1868863>. Acesso em 20 nov 2017.

ALEXANDER, Robert. Resenha de POPPINO, Rollie. International Communism in Latin America: A History of the Movement: 1917-1963. In: **The American Historical Review**, Vol. 70, No.4, jul, 1965, pp.1146-1147. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/1846961>. Acesso em 20 nov 2017.

The University of Chicago Press Journals

ELSASSER, Edward O. Resenha de POPPINO, Rollie. International Communism in Latin America: A History of the Movement, 1917-1963. In: **The Journal of Modern History**, Vol.37, No.2, Jun, 1965, pp.284-285. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/1878378>. Acesso em 20 nov 2017.

OUTROS ARTIGOS E RESENHAS (AINDA DO PORTAL JSTOR)

Latin American Studies Association

POPPINO, Rollie. Resenha de. DULLES, J. F. Anarchists and Communists in Brazil e CHILCOTE, Ronald. The Brazilian Communist Party: Conflict and Integration, 1922-1972. In: **Latin American Research Review**. Vol.13, No.1, 1978, pp.267-270. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/2502660>. Acesso em 20 nov 2017.

SKIDMORE, Thomas. Studying the History of Latin America: A Case of Hemispheric Convergence. In: **Latin American Research Review**, Vol.33., No 1, 1998, pp. 105-127, Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/2503900>. Acesso em 20 nov 2017.

POPPINO, Rollie. Resenha de DILLON, Dorothy. International Communism and Latin America: Perspectives and Prospects. In: **The Americas**, Vol.20, No1, jul, 1963, p.79, <http://www.jstor.org/stable/979677>, acesso em 20 nov 2017.

POPPINO, Rollie. Resenha de SKIDMORE, Thomas E. Politics in Brazil, 1930-1964. An Experiment in Democracy. In: **The Hispanic American Historical Review**, Vol. 48. No 2, mai, 1968, pp 341-343. <http://www.jstor.org/stable/2510811> acesso em 20 nov 2017.

POPPINO, Rollie. Resenha de RUSSEL-WOOO, A. J. R. Fidalgos and Philantropists: The Santa Casa da Misericórdia of Bahia, 1550-1755. In: **The Americas**, Vol.26, No. 2, out 1969, pp.232-234, <http://www.jstor.org/stable/980313> acesso em 20 nov 2017.

POPPINO, Rollie. Resenha de DULLES, J. W. F. Unrest in Brazil: Political Military Crises 1955-1964 by John W. F. Dulles; *Crisis in Brazil* by Octavio Ianni. In: **The Hispanic American Historical Review**, Vol. 76, No. 3, Jul, 1971, pp.851-852, <http://www.jstor.org/stable/1851763>, acesso em 20 nov 2017.

The Johns Hopkins University Press

POPPINO, Rollie. Resenha de RUSSEL-WOOD, A. J. R. From Colony to Nation: Essays on the Independence of Brazil. In: **Eighteenth-Century Studies**, VI.9, No.4, Verão, 1976, pp.653-655. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/2737810>. Acesso em 20 nov 2017.

Outros

The New York Meeting, 1957 - Historical News. In: **The American Historical Review**, Vol. 63, No. 3 (Apr., 1958), pp. 805-860. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/1848940>, acesso em 29 de março de 2016.

MEAD JR, Robert. The Hispanic World in Hispania, Vol. 46, No. 4 (Dec., 1963), pp. 815-841. In: **American Association of Teachers of Spanish and Portuguese**. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/337221>. Acesso em 5 de abril de 2016.

LIEWEN, Edwin. Resenha de POPPINO, Rollie. International Communism in Latin America. A History of Movement, 1917-1963. In: **The Journal of Politics**, Vol. 27, No.3, ago, 1965, pp.694-696. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/2127760>, acesso em 29 de março de 2016.

MUNCH, Francis. Resenha de POPPINO, Rollie. Brazil: The Land and People. Francis J. Munch (1973) Brazil: The Land and People. In: **History: Reviews of New Books**, 2:2, 55-55. DOI:10.1080/03612759.1973.9947129. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/03612759.1973.9947129>.

Historical News. **Pacific Historical Review**. Jan 1, 1963, 32, p.106.

Historical News. **Pacific Historical Review**, vol.37, No.1, fev 1968, p.120.

Soviet Strategy and Latin American Students Taborsky. Edward **Social Science Quarterly**. Jun 1, 1969; 50, 1; p. 116.

REVISTAS BRASILEIRAS

Revista do Instituto de Estudos Brasileiros

MOTT, Luiz. Resenha de POPPINO, Rollie. Feira de Santana. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, 1968, p.157.

Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro

Poppino, Rollie E. Um século da Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro - RIHGB**, Rio de Janeiro: IHGB, V. 314, p. 285-305, jan./mar. 1977.

RODRIGUES, José Honório. José Honório Rodrigues saúda Rollie Poppino, grande brasilianista desde 1953. *In: Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro - RIHGB* - Rio de Janeiro: IHGB, N. 349, p. 306, out./dez. 1985.

POPPINO, Rollie. A regência e a história do Brasil. *In: Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro - RIHGB*, Rio de Janeiro: IHGB, V. 307, p. 146-148, abr./jun. 1975.

POPPINO, Rollie. Algumas observações sobre os Estados Unidos e a Independência do Brasil. *In: Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro - RIHGB*, Rio de Janeiro, IHGB, v. 5, 1972. p. 175-186.

Current History

POPPINO, Rollie. **Imbalance in Brazil**. *Current History*, 1963, 44, fev 1, 258, p. 100.

POPPINO, Rollie. **Brazil's Third Government of The Revolution**. *Current History*, fev 1, 1971, 60, 364, p.102

POPPINO, Rollie. **Brazil: Second Phase of Revolution**. *Current History*, 1969, jan 1, 56, 329, p.7.

POPPINO, Rollie. The Early Cold War Period. *Current History*. Jun 1, 1969; 56, 334.

POPPINO, Rollie. Brazil: New Model for development. *Current History*, 1972, 62, 366, p.65.

POPPINO, Rollie. Brazil after a decade of revolution. *Current History*, Jan 1, 1974, 66, 389, p.1.